



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Tese de Doutorado

**RELAÇÃO ENTRE DISTINTAS CARACTERÍSTICAS URBANAS, CONEXÃO COM  
O LUGAR, INTERAÇÃO SOCIAL E MOBILIDADE DE IDOSOS**

AMANDA SCHÜLER BERTONI

Porto Alegre  
2021

AMANDA SCHÜLER BERTONI

**RELAÇÃO ENTRE DISTINTAS CARACTERÍSTICAS URBANAS, CONEXÃO COM  
O LUGAR, INTERAÇÃO SOCIAL E MOBILIDADE DE IDOSOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Planejamento Urbano e Regional.

Linha de Pesquisa: Percepção e Análise do Espaço Urbano.

Orientador

Antônio Tarcísio da Luz Reis, PhD.

Porto Alegre

2021



#### CIP - Catalogação na Publicação

Bertoni, Amanda Schüler

Relação entre distintas características urbanas, conexão com o lugar, interação social e mobilidade de idosos / Amanda Schüler Bertoni. -- 2021.

453 f.

Orientador: Antônio Tarcísio da Luz Reis.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. idosos. 2. conexão com o lugar. 3. interação social . 4. mobilidade. I. Reis, Antônio Tarcísio da Luz, orient. II. Título.

# **RELAÇÃO ENTRE DISTINTAS CARACTERÍSTICAS URBANAS, CONEXÃO COM O LUGAR, INTERAÇÃO SOCIAL E MOBILIDADE DE IDOSOS**

**AMANDA SCHÜLER BERTONI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Planejamento Urbano e Regional.

## **Banca examinadora**

Prof. Dr. César Imai

(Examinador Externo da Universidade Estadual de Londrina - UEL)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Locatelli Kalil

(Examinadora Externa – Docente Aposentada da Universidade de Passo Fundo - UPF)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Dias Lay

(Examinadora Externa – Docente Aposentada do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura/UFRGS)

## **Orientador e presidente da banca:**

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis

Porto Alegre, 2021.

(28 de julho de 2021)

Dedico essa tese a minha amada parceira  
de todos os momentos, minha amiga, meu  
Norte, minha mãe Maria Amélia Schüller  
Bertoni (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, a querida Mãe Santíssima e aos guias de luz que conduzem os meus caminhos. Aos meus pais Rodrigo e Maria Amélia que são meus maiores exemplos, não apenas pela forma que sempre conduziram suas vidas, mas por me ensinarem os valores que me fazem ser quem eu sou. A minha irmã Anaís, minha amiga de toda vida, parceira de aventuras, meu porto seguro. Ao meu cunhado Sílvio que é um irmão. Ao meu orientador Tarcísio, a quem expresso gratidão pelo tempo e aprendizado no curso e desenvolvimento deste trabalho, estando sempre disponível. Aos meus avós Breno Homero Dias da Fonseca Schüller e Maria Teresinha Chaves Schüller que serviram de inspiração para o desenvolvimento dessa tese. Aos amigos e instituições que abriram as portas para que o levantamento de campo fosse possível. Aos meus familiares que vêm me ajudando a ver que é possível sobreviver a tormentas com um sorriso no rosto. A minha amiga Regina que é família. Wagner e Caliane que sempre me fazem sorrir. Aos “presentes” que a vida me trouxe, em especial aqueles que me deram uma força especial: Carolina, Bernardo, Gislaine, Matheus, Bruna, Laura, Tailan e Mariana, vocês sabem o que representam para mim. Também não deixo de agradecer os demais amigos queridos que moram no meu coração. Por fim, mas não menos importante, a equipe e colegas do PROPUR, em especial, Mariluz, Paula, Cassia, Cláudia, Celina, Débora e Fabiana.

Se és capaz de manter tua calma, quando,  
todo mundo ao redor já a perdeu e te culpa.  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
e para esses no entanto achar uma desculpa.  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
e não parecer bom demais, nem pretensioso.  
Se és capaz de pensar - sem que a isso só te atires,  
de sonhar - sem fazer dos sonhos teus senhores.  
Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires,  
tratar da mesma forma a esses dois impostores.  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas,  
em armadilhas as verdades que disseste  
E as coisas, por que deste a vida estraçalhadas,  
e refazê-las com o bem pouco que te reste.  
Se és capaz de arriscar numa única jogada,  
tudo quanto ganhastes em toda a tua vida.  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,  
resignado, tornar ao ponto de partida.  
De forçar coração, nervos, músculos, tudo,  
a dar seja o que for que neles ainda existe.  
E a persistir assim quando, exausto, contudo,  
resta a vontade em ti, que ainda te ordena: Persiste!  
Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes,  
e, entre Reis, não perder a naturalidade.  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
se a todos podes ser de alguma utilidade.  
Se és capaz de dar, segundo por segundo,  
ao minuto fatal todo valor e brilho.  
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,  
e - o que ainda é muito mais - és um Homem, meu  
filho!

*Rudyard Kipling, Se.*

## RESUMO

Este trabalho investiga a interação entre idoso e ambiente, especificamente, a conexão com o lugar, interação social e mobilidade dos idosos conforme três diferentes faixas etárias e três bairros da cidade de Caxias do Sul/RS com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas. Os dados foram coletados por meio de múltiplos métodos da área de Ambiente e Comportamento, tais como: 150 questionários/entrevistas, observações de comportamento, filmagem e mapas de percursos. Os questionários/entrevistas foram aplicados para três grupos de idosos, nomeadamente, primeira (60 a 69 anos), segunda (70 a 79 anos) e terceira (80 anos ou mais) faixa etária, divididos em três bairros com realidades socioeconômicas distintas. Os dados quantitativos foram analisados por meio de testes estatísticos não-paramétricos e os qualitativos através de interpretações de significados. Os principais resultados evidenciam que a conexão com o lugar é muito alta, nas três faixas dos três bairros. Contudo, as razões para a conexão com o lugar se alteram entre os idosos com diferentes realidades socioeconômicas, logo, diferem as preferências relacionadas as características físico-espaciais de cada bairro. Para aqueles de maior renda há uma preferência pela moradia próxima ao centro da cidade, e da diversidade de comércios, serviços e locais de lazer. Enquanto para aqueles de menor renda as características físico-espaciais dos bairros ligadas à autonomia para realizar atividades necessárias ainda são relevantes, mas há uma menor exigência quanto aos tipos de estabelecimentos e serviços ligados à conexão com o bairro. Também, verificou-se que os idosos com maiores níveis de interação social são aqueles que participam ativamente de atividades em sua comunidade, notadamente, de grupos e associações para lazer e socialização. Ainda, os idosos com maior nível de interação social são aqueles que moram próximos do centro da cidade, localização que incentiva atividades com contatos sociais fora da residência, ampliando a mobilidade dos idosos pelos espaços abertos públicos. Quanto à mobilidade, verifica-se que as restrições físico-cognitivas são o fator de maior influência na redução da frequência para atividades e distâncias percorridas para atividades necessárias e opcionais.

**Palavras-chave:** idosos, conexão com o lugar, interação social e mobilidade.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to investigate the interaction between the elderly and the environment, specifically, place attachment, social interaction, and mobility of the elderly according to three different age groups and three neighborhoods in the city of Caxias do Sul/RS with distinct physical-spatial and socioeconomic characteristics. Data were collected through multiple methods in the Environment and Behavior area, such as: 150 questionnaires/interviews, behavioral observations, filming and route maps. Questionnaires/interviews were applied to three groups of elderly, namely, first (60 to 69 years old), second (70 to 79 years old) and third (80 years old or more) age group, divided into three neighborhoods of Caxias do Sul with distinct socioeconomic realities. Quantitative data were analyzed through non-parametric statistical tests and qualitative through interpretations of meanings. The main results show that place attachment is very high, in the three groups of the three neighborhoods. However, the reasons for place attachment change among the elderly with different socioeconomic realities, therefore, the preferences related to the physical-spatial characteristics of each neighborhood differ. For those with higher incomes, there is a preference for housing close to the city center, and the diversity of shops, services, and leisure facilities. While for those with lower income, the physical-spatial characteristics of the neighborhoods linked to autonomy to carry out necessary activities are still relevant, but there is less requirement for the types of establishments and services linked to place attachment with the neighborhood. Also, it was found that the elderly with higher levels of social interaction are those who actively participate in activities in their community, especially in groups and associations for leisure and socialization. Still, the elderly with a higher level of social interaction are those who live near the city center, a location that encourages activities with social contacts outside the home, increasing the mobility of the elderly through public open spaces. As for mobility, it appears that physical-cognitive restrictions are the most influential factor in reducing the frequency of activities and distances covered for necessary and optional activities.

**Keywords:** elderly, place attachment, social interaction and mobility.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Modelo Ecológico.....	39
<b>Figura 2:</b> Teoria de Horton e Reynolds .....	78
<b>Figura 3:</b> Estudo da Associação Nacional de Transportes Públicos.....	81
<b>Figura 4:</b> Estudo de Mesken e Davidse.....	83
<b>Figura 5:</b> Características físicas que promovem a orientação espacial .....	87
<b>Figura 6:</b> Grafites de São Paulo .....	95
<b>Figura 7:</b> Caxias do Sul em relação ao Rio Grande do Sul .....	105
<b>Figura 8:</b> Imagem aérea de Caxias do Sul a partir dos Pavilhões da Festa da Uva .....	105
<b>Figura 9:</b> Mapa de Caxias do Sul com os bairros oficiais .....	106
<b>Figura 10:</b> Localização dos bairros selecionados.....	109
<b>Figura 11:</b> Divisões do Bairro Nossa Senhora de Fátima pelos respondentes .....	111
<b>Figura 12:</b> Usos do térreo das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima e localização das moradias dos respondentes .....	113
<b>Figura 13:</b> Altura das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima.....	114
<b>Figura 14:</b> Usos do térreo das edificações do Bairro Rio Branco e localização das moradias dos respondentes .....	117
<b>Figura 15:</b> Altura das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima.....	118
<b>Figura 16:</b> Imagens do Bairro São Pelegrino .....	120
<b>Figura 17:</b> Usos do térreo das edificações do Bairro São Pelegrino e localização das moradias dos respondentes.....	121
<b>Figura 18:</b> Altura das edificações do Bairro São Pelegrino.....	122
<b>Figura 19:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” .....	143
<b>Figura 20:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade dos comércios e serviços básicos” .....	144
<b>Figura 21:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro São Pelegrino e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” .....	145
<b>Figura 22:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” .....	146
<b>Figura 23:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” .....	147
<b>Figura 24:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro São Pelegrino e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” .....	148
<b>Figura 25:</b> Pessoas interagindo socialmente na frente de casa .....	152
<b>Figura 26:</b> Identificação dos tipos de vias e dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima que mencionaram a razão “baixo tráfego de veículos” .....	154



<b>Figura 27:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e do nível de ruído durante a semana .....	155
<b>Figura 28:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e do nível de ruído durante o final de semana.....	156
<b>Figura 29:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam o Parque Oásis .....	157
<b>Figura 30:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam a Praça Nossa Senhora de Fátima .....	158
<b>Figura 31:</b> Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade do bairro do centro da cidade” .....	160
<b>Figura 32:</b> Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro Rio Branco por faixa etária .....	162
<b>Figura 33:</b> Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro São Pelegrino, por faixa etária .....	163
<b>Figura 34:</b> Sugestões de melhoria para o Bairro São Pelegrino, por faixa etária.....	167
<b>Figura 35:</b> Exemplo de residências mencionadas e não mencionadas como bonitas em cada bairro.....	172
<b>Figura 36:</b> Razões para o nível de satisfação com a residência, por bairro e faixa etária .	173
<b>Figura 37:</b> Razões para optar por morar no Bairro Nossa Senhora de Fátima, por tempo de moradia e faixa etária .....	176
<b>Figura 38:</b> Valor e localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	177
<b>Figura 39:</b> Valor e localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco, por faixa etária .....	178
<b>Figura 40:</b> Valor e localização das residências dos respondentes do Bairro São Pelegrino, por faixa etária .....	179
<b>Figura 41:</b> Razões para optar por morar no Rio Branco, por tempo de moradia e faixa etária .....	181
<b>Figura 42:</b> Razões para optar por morar no Bairro São Pelegrino, por tempo de moradia e faixa etária .....	182
<b>Figura 43:</b> Razões para gostar do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	184
<b>Figura 44:</b> Razões para o desejo de permanecer na residência, por bairro e faixa etária .	191
<b>Figura 45:</b> Razões para o nível de satisfação e o desejo de permanecer no bairro, por bairro e faixa etária .....	196
<b>Figura 46:</b> Razões para o nível de satisfação e o desejo de permanecer na residência, por bairro e faixa etária .....	197
<b>Figura 47:</b> Grupos ou associações que os idosos do Bairro Nossa Senhora de Fátima frequentam .....	201
<b>Figura 48:</b> Localização dos grupos ou associações fora dos bairros de pesquisa.....	202
<b>Figura 49:</b> Grupos ou associações que os idosos do Bairro Rio Branco frequentam .....	202
<b>Figura 50:</b> Grupos ou associações que os idosos do Bairro São Pelegrino frequentam....	203

<b>Figura 51:</b> Localização dos grupos e associações presentes no Bairro Nossa Senhora de Fátima e dos respondentes.....	204
<b>Figura 52:</b> Localização dos grupos e associações presentes no Bairro Rio Branco e dos respondentes.....	205
<b>Figura 53:</b> Localização dos grupos e associações presentes no Bairro São Pelegrino e dos respondentes.....	206
<b>Figura 54:</b> Idosos em que os laços de amizade estão dentro de um raio de 500m .....	211
<b>Figura 55:</b> Raio de 550m abrangendo os idosos do Bairro São Pelegrino .....	212
<b>Figura 56:</b> Igreja da Imaculada Conceição.....	219
<b>Figura 57:</b> Razões para os idosos do Rio Branco considerarem a Igreja da Imaculada Conceição agradável, por faixa etária.....	221
<b>Figura 58:</b> Mapa comportamental da Igreja da Imaculada Conceição pela manhã .....	222
<b>Figura 59:</b> Usuários da Igreja da Imaculada Conceição .....	223
<b>Figura 60:</b> Usuários da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição.....	224
<b>Figura 61:</b> Mapa comportamental da Igreja da Imaculada Conceição à tarde .....	225
<b>Figura 62:</b> Igreja de São Pelegrino.....	227
<b>Figura 63:</b> Razões para os idosos do São Pelegrino considerarem a Igreja de São Pelegrino agradável, por faixa etária .....	228
<b>Figura 64:</b> Shopping São Pelegrino .....	229
<b>Figura 65:</b> Razões para os idosos do Rio Branco considerarem o Shopping São Pelegrino agradável, por faixa etária .....	230
<b>Figura 66:</b> Razões para os idosos do São Pelegrino considerarem o Shopping São Pelegrino agradável, por faixa etária.....	231
<b>Figura 67:</b> Parque Oásis .....	233
<b>Figura 68:</b> Razões para preferir utilizar o Parque Oásis, por faixa etária.....	234
<b>Figura 69:</b> Mapa comportamental do Parque Oásis pela manhã.....	235
<b>Figura 70:</b> Mapa comportamental do Parque Oásis no turno da tarde .....	238
<b>Figura 71:</b> Usuários do Parque Oásis .....	239
<b>Figura 72:</b> Praça Nossa Senhora de Fátima .....	240
<b>Figura 73:</b> Razões para considerar a Praça Nossa Senhora de Fátima agradável, por faixa etária .....	241
<b>Figura 74:</b> Mapa comportamental da Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã.....	243
<b>Figura 75:</b> Mapa comportamental da Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde .....	245
<b>Figura 76:</b> Usuários da Praça Nossa Senhora de Fátima .....	246
<b>Figura 77:</b> Razões para evitar utilizar a Praça Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária.....	247
<b>Figura 78:</b> Praça do Trem .....	248
<b>Figura 79:</b> Razões para que os idosos do Rio Branco considerem a Praça do Trem agradável, por faixa etária .....	249
<b>Figura 80:</b> Razões para que os idosos do São Pelegrino considerem a Praça do Trem agradável, por faixa etária .....	251
<b>Figura 81:</b> Mapa comportamental da Praça do Trem pela manhã.....	252
<b>Figura 82:</b> Usuários da Praça do Trem .....	253
<b>Figura 83:</b> Mapa comportamental da Praça do Trem à tarde .....	254
<b>Figura 84:</b> Praça do Trem – por outro ângulo.....	255
<b>Figura 85:</b> Parque Cinquentenário .....	257
<b>Figura 86:</b> Razões para que os idosos do São Pelegrino considerem o Parque Cinquentenário agradável, por faixa etária.....	258

<b>Figura 87:</b> Mapa comportamental do Parque Cinquentenário pela manhã.....	260
<b>Figura 88:</b> Usuários do Parque Cinquentenário .....	261
<b>Figura 89:</b> Mapa comportamental do Parque Cinquentenário à tarde .....	262
<b>Figura 90:</b> Usuários do Parque Cinquentenário .....	263
<b>Figura 91:</b> Placas urbanas presentes na área central da cidade.....	278
<b>Figura 92:</b> Rota do Nossa Senhora de Fátima ao Centro da Cidade.....	287
<b>Figura 93:</b> Rua e Parque da Represa no Nossa Senhora de Fátima.....	322
<b>Figura 94:</b> Razões para considerar a Rua e o Parque da Represa no Nossa Senhora de Fátima desagradáveis, por faixa etária .....	325
<b>Figura 95:</b> Levantamento de problemas do Nossa Senhora de Fátima .....	329
<b>Figura 96:</b> Locais evitados pelos respondentes e problemas existentes no Nossa Senhora de Fátima.....	330
<b>Figura 97:</b> O que precisa ser melhorado no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária ...	331
<b>Figura 98:</b> Avenida Rio Branco no Rio Branco .....	333
<b>Figura 99:</b> Razões para considerar a Avenida Rio Branco no Rio Branco desagradável, por faixa etária .....	334
<b>Figura 100:</b> Rua General Sampaio no Rio Branco .....	335
<b>Figura 101:</b> Razões para considerar a Rua General Sampaio no Rio Branco desagradável, por faixa etária .....	336
<b>Figura 102:</b> Sugestões de melhoria para o Rio Branco, por faixa etária.....	337
<b>Figura 103:</b> Observações no Rio Branco .....	341
<b>Figura 104:</b> Observações no Rio Branco .....	342
<b>Figura 105:</b> Locais evitados pelos respondentes e problemas existentes no Rio Branco..	343
<b>Figura 106:</b> Observações no centro da cidade (São Pelegrino e Centro).....	345
<b>Figura 107:</b> Uso do térreo das edificações do centro da cidade (São Pelegrino e Centro)	346
<b>Figura 108:</b> Observações pelo centro da cidade (Centro) .....	347
<b>Figura 109:</b> Locais evitados pelos respondentes do São Pelegrino e problemas existentes no São Pelegrino e centro da cidade .....	351
<b>Figura 110:</b> Percursos realizados a pé no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	352
<b>Figura 111:</b> Percursos realizados com meios de transporte motorizados no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	353
<b>Figura 112:</b> Percursos realizados a pé pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima no centro da cidade, por faixa etária.....	354
<b>Figura 113:</b> Percursos realizados com meios de transporte motorizados pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima no centro da cidade, por faixa etária .....	355
<b>Figura 114:</b> Percursos realizados a pé pelos idosos do Rio Branco pelo bairro e no centro da cidade, por faixa etária.....	356
<b>Figura 115:</b> Percursos realizados com meios de transporte motorizados pelos idosos do Rio Branco pelo bairro e no centro da cidade, por faixa etária .....	357
<b>Figura 116:</b> Percursos realizados a pé pelos idosos do São Pelegrino pelo bairro e no centro da cidade, por faixa etária .....	358
<b>Figura 117:</b> Percursos realizados com meios de transporte motorizados pelos idosos do São Pelegrino pelo bairro e no centro da cidade, por faixa etária .....	359

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Quantidade de pessoas acima dos 65 anos nos anos de 1950, 1975 e 2000 e projeções para 2025 e 2050 .....	24
<b>Tabela 2:</b> Ocorrências criminais contra o idoso .....	52
<b>Tabela 3:</b> Os 5 primeiros municípios em número de população idosa, por faixa etária .....	104
<b>Tabela 4:</b> Comparação entre o total populacional e o número de idosos em Caxias do Sul .....	104
<b>Tabela 5:</b> Classificação das edificações do B. Nsa. Senhora de Fátima pelo tipo de uso e altura .....	110
<b>Tabela 6:</b> Quantidade e especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais presentes no térreo das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima .....	111
<b>Tabela 7:</b> Classificação das edificações do Bairro Rio Branco pelo tipo de uso e altura .....	115
<b>Tabela 8:</b> Quantidade e especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais no térreo das edificações do Bairro Rio Branco .....	115
<b>Tabela 9:</b> Classificação das edificações do Bairro São Pelegrino pelo tipo de uso e altura .....	119
<b>Tabela 10:</b> Quantidade e especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais no térreo das edificações do Bairro São Pelegrino .....	119
<b>Tabela 11:</b> Caracterização do questionário .....	125
<b>Tabela 12:</b> Local de aplicação dos questionários .....	129
<b>Tabela 13:</b> Caracterização dos respondentes/entrevistados .....	131
<b>Tabela 14:</b> Local de aplicação das entrevistas .....	132
<b>Tabela 15:</b> O nível de satisfação com o bairro e o tempo de moradia, por faixa etária e bairro .....	139
<b>Tabela 16:</b> Menciona a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utiliza um dos comércios e serviços mencionados, por bairro e faixa etária .....	141
<b>Tabela 17:</b> Menciona a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utiliza ônibus, por bairro e faixa etária .....	142
<b>Tabela 18:</b> A menção da razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e o nível de ruído durante a semana nas vias onde residem os idosos no Bairro Nossa Senhora de Fátima .....	151
<b>Tabela 19:</b> A menção da razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e o nível de ruído durante o final de semana nas vias onde residem os idosos no Bairro Nsa. Sra. de Fátima .....	151
<b>Tabela 20:</b> Menciona a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utiliza o Parque Oásis e a Praça Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	153
<b>Tabela 21:</b> Menciona a razão “propriedade da residência” e possui residência no Bairro Rio Branco e São Pelegrino, por bairro e faixa etária .....	164
<b>Tabela 22:</b> Menciona a razão “laços de amizade com os vizinhos” e possui amigos entre os vizinhos, por bairro e faixa etária .....	165
<b>Tabela 23:</b> Menciona a razão “proximidade da residência de parentes” e possui parentes entre os vizinhos no Bairro Rio Branco, por faixa etária .....	166
<b>Tabela 24:</b> O nível de satisfação com a residência e o tempo de moradia, por faixa etária e bairro .....	168

<b>Tabela 25:</b> O nível de satisfação com o bairro e com a residência, por bairro e faixa etária .....	173
<b>Tabela 26:</b> Tempo e o desejo de continuar morando no bairro, por bairro e faixa etária ....	175
<b>Tabela 27:</b> Valor da residência dos idosos, por bairro e faixa etária.....	180
<b>Tabela 28:</b> Menciona a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utiliza um dos comércios e serviços mencionados, por bairro e faixa etária .....	185
<b>Tabela 29:</b> Menciona a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utiliza ônibus, por bairro e faixa etária.....	186
<b>Tabela 30:</b> Tempo e o desejo de continuar morando na residência, por bairro e faixa etária .....	188
<b>Tabela 31:</b> Indicadores da conexão com o lugar.....	192
<b>Tabela 32:</b> Indicadores do nível de interação social .....	199
<b>Tabela 33:</b> Grupos ou associações que os idosos frequentam, por bairro e faixa etária ....	200
<b>Tabela 34:</b> Tempo de moradia dos parentes que moram próximos da residência dos idosos, por bairro e faixa etária.....	207
<b>Tabela 35:</b> Tempo de moradia dos amigos que moram próximos da residência dos idosos no Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária.....	208
<b>Tabela 36:</b> Locais onde os idosos conheceram os amigos que moram próximos da residência, por bairro e faixa etária .....	210
<b>Tabela 37:</b> Como os idosos obtêm informações, por bairro e faixa etária .....	213
<b>Tabela 38:</b> Atividades realizadas na Igreja da Imaculada Conceição pela manhã .....	223
<b>Tabela 39:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Igreja da Imaculada Conceição pela manhã.....	223
<b>Tabela 40:</b> Atividades realizadas na Igreja da Imaculada Conceição à tarde .....	224
<b>Tabela 41:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Igreja da Imaculada Conceição à tarde .....	226
<b>Tabela 42:</b> Atividades realizadas no Parque Oásis pela manhã.....	236
<b>Tabela 43:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Oásis pela manhã.....	236
<b>Tabela 44:</b> Atividades realizadas no Parque Oásis à tarde .....	237
<b>Tabela 45:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Oásis à tarde .....	237
<b>Tabela 46:</b> Atividades realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã .....	242
<b>Tabela 47:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã.....	243
<b>Tabela 48:</b> Atividades realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde .....	244
<b>Tabela 49:</b> Tipos de atividades opcional em movimento realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde .....	244
<b>Tabela 50:</b> Atividades realizadas na Praça do Trem pela manhã .....	252
<b>Tabela 51:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça do Trem pela manhã.....	253
<b>Tabela 52:</b> Atividades realizadas na Praça do Trem à tarde.....	255
<b>Tabela 53:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça do Trem à tarde.....	255
<b>Tabela 54:</b> Atividades realizadas no Parque Cinquentenário pela manhã.....	259

<b>Tabela 55:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Cinquentenário pela manhã.....	260
<b>Tabela 56:</b> Atividades realizadas no Parque Cinquentenário à tarde .....	261
<b>Tabela 57:</b> Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Cinquentenário à tarde .....	263
<b>Tabela 58:</b> Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária.....	264
<b>Tabela 59:</b> Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do Rio Branco, por faixa etária .....	265
<b>Tabela 60:</b> Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do São Pelegrino, por faixa etária.....	267
<b>Tabela 61:</b> Atividades realizadas pelos idosos com seus contatos sociais, por bairro e faixa etária.....	274
<b>Tabela 62:</b> Meios de transporte utilizados pelos idosos, por bairro e faixa etária.....	276
<b>Tabela 63:</b> Quem acompanha os idosos em suas rotas pelos bairro ou em outras áreas da cidade, por bairro e faixa etária.....	277
<b>Tabela 64:</b> Estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas, por bairro e faixa etária .....	277
<b>Tabela 65:</b> Estratégia de orientação espacial por rotas novas, por bairro e faixa etária .....	278
<b>Tabela 66:</b> Frequência de uso de uma farmácia, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	280
<b>Tabela 67:</b> Frequência de uso de um mercado/supermercado, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	284
<b>Tabela 68:</b> Frequência de uso do supermercado pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, meios de transporte e distâncias .....	286
<b>Tabela 69:</b> Frequência de uso de um banco, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária .....	289
<b>Tabela 70:</b> Frequência de compras no centro da cidade, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	294
<b>Tabela 71:</b> Frequência de uso da UBS ou um consultório médico, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	300
<b>Tabela 72:</b> Frequência de uso da UPA central pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, meios de transporte e distâncias .....	302
<b>Tabela 73:</b> Frequência de uso de uma igreja, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária .....	304
<b>Tabela 74:</b> Frequência de uso dos grupos/associações, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	308
<b>Tabela 75:</b> Frequência de uso de uma praça, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária .....	312
<b>Tabela 76:</b> Frequência de uso de um parque, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária .....	314
<b>Tabela 77:</b> Frequência de uso do Shopping São Pelegrino, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária.....	317
<b>Tabela 78:</b> Frequência de uso do cemitério, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária .....	319
<b>Tabela 79:</b> Locais evitados no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária .....	322

<b>Tabela 80:</b> Locais evitados no Nossa Senhora de Fátima e as razões, por faixa etária .....	323
<b>Tabela 81:</b> Velocidade de caminhada de idosos no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária.....	324
<b>Tabela 82:</b> Problemas enfrentados para caminhar pelo Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária.....	328
<b>Tabela 83:</b> Problemas enfrentados para caminhar pelo Rio Branco, por faixa etária .....	339
<b>Tabela 84:</b> Velocidade de caminhada de idosos no Rio Branco, por faixa etária .....	340
<b>Tabela 85:</b> Velocidade de caminhada de idosos no São Pelegrino, por faixa etária.....	349
<b>Tabela 86:</b> Problemas enfrentados para caminhar pelo São Pelegrino e pelo centro da cidade, por faixa etária .....	349
<b>Tabela 87:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse e as distâncias percorridas da residência até a parada de ônibus, por bairro e faixa etária .....	362
<b>Tabela 88:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma farmácia, por bairro e faixa etária .....	364
<b>Tabela 89:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até um mercado/supermercado, por bairro e faixa etária .....	368
<b>Tabela 90:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até um banco, por bairro e faixa etária .....	371
<b>Tabela 91:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até a UBS Fátima Alta e consultórios médicos, por bairro e faixa etária .....	374
<b>Tabela 92:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma igreja, por bairro e faixa etária.....	377
<b>Tabela 93:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até grupos/associações .....	380
<b>Tabela 94:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma praça, por bairro e faixa etária.....	384
<b>Tabela 95:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até o Parque Cinquentenário pelos idosos do São Pelegrino .....	386
<b>Tabela 96:</b> Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até o Shopping São Pelegrino, por bairro e faixa etária ..	388

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Diferenças entre termos .....	37
<b>Quadro 2:</b> Alterações do processo de envelhecimento.....	37
<b>Quadro 3:</b> Modelos de interação idoso-ambiente .....	41
<b>Quadro 4:</b> Velocidade de caminhada dos idosos de acordo com revisão da literatura .....	99
<b>Quadro 5:</b> Principais marcos temporais do desenvolvimento urbano de Caxias do Sul .....	105
<b>Quadro 6:</b> Fontes e tipo de informação utilizada como critério de seleção dos bairros.....	107
<b>Quadro 7:</b> Detalhamento dos parâmetros de seleção dos bairros.....	108
<b>Quadro 8:</b> Descrição das zonas do PDM de Caxias do Sul.....	108
<b>Quadro 9:</b> Bairros selecionados.....	110
<b>Quadro 10:</b> Características físico-espaciais do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por zona .....	112
<b>Quadro 11:</b> Características físico-espaciais do Bairro Rio Branco, por zona.....	116
<b>Quadro 12:</b> Características físico-espaciais do Bairro São Pelegrino, por zona .....	120
<b>Quadro 13:</b> Síntese dos objetivos, critérios, métodos de coleta e amostras.....	123
<b>Quadro 14:</b> Características físicas utilizadas para classificar os usuários em grupos.....	134
<b>Quadro 15:</b> Síntese dos levantamentos de campo.....	135
<b>Quadro 16:</b> Testes estatísticos e suas funções.....	136
<b>Quadro 17:</b> Classificações da relevância das informações presentes na pesquisa e da quantidade de respondentes/entrevistados .....	136



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	23
1.1 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA	23
1.2 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA	29
1.3 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO	31
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	32
<b>2 CARACTERÍSTICAS COMPOSICIONAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE</b>	34
2.1 CONCEITO DE IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	34
2.2 AS PESQUISAS ACERCA DA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE	39
2.3 O CONCEITO DE ENVELHECIMENTO ATIVO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE	44
<b>2.3.1 A segurança em relação a acidentes como condicionante da interação entre idoso e ambiente</b>	48
<b>2.3.2 A segurança em relação a crimes como condicionante da interação entre idoso e ambiente</b>	51
2.4 VARIÁVEIS COMPOSICIONAIS	53
<b>2.4.1 Nível socioeconômico</b>	53
<b>2.4.2 Idade</b>	55
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
<b>3 CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE</b>	57
3.1 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO COM O LUGAR	57
<b>3.1.1 Variáveis associadas à conexão com o lugar</b>	60
3.1.1.1 Tempo de moradia no bairro e na residência	61
3.1.1.2 Características físico-espaciais do bairro	63
3.1.1.3 Características físico-espaciais da residência	66
3.2 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL	69
<b>3.2.1 Variáveis associadas à interação social</b>	71
3.2.1.1 Nível de interação social e a participação de idosos em grupos e associações	71
3.2.1.2 As atividades realizadas com os contatos sociais, a frequência, local de realização e características do local de moradia	73
3.3 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA MOBILIDADE	77
3.3.1 Variáveis associadas à mobilidade	80
3.3.1.1 A frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos locais de moradia	80
3.3.1.1.1 A qualidade das calçadas	90

3.3.1.1.2 Aparência do espaço urbano .....	93
3.3.1.1.3 Ambiente sonoro.....	96
3.3.1.1.4 Densidade habitacional e diversidade de uso do solo .....	98
3.3.1.1.5 Tempo de exposição da sinalização semafórica .....	98
3.3.1.1.6 Topografia.....	100
3.3.1.1.7 Vigilância formal e informal .....	101
<b>3.3.2 A proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas .....</b>	<b>102</b>
<b>3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>104</b>
4.1 OBJETO DE ESTUDO.....	104
<b>4.1.1 Perfil do município de Caxias do Sul.....</b>	<b>105</b>
<b>4.1.2 Critérios para a escolha dos objetos de pesquisa .....</b>	<b>107</b>
4.1.2.1 Caracterização dos bairros de pesquisa .....	110
4.1.2.1.1 Bairro Nossa Senhora de Fátima .....	110
4.1.2.1.2 Bairro Rio Branco.....	115
4.1.2.1.3 Bairro São Pelegrino.....	119
4.2 MÉTODOS DE COLETA.....	123
<b>4.2.1 Trabalho de campo .....</b>	<b>124</b>
4.2.1.1 Questionários.....	125
4.2.1.2 Entrevistas .....	131
4.2.1.3 Mapas de percursos.....	133
4.2.1.4 Observações de comportamento .....	134
4.2.1.5 Filmagens .....	135
4.2.1.6 Levantamentos físicos adicionais.....	135
4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	136
<b>4.3.1 Dados dos questionários .....</b>	<b>136</b>
<b>4.3.2 Dados das entrevistas e das observações .....</b>	<b>137</b>
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	137
<b>5 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DO LOCAL DE MORADIA NO NÍVEL DE CONEXÃO COM O LUGAR DOS IDOSOS .....</b>	<b>138</b>
5.1 O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O BAIRRO E A RESIDÊNCIA E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO ONDE MORAM .....	138
5.1.1 O nível de satisfação com o bairro e a relação com as características do bairro onde moram .....	138
5.1.2 O nível de satisfação com a residência e a relação com as características do bairro e da residência onde moram .....	168

5.2 O DESEJO DOS IDOSOS EM CONTINUAR MORANDO NO BAIRRO E NA RESIDÊNCIA E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO ONDE MORAM.....	174
5.2.1 O desejo dos idosos em continuar morando no bairro e a relação com as características do bairro onde moram.....	175
5.2.2 O desejo dos idosos em continuar morando na residência e a relação com as características do bairro e da residência onde moram .....	188
5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 5 .....	192
<b>6 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DE TRÊS BAIRROS NA INTERAÇÃO SOCIAL DOS IDOSOS.....</b>	<b>198</b>
6.1 A PERCEPÇÃO DO NÍVEL DE INTERAÇÃO SOCIAL NO BAIRRO E A PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS E ASSOCIAÇÕES.....	198
6.2 AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS IDOSOS DAS TRÊS FAIXAS ETÁRIAS E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DOS BAIRROS ONDE MORAM .....	213
6.2.1 A atividade de receber ou visitar os contatos sociais .....	214
6.2.2 A atividade de conversar no portão.....	217
6.2.3 A atividade de ir à igreja.....	218
6.2.4 A atividade de ir ao Shopping São Pelegrino .....	228
6.2.5 A atividade de ir aos parques e praças do bairro e arredores .....	232
6.2.6 A atividade de ir ao centro da cidade .....	263
6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 6 .....	270
<b>7 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DE TRÊS BAIRROS NA MOBILIDADE DOS IDOSOS .....</b>	<b>275</b>
7.1 A FREQUÊNCIA E AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS, AS ESCOLHAS DE ROTA E MEIOS DE TRANSPORTE, AS REFERÊNCIAS UTILIZADAS E A RELAÇÃO COM AS CARACTERÍSTICAS DOS BAIRROS ONDE MORAM.....	275
7.1.1 A frequência de uso de uma farmácia, meios de transporte e as distâncias .....	279
7.1.2 A frequência de uso de um mercado/supermercado, meios de transporte e as distâncias .....	282
7.1.3 A frequência de uso de um banco, meios de transporte e as distâncias .....	286
7.1.4 A frequência de compras no centro da cidade, meios de transporte e as distâncias .....	292
7.1.5 A frequência de uso de uma UBS ou ida a um consultório médico, meios de transporte e as distâncias.....	298
7.1.6 A frequência de uso de uma igreja, meios de transporte e as distâncias .....	303
7.1.7 A frequência de uso de grupos e/ou associações, meios de transporte e as distâncias .....	306
7.1.8 A frequência de uso de praças e parques, meios de transporte e as distâncias.....	310
7.1.9 A frequência de uso do shopping, meios de transporte e as distâncias .....	316
7.1.10 A frequência de uso do cemitério, meios de transporte e as distâncias .....	319
7.1.11 Características físico-espaciais das rotas no Nossa Senhora de Fátima.....	321

7.1.12 Características físico-espaciais das rotas no Rio Branco .....	332
7.1.13 Características físico-espaciais das rotas no São Pelegrino e no centro da cidade .....	344
7.2 A PROXIMIDADE DE TRANSPORTE PÚBLICO, COMÉRCIOS/SERVIÇOS E DEMAIS LOCAIS DE INTERESSE E AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS COM CADA MEIO DE TRANSPORTE .....	360
7.2.1 A proximidade da residência das paradas de ônibus .....	360
7.2.2 A proximidade da residência de uma farmácia.....	363
7.2.3 A proximidade da residência de um mercado/supermercado .....	366
7.2.4 A proximidade da residência de um banco.....	370
7.2.5 A proximidade da residência da unidade básica de saúde ou de um consultório médico .....	372
7.2.6 A proximidade da residência de uma igreja.....	375
7.2.7 A proximidade da residência de um grupo e/ou associação.....	379
7.2.8 A proximidade da residência de uma praça .....	383
7.2.9 A proximidade da residência de um parque .....	386
7.2.10 A proximidade da residência de um shopping .....	387
7.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 7 .....	389
8 CONCLUSÃO .....	396
8.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E MÉTODOS .....	396
8.2 PRINCIPAIS CONCLUSÕES CONFORME OS OBJETIVOS .....	399
<b>8.2.1 Níveis de conexão com o lugar de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas .....</b>	<b>400</b>
<b>8.2.2 A interação social de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas.....</b>	<b>404</b>
<b>8.2.3 A mobilidade de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas.....</b>	<b>409</b>
8.3 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES ..	417
<b>9 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>418</b>
<b>ANEXO 1 - TABELAS COMPLEMENTARES .....</b>	<b>440</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>448</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da interação entre idoso e ambiente, notadamente, da conexão com o lugar, interação social e mobilidade dos idosos conforme diferentes faixas etárias de residentes em bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas. Neste capítulo são apresentadas a identificação e importância do problema de pesquisa, as variáveis associadas ao problema de pesquisa, a proposta de investigação e a estrutura do trabalho.

### 1.1 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA

A importância de estudos acerca da interação entre idoso e ambiente está baseada inicialmente no aumento da representatividade dos idosos em relação às demais parcelas da população, fato que vem ocorrendo em várias partes do mundo. De acordo com Rowland (2009), historicamente era comum encontrar uma estrutura etária com o predomínio de uma população jovem, consistente com as taxas de fertilidade e mortalidade. Essas taxas eram alteradas apenas em situações como: epidemias, fomes, guerras, desastres naturais ou migrações.

Por exemplo, durante a década de 1930, marcada por uma forte crise econômica mundial, se observou uma redução das taxas de crescimento da população, taxas estas que voltaram a subir após a Segunda Guerra Mundial. Contudo, essas taxas de fertilidade e mortalidade estabilizaram na medida que as pessoas nascidas no Pós-Guerra adentraram na aposentadoria (GOLDSTEIN, 2009). Uma combinação de fatores, tais como, a redução dos níveis de mortalidade, a melhoria da qualidade de vida, o controle de doenças evitáveis e a diminuição da natalidade no Pós-Guerra impulsionou avanços na ciência e tecnologia, fazendo que houvesse o incremento na expectativa de vida de crianças e idosos (ALMEIDA; LEITÃO; SILVA, 2000; D'ALENCAR; VEIGA, 2006; IBGE, 2015; ROWLAND, 2009).

Países desenvolvidos que experimentaram por primeiro o crescimento e o enriquecimento alcançaram inicialmente essa estabilização de suas taxas de fertilidade e mortalidade, com sua expectativa de vida ultrapassando àquela dos demais países (CÉSAR, 2014). Dados revelam que a porcentagem existente de idosos no ano de 2000 (14,7%) na Europa deve dobrar até 2050 (29,2%), com os

idosos devendo passar a representar praticamente 1/3 de sua população. Na América do Norte também se observa um crescimento da porcentagem dos idosos que deve passar de 12,3% da população desses países para praticamente 1/4 de sua população. Também, na América Latina e Caribe observa-se um aumento na representatividade de idosos, na qual projeta-se que a porcentagem deles deve chegar no ano de 2050 (16,9%) ao triplo daquela existente em 2000 (5,4%).

**Tabela 1:** Quantidade de pessoas acima dos 65 anos nos anos de 1950, 1975 e 2000 e projeções para 2025 e 2050

Regiões	1950	1975	2000	2025	2050
Mundial	131 (5,2%)	231 (5,7%)	418 (6,9%)	825 (10,4%)	1,457 (15,6%)
Países desenvolvidos	64 (7,9%)	119 (10,7%)	170 (14,3%)	260 (21,3%)	316 (26,8%)
Países em desenvolvimento	67 (3,9%)	113 (3,9%)	248 (5,1%)	565 (8,4%)	1,140 (14,0%)
África	7 (3,2%)	13 (3,1%)	26 (3,3%)	56 (4,1%)	138 (6,9%)
Ásia	57 (4,1%)	101 (4,2%)	216 (5,9%)	477 (10,0%)	905 (16,7%)
Europa	45 (8,2%)	77 (11,4%)	107 (14,7%)	147 (21,5%)	176 (29,2%)
América Latina e Caribe	6 (3,7%)	12 (4,3%)	28 (5,4%)	67 (9,6%)	136 (16,9%)
América do Norte	14 (8,2%)	25 (10,3%)	39 (12,3%)	72 (18,7%)	94 (21,4%)
Oceania	1 (7,4%)	2 (7,4%)	3 (9,9%)	6 (14,4%)	9 (18,0%)

**Nota:** os números são na casa de milhões de pessoas. Ainda, na pesquisa de Rowland não foram contemplados os idosos de 60 a 64 anos, visto que nos Estados Unidos a pessoa é considerada idosa a partir dos 65 anos e não a partir dos 60 anos como no caso das legislações brasileiras.

**Fonte:** adaptado pela autora de ROWLAND (2009).

Entretanto, as projeções de Rowland (2009) são diferentes daquelas apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que já prevê um aumento exponencial na população de idosos brasileiros, que segundo seus dados será em 2060 apenas menor que o grupo de 30 a 59 anos, representando praticamente 1/3 da população (IBGE, 2015; 2017). Portanto, a expectativa de vida no Brasil que era de 76 anos em 2017, deve chegar aos 81 anos em 2050 (AMARO; JOHANN; MEIRA, 2007; D'ALENCAR; VEIGA, 2006; IBGE, 2017).

Quanto ao local onde essa população idosa deverá morar, observa-se em nível mundial, um incremento do número de idosos que devem habitar nos espaços urbanos, outro fator relevante para que existam pesquisas acerca da interação entre idoso e ambiente. Segundo a ONU (2017) entre os anos 2000 até 2015 o número de pessoas com 60 anos ou mais, aumentou em 68% nas áreas urbanas, comparado aos 25% de aumento nas áreas rurais. No ano de 2000 a porcentagem mundial de idosos vivendo em áreas urbanas que era de 51% passou para 58% em 2015.

Na América Latina, Caribe e América do Norte os percentuais nesse período (2000 a 2015) passaram de 76% para 81%. Um exemplo de tais números é a proporção de idosos de 80 anos ou mais vivendo em áreas urbanas, que chegou em 2015 a uma proporção de 8 para cada 10 idosos (ONU, 2017). Portanto, de acordo

com Handler (2014), em 2030 dois terços da população mundial viverá em cidades e, na maioria destas, pelo menos um quarto serão pessoas idosas. Essa maior representatividade e longevidade vem acompanhada de desafios à gestão pública.

No Brasil, o Estatuto das Cidades, Lei de nº 10.257/2001, define que é parte da política urbana o direito a cidade sustentável a todos os cidadãos (BRASIL, 2001). O uso do termo urbanismo sustentável, portanto, é uma forma de salientar a busca por uma cidade que ofereça boas condições para a mobilidade e interação social a todos (FARR, 2013) indo ao encontro da Constituição Federal (1988) que defende a garantia ao pleno desenvolvimento das funções sociais.

As leis e normativas voltadas especificamente para os idosos, como a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8,842/1994) e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) procuram defender tais direitos garantindo condições de acessibilidade à cidade e seus equipamentos urbanos, transporte público e prioridade de atendimento (BRASIL, 1994; 2003), logo, estão associados às características físico-espaciais dos espaços abertos públicos que devem ser responsivos as demandas e necessidades dos idosos. Contudo, destacam-se ainda dispositivos legais e normativos na realidade nacional, focados em aspectos ligados à acessibilidade universal dos idosos, relacionados principalmente aos requisitos presentes na NBR 9050.

Ainda, observa-se que nessas normas e leis ligadas à acessibilidade o idoso é tido como pessoa de “mobilidade reduzida”, para os quais as condições de uso do ambiente construído são padronizadas àquelas das pessoas com algum tipo de deficiência, o que é uma questão que necessita ser revista. Apesar de realmente existir uma parcela dos idosos que se encaixam neste perfil, tais condições não representam a totalidade das pessoas consideradas idosas, nem representam necessariamente os mesmos tipos de limitações ou demandas (CUNHA; COSTA, 2011; DOLINAR, 2008; MIRANDOLA; BÓS, 2015). Como exemplo, pesquisas demonstram que os pisos táteis que auxiliam na orientação de pessoas com deficiência visual, podem ocasionar quedas nos idosos (COE, 2012; OVSTEDAL; LID; LINDLAND, 2005; STAHL *et al.*, 2010; THIES *et al.*, 2011).

O envelhecimento é um processo gradual no qual, as mudanças tanto de ordem físico-cognitiva como social, alteram aos poucos a interação dos idosos com os espaços urbanos (CARSTENS, 1993; DOLINAR, 2008; OMS, 2016; WERNGREN-ELGSTRÖM; CARLSSON; IWARSSON, 2009). Ainda, por mais que limitações ou

incapacidades alterem a interação com o espaço urbano, não impedem que ela venha a acontecer. Tanto que para as teorias mais recentes que tratam da relação entre idoso e ambiente construído, as limitações e incapacidades alteram as demandas e necessidades dos idosos, mas não impedem o uso do ambiente construído por eles (BATISTONI, 2014; CVITKOVICH; WISTER, 2001b; WAHL, 2006). Logo, o problema está na ausência de espaços planejados para atender a essas necessidades e demandas dos idosos (OMS, 2002).

Os debates e assembleias das Organizações das Nações Unidas acerca do envelhecimento que iniciaram em 1982 defendem que devem ser garantidas as pessoas idosas o direito de a) independência, entendida como o acesso a condições básicas para a sobrevivência, trabalho e garantia de “envelhecer no lugar”; b) participação, que se trata da possibilidade de manutenção da participação na comunidade; c) assistência, com acesso a atendimentos de saúde, respeito aos direitos humanos e a liberdade de escolhas pessoais; d) auto realização, permitindo a oportunidade para desenvolvimento pessoal e acesso a recursos: educativos, culturais, recreativos e espirituais; e, e) dignidade, entendido como a possibilidade de viver com dignidade e segurança (ONU, 2016).

Para Bins Ely e Dorneles (2006) as necessidades dos idosos se dividem em pelo menos três categorias: a física, a informativa e a social. A física, está relacionada às questões de saúde, segurança e conforto nos espaços urbanos. Ou seja, mesmo que os idosos apresentem restrições físico-cognitivas, o espaço precisa oferecer condições para que eles o utilizem. As necessidades informativas estariam relacionadas a um espaço de fácil legibilidade, uma vez que haveria reduções da capacidade cognitiva dos idosos, mas sem que isso impeça tais espaços de continuarem atrativos. Enquanto as necessidades sociais tratam da participação ativa na comunidade com a promoção da interação social, relacionadas a manutenção do senso de comunidade, identidade e da conexão com o lugar.

O Guia Global das Cidades Amigáveis aos Idosos demonstra que uma interação positiva entre idosos e ambiente envolve uma cidade que ofereça, entre outros, mobilidade, possibilidade de interação social e a manutenção da conexão com o lugar (OMS, 2007). Este projeto consiste em um guia constituído de oito tópicos organizados a partir de uma lista de itens considerados essenciais para que as cidades sejam amigáveis às pessoas de idade avançada, sendo uma ferramenta de



autoavaliação da cidade. O guia é resultado de uma pesquisa com grupos focais de idosos em 33 cidades de diferentes locais do planeta, no qual os resultados foram separados em oito tópicos. Estes tópicos são separados por tema, tais como: espaços exteriores e edifícios; transportes; moradia; participação social; respeito e inclusão social; participação cívica e emprego; comunicação e informação; e suporte da comunidade e serviços de saúde (OMS, 2007). Esse guia passou a ser utilizado e considerado uma referência em estudos que visam esse objetivo (BESTETTI; GRAEFF; DOMINGUES, 2012; BÓS, 2015; COULIBALY, 2010; HANDLER, 2014).

Entretanto, apesar de seu uso como referência, existem autores que apresentam críticas ao projeto. Para Pfützenreuter (2014; 2015) o tamanho do universo de amostra não consegue contemplar a verdadeira realidade das cidades pesquisadas, bem como não deixa claro se foram definidos condicionantes padrões para a comparação de realidades. Segundo Menec *et al.* (2011) os itens do Guia poderiam ser resumidos basicamente no ambiente físico e social, havendo questões essenciais ausentes dentro de cada um dos tópicos, ou tratadas de maneira aberta a diferentes interpretações, como exemplo, a questão da segurança não esclarece se esta, está relacionada a crimes, risco de atropelamento e/ou quedas.

Questões similares são apresentadas nas políticas do governo canadense, que em seu “*AdvantAge Initiative*” (em tradução livre: Iniciativa voltada à idade avançada), relata que uma cidade para ser amigável aos idosos deve satisfazer quatro objetivos: a) atender necessidades básicas (moradia, segurança, informação sobre serviços); b) promover interação social e cívica; c) otimizar o bem-estar físico e mental; e d) maximizar a independência para indivíduos frágeis e deficientes, promovendo transporte acessível e oferecendo suporte de familiares e outros cuidadores (MENEK *et al.*, 2011).

Nesse sentido, por mais que exista um consenso acerca de objetivos necessários para que uma cidade seja amigável aos idosos, ainda é preciso compreender como exatamente os espaços urbanos atingem tais objetivos, notadamente, no que se refere à conexão com o lugar, interação social e mobilidade. Estudos (por ex.: ROLLERO; DE PICCOLI, 2010) ressaltam a importância da conexão com o lugar para o planejamento e uso do ambiente construído pelos idosos. Inclusive, essa conexão explicaria os motivos para as pessoas estarem satisfeitas e desejarem permanecer em seus locais de moradia.

Contudo, a conexão dos idosos com o lugar envolve uma relação complexa entre indivíduo e o ambiente social, natural e construído (FÖBKER; GROTZ, 2006; RIOUX; WERNER, 2011; YAN *et al.*, 2014) e ainda existem lacunas e contradições quanto a importância do tempo de moradia (por ex.: LEWICKA, 2011) e de quais seriam as características físico-espaciais dos bairros (por ex.: CANTARERO; POTTER; LEACH, 2007; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; PRIETO-FLORES *et al.*, 2011) e da residência (por ex.: MARSDEN, 1999; NASAR, 1989) que estariam ligadas à conexão de diferentes grupos etários de idosos com o lugar.

A importância da interação social na terceira idade também está ligada ao envelhecimento ativo e a manutenção da participação do idoso em sua comunidade, apesar da existência de restrições físicas ou cognitivas (RAMOS, 2003). Contudo, poucos estudos exploram os níveis de interação social de idosos e sua participação em grupos e associações (por ex.: WOOLRYCH *et al.*, 2019). Bem como, são necessários estudos que procurem investigar com quais pessoas, frequências, locais e os tipos de atividades que os idosos realizam, uma vez que, aqueles encontrados enfocam principalmente em atividades em parques e praças (por ex.: PARRA *et al.*, 2010; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009) ou são pouco explorados dentro da realidade nacional.

Complementarmente, a mobilidade é outro aspecto importante de ser aprofundado já que se trata da capacidade física de deslocamento dos indivíduos por diferentes locais, independentemente do meio de transporte utilizado (SHOVAL *et al.*, 2011; SILVA *et al.*, 2006; ZEITLER *et al.*, 2012). Embora existam evidências de que as distâncias, frequências, meios de transporte e rotas que os idosos realizam pelo seu bairro ou em outras áreas da cidade sejam influenciadas pelas suas características pessoais e aquelas físico-espaciais do ambiente, pelos tipos de atividades realizadas, disponibilidade e frequência dos meios de transporte e custos de cada transporte (MERCADO; PÁEZ, 2009; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2008; ZEITLER *et al.*, 2012), ainda existem contradições acerca dessas informações. Por exemplo, existem divergências quanto às distâncias que idosos teriam a capacidade de percorrer, sendo mencionadas variações de 0,3km a 5km (BURTON; MITCHELL; STRIDE, 2011; DANTAS, 2005; ROSENBLOOM, 2001; SALVADOR, 2008; SCHMOCKER *et al.*, 2008).

Contradições ou lacunas relacionadas à distinção dos idosos em diferentes grupos etários também foram encontradas em relação às suas estratégias de orientação espacial (por ex.: MARQUEZ *et al.*, 2015). Bem como, não foram encontradas informações sobre a proximidade da residência dos locais de interesse, embora estudos mencionem a facilidade de acesso a equipamentos públicos e locais de lazer como fortemente responsáveis pelo uso do espaço urbano pelos idosos (AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010; BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; MEHTA *apud* BRUNELLI, 2015).

Com base no que foi apresentado, evidências mostram que restrições físico-cognitivas afetam a interação dos idosos com o ambiente construído. Entretanto, não fica claro os níveis no qual essas limitações ou incapacidades dificultam esta interação. Nesse sentido, esse estudo pretende produzir resultados que possam auxiliar futuros projetos a se adequarem às necessidades e demandas dos idosos, para que estes mantenham os vínculos afetivos com os locais onde residem, possam interagir socialmente e ter mobilidade pelos espaços abertos públicos, independente de apresentarem restrições físicas e/ou cognitivas. A importância, e, portanto, o problema de pesquisa identificado baseia-se na necessidade de se aprofundar o conhecimento acerca das características físico-espaciais dos locais de moradia dos idosos que impactam em seu nível de conexão com o lugar, interação social e mobilidade, destacando possíveis diferenças que possam existir em distintas faixas etárias e padrões socioeconômicos.

## 1.2 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA

As variáveis associadas ao estudo dos efeitos das características físico-espaciais de três bairros, com realidades socioeconômicas distintas, na conexão com o lugar, interação social e mobilidade de idosos, divididos em três faixas etárias, envolvem características contextuais e composicionais. As características contextuais, se referem àquelas físico-espaciais do ambiente (LANG, 1987). Dentre elas, aquelas acerca do nível de conexão com o lugar estão relacionadas a dois indicadores, especificamente, o nível de satisfação e o desejo de permanecer morando no bairro e na residência (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; BUTCHER; BREHENY, 2016). Para os dois indicadores são analisados: o tempo de moradia

(GUSTAFSON, 2001; LEWICKA, 2011; YOKOHAMA, 2015); as características físico-espaciais do bairro (por ex.: AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010; BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; BRUNELLI, 2015); e da residência (BROWN; PERKINS; BROWN, 2003; LEWICKA, 2010; RIOUX; WERNER, 2011).

Por sua vez, as variáveis relacionadas ao efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social dizem respeito ao nível dessa interação e a participação em grupos e associações (COUTINHO; ACOSTA, 2009; WOOLRYCH *et al.*, 2019), além de atividades realizadas com os contatos sociais, frequência de contatos, local de realização e características dos bairros (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KOOHSARI; KARAKIEWICZ; KACZYNSKI, 2013; MARCUS *et al.*, 1998).

Por outro lado, as variáveis referentes ao efeito das características dos locais de moradia na mobilidade estão relacionadas à frequência de caminhada e distâncias percorridas, escolhas de rota e dos meios de transporte, referências utilizadas nos percursos e suas relações com as características dos bairros, analisando-se: a qualidade das calçadas (GEHL, 2013; JOSEPH; ZIMRING, 2007; SATARIANO, 2006); a aparência do espaço urbano (AZIZ; UKKUSURI; HASAN, 2013; BALFOUR; KAPLAN, 2002); o ambiente sonoro (BALFOUR; KAPLAN, 2002; BUGLIARELLO *et al.*, 1976; KAHANA *et al.*, 2003); a densidade habitacional e diversidade de uso do solo (CVITKOVICH; WISTER, 2001; KIM, 2011; OMS, 2007); o tempo de exposição da sinalização semafórica (AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; DOMMES; CAVALLO, 2011; LANGLOIS *et al.*, 1997); a topografia (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014; VIANA, 2010; ZEITLER *et al.*, 2012) e a vigilância formal e informal (JACOBS, 1961; NEWMAN, 1996; VOORDT; WEGEN, 1993).

As variáveis composicionais, por sua vez, são relativas às características próprias do indivíduo (LANG, 1987). A importância de se considerar as percepções de diferentes grupos de idosos pela sua faixa etária, está relacionada às diferenças existentes em suas capacidades físico-cognitivas resultantes do processo de envelhecimento (CAMARANO, 2002; CARSTENS, 1998; CUNHA; COSTA, 2011; DOLINAR, 2008; LOPES; TARALLI, 2010; MIRANDOLA; BÓS, 2015). Enquanto o nível socioeconômico é relevante, por exemplo, em razão de diferenças nos níveis de interação social dos idosos com diferentes níveis de renda. Algumas pesquisas defendem que os níveis de interação social seriam mais fortes entre idosos de melhor

renda (WANG; LEE, 2010; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011), por sua vez, outros estudos defendem que seriam aqueles de menor renda (FADDA *et al.*, 2010; ROLLERO; DE PICCOLLI, 2010).

Com base nessas informações, serão consideradas como variáveis composicionais, grupos de idosos separados de acordo com a sua capacidade funcional, divididos em: Primeira faixa etária (de 60 a 69 anos, a princípio sem restrições físico-cognitivas, mais independentes para realizar atividades cotidianas); Segunda faixa etária (de 70 a 79 anos, que iniciaram a apresentar restrições físico-cognitivas, semi-dependentes para realizar atividades cotidianas) e, Terceira faixa etária (80 anos ou mais, com restrições físico-cognitivas, dependentes para realizar atividades cotidianas). Também, os três bairros pesquisados serão separados de acordo com os níveis de renda: bairro de padrão socioeconômico baixo (Bairro Nossa Senhora de Fátima); bairro de padrão socioeconômico médio-alto (Bairro Rio Branco); e bairro de padrão socioeconômico alto (Bairro São Pelegrino).

### 1.3 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram elaborados três objetivos gerais, cada qual relacionado à dois objetivos específicos:

- **Objetivo geral 1:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com tais lugares por parte de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) investigar o nível de satisfação dos idosos com o bairro e com a residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas para tais níveis de satisfação e as relações com as características dos bairros; (2) investigar o desejo dos idosos em continuar morando no bairro e na residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas e as relações com as características dos bairros.

- **Objetivo geral 2:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) identificar a percepção dos idosos quanto ao nível de interação social e a sua participação em grupos e associações; (2) identificar as atividades realizadas pelos idosos em conjunto com parentes, amigos e conhecidos

durante o dia e durante a noite, a frequência e o local de realização de tais atividades e as relações com as características dos bairros.

- **Objetivo geral 3:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) investigar a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos bairros; e, (2) investigar a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas com cada meio de transporte.

## 1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho é estruturado com base neste capítulo introdutório e, por mais sete capítulos descritos, a seguir:

**Capítulo 2:** apresenta de acordo com a literatura o conceito de idoso e o processo de envelhecimento, as teorias relacionadas a interação entre idoso e ambiente, o conceito de envelhecimento ativo e sua importância para a interação entre pessoa e ambiente, assim como identifica as variáveis composicionais e suas devidas justificativas.

**Capítulo 3:** identifica na literatura as características contextuais que envolvem a interação entre idoso e ambiente, sendo apresentado o conceito e importância da conexão com o lugar, interação social e mobilidade, bem como, as variáveis de cada uma e suas devidas justificativas.

**Capítulo 4:** descreve a metodologia para operacionalizar a pesquisa, apresenta critérios e dados relativos à seleção do objeto de estudo, os métodos de coleta e análise dos dados e aspectos relacionados ao trabalho de campo.

**Capítulo 5:** analisa e discute os resultados relacionados ao efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com lugares por parte dos idosos de diferentes faixas etárias e níveis socioeconômicos.

**Capítulo 6:** analisa e discute os resultados relacionados ao efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social por parte dos idosos de diferentes faixas etárias e níveis socioeconômicos.

**Capítulo 7:** analisa e discute os resultados relacionados ao efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade por parte dos idosos de diferentes faixas etárias e níveis socioeconômicos.

**Capítulo 8:** apresenta a conclusão geral do trabalho, destacando a relevância da pesquisa, suas limitações e implicações para trabalhos futuros.

## 2 CARACTERÍSTICAS COMPOSICIONAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE

Este capítulo trata das características composicionais que envolvem a interação entre idoso e ambiente, sendo apresentado o conceito de idoso e o processo de envelhecimento, as teorias relacionadas a interação entre idoso e ambiente, o conceito de envelhecimento ativo e sua importância para a interação entre pessoa e ambiente, as variáveis composicionais e suas devidas justificativas.

### 2.1 CONCEITO DE IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Idoso para a Organização das Nações Unidas (ONU) e a legislação brasileira equivale às pessoas com 60 anos ou mais (BRASIL, 1994; BRASIL, 2003; BRASIL, 2006; ONU, 2016). Contudo, em razão de diferenças no nível de desenvolvimento socioeconômico mundial e, da consequente expectativa de vida, a idade pode variar entre 55 anos, nos países subdesenvolvidos, até 65 anos nos países desenvolvidos (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KERR; ROSENBERG; FRANK, 2012; O'CONNOR, 2007; OMS, 2016). Por exemplo, a Sociedade de Gerontologia e Geriatria italiana modificou o conceito de idoso para a partir dos 75 anos (MAG, 2019).

Além da diferença no marco etário global, a definição do período considerado como “terceira idade” é marcada por condicionantes de diferentes ordens (CUNHA, 2011; DORNELES, 2006; IBGE, 2013; SILVA, 2009). A ordem econômica, ligada a cronológica é definida pela aposentadoria que, quando definida pela idade, se apresenta como 65 anos para os homens e 60 anos para as mulheres (INSS, 2017). Com a aposentadoria, os indivíduos modificam perante o Governo seu status de “contribuinte potencialmente ativo”, passando a ser considerados como “economicamente dependentes” (DORNELES, 2006; IBGE, 2013; SILVA, 2009).

As ordens cultural e social, que não deixam de ter ligação com a ordem econômica, são referentes ao desligamento do trabalho e modificações no papel social, valores e *status*. Em outras palavras, estão relacionadas às percepções culturalmente associadas aos idosos, expressas geralmente sob um estereótipo negativo, no qual são vistos como dependentes e vulneráveis, mesmo que tal visão



seja contrária às políticas públicas que os demonstram como membros ativos de sua comunidade (DIAS; SILVA; VITORINO, 2009; GIDDENS, 2008; OMS, 2002).

A ordem psicológica tem relação com as mudanças de comportamento e atitudes do indivíduo, em resposta ao seu ambiente físico e social, notadamente aos processos de identificação com os novos papéis assumidos na sociedade (CUNHA, 2011; DORNELES, 2006; SILVA, 2009). Por fim, a ordem biológica, definida pelo processo de envelhecimento, é resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais (CUNHA, 2011; SILVA, 2009). Este processo envolve uma diversidade de habilidades físicas e mentais, preferências e estilo de vida que afetam a maneira que o indivíduo percebe, interpreta ou negocia o ambiente físico e social (CARSTENS, 1993; OMS, 2016; SILVA, 2009).

O envelhecimento primário ou senescência é universal e progressivo, sendo influenciado por fatores tais como: a educação, estilo de vida, estresse, alimentação e exercícios físicos, sendo diferente para cada indivíduo (CUNHA, 2011; DORNELES, 2006; SILVA, 2009). Assim, os principais domínios envolvidos nessa relação são: a) o histórico familiar e experiências da infância; b) experiências do primeiro emprego até a aposentadoria; c) vida familiar adulta; d) saúde mental, psicológica e crenças; e e) a saúde física durante a vida adulta. Pessoas com experiências negativas nestes domínios, poucos cuidados com saúde e falta de interação social tenderiam a apresentar problemas de capacidade funcional, principalmente, aquelas que apresentam um maior número de problemas nos quatro primeiros domínios (SATARIANO, 2006).

O processo de envelhecimento também é marcado por alterações celulares, moleculares e estruturais secundárias de mecanismos diversos. Teorias que explicam o envelhecimento a partir destas alterações apresentam como tema comum, o fato de que o envelhecimento se trata de uma má função ou erro no organismo que cresce com o tempo. Estes erros ou mal funções, deixam o organismo mais suscetível a doenças, incapacidades e a morte (ALVINO, 2015; SATARIANO, 2006).

De acordo com a Teoria Evolucionária, o envelhecimento é uma programação genética de controle populacional, uma adaptação às mudanças do ambiente e uma maneira de facilitar a troca de gerações, sendo causado pelo acúmulo progressivo de danos ao organismo que precisa reagir e se ajustar a estas mudanças ambientais. Com o passar do tempo, a capacidade de reação e adaptação se torna difícil e os

sistemas necessitam de mais tempo e recursos para atingir este objetivo. Logo, com o envelhecimento, a manutenção do organismo se torna mais complicada e os recursos metabólicos são desviados do sistema reprodutivo para a manutenção sistemática do organismo. A partir desta mudança indivíduos mais velhos passam a necessitar cada vez mais de cuidados dos mais novos. Adicionalmente, a Teoria Evolucionária explica as relações entre os fatores biológicos, comportamentais, sociais e ambientais ao longo do curso de vida (SATARIANO, 2006).

Portanto, teorias referentes a interação entre pessoa e ambiente descrevem o envelhecimento como um processo em termos de manutenção do equilíbrio fisiológico (homeostase), por meio de um processo de adaptação às mudanças (alostase) nas demandas ambientais. Para tanto, o organismo necessitaria mudar seus parâmetros continuamente para manter a sua adaptação ao ambiente. Quando as ameaças ambientais persistem, o organismo se tornaria incapacitado e o processo de envelhecimento é iniciado. Assim, idosos experimentariam problemas de capacidade funcional, que resultam em um acúmulo de desafios ambientais e dificuldades para se adaptarem as demandas do ambiente (SATARIANO, 2006).

A capacidade funcional é compreendida como o conjunto de habilidades responsáveis por uma vida independente e autônoma, significando a possibilidade de sobrevivência sem auxílio de outros para a realização das atividades instrumentais cotidianas e de autocuidado (SILVA *et al.*, 2006). O auge destas habilidades nos indivíduos ocorre entre os 20 a 30 anos de idade, seguida por uma redução progressiva. Os problemas de capacidade funcional são relacionados tanto com as mudanças nos sentidos humanos como nas habilidades cognitivas e motoras (DIAS; SILVA; VITORINO, 2009; SATARIANO, 2006).

Enquanto o processo de incapacidade (Quadro 1) inicia com uma patologia associada a um determinado nível de limitações físicas e/ou cognitivas que podem levar às limitações da capacidade funcional, e posteriormente à incapacidade. A transição entre patologia e incapacidade, especialmente das limitações de capacidade funcional até a incapacidade, dependem das intersecções entre as capacidades individuais e os comportamentos, assim como dos recursos e demandas do ambiente social e físico. Neste sentido, as limitações de capacidade funcional são definidas como restrições ou dificuldades no desempenho de tarefas diárias genéricas, envolvendo força, balanço, destreza e velocidade de caminhada. Enquanto a

incapacidade refere-se à inabilidade de realizar papéis sociais na vida cotidiana em razão de problemas de saúde ou físicos (SATARIANO, 2006).

**Quadro 1:** Diferenças entre termos

<b>Termo</b>	<b>Patologia</b>	<b>Enfraquecimento</b>	<b>Limitação funcional</b>	<b>Incapacidade</b>
<b>Definição</b>	Doenças, ferimentos, desenvolvimento de condições congênitas.	Disfunção e anomalias estruturais em sistemas específicos do corpo.	Restrições em ações básicas físicas e mentais.	Dificuldades para realizar atividades diárias.
<b>Exemplo</b>	Problema em um nervo em razão de um trauma	Atrofia muscular.	Não ter a capacidade de subir uma escada.	Não conseguir mais nadar para recreação.

**Fonte:** adaptado pela autora de SATARIANO (2006).

As incapacidades e limitações funcionais apesar de terem um caráter particular em razão das diferenças de curso de vida de cada indivíduo também podem representar um grupo maior de pessoas. Inclusive, estudos indicam que o processo de envelhecimento tende a ocorrer de maneira similar dentro de determinadas faixas etárias, principalmente, no que se refere a capacidade funcional (CARSTENS, 1993; DOLINAR, 2008; WEBB; WEBER, 2003; WERNGREN-ELGSTRÖM; CARLSSON; IWARSSON, 2009). Portanto, alterações ligadas à capacidade funcional, ou seja, à habilidade de receber informações através dos sentidos geralmente iniciam em torno dos 65 anos (Quadro 2), e afetam como o indivíduo responde ao ambiente (CARSTENS, 1993).

**Quadro 2:** Alterações do processo de envelhecimento

<b>Mudança</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Problemas resultantes</b>	<b>O que podem provocar</b>	<b>Idade que inicia a mudança</b>	<b>Literatura consultada</b>
Audição	Física	Dificuldade de ouvir e identificar sons, perda de equilíbrio, desorientação e tontura.	Sensibilidade a ambientes barulhentos, risco de não ouvir avisos sonoros e de desorientação espacial.	55 anos	CARSTENS, 1993; WEBB; WEBER, 2003; CET/SP, 2011
Paladar, olfato e tato:	Física	Perda da sensibilidade, preensão, destreza e velocidade de reação	Dificulta a mobilidade e aumenta o risco de quedas	50 anos	CARSTENS, 1993; LOPES; TARALLI, 2010; TAVARES, 2014; NAVARRO <i>et al.</i> , 2015
Visão	Física	Redução da acuidade visual, percepção de cores, habilidade de observar detalhes, confusão visual.	Risco de acidentes de trânsito (condução de veículos) também de quedas e atropelamentos.	50 anos	WEBB; WEBER, 2003; CARSTENS, 1993; CUNHA; COSTA, 2011; LEITE, 2014;
Pele e pelos	Física	Diminuição na espessura da pele, subcutâneo e pelos.	Maior sensibilidade ao sol.	60 anos	CUNHA, 2011.
Sistema renal	Física	Redução da capacidade de reter a urina.	Necessidade de acessibilidade a banheiros.	65 anos	DOLINAR, 2008.

Continua na próxima página

Sistema musculoesquelético	Física	Redução da: resistência, regeneração e habilidade de manter a força estática; agilidade, coordenação, equilíbrio, flexibilidade e mobilidade articular	Redução da mobilidade e da coordenação motora. Ampliando o risco de quedas e incapacidade de uso do espaço urbano.	70 anos	BINS ELY; DORNELES, 2006; LOPES; TARALLI, 2010; CUNHA, 2011; DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013.
Sistema respiratório	Física	Redução da resistência e fôlego	Redução do nível de atividade física e capacidade de deslocamento a pé. Sensibilidade a mudanças de temperatura.	70 anos	DOLINAR, 2008.
Sistema cardiovascular	Física	Redução da resistência física.	Risco de quedas e redução do nível de atividade física e capacidade de deslocamento a pé.	80 anos	DOLINAR, 2008.
Sistema endócrino	Física	Redução da massa e força muscular, desgaste de ossos e pele.	Dificulta a mobilidade e aumenta o risco de quedas.	80 anos	CARVALHO FILHO, 1996 <i>apud</i> DORNELES, 2006; DOLINAR, 2008
Cérebro	Cognitiva	Alteração na memória, tempo de reação, inteligência, orientação.	Reduzem a habilidade de uso e mobilidade pelo espaço urbano.	80 anos	DORNELES, 2006; SILVA <i>et al.</i> , 2006; CUNHA, 2011.

Fonte: da autora (2018).

Com base no que foi apresentado, observa-se que apesar do processo de envelhecimento ter um caráter individualizado em razão do estilo de vida e demais características pessoais, as mudanças no organismo seriam comuns a todas as pessoas. Logo, bons padrões de qualidade de vida não impediriam o surgimento de limitações ou incapacidades, apenas retardariam o seu aparecimento. Nesse sentido, essa tendência de as mudanças resultantes do processo de envelhecimento ocorrerem de forma geral em momentos específicos (Quadro 2), permitem dividir os idosos em diferentes grupos etários de acordo com a possibilidade de apresentar maiores incapacidades em função da idade, ou seja, maiores ou menores níveis de dependência para a realização de atividades diárias.

De acordo com Carstens (1998) a divisão dos idosos seria em: “jovens idosos”, entre os 60 a 69 anos de idade, mais ativos e saudáveis; os “idosos”, entre os 70 a 79 anos de idade, um pouco menos ativos que os primeiros por começarem a apresentar limitações físicas; e os “muito idosos”, com 80 anos ou mais, que tenderiam a ser mais sedentários e apresentarem problemas físico-cognitivos mais acentuados que os anteriores. Essa divisão adotada pela autora, conforme visto anteriormente, será utilizada na pesquisa para a distinção dos grupos de idosos.

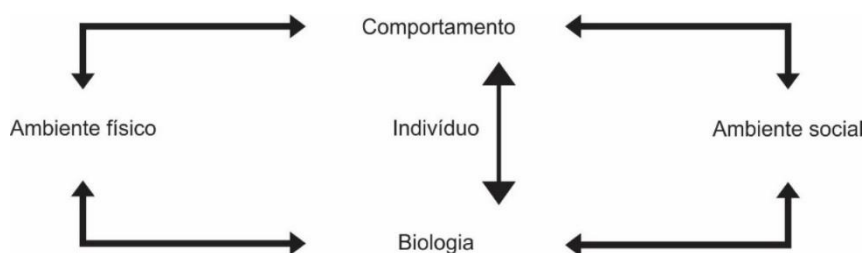
## 2.2 AS PESQUISAS ACERCA DA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE

As pesquisas acerca da interação entre idoso e ambiente estão inseridas na Gerontologia Ambiental que têm por objetivo, investigar como as características dos ambientes físicos e sociais e dos próprios idosos impactam em seus comportamentos e atitudes durante a interação com o ambiente construído (BATISTONI, 2014; WAHL; OSWALD, 2010). Os primeiros estudos nessa área se desenvolveram a partir de um conceito criado na década de 1930, por Kurt Lewin, no qual o comportamento é considerado uma função da interação entre pessoas e ambiente (CVITKOVICH; WISTER, 2001b; PHILLIPS *et al.*, 2010; WAHL, 2006).

Posteriormente, Henry Murray complementa o conceito de Lewin introduzindo o termo “pressão” para indicar as forças que impactam no processo de envelhecimento em nível objetivo e subjetivo. Portanto, segundo Murray os comportamentos e atitudes dos idosos não seriam afetados apenas pelas condições biológicas, mas também pelas “pressões”, termo utilizado para indicar características tais como: condições socioeconômicas do idoso, seus laços familiares, contatos sociais e a qualidade do ambiente construído (WAHL, 2006).

Com o surgimento da Psicologia Ambiental, entre as décadas de 1960 e 1970, ocorre um desenvolvimento maior do campo da Gerontologia Ambiental e modelos teóricos passam a ser utilizados para explicar as interações entre idosos e o ambiente construído (WAHL, 2006). Dentre esses modelos, está o Ecológico (Figura 1), no qual, o processo de envelhecimento é interpretado como o resultado da combinação de mudanças comportamentais, sociais e ambientais, tanto em nível individual como coletivo (SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005; WAHL, 2006).

**Figura 1:** Modelo Ecológico



Fonte: adaptado pela autora de SATARIANO (2006).

Entre as variações conceituais no Modelo Ecológico está o Modelo Pressão-Competência, criado em 1973, por Lawton e Nahemow. Nesse modelo, a menor

competência de um idoso é o resultado do conjunto de uma alta pressão ambiental, que impacta no seu comportamento e bem-estar (WHALE, 2006). Esta é compreendida como qualquer característica física negativa do ambiente construído que afete o seu uso pelos idosos, por exemplo, padrões baixos de moradia (SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005; WAHL, 2006).

Enquanto a competência trata da capacidade funcional do indivíduo, relacionada às condições de saúde física e cognitiva (SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005; WAHL, 2006). O comportamento, portanto, é resultado das competências do indivíduo, das demandas ou “pressões” do ambiente e de sua capacidade de interação ou adaptação ao local em que vive. A relação entre a competência individual e o ambiente construído é um processo dinâmico modificado pelo processo de envelhecimento (SATARIANO, 2006).

Logo, no Modelo Pressão-Competência à medida que uma pessoa envelhece, há uma redução da competência individual. Se a “pressão” ambiental permanecer constante, o comportamento e a capacidade funcional do idoso são afetadas. Se a capacidade do idoso é maior que a “pressão” ambiental exercida, esta pressão não afeta seus comportamentos e atitudes. Se a capacidade começa a sofrer com a “pressão” ambiental, ainda é possível o uso do ambiente, porém com restrições. Contudo, quando a “pressão” ambiental é maior que a capacidade funcional, se atinge o ponto de incapacidade e de supressão do uso do ambiente construído (CVITKOVICH; WISTER, 2001b; SATARIANO, 2006; SHOVAL *et al.*, 2011; WERNGREN-ELGSTROM *et al.*, 2009).

Ainda relacionado ao Modelo Pressão-Competência, Lawton utiliza a “hipótese da docilidade ambiental” para explicar o mecanismo básico da interação entre idoso e ambiente. Nessa hipótese o idoso é considerado um indivíduo com baixa capacidade de resistir as “pressões ambientais”, sendo limitado pelas suas incapacidades funcionais. Lawton a baseia em resultados de um estudo que mostrava que os idosos que precisam percorrer longas distâncias para chegar aos locais de convívio de institutos asilares, interagem menos socialmente que os demais, o que na sua opinião, comprovava a fragilidade do organismo (SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005; WAHL, 2006). Segundo Batistoni (2014) outros modelos de interação entre idoso e ambiente (Quadro 3) são:

**Quadro 3:** Modelos de interação idoso-ambiente

Nome do modelo	Autor(es)	Ano	Base teórica do modelo
Modelo de Estresse	Schooler	1973	Os processos dinâmicos de avaliação, enfrentamento e reavaliação embasam as transações pessoa-ambiente
Congruência Pessoa-Ambiente	Kahana	1982	O comportamento é uma função da congruência entre as características pessoais (necessidades) e o que o ambiente oferece para suprir estas necessidades
Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes	Rowles, Oswald e Hunter	1983	Os aspectos físicos, sociais e autobiográficos são consequências de viver e envelhecer em um lugar.
Modelo Socioecológico	Moos e Lemke	1994	Os ambientes físico-sociais influenciam no comportamento e vice-versa.

Fonte: adaptado pela autora de Batistoni (2014).

Já o Modelo Complementar de Congruência de Carp e Carp (1984) é dividido em duas partes diferenciadas de acordo com o nível de necessidade e do tipo de congruência entre o idoso e o ambiente. A primeira parte do modelo, trata das necessidades de ordem básica ou da manutenção da vida. Nesse nível, as características das pessoas e/ou ambientes facilitam, permitem ou inibem a satisfação das necessidades por meio do desempenho adequado ou não das atividades diárias que permitem a continuidade de uma vida autônoma. A congruência é o grau de complementariedade entre as competências e os recursos ou barreiras relevantes para o desempenho das atividades diárias. Por exemplo, quando as competências pessoais são limitadas, torna-se necessário um auxílio para atingir o nível de complementariedade ideal do ambiente (TOMASINI, 2005).

Tanto a pessoa como o ambiente, são variáveis que afetam os resultados de congruência esperados, sendo que algumas pessoas têm a capacidade de se adaptar a uma variedade de ambientes, enquanto outras não. Assim como, alguns ambientes construídos podem facilitar o desenvolvimento de atividades diárias, enquanto outros criam barreiras passíveis de serem vencidas por poucos. A segunda parte do modelo de Carp e Carp (1984) trata das necessidades prioritárias e das características do ambiente que facilitam, permitem ou inibem a satisfação de suas necessidades (TOMASINI, 2005).

O conceito de congruência corresponde à similaridade entre o grau de necessidade e o suporte oferecido pelo ambiente construído para suprir as demandas do idoso. As variáveis composicionais e contextuais não seriam nem positivas, nem negativas. O modelo de congruência afirma que o bem-estar é influenciado pela extensão com que as competências pessoais encontram as demandas ambientais necessárias para a continuação de uma vida independente e, pela extensão com que os recursos do ambiente encontram as necessidades pessoais, não somente

necessárias à sobrevivência, mas, também, subjetivas, tais como: socialização, privacidade e a experiência estética (TOMASINI, 2005).

Baseado nessas teorias de interação entre idosos e ambiente construído, Lawton, em 1999, propõe modificações em seu modelo conceitual propondo um ponto de vista mais proativo. No seu primeiro modelo, baseado na hipótese da docilidade ambiental, à medida em que aumentam as limitações de capacidade funcional dos idosos, menores são as possibilidades de o indivíduo resistir às pressões do ambiente. Enquanto no Modelo Proativo indica que apesar das limitações funcionais inerentes ao envelhecimento, existe a possibilidade de os idosos manterem um engajamento satisfatório em seus ambientes físico e social (SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005).

Em ambos os modelos, o ambiente construído precisa se adequar às características físicas e cognitivas dos idosos, mesmo quando possuem problemas funcionais severos, permitindo a continuidade da participação e interação social com a sua comunidade (TOMASINI, 2015). Contudo, no Modelo Proativo, Lawton destaca três funções que os ambientes físicos e sociais necessitam para garantir a qualidade de vida e autonomia dos idosos, sendo estas: a manutenção, o estímulo e o suporte (BATISTONI, 2014).

A função de manutenção é relacionada à previsibilidade do ambiente e às características que contribuem para a conexão com o lugar. Por sua vez, a função de estímulo trata das características físico-espaciais que estimulam comportamentos adaptativos, como atividades sociais e de lazer. Por fim, a função de suporte relaciona-se às físico-espaciais que possam compensar as limitações funcionais, promovendo segurança, orientação e autonomia aos idosos (BATISTONI, 2014).

Contudo, de acordo com Glass e Balfour (2003 *apud* SATARIANO, 2006), uma crítica ao modelo de Lawton seria a pouca atenção dada às modificações que ocorrem na interação entre pessoas e ambiente construído ao longo do tempo. Ainda, que a falta de “pressão” ambiental não significa necessariamente um ambiente satisfatório, por exemplo, um ambiente construído pode ser livre de barreiras, mas não significa que seja atraente ou interessante.

Nesta mesma linha de pensamento, modelos de interação entre pessoas e ambiente construídos recentes, como o de Cvitkovich e Wister (2001b), afirmam que os idosos, apesar de apresentarem limitações funcionais, são capazes de adaptar suas rotinas e atividades para manter a interação com o ambiente e a comunidade,



por meio de uma priorização de seus desejos e necessidades. Esta capacidade adaptativa dos idosos vai ao encontro do conceito de Envelhecimento Ativo da Organização Mundial da Saúde (OMS), no qual, os ambientes construídos devem ser planejados para atender as necessidades e demandas dos idosos, mas os idosos também devem ser capazes de se adaptarem aos ambientes (OMS, 2002).

Portanto, depois dos Modelos Ecológicos e de Congruência, os estudos nessa área derivaram para o Modelo de Ajuste das Relações Pessoa-Ambiente (*person-environment fit*). Neste modelo, o nível de competência em certos domínios é congruente ao nível de pressão ambiental. A congruência representa uma condição de risco à competência ou uma condição de estímulo a proatividade em frente às restrições (pressões) ambientais (BATISTONI, 2014; WAHL, 2006).

Tais questões ganham um significado importante, principalmente em função de pesquisas apontarem para o desejo de idosos em “envelhecer no lugar”, termo utilizado para indicar a preferência pela manutenção do local de moradia e continuidade do papel social na comunidade em que estão inseridos, ao invés de realizarem mudanças para a casa de familiares ou instituições asilares (OMS, 2007; ZEITLER *et al.*, 2012). Tais mudanças provocariam alterações na interação pessoa-ambiente condicionadas a um complexo processo adaptativo que pode ter um resultado não necessariamente positivo (BATISTONI, 2014).

Para Batistoni (2014), a estrutura conceitual dos novos modelos de interação entre pessoa e ambiente, dentro da Gerontologia Ambiental, trabalha com dois constructos importantes para o Envelhecimento Ativo: o pertencimento e a agência. O pertencimento trata do campo da experiência no ajuste pessoa-ambiente (*person-environment fit*) envolvendo avaliações cognitivas, emocionais e representações mentais dos ambientes. A agência se refere ao campo dos comportamentos, cognições ou práticas sociais, sendo um exercício de controle sobre o ambiente e gerenciamento das demandas e pressões ambientais resultando, ou não, em proatividade e ajuste (BATISTONI, 2014).

Wahl e Oswald (2010) defendem que a Gerontologia Ambiental considerou por muito tempo o pertencimento e a agência separados, entretanto, a integração entre ambos auxilia no entendimento dos processos comportamentais, cognitivos e emocionais envolvidos nos processos adaptativos ao longo da vida e, frente as reduções de capacidade funcional na velhice. Os resultados da interação entre

pertencimento e agência são representados por respostas de autonomia e identidade que se relacionam à qualidade de vida e o bem-estar. Assim, o processo de envelhecimento envolve a capacidade dos indivíduos de se manterem independentes tanto quanto possível, o que promove um senso de autonomia e de manutenção de sua integridade, ligadas à manutenção de sua identidade enquanto membro de uma determinada comunidade (BATISTONI, 2014).

Desse modo, existe um consenso de que o curso de vida e o processo de envelhecimento são influenciados pelo ambiente físico, social e cultural no qual, o indivíduo vive (BATISTONI, 2014; CVITKOVICH; WISTER, 2001b; PHILLIPS *et al.*, 2010; SATARIANO, 2006; TOMASINI, 2005; WAHL, 2006; WAHL; OSWALD, 2010). Contudo, segundo Wahl (2006), ainda não é possível confirmar o nível desta influência, nem de que maneira ocorre exatamente a interação entre os idosos e os seus ambientes físicos-sociais. Portanto, o desafio está em compreender: a) como os indivíduos gerenciam oportunidades e restrições das condições ambientais, físicas e sociais; b) como ocorrem as interações entre idosos e os ambientes; e c) como ocorrem as transações pessoa-ambiente nos diferentes cursos (normal, patológico ou bem-sucedido) e as respostas (bem-estar, autonomia, identidade, saúde física e mental) em termos de envelhecimento (WAHL; OSWALD, 2010).

### 2.3 O CONCEITO DE ENVELHECIMENTO ATIVO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE

A satisfação dos idosos com os seus ambientes físicos e sociais e a garantia de um envelhecimento bem-sucedido, estão conectados com a concepção de Envelhecimento Ativo. Tal conceito trata da possibilidade de o idoso continuar fazendo uso dos espaços urbanos, enquanto desempenha um papel social ativo em sua comunidade, ao mesmo tempo que o ambiente físico e social oferece proteção, segurança e assistência quando necessitarem (OMS, 2002). A esse ideal é atrelado o conceito de envelhecer no lugar que se demonstra importante em razão do significado que as pessoas atribuem aos locais de moradia e aos vizinhos, com os quais criam vínculos fortes, desejando permanecer nesse local (BOECK; MOXLEY; WATCHER, 2013; BURTON; MITCHELL; STRIDE, 2011; OMS, 2002; VAN DEN BERG *et al.*, 2015).

Tal posicionamento garante que aqueles que possuem limitações possam continuar contribuintes de sua comunidade. Assim, o objetivo principal do Envelhecimento Ativo é a manutenção da autonomia e independência na velhice, associado ao bem-estar e a qualidade de vida (ALVINO, 2015; OMS, 2002). A autonomia significa a habilidade de um indivíduo em controlar e tomar decisões acerca de sua vida. A independência é compreendida como a habilidade de realizar atividades cotidianas sem auxílio externo. Enquanto a qualidade de vida trata da percepção do indivíduo quanto ao seu papel social e a possibilidade de alcançar seus objetivos, expectativas e solucionar suas preocupações. Questões que envolvem tanto a saúde física e psicológica, como o nível de independência, as relações sociais, crenças pessoais e a possibilidade de continuar interagindo em um ambiente que ofereça suporte às suas necessidades e demandas (OMS, 2002).

A satisfação dos idosos com seus ambientes físicos e sociais dá-se em duas dimensões: a eudaimônica que envolve a felicidade e valorização dos potenciais do indivíduo e, a hedônica que se relaciona a um “estado mental positivo”. Ambas as dimensões, estão ligadas ao cotidiano e às percepções do ambiente físico e social, trazendo a satisfação como um resultado das interações entre pessoa e ambiente. A primeira dimensão, estaria presente nas atividades cotidianas e no estilo de vida, baseada nos comportamentos das pessoas e nas suas interações sociais. A segunda está ligada às emoções positivas que se relacionam a conexão aos lugares, a estética e as experiências no ambiente (BRUNELLI, 2015).

Portanto, o Envelhecimento Ativo está ligado à interrelação de determinantes, tais como: padrão socioeconômico, características pessoais, comportamentos e atitudes; ainda, pelas condições de saúde e do ambiente físico, todos influenciados pela cultura local. Em suma, o que se ressalta são as alterações orgânicas relacionadas ao envelhecimento que têm repercussões comportamentais e psicológicas relevantes nas pessoas idosas. O envelhecimento do corpo passa a ser um determinante dos comportamentos e atitudes, podendo levar a um processo de subordinação ou não. Assim, a dependência comportamental geralmente surge a partir das limitações de capacidade funcional. Essa necessidade de auxílio é um dos fatores mais temidos pelos idosos por significar o comprometimento de sua autonomia e independência. Contudo, as necessidades psicológicas e sociais não mudam. Portanto, um envelhecer bem-sucedido não significa apenas a ausência de

enfermidades, mas a manutenção da autonomia e funcionalidade (ALVINO, 2015; BOECK; MOXLEY; WATCHER, 2013; OMS, 2002).

Adicionalmente, os aspectos sociais e estereótipos da velhice repercutem no cotidiano estando ligados aos quadros depreciadores do idoso, que criam uma barreira psicológica ao seu bem-estar se não erradicados. Durante a década de 1960, foi criado na França o termo “terceira idade” que se tornou consagrado em diversos países em razão da universalização dos sistemas de aposentadoria, sendo atualmente utilizado para designar a fase de transição da vida adulta para o envelhecimento. Contudo, ele é muitas vezes utilizado para mascarar realidades indesejadas, se transformando em uma forma de exclusão dos idosos dos grupos “economicamente ativos”. Inclusive, abrindo espaço para uma segregação dentro do próprio grupo de idosos, entre aqueles mais independentes dos que necessitariam de certa assistência em função de uma idade avançada, considerados “quarta idade” (ALVINO, 2015; LAWS, 1993).

Uma pesquisa realizada por Neri (2007 *apud* ALVINO, 2015), intitulada “Idosos no Brasil”, revela que age em um estado inconsciente, um “preconceito com idosos”, utilizando termos como: velhinho, vovozinho, tia, idade legal, maior idade, entre outros, para mascarar uma rejeição a velhice. Hillier e Barrow (2011) afirmam que estereótipos negativos são parte de um processo cultural iniciado na infância, com capacidade de repercussões na qualidade de vida. Quando o idoso passa a se identificar com tais estereótipos, modifica seu comportamento e avaliação positiva de si próprio, apresentando depressão e outras enfermidades.

O preconceito se apresentaria, principalmente, sob duas formas: relacionada à biomedicalização do envelhecimento, no qual as restrições físicas são tratadas apenas como biológicas, e não sociais e comportamentais. Ou seja, a velhice é vista como um período de deterioração física, na qual os avanços da medicina servem para retardar o processo de envelhecimento. A outra, seria o estereótipo negativo ligado à compaixão, no qual os idosos seriam retratados como pessoas em situação vulnerável (econômica, social e psicológica) inspirando ajuda e cuidados. Por mais que tal visão pareça inofensiva, evoca a imagem de pessoas doentes e sensíveis, dignas de pena (HILLIER; BARROW, 2011). Estereótipos negativos impedem o potencial dos idosos, impedindo que sejam vistos como membros ativos e sucedidos de sua comunidade tanto que Giddens (2008) afirma:

existem muitos estereótipos falsos sobre os idosos, tal como em outros tipos de discriminação. Por exemplo, julga-se frequentemente que a maioria das pessoas com mais de sessenta e cinco anos está em hospitais ou em lares, ou que uma proporção elevada dessas pessoas é senil, ou até que os trabalhadores mais velhos são menos competentes do que os mais novos. Todas estas crenças são errôneas. A produtividade e a assiduidade dos trabalhadores com mais de sessenta e cinco anos são superiores em média às dos grupos etários mais novos. Noventa e cinco por cento das pessoas com mais de sessenta e cinco anos vive em residências particulares, e apenas cerca de 7% dos que têm entre 65 e 85 anos apresentam sintomas pronunciados de senilidade (GIDDENS, 2008, p.168).

Portanto, mesmo com a queda da renda a partir da aposentadoria e dos gastos com remédios e atendimento médico, a população idosa movimenta a economia continuamente, sendo em alguns casos a única fonte de renda dos domicílios (OLIVEIRA, 2008). Inclusive, existem idosos que necessitam manter uma ocupação em razão dos valores de aposentadoria não serem suficientes à sobrevivência. Além do fator necessidade, muitos idosos se recusam a parar de trabalhar em função da vontade de continuar a exercer atividades que estão acostumados. Dentre as vantagens da presença de idosos no mercado de trabalho, estariam a sua experiência e capacidade de amenizar conflitos (GOMES; MENEZES, 2017).

Contudo, existem complicações para a manutenção do emprego pelos idosos. Em parte, estes problemas estariam relacionados a visão dos idosos como menos produtivos e mais caros, fazendo que muitos tenham que recorrer ao mercado informal (GOMES; MENEZES, 2017). Para D'Alencar e Veiga (2006) esta desvalorização em razão da aposentadoria, e, portanto, do fim do dito “período economicamente ativo” não se demonstra razoável em razão deste tempo livre (ou do não trabalho) vir se demonstrando como uma atividade que teria muito a crescer em termos econômicos uma vez que representa um período de consumo (D'ALENCAR; VEIGA, 2006).

No Brasil, os idosos injetariam na economia cerca de R\$12,2 bilhões por mês, cerca de R\$150 bilhões ao ano. Somente os seus gastos com o cartão de crédito, teriam representado 10,7% das compras feitas no país em 2005, somando R\$ 13,6 bilhões. Adicionalmente, as suas transações médias seriam de R\$ 103,00 contra a média de R\$ 79,00 dos grupos mais novos. Ainda, o seu rendimento médio seria de R\$ 778,00 contra R\$ 724,00 do grupo entre os 18 e 39 anos de idade, representando uma maior capacidade financeira (GAZETA MERCANTIL, 2006). O maior poder de compra reflete uma mudança cultural importante, na qual idosos efetuam suas compras e acompanham novidades do mercado (OLIVEIRA, 2008).

O envelhecimento deixa de ser visto como um estado patológico para um estado ativo e positivo. Um período de vida produtivo, no qual as pessoas têm a oportunidade de expandir seu desenvolvimento, se engajar em novas atividades e desafios (ALVINO, 2015; BOECK; MOXLEY; WATCHER, 2013; DIAS; SILVA; VITORINO, 2009; OMS, 2002). Adicionalmente, para que o envelhecimento seja bem-sucedido existe a necessidade de contatos sociais e a presença de um espaço urbano de qualidade que garanta:

um aumento das oportunidades para escolhas pessoais; encorajamento da independência pessoal; reforço do nível pessoal de competência; a compensação das mudanças sensoriais de percepção; o reconhecimento da redução da mobilidade física; a melhoria da compreensão e orientação; o encorajamento da interação social; o estímulo à participação; a privacidade individual; a redução de distrações e conflito; a promoção de um ambiente seguro; a melhoria da imagem pública; a promoção de espaços ao ar livre funcionais e acessíveis e; o planejamento para crescimento e mudança (O'CONNOR, 2007, p.42).

Com base no que foi apresentado, o envelhecimento ativo é dependente de um ambiente físico e social que garanta qualidade de vida e o envelhecimento no lugar. Tal posição permite a manutenção da conexão com lugar e pessoas, não obrigando idosos a se mudar e passar por um processo de adaptação e desvinculamento de parte de sua identidade. Ainda, permite a eles a continuidade de uso, participação e interação social em sua comunidade, em um espaço urbano que ofereça oportunidades para que isso aconteça, mesmo que o idoso apresente limitações. A manutenção dessa interação entre idosos e ambiente está ligada a segurança para o uso do ambiente construído.

### **2.3.1 A segurança em relação a acidentes como condicionante da interação entre idoso e ambiente**

Acidentes são eventos não intencionais e evitáveis em ambiente doméstico ou social que causam lesões físicas e emocionais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Segundo dados do Sistema de Vigilância e Acidentes (VIVA), baseado em informações de emergências selecionadas do Sistema Único de Saúde (SUS), os tipos de acidentes frequentemente registrados são aqueles que envolvem quedas e acidentes de trânsito. Exemplificam tal situação, os dados referentes ao ano de 2011,

onde foram registrados 42.958 atendimentos, sendo que destes 34,1% eram acidentes por quedas, 29% acidentes de transporte, seguidos por 2,1% de acidentes por queimaduras (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Os idosos são aqueles que apresentam maior tendência a sofrer acidentes, independentemente do gênero (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Coulibaly (2010) reforça tal afirmação ao indicar que 30% dos idosos que moram em condomínios sofrem com um evento de queda ao ano, sendo que metade deles tendem a repetir o evento. Segundo Avineri, Shinar e Susilo (2012) as quedas representam a terceira maior causa de mortes entre idosos nos Estados Unidos. Enquanto representam a sexta principal causa de mortes no Brasil (FONSECA, 2016).

O índice de mortalidade por quedas nos EUA, aumentaria principalmente após os 70 anos de idade, tendo como principais vítimas os homens. Adicionalmente, dos idosos que sofrem quedas a cada ano, entre 5% até 10% apresentariam lesões severas como fraturas, traumatismo craniano e lacerações sérias que reduzem a mobilidade e a autonomia, ampliando as chances de morte prematura. Tanto que cerca de metade dos idosos hospitalizados por fratura no quadril não recuperou a sua mobilidade prévia (COULIBALY, 2010).

Outro agravante dos episódios de quedas em idosos é o desenvolvimento em alguns casos da ptofobia (medo de cair) (AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; COULIBALY, 2010). Este medo, envolve componentes físicos, psicológicos e funcionais, associados às baixas condições de saúde e ao declínio funcional do idoso. Quando desenvolvida, provoca a possibilidade de redução da atividade física, gerando menor balanço e equilíbrio corporal e a ampliação do risco de novas ocorrências. Também, modifica o comportamento, uma vez que, o idoso cria o hábito de caminhar prestando atenção aos pés ao invés do ambiente por onde circula, ampliando as chances de atropelamento (AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; OMS, 2007b). Logo, problemas de mobilidade resultam no sentimento de inutilidade e isolamento social, responsáveis por problemas psicológicos como a depressão. Estudos relacionados a quedas indicam que elas seriam responsáveis por 40% da necessidade de institucionalização de idosos (FREITAS *et al.*, 2015; OMS, 2007b; VIANA, 2010).

Em relação ao local onde as quedas ocorrem, estudos corroboram dados do VIVA que apontam para uma incidência maior de casos no domicílio (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). No estudo de Freitas *et al.* (2015) foi indicado que apenas 20%

dos casos teriam ocorrido nos espaços urbanos. Resultado similar ao estudo de Rodrigues, Fraga e Barros (2014) em que 64% dos casos de queda ocorreram no domicílio e 26% na rua. Para Jahana e Diogo (2007), 41,1% dos casos teriam tido ocorrência no ambiente interno domiciliar, 30,2% no ambiente externo da moradia e 19,2% na rua ou calçada. Apesar do número reduzido de casos nos espaços urbanos, calçadas irregulares, barreiras físicas, superfícies escorregadias e iluminação inadequada são consideradas igualmente perigosas (OMS, 2007).

Além disso, um fato que não pode ser desconsiderado é que a baixa ocorrência de quedas nos espaços urbanos pode indicar restrições de seu uso pelos idosos. A redução do uso do ambiente construído é uma razão apontada por Lee, Zegras e Ben-Joseph (2013), para as baixas taxas de acidentes de trânsito envolvendo idosos enquanto motoristas nos Estados Unidos. O que estaria de acordo com o estudo também norte-americano de Bromberg *et al.* (2012), que afirma que enquanto motoristas, idosos teriam pouca participação em acidentes por evitarem ruas de tráfego intenso e dirigirem devagar para compensar deficiências relacionadas à redução visual, cognitiva e habilidade motora. Os dados nacionais do VIVA apresentam dados similares já que haveria uma maior incidência de acidentes de trânsito com o grupo etário de 20 a 39 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Contudo, mesmo que idosos, enquanto motoristas, tenham pouca participação em acidentes, costumam ser vítimas frequentes de atropelamento. Estatísticas francesas demonstram que mais da metade dos pedestres mortos por atropelamento no ano de 2010 eram idosos (OSNIR, 2011 *apud* DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013). Adicionalmente, dados da Seguradora Líder, responsável pelo DPVAT (Seguro de danos pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres) registraram um aumento de 33% no número de indenizações pagas à idosos como vítimas entre os anos de 2008 e 2012. Do total de acidentes em 2012, 50% envolveram automóveis, sendo em 63% dos casos o idoso vítima de atropelamento. Nestes casos, observa-se um aumento de 40% no número de óbitos e 28% naqueles de invalidez permanente (SEGURADORA LÍDER, 2014).

Possíveis razões que levariam os idosos a serem vítimas em acidentes são: a sua velocidade de caminhada; desrespeito à sinalização semafórica de pedestres e condutores (idosos ou não); travessia de ruas fora das faixas de pedestres; aumento da velocidade veicular em ruas com múltiplas pistas; redução da visibilidade da pista



de rolamento ou da passagem de pedestres em frente aos transportes coletivos; e a dificuldade de visualização da sinalização semafórica pelos idosos (AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; CET/SP, 2011; DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004). Portanto, mesmo que os idosos não sejam o grupo mais propenso na realidade nacional a provocarem acidentes de trânsito, são geralmente vítimas de atropelamentos, quedas e outros acidentes. Tais ocorrências devido ao aumento da fragilidade física podem ocasionar ferimentos graves e levar ao óbito (AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013; LOBJOIS; CAVALLO, 2011).

Logo, a ausência de qualidade das infraestruturas urbanas afetaria a mobilidade dos idosos e o próprio uso dos espaços abertos públicos, tendo impacto não apenas em sua segurança, mas também em sua percepção de segurança em relação à acidentes. No entanto, as condições dos idosos também têm impacto nessa relação por não se tratar de um grupo homogêneo. Fato que justifica a necessidade de um maior conhecimento acerca das características pessoais e dos espaços urbanos que impactam na mobilidade e no uso dos espaços urbanos dos diferentes grupos de idosos.

### **2.3.2 A segurança em relação a crimes como condicionante da interação entre idoso e ambiente**

Estudos acerca de ocorrências criminais classificam idosos, mulheres, crianças e adolescentes como a parcela da população mais vulnerável a crimes. Contudo, os idosos seriam considerados notadamente vulneráveis em razão de uma maior fragilidade física e psicológica (COELHO, 2010; McCOY *et al.*, 1996; KOPTTIKE; BASSANI, 2014). Segundo Kopttike e Bassani (2014), uma parcela significativa de idosos sofre com violências dentro do próprio ambiente domiciliar ou em instituições asilares. No entanto, ainda não existe no Brasil, um monitoramento estatístico da violência contra o idoso, sendo mais comumente utilizado o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde e as ocorrências criminais fornecidas pela Delegacia de Proteção ao Idoso da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos (KOPTTIKE; BASSANI, 2014).

De acordo com os dados da Secretaria de Direitos Humanos presentes no estudo de Kopttike e Bassani (2014), durante o ano de 2011 a 2013, foram registradas 70.748 denúncias de violência contra pessoas de 60 anos ou mais. Nestes anos, ocorreu aumento no número de casos em torno de 374% em todo o Brasil e, 484,4% no estado do Rio Grande do Sul, que subiu de 22º para o 19º lugar no ranking de estados com maior número de denúncias de violência contra o idoso. Das violências praticadas, a mais relevante é a negligência, seguida da violência psicológica (Tabela 2) (KOPTTIKE; BASSANI, 2014).

**Tabela 2:** Ocorrências criminais contra o idoso

<b>Tipo de ocorrência criminal</b>	<b>Porcentagem brasileira</b>	<b>Porcentagem no Rio Grande do Sul</b>
Negligência	36,8% (29.426)	37,3% (1.871)
Violência psicológica	27,3% (21.832)	26,7% (1.341)
Violência patrimonial	21% (16.796)	20% (1.007)
Violência física	13,5% (10.803)	14,6% (736)
Outros	1,36% (1.092)	1,17% (59)

Fonte: adaptado pela autora de KOPTTIKE; BASSANI (2014).

Desta maneira, as ocorrências criminais como roubos e furtos no espaço urbano não se demonstram significativos em dados (presentes na Tabela 02 como outros), porém a percepção de insegurança de idosos em relação a estes crimes em estudos é tida como responsável pela redução da sua participação em atividades comunitária e interação social (DORNELES, 2006; JOSEPH; ZIMRING, 2007; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). Inclusive, estudos indicam que a percepção de insegurança dos idosos é maior do que a de jovens (DORNELES, 2006; JOSEPH; ZIMRING, 2007; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). Um estudo em 59 cidades gaúchas constatou que a insegurança foi considerada o maior impeditivo para idosos saírem de casa, mesmo não havendo diferença nas taxas criminais sofridas por cada grupo etário (NAVARRO *et al.*, 2015).

No entanto, outros estudos evidenciam os idosos de 60 a 69 anos como mais temerosos em relação a crimes do que os aqueles de mais idade (BURTON-SMITH; STURGIS *in* ABDULLAH *et al.*, 2013). Segundo Kahana *et al.* (2003) a percepção de insegurança quanto a crimes dependeria, portanto, de características pessoais, da experiência de vitimização e exposição a crises durante a vida.

Adicionalmente, estudos revelam características dos espaços urbanos que estariam relacionadas diretamente a esta percepção de insegurança, como exemplo, os níveis de manutenção e limpeza dos espaços urbanos (ABDULLAH *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUIMAN, 2011; MARCUS *et al.*, 1998). Neste sentido, a

compreensão das características físicas dos ambientes que impactam na percepção e na segurança é um componente fundamental para compreender a dinâmica de uso, interação social e mobilidade dos idosos pelos espaços abertos públicos.

## 2.4 VARIÁVEIS COMPOSICIONAIS

A interação dos idosos com o ambiente depende tanto de características dos indivíduos como daquelas dos ambientes físicos e sociais nos quais eles estão inseridos (BATISTONI, 2014; CVITKOVICH; WISTER, 2001b; WAHL; OSWALD, 2010). Em razão da necessidade de investigar contradições e lacunas existentes nos estudos acerca desta interação, são apresentadas e justificadas as variáveis composicionais, relacionadas aos nível socioeconômico e à idade.

### 2.4.1 Nível socioeconômico

As percepções, expectativas e avaliações acerca dos espaços urbanos variam de acordo com o estilo de vida, nível socioeconômico e cultura dos indivíduos (LANG, 1987; NASAR, 1994). O estilo de vida se trata do conjunto de regras que pessoas adotam e que influenciam diretamente no seu comportamento em determinados ambientes, gerando padrões afilivos entre pessoas com comportamentos e atitudes similares. Tais padrões estão relacionados à identidade de um grupo, ou seja, indivíduos se reconhecem como membros de uma comunidade com a qual repartem valores e memórias comuns (TALEN, 1999). Determinados símbolos e sinais e o comportamento dos indivíduos, permitem que haja o reconhecimento desta identidade como uma comunidade, inclusive por pessoas não residentes naquele espaço (MOORER; SUURMEIJER, 2001).

Para Rapoport (1978), o estilo de vida é uma variável importante na organização da cidade ao estabelecer as relações entre pessoas com diferentes religiões, classes sociais, raças, origens e, ao refletir as culturas e subculturas da cidade, sendo dependente de um ambiente construído adequado às necessidades dos indivíduos. O estudo do nível socioeconômico é útil para a análise das atitudes e comportamentos dos usuários em seus ambientes, uma vez que o sistema de atividades associado ao estilo de vida, reforça a relação entre um lugar, as atividades

desenvolvidas nele, bem como as atividades relacionadas a um grupo específico de pessoas que repartem as mesmas origens culturais, símbolos, valores, ideias etc. (GAMBIM, 2007; RECKZIEGEL, 2009).

Dentro de uma população que se reconhece como pertencente a uma mesma cultura há uma homogeneização de classes compostas por integrantes com valores, interesses e comportamentos similares. Assim, a classe social não seria apenas um reflexo da renda, mas também um indicador da ocupação, grau de instrução e área de residência. O padrão socioeconômico afetaria escolhas, sendo dependente da natureza e recursos para aquisição de um bem desejado (RAPOPORT, 1978).

Adicionalmente, afeta as relações com o ambiente físico. Estudos indicam que os indivíduos de menor renda (provável menor escolaridade) tenderiam a sofrer com piores condições de moradia e saúde, gerando um aumento do seu estresse psicológico, o que influenciaria na sua satisfação com a moradia e com o bairro, na mobilidade, na vontade de participar de atividades e interagir socialmente, reduzindo a conexão com o espaço e os vizinhos (DUJARDIN; LORANT; THOMAS, 2014; KAHANA *et al.*, 2003; RAMOS, 2003; SARKAR; GALLACHER; WEBSTER, 2013).

Ao encontro destas afirmações, há indicação de que idosos com melhores níveis socioeconômicos, por sofrerem menos privações, tenderiam a interagir mais socialmente, participar ativamente da comunidade, aumentando a sua conexão com o lugar e os laços de amizade com vizinhos (CHEN; CHEN, 2012; WANG; LEE, 2010; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMAN, 2011). Inclusive, seriam mais independentes tanto para realizar atividades como para se deslocar pelo espaço urbano, necessitando de menor suporte da família (CHEN; CHEN, 2012). Entretanto, estudos também indicam situação inversa para os quais a rede de suporte criada entre vizinhos em grupos étnicos ou de baixa renda para combater dificuldades enfrentadas em contextos com menor qualidade do espaço urbano aumentariam a conexão com o lugar (FADDA *et al.*, 2010; ROLLERO; DE PICCOLI, 2010).

Ainda, um estudo com idosos na Índia, Brasil e Reino Unido revelou que mesmo idosos vivendo em comunidades nas quais as características físico-espaciais não eram amigáveis aos idosos, estes ainda mantinham conexão com o lugar em razão da conexão com a comunidade existente no local e com a sua residência (WOOLRYCH *et al.*, 2020). Com base nessas contradições encontradas e outras que serão demonstradas em conjunto com as variáveis contextuais, o efeito das

características físico-espaciais dos bairros no nível de conexão com o lugar, interação social e mobilidade dos idosos será investigado a partir da análise dos locais de moradia com realidades socioeconômicas distintas.

#### **2.4.2 Idade**

A faixa etária dos indivíduos modifica a sua forma de utilizar o espaço, uma vez que as suas necessidades, tempo disponível e preferências seriam diferenciadas pela etapa do ciclo de vida em que se encontram (BASSO, 2001). Ainda, tratando especificamente dos idosos, diferenças em seus níveis de capacidade funcional (Quadro 2 do Capítulo 2 - item 2.1), permitem a sua divisão em grupos distintos de menor para maior dependência para realizar atividades cotidianas (CUNHA; COSTA, 2011; DOLINAR, 2008; MIRANDOLA; BÓS, 2015).

Segundo Camarano (2002) a divisão mais comum em função destes níveis de dependência são dois grupos distintos: os “jovens idosos” de 60 a 79 anos e os “muito idosos” de 80 anos ou mais. Contudo, outras pesquisas demonstram divisões ainda mais específicas. O IBGE (2015) separa a declaração de idosos com limitação funcional em três grupos iguais aos de Cartens (1998) (item 2.1 do Capítulo 2). Apesar da importância em separar os idosos em grupos distintos, parte das pesquisas encontradas tratam os idosos como um grupo único, havendo lacunas no conhecimento acerca de como as diferenças resultantes do processo de envelhecimento afeta os comportamentos e atitudes dos idosos durante a sua interação com o ambiente. Dentre os resultados encontrados em estudos que fazem essa distinção, uma pesquisa menciona diferenças na conexão com o lugar entre grupos de idosos de 75 anos ou mais, daqueles mais novos (ROWLES, 1983).

Um estudo francês com idosos entre 75 e 83 anos revela que quanto mais avançada a idade menor seriam as interações sociais fora da residência, sendo a principal atividade realizada por esses idosos receber parentes (RIOUX, 2005). Ainda, pesquisas mencionam diferenças relativas aos meios de transporte preferencialmente utilizados, frequências e distâncias (FÖBKER; GROTZ, 2006; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2005; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011) contudo existem contradições acerca dessas informações. Bem como, a maioria dos estudos com essas diferenças entre os grupos etários são em realidades estrangeiras,

onde características físico-espaciais e culturais podem não refletir a realidade brasileira.

Com base nessas lacunas e contradições encontradas na literatura, o efeito das características físico-espaciais dos locais de moradia no nível de conexão com o lugar, interação social e mobilidade de idosos será investigado a partir da análise de faixas etárias distintas. Ao se considerar as diferenças na capacidade funcional que tendem a modificar o comportamento, necessidades e demandas em relação aos espaços urbanos, a divisão de Carstens (1998) parece ser a mais adequada a ser utilizada. No entanto, como a tradução livre das nomenclaturas podem se tornar confusas dentro do texto, nesta pesquisa é adotada a divisão dos idosos em grupos: “Faixa 1” para denominar os idosos de 60 a 69 anos, “Faixa 2” para denominar aqueles de 70 a 79 anos e “Faixa 3” para aqueles de 80 anos ou mais.

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse capítulo apresentou o conceito de idoso e o processo de envelhecimento, as teorias relacionadas a interação entre idoso e ambiente, o conceito de envelhecimento ativo e sua importância para a interação entre pessoa e ambiente, as variáveis composicionais e suas devidas justificativas. No próximo capítulo serão apresentadas as variáveis contextuais relacionadas aos três objetivos gerais da pesquisa e aos seus desdobramentos.

### 3 CARACTERÍSTICAS CONTEXTUAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSO E AMBIENTE

Esse capítulo trata das características contextuais que envolvem a interação entre idoso e ambiente, sendo apresentado o conceito e importância da conexão com o lugar, interação social e mobilidade, bem como, as variáveis de cada um e suas devidas justificativas.

#### 3.1 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO COM O LUGAR

Segundo alguns autores (por ex.: LEWICKA, 2011; WILLIAMSON, 2007) não existe uma definição amplamente aceita do que significa a conexão com o lugar (no inglês, “*place attachment*”). As contradições acerca deste conceito, envolvem sua associação ou não, especificamente, ao sentimento de pertencimento, o senso de comunidade, a identidade e o sentido de lugar (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; ROLLERO; DE PICCOLI, 2010; TALEN, 1999; TWIGGER-ROSS; UZZELL, 1996). Contudo, o conceito mais aceito é que a conexão com o lugar trata do vínculo afetivo, cognitivo e comportamental criado a partir da satisfação com determinado ambiente social e físico, gerando a vontade de permanecer neste local (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; LEWICKA, 2010; MANZO *et al.*, 2014; TALEN, 1999).

Enquanto o sentimento de pertencimento trata da identificação de um indivíduo como membro de uma comunidade com a qual reparte valores e/ou memórias e comum (BUTCHER; BREHENY, 2016; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; PRIETO-FLORES *et al.*, 2011). O senso de comunidade se refere a identificação de um grupo de pessoas como uma comunidade, na qual cada um é livre para opinar e ter influência sobre os acontecimentos comuns a todos (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; PENDOLA; GEN, 2008; TALEN, 1999). A identidade trata da ligação psicológica construída com um local ao longo dos anos, tornando esse espaço parte integrante da identidade pessoal do indivíduo (ROLLERO; DE PICCOLI, 2010). O sentido de lugar envolve: os contatos sociais no território (vizinhança); as memórias (positivas ou negativas) vinculadas ao lugar; e, os atributos e estímulos oferecidos pelo ambiente (BUTCHER; BREHENY, 2016; LEWICKA, 2011; TWIGGER-ROSS; UZZELL, 1996).

Apesar da importância desses constructos vinculados à conexão com o lugar, apenas nela a avaliação das características físico-espaciais são objetivas, ou seja, não estão ligadas ao processo de cognição, e, portanto, possuem caráter universal. Nesse trabalho será tratado especificamente dessa análise objetiva, embora, seja levado em consideração possíveis ligações entre as razões para a conexão com o lugar que possam ser explicadas por tais constructos. Notadamente, em razão da importância da conexão com o lugar e dos constructos vinculados à ela para a ampliação da sensação de conforto e confiança do indivíduo durante o uso do espaço urbano, bem como, das ligações afetivas entre pessoas e/ou entre pessoas e ambiente (ROLLER; DE PICCOLI, 2010).

A conexão com o lugar é utilizada para o planejamento e incentivo ao uso do ambiente construído, ao mesmo tempo que, explica razões para pessoas passarem por estresse emocional ao serem forçadas a se realocarem de seu bairro ou casa. Ainda, explica motivos para pessoas desejarem permanecer morando em locais que estejam passando por situações extremas, como zonas de guerra (SCANNELL; GIFFORD, 2010). A conexão com o lugar seria medida através de dois indicadores distintos: o nível de satisfação e o desejo de continuar morando no lugar (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; BUTCHER; BREHENY, 2016).

O conceito de satisfação pode ser definido como uma resposta emocional aos atributos ambientais percebidos, tratando-se de um julgamento em relação à percepção da diferença entre o ambiente real e as aspirações do indivíduo (DIENER, 1994 *apud* YAN *et al.*, 2014; REIS, 1992). A satisfação estaria fortemente relacionada às reações emotivas dos usuários a um ambiente, se tornando um importante instrumento para a avaliação de seu desempenho (REIS, 1992).

Logo, a satisfação expressa pelo indivíduo com o ambiente é dependente da avaliação de uma série de atributos que este possui, ou seja, quanto maior o grau de satisfação do usuário, melhor é o desempenho ambiental do espaço (REIS; LAY, 1995). Neste sentido, o conceito de preferência é relacionado ao da satisfação do indivíduo com o ambiente, uma vez que, constituem indicativos para a avaliação da qualidade do espaço. Contudo, as preferências referem-se a algo a ser vivenciado, enquanto os níveis de satisfação ao que está sendo vivido (REIS; LAY, 1995).

Nesse sentido, a satisfação dos idosos é relacionada à avaliação que eles teriam de sua vida e de seus objetivos, aliados a habilidade de lidar com situações do



cotidiano, sendo derivada de uma relação complexa entre indivíduo e o ambiente social, natural e construído (FÖBKER; GROTZ, 2006; RIOUX; WERNER, 2011; YAN *et al.*, 2014). Estas relações quando positivas criam a conexão do indivíduo com o lugar e a vizinhança, podendo resultar posteriormente em sua identificação com o espaço e o desejo de continuar morando neste ambiente (BUTCHER; BREHENY, 2016; LEWICKA, 2011; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; WILLIAMSON, 2007).

Portanto, a conexão com o lugar é o resultado de processos de percepção e cognição baseados em fatores associados tanto às características do espaço (por exemplo: uso do solo) como pessoais (por exemplo: padrão socioeconômico) (BUTCHER; BREHENY, 2016; LEWICKA, 2011; MOJTAHEDI, 2013). Em relação ao tempo de moradia, estudos (por ex.: LEWICKA, 2011) a destacam como a principal variável ligada à conexão com o lugar, enquanto outras pesquisas (por ex.: YOKOHAMA, 2015) não há indicam como relevante.

Adicionalmente, para estudos a conexão com o lugar dos idosos relaciona-se ao ambiente de moradia, à manutenção da rotina e autonomia em espaços que permitam a continuidade de atividades essenciais, garantindo o envelhecimento ativo (CANTARERO; POTTER; LEACH, 2007; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; PRIETO-FLORES *et al.*, 2011; ROWLANDS, 1977 GILLEARD; HYDE; HIGGS, 2007). Portanto, o envelhecimento ativo não pode ser prejudicado pela falta de adaptação do ambiente construído às restrições físicas e cognitivas dos idosos, caso eles escolham permanecer em um local no qual suas atividades necessárias e/ou opcionais<sup>1</sup> precisam ser reduzidas e/ou adaptadas para apenas uma distância próxima de sua moradia (DAVEY, 2007; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; ZEITLER *et al.*, 2012).

A ausência de condições para realizar atividades necessárias e/ou opcionais, mesmo que apenas aquelas próxima da moradia, cria uma desvinculação comportamental da comunidade e espaço urbano, embora não se perca necessariamente o vínculo afetivo. Por outro lado, caso o idoso se veja obrigado a mudar para um local responsivo às suas necessidades (mais comumente o centro das cidades pela maior densidade que permite uma maior diversidade de opções de estabelecimentos de comércio e serviços), enquanto mantém a conexão com o lugar

---

<sup>1</sup> Segundo Gehl (2013) atividades necessárias são aquelas que as pessoas têm obrigatoriedade de realizar, tais como ir ao trabalho, esperar o ônibus etc. Enquanto as atividades opcionais seriam àquelas recreativas, realizadas de acordo com as preferências pessoais, tais como, sentar-se a apreciar a paisagem.

anterior, também se apresentam aspectos negativos ligados à falta de identidade do idoso com o novo espaço, portanto, a perda de suas referências pessoais. Uma situação que se agrava quando o novo local é uma instituição asilar, por estas representarem o fim da vida autônoma (LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011). No entanto, há casos no qual idosos relataram a preferência pela mudança para locais de melhor acessibilidade à serviços e transportes, significando que a autonomia para alguns é mais importante que a conexão com o lugar (LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013; ZEITLER *et al.*, 2012).

Outros estudos apontam para a influência de padrões socioeconômicos e das relações sociais para a conexão com o lugar (por ex.: BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; TWIGGER-ROSS; UZZEL, 1996) embora nesses não seja realizada uma análise específica relacionada ao público idoso. Por sua vez, outros teriam indicado a percepção de segurança em relação a crimes como uma possível variável que teria influência na conexão de idosos com o local (por ex.: ABDULLAH *et al.*, 2013; LEWICKA, 2010), contudo não fica claro as características físico-espaciais que estariam vinculadas à essa percepção de insegurança. Outras pesquisas relacionam a conexão com o lugar às características da residência (por ex.: NASAR, 1989).

Desse modo, existe a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca das características socioeconômicas e físico-espaciais que teriam impacto na conexão com o bairro e a residência de distintos grupos de idosos, especialmente no contexto das cidades médias brasileiras, a fim de verificar se as reais expectativas e necessidades de seus moradores idosos estão sendo atendidas.

### **3.1.1 Variáveis associadas à conexão com o lugar**

A literatura apresenta contradições e lacunas no que diz respeito as características físico-espaciais e socioeconômicas que influenciam na conexão dos distintos grupos de idosos com o bairro e a residência. Assim, com base nesses estudos, são consideradas nessa investigação: (i) o tempo de moradia no bairro e na residência; (ii) características físico-espaciais do bairro; e (iii) características físico-espaciais da residência.

### 3.1.1.1 Tempo de moradia no bairro e na residência

A “criação de raízes” é um termo utilizado para descrever a conexão com um lugar em função do tempo de permanência. Essas “raízes” significam as ligações construídas com um espaço, que unidas a noção de comunidade e cultura compartilhada definem uma identidade comunitária (GUSTAFSON, 2001). Segundo Lewicka (2011) o tempo de moradia seria uma variável constantemente encontrada na literatura como uma, senão a mais relevante, relacionada à conexão com o lugar. Portanto, a conexão com o lugar seria estabelecida apenas quando uma pessoa permanece residindo em um mesmo local por um longo período, após “criar raízes”. Em outras palavras, vive desde pequena ou sua família reside há várias gerações.

De acordo com Williamson (2007) a conexão com o lugar segue os estágios da vida humana. Durante a infância seriam criados os primeiros laços afetivos com o espaço, constituído do trajeto da moradia até à escola e/ou aos locais de brincadeiras. Na fase da adolescência seriam comuns o desapego e a vontade de explorar novos locais, embora estudantes universitários que fiquem um tempo longe de casa possam experimentar “saudades do lar”. Nos primeiros estágios da vida adulta, o indivíduo estaria preocupado em encontrar estabilidade financeira, podendo não criar conexões firmes com um espaço. No entanto, ao alcançar tal objetivo iniciaria a criar laços afetivos com o local onde reside. Portanto, o longo tempo de permanência, acompanhado da idade avançada, aumentaria a possibilidade de conexão com o local de moradia. Por essa razão, estudos defendem que quanto mais idoso, maior a tendência de possuir uma conexão e, principalmente, identificação com um espaço (CANTARERO; POTTER; LEACH, 2007; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; PRIETO-FLORES *et al.*, 2011).

Nesse sentido, mudanças de endereço interferem na conexão com o lugar ao dificultar a possibilidade de um indivíduo criar memórias e associações com pessoas e o espaço (WILLIAMSON, 2007). Estudos afirmam que a conexão com o lugar de idosos tenderiam a aumentar à medida em que aumenta o período que estes habitariam em determinado bairro ou cidade (CANTARERO; POTTER; LEACH, 2007; RIOUX, 2005). O longo tempo de convivência com os mesmos vizinhos levaria idosos a manter uma conexão com o bairro, mesmo que neste ocorram mudanças negativas (RIOUX, 2005). Entretanto, para um estudo californiano o longo tempo de

permanência em uma mesma cidade não amplia a conexão com o lugar de todas as pessoas incluídas no grupo considerado idosos (ROWLES, 1983).

Em uma cidade predominantemente idosa, na qual nenhum entrevistado morou em outro local, existia uma conexão com o lugar mais forte entre os idosos de 75 anos ou mais do que entre aqueles de menor idade. Os idosos de maior idade (identificados no capítulo 2 item 2.4.2 como segunda e terceira faixa etária) tinham um mapa mental da cidade estruturado em sua mente, conhecendo sua configuração espacial, localização dos serviços e das barreiras ambientais. Além do conhecimento das características da cidade, tinham papéis sociais constituídos dentro de sua comunidade. Quando questionados quanto à possibilidade de mudança, se recusavam pelo costume à rotina já estabelecida, os laços de amizade com outras pessoas da comunidade e os papéis sociais construídos ao longo dos anos. Entretanto, essas relações não se confirmaram entre os idosos de 60 a 69 anos (primeira faixa – Capítulo 2, item 2.4.2), que demonstraram vontade de se mudar caso suas condições financeiras permitissem (ROWLES, 1983).

Portanto, além dos estudos que revelam o tempo de moradia como uma variável relevante para a conexão com o lugar, existem àqueles que a consideram irrelevante. Para Gustafson (2001) a conexão com o lugar pode ser imediata, não sendo necessário longos anos de vivência, mesmo com mudanças de endereço seria possível manter vínculos com um lugar em razão da possibilidade de regresso. Dados de um estudo no Oeste Americano também não encontraram relação entre o tempo de moradia de residentes de um condomínio e a conexão com o lugar (BROWN; PERKINS; BROWN, 2003). Resultado corroborado por um estudo japonês no qual pessoas que teriam se mudado para um bairro em diferentes anos (1980, 2000 e 2015) teriam demonstrado os mesmos níveis de conexão com o lugar, apresentando diferenças apenas no nível de identidade com o bairro (YOKOHAMA, 2015). Inclusive, para Hernandez *et al.* (2007) a conexão com o lugar seria estabelecida durante os quatro primeiros anos de moradia, podendo sofrer reduções à medida em que o tempo passa e/ou que modificações no bairro ocorrem.

Portanto, verifica-se que na literatura existem contradições acerca dos efeitos do tempo de moradia para a conexão com o lugar. Além dessas contradições a maioria das pesquisas encontradas que tratam da relação do tempo de moradia e a conexão com o lugar de idosos não os dividem em diferentes faixas etárias. No estudo

(ROWLES, 1983) em que essas diferenças são exploradas há indicadores de que a percepção das características físico-espaciais e socioeconômicas seriam diferentes entre os idosos da primeira faixa etária para os demais. Tais diferenças parecem estar relacionadas a necessidades e demandas que se alterariam com o avançar da idade. Nesse sentido, é necessário investigar a relação entre o tempo de moradia e a conexão dos diferentes grupos de idosos com o bairro e a residência, principalmente no contexto nacional.

### 3.1.1.2 Características físico-espaciais do bairro

De acordo com estudos (por ex.: LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013; LIMA, 2011) características físico-espaciais, tais como o uso do solo e altura das edificações, estão relacionadas à intensidade das atividades existentes em um bairro ou vizinhança. Quando esses locais possuem diversidade de usos, com atividades especializadas a distâncias passíveis de serem percorridas a pé seriam mais atrativos ao convívio e a interação social das pessoas. A facilidade de acesso a estabelecimentos e serviços públicos e a locais de lazer geram satisfação com o bairro, e o desejo de permanecer, oportunizando a conexão com o lugar (AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010; BROWN; BROWN; PERKINS, 2004).

Enquanto a dificuldade para conseguir caminhar pelos espaços públicos ou de acessar o transporte público foram considerados em um estudo na Índia, Brasil e Reino Unido como uma barreira para que o idoso continuasse a se sentir como um integrante de sua comunidade, por mais que não perdesse a conexão emocional com o lugar (WOOLRYCH et al. 2020). Assim, a proximidade de comércio e serviços da moradia de idosos em Roma foram associados à sua satisfação com o bairro e a residência, sendo motivos para que eles desejassem permanecer no lugar (AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010). Dentre os locais com a existência desses serviços, os que melhor atendiam as necessidades dos idosos foram o núcleo central das cidades, onde foram encontradas as maiores relações de conexão com o lugar (LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013; LEWICKA, 2010). Em conformidade com esses estudos, uma pesquisa em condomínios para idosos no nordeste americano demonstrou que quanto mais próxima a residência do idoso do núcleo de atividades do condomínio, maior a sua conexão com o lugar (SUGIHARA; EVANS, 2000).

Por sua vez, parte de uma amostra de idosos em um estudo em Brisbane indicou a necessidade de mudança para o núcleo central da cidade caso restrições físicas e cognitivas limitassem a sua mobilidade pelos espaços urbanos, logo, seu apego ao local era menor que seu desejo por autonomia. Contudo, esse não foi um resultado unânime já que outra parte da amostra indicou que mesmo com a redução da mobilidade ainda teria preferência por continuar em sua comunidade, mesmo com a redução de acesso fácil a recursos (ZEITLER *et al.*, 2012). Para estudos, restrições físicas seriam mais comuns aos idosos de maior idade (segunda e terceira faixa etária – Capítulo 2, item 2.4.2), nesse sentido, não fica claro nesse estudo se as diferenças na preferência ocorrem em razão de cada faixa etária. Portanto, não fica claro se as diferenças podem estar relacionadas às diferentes demandas e necessidades que acompanhariam o processo de envelhecimento.

Outra característica ligada à conexão com o lugar foi a altura das edificações; um estudo em diferentes cidades polonesas revelou que edificações em altura que limitam a personalização e manutenção das áreas comuns pelos residentes apresentaram menor conexão com o lugar do que residências unifamiliares, as quais ainda permitiam maiores laços de amizade entre vizinhos (LEWICKA, 2010). Já uma revisão realizada por Gifford (2007) acerca da satisfação de residentes com edificações altas ou baixas, não torna conclusiva as preferências dos idosos. Em sua revisão enquanto algumas pesquisas apontam para a preferência de idosos por residir em bairros menos adensados, com predomínio de residências unifamiliares por nesses ambientes haver uma maior facilidade de interatividade social entre a comunidade. Outros mencionam a preferência pela moradia em edificações em altura por essas estarem em contextos urbanos mais densos que oferecem maior quantidade de estabelecimentos que atendem às suas necessidades. Além dessa contradição quanto à preferência não fica claro se essas diferenças poderiam se alterar em distintas faixas etárias ou padrões socioeconômicos.

Por outro lado, estudos relacionam a conexão com o lugar à percepção de segurança em relação a crimes (COELHO, 2010; KOPTTIKE; BASSANI, 2014; McCOY *et al.*, 1996). Portanto, bairros em que os residentes perceberam problemas na manutenção de moradias e do espaço público, e onde foram encontradas altas taxas criminais, foram àqueles em que a conexão dos moradores foi menor (ABDULLAH *et al.*, 2013; BROWN; PERKINS; BROWN, 2003; LEWICKA, 2010). Em

um estudo israelense, os moradores de duas vizinhanças distintas em padrão socioeconômico, mas ligadas territorialmente, passaram a ter conexão com o lugar e se sentirem seguros apenas quando uma delas foi murada (BILLIG; CHURCHMAN, 2003). Inclusive, a percepção de insegurança estaria associada a restrição de uso dos espaços urbanos pelos idosos (DORNELES, 2006; JOSEPH; ZIMRING, 2007; NAVARRO *et al.*, 2015; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). Em um estudo na Índia, Brasil e Reino Unido idosos também teriam mencionado desconforto em utilizar espaços públicos, principalmente à noite em razão da percepção de insegurança em relação a crimes, o que reduziria a sua sensação de “fazer parte da comunidade” (WOOLRYCH *et al.* 2020).

No entanto, apesar da percepção de insegurança em relação a crimes, e até evidências de redução da conexão com o lugar, também existem indicações que poucas pessoas efetivamente se mudariam de seus bairros por essa razão. Entre aquelas que se mudaram havia uma tendência em procurar residência em bairros popularmente conhecidos como seguros (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004). Ainda, quanto aos tipos de crimes que afetariam a conexão com o lugar, pessoas eram conectadas a bairros em que haveria maior risco de furto à moradia e roubos a pedestre do que àqueles em que haveria o risco de ocorrências de roubo de veículos (LEWICKA, 2010). Entretanto, apesar de estudos como o de Lewicka (2010) demonstrarem a ligação entre a percepção de segurança e a conexão com o lugar, ainda existem lacunas quanto às características físico-espaciais relacionadas a essa percepção de segurança ou insegurança por parte dos idosos.

Já para outros estudos há o reflexo do padrão socioeconômico no estabelecimento da conexão com o lugar. Para Twigger-ross e Uzzel (1996) a conexão com o lugar é dependente da manutenção de traços culturais comuns entre os moradores, das relações sociais pré-estabelecidas e da manutenção das principais características do bairro (por ex.: manutenção dos mesmos estabelecimentos comerciais). Estudos sobre os idosos revelam que aqueles de melhor padrão socioeconômico tenderiam a ser mais ativos em sua comunidade, tendo maior conexão com o lugar que aqueles de menor rendimento (CHEN; CHEN, 2012; WANG; LEE, 2010; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

No entanto, para outras pesquisas a rede de suporte criada entre vizinhos, em grupos étnicos ou de baixa renda, para combater as dificuldades enfrentadas em

contextos com menor qualidade do espaço urbano aumentariam a conexão com o lugar (FADDA *et al.*, 2010; ROLLERO; DE PICCOLI, 2010). Um estudo na Índia, Brasil e Reino Unido também revelou uma conexão com o lugar de moradia, mesmo que esse apresentasse características físico-espaciais pouco amigáveis aos idosos em razão dos laços de amizade criados com a comunidade e a conexão com a residência (WOOLRYCH *et al.* 2020). Em um estudo americano quanto mais heterogêneo um bairro, menor foi a conexão com o lugar de seus residentes (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004). Contudo, outros estudos (por ex.: BROWN; PERKINS; BROWN, 2003; LEWICKA, 2011) apontam que a manutenção da conexão com o lugar em vizinhanças heterogêneas depende da criação de oportunidades de contato social constante entre vizinhos.

Com base no que foi apresentado embora existam evidências de que as características físico-espaciais, sejam positivas ou negativas, podem influenciar na conexão com o lugar, ainda existem lacunas quanto a quais seriam essas características. Notadamente no que se refere a estudos voltados as características físico-espaciais e socioeconômicas que impactam nos níveis de satisfação e no desejo de permanecer no bairro de diferentes grupos de idosos, sendo um dos objetivos responder as lacunas principalmente no contexto nacional.

### 3.1.1.3 Características físico-espaciais da residência

A moradia é um símbolo de família, felicidade, raízes, identidade, privacidade, conforto, segurança e refúgio, tanto que os mapas mentais geralmente a apresentam como o local preferencial das pessoas (LEWICKA, 2011). Em um estudo polonês dentre as características associadas à conexão das pessoas com a sua residência estão: a possibilidade de poder interagir com a comunidade sem a perda de privacidade; preferência por edificações que não ultrapassem quatro pavimentos; a localização em uma vizinhança composta por edificações com diferentes padrões compositivos; a possibilidade de manter a “residência confortável” ao realizar adaptações para acomodar diferentes demandas que surjam em cada estágio da vida (LEWICKA, 2010).

Em um estudo em subúrbios canadenses idosos se sentiam mais satisfeitos em manter a propriedade da residência ao invés de se mudar para instituições



asilares, mesmo com o surgimento de restrições físicas, adaptando suas necessidades para manter a conexão ao ambiente que tinham atribuído significados relevantes (LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011). Um estudo em Nova York também indicou que pessoas mantinham um apego à sua residência, realizando melhorias em suas características internas, mesmo que habitassem em áreas com altas taxas de criminalidade (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004).

Outro estudo também demonstrou a recusa de moradores próximos a Chernobyl de abandonarem suas moradias mesmo com o risco de radiação e a inexistência de serviços (LEWICKA, 2010). Um estudo com idosos na Índia, Brasil e Reino Unido também revelou que mesmo que o contexto físico-espacial da residência criasse um ambiente desfavorável a manutenção a manutenção das atividades cotidianas do idoso, estes tinham preferência em manter a propriedade da residência em razão de memórias e significados dados a essa moradia (WOOLRYCH et al. 2020). Por sua vez, um estudo francês demonstrou que para idosos de 75 a 83 anos, as características relevantes para manter a satisfação com a residência estavam relacionadas àquelas que garantiam a manutenção de sua autonomia para realizar qualquer atividade de seu interesse e a possibilidade de adaptar a residência às restrições motoras (RIOUX, 2005). Embora não especifique claramente quais seriam essas características. Um estudo no sul do Brasil também revelou ser importante para os idosos a adaptação do layout de sua moradia, para garantir entre outros aspectos a percepção de segurança em relação a quedas (RODRIGUES; IMAI, 2019).

Enquanto outros estudos indicam a insatisfação dos idosos com os locais de moradia ou próximos a eles no caso da existência de ruídos. Assim, parte destes resultados referem-se aos barulhos provocados por vizinhos no entorno da residência (BIANCHI, 2013; BUGLIARELLO *et al.*, 1976; REIS, LAY, 2014). Como exemplo, ruídos advindos do lazer noturno, tanto em razão do volume da música durante o turno da madrugada como o barulho de seus frequentadores (GOMES, 2006). Mesmas razões indicadas por Silva (2009b), contudo para eventos em praças e parques. Outros estudos indicam os barulhos de adolescentes, notadamente no turno da noite e madrugada (COELHO, 2010; DREUX, 2004; LIMA, 2011; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). Enquanto outros indicam os latidos de cães (BECKER, 2005; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009).

Adicionalmente, a beleza da residência foi associada a satisfação e o desejo de permanecer nela. No tocante às características compositivas para que a residência seja considerada bonita, estudos indicam a necessidade por variações, mesmo que pequenas, na composição das formas para estimular a mente (ISAACS, 2000; BRUNELLI, 2015). Para estudos relacionados à orientação espacial de idosos, a necessidade por variações de cores e texturas é um instrumento para aumentar a legibilidade dos elementos que compõe o ambiente, notadamente entre idosos com problemas visuais e/ou cognitivos (BINS ELY; DORNELES, 2006; CARSTENS, 1993; CASPI, 2014; LEE; KLINE, 2011;).

Por outro lado, um estudo americano, em Ohio e na Califórnia, com idosos residentes de habitações populares sugere preferências que vão na direção contrária desses outros estudos. Os residentes das habitações analisadas tinham preferência por residências que apresentassem como características: evidência do telhado; simplicidade formal; pintura em tons suaves ou manutenção da textura natural dos materiais construtivos (NASAR, 1989). Características compositivas também consideradas satisfatórias em outro estudo americano com idosos institucionalizados, por fazerem essas edificações terem o que os pesquisados chamaram de “aparência de uma residência” (MARSDEN, 1999).

Contudo, como tais estudos foram realizados nos Estados Unidos podem não refletir a realidade nacional, visto que padrões socioeconômicos e culturais podem influenciar nessa preferência. Ainda, não fica claro nesses estudos se essas preferências são iguais nas diferentes idades dentro do grupo idoso, ou entre idosos com mesmas condições cognitivas. Resultados de um estudo de Kahana *et al.* (2003) indicam que a preferência por padrões compositivos mais simples e a redução do uso de contrastes, tais como nas cores, estariam mais relacionados aos idosos com redução de capacidades cognitivas.

Complementarmente, com base nas contradições existentes acerca da influência das características da residência que influenciam na satisfação e no desejo de permanecer nela, ainda, nas lacunas acerca de possíveis diferenças nos grupos de idosos, se faz necessário investigar os aspectos relacionados às características físico-espaciais da residência que impactam na conexão dos idosos com a residência. Ainda, é necessário aprofundar o conhecimento quanto à existência de relação entre

as características físico-espaciais do bairro na conexão com a residência dos distintos grupos de idosos.

### 3.2 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL

A interação social trata da comunicação entre indivíduos através da fala, sons e contatos manifestados por meio do comportamento humano e atitudes em determinado meio, sendo o resultado de ações e reações que servem para atender necessidades funcionais e afetivas dos indivíduos (LANG, 1987). Portanto, a interação social compreende a comunicação a partir da qual são criados contatos sociais entre indivíduos que repartem valores e objetivos comuns, sendo uma condição essencial para o desenvolvimento das atividades cotidianas. Na terceira idade a interação social é um aspecto ligado a autonomia dos idosos, ou seja, à sua capacidade de gerenciar a própria vida, participar de atividades e do convívio social, independentemente da existência de doenças, logo, se o idoso continua integrado socialmente seria considerado saudável (RAMOS, 2003).

O estudo de Van Den Berg, Kemperman e Timmermans (2014) indica que a garantia de interação social é parte de políticas que objetivam lidar com problemas de segregação e exclusão social. Para a compreensão da importância da interação social no espaço urbano, este ambiente deve ser visto como um sistema constituído de associações entre elementos físicos e seus habitantes. Em outras palavras, as pessoas teriam um conjunto de motivações e necessidades que acontecem dentro de uma organização espacial (LANG 1987; RAPOPORT, 1978). Logo, o ambiente se constitui de propriedades materiais e imateriais que permitem e definem a sua apropriação e uso (LANG, 1987).

As relações entre os meios social, cultural e físico transformam determinado espaço em um local significativo, com o qual a pessoa se conecta ao ponto de ele constituir parte de sua identidade pessoal (BRUNELLI, 2015; CAUWENBERG *et al.*, 2014). Contudo, estudos como o de Woolrych *et al.* (2019) revelam que a participação e a interação social de idosos em sua comunidade ainda são pouco explorados. Notadamente no que se refere ao entendimento dos níveis de interação social e de como ocorre a sua participação ativa dentro da comunidade. Tais afirmações vão ao

encontro das políticas internacionais promovidas pela Organização Mundial da Saúde (2002) que promovem o desenvolvimento de cidades amigáveis aos idosos.

Para a Organização Mundial da Saúde as cidades amigáveis aos idosos são aquelas que oferecem serviços e infraestruturas relacionadas ao ambiente físico e social que conseguem dar suporte às necessidades e demandas dos idosos para o “envelhecimento ativo”, com a manutenção da participação em sua comunidade. Essa participação comunitária, ligada à interação social com os demais membros da sociedade, e entre si, é um dos pontos chaves para evitar o isolamento social (OMS, 2002). Dentre os benefícios do envolvimento da interação social dos idosos com seus contatos sociais está melhorias no bem-estar físico e psicológico e a redução do sentimento de solidão, ajudando idosos a aprender a lidar e/ou ter acesso a recursos que facilitem ou ensinem a ter capacidade de lidar com as restrições físicas e cognitivas que surgem com o avançar da idade. Bem como, lidar com as perdas de familiares e amigos, agindo como uma forma de reorientar a integração de volta à vida comunitária e ao reencontro de objetivos de vida (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Segundo pesquisa realizada em três cidades britânicas (Manchester, Glasgow e Edimburgo) a interatividade social de idosos e a participação em diferentes grupos era uma oportunidade consciente de desafiar percepções negativas de pertencer à terceira idade, de ter seu valor reconhecido por outras pessoas da comunidade. Embora também características socioeconômicas mudassem não apenas as ofertas como motivações para essa participação em grupos (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Por outro lado, para Brunelli (2015) as vias públicas seriam os locais mais importantes de ocorrência de atividades dos idosos com contatos sociais, enquanto estudos no nordeste da Austrália, sul dos países baixos e em cidades britânicas apontam a importância da investigação dos chamados “terceiros lugares” (FRANCIS *et al.* 2012; VAN DEN BERG; KEMPERMAN; TIMMERMANS, 2014; WOOLRYCH *et al.*, 2019). Os terceiros locais seriam os ambientes além dos residenciais e de trabalho onde as demais atividades das pessoas geralmente aconteceriam.

Contudo, por mais que exista evidências de atividades sendo realizadas por idosos em centros comunitários (por ex.: WOOLRYCH *et al.*, 2019), estabelecimentos comerciais ou culturais (VAN DEN BERG; KEMPERMAN; TIMMERMANS, 2014) ou praças e parques (SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009), ainda existem lacunas quanto aos locais que os idosos costumam socializar. Adicionalmente, seria

necessário responder qual o nível de interação social e participação dos idosos em grupos e associações em sua comunidade. Bem como, investigar os tipos de atividades e frequência na qual realizariam tais atividades com diferentes contatos sociais e as características físico-espaciais e socioeconômicas que influenciam nessa interação social dos diferentes grupos de idosos. Notadamente, no contexto das cidades médias, a fim de verificar se as reais expectativas e necessidades de seus moradores idosos estão sendo atendidas.

### **3.2.1 Variáveis associadas à interação social**

A literatura apresenta contradições e lacunas no que diz respeito às características físico-espaciais e socioeconômicas que influenciam na interação social dos distintos grupos de idosos. Assim, com base nesses estudos, são consideradas nessa investigação: (i) o nível de interação social e a participação de idosos em grupos e associações; e (ii) as atividades realizadas com os contatos sociais, a frequência, local de realização e características dos bairros.

#### **3.2.1.1 Nível de interação social e a participação de idosos em grupos e associações**

A interação social está ligada aos laços de amizade criados com outras pessoas, com os quais se repartam costumes e valores (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; PENDOLA; GEN, 2008; TALEN, 1999). A ausência de participação de idosos em atividades comunitárias, não apenas aumenta a sua mortalidade, comorbidades e estresse psicológico, como a saúde em geral e a percepção de bem-estar. A interrupção dos contatos sociais, solidão e ausência de uma rede de suporte estão entre as principais causas de estresse, tanto que um estudo no Japão revelou que idosos que demonstravam ausência de contatos sociais tinham 1,5 mais chances de morrer nos próximos 3 anos do que àqueles com maior interatividade social e participação em grupos/associações (OMS, 2002).

Nesse sentido, a manutenção dos contatos sociais e da participação em grupos/associações fazem parte dos determinantes apontados pela OMS (2002) como essenciais para o envelhecimento ativo. Contudo, um estudo britânico demonstrou que a participação dos idosos em grupos e associações estava

condicionado a diferentes características do ambiente socioeconômico e das próprias características dos idosos. Portanto, uma das questões relacionadas aos tipos de grupos e associações estão ligadas ao tipo de atividades que são desenvolvidas nelas, a identificação do idoso com os demais membros, pois que parte da amostra não tinha interesse por tais atividades. Embora no estudo não seja especificado claramente os tipos de atividades mais realizadas nos grupos e associações que os idosos frequentariam (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Um estudo em Québec também não indicou os tipos de atividades realizadas em grupos e organizações pelos idosos. Embora igualmente revele que o cotidiano de idosos a partir dos 70 anos seria organizada ao redor da família, vizinhos e colegas dentro de grupos voluntários, embora a participação nesses grupos não seja realizada pela totalidade de idosos (RIOUX, 2005). Para esse estudo, com o avançar da idade ou o surgimento de restrições físicas idosos passariam a ter a preferência por receber visitas em sua residência, portanto reduzindo sua participação na comunidade.

No que se refere aos vínculos com a comunidade estudos sugerem que as atividades que costumam ser realizadas e os contatos sociais com quais os idosos interagem teriam uma relação direta com a proximidade da residência dos idosos com aquela desses contatos, portanto, dentro do espaço considerado como vizinhança (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; LEWICKA, 2010). A vizinhança está relacionada ao tamanho da rede social dos indivíduos e a dimensão do local onde suas atividades e interações sociais ocorrem. Com a proximidade sendo destacada pela possibilidade de contatos face-a-face, importantes para a satisfação com o local de moradia (HIDALGO, HERNÁNDEZ, 2001; LEWICKA, 2010; TAYLOR, 1988).

A qualidade e a intensidade destas interações são condicionadas ao conhecimento e confiança mútua, logo, o tamanho do grupo pode não facilitar a interação social entre vizinhos uma vez que as oportunidades de contato se diluem na presença de muitos membros (ROWLES, 1983; TAYLOR, 1988). Um estudo polonês demonstrou que apesar de as interações sociais serem o maior fator de conexão com o lugar, características como o tamanho do prédio, grau de manutenção, área de personalização, presença de áreas verdes e tipo de moradia modificaram as relações sociais entre vizinhos. Quanto maior a edificação residencial e o número de apartamentos, menor foi a interação social entre os moradores (LEWICKA, 2010).

Revisões de literaturas presentes no trabalho de Lewicka (2011) indicam uma relação negativa entre a interação social e grandes dimensões de vizinhanças. Quanto menor o tamanho destas, maior seria a possibilidade de contato entre vizinhos. Estudos também sugerem que as atividades sociais e os laços de proximidade acontecem relacionadas a uma parcela do território e não necessariamente ao território como um todo. Em um estudo americano a definição geográfica de vizinhança teria sido limitada a valores inferiores a 1 km (MOUDON *et al.*, 2006 *apud* GAMBIM, 2007).

Para um estudo egípcio as relações entre vizinhos ocorriam até 25 metros do local de moradia (KHALIL; ZIMRING, 1997). Contudo, nenhum desses estudos tem enfoque em um grupo etário específico, podendo existir alterações relacionadas ao que seria compreendido como vizinhança a partir da localização das atividades realizadas pelos idosos e os tipos de contatos sociais com os quais realizam essas atividades. Ainda, podendo existir diferenças relacionadas não somente as faixas etárias e ao padrão socioeconômico, como as características do local de moradia.

Portanto, por mais que exista evidências de que a interatividade social dos idosos em sua comunidade é essencial para o envelhecimento ativo, e que essa interação social estaria ligada a vizinhança ou a participação em grupos e associações, ainda existem lacunas quanto ao nível de sociabilidade e participação dos idosos. Ainda, é necessário explorar se existiriam diferenças nos grupos e associações frequentados pelos idosos em relação as distintas faixas etárias e se os padrões socioeconômicos teriam influência nos tipos de atividades realizadas em cada grupo ou associação.

#### 3.2.1.2 As atividades realizadas com os contatos sociais, a frequência, local de realização e características do local de moradia

Para Brunelli (2015) o espaço aberto público exerce a função de ligar o sistema de movimento e oferecer oportunidades de atividades sociais e econômicas, servindo, portanto, como um importante lugar de interação social. Contudo, segundo Francis *et al.* (2012) a interação social precisa ser melhor aprofundada quanto aos diferentes contextos que envolvem o espaço aberto público, uma vez que pouco se saberia a respeito de locais nos quais as atividades das pessoas acontecem. Para Francis *et al.*

(2012) o espaço urbano seria distinguido em: ambientes residenciais, de trabalho e comunitários, chamados de “terceiros locais”.

Esta última categoria refere-se aos locais abertos públicos que abrigam regularmente, voluntariamente e/ou informalmente as reuniões de indivíduos fora dos locais de residência ou trabalho. Terceiros locais seriam bares, lojas, centro comunitários, parques, igrejas, entre outros (FRANCIS *et al.*, 2012). Segundo Van der Berg, Kemperman e Timmermans (2014) 39,5% da participação em atividades e interações sociais ocorrem no ambiente de casa, 15% nos locais de trabalho e 45% nos terceiros locais. Destes, lojas e serviços médicos representam 10%; escolas e creches 8%; locais para a prática de esportes 8%; e cafés, restaurantes ou espaços culturais 5%.

Logo, quanto maior o número de estabelecimentos em um bairro, maiores seriam as oportunidades de interação social (FRANCIS *et al.*, 2012; VAN DEN BERG; KEMPERMAN; TIMMERMANS, 2014). Estudos também sugerem como características que promovem a interação social: a) locais de maior densidade populacional, quanto maior a densidade, maior seria o número de interações; b) interface entre espaços públicos e privados que geram permeabilidade, favorecendo o movimento de pessoas e a interação entre elas, ao mesmo tempo em que, afeta positivamente a percepção de segurança; c) diversidade urbana com variedade de usos, atividades, formas, classes sociais e estilos de vida; e d) vitalidade que permite o mínimo de concentração de pessoas interagindo em áreas urbanas e estimulando o seu movimento pelos espaços abertos públicos (KENT; THOMPSON, 2014; LAY; LIMA, 2013; LONG; BARAN, 2012; SARKAR; GALLACHER; WEBSTER, 2013).

Um estudo em subúrbios canadenses igualmente revela que idosos que residiam em áreas com maiores ofertas de serviços tinham preferência por socializar fora da residência. Os idosos teriam mencionado a redução no número de tarefas que teriam que ser realizadas na casa para receber as visitas e o aumento da mobilidade (LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011). Contudo, dados de um estudo francês mostram que quando as restrições físico-cognitivas passaram a ser um impeditivo a mobilidade (principalmente entre àqueles da segunda e faixa etária – Capítulo 2, item 4.2.2), suas atividades passaram a ocorrer na residência, sendo a sua principal atividade receber familiares e vizinhos (RIOUX, 2005).



Um estudo com idosos na Índia, Brasil e Reino Unido aponta os centros para idosos e comunitários como os locais que idosos tendiam a socializar, pela oportunidade que esses locais oferecem para interagir com outras pessoas de sua comunidade (WOOLRYCH *et al.* 2020). Igualmente, o estudo de Woolrych *et al.* (2019) aponta para atividades realizadas por idosos em grupos e associações. Contudo, também nessa pesquisa idosos com restrições físicas começam a se tornar temerosos de sair de casa por insegurança de sofrer acidentes. Essa insegurança estaria relacionada às barreiras físicas impostas pelo ambiente, tais como, condições inapropriadas de pavimentações, pouco tempo para a travessia de ruas, poucos bancos ou locais para descanso durante a rota, e, poucas linhas de transporte interligadas a localização dos grupos e associações (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Entretanto, em um estudo no Rio Grande do Sul, a realização de atividades pelos idosos na rua e a sua interação social na comunidade estava ligada à percepção de segurança em relação a crimes e não a acidentes (NAVARRO *et al.*, 2015). A percepção de segurança em relação a crimes em estudos estava associada à iluminação noturna e a manutenção e limpeza dos espaços abertos públicos. Aliadas a estas características, a vigilância formal e informal seria importante para garantir a percepção de segurança, e, a possibilidade de uso e interação de idosos pelos espaços de sua comunidade (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUIMAN, 2011; JACOBS, 1961; WANG; LEE, 2010).

Por outro lado, estudos em diferentes países destacam áreas verdes como os locais onde idosos realizariam atividades. A importância das atividades realizadas por idosos em parques e praças se dá por serem locais que estimulam o senso de comunidade e a prática de atividades físicas (GONG *et al.*, 2014; KENT; THOMPSON, 2014; PARRA *et al.*, 2010; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). As áreas verdes para descanso e lazer foram associadas à saúde física e mental dos idosos ao reduzir problemas como: estresse, fadiga, depressão e o sentimento de solidão (DUJARDIN; LORANT; THOMAS, 2014; KENT; THOMPSON, 2014; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009).

Contudo, o uso e a satisfação com essas áreas verdes para descanso foram relacionados diretamente à sua qualidade. Entre os atributos negativos indicados pelos idosos estavam: bancos próximos a lixeiras; ausência de sombra; mobiliário inadequado; distâncias excessivas entre locais para descanso; a falta de manutenção

e limpeza; banheiros em péssimas condições de manutenção, inadequados ou inexistentes; e a ausência de proteção contra intempéries (CUNHA; COSTA, 2011; O'CONNOR, 2007; OMS, 2007; NAVARRO *et al.*, 2015).

Enquanto os atributos considerados satisfatórios incluíam: a presença de elementos naturais como massas de águas e vegetação; movimento de pessoas a ser observado; aparência de manutenção e limpeza; ausência de barreiras que dificultem a acessibilidade aos espaços; bons níveis de iluminação; e a segurança em relação a crimes (CAUWENBERG *et al.*, 2014; GONG *et al.*, 2014; KOOHSARI; KARAKIEWICZ; KACZYNSKI, 2013; MARCUS; FRANCIS; RUSSEL, 1998).

Entretanto, apesar das evidências que apontam atributos negativos ou positivos, faltam maiores especificações das razões que os tornariam adequados ou não, ou quais características impactariam positivamente ou não no uso e interação social dos idosos nesses espaços. Por exemplo, apesar da presença de vegetação ser considerada um atributo positivo, o estudo de Cauwenberg *et al.* (2014) indica que dependendo do tipo de vegetação existe a possibilidade de evocarem a insegurança, oferecendo inclusive a possibilidade de refúgio a criminosos.

Complementarmente, apesar dessas indicações existentes de características que poderiam vir a promover a interação social dos idosos nos espaços abertos públicos, ainda existem lacunas quanto aos limites do que seria considerado como proximidade ou distante dos diferentes tipos de contatos sociais. Ainda, quais seriam os tipos de atividades realizadas pelos idosos com cada um desses contatos, a frequência na qual essas atividades seriam realizadas e características mais específicas que promovem a interatividade social e o uso dos espaços urbanos pelos diferentes grupos de idosos.

Com base no que foi apresentado, verifica-se contradições e lacunas a serem investigadas quanto às características físico-espaciais e socioeconômicas que impactam na interação social de distintos grupos de idosos. Notadamente, no que se refere a como se dá a dinâmica das atividades que realizam com cada um de seus contatos sociais, e se o processo de envelhecimento, características do local de moradia ou socioeconômicas exercem influência nos tipos de atividades realizadas. Especialmente no contexto das cidades médias brasileiras, a fim de verificar se expectativas e necessidades de seus moradores idosos estão sendo atendidas.

### 3.3 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA MOBILIDADE

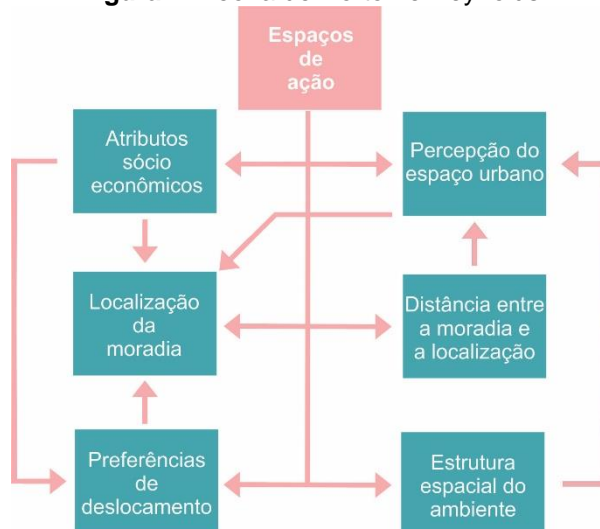
A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF determina que a mobilidade se trata de movimento, das mudanças de posição e localização dos indivíduos, seu deslocamento de um local a outro, utilizando para tal diferentes formas de transporte (OMS, 2004). Logo, a mobilidade é a capacidade física de deslocamento dos indivíduos por diferentes locais, independente do meio de condução utilizado (SHOVAL *et al.*, 2011; SILVA *et al.*, 2006; ZEITLER *et al.*, 2012). Para que ocorra esse movimento, existe a necessidade de um objetivo que o motive. Entre as décadas de 1960 e 1970 pesquisadores da Universidade de Lund criaram a Teoria “Geografia do espaço-tempo” (GOLLEDGE; STIMSON, 1997).

A teoria de Hägerstrand e colegas determina que a mobilidade está associada as atividades realizadas em diferentes locais e em certa quantidade de tempo. Para realizar essas atividades o indivíduo deve superar determinadas restrições. A primeira, de capacidade, determina que as atividades e percursos com cada meio de transporte demandam tempo, determinando a organização do itinerário do indivíduo. A segunda, de integração, está associada ao fato de que parte das atividades são realizadas com outras pessoas, dependendo de uma organização conjunta. A terceira, de autoridade, trata das limitações de acesso impostas por autoridades públicas e/ou privadas, sendo relacionadas à infraestrutura do espaço urbano, por exemplo, a disponibilidade das linhas de ônibus (GOLLEDGE; STIMSON, 1997; LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013; SHOVAL *et al.*, 2011).

Assim como Hägerstrand e colegas, geógrafos americanos, Horton e Reynolds, procuraram entender o comportamento dos indivíduos em espaços urbanos de larga escala, criando entre 1960 e 1970, a Teoria dos “espaços de ação”. Os espaços de ação referem-se aos locais onde as atividades dos indivíduos são realizadas, e do deslocamento para ir de um espaço ao outro (Figura 2). Portanto, assim como na teoria anterior, o deslocamento é relacionado aos locais onde as atividades ocorrem, contudo, amplia-se a noção de que estes espaços de ação são predeterminados em razão de significados que os indivíduos atribuem para cada local. Por exemplo, a escolha pela realização de uma atividade em um determinado espaço em detrimento de outro pode ser motivada pela sensação de segurança que este proporciona ou, ainda, por despertar lembranças aprazíveis. Além disso, dependem das condições de

mobilidade dos indivíduos, que podem alterar a localização destas atividades (GOLLEDGE; STIMSON, 1997).

**Figura 2:** Teoria de Horton e Reynolds



Fonte: adaptado pela autora de GOLLEDGE; STIMSON (1997).

Em complemento, pesquisadores afirmam que os espaços individuais de atividades são organizados a partir de uma hierarquia de movimentos. Assim, a mobilidade de um indivíduo ocorre primeiramente em função da natureza de suas atividades, sejam essas necessárias, opcionais ou ambas. Em seguida, tem relação com a localização de cada atividade e a sequência na qual são realizadas, envolvendo as distâncias entre elas (GEHL, 2013; NEWBOLD *et al.*, 2005; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; PÁEZ *et al.*, 2007; SCHMOCKER *et al.*, 2008;). Portanto, a mobilidade estaria relacionada a densidade e diversidade do uso do solo que influenciam diretamente nas distâncias a serem percorridas entre atividades e na acessibilidade a serviços (LEE *et al.*, 2013).

Adicionalmente, envolve tanto o tempo necessário para a realização de cada atividade, como o tempo de deslocamento até cada uma. Este tempo altera-se principalmente em razão do meio de transporte utilizado (GEHL, 2013; GOLLEDGE; STIMSON, 1997; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Os meios de transporte podem ser tanto motorizados ou não, sendo que os primeiros são aqueles que permitem a mobilidade dos indivíduos por maiores distâncias, auxiliando na troca do tempo de deslocamento por tempo de atividade (GOLLEDGE; STIMSON, 1997; ZEITLER *et al.*, 2012). Contudo, os meios motorizados também são aqueles

que causariam maiores impactos nos sistemas de planejamento de transportes, notadamente em relação a políticas públicas, segurança em relação ao trânsito e qualidade do meio ambiente (MERCADO; PÁEZ, 2009; NEWBOLD *et al.*, 2005; PÁEZ *et al.*, 2007; SCHMOCKER *et al.*, 2008).

Por exemplo, no caso de uma preferência geral pelo uso de automóveis particulares, as infraestruturas urbanas precisam estar adaptadas ao volume de tráfego. Caso contrário, são necessárias reformas e/ou a criação de políticas públicas que incentivem, entre outros, o uso de transportes públicos ou meios não motorizados, caronas solidárias, ou até rodízios de veículos. O excesso de trânsito e/ou problemas nas infraestruturas urbanas, ligados aos comportamentos erráticos de usuários, podem causar conflitos que resultam em dificuldades de navegabilidade, ou colisões que envolvem tanto veículos como pedestres (MERCADO; PÁEZ, 2009; NEWBOLD *et al.*, 2005).

Os meios de transporte não motorizados são os que mais apresentariam benefícios à saúde, servindo não apenas como meio de transporte, mas também como atividade física (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KERR; ROSENBERG; FRANK, 2012; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). A mobilidade a pé é essencial em razão de se tratar do meio de transporte natural dos indivíduos, garantindo inclusive o acesso a outros meios (OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004). Contudo, os meios não motorizados têm um uso limitado pelas distâncias passíveis de serem percorridas. Adicionalmente, a mobilidade dos indivíduos enquanto pedestres é mais suscetível aos problemas existentes nos espaços urbanos, principalmente, quando estes apresentam reduções em suas capacidades funcionais (FÖBKER; GROTZ, 2006; METZ, 2000; SCHMOCKER *et al.*, 2005; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

Portanto, a mobilidade é impactada pelas características pessoais dos indivíduos, dos espaços urbanos e pela relação entre ambas. Quando estas relações resultam em problemas para a mobilidade, gera-se à possibilidade de acidentes, sejam estas colisões de trânsito ou quedas. Adicionalmente, problemas de mobilidade, comuns aos grupos longevos, podem vir a reduzir a sua participação em atividades da comunidade e à possibilidade de interação social (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FREIRE JR. *et al.*, 2013; GEHL, 2013; SHOVAL *et al.*, 2011).

Segundo Lord, Després e Ramadier (2011) a redução da mobilidade e da possibilidade de participação e interação social resultam em insatisfação com o local de moradia, podendo gerar a desconexão com o lugar, e a necessidade de mudança para um ambiente com acesso a recursos e atividades comunitárias. Contudo, se mesmo experimentando problemas com a mobilidade, a conexão com o lugar impedir a mudança de endereço, o idoso pode vir a experimentar isolamento social, uma vez que acaba restrito ao ambiente de moradia. Neste sentido, apesar de comprovada a importância da mobilidade existem lacunas e contradições no conhecimento, notadamente quanto à mobilidade de diferentes grupos de idosos. A ênfase nos idosos é relacionada à maneira que suas características pessoais afetam sua mobilidade e a forma que estas características pessoais são impactadas por aquelas dos espaços urbanos.

### **3.3.1 Variáveis associadas à mobilidade**

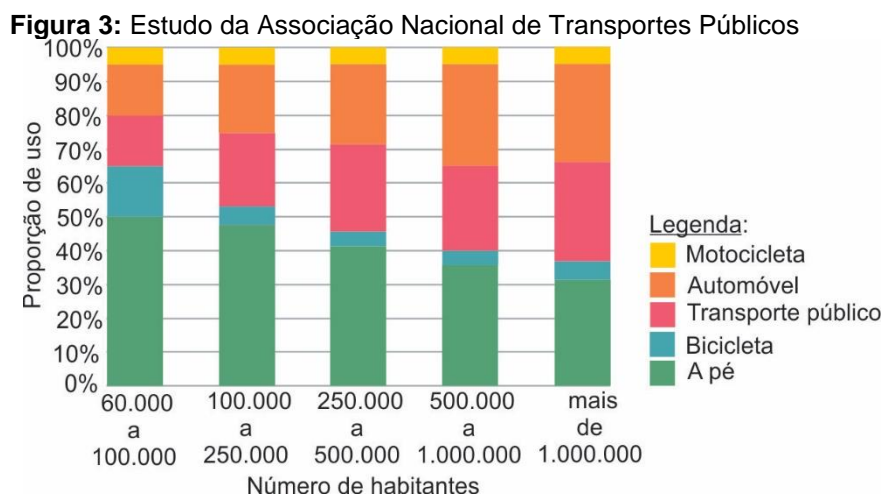
A literatura apresenta contradições e lacunas quanto às características físico-espaciais e socioeconômicas que influenciam na mobilidade dos distintos grupos de idosos. Assim, com base nesses estudos, são consideradas nessa investigação: (i) a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos locais de moradia; e (ii) a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas.

#### **3.3.1.1 A frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos locais de moradia**

As distâncias, frequências, meios de transporte e rotas que os idosos realizam pelo seu bairro ou em outras áreas da cidade seriam influenciadas pelas suas características pessoais (por exemplo: estilo de vida, cultura, capacidade funcional), pelas características físico-espaciais do ambiente (por exemplo: distâncias percorridas entre o local de moradia e de atividades, qualidade e segurança dos espaços urbanos), pelos tipos de atividades realizadas, disponibilidade, frequência

dos meios de transporte e custos de cada transporte (MERCADO; PÁEZ, 2009; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2008; ZEITLER *et al.*, 2012).

Um estudo da Associação Nacional de Transportes Públicos – ANTP (Figura 3) indica uma relação entre a preferência dos meios de transporte utilizados pelos brasileiros e o tamanho populacional das cidades (ANTP, 2003 *apud* ABCP, 2005). Segundo esse estudo quanto menor a cidade, maior a possibilidade de uso de transportes não motorizados, como andar de bicicleta. O que poderia ser explicado pela maior proximidade entre a moradia das pessoas e os locais onde os serviços são oferecidos. Assim como a redução do uso de veículos particulares em cidades com um milhão de habitantes ou mais, poderia ser explicado pelo excesso de congestionamento que os tornam menos eficientes ou pela atratividade de transportes públicos em função da diversidade de opções.



**Fonte:** adaptado pela autora de ANTP 2003 *apud* ABCP (2005).

Contudo, o comportamento de mobilidade dos idosos apresenta particularidades em relação às gerações passadas, outros grupos etários e até entre si (DAVEY, 2007; MERCADO; PÁEZ, 2009; MONTEIRO; CRUZ; CARVALHO, 2006; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Em relação a gerações passadas, os idosos estariam cada vez mais ativos em sua comunidade na medida em que há um aumento de sua longevidade e representação populacional. Por outro lado, isso não significa uma menor vulnerabilidade aos problemas de infraestrutura urbana e de transportes (MERCADO; PÁEZ, 2009; PÁEZ *et al.*, 2007; SCHMOCKER *et al.*, 2008).

Quanto aos grupos etários mais jovens, a mudança é relativa aos tipos de atividade frequentemente realizadas e o aumento do tempo livre proporcionado pela

aposentadoria (MERCADO; PÁEZ, 2009; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Um estudo que cruzou dados americanos, australianos, alemães, neozelandeses, noruegueses e britânicos indicou como as principais atividades realizadas pelos idosos: as religiosas para as quais percorriam em média 7,8km; consultas médicas para as quais percorriam 11,1km e demais atividades necessárias para as quais percorriam 10,2km (ROSENBLOOM, 2001). Contudo, não fica claro no estudo a frequência na qual essas atividades são realizadas, o meio de transporte específico para ir à cada uma, nem as razões para a escolha de cada meio de transporte.

Por outro lado, a diferença entre idosos é em razão de alguns sofrerem com restrições físico-cognitivas que os impedem de dirigir e caminhar, enquanto outros possuem a capacidade de se manter fisicamente ativos (MERCADO; PÁEZ, 2009; SCHMOCKER *et al.*, 2008; SU; SCHMOCKER; BELL, 2009). Um estudo na Índia, Brasil e Reino Unido revelou que idosos que tinham dificuldade para se deslocar pelos espaços urbanos que frequentavam criavam sentimentos de ansiedade e medo de sair de suas residências (WOOLRYCH *et al.* 2020). Ainda, quanto à influência da capacidade funcional, existiriam indicações de que quanto mais velho o indivíduo, menores as distâncias percorridas e as frequências de deslocamento para realizar atividades (FÖBKER; GROTZ, 2006; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2005; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

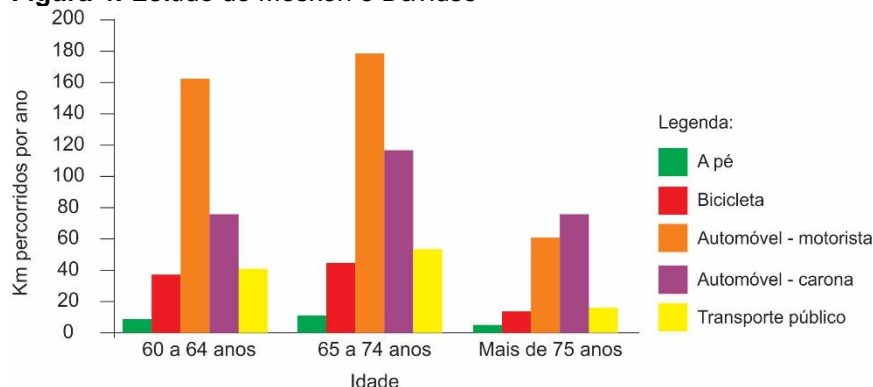
Enquanto há um crescimento gradual das distâncias e frequências do grupo entre os 60 a 74 anos, haveria um decréscimo entre aqueles a partir dos 75 anos. Com a influência das capacidades funcionais sendo pronunciada entre o grupo de 80 anos ou mais (ROSENBLOOM, 2001). Entretanto, segundo Schmocker *et al.* (2005), em seu estudo em Londres quando as incapacidades são relacionadas a problemas visuais, auditivos ou ao uso de cadeira de rodas diminuir-se-ia apenas a frequência e não as distâncias percorridas. Ainda, segundo estudos se analisadas as distâncias e frequências de deslocamento para atividades opcionais, não existiriam diferenças significativas entre idosos e grupos etários mais jovens (SCHMOCKER *et al.*, 2005; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

Um estudo holandês demonstrou um aumento das distâncias do grupo de 65 a 74 anos em relação ao grupo de 60 a 64 anos. Contudo, neste mesmo estudo (Figura 4) as distâncias percorridas por ano foram relacionadas ao meio de transporte utilizado. Neste sentido, as menores distâncias são percorridas com os meios não



motorizados (MESKEN; DAVIDSE, 2001 *apud* OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004). No caso desse transporte ser a bicicleta, as distâncias percorridas por idosos em países europeus foram em média de 3 km; na Austrália 2,4km; na Nova Zelândia 2km e no Japão 1,3km (OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004).

**Figura 4:** Estudo de Mesken e Davidse



Fonte: MESKEN; DAVIDSE (2001) *apud* OXLEY et al. (2004)

A bicicleta apesar de não ser um dos meios de transporte mencionados como preferenciais pelos idosos, aparecem frequentemente em estudos estrangeiros como aquele utilizado, principalmente entre os moradores de áreas centrais (CAUWENBERG *et al.*, 2012; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011). Contudo, essa preferência seria cada vez menor em função da idade (VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011). Entre os problemas relatados com a bicicleta estão a ausência de ciclovias ou a presença apenas de ciclofaixas (CAUWENBERG *et al.*, 2012; DAVEY, 2007).

Dentre os meios não motorizados o principal é caminhar, considerado fundamental em razão da necessidade de se andar a pé em determinado momento do percurso (OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004). Andar a pé e/ou de bicicleta seriam fontes importantes de exercício físico que auxiliam na prevenção de doenças, tais como: cardiovasculares, depressão, diabetes, cânceres, osteoartrite, hipertensão e demência (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KERR; ROSENBERG; FRANK, 2012; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009). Logo, quando as capacidades funcionais permitem e os espaços urbanos oferecem condições apropriadas, a caminhada é tanto um meio de transporte como uma atividade de lazer ou física (BARRETO, 2012; FERREIRA, 2012; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004; SAELENS; SALLIS; FRANK, 2003).

A caminhada foi indicada em estudos como um dos meios de transporte preferencialmente utilizados por idosos brasileiros, mesmo que não necessariamente o principal (BARBOSA, 2014; BARRETO, 2012; FERREIRA, 2012; FREIRE JR., 2013; SANT'ANNA, 2006). Contudo, existem divergências quanto às distâncias que idosos teriam a capacidade e/ou preferência por percorrer, sendo mencionadas variações de 0,3km a 5km (BURTON; MITCHELL; STRIDE, 2011; DANTAS, 2005; ROSENBLOOM, 2001; SALVADOR, 2008; SCHMOCKER *et al.*, 2008; WANG; LEE, 2010). Por exemplo, dados de um estudo com idosos australianos e britânicos mostram que aqueles de 74 anos ou menos conseguiam percorrer 1 km a pé enquanto aqueles de 75 anos ou mais de 0,5 a 0,8 km (OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004). No entanto, um estudo londrino indica que a caminhada deixaria de ser uma opção viável para idosos saudáveis a partir dos 5 km e a partir de 1 km para aqueles com problemas de mobilidade (SCHMOCKER *et al.*, 2008).

De acordo com Saelens, Sallis e Frank (2003) além da idade, haveria a influência da qualidade dos caminhos nas distâncias percorridas, logo, idosos que moram em bairros com ótimas condições de caminhabilidade (calçadas em boas condições e topografias mais planas) percorriam de 1 a 2 km a mais do que aqueles em condições adversas, e possuíam maior frequência de caminhada (SAELEN; SALLIS; FRANK, 2003). Adicionalmente, estudos revelam a influência da relação das distâncias entre a moradia e os locais de atividade. Notadamente na relação entre moradia e núcleo urbano central, tendo como possível razão a densidade de comércio e serviços existentes (FÖBKER; GROTZ, 2006; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2005; ZEITLER *et al.*, 2012).

Segundo Schmocker *et al.* (2008) idosos que moravam no núcleo central de Londres (*Inner London*) percorriam menores distâncias para suas atividades do que aqueles de áreas mais periféricas (*Outer London*). Resultado similar à de um estudo australiano que revelou como a menor e a maior distância percorrida a pé diariamente como atividade de transporte os valores de 0,12 e 6,3 km, sendo ambas de idosos dentro da faixa etária dos 60 a 69 anos que moravam a uma distância de 4 km do núcleo central. No estudo, nenhum respondente que caminhava como forma de transporte morava a mais do que 10 km do centro da cidade. Logo, os idosos que moravam em zonas periféricas utilizavam outros meios de transporte até o centro, a maioria tendo preferência por conduzir o próprio veículo (ZEITLER *et al.*, 2012).

Estas distâncias percorridas a pé ainda teriam influência no uso de ônibus como meio de transporte. Logo, a possibilidade de frequência de uso do ônibus como meio de transporte seria três vezes maior no caso de as paradas estarem localizadas a 0,2 km do ponto de origem de deslocamento dos idosos do que se estas estiverem a 0,4 km (HESS, 2012). Um estudo em Londres teria indicado que a frequência de uso do ônibus por idosos ou pessoas com mobilidade reduzida ocorreria para viagens superiores a 0,3km e no caso de existir proximidade das paradas da moradia do idoso, com a menor distância passível de ser percorrida a pé até a parada sendo de 120m (SCHMOCKER *et al.*, 2008). Já estudos nacionais apontam a preferência pelo uso do ônibus não pelas distâncias e sim pela percepção de segurança. Por exemplo, no estudo de Sant'Anna (2006) idosos cariocas preferiam utilizar o ônibus a caminhar por se sentirem mais seguros em relação a crimes. Inclusive, o uso de ônibus demonstrou-se uma escolha mais frequente nos estudos nacionais do que nos estrangeiros (BARRETO, 2012; DAVEY, 2007; SANT'ANNA, 2006; SCHMOCKER *et al.*, 2008;).

No entanto, independentemente de seu uso ou não, há uma unanimidade na indicação dos problemas relacionados aos ônibus. Exemplificam tais problemas: a redução da frequência de linhas e paradas dependendo do local de moradia do idoso (quanto mais longe do núcleo central da cidade, menos frequente o serviço); dificuldade entre os idosos para subir/descer dos veículos; número reduzido de bancos prioritários e/ou seu uso por outros passageiros; motoristas desrespeitosos; e paradas inseguras ou em mau estado de conservação (CAUWENBERG *et al.*, 2012; DAVEY, 2007; OMS, 2007; ZEITLER *et al.*, 2012). Ainda, no estudo de Lord, Després e Ramadier (2011) idosos em um subúrbio canadense que não tinham como hábito o uso do ônibus antes do surgimento de limitações físicas tendiam a não utilizar esse meio, preferindo caronas de filhos ou cuidadores.

Inclusive, para pesquisas entre os meios de transporte motorizados, aquele que seria responsável pelo aumento da frequência de viagens e distâncias percorridas seria o veículo particular, tendo o idoso como condutor. Estudos identificaram um aumento do número dos que seriam condutores, assim como do tempo que permaneceriam dirigindo (MERCADO; PÁEZ, 2009; MONTEIRO; CRUZ; CARVALHO, 2006; PÁEZ *et al.*, 2007; SCHMOCKER *et al.*, 2008). A condução do veículo particular seria o meio de transporte preferencialmente utilizado em diversos países da Europa, América do Norte e Oceania (DAVEY, 2007; NEWBOLD *et al.*,

2005; PÁEZ *et al.*, 2007; ZEITLER *et al.*, 2012). Assim como foi o meio preferido com idosos brasileiros e paulistanos (BARBOSA, 2014; FERREIRA, 2012).

As razões para a preferência pelo veículo particular estão associadas à sensação de autonomia (DAVEY, 2007; NEWBOLD *et al.*, 2005) e a possibilidade de atividades “de porta em porta” em qualquer local e horário sem a necessidade de adaptação a itinerários como no caso de transportes públicos (DAVEY, 2007; PÁEZ *et al.*, 2007; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Tanto que os idosos que tinham acesso a um veículo particular (através da direção, carona ou táxi) foram os que melhor avaliaram sua qualidade de vida, assim como, eram os que mais participavam das atividades sociais de sua comunidade (FERREIRA, 2012; MONTEIRO; CRUZ; CARVALHO, 2006; NEWBOLD *et al.*, 2005; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004).

Entretanto, a condução de veículos particulares foi associada aos idosos de classe média e alta (DAVEY, 2007; FERREIRA, 2012; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Além de ser limitada pela idade, uma vez que, em torno dos 75 anos, idosos deixam de serem condutores de veículos devido à: percepção de problemas funcionais que limitam suas capacidades; o envolvimento em colisões de trânsito; e/ou por recomendação médica e/ou de familiares (DAVEY, 2007; MONTEIRO; CRUZ; CARVALHO, 2006). Portanto, a continuidade de uso dos veículos particulares ocorreria geralmente através de caronas oferecidas por familiares e amigos (DAVEY, 2007; NASVADI; WISTER, 2006; RITTER *et al.*, 2002 *apud* NEWBOLD *et al.*, 2005).

Mas, esse não é um resultado unânime uma vez que estudos indicam uma falta de disposição dos idosos em aceitar caronas de seus contatos sociais, notadamente àqueles do gênero masculino (MERCADO, PÁEZ, 2009; SCHMOCKER *et al.*, 2008;). Independente da carona ser ou não utilizada, o problema mais associado a esta é a sensação de dependência provocada nos idosos, que passam a se sentir um “peso” para amigos e familiares (DAVEY, 2007; MERCADO, PÁEZ, 2009; NASVADI; WISTER, 2006; SCHMOCKER *et al.*, 2008). Outros problemas incluem: carros com duas portas; adaptação das atividades e horários ao cronograma do condutor; e a redução da participação em eventos e passeios espontâneos (DAVEY, 2007).

Outro aspecto que tem influência na mobilidade dos idosos é a orientabilidade espacial que trata da habilidade de um indivíduo em utilizar informações de um ambiente para identificar a sua localização e de sua capacidade de chegar a um destino almejado independentemente do meio de transporte para a sua mobilidade

(LEE; KLINE, 2011; LONG; BARAN, 2012; MARQUEZ *et al.*, 2015; PASSINI, 1992). Assim, depende do grau de legibilidade dos ambientes, sejam estes espaços urbanos ou o interior de edificações. Um ambiente legível é aquele no qual suas partes são reconhecíveis e organizadas dentro de um esquema coerente, o que envolve as suas características físicas, tais como marcos referenciais, sinalização e configuração espacial (GOLLEDGE, 1999; LYNCH, 1999; PASSINI, 1992).

**Figura 5:** Características físicas que promovem a orientação espacial



Os marcos referenciais (Figura 5a) seriam definidos pelo grau de acesso visual ou de diferenciação em relação a outros elementos do ambiente, sendo exemplos: monumentos históricos, lojas e referências pessoais. A sinalização (Figura 5b) é associada ao grau de visibilidade e diferenciação, sendo necessária em locais nos quais a decisão da rota possa exigir um auxílio. Assim, seriam exemplos de sinalização as placas com os nomes de ruas e mapas do tipo “você está aqui” (GIRALT *et al.*, 2011; LEE; KLINE, 2011; MARQUEZ *et al.*, 2015).

A configuração espacial (Figura 5c) está associada à relação de integração entre ambientes. No caso da cidade, a facilidade de compreensão da malha urbana, que quanto mais regular, maiores as conexões entre vias, e, por consequência maior a sua legibilidade e navegabilidade (HILLIER, 2007; KENT; THOMPSON, 2014; LONG; BARAN, 2012; MARQUEZ *et al.*, 2015). Ou seja, em malhas urbanas regulares, no caso do indivíduo se perder seria fácil voltar a um ponto de origem, evitando a sensação descrita por Passini (1992) como de estar em um “labirinto”.

Portanto, a orientação espacial é um processo que exige tanto das capacidades cognitivas e dos sentidos como das interações entre pessoa e ambiente (LEE; KLINE, 2011; LONG; BARAN, 2012; MARQUEZ *et al.*, 2015; PASSINI, 1992). A orientação por ambientes familiares demandaria o uso de mapas cognitivos, que são a representação mental de informações do ambiente que foram adquiridas e

selecionadas pelos indivíduos (GOLLEDGE, 1999; LYNCH, 1999; MARQUEZ *et al.*, 2015). Enquanto a orientação por locais desconhecidos requer o aprendizado de novas rotas, com o uso de suportes, tais como, aplicativos de geolocalização e/ou direções escritas (MARQUEZ *et al.*, 2015).

Contudo, o envelhecimento é associado a mudanças nestas capacidades que resultam tanto em problemas de navegação como em alterações na maneira que idosos percebem o ambiente. Tais mudanças incluem: alterações no cérebro em áreas responsáveis por habilidades espaciais; redução da acuidade visual e sensibilidade ao contraste; confusão; e a diminuição da habilidade de lembrar-se de erros e evitar repeti-los (CASPI, 2014; LEE; KLINE, 2011; MARQUEZ *et al.*, 2015). Ainda, a execução de múltiplas tarefas seria prejudicada em razão de conflitos de priorização entre demandas cognitivas, sensoriais e motoras, tornando a orientação ainda mais complicada (MARQUEZ *et al.*, 2015).

Em razão destas mudanças, idosos adotariam diferentes estratégias para se orientarem pelos espaços em relação a outros grupos etários. Por exemplo, evitariam dirigir por rotas desconhecidas e ruas de trânsito rápido no qual exista a necessidade por tomadas de decisão rápidas (ROSENBLOOM, 2001; MARQUEZ *et al.*, 2015). Tanto que razões atribuídas a sua desorientação durante a condução de veículos incluem dificuldades para: ler as placas de trânsito; atravessar cruzamentos; reagir às sinalizadas; identificar o começo das ruas obrigatórias para dobrar; e seguir as indicações nos pavimentos (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, a navegação por rotas conhecidas seria um mecanismo para garantir que saibam se localizar no espaço e desviem de problemas que saibam existentes no ambiente construído ampliando sua percepção de segurança (WOOLRYCH *et al.*, 2020).

Adicionalmente, segundo Marquez *et al.* (2015) para evitar a desorientação espacial idosos procurariam policiais como fontes confiáveis de informação. Assim como utilizariam o apoio de mapas impressos, evitando o uso de sistemas de localização global (GPS), tendo como base de orientação o uso de marcos referenciais. Os marcos utilizados seriam tanto aqueles universais (por exemplo: monumentos históricos) como marcos específicos do bairro (conhecidos apenas por residentes do local). Ainda, para Marquez *et al.* (2015) dificuldades de orientação espacial entre os idosos estariam associados à baixa qualidade de sinalizações, ausência de informações acerca de distâncias e ambientes barulhentos.

Já o estudo de Lee e Kline (2011) que comparou a orientação espacial de idosos e pessoas mais jovens em um ambiente virtual hospitalar, revela que a maioria das pessoas do grupo longo tinha dificuldade de lembrar-se dos marcos referenciais. Ainda, que precisavam de um número maior de suportes visuais para melhorar sua navegação, como distinguir áreas pelas cores das paredes ou a presença do logo hospitalar. Também, em função da redução da memória acabavam por se perder durante a terceira tomada de decisão sobre o caminho a seguir, o que era pouco comum no grupo mais jovem (LEE; KLINE, 2011). Entretanto, o estudo além de ser realizado através de simulações virtuais de um espaço interno, não demonstra distinções dentro do grupo idoso. Ou seja, a princípio este grupo tenderia a apresentar características distintas conforme a idade, logo, os resultados podem apresentar diferenças no caso destas condições serem relevadas.

A questão do uso de cores para melhorar a orientação, levantada pelo estudo de Lee e Kline (2011), também está presente em um estudo brasileiro (BINS ELY; DORNELLES, 2006). Tal estudo indica como uma condição para melhorar a orientação espacial de idosos o uso de ambientes temáticos ou padronizados, com elementos que receberiam uma cor distinta conforme a sua função. Ainda, o uso de vegetações que apresentem aromas, cores e texturas diferenciados que possam atuar como referências quando implantados em áreas com mesma função (BINS ELY; DORNELLES, 2006). Exemplificam ainda esta afirmação estudos em clínicas de saúde e condomínios para aposentados nos quais as cores eram utilizadas para distinguir diferentes áreas e caminhos, auxiliando na navegação, organização e sinalização (CARSTENS, 1993; DEVLIN; ARNEILL, 2003).

No entanto, um estudo com idosos americanos indica a preferência de idosos por elementos com menor variabilidade, como cores neutras e pouco contrastantes (NASAR, 1981). Logo, apesar do contraste poder auxiliar na orientação, poderia tornar o ambiente menos atrativo para os idosos no caso de confirmada esta preferência apontada pelo estudo americano.

Com base no que foi apresentado, estudos ainda apresentam contradições quanto às distâncias, frequências, meios de transporte e rotas que os idosos realizam pelo seu bairro ou em outras áreas da cidade, bem como existam lacunas quanto as estratégias utilizadas para a sua orientação por essas rotas. Ademais, serão apresentados estudos acerca de características físico-espaciais dos locais de moradia

que também afetariam as condições de mobilidade dos idosos, principalmente no que se refere a caminhabilidade pelos espaços abertos públicos:

#### 3.3.1.1.1 A qualidade das calçadas

A Lei nº 9503, que institui o Código de Trânsito Brasileiro, conceitua calçadas como “parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros fins” (BRASIL, 1997). Segundo a Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), em cidades com mais de um milhão de habitantes 26,4% do deslocamento de pessoas seria realizado a pé nas calçadas, chegando a 49% em cidades entre 60 e 100 mil habitantes (ANTP, 2003 *apud* ABCP, 2005). Entretanto, apesar da importância das calçadas “a maioria das cidades brasileiras não se preocupam em acomodar os pedestres nas calçadas com o mesmo empenho em que se preocupam em acomodar os veículos nas vias” (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2004, p.7).

Gehl (2013) argumenta que a falta de atenção às calçadas teria iniciado por volta da Segunda Guerra Mundial, uma vez que, até então as calçadas acompanhavam o planejamento urbano que era voltado à circulação de pedestres. Contudo, quando o veículo particular passa a ser de uso comum o planejamento se volta a eles. Com isso as pessoas teriam sido empurradas contra fachadas, sendo apertadas cada vez mais em calçadas estreitas. Por essa razão, o fluxo de pedestres tem que se mover em um ritmo que não consegue ser acompanhado por parte de seus usuários, a exemplo àqueles idosos (GEHL, 2013).

Estudos também revelam uma tendência de idosos em evitar locais superlotados por medo de cair (JOSEPH; ZIMRING, 2007; SATARIANO, 2006). Embora, também exista àqueles que mencionem que apesar do risco, idosos não deixariam de frequentar calçadas com alto movimento de pedestres, seja pelos atrativos presentes nelas, pela manutenção do vínculo social com outras pessoas, ou pela sensação de segurança em relação a crimes (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FREIRE JR. *et al.*, 2013; GEHL, 2013; SPINNEY; SCOTT; NEWBOLD, 2009). Um estudo realizado na Índia, Brasil e Reino Unido demonstrou que independente do país, problemas no calçamento dificultavam a capacidade dos idosos de caminhar pelo



espaço público de onde moravam, alterando até a percepção pessoal que tinham de sua autonomia para realizar atividades cotidianas (WOOLRYCH et al. 2020).

Complementarmente, a essas informações no que se refere as medidas desse gabarito de calçada, a norma brasileira determina que este dimensionamento inicie pela divisão da calçada em três faixas. A primeira, chamada de “faixa de serviço” destina-se ao espaço necessário para acomodar os mobiliários urbanos, devendo possuir no mínimo 0,70m. A segunda, a “faixa livre ou de passeio”, é destinada exclusivamente a circulação de pedestres, devendo atender uma largura mínima de 1,20 metros, ou ser calculada a partir da fórmula:  $L = F/K + \sum i \geq 1,2m$  (ABNT, 2015). Nesta fórmula “L” é igual a faixa livre; “F” seria a largura necessária para o fluxo de pedestres em horários de pico de movimento; “K” representa a medida de conforto, que estabelece 25 pedestres por minuto a cada metro de largura da calçada; e  $\sum i$  seria o somatório dos valores de impedância (ABNT, 2015).

Estes valores de impedância são valores que devem ser adicionados para permitir espaços onde pedestres costumariam interromper seu movimento, sendo, 0,45m o valor somado para calçadas com a presença de vitrines de lojas e 0,25m para calçadas com mobiliários urbanos e entradas de edificações. Por fim, a última faixa é a “de acesso” que consiste no espaço destinado a passagem de área pública para o lote. Esta faixa é facultativa, podendo ser existente apenas em calçadas com largura superior a 2 metros (ABNT, 2015).

Contudo, os problemas relativos à qualidade das calçadas não se limitam apenas a delimitação do gabarito ideal, com a alteração da medida de conforto. Outra razão relacionada à essas inadequações é a atribuição dada por poderes públicos municipais aos proprietários de imóveis, que passam a ser responsabilizados pela construção e manutenção de calçadas. A consequência dessa transferência de responsabilidade é o descumprimento de padrões estabelecidos, fato reconhecido pela Prefeitura do Município de São Paulo (2015), que acrescenta como problema à falta de fiscalização das execuções.

Dentre os problemas gerados por este descumprimento de padrões estão: rampas mal alinhadas ou inexistentes; calçadas com problemas de drenagem, irregulares, esburacadas ou escorregadias; calçadas reflexivas (que são visualmente confusas); calçadas com desníveis sucessivos; e rampas de automóveis que avançam na calçada (BARROS et al. 2013; BINS ELY; DORNELLES, 2006; NATHAN; WOOD;

GILES-CORTI, 2014; OMS, 2007). De acordo com Gehl (2013) também faz parte destes problemas o tipo de pavimentação utilizada. Por exemplo, paralelepípedos tradicionais e pedras de ardósia são pavimentos que não oferecem conforto a pessoas em cadeiras de rodas, carrinhos de bebês, crianças pequenas, idosos e mulheres com salto. Enquanto superfícies niveladas e não escorregadias seriam ideais para promover cidades amigáveis aos pedestres (ABNT, 2015; GEHL, 2013; OMS, 2007).

Problemas que dificultam a caminhabilidade dos idosos revelados por um estudo em Pelotas/RS também incluem mudanças nas texturas de um trecho da pavimentação em relação a outro por reduzirem o equilíbrio dos idosos, bem como mobiliários e ambulantes que afunilariam o fluxo de pessoas criando uma estrutura labiríntica que também afeta o equilíbrio de idosos.

Cores contrastantes em pisos e paredes também deveriam ser consideradas em razão da indicação de que idosos com baixa visão poderiam apresentar dificuldade de distinguir os limites de circulação (BINS ELY; DORNELLES, 2006). Em adição a esses problemas de execução, existe a presença de barreiras físicas, que fazem que pessoas repartam os espaços reduzidos das calçadas com elementos que provocam ainda mais conflitos entre pedestres. Entre as barreiras identificadas em estudos estão: carros estacionados na faixa de pedestres, em esquinas ou sobre as calçadas; a presença de detritos e lixos bloqueando o caminho; e mobiliário urbano mal distribuído pelas faixas de circulação livre (BARROS *et al.*, 2013; BINS ELY; DORNELLES, 2006; OMS, 2007; VIANA, 2010).

Esses problemas apresentados seriam responsáveis pelo aumento do risco de atropelamento, em razão de pedestres tentarem evitar quedas andando na pista de rolamento de veículos em detrimento de caminhos inadequados (TORONTO PUBLIC HEALTH, 2014). Um requisito presente na NBR 9050 utilizado para servir de guia às pessoas com deficiência visual ou de baixa visão, notadamente, o piso tátil, atende a políticas de inclusão (ADA, 2010; ABNT, 2015; DEPARTMENT OF THE ENVIRONMENT, TRANSPORT AND THE REGIONS, 1998), contudo, estudos revelam que estes pisos geram problemas de segurança e conforto, sendo registrados episódios de quedas e solavancos em cadeirantes, mulheres de salto alto, idosos e até mesmo nos próprios deficientes visuais (COE, 2012; OVSTEDAL; LID; LINDLAND, 2005; STAHL *et al.*, 2010; THIES *et al.*, 2011).

Segundo Thies *et al.* (2011) o piso tátil pode ser considerado um piso irregular, e como tal, é responsável pela modificação da maneira com a qual as pessoas costumam caminhar, alterando o seu balanço corporal. Nesse estudo este problema se tornou mais evidente nas rampas próximas à faixa de pedestres. Logo, pisos táteis localizados próximos ao meio fio geraram a inabilidade dos idosos em conseguir parar de caminhar antes de alcançar o leito carroçável (THIES *et al.*, 2011). Segundo Coe (2012) quando instalados em rampas nas calçadas, pisos táteis também trancam as rodas de cadeirantes que ficam suscetíveis a quedas.

A suscetibilidade a quedas levaria estudos a considerarem a preocupação com a qualidade das calçadas como um aspecto fundamental para permitir a mobilidade dos idosos pelos espaços urbanos (ABCP, 2005; CLARKE; NIEUWENHUIJSEN, 2009; DUJARDIN; LORANT; THOMAS, 2014; MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2004). Dados de um estudo revelam ainda que idosos teriam percebido inadequações em calçadas onde auditores treinados não teriam encontrado (MICHAEL *et al.*, 2006 *apud* NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014). Com base nesta maior sensibilidade, observa-se a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca deste tema.

#### 3.3.1.1.2 Aparência do espaço urbano

A aparência dos espaços urbanos é entendida como uma coleção de elementos morfológicos construídos e naturais que afetam a avaliação estética. Logo, a aparência física de um espaço urbano diz respeito a atributos tais como: bons níveis de iluminação noturna; estado de manutenção e limpeza; presença de vegetação; entre outros (LANG, 1987; REIS; LAY, 2003). Em relação à iluminação noturna, Gehl (2013) argumenta que cidades ao redor do mundo adotariam diferentes estratégias, o que resultaria na sua atratividade ou não durante os turnos tardios. Cidades que utilizam estratégias de iluminação que permitem tanto a manutenção da visibilidade como luzes indiretas que destacam elementos da paisagem se tornam atrativas ao uso durante a noite, permitindo que haja uma permanência prolongada dos usuários nos seus espaços, o que também possibilita a interatividade social (GEHL, 2013; GODOY; CANDURA, 2009).

Enquanto baixos níveis de iluminação aumentam o risco de quedas e atropelamentos e atrapalham atividades (AZIZ; UKKUSURI; HASAN, 2013;

BALFOUR; KAPLAN, 2002). Caminhos pouco iluminados seriam inseguros, suscetíveis ao vandalismo e a outros tipos de ocorrências criminais (AZIZ; UKKUSURI; HASAN, 2013; VOORDT; WEGEN, 1990). Logo, espaços urbanos que não oferecerem boas condições de iluminação, afetam à percepção de segurança dos idosos, e por consequência limitam sua participação na comunidade, e consequente mobilidade pelos espaços urbanos (AZIZ; UKKUSURI; HASAN, 2013; BALFOUR; KAPLAN, 2002; FERMINO *et al.*, 2013; NAVARRO *et al.*, 2015).

Um estudo em Florianópolis sugere que a má iluminação dos espaços públicos seria uma das razões apontadas por idosos para não circularem à noite pela cidade, reduzindo oportunidades de participação, socialização e deslocamento (BYNS ELY; DORNELLES, 2006). Outro estudo em avenidas da cidade de São Paulo demonstrou que a implantação de luminárias nas faixas de pedestres teria reduzido em 50% o número de atropelamentos noturnos (CET/SP, 2011). De acordo com Fermino *et al.* (2013) bons níveis de iluminação também foram associados ao uso de parques.

Para Bins Ely e Dornelles (2006) a iluminação evitaria acidentes quando instaladas de forma a enfatizar mudanças de níveis e obstáculos, como quando instaladas em bordas de circulação ou espelhos de escadas. Contudo, a percepção do que seria uma boa iluminação pode ser diferente para os idosos em relação aos outros grupos etários em razão da necessidade de maiores níveis de luminância para compensar a redução da acuidade visual (COSTA, 2006; LEITE, 2014). Idosos podem perceber espaços urbanos como problemáticos em locais que não seriam apontados por grupos etários mais jovens.

Em relação ao estado de manutenção e limpeza, quando este é associado à aparência dos espaços urbanos pode assumir um papel importante na qualidade percebida por seus usuários (LAY; REIS, 2002). Ambientes com ausência de tais características tendem a apresentar incivildades, refletindo o declínio das normas sociais e comportamentais, ao mesmo tempo em que são associados a crimes. Em razão dessa percepção de insegurança, idosos não caminhariam pelos espaços abertos públicos reduzindo sua interação na comunidade (ABDULLAH *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUJMAN, 2011; MARCUS *et al.*, 1998).

Segundo Basso (2001) espaços com bom aspecto de manutenção e limpeza seriam considerados áreas de prestígio. Dentre as características que remetem a essa percepção de manutenção e limpeza estão: cuidados com a vegetação; ausência de

odores desagradáveis, dejetos de animais e lixo; conservação do mobiliário urbano e fachadas; inexistência de grafite e outras formas de vandalismo (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUIMAN, 2011; MARCUS; FRANCIS; RUSSEL, 1998; NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014).

A respeito dos grafites, há uma tendência atual a esses desenhos serem considerados obras de arte, sendo necessária a distinção entre pichações e grafites. As primeiras seriam consideradas desenhos e rabiscos, realizados normalmente por vândalos, no sentido de transgredir regras sociais. Enquanto, os outros são considerados arte urbana, utilizadas como forma de embelezamento das cidades, e atração turística como no caso do “Beco do Batman” (Figura 6a) e os muros da Avenida 23 de Maio (Figura 6b) em São Paulo (GATTI, 2013; KARSSSENBERG *et al.*, 2015; KOSONISCS, 2015).

**Figura 6:** Grafites de São Paulo



a) Beco do Batman na Vila Madalena.  
**Fonte:** KOSONISCS (2015).



b) Mural da Avenida 23 de Maio.  
**Fonte:** noticias.uol.com.br (2017).

Os muros da Avenida 23 de Maio, com 5km de extensão teriam sido considerados a maior obra de rua a céu aberto da América Latina, tendo sido encomendados pela prefeitura paulistana a 200 grafiteiros, sob um custo de R\$ 1 milhão. Tanto que a operação de limpeza que cobriu os grafites de cinza teria sido alvo de crítica dos moradores da cidade (JORNAL NACIONAL, 2017). Por sua vez, a presença de vegetação é outro atributo da aparência dos locais considerado importante para a satisfação estética das pessoas (BURTON; MITCHELL; STRIDE, 2011; JONG *et al.*, 2012; MONTELLI; REIS, 2008).

Inclusive, idosos que viviam em bairros com um número considerável de vegetação reportaram maior satisfação com o local de moradia, assim como foram os que mais avaliaram seus bairros como atrativos (BURTON; MITCHELL; STRIDE,

2011; JONG *et al.*, 2012). Logo, bairros com a presença de áreas verdes seriam associados a maiores oportunidades para mobilidade e interação social (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KENT; THOMPSON, 2014; SUGIYAMA; THOMPSON; ALVES, 2009; WANG *et al.*, 2016).

Por outro lado, estudos revelam que o uso e a interação social nestes espaços estariam condicionados às características desta vegetação. Assim, segundo Gong *et al.* (2014) espaços urbanos com pouca variação de espécies vegetais seriam mais atrativos a idosos com problemas cognitivos, o que não representaria a preferência daqueles saudáveis.

Contudo, um estudo americano indica o contrário, que o uso de espécies variadas em cores e odores seria uma forma de terapia aos idosos com estes problemas, além de promoverem a agradabilidade do espaço urbano (WOLF; HOUSLEY, 2016). Neste sentido, apesar da aparência positiva dos espaços urbanos estarem associadas à boa iluminação dos espaços, ao estado de manutenção e limpeza e a presença de vegetação, não fica claro nos estudos quais seriam as características consideradas satisfatórias aos idosos, bem como, se a atratividade e agradabilidade da aparência dos espaços urbanos está ligada a outros elementos.

#### 3.3.1.1.3 Ambiente sonoro

O ambiente sonoro é o conjunto de sons produzidos em determinado espaço, sendo parte de sua identidade e estética (ROMERO, 2001). Contudo, nem todo tipo de som é agradável e serve como estímulo aos seus usuários. Alguns são considerados ruídos capazes de afetar a participação das pessoas em atividades, sua socialização, mobilidade, satisfação com os locais de moradia e à qualidade de vida (BALFOUR; KAPLAN, 2002; BUGLIARELLO *et al.*, 1976; GEHL, 2013; KAHANA *et al.*, 2003). Segundo Gehl (2013) sons agradáveis devem possuir em torno de 60 decibéis (dB), com cada aumento de 8dB acima deste número causando a sensação do dobro de ruído até o ponto de os espaços urbanos perderem sua qualidade de ambientes de socialização e prejudicar a mobilidade (GEHL, 2013).

Entretanto, para Souza *et al.* (2013) 70dB marcaria o limite do que seria considerado aceitável, já representando o início do estresse auditivo. A NBR 10152 que trata dos níveis de ruído para conforto acústico, apesar de não apresentar valores

para ambientes externos também apresenta como faixas aceitáveis para ambientes internos valores que iniciam nos 30 dB e não ultrapassam os 60 decibéis (ABNT, 1987). Enquanto normativas da União Europeia apresentam como valores ideais de ruído diurno e noturno nos espaços urbanos aqueles de 40 e 35 decibéis, respectivamente, sendo considerados valores a serem mitigados aqueles que ultrapassem os 55 dB, notadamente durante à noite (CORREIA, 2012).

A exposição frequente a ruídos em valores considerados incômodos é responsável pela deterioração da audição em razão da destruição das células do órgão de Corti e da redução do número de fibras nervosas. Portanto, mesmo que a perda progressiva da audição seja parte do processo de envelhecimento, pode ser resultante ou acelerada pela exposição a ruídos, se tornando uma barreira à mobilidade de idosos (BALFOUR; KAPLAN, 2002; BUGLIARELLO *et al.*, 1976; CLARKE; NIEUWENHUIJSEN, 2009; SARKAR *et al.*, 2013).

Um dos principais riscos resultantes da perda progressiva de audição é a dificuldade da pessoa afetada em perceber esta redução, estando sujeita a ignorar avisos sonoros presentes no ambiente. Outros efeitos negativos seriam: a dificuldade de compreender e/ou confundir sons e palavras; aumento da pressão sanguínea e dos batimentos cardíacos; contrações musculares; irritabilidade; insônia; e estresse (BALFOUR; KAPLAN, 2002; BUGLIARELLO *et al.*, 1976).

Coelho (2010) ainda ressalta que espaços barulhentos que não permitem uma noite de repouso aumentam os riscos de quedas em idosos. Bem como, podem gerar desorientação espacial (MARQUEZ *et al.*, 2015). Quanto às fontes de ruído, estudos indicam os sons advindos do tráfego como os mais problemáticos (BALFOUR; KAPLAN, 2002; BECKER, 2005; BUGLIARELLO *et al.*, 1976; SARKAR; GALLACHER; WEBSTER, 2013). O que segundo Dorneles (2006) resultaria na preferência dos idosos por rotas com menor tráfego. A Organização Mundial da Saúde (2007) também indica o volume e/ou conteúdo das letras de músicas escutadas por pessoas mais jovens como fontes de estresse para idosos. Com base no que foi apresentado, ambientes sonoros considerados desagradáveis seriam evitados pelos idosos, limitando a sua mobilidade. Ainda, estudos demonstram diferenças na percepção do que seriam considerados estímulos ou ruídos dependendo da capacidade funcional dos idosos, havendo necessidade de aprofundar o conhecimento acerca deste tema.

#### *3.3.1.1.4 Densidade habitacional e diversidade de uso do solo*

A densidade habitacional é um indicador estatístico da quantidade de pessoas em relação a uma área, enquanto a diversidade de uso do solo é uma medida de intensidade das atividades existentes (LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013). Um espaço urbano que oferece diversidade de usos a pouca distância de caminhada, situação promovida por uma maior densidade habitacional auxilia a tornar o espaço mais atrativo (LEE; ZEGRAS; BEN-JOSEPH, 2013; LIMA, 2011).

Assim como facilita o acesso a recursos daquelas pessoas com problemas de mobilidade (CVITKOVICH; WISTER, 2001; KIM, 2011; OMS, 2007). Comércio e serviços distantes da moradia de idosos ou barreiras que limitam a acessibilidade a esses estabelecimentos, geram a impossibilidade de idosos para realizar atividades, limitando a sua mobilidade (AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010; BROWN; BROWN; PERKINS, 2004).

Contudo, a proximidade de comércio e serviços em relação à localização da moradia, também pode resultar em tempos curtos de caminhada, reduzindo a quantidade de atividade física ideal. O que seria um problema pelo fato desta atividade ser considerada um meio de manter a mobilidade dos idosos (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014). Baseado no que foi apresentado, existem lacunas no conhecimento acerca do impacto da densidade habitacional e da diversidade de uso do solo na mobilidade dos idosos, notadamente no que seria considerado positivo para a manutenção do deslocamento a pé pelos espaços urbanos.

#### *3.3.1.1.5 Tempo de exposição da sinalização semafórica*

O tempo de exposição ou de travessia é a quantidade de segundos necessária para atravessar a rua. Este tempo é determinado pela seguinte fórmula:  $T_t = L_p / V_t$ , na qual,  $T_t$  é o tempo de travessia;  $L_p$  é a largura da pista; e  $V_t$  é a velocidade do pedestre, sendo considerada a velocidade de 1,2m/s (CONTRAN, 2007). Entretanto, estudos apontam para uma velocidade de caminhada dos idosos inferior a este número, significando maiores riscos para a travessia de ruas (ADA, 1994; AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; DOMMES; CAVALLO, 2011; LANGLOIS *et al.*, 1997). O estudo de Dommès, Cavallo e Oxley (2013) indica que este seria o fator que melhor



explicaria um número elevado de atropelamentos de idosos na França. Apesar destas evidências, também existem estudos que revelam a capacidade de idosos de percorrer velocidades superiores aquelas tidas como padrões da norma (DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013; NOVAES; MIRANDA; DOURADO, 2011). Tais diferenças entre estudos podem ser observadas no Quadro 4.

**Quadro 4:** Velocidade de caminhada dos idosos de acordo com revisão da literatura

<b>Autores</b>	<b>Velocidade sem discriminação da idade (m/s)</b>	<b>Idosos de 60 a 69 anos (m/s)</b>	<b>Idosos com 70 anos ou mais (m/s)</b>
LANGLOIS <i>et al.</i> , 1997	-	-	0,38 a 0,59 m/s
ABNT, 2015	0,4 m/s	-	-
PRADO, 2003 <i>apud</i> CET/SP, 2011	0,4 m/s	-	-
ADA, 1994	0,445 m/s	-	-
SETTRAN, 2003 <i>apud</i> CET/SP, 2011	0,68 a 0,98 m/s	-	-
DOMMES; CAVALLO, 2011	-	0,90 m/s	0,92 m/s
AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012	1,05 a 1,12 m/s	-	-
THIES <i>et al.</i> , 2011	1,13 m/s	-	-
VIEIRA <i>et al.</i> 2015	1,15m/s	-	-
DOMMES; CAVALLO; OXLEY, 2013	-	1,33m/s	1,08m/s
NOVAES; MIRANDA; DOURADO, 2011	-	1,07m/s a 1,26m/s	1,02 a 1,09m/s

Fonte: da autora (2017)

Logo, observa-se que nos estudos em que não foi especificada a idade, a menor e maior velocidade são, respectivamente, 0,40m/s e 1,15m/s, representando uma diferença de 0,75m/s (ABNT, 2015; PRADO, 2003 *apud* CET/SP, 2011; VIEIRA *et al.* 2015). Ou seja, a diferença entre ambas é superior a menor velocidade registrada. Ainda, enquanto uma velocidade está de acordo com o tempo de exposição do Contran a outra é inferior. Nos estudos referentes aos idosos entre 60 e 69 anos, a menor e maior velocidades são de 0,90m/s e 1,36m/s (BOHANNON, 1996 *apud* NOVAES; MIRANDA; DOURADO, 2011; DOMMES; CAVALLO, 2011). Apesar da pouca diferença entre elas, a primeira é inferior a normativa brasileira. Para os idosos com 70 anos ou mais de idade a menor e maior velocidades registradas são de 0,38 m/s e 1,33 m/s (BOHANNON, 1996 *apud* NOVAES; MIRANDA; DOURADO, 2011; LANGLOIS *et al.*, 1997).

Novamente observa-se uma distância significativa entre os resultados, com parte destes estando de acordo com o valor estipulado pela norma do CONTRAN (2007) e outra parte não, havendo uma ausência de consenso sobre qual seria a velocidade ideal a ser adotada. Ainda, seriam necessários estudos que investiguem possíveis diferenças quanto à faixa etária dos grupos de idosos.

### 3.3.1.1.6 Topografia

A topografia trata da forma tridimensional de um terreno, sendo uma característica física dos espaços urbanos que exerce influência na mobilidade das pessoas, na ocorrência ou não de eventos em determinada área, na quantidade de pessoas que utilizam um local, suas atividades e a duração destas (GEHL, 2009; LYNCH, 1980; PASSOS; ROCHA; HADLICH, 2010). Contudo, estudos relativos aos idosos são divergentes quanto ao tipo de configuração considerada adequada e/ou preferencial à sua mobilidade dependendo da atividade exercida. Alguns estudos indicam terrenos planos como aqueles que favoreceriam a mobilidade dos idosos por não apresentarem desafios a sua capacidade funcional (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014; PEDROSO, 2007; VIANA, 2010; ZEITLER *et al.*, 2012).

Um estudo americano em condomínios fechados demonstrou que quanto mais plana as áreas no entorno dos condomínios, maior a probabilidade de idosos caminharem até estas para atividades de lazer (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014). O que vai ao encontro de um estudo australiano que revelou que idosos que moravam em terrenos com variabilidade de curvas de nível tinham dificuldade de caminhar até as paradas de ônibus (ZEITLER, 2012). Ainda, a variabilidade de curvas teria sido associada ao estresse psicológico de idosos (SARKAR; GALLACHER; WEBSTER, 2013).

Entretanto, outros estudos indicam para a preferência dos idosos por terrenos com variabilidade de curvas para atividades de lazer e esportivas (LEE; MOUDON, 2006 *apud* JOSEPH; ZIMRING, 2007). Ainda, que estes terrenos seriam associados a uma maior percepção de segurança em relação ao tráfego por apresentarem um número reduzido de ciclistas e pedestres (BURTON; MITCHELL; STRIDE, 2011). Possíveis razões que poderiam explicar a divergência nos resultados estariam relacionadas a diferentes níveis de capacidade funcional, como aponta um estudo belga no qual boas condições de saúde foram associadas a variabilidade de curvas de nível para idosos de 65 a 84 anos, enquanto aqueles mais longevos teriam apresentado uma preferência por terrenos planos (DUJARDIN; LORANT; THOMAS, 2014). Com base nessas contradições existe a necessidade por maiores estudos, notadamente dentro da realidade brasileira.

### 3.3.1.1.7 Vigilância formal e informal

O artigo nº 144 da Constituição Brasileira assegura que a segurança pública é um dever do Estado, logo, a preservação da ordem pública e a incolumidade das pessoas e patrimônios seria obtida através do trabalho da polícia. Por outro lado, a Constituição também afirma que a segurança se trata de um direito e responsabilidade de todos (BRASIL, 1988). Logo, espaços defensáveis seriam conceituados como aqueles que apresentam a capacidade de defesa através de controles voluntários exercidos pelos moradores e comerciantes das edificações adjacentes ao invés da dependência da vigilância policial (NEWMAN, 1996).

A supervisão visual facilitaria o uso dinâmico das ruas em razão da redução da percepção de insegurança e inibição da ocorrência de crimes ao: aumentar o controle sobre a rua, ampliar as chances de intervenção em caso de ameaça a um indivíduo e desencorajar a ação de criminosos (BASSO; LAY, 2002; JACOBS, 1961; NEWMAN, 1996). Entretanto, estudos relativos aos idosos demonstram divergências quanto à uma associação positiva entre a supervisão visual e a percepção de segurança em relação a crimes.

Estudos revelam que idosos aumentariam a frequência de mobilidade e uso do bairro no caso da existência de supervisão visual, associada à percepção de segurança quanto a crimes (CARSTENS, 1993; CAUWENBERG *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUIMAN, 2011; WANG; LEE, 2010). Entretanto, Burton, Mitchell e Stride (2011) não encontraram associação entre a supervisão visual e a percepção de segurança. Um estudo português teria revelado a importância somente da presença policial para o sentimento de segurança dos idosos, que teriam indicado a presença de outras pessoas como ineficaz já que estas tenderiam a não prestar auxílio nem ao menos em situações como episódios de quedas (VIANA, 2010). Outros estudos revelam as conexões visuais e funcionais como dependentes dos limites sensoriais e do controle que exercem sobre a rua (GEHL, 2013; NEWMAN, 1996).

A conexão visual direta ocorreria apenas em relação ao andar térreo, no qual o espaço urbano seria considerado uma extensão da residência. Embora, não descartem a possibilidade de supervisão em outros andares, contudo, em menor intensidade (GEHL, 2013; NEWMAN, 1996). Jacobs (1961) não especifica o que

aconteceria em cada andar das edificações, embora mencione episódios de vigilância por parte dos moradores no quarto andar de edificações.

Enquanto Newman (1996) e Gehl (2013) mencionam o controle efetivo no andar térreo, e, uma possibilidade de vigilância em edificações de até três andares desde que haja um número limitado de famílias. Portanto, não fica claro nos estudos o grau de influência que a vigilância informal atuaria na percepção de segurança dos idosos. Não sendo incluídos ainda nas características que promoveriam a percepção de segurança outros instrumentos, por exemplo, a vigilância através de câmeras. Ainda são limitadas as evidências acerca do papel da vigilância formal na percepção de segurança dos idosos e como esta atua sobre sua mobilidade.

### **3.3.2 A proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas**

Segundo Campos Filho (2003) a vida das pessoas é organizada a partir das características e dos usos existentes no território onde habitam, principalmente no que se refere aos comércios e serviços, que seriam divididos em três níveis. Esses níveis são: o comércio e serviço de apoio imediato à residência que tende a ter uma frequência de uso diária ou semanal, caracterizado geralmente como “locais” ou “básicos” (tais como, mercado e farmácia), tendo como característica principal a necessidade de estarem próximos da residência dos moradores.

O segundo nível seria os comércios e serviços que ainda seriam de apoio a residência, mas que a sua frequência de uso já passa a ser esporádica, tais como, lojas de roupas. O terceiro nível são os serviços de apoio a outras atividades urbanas, que além de apresentarem uma frequência ainda mais esporádica de uso, são oferecidos de acordo com a demanda de um local (CAMPOS FILHO, 2003).

No entanto, à facilidade de acesso a equipamentos públicos e a locais de lazer são fortemente responsáveis pela mobilidade e o uso do espaço urbano pelos idosos. Com estudos indicando a frequência de uso ligada a essa proximidade de tais locais da residência dos idosos (AIELLO; ARDONE; SCOPELLITI, 2010; BROWN; BROWN; PERKINS, 2004). Um estudo com idosos na cidade de Pelotas/RS revelou a importância do transporte público para que idosos que moravam em bairros mais distantes do centro conseguissem acessar essa região da cidade, uma vez que não

tenham condições de ir a pé ou através de outro meio de transporte. Contudo, não fica claro no estudo o que seria considerado uma distância ideal da parada de ônibus da residência dos idosos (PIRES et al., 2020). Ainda, a distância (800m) indicada como adequada até esses locais por Campos Filho (2003) refere-se a todos os grupos etários, podendo não ser adequada a idosos, notadamente àqueles com restrições físicas. Nesse sentido, verifica-se a necessidade de se investigar quais as distâncias podem ser consideradas o limite para que o transporte público, comércios/serviços e locais de interesse sejam próximos para os idosos, ao ponto de poderem alcançar tais locais caminhando.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo foram identificadas, através da literatura, as variáveis contextuais relacionadas a interação entre idoso e ambiente, fundamentadas nos objetivos de investigar o efeito das características físico-espaciais dos locais de moradia na conexão com o lugar, interação social e mobilidade por parte de diferentes idosos. O próximo capítulo descreve a metodologia para operacionalizar a pesquisa, apresenta critérios e dados relativos à seleção do objeto de estudo e a sua caracterização, assim como os critérios de seleção das amostras, sendo apresentados os métodos de coleta e análise dos dados, além dos aspectos relacionados ao trabalho de campo.

## 4 METODOLOGIA

Esse capítulo descreve a metodologia para operacionalização dos objetivos da pesquisa. Inicialmente, é apresentado o objeto de estudo e os critérios para a sua escolha. Na sequência são detalhados os métodos de coleta, as amostras e os métodos de análise dos dados.

### 4.1 OBJETO DE ESTUDO

No estado do Rio Grande do Sul, as cidades médias apresentam uma representatividade intermediária entre a capital Porto Alegre e as cidades de pequeno porte, servindo de centros de referência a seus núcleos mais imediatos. Dentre as cidades que possuem essa representatividade está Caxias do Sul, que assume um papel de cidade-sede da Região Metropolitana da Serra Gaúcha (GREGOLETTO, 2019; PMCS, 2015b). Além dessa sua representatividade regional, Caxias do Sul foi escolhida como o local onde a pesquisa seria realizada por ser a terceira cidade do Estado com maior quantidade de pessoas idosas (10,8% - 46.931 de 435.564) segundo dados coletados do DATASUS (2014). Dados da Prefeitura de Caxias do Sul (2016b) também revelam um crescimento de 75,8% de sua população idosa entre os anos de 1980 e 2010, o que representa 400% de crescimento em relação às demais faixas etárias. Em complemento, a familiaridade com a cidade e a facilidade para obtenção de dados contribuiu para a sua escolha.

**Tabela 3:** Os 5 primeiros municípios em número de população idosa, por faixa etária

Municípios com maior número de idosos por faixa etária	idosos 60-69 anos	idosos 70-79 anos	Idosos 80 anos ou mais	Total de idosos
Porto Alegre	136.345 (13,80%)	74.591 (14,43%)	44.232 (17,25%)	255.168 (14,49%)
Pelotas	32.470(3,28%)	17.775 (3,43%)	9.224 (3,59%)	59.469 (3,37%)
<b>Caxias do Sul</b>	<b>35.016 (3,54%)</b>	<b>15.712 (3,04%)</b>	<b>7.680 (2,99%)</b>	<b>58.408 (3,31%)</b>
Canoas	27.361 (2,77%)	12.362 (2,39%)	5.927 (2,31%)	45.650 (2,59%)
Santa Maria	23.345 (2,36%)	12.756 (2,46%)	6.702 (2,61%)	42.803 (2,43%)
<b>Total de idosos no RS</b>	<b>987.525 (100%)</b>	<b>516.765 (100%)</b>	<b>256.273 (100%)</b>	<b>1.760.563 (100%)</b>

Obs.: foram utilizados os valores referentes ao ano de 2015.

Fonte: DATASUS (2014).

**Tabela 4:** Comparação entre o total populacional e o número de idosos em Caxias do Sul

Comparação entre o total populacional e o número de idosos em Caxias do Sul	Censo do ano 1980	Censo do ano 1990	Censo do ano 2000	Censo do ano 2010
População idosa de Caxias do Sul	12.721 (5,8%)	20.327 (7,1%)	30.178 (8,4%)	46.931 (10,8%)
População geral de Caxias do Sul	220.553 (100%)	284.009 (100%)	360.419 (100%)	435.564 (100%)

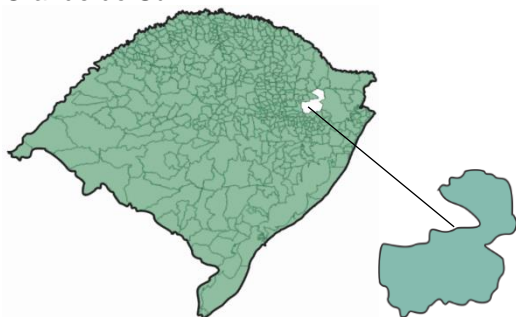
Obs.: os dados do DATASUS são baseados nas informações do censo do IBGE.

Fonte: DATASUS (2014).

#### 4.1.1 Perfil do município de Caxias do Sul

Caxias do Sul possui área de 1.638,34 km<sup>2</sup>, correspondente a 0,55% do Estado do Rio Grande do Sul (PMCS, 2015b). A cidade, fundada em 1875, foi um dos locais escolhidos para o assentamento dos imigrantes italianos no estado (COSTA, 2001; MACHADO 2001). Entretanto, apesar de sua fundação ser em 1875, foi apenas no ano seguinte que seu núcleo oficial é estabelecido no atual Bairro Centro (COSTA, 2001; HERÉDIA, 1997). A Colônia Caxias, em dois anos de sua fundação já possuía 3.851 habitantes, tendo a concentração de edificações de seu núcleo urbanizado na Avenida Júlio de Castilhos e na Rua Sinimbú, que permanecem eixos estruturantes da cidade (COSTA, 2001; MACHADO, 2001).

**Figura 7:** Caxias do Sul em relação ao Rio Grande do Sul



Fonte: adaptado pela autora de IBGE (2016).

**Figura 8:** Imagem aérea de Caxias do Sul a partir dos Pavilhões da Festa da Uva



Fonte: caxias2014.wordpress.com (2016).

Em 1910, no dia que ocorre a emancipação da Vila Caxias, é inaugurada a estrada de ferro que criou uma ligação direta com Porto Alegre. Na questão de desenvolvimento urbano, os principais marcos temporais ocorrem relacionados a expansão da malha urbana, ao surgimento de novos bairros e melhorias realizadas na infraestrutura urbana de acordo com o Quadro 5 que segue:

**Quadro 5:** Principais marcos temporais do desenvolvimento urbano de Caxias do Sul

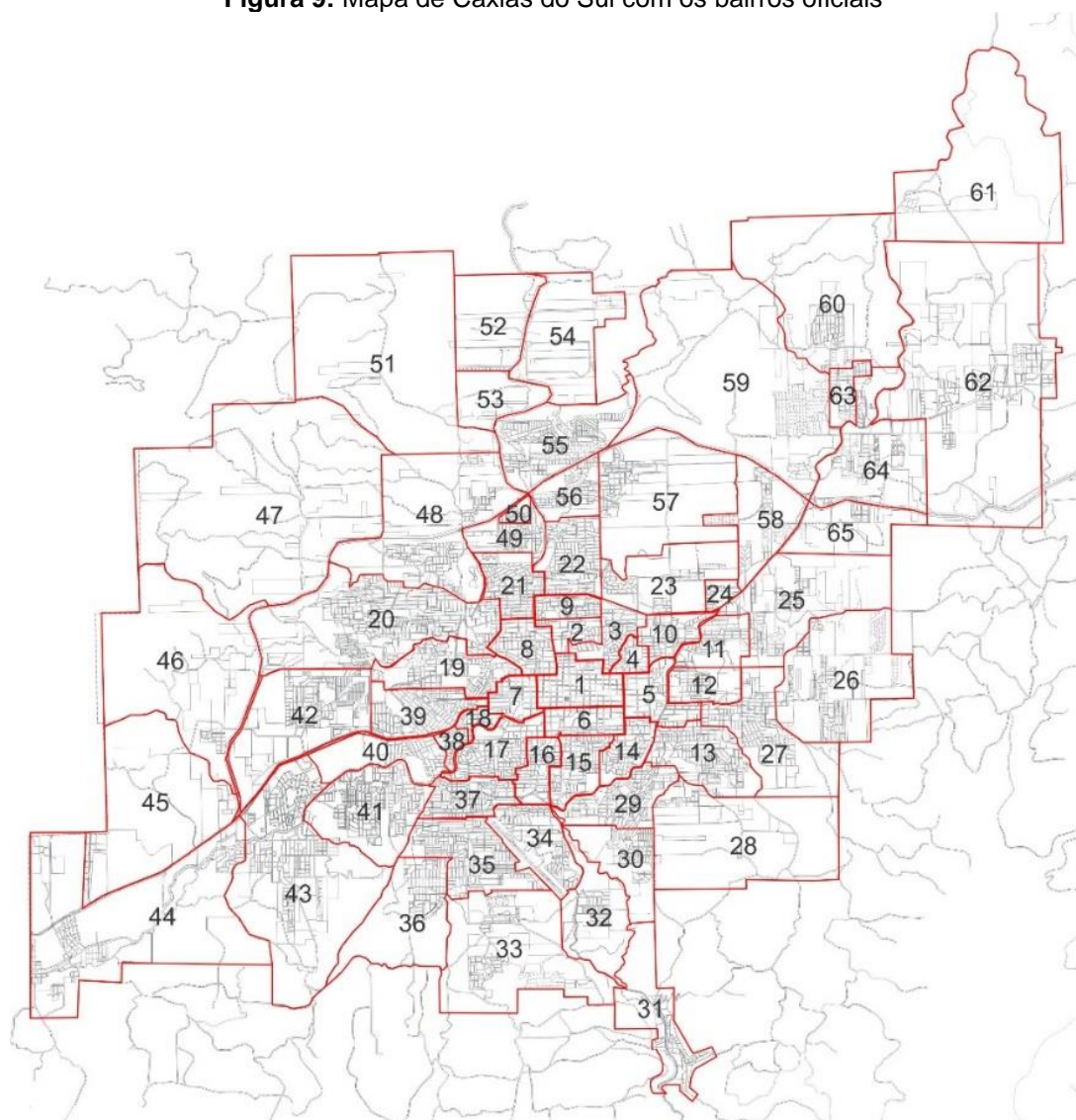
Década	Marcos temporais	Fonte
1910	Expansão da malha à Leste e consolidação dos bairros Nossa Senhora de Lourdes, Jardelino Ramos e Sagrada Família.	COSTA, 2001; MACHADO, 2001
1920	Solidificação das indústrias vitivinícolas e metalmeccânicas. Crescimento da malha urbana para o Oeste. Consolidação do Bairro São Pelegrino como extensão do centro da cidade.	COSTA, 2001; HERÉDIA, 1997;
1930	Melhorias na infraestrutura com o calçamento das ruas principais, sistematização de traçados, arborização das vias públicas, construções de madeira substituídas por edificações mais resistentes e a conclusão da Praça Dante Alighieri ("marco inicial" da cidade). Consolidação dos bairros Pio X, Marechal Floriano, Cinquentenário, Medianeira, Rio Branco e Exposição.	COSTA, 2001; HERÉDIA, 1997; MACHADO, 2001

Continua na próxima página

1940	Crescimento acelerado da cidade, com o impulso dos setores têxtil, siderúrgico e metalúrgico. Saturação da malha original para uso industrial e especulação imobiliária e expansão para áreas periféricas. Incentivo a verticalização da zona central (altura mínima de 12m nas ruas e avenidas ao redor da Praça Dante Alighieri). Consolidação dos bairros Petrópolis, Bela Vista, Cruzeiro e Panazzolo.	COSTA, 2001
1950	Surgimento do primeiro loteamento regular (Jardim América).	COSTA, 2001
1950-1960	Consolidação dos bairros Fátima do Sul (atual Nossa Senhora de Fátima), Maryland, Kayser, Planalto II, Século XX, Cristo Redentor, Santa Fé, Pioneiro Leste, Pioneiro Oeste e Salgado Filho.	COSTA, 2001
1970	Primeiro plano diretor municipal	SCHLINWEIN, 2013
1980	Indústrias localizadas no plano original da cidade migram para o perímetro urbanizado.	COSTA, 2001

Fonte: da autora (2021).

**Figura 9:** Mapa de Caxias do Sul com os bairros oficiais



**Nome dos Bairros:** (1) Centro; (2) Madureira; (3) Jardim América; (4) Jardelino Ramos; (5) Nsa. Sra. de Lourdes; (6) Exposição; (7) São Pelegrino; (8) Pio X; (9) Universitário; (10) Sagrada Família; (11) Presidente Vargas; (12) Petrópolis; (13) Bela Vista; (14) Cristo Redentor; (15) Panazzolo; (16) São Leopoldo; (17) Rio Branco; (18) Medianeira; (19) Marechal Floriano; (20) Santa Catarina; (21) São José; (22) Nsa. Sra. de Fátima; (23) Interlagos; (24) De Lazzer; (25) Diamantino; (26) São Luiz; (27) Cruzeiro; (28) São Virgílio; (29) Planalto; (30) São Victor Cohab; (31) Galópolis; (32) Santa Corona; (33) Nsa. Sra. das Graças; (34) Salgado Filho; (35) Esplanada; (36) São Caetano; (37) Kayser; (38) Floresta; (39) Cinquentenário; (40) Sanvitto; (41) Charqueadas; (42) Cidade Nova; (43) Desvio Rizzo; (44) Forqueta; (45) Samuara; (46) São Giacomo; (47) Monte Bérico; (48) Nsa. Sra. da Saúde; (49) Pioneiro; (50) Pôr do Sol; (51) Linha 40; (52) Brandalise; (53) Maestra; (54) Pedancino; (55) Santa Fé; (56) Centenário; (57) Nsa. Sra. do Rosário; (58) São Ciro; (59) Serrano; (60) Santo Antônio; (61) Parada Cristal; (62) Ana Rech; (63) Jardim Eldorado; (64) São Cristóvão; (65) Jardim das Hortências.

Fonte: adaptado pela autora da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (2016b).



Atualmente, a cidade conta com aproximadamente 465 mil habitantes, sendo constituída por 65 bairros (Figura 9) que totalizam 1.638,34 km<sup>2</sup>, mais os distritos de: Criúva (459,40km<sup>2</sup>); Fazenda Souza (127,80 km<sup>2</sup>); Vila Oliva (19,02km<sup>2</sup>); Santa Lúcia do Piaí (168,05km<sup>2</sup>); Vila Seca (166,09km<sup>2</sup>); e Vila Cristina (90,99km<sup>2</sup>). O setor mais representativo de sua economia é de comércio e serviços (52,96%), seguido pela indústria (45,82%) e agropecuária (1,22%), sendo a terceira maior economia do estado com um PIB de R\$ 15,69 bilhões. A renda per capita no ano de 2010 era de R\$ 36.034,00, sendo essa 62% maior que a renda média estadual (PMCS, 2015b).

#### 4.1.2 Critérios para a escolha dos objetos de pesquisa

O primeiro passo da pesquisa consistiu no levantamento de informações relativas aos bairros com maior representatividade de idosos, e, cujas características físico-espaciais permitissem estabelecer relações com as lacunas ou contradições presentes na literatura. A seleção dos locais a serem pesquisados iniciou com o levantamento e coleta de informações relativas às características físico-espaciais e socioeconômicas dos 65 bairros oficiais de Caxias do Sul (Quadro 9). Tais informações foram obtidas a partir das seguintes fontes descritas no Quadro 6:

**Quadro 6:** Fontes e tipo de informação utilizada como critério de seleção dos bairros

Tipo de fonte de dados	Nome das fontes	Tipo de informação coletada
Sistema para obtenção de informações público do governo federal	Sistema IBGE de recuperação automática - SIDRA	Informações socioeconômicas dos residentes idosos de cada bairro de Caxias do Sul, tais como, número total de idosos; o número de idosos por faixa etária e a renda média geral da população de cada bairro. As informações mais atualizadas encontradas no sistema datam do ano de 2010
Sistema para obtenção de informações público do governo municipal	Geo Caxias da Secretaria de Planejamento Municipal (SEPLAN)	Informações relativas à área de cada bairro em quilômetros quadrados (km <sup>2</sup> ), caracterização dos bairros pelo Plano Diretor Municipal e a sua configuração topográfica
Guia informativo público do governo municipal	Guia do Idoso da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (2015)	Informações relativas às atividades e serviços existentes no Município que sejam voltadas e/ou de interesse da população idosa. Os tipos de atividades e serviços presentes nesse guia são de caráter assistencial, cultural, de lazer e esportivas, sendo que todos apresentam geralmente um intuito ligado à socialização dos idosos entre si e com o resto da comunidade.
Programa de empresa privada e pesquisa <i>in loco</i>	Google Earth Pro e visitas <i>in loco</i>	informações de cada bairro relativas à altura, tipologias das edificações e uso do solo predominantes.

Fonte: da autora (2017).

Este levantamento inicial das informações para a seleção dos bairros a serem utilizados como objeto de estudo consistiu na identificação daqueles que apresentassem características condizentes com as variáveis composicionais e

contextuais da pesquisa. Assim, os parâmetros para a seleção dos bairros que compõe o objeto de pesquisa são descritos no Quadro 7 que segue:

**Quadro 7:** Detalhamento dos parâmetros de seleção dos bairros

Parâmetros	Descrição dos parâmetros de seleção dos bairros
Densidade <sup>2</sup> de idosos residentes no bairro	Procurou-se evitar bairros em que a densidade de idosos se demonstrasse pouco expressiva, sendo adotado o critério densidades iguais ou maiores a 0,00009 idosos por km <sup>2</sup> . Dentre os 65 bairros oficiais da cidade, 20 foram eliminados. Entre estes bairros apenas Ana Rech possuía uma quantidade de respondentes de acordo com o próximo critério. Por sua vez, o Bairro Linha 40 não pode ser avaliado a partir deste critério por faltarem informações relativas à sua área.
Número suficiente de idosos por faixa etária no bairro	Foram eliminados os bairros que não apresentassem uma quantidade mínima de 30 respondentes por faixa etária (REIS; LAY, 1995). Dentre os 65 bairros, apenas 20 atendiam esse critério.
Rendimento nominal médio mensal dos domicílios	Adotou-se como critério de pré-seleção bairros com rendimento médio variado (variável composicional). Os valores utilizados na seleção são aqueles presentes no SIDRA, portanto, correspondentes ao ano de 2010, em que o rendimento médio geral dos domicílios do município era de R\$ 3.109,65 e o salário-mínimo federal de R\$ 510,00 (IBGE, 2016).
Plano Diretor Municipal (PDM) e características de uso do solo, altura e tipologia das edificações	Para responder às variáveis contextuais procurou-se selecionar bairros com diferenças entre elas. A partir do Plano Diretor foi possível verificar as características incentivadas em cada bairro (Quadro 8). As “características predominantes de uso do solo”, “densidade” e “tipologia das edificações” também foram analisadas a partir de visitas aos bairros participantes da seleção ainda restantes e por visualização no programa <i>Google Earth</i> . Para as “características predominantes de uso do solo” os bairros foram classificados em: “comercial”, quando havia uma maior concentração de comércios e serviços; “residencial”, aqueles que apesar de possuírem outras atividades, eram predominantemente residenciais; e “misto”, aqueles que dependendo de sua área apresentavam diferentes usos dominantes. Na “densidade”, classificaram-se os bairros em: “alta”, quando já existiam menores espaços para novas construções, ou que um número elevado de edificações unifamiliares tinham sido substituídas por edificações em altura; “média” para áreas que apesar de já estarem densificadas, ainda apresentam possibilidade de novas construções ou substituição de edificações unifamiliares por edificações de maior porte; e “baixa” para áreas que apresentam maiores extensões de terras desocupadas ou seu território é ocupado principalmente por edificações unifamiliares. A maioria das áreas consideradas como de baixa densidade estava em áreas mais periféricas, com um caráter mais rural, destoando das características presentes nas variáveis da pesquisa. As “características predominantes das edificações” complementam a informação acerca da densidade, ressaltando-se que foram denominados de “variada” aqueles bairros em que dependendo da área havia um predomínio diferenciado de características, por exemplo, no Bairro Rio Branco uma área apresenta uma quantidade expressiva de edificações em altura, enquanto em outra área do bairro existem apenas edificações unifamiliares de no máximo 2 pavimentos. A partir destes critérios, dos 20 bairros pré-selecionados, restaram 15.
Variedade de locais relacionados à interação social	Como a interação social é um dos objetivos gerais do trabalho, os bairros necessitavam apresentar diversidade de locais para realização de atividades de socialização (parques, praças no bairro ou arredores e atividades e serviços voltados à terceira idade). Entre esses estão projetos municipais ou de instituições/organizações privadas, bem como a presença de “Academia da Melhor Idade” que se trata de equipamentos de exercício físico instalados em praças, com a presença de instrutores dependendo do bairro e horário (PMCS, 2015).
Topografia	Foram selecionados bairros com diferentes relevos. Para tanto os bairros foram categorizados como “regulares” e “irregulares”. Como Caxias do Sul está localizada em região de serra, sua topografia não é plana em nenhum bairro. Contudo, em alguns suas curvas de nível não possuem tanta variação, estes foram chamados de “regulares”. Enquanto aqueles onde há uma maior diferença entre as curvas de nível foram chamados de “irregulares”.

Fonte: da autora (2017).

**Quadro 8:** Descrição das zonas do PDM de Caxias do Sul

Nome da Zona	Sigla	Descrição
Zona Central	ZC1	zona de centro principal, constitui o núcleo central da cidade.
Zona Central 2	ZC2	zonas de centro secundárias, áreas dos centros das regiões administrativas, com interesse de densificação.
Zona Central 3	ZC3	zonas de corredor comercial, principais eixos de crescimento, caracterizadas pela expansão do núcleo tradicional e a presença de corredores de serviços e transportes.
Zonas Residencial 1	ZR1	destinada ao incentivo de atividades habitacionais de baixa densidade, sítios de recreio e áreas de lazer, comércio e serviços de apoio a habitação desde que de pequeno porte.

Continua na próxima página

<sup>2</sup> A densidade de idosos por bairro foi calculada a partir da seguinte fórmula: densidade = número total de idosos no bairro/área total do bairro. O número de idosos por bairro foi obtido através do SIDRA e a área do bairro em quilômetros quadrados (km<sup>2</sup>) através da base de dados Geo Caxias.

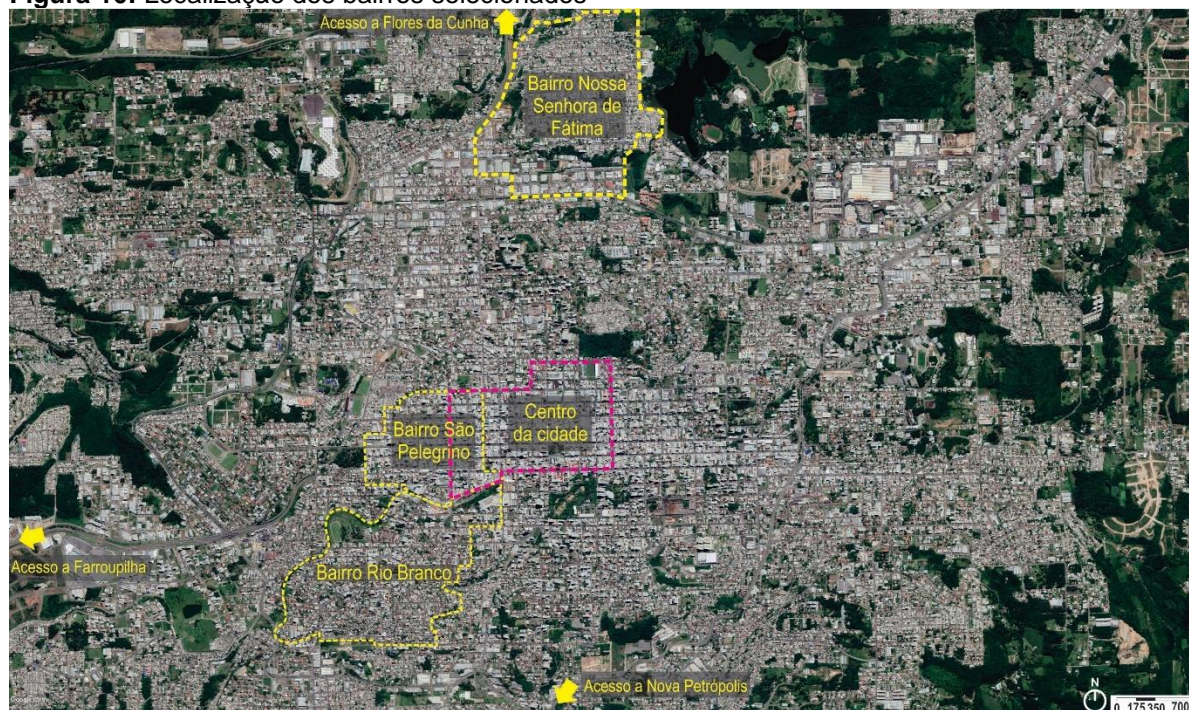
Zonas Residencial 2	ZR2	áreas com vocação predominantemente residencial, de baixa e média densidade, com atividades de comércio e serviços e indústrias de pequeno porte, com possibilidade de comércio e serviços de médio porte.
Zonas Residencial 3	ZR3	espaços adequados a densificação, com função de dar suporte ao uso residencial e atividades complementares à habitação.
Zonas Residencial 4	ZR4	mesmas características da ZR3, sendo permitido parcelamento de interesse social pela iniciativa privada.
Zonas de Uso Misto	ZUM	áreas de ocupação mista, densidade habitacional média, com incentivo a atividades de comércio e serviços e indústrias de médio porte, sendo admitido parcelamento de interesse social pela iniciativa privada.

Nota: foram incluídos no quadro apenas as zonas que apresentam dentre os seus usos o residencial.

Fonte: PMCS (2008).

Outra questão levada em consideração, mesmo que não esteja nos Quadros 7 e 9, foi a segurança em relação a crimes. Caxias do Sul, segundo Nielsen (2013), possui uma alta média de ocorrências criminais. Por exemplo, sua média de vítimas de assassinato no ano de 2010 foi de 31 vítimas para cada 100 mil habitantes, valores maiores do que das cidades de São Paulo (10,4) e do Rio de Janeiro (23,5). A partir dos critérios “Variedade de locais relacionados à participação e interação social” e “Topografia”, e, levando em conta a segurança, dos 15 bairros restantes, foram selecionados como objetos de estudo 3 bairros da cidade: Rio Branco, São Pelegrino e Nossa Senhora de Fátima (Quadro 9 e Figura 10).

**Figura 10:** Localização dos bairros selecionados



**Nota:** no mapa foram delimitados de amarelo os bairros selecionados para a pesquisa. Em rosa está selecionada a área considerada como centro da cidade. A área considerada como centro da cidade é constituída por uma parte do Bairro São Pelegrino e uma parte do Bairro Centro, tendo sido delimitada pela percepção do que seria o centro da cidade a partir da indicação dos 150 respondentes da pesquisa.

Fonte: adaptado pela autora do Google Earth (2017).

**Quadro 9:** Bairros selecionados

Bairros	Área (km²)	Densidade de idosos por bairro	Nº total de idosos em cada bairro	Nº suficiente de idosos	Rendimento mensal dos domicílios	Plano Diretor Municipal	Característica predominante de uso do solo	Densidade de edificações do bairro	Característica predominante edificações	Variedade de locais de interação social	Topografia
Nsa. Sra. de Fátima	1.786.775	0,0005982846	1069	Sim	R\$ 2.134,27 Baixa	ZR3	Residencial	Média	Casas	Sim	Irregular
Rio Branco	1.612.133	0,0015600450	2515	Sim	R\$ 3.702,72 Média	ZR3	Misto	Média	Variada	Sim	Irregular
São Pelegrino	75.684	0,0217747476	1648	Sim	R\$ 5.305,34 Alta	ZC1	Comercial	Alta	Prédios	Sim	Regular

Fonte: da autora (2017).

#### 4.1.2.1 Caracterização dos bairros de pesquisa

Nessa parte são descritas as características físico-espaciais dos bairros selecionados para a pesquisa.

##### 4.1.2.1.1 Bairro Nossa Senhora de Fátima

Localizado ao lado do Complexo Dal Bó (Barragens de São Miguel e São Pedro e Parque Dr. Celeste Gobatto) trata-se de um bairro predominantemente residencial unifamiliar (Tabela 5 e 6). O bairro, consolidado na década de 1950, surge de um loteamento planejado para a moradia de funcionários das indústrias que saíram do centro para se estabelecer na zona periférica da cidade. O bairro é dividido pelos residentes e pela topografia em 3 zonas distintas: Fátima Alta (topo do morro, onde estão as moradias dos respondentes/entrevistados da pesquisa); Fátima Baixa (encosta do morro) e São José (antes do início do morro) (Figura 11).

**Tabela 5:** Classificação das edificações do B. Nsa. Senhora de Fátima pelo tipo de uso e altura

Tipos de uso das edificações	Quantidade (%)	Tipos de edificação por altura	Quantidade (%)
Residencial	3091 (84,8%)	Edificações baixas - 1 a 2 pavimentos	3483 (95,6%)
Industrial	262 (7,2%)	Edificações médio baixas - 3 a 5 pavimentos	160 (4,4%)
Misto (residencial e comercial)	180 (4,9%)	Edificações médio altas - 6 a 10 pavimentos	1 (0,03%)
Comercial e serviço	105 (2,9%)	-	-
Institucionais	6 (0,2%)	-	-
<b>Total geral</b>	<b>3.644 (100%)</b>	<b>Total geral</b>	<b>3.644 (100%)</b>

Nota: A divisão das classificações das edificações é adaptada da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE (2018). Enquanto a classificação das edificações por altura é adaptada da Resolução Técnica CBMRS nº11 do Comando dos Bombeiros do Rio Grande do Sul (2016) e do pé-direito adotado pela Prefeitura Municipal em seu Plano Diretor Municipal (2008).

Fonte: da autora (2020).



<b>Categoria</b>	<b>Especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais</b>	<b>Total</b>
Comércio 149 (51,2%)	Bares, restaurantes, lancherias e padarias	45 (15,5%)
	Confecções, calçados, moda e beleza	39 (13,4%)
	Mercados, armazéns, supermercados e gêneros alimentícios	26 (8,9%)
	Bazar, eletroeletrônico, móveis e livrarias	18 (6,2%)
	Materiais de construção e afins	11 (3,8%)
	Esporte, lazer e academias	9 (3,1%)
	Bancos, lotéricas e casas de crédito	1 (0,2%)
Serviço 114 (39,2%)	Serviços residenciais, comerciais e industriais	55 (18,9%)
	Oficinas mecânicas, autopeças, revendas, combustíveis, gás e estacionamentos pagos	32 (11%)
	Escolas, faculdades e universidades	11 (3,8%)
	Clínicas veterinárias e lojas de animais	7 (2,4%)
	Unidades básicas de saúde, farmácias, clínicas e consultórios	7 (2,4%)
	Hotéis e pousadas	2 (0,7%)
	Institucional 28 (9,6%)	Templos religiosos e associações comunitárias
<b>Total</b>		<b>291 (100%)</b>

**Fonte:** da autora (2020).

[illegible]

Cada uma dessas zonas do bairro possui características físico-espaciais distintas. As principais características, que influenciam a conexão com o lugar, a

interação social e a mobilidade de idosos, serão apresentadas de acordo com cada uma das zonas do bairro no Quadro 10, bem como, parte delas são ilustradas nas Figuras 12 e 13 que seguem.

**Quadro 10:** Características físico-espaciais do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por zona

Zona	Característica	Descrição das características físico-espaciais
Fátima Baixa	Uso do solo	Predominantemente residencial, contudo, apresentando alguns comércios e indústrias em seu perímetro adjacente a ERS 122.
	Altura e tipologia das edificações	Predominantemente residencial de no máximo 2 pavimentos. A maioria das edificações são residências unifamiliares em condições precárias de construção e/ou manutenção.
	Topografia	Irregular, com a maioria das edificações construídas na encosta do morro.
	Condições gerais da infraestrutura	A região possui problemas ou inexistência de redes de saneamento e de infraestrutura viária, tratando-se de uma ocupação irregular.
	Locais de interação social	Tanto no levantamento de arquivo como físico não foram encontrados locais voltados a interação social.
São José	Uso do solo	Predominantemente industrial, contudo, apresenta comércios, serviços e residências unifamiliares. Essas residências concentram-se principalmente na região que faz divisa com o Fátima Alta.
	Altura e tipologia das edificações	A maioria das edificações são pavilhões industriais com alturas próximas a 12m. As edificações de uso residencial, de comércio ou serviço apresentam em média dois pavimentos, sendo constituídas em sua maioria de obras de arquitetura popular.
	Topografia	Regular, sendo a única região que está situada fora dos limites do morro.
	Condições gerais da infraestrutura	Zona do bairro com planejamento prévio, estando integrada a malha urbana adjacente. Apresenta redes de saneamento e estrutura viária em boas condições de manutenção.
	Locais de interação social	Tanto no levantamento de arquivo como físico não foram encontrados locais voltados a interação social.
Fátima Alta	Uso do solo	Predominantemente residencial, contudo, concentra a maioria dos comércios, serviços e instituições presentes no bairro. A localização desses comércios, serviços e instituições ocorre em grande parte ao longo ou nas adjacências da principal via coletora dessa região (Avenida Renato Del Mese).
	Altura e tipologia das edificações	Predomínio de edificações unifamiliares de no máximo 2 pavimentos, constituídas em sua maioria por construções de caráter popular. Contudo, as edificações em altura de caráter misto (residencial e comercial) ou residencial presentes no bairro também se concentram nessa zona.
	Topografia	Possui mais de 20m de desnível em relação a região chamada de São José. As curvas de nível são regulares em seu centro, onde se localiza a Avenida Renato Del Mese, apresentando declividades mais acentuadas à medida em que se aproxima dos seus limites, principalmente à Oeste.
	Condições gerais da infraestrutura	Zona do bairro que possui planejamento prévio, sendo constituída por uma malha regular. Apresenta redes de saneamento, embora aparentemente possuir problemas em determinadas regiões (por exemplo: esgoto cloacal lançado em vertente de água). Ainda, apesar das ruas apresentarem pavimentação no leito carroçável e na maioria das calçadas, essas não estão ausentes de problemas de manutenção. A maioria das calçadas do bairro apresenta problemas referentes principalmente a irregularidade de sua pavimentação, quebras, buracos, desníveis abruptos ou pavimentos escorregadios.
	Locais de interação social	Apresenta áreas verdes de lazer (Praça Nossa Senhora de Fátima pertencente ao bairro, campo de futebol utilizado como área de socialização e o Parque do SESI nas adjacências do bairro). Uma das igrejas católicas do bairro oferta atividades de caráter voluntário. A Associação do bairro também oferece oficinas para o público geral e atividades específicas aos idosos. A UBS Fatima Alta apresenta atividades de interação, educativas e de prática de saúde voltadas ao público idoso. Assim como uma das escolas municipais possui atividades educativas voltadas à terceira idade.

Fonte: da autora (2020).



Figura 12: Usos do térreo das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima e localização das moradias dos respondentes

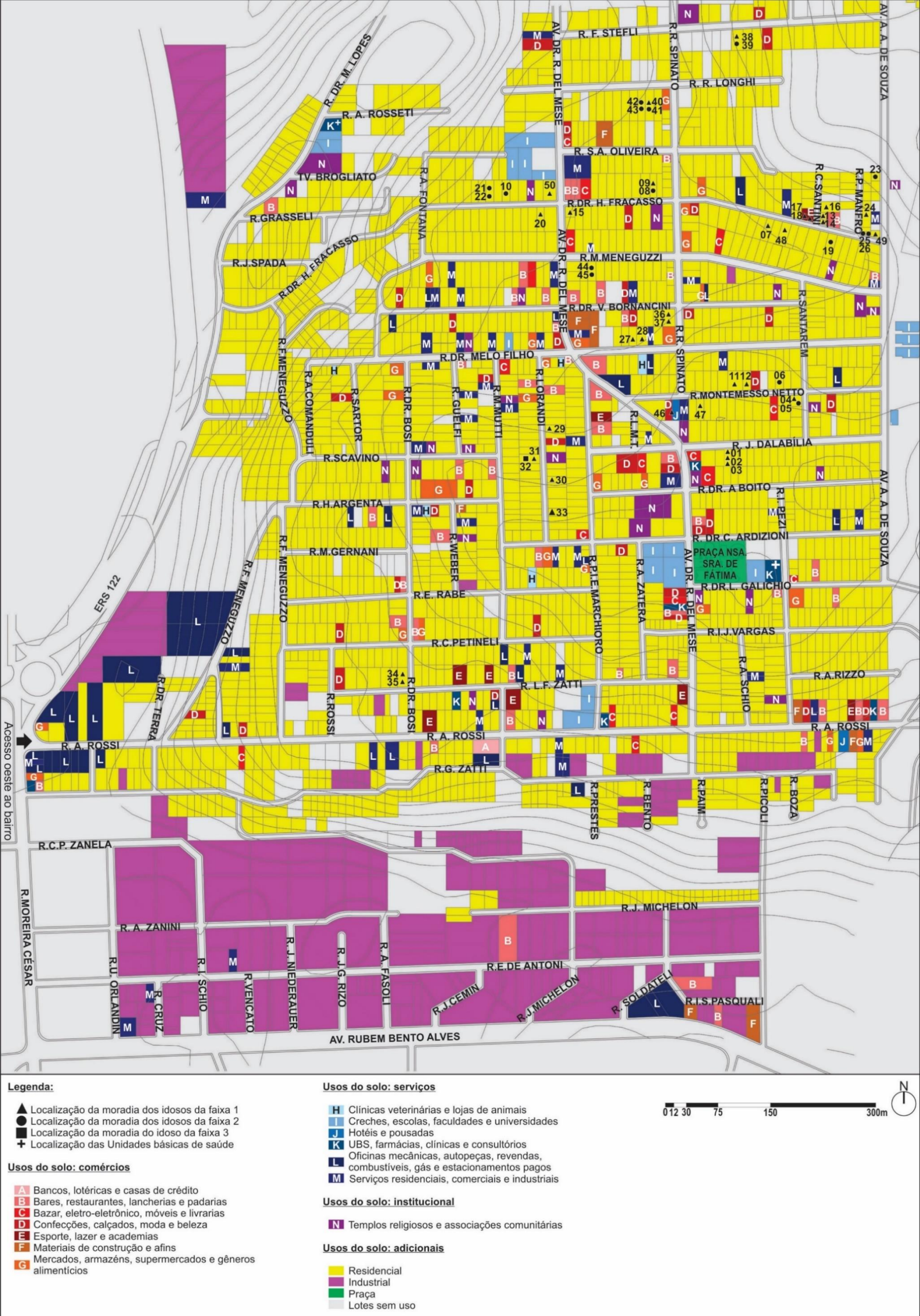
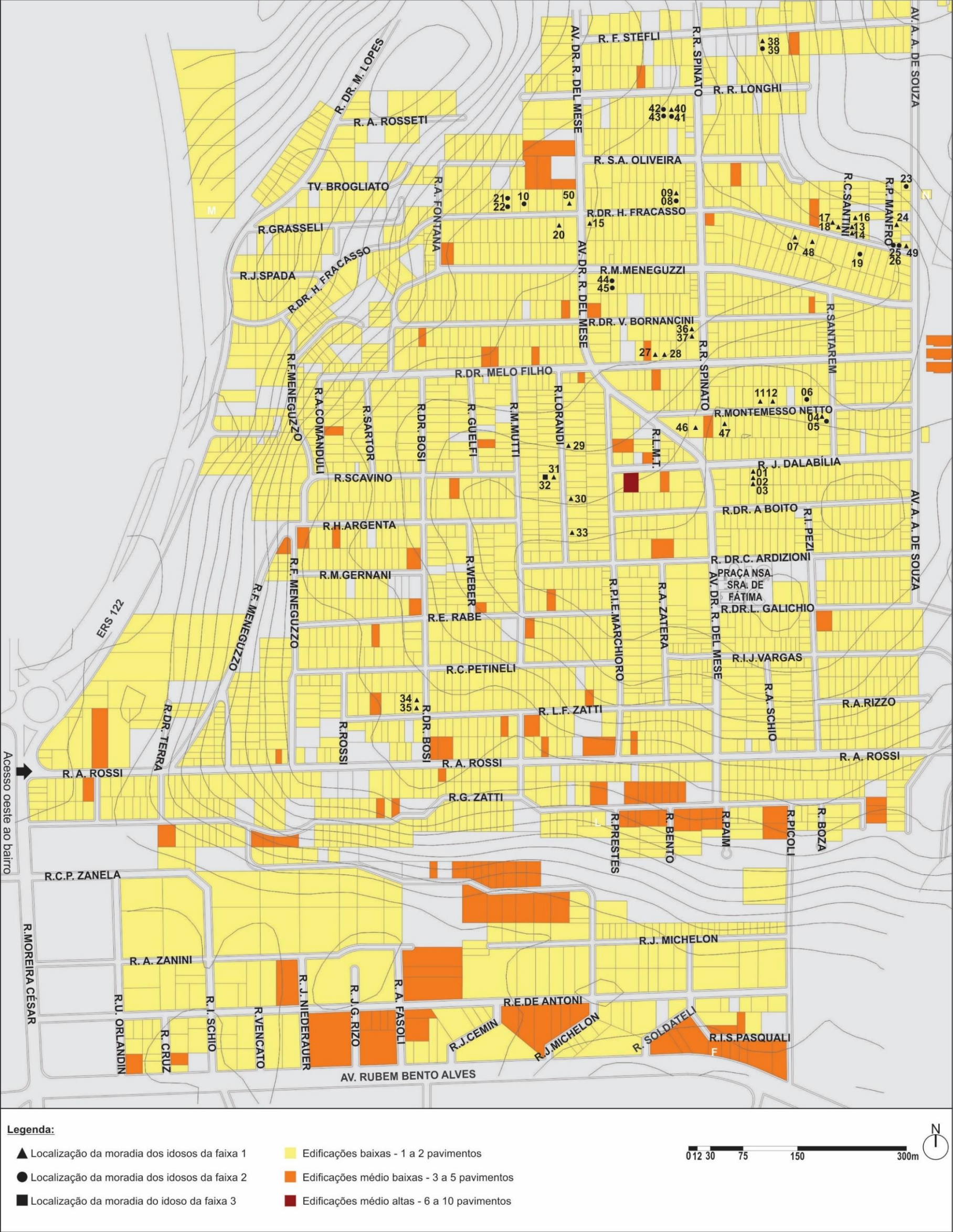




Figura 13: Altura das edificações do Bairro Nossa Senhora de Fátima



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. A classificação das edificações por altura é adaptada da Resolução Técnica CBMRS nº11 do Comando dos Bombeiros do Rio Grande do Sul (2016). A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial.

Fonte: da autora (2020).



#### 4.1.2.1.2 Bairro Rio Branco

O Bairro Rio Branco está localizado ao sul do Bairro São Pelegrino, tendo sido consolidado como área urbanizada na década de 1930 junto ao Bairro Exposição (ao sul do Bairro Centro). Anterior a essa consolidação, era uma das áreas que haviam sido loteadas pelos engenheiros militares para o assentamento das famílias de imigrantes italianos. Quanto a sua caracterização de uso do solo e altura, assim como no Bairro São Pelegrino, possui diversificação de estabelecimentos comerciais, serviços e instituições (Tabelas 7 e 8), porém em menor quantidade daquela existente nesse outro bairro.

**Tabela 7:** Classificação das edificações do Bairro Rio Branco pelo tipo de uso e altura

Tipos de uso das edificações	Quantidade (%)	Tipos de edificação por altura	Quantidade (%)
Residencial	2.973 (85,9%)	Edificações baixas - 1 a 2 pavimentos	3.009 (86,9%)
Misto (residencial e comercial)	282 (8,1%)	Edificações médio baixas - 3 a 5 pavimentos	367 (10,6%)
Comercial e serviço	132 (3,8%)	Edificações médio altas - 6 a 10 pavimentos	75 (2,2%)
Institucionais	40 (1,2%)	Edificações altas – 11 pavimentos ou mais	12 (0,3%)
Industrial	36 (1%)		
<b>Total geral</b>	<b>3.463 (100%)</b>	<b>Total geral</b>	<b>3.663 (100%)</b>

Nota: A divisão das classificações das edificações é adaptada da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE (2018). Enquanto a classificação das edificações por altura é adaptada da Resolução Técnica CBMRS nº11 do Comando dos Bombeiros do Rio Grande do Sul (2016) e do pé-direito adotado pela Prefeitura Municipal em seu Plano Diretor Municipal (2008).

Fonte: da autora (2020).

**Tabela 8:** Quantidade e especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais no térreo das edificações do Bairro Rio Branco

Categoria	Especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais	Total
Comércio 558 (44,5%)	Confecções, calçados, moda e beleza	82 (17,9%)
	Bares, restaurantes, lancherias e padarias	52 (11,3%)
	Bazar, eletroeletrônico, móveis e livrarias	45 (9,8%)
	Mercados, armazéns, supermercados e gêneros alimentícios	25 (5,4%)
	Materiais de construção e afins	16 (3,5%)
	Bancos, lotéricas e casas de crédito	8 (1,7%)
	Esporte, lazer e academias	7 (1,5%)
Serviço 637 (50,8%)	Serviços residenciais, comerciais e industriais	88 (19,2%)
	Oficinas mecânicas, autopeças, revendas, combustíveis, gás e estacionamentos pagos	50 (10,9%)
	Escolas, faculdades e universidades	23 (5%)
	Farmácias, clínicas e consultórios	15 (3,3%)
	Clínicas veterinárias e lojas de animais	8 (1,7%)
Institucional 58 (4,6%)	Templos religiosos, associações comunitárias e instituições de outra natureza	40 (8,7%)
<b>Total</b>		<b>459 (100%)</b>

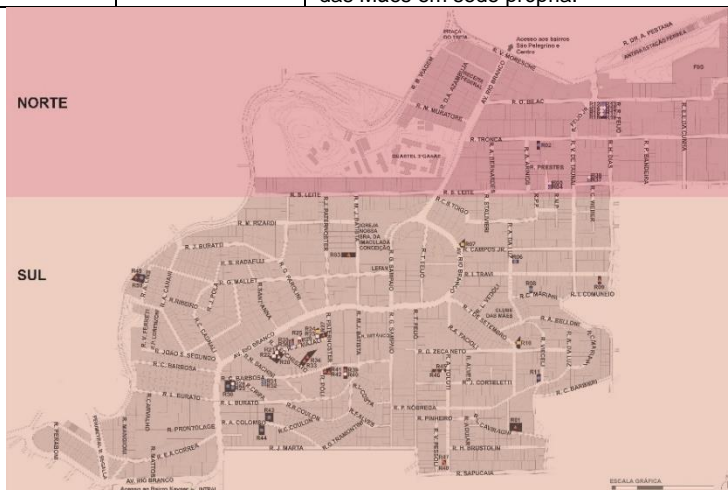
Nota: A divisão das classificações dos usos comerciais, de serviço e institucional são adaptadas da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE. Ainda, existem edificações que possuem mais de um comércio/serviço.

Fonte: da autora (2020).

Contudo as suas características de uso do solo, altura e tipologia das edificações variam, tornando possível distinguir o bairro em duas zonas distintas conforme será apresentado no Quadro 11:

**Quadro 11:** Características físico-espaciais do Bairro Rio Branco, por zona

Zona	Característica	Descrição das características físico-espaciais
Norte (do limite com o Bairro São Pelegrino até a Rua Sarmento Leite)	Uso do solo	Predominantemente residencial, contudo, apresenta quantidade e diversidade de comércios e serviços apresentando uma caracterização de uso do solo similar a observada no Bairro São Pelegrino em sua parte pertencente ao centro da cidade.
	Altura e tipologia das edificações	Predominantemente residencial de no máximo 2 pavimentos, contudo apresenta uma quantidade expressiva de edificações em altura (base comercial e torre residencial ou com a totalidade de um único desses usos), entre as quais edificações médias e altas.
	Topografia	Irregular, com um aumento da variabilidade de curvas de nível na medida em que há um afastamento da principal via coletora, a Avenida Rio Branco. A topografia é o principal fator responsável pela distorção de sua malha urbana.
	Condições gerais da infraestrutura	A região possui boas condições das redes de saneamento e de infraestrutura viária. O maior problema da região está no fluxo elevado de veículos e na qualidade das pavimentações de calçadas que apresentam um ou mais de um desses problemas: irregularidades, buracos, bloqueios causados por árvores ou mobiliários urbanos, desníveis ou gabarito menor a 1m.
	Locais de interação social	Possui a área da Antiga Estação Férrea que foi requalificada como parque de eventos, bem como, o Clube dos oficiais do exército. Adjacente ao bairro encontra-se ainda a Praça do Trem.
Sul (da Rua Sarmento Leite até o limite com o Bairro Kayser)	Uso do solo	Predominantemente residencial, contudo, apresentando comércios, serviços e instituições principalmente ao longo da Avenida Rio Branco.
	Altura e tipologia das edificações	Predominantemente residencial de no máximo 2 pavimentos, com uma quantidade que não pode ser ignorada de exemplares que remetem ou pertencem a arquitetura da imigração italiana. Além das edificações unifamiliares possui outras em altura (base comercial e torre residencial ou com a totalidade de um único desses usos), entre as quais aquelas de altura média e alta.
	Topografia	Irregular, com um aumento da variabilidade de curvas de nível na medida em que há um afastamento da principal via coletora, a Avenida Rio Branco. A topografia é o principal fator responsável pela distorção de sua malha urbana.
	Condições gerais da infraestrutura	A região possui boas condições das redes de saneamento e de infraestrutura viária. O maior problema da região está no fluxo elevado de veículos (principalmente na Avenida Rio Branco) e na qualidade das pavimentações de calçadas que apresentam um ou mais de um desses problemas: irregularidades, buracos, bloqueios causados por árvores ou mobiliários urbanos, desníveis ou gabarito menor a 1m.
	Locais de interação social	Existem grupos e associações de caráter voluntário presentes na Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, além da Associação do bairro, também localizada nela. Parte dessas atividades assistenciais se concentram na Legião Franciscana de Assistência aos Necessitados (LEFAN). Também são serviços voltados para os idosos, o “Projeto Conviver” e os “Jogos Adaptados” no Ginásio dos Capuchinhos; o “Projeto Ritmo e Movimento” no Ginásio Boa Aventura e no Salão da Paróquia Imaculada Conceição (Capuchinhos); o “Projeto Caxias Ativa” no Salão da Paróquia Imaculada Conceição (Capuchinhos), o Centro para terceira idade Tia Oli e o Clube das Mães em sede própria.



Avenida Rio Branco (Zona Norte)

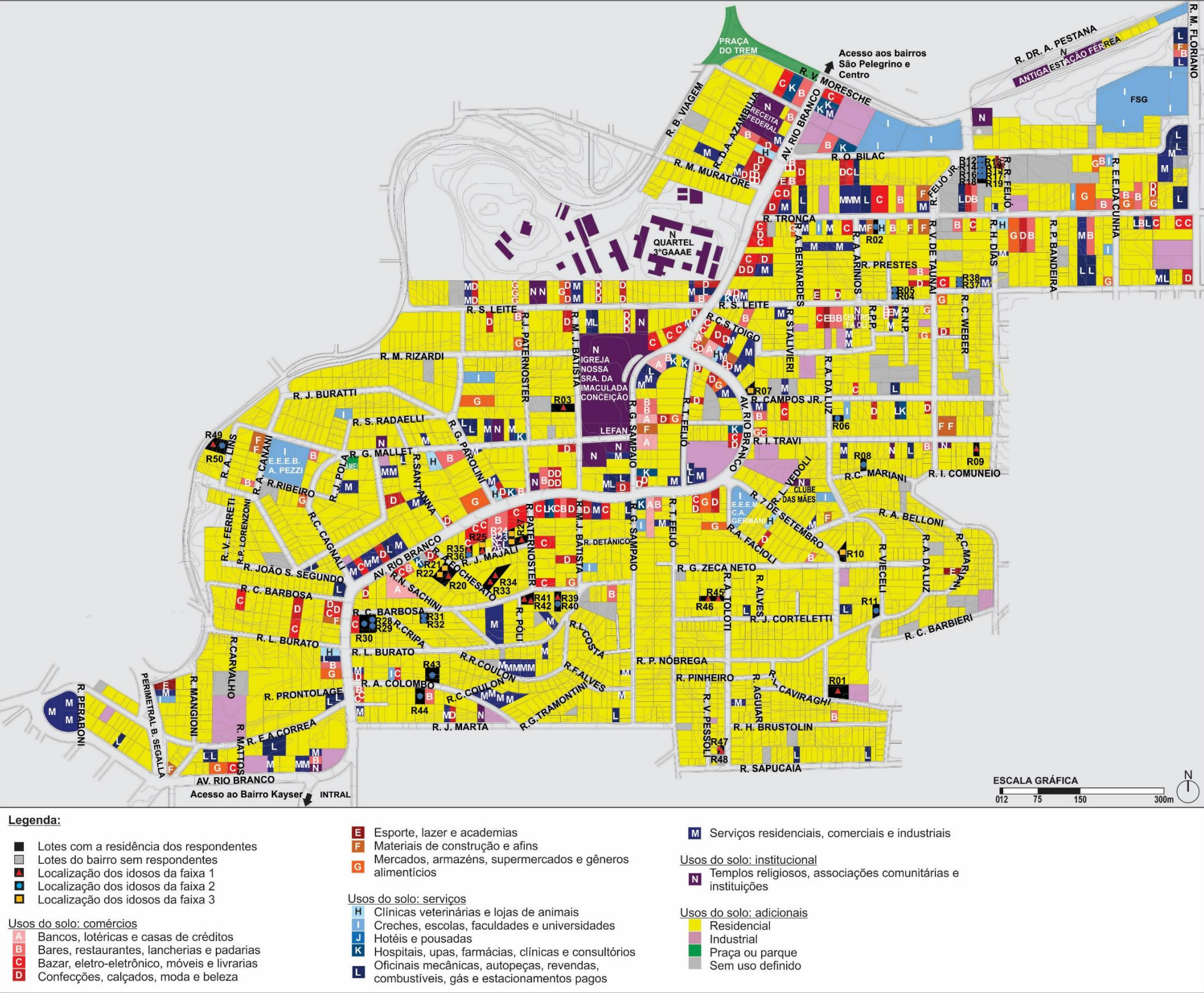


Rua José Majali (Zona Sul)

Fonte: da autora (2020).



Figura 14: Usos do terreno das edificações do Bairro Rio Branco e localização das moradias dos respondentes



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial. As cores utilizadas para a demarcação dos usos de solo são adaptadas dos padrões da *Land based classification standards (LBGS)* da *American Planning Association (APA)*. A divisão das classificações dos usos comerciais, de serviço e institucional são adaptadas da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE.

Fonte: da autora (2020).



**Legenda:**

- ▲ Localização dos idosos da faixa 1
- Localização dos idosos da faixa 2
- Localização dos idosos da faixa 3
- Lotes sem uso
- Edificações baixas de 1 a 2 pavimentos
- Edificações médio baixas de 3 a 5 pavimentos
- Edificações médio altas de 6 a 10 pavimentos
- Edificações altas de 11 pavimentos ou mais

**Fonte:** da autora (2020).

#### 4.1.2.1.3 Bairro São Pelegrino

O bairro recebeu seu nome em razão de um capitel dedicado a São Pelegrino construído na propriedade de uma das primeiras famílias de imigrantes italianos assentados nessa região (PARÓQUIA SÃO PELEGRINO, 2015). Ele é localizado à Oeste do Bairro Centro, tendo seu início durante a mesma época que o núcleo urbanizado em 1876, motivo pelo qual possui parte do Setor Histórico. Contudo, foi consolidado como área urbanizada apenas em 1920, quando passa a ser considerado uma extensão do “centro do município”. O bairro apresenta uma extensão territorial inferior àquela observada nos demais bairros, contudo tem maior diversidade de comércio, serviços, instituições e equipamentos, bem como, edificações em altura do que os demais bairros da pesquisa (Tabelas 9 e 10).

**Tabela 9:** Classificação das edificações do Bairro São Pelegrino pelo tipo de uso e altura

Tipos de uso das edificações	Quantidade (%)	Tipos de edificação por altura	Quantidade (%)
Residencial	547 (51,3%)	Edificações baixas - 1 a 2 pavimentos	621 (58,2%)
Comercial e serviço	329 (30,8%)	Edificações médio baixas - 3 a 5 pavimentos	267 (25%)
Misto (residencial e comercial)	166 (15,6%)	Edificações médio altas - 6 a 10 pavimentos	103 (9,7%)
Institucionais	24 (2,2%)	Edificações altas – 11 pavimentos ou mais	76 (7,1%)
Industrial	1 (0,1%)	-	-
<b>Total geral</b>	<b>1.067 (100%)</b>	<b>Total geral</b>	<b>1.067 (100%)</b>

Nota: A divisão das classificações das edificações é adaptada da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE (2018). Enquanto a classificação das edificações por altura é adaptada da Resolução Técnica CBMRS nº11 do Comando dos Bombeiros do Rio Grande do Sul (2016).

Fonte: da autora (2020).

**Tabela 10:** Quantidade e especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais no térreo das edificações do Bairro São Pelegrino

Categoria	Especificação dos estabelecimentos de comércio, serviço e edificações institucionais	Total
Comércio 369 (49,5%)	Confecções, calçados, moda e beleza	98 (13,1%)
	Bares, restaurantes, lancherias e padarias	63 (8,4%)
	Bazar, eletroeletrônico, móveis e livrarias	59 (7,9%)
	Mercados, armazéns, supermercados e gêneros alimentícios	17 (2,3%)
	Materiais de construção e afins	12 (1,6%)
	Bancos, lotéricas e casas de crédito	9 (1,2%)
	Esporte, lazer e academias	6 (0,8%)
	Shopping São Pelegrino	105 (14%)
Serviço 353 (47,3%)	Serviços residenciais, comerciais e industriais	187 (25%)
	Oficinas mecânicas, autopeças, revendas, combustíveis, gás e estacionamentos pagos	104 (13,9%)
	Escolas, faculdades e universidades	34 (4,5%)
	Farmácias, clínicas e consultórios	26 (3,5%)
	Clínicas veterinárias e lojas de animais	2 (0,3%)
Institucional 24 (3,2%)	Templos religiosos, associações comunitárias e instituições de outra natureza	24 (3,2%)
<b>Total</b>		<b>746 (100%)</b>

Nota: A divisão das classificações dos usos comerciais, de serviço e institucional são adaptadas da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE. Ainda, existem edificações que possuem mais de um comércio/serviço. Foram contabilizados na pesquisa apenas os usos presentes no térreo das edificações e a quantidade no Shopping São Pelegrino.

Fonte: da autora (2020).



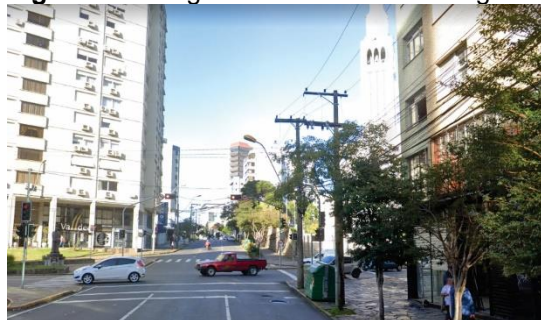
Entretanto, as suas características de uso do solo, altura e tipologia das edificações variam, tornando possível distinguir o bairro em duas zonas distintas conforme será apresentado no Quadro 12 e nas Figuras 17 e 18:

**Quadro 12:** Características físico-espaciais do Bairro São Pelegrino, por zona

Zona	Característica	Descrição das características físico-espaciais
Pertencente ao centro da cidade	Uso do solo	Essa região possui caráter misto de uso do solo, com a forte presença tanto do uso residencial, comercial/serviços e institucional.
	Altura e tipologia das edificações	Predominam edificações baixas, contudo apresenta uma quantidade expressiva de edificações em altura (base comercial e torre residencial ou com a totalidade de um único desses usos), entre as quais edificações médias e altas.
	Topografia	Regular, embora também apresente alguns segmentos de quadra com desníveis íngremes.
	Condições gerais da infraestrutura	Boas condições das redes de saneamento e de infraestrutura viária. O maior problema da região está no fluxo elevado de veículos em todas as suas vias longitudinais e na maioria das vias transversais. Quanto ao calçamento, embora apresente problemas em algumas pavimentações (como irregularidades e buracos) a maioria se encontra em bom estado de conservação. Ainda, esse bairro apresenta regularidade de sua malha urbana, apresentando uma menor variação no tamanho dos quarteirões, gabaritos de vias e calçadas. O tamanho dos segmentos de quadra em geral são de 120m, apresentando gabaritos de via de 18m (vias longitudinais) e 14m (vias transversais) com calçadas de 2m de gabarito salvo àquelas da Avenida Júlio de Castilhos que apresentam o dobro da largura.
	Locais de interação social	As atividades e serviços voltados aos idosos são: a “Associação Caxiense de Atenção aos Necessitados”, que realiza serviços de interação social e outros serviços de atendimento a idosos em situação de vulnerabilidade; o “Telecentro SCAN”, que oferece serviços e oficinas (por exemplo: de inclusão digital) e as atividades concentradas na Igreja de São Pelegrino, sendo essas, a “Associação de Clube das Mães” de Caxias do Sul, que oferece atividades cívicas, recreativas, culturais, sociais e assistenciais; o “Projeto Ritmo e Movimento”; o “Projeto Conviver”. Ainda, no Salão Paroquial há o “Clube Recreativo São Pelegrino”, frequentado por homens idosos diariamente para jogos de carta.
Não pertencente ao centro da cidade	Uso do solo	Predominantemente residencial, contudo, apresentando diversificação de comércio, serviços e instituições principalmente ao longo da Avenida Júlio de Castilhos.
	Altura e tipologia das edificações	Predominam edificações baixas, contudo apresenta edificações em altura (base comercial e torre residencial ou com a totalidade de um único desses usos), entre as quais edificações médias e altas.
	Topografia	Regular, embora também apresente alguns segmentos de quadra com desníveis íngremes.
	Condições gerais da infraestrutura	Boas condições das redes de saneamento e de infraestrutura viária. O maior problema da região está no fluxo elevado de veículos notadamente em sua região sul próxima a entrada do Bairro Rio Branco. Condições de calçamento similares a outra zona do bairro. Embora apresente regularidade em sua malha urbana, apresenta variações no tamanho de quadras que diferem da zona pertencente ao centro.
	Locais de interação social	Apresenta uma Academia da Melhor Idade localizada na Praça do Trem, que apesar de oficialmente pertencer ao Bairro Madureira é considerada como pertencente ao São Pelegrino por parte de seus moradores (conforme será visto nos resultados dos questionários), e idosos do bairro ainda participam de uma “Associação dos Amigos da Bocha” que ocorre no Parque Cinquentenário, pertencente ao Bairro Cinquentenário, mas que está localizado bem na divisa com o Bairro São Pelegrino.

Fonte: da autora (2020).

**Figura 16:** Imagens do Bairro São Pelegrino



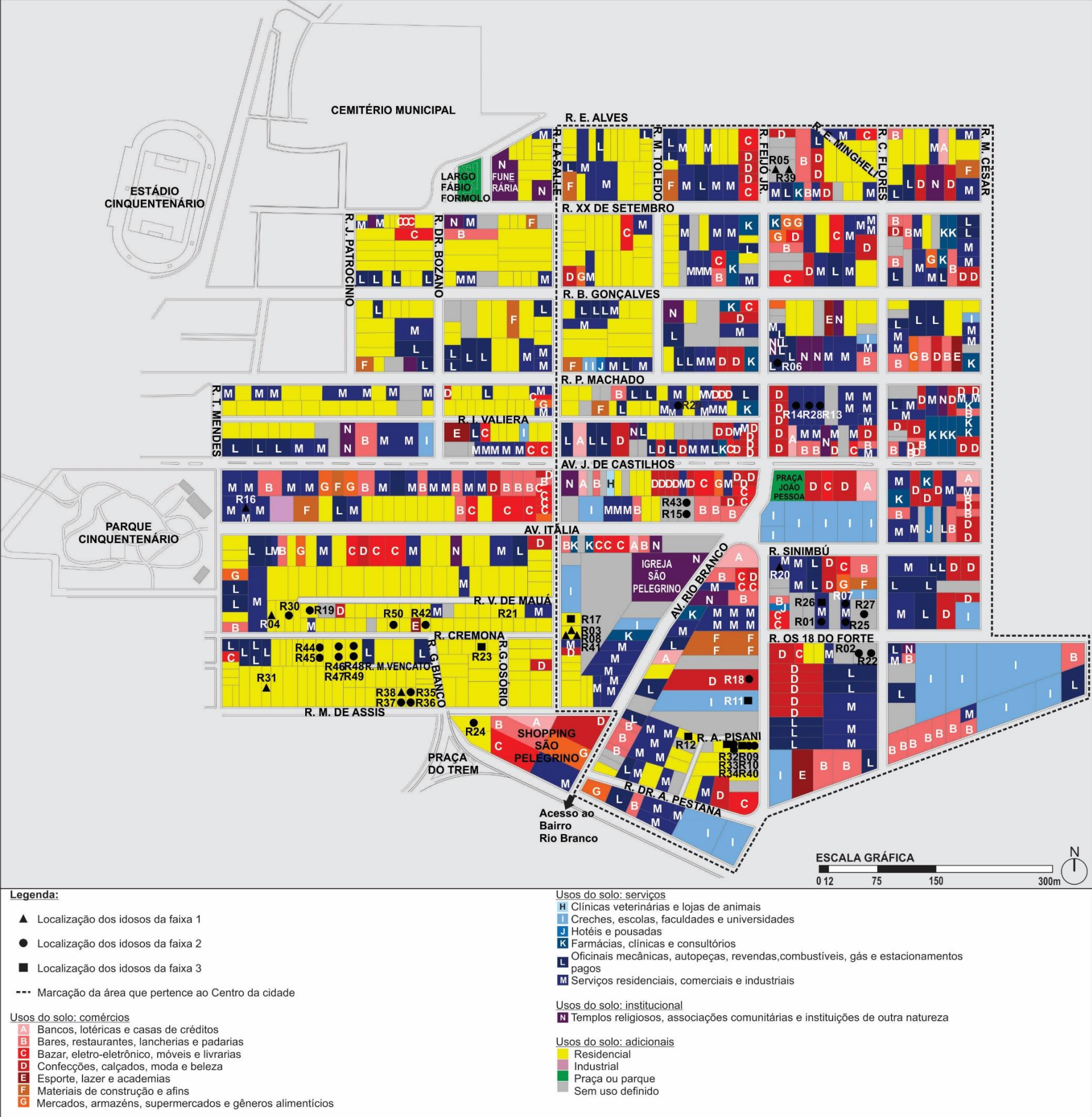
Zona pertencente ao centro – Av. Rio Branco

Fonte: da autora (2020).



Zona não pertencente ao centro – R. Cremona

Figura 17: Usos do térreo das edificações do Bairro São Pelegrino e localização das moradias dos respondentes



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial. As cores utilizadas para a demarcação dos usos de solo são adaptadas dos padrões da *Land based classification standards* (LBGS) da *American Planning Association* (APA). A divisão das classificações dos usos comerciais, de serviço e institucional são adaptadas da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE.

Fonte: da autora (2020).



**Fonte:** da autora (2020).



## 4.2 MÉTODOS DE COLETA

Para atingir os objetivos da pesquisa, os métodos de coleta de dados utilizados fazem parte da área de estudos de Ambiente e Comportamento. Essa área objetiva investigar as relações das características contextuais do ambiente construído e composicionais de seus usuários que influenciam em seus comportamentos e atitudes (REIS; LAY, 1995). A relevância dos métodos nessa área está na disponibilização de informações baseadas em evidências produzidas pelos usuários do ambiente construído. Essa utilização de múltiplos métodos de coleta de dados aumenta a credibilidade, confiabilidade e qualidade das pesquisas realizadas (REIS; LAY, 1995). Os métodos e técnicas selecionados para esse estudo são: levantamento de arquivo, levantamentos físicos, observações de comportamento, mapas de percurso, questionário e entrevistas. O Quadro 13 a seguir apresenta os objetivos do trabalho, os critérios de investigação, métodos de coleta adotados e as amostras.

**Quadro 13:** Síntese dos objetivos, critérios, métodos de coleta e amostras

Objetivo	Métodos de coleta de dados	Amostra
<b>Objetivo geral 1:</b> investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com tais lugares por parte de diferentes idosos		
<b>Objetivo específico 1:</b> investigar o nível de satisfação dos idosos com o bairro e com a residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas para tais níveis de satisfação e as relações com as características dos bairros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário e entrevistas complementares <i>in loco</i></li> <li>- Mapas de percursos</li> <li>- Levantamento físico: mobiliários urbanos, arborização, uso do térreo das edificações e localização das áreas de lazer, altura das edificações, tipos de vias dos bairros e decibéis (nível de ruído) de um bairro.</li> <li>- Levantamento fotográfico da residência e dos locais utilizados pelos respondentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica baixa: (33) da faixa 1; (16) da faixa 2 e (1) da faixa 3;</li> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica médio/alta: (17) da faixa 1; (26) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> </ul>
<b>Objetivo específico 2:</b> investigar o desejo dos idosos em continuar morando no bairro e na residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas e as relações com as características dos bairros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário e entrevistas complementares <i>in loco</i></li> <li>- Mapas de percursos</li> <li>- Levantamento físico: mobiliários urbanos, arborização, uso do térreo das edificações e localização das áreas de lazer e altura das edificações.</li> <li>- Levantamento fotográfico da residência e dos locais utilizados pelos respondentes.</li> <li>- Levantamento do valor médio da residência dos respondentes)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica alta: (10) da faixa 1; (33) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> </ul>
<b>Objetivo geral 2:</b> investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social de diferentes idosos		
<b>Objetivo específico 1:</b> identificar a percepção dos idosos quanto ao nível de interação social e a sua participação em grupos e associações	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário <i>in loco</i></li> <li>- Mapas de percursos</li> <li>- Levantamento físico: mobiliários urbanos, arborização e uso do térreo das edificações.</li> <li>- Levantamento fotográfico dos locais utilizados pelos respondentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica baixa: (33) da faixa 1; (16) da faixa 2 e (1) da faixa 3;</li> </ul>
<b>Objetivo específico 2:</b> identificar as atividades realizadas pelos idosos em conjunto com parentes, amigos e conhecidos durante o dia e durante a noite, a frequência e o local de realização de tais atividades e as relações com as características dos bairros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário e entrevistas complementares <i>in loco</i></li> <li>- Entrevistas nas áreas de lazer observadas;</li> <li>- Observações de comportamento</li> <li>- Mapas de percursos</li> <li>- Levantamento físico: mobiliários urbanos, arborização, uso do térreo das edificações e localização das áreas de lazer, altura das edificações.</li> <li>- Levantamento fotográfico dos locais utilizados pelos respondentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica médio/alta: (17) da faixa 1; (26) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica alta: (10) da faixa 1; (33) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> </ul>

Continua na próxima página

		Apenas do objetivo 2 - Entrevistas com usuários idosos do Parque Oásis (6), da Praça Nossa Senhora de Fátima (3) e Parque Cinquentenário (10)
<b>Objetivo geral 3:</b> investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade de diferentes idosos		
<b>Objetivo específico 1:</b> investigar a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos bairros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário e entrevistas complementares <i>in loco</i></li> <li>- Mapas de percursos</li> <li>- Levantamento físico: mobiliários urbanos, arborização, uso do térreo das edificações e localização das áreas de lazer, altura das edificações, tipos de vias dos bairros e problemas existentes nas vias dos bairros.</li> <li>- Levantamento fotográfico dos locais utilizados pelos respondentes.</li> <li>- Filmagem da travessia de ruas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica baixa: (33) da faixa 1; (16) da faixa 2 e (1) da faixa 3;</li> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica médio/alta: (17) da faixa 1; (26) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> </ul>
<b>Objetivo específico 2:</b> investigar a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas com cada meio de transporte	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário <i>in loco</i></li> <li>- Mapas de percursos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos do bairro de situação socioeconômica alta: (10) da faixa 1; (33) da faixa 2; (7) da faixa 3.</li> </ul>

Fonte: da autora (2020).

#### 4.2.1 Trabalho de campo

Com a definição dos bairros que seriam pesquisados, foi realizada uma fase preliminar de conferência dos materiais coletados na etapa de levantamento de arquivos. A partir dessa verificação foi possível constatar que o mapa, compatível com o programa *Autocad*, da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) disponibilizado não continha todas as informações necessárias aos objetivos da pesquisa. Dentre essas informações ausentes encontrava-se: o desenho parcial da malha do Bairro Nossa Senhora de Fátima, informações acerca de suas edificações, mobiliários e vegetação urbana, topografia; modificações no traçado do Bairro Rio Branco relativos à construção do Avenida Perimetral Bruno Segalla e desatualização das edificações existentes no bairro, mobiliários e vegetação urbana; desatualização das edificações no Bairro São Pelegrino, mobiliários e vegetação.

Portanto, anterior à etapa de realização dos questionários, entrevistas complementares, mapas de percurso, observações e demais levantamentos pertinentes à tese que serão descritos a seguir, foram realizadas pela pesquisadora atualizações nos mapas dos três bairros.

O desenho das partes ausentes ou modificadas da malha urbana, bem como o acréscimo da contabilização de edificações inexistentes foram realizadas a partir de imagens de satélites que eram adicionados no programa *Autocad* e por visitas *in loco*. A compatibilização do tamanho correto das imagens para a construção dos mapas foi

obtida a partir de medições realizadas *in loco* pela pesquisadora para que fosse possível se manter a referência correta das dimensões de cada bairro. A localização dos mobiliários urbanos (tais como: postes de luz e paradas de ônibus) e das árvores implantadas nas calçadas foram obtidos a partir da conferência de sua localização *in loco* de posse do mapa já atualizado. Enquanto a topografia do Bairro Nossa Senhora de Fátima foi criada a partir do programa *Global Mapper* que recria informações de topografia a partir do programa *Google Earth*.

#### 4.2.1.1 Questionários

Os questionários têm a função de descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de respostas feitas a um número significativo de respondentes. Assim, as questões formuladas possibilitam medir as reações comportamentais e emocionais que revelam atitudes e os níveis de satisfação dos usuários em relação a determinado espaço (REIS, LAY, 1995). Os dados gerados por meio dos questionários são quantitativos, permitindo a comparação e análise através de testes estatísticos, testando relações e correlações entre as variáveis analisadas (MOORER; SUURMEIJER, 2000; REIS, LAY, 1995; VAN DEN BERG; KEMPERMAN; TIMMERMANS, 2014). No caso dessa pesquisa o questionário foi dividido em 5 conjuntos de perguntas, apresentados na Tabela 11, acompanhando cada um dos objetivos gerais e específicos da pesquisa, conforme segue:

**Tabela 11:** Caracterização do questionário

Tipo de questão	Quantitativo	Tipo de opção
Relacionadas ao bairro e à moradia	6	Múltipla escolha aberta
	6	Escolha única fechada
Relacionadas as relações sociais no bairro	5	Múltipla escolha aberta
	4	Escolha única fechada
Relacionadas a mobilidade	6	Múltipla escolha aberta
	6	Escolha única fechada
Relacionadas a capacidade funcional e qualidade de vida	6	Múltipla escolha aberta
	6	Escolha única fechada
Dados pessoais	8	Escolha única fechada

**Fonte:** da autora (2018).

Para responder ao objetivo geral 1 (item 1.3 do Capítulo 1) foram organizadas perguntas ligadas aos dois indicadores utilizados para a conexão com o lugar, o nível de satisfação e o desejo de permanecer no bairro e na residência (BROWN; BROWN; PERKINS, 2004; BUTCHER; BREHENY, 2016). Em relação ao objetivo específico 1

(item 1.3 do Capítulo 1) foram organizadas acerca: do nível de satisfação (muito satisfeito; satisfeito; nem satisfeito, nem insatisfeito; insatisfeito; muito insatisfeito), o tempo de moradia e as razões para o nível de satisfação com o bairro e a residência.

Por sua vez, para o objetivo específico 2 (item 1.3 do Capítulo 1) foram realizadas perguntas relacionadas aos motivos para ter optado por morar no bairro, o desejo de permanecer, o tempo de moradia e as razões para querer permanecer no bairro e na residência. Apesar de terem sido encontradas na literatura variáveis que explicariam razões para os níveis de satisfação e o desejo dos idosos de permanecer no bairro e na residência, para ambos os objetivos específicos do objetivo geral 1 optou-se pelo uso de perguntas abertas para garantir que os idosos não se limitariam apenas as opções apresentadas (Questionário Anexo 02).

No caso do objetivo geral 2 (item 1.3 do Capítulo 1) foram organizadas perguntas de acordo com cada um de seus objetivos específicos. Para o objetivo específico 1 (item 1.3 do Capítulo 1) o aferimento do nível de interação social constituiu-se de 6 indicadores positivos e negativos (as pessoas dessa área preocupam-se umas com as outras; eu não me sinto respeitado pelas pessoas dessa área; eu sinto como se essa área fosse parte de mim; eu não tenho sentimentos especiais por essa área; existe um espírito comunitário nessa área; e não considero importante poder me encontrar com parentes, amigos e outras pessoas conhecidas).

Esses indicadores foram construídos a partir dos pontos considerados relevantes pela OMS (2002) para que cidades sejam amigáveis aos idosos e através de sugestões do Projeto *Place-Making with Older Adults: Towards Age-Friendly Communities* (2016; 2019). Para se identificar o nível de participação dos idosos em grupos ou associações foi questionado aos idosos se eles participavam de grupos e associações, quais as atividades e localização dos grupos e associações. Ainda, verificou-se a importância da interação social pela presença de amigos ou parentes próximos da residência dos idosos; os locais onde foram estabelecidas as relações de amizade; o tempo que os parentes e amigos viveriam próximos aos idosos e a maneira utilizada para obter notícias e informações (Questionário Anexo 02).

Para o objetivo específico 2 do objetivo geral 2 (item 1.3 do Capítulo 1) foram realizadas perguntas acerca dos tipos de atividades realizadas com parentes, amigos e conhecidos (que moravam próximos ou distantes dos idosos); as frequências (menos de uma vez por mês, de uma a quatro vezes por mês, mais de quatro vezes

por mês) no qual essas atividades eram realizadas; perguntas acerca dos locais considerados agradáveis e desagradáveis no bairro e as razões para serem considerados agradáveis ou não.

Já para responder ao objetivo geral 3 (item 1.3 do Capítulo 1) também foram organizadas perguntas de acordo com cada um de seus objetivos específicos. No caso do objetivo específico 1 (item 1.3 do Capítulo 1) as perguntas são relacionadas: a frequência que os idosos costumam caminhar pelo bairro ou em outras áreas da cidade; indicação dos trajetos realizados a pé e os destinos; problemas ao percorrer seus trajetos e a localização dos problemas; locais que evitariam caminhar e as razões; frequência que se deslocam para outras áreas da cidade; indicação das principais razões para o deslocamento, meios de transporte e destinos; com quem realizam suas rotas. Ainda, parte das características físico-espaciais dos destinos de rota escolhidos ou evitados pelos idosos também são respondidos pelas questões acerca dos locais considerados agradáveis e desagradáveis no bairro, as razões para serem considerados agradáveis ou não e pelas sugestões de melhoria para o bairro (Questionário Anexo 02).

Considerando as diferenças existentes para a realização de cada atividade, fosse opcional ou necessária, para se obter informações mais detalhadas para a pesquisa, para cada local mencionado pelo idoso foi organizado um sistema em que ele indicava: a atividade, onde ela era realizada, a frequência (diária ou quase diária, semanal, quinzenal, mensal, menos de 1 vez por mês), a rota e o meio de transporte utilizado para ir até esse local.

Em relação ao objetivo específico 2 do objetivo geral 3 (item 1.3 do Capítulo 1) as perguntas foram relacionadas a proximidade de transporte público, comércio/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas com cada meio de transporte: para responder a esse objetivo os idosos foram questionados se consideravam a sua residência próxima de serviços, equipamentos, transporte público e outros locais importantes de seu interesse, bem como, se utilizou as informações relativas a mobilidade até esses locais mencionadas acima (Questionário Anexo 02).

Para complementar informações acerca dos objetivos da pesquisa também foram realizadas perguntas relacionadas às variáveis composicionais, tais como: como o idoso procura obter notícias e informações; presença ou não de doenças prolongadas, deficiências ou enfermidades; se as doenças, deficiências ou restrições

limitam suas atividades; se o idoso utiliza cadeiras de rodas, bengala ou andador para se movimentar; se precisa de cuidados para as atividades cotidianas; quem o auxiliaria; gênero; faixa etária; estado civil; escolaridade; renda; base do rendimento; com quem reside; e o tipo de moradia.

Para a aplicação dos questionários obteve-se o contato com os idosos de cada bairro através de dois canais que se mostraram acessíveis: encontrá-los nos grupos/associações que participavam ou através de contatos sociais em comum entre pesquisadora e respondentes. Portanto, a primeira limitação para a obtenção de uma amostra maior de respondentes para a pesquisa surge da impossibilidade de acesso a um cadastro dos idosos de cada bairro.

A segunda limitação surgiu da dificuldade em se obter autorizações para a aplicação dos questionários em programas municipais voltados à terceira idade. Segundo informações da gestão pública à época da coleta de dados, autorizações eram apenas liberadas no caso de o pesquisador enviar seu material desenvolvido com quarenta e cinco dias de antecedência aos órgãos competentes, e, mediante assinatura de um termo de livre cedência desses dados. Portanto, a autorização para realização de questionários foi obtida em grupos/associações para idosos desvinculados ou não geridos pela gestão municipal.

Para a aplicação dos questionários nesses grupos/associações era estabelecido contato prévio com os responsáveis de cada local, sendo alcançado o consentimento de cada respondente antes da aplicação do questionário. Dentre os grupos/associações que permitiram a participação dos idosos na pesquisa estão: o Centro de Convivência Tia Oli, gerenciado pela Legião Franciscana de apoio aos necessitados (LEFAN) da Igreja Nossa Senhora de Imaculada Conceição (Bairro Rio Branco), o Clube das Mães nos bairros Rio Branco e São Pelegrino e a Associação Recreativa São Pelegrino na Igreja de São Pelegrino (Bairro São Pelegrino).

Porém, nesses grupos/associações também foram encontrados desafios à aplicação do questionário. Na hora da aplicação nem todos os idosos aceitavam participar da pesquisa. Outra dificuldade a ser salientada foi em encontrar idosos da faixa 3 (80 anos ou mais) para a participação na pesquisa, visto que poucos eram encontrados nos grupos/associações ou eram conhecidos dos três contatos da pesquisadora que moravam em dois dos bairros da pesquisa (Nossa Senhora de

Fátima e Rio Branco). Ainda, alguns idosos da faixa 3 encontrados não estavam aptos a responder o questionário por restrições cognitivas severas.

Nesse sentido, em razão da impossibilidade de obtenção de um cadastro de idosos de cada bairro; da redução do número de programas voltados à terceira idade no qual se teve acesso; da recusa de idosos em participar da pesquisa e do tempo disponível para aplicação dos questionários visando manter os prazos regulamentares da pesquisa, a amostra de respondentes limitou-se a 150 questionários. Segundo cálculo amostral feito com a *Calculadora online Commento*, considerando o total de 5.232 idosos que haveria nos três bairros de acordo com as informações obtidas anteriormente no SIDRA (Quadro 9) a pesquisa obteve um nível de confiança de 95% com uma margem de erro de 7,89%. Esses questionários foram aplicados entre os dias 12/07/2017 e 28/09/2017, com um tempo de aplicação entre 25 e 30 minutos, conforme segue:

**Tabela 12:** Local de aplicação dos questionários

Bairro	Faixa etária	Questionários
Bairro Nossa Senhora de Fátima	Faixa etária 1	33 aplicados diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	16 aplicados diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	1 aplicado diretamente na residência do respondente
Bairro Rio Branco	Faixa etária 1	17 questionários, destes 6 foram aplicados nos grupos/associações e 20 aplicados diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	26 questionários, destes 6 foram aplicados nos grupos/associações e 20 aplicados diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	7 questionários, destes 2 foram aplicados nos grupos/associações e 5 aplicados diretamente na residência do respondente
Bairro São Pelegrino	Faixa etária 1	10 questionários, destes 9 foram aplicados nos grupos/associações e 1 aplicado diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	33 questionários, destes 22 foram aplicados nos grupos/associações e 11 aplicados diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	7 questionários, destes 6 foram aplicados nos grupos/associações e 1 aplicado diretamente na residência do respondente

Fonte: da autora (2018).

O questionário foi impresso e aplicado pela pesquisadora sem interferir nas respostas dadas pelos respondentes. Após a aplicação os questionários, eles foram repassados para o *LimeSurvey* (disponível em: <<https://www.limesurvey.org>>), um software livre que possibilita publicar e coletar respostas de questionários, além de fornecer uma análise estatística básica dos resultados e ser compatível com programas estatísticos como o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Antes de preencher o questionário os respondentes tiveram acesso a uma carta de apresentação da pesquisa e pedido de autorização para aplicação e uso dos dados, sendo informados os objetivos da pesquisa e o tempo previsto para conclusão.

A caracterização dos respondentes/entrevistados foi dividida a partir das características composicionais principais da pesquisa: faixa etária e bairros (socioeconômica) para facilitar a leitura dos dados. Assim observa-se que com exceção da faixa 2 (50%) do Bairro Rio Branco a maioria dos respondentes do questionário são mulheres (69,7% da faixa 1; 56,2% da faixa 2; 100% da faixa 3 do Bairro Nossa Senhora de Fátima; 64,7% da faixa 1; 71,4% da faixa 3 do Bairro Rio Branco; 60% da faixa 1; 69,7% da faixa 2; 100% da faixa 3 do Bairro São Pelegrino).

A maioria dos respondentes tem como estado civil serem casados (72,7% da faixa 1; 68,8% da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3 do Bairro Nossa Senhora de Fátima; 76,5% da faixa 1; 84,6% da faixa 2; 57,1% da faixa 3 do Bairro Rio Branco; 80% da faixa 1; 63,6% da faixa 2 do Bairro São Pelegrino), salvo na faixa 3 do Bairro São Pelegrino onde a expressiva maioria (71,4%) são viúvas. No Bairro Nossa Senhora de Fátima quase a totalidade (93,3%) dos respondentes da faixa 2 e a maioria (57,6%) daqueles da faixa 1 possuem ensino fundamental incompleto, com o respondente da faixa 3 apresentando ensino fundamental completo. No Bairro Rio Branco quase um terço dos respondentes da faixa 1 (29,4%) possuem ensino médio completo, 38,5% da faixa 2 têm superior completo e a expressiva maioria (85,7%) dos idosos da faixa 3 possuem fundamental incompleto. Já na faixa 1 do Bairro São Pelegrino 40% dos idosos possuem ensino fundamental incompleto, 42,4% daqueles da faixa 2 têm médio completo e a maioria daqueles da faixa 3, médio completo.

Quanto à renda a maioria dos idosos das faixas 1 (54,7%) e 2 (56,2%) do Bairro Nossa Senhora de Fátima recebem entre dois e três salários-mínimos, o respondente da faixa 1 até um salário. No Bairro Rio Branco um pouco mais de um terço (35,3%) dos respondentes da faixa 1 recebem entre quatro e seis salários-mínimos, um pouco mais de um terço (34,6%) daqueles da faixa 2 entre dois e três salários-mínimos e a expressiva maioria (85,8%) dos idosos da faixa 3 até três salários-mínimos. No Bairro São Pelegrino a maioria dos idosos das faixas 1 (60%) e 2 (60,6%) e 42,9% daqueles da faixa 3 recebe entre dois e três salários-mínimos.

Independente do bairro ou faixa etária, aposentadorias e/ou pensões são a principal fonte de renda dos idosos. Embora, uma parcela que não pode ser desprezada (18,2% da faixa 1; 31,2% da faixa 2 do Bairro Nossa Senhora de Fátima; 35,3% da faixa 1; 7,7% da faixa 2 do Bairro Rio Branco; 10% da faixa 1 e 9,1% da faixa 2 do Bairro São Pelegrino) trabalhe (Tabela 13).



**Tabela 13:** Caracterização dos respondentes/entrevistados

Natureza do dado	B. Nsa. Sra. de Fátima			B. Rio Branco			B. São Pelegrino		
	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)
<b>Gênero</b>									
Masculino	10 (30,3%)	7 (43,8%)	0 (0,0%)	6 (35,3%)	13 (50%)	2 (28,6%)	4 (40%)	10 (30,3%)	0 (0,0%)
Feminino	23 (69,7%)	9 (56,2%)	1 (100%)	11 (64,7%)	13 (50%)	5 (71,4%)	6 (60%)	23 (69,7%)	7 (100%)
<b>Estado civil</b>									
Solteiro	2 (6,1%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	1 (14,3%)
Casado	24 (72,7%)	11 (68,8%)	1 (100%)	13 (76,5%)	22 (84,6%)	4 (57,1%)	8 (80%)	21 (63,6%)	1 (14,3%)
Divorciado	1 (3%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)
Viúvo	6 (18,2%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	4 (15,4%)	3 (42,9%)	2 (20%)	10 (30,3%)	5 (71,4%)
<b>Escolaridade</b>									
Analfabeto	0 (0,0%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Fundamental incompleto	19 (57,6%)	14 (93,3%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	9 (34,6%)	6 (85,7%)	4 (40%)	5 (15,2%)	1 (14,3%)
Fundamental completo	4 (12,1%)	0 (0,0%)	1 (100%)	4 (23,5%)	2 (7,7%)	1 (14,3%)	3 (30%)	6 (18,2%)	0 (0,0%)
Médio incompleto	2 (6,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (6,1%)	1 (14,3%)
Médio completo	6 (18,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (29,4%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	2 (20%)	14 (42,4%)	4 (57,1%)
Superior incompleto	0 (0,0%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Superior completo	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)	10 (38,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	1 (14,3%)
Pós-graduação	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)
<b>Renda (salário-mínimo R\$ 937,00)</b>									
Até 1	8 (24,2%)	4 (25%)	1 (100%)	1 (5,9%)	1 (3,8%)	3 (42,9%)	4 (40%)	2 (6,1%)	0 (0,0%)
De 2 a 3	18 (54,7%)	9 (56,2%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)	9 (34,6%)	3 (42,9%)	6 (60%)	20 (60,6%)	3 (42,9%)
De 4 a 6	7 (21,2%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	6 (35,3%)	7 (26,9%)	1 (14,3%)	0 (0,0%)	10 (30,3%)	1 (14,3%)
De 7 a 9	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (29,4%)	7 (26,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	1 (14,3%)
De 10 ou mais	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)
<b>Fontes de renda</b>									
Aposentadoria e pensão	29 (87,9%)	13 (81,2%)	1 (100%)	15 (88,2%)	26 (100%)	7 (100%)	10 (100%)	33 (100%)	7 (100%)
Trabalho	6 (18,2%)	5 (31,2%)	0 (0,0%)	6 (35,3%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	1 (10%)	3 (75%)	0 (0,0%)
Outras fontes de renda	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Nota: A classificação das porcentagens no texto são identificadas como: quase a totalidade (mencionadas por mais de 90% dos respondentes em cada faixa etária); expressiva maioria (mencionada por mais de 70% até 90% dos respondentes em cada faixa etária) e maioria (mencionada por mais de 50% até 70% dos respondentes em cada faixa etária). O salário-mínimo nacional apresentado é referente ao ano de 2017.

Fonte: da autora (2018).

#### 4.2.1.2 Entrevistas

As entrevistas são um método apropriado para esclarecer eventuais distorções na interpretação de observações e respostas dos questionários, ou para aprofundar questões de questionários ou observações (REIS, LAY, 1995). Para esclarecer e/ou

aprofundar respostas dadas pelos respondentes do questionário foram realizadas perguntas adicionais (Anexo 01). Em relação ao objetivo geral 1 (item 1.3 do Capítulo 1) as perguntas explicitam: comércios e serviços considerados básicos; a razão para a percepção de insegurança; razões para gostar e/ou estar acostumado ao bairro e para ter optado por morar no bairro. Por sua vez, àquelas complementares ao objetivo geral 2 (item 1.3 do Capítulo 1) esclarecem respostas quanto a: considerar ou não contatos sociais próximos da residência; localização desses contatos; avaliação de parques e praças do bairro e arredores e as razões para essa avaliação. Por outro lado, àquelas complementares ao objetivo geral 3 (item 1.3 do Capítulo 1) referem-se às estratégias de orientação espacial. Tais perguntas complementares foram aplicadas após o término do questionário, sendo utilizado os mesmos critérios de sua aplicação. O tempo de aplicação, incluindo o tempo para aplicação do questionário foi entre 25 e 30 minutos. Os locais de aplicação são descritos na Tabela 14:

**Tabela 14:** Local de aplicação das entrevistas

Bairro	Faixa etária	Entrevistas
Bairro Nossa Senhora de Fátima	Faixa etária 1	33 aplicadas diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	16 aplicadas diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	1 aplicada diretamente na residência do respondente
Bairro Rio Branco	Faixa etária 1	17 entrevistas, destas 6 foram aplicadas nos grupos/associações e 20 aplicadas diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	26 entrevistas, destas 6 foram aplicadas nos grupos/associações e 20 aplicadas diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	7 entrevistas, destas 2 foram aplicadas nos grupos/associações e 5 aplicadas diretamente na residência do respondente
Bairro São Pelegrino	Faixa etária 1	10 entrevistas, destas 9 foram aplicadas nos grupos/associações e 1 aplicada diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 2	33 entrevistas, destas 22 foram aplicadas nos grupos/associações e 11 aplicadas diretamente na residência do respondente
	Faixa etária 3	7 entrevistas, destas 6 foram aplicadas nos grupos/associações e 1 aplicada diretamente na residência do respondente

Fonte: da autora (2018).

Entretanto, essas não foram as únicas entrevistas realizadas na pesquisa. Para descobrir as razões pelas quais usuários idosos gostavam de frequentar os locais escolhidos para as observações de comportamento realizou-se perguntas sobre a agradabilidade dessas áreas. Contudo, não foi possível obter uma quantidade expressiva de entrevistas em razão dos idosos se recusarem a parar de realizar qualquer atividade (mesmo que estivessem socializando sentados) para responder aos questionamentos. Dentre as 19 entrevistas realizadas, seis ocorreram no Parque Oásis no Nossa Senhora do Rosário (adjacente ao Nossa Senhora de Fátima), três na Praça Nossa Senhora de Fátima, no Nossa Senhora de Fátima e dez no Parque Cinquentenário, no Cinquentenário (adjacente ao São Pelegrino).

#### 4.2.1.3 Mapas de percursos

Segundo Gehl e Svarre (2013) os registros de movimento podem esclarecer os padrões de atividades realizadas em um determinado local. Dentre as informações que são obtidas estão a sequência de caminhadas, escolhas de direção e rotas, fluxo, entradas mais utilizadas, entre outros. Para a tese, as informações coletadas tratavam da faixa etária do respondente, a indicação dos locais onde este realizava suas atividades (necessárias ou opcionais), a rota desde sua residência até cada destino e os meios de transporte utilizados. A identificação da faixa etária, residência, meio de transporte e destinos, assim como de cada rota era realizado com um papel manteiga sobre um mapa impresso. A aplicação desse método ocorreu de duas maneiras, dependendo do grau de facilidade ou dificuldade que o idoso tinha de conseguir realizar a leitura bidimensional do mapa da cidade. Esse mapa continha: a malha urbana; nomenclatura de cada bairro e vias; e a localização de marcos referenciais (por ex.: lojas e igrejas) para facilitar a orientação espacial.

Com os idosos que apresentaram facilidade de leitura do mapa, a pesquisadora ia marcando em papel vegetal sobre o mapa cada uma das rotas realizadas pelos idosos, seguindo o caminho indicado com o dedo pelo respondente de sua residência até cada destino, tendo o cuidado de assinalar cada rota com um tipo de tracejado distinto e utilizando cores para identificação de cada meio de transporte. Para os idosos que apresentaram dificuldade de leitura do mapa, a pesquisadora ia marcando em papel vegetal sobre o mapa a rota indicada verbalmente pelo idoso, seguindo os mesmos procedimentos para cada rota quanto ao tipo de tracejado e cor. Para cada respondente era utilizado um papel vegetal diferente, que era identificado pelo número do questionário correspondente e anexado ao questionário impresso.

Cada uma das marcações de rota e destinos coletados eram depois espacializados pela pesquisadora no programa *Autocad*, sendo realizada as marcações das rotas tanto pelo meio de transporte utilizado como pela faixa etária do respondente. As distâncias foram tabuladas no *Software Excel* e transcritas no trabalho, com essas informações sendo cruzadas à outras obtidas no questionário de acordo com cada objetivo em que se faziam necessárias.

#### 4.2.1.4 Observações de comportamento

A observação de comportamento dos usuários no espaço urbano permite coletar informações a respeito das atividades das pessoas, regularidades de comportamentos, oportunidades e restrições de uso proporcionadas pelo ambiente construído, possibilitando inferir como o ambiente interfere na ocorrência de comportamentos e atividades de seus usuários (REIS; LAY, 1995). Essa técnica de registro foi aplicada em quatro parques e praças (dois no bairro ou proximidades do Nossa Senhora de Fátima; um adjacente aos bairros Rio Branco e São Pelegrino e um adjacente ao Bairro São Pelegrino) e na Igreja Nossa Senhora de Imaculada Conceição (no Bairro Rio Branco). Essas áreas foram selecionadas por terem sido apontadas por pelo menos 25% dos respondentes em cada faixa etária como locais utilizados para as atividades opcionais. As observações foram realizadas no turno da manhã (06h01 às 12h) e da tarde (12h01 às 18h) em horários alternados, dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo permaneceu parcialmente nublado.

Para realizar esse método caminhava-se cinco voltas em um percurso pré-determinado em cada local, sendo espacializadas as atividades de acordo com uma classificação prévia, divididas: pelo tipo - opcionais (ligadas às atividades realizadas para lazer) e necessárias (ligadas ao que é necessário para o desenvolvimento de atividades cotidianas); pelo tipo de ação que estava sendo realizada pelo usuário (em movimento, em pé ou sentado) e se estava interagindo com outros ou não (GEHL, 2013). As atividades em movimento eram enumeradas a partir das observações no local e os grupos etários foram divididos de acordo com características físicas utilizadas para classificar os usuários conforme segue no Quadro 14.

**Quadro 14:** Características físicas utilizadas para classificar os usuários em grupos

Grupo	Idade	Características físicas utilizadas para classificar os usuários em grupos
Crianças	0 a 14 anos	Cabeça grande, face arredondada, testa proeminente e alta, olhos grandes, bochechas arredondadas e salientes, nariz e boca pequenos. Ainda, menor estatura física, vestimentas e acessórios associados ao público infantil, tom de voz agudo e comportamento energético.
Adolescentes	15 a 29 anos	Maior proporcionalidade da cabeça em relação ao resto do corpo, face arredondada, testa menos proeminente que à infantil, maior equilíbrio do tamanho dos olhos, nariz e boca. Aumento da estatura em relação àquela infantil, vestimentas e acessórios associados ao público adolescente, voz passando a apresentar nuances no timbre, comportamento menos enérgico.
Adulto	30 a 59 anos	Traços faciais proporcionais, podendo apresentar marcas de expressão (ex. rugas) troncos e membros plenamente desenvolvidos. Vestimentas e acessórios associados ao público adulto, timbre de voz plenamente desenvolvido, comportamento calmo.

Continua na próxima página

Idoso	60 anos ou mais	Traços faciais com aumento do tamanho do nariz, orelha e pelos. Presença de sinais da idade (por ex.: rugas, manchas e flacidez na pele), cabelos brancos ou tingidos. Redução da estatura e em casos curvatura da coluna. Vestimentas e acessórios associados ao público idoso, voz podendo apresentar rouquidão, comportamento calmo e cuidadoso.
-------	-----------------	---

Fonte: da autora (2017).

Os dados obtidos em cada um dos dias e em cada turno eram transcritos em mapas impressos do local previamente representados. Depois essas informações eram repassadas e editadas nos programas *Autocad* e *Corel Draw*. O quantitativo de pessoas que realizavam cada atividade é apresentado dentro da pesquisa.

#### 4.2.1.5 Filmagens

Essa técnica de registro é utilizada principalmente quando o fator tempo é necessário (REIS; LAY, 1995). Para obter a velocidade de caminhada dos idosos foram selecionados três pontos de maior movimento de pedestres e veículos, um em cada bairro da pesquisa, sendo filmado os idosos que atravessavam nesse cruzamento. Portanto, foi requisitado a cada um desses idosos permissão para filmar e se podiam dizer sua idade. Após o registro das filmagens, a velocidade de caminhada era obtida através da fórmula: velocidade de caminhada=distância percorrida em metros/tempo de deslocamento.

#### 4.2.1.6 Levantamentos físicos adicionais

Além dos levantamentos físicos realizados inicialmente que permitiram corrigir e/ou adicionar informações inexistentes aos mapas disponibilizados de cada bairros, foram realizados outros levantamentos para se obter informações pertinentes aos objetivos da pesquisa, sintetizados no Quadro 15 a seguir:

**Quadro 15:** Síntese dos levantamentos de campo

Levantamento físico dos mobiliários urbanos	Com o mapa e uma trena digital foram especializados os tipos de mobiliários existentes em cada um dos três bairros da pesquisa e na área considerada como centro da cidade.
Levantamento da arborização	Com o mapa e um trena digital foram especializadas as arborizações presentes nas vias de cada um dos três bairros da pesquisa e da área considerada como centro da cidade.
Levantamento do uso do térreo das edificações	Com o mapa foram percorridas cada uma das vias do bairro e anotados os tipos de uso do térreo de cada edificação. No caso da presença de um estabelecimento de comércio, serviço ou instituição a divisão em categorias (14) é adaptada da Classificação das grandes categorias econômicas (CGCE) do IBGE (2018).
Levantamento dos tipos de vias	Obtida através do cruzamento das informações do levantamento de arquivo e da classificação de vias do CONTRAN (2007).
Levantamento dos decibéis (níveis de ruído)	Obtidos através da medição dos níveis de decibéis de cada via do Bairro Nossa Senhora de Fátima com o aplicativo Decibelímetro instalado no celular. O levantamento foi realizado durante 15 dias em três horários, considerados os picos de movimento: 8h, 12h e 18h.

Continua na próxima página

Levantamento das alturas das edificações	Com o mapa foram percorridas cada uma das vias do bairro e anotadas as alturas das edificações, a divisão em categorias (4) é adaptada da Resolução Técnica CBMRS nº11 (norma vigente para edificações novas para a prevenção de incêndios) do Comando dos Bombeiros do Rio Grande do Sul (2016) e a altura de pé direito definida pelo Plano diretor Municipal (2008).
Levantamento fotográfico da residência dos respondentes	Quando o questionário era aplicado in loco já era registrada a foto da residência do respondente, nos outros casos a foto era retirada posteriormente.
Levantamento do valor das residências	A partir da foto e da localização das residências foi realizado junto a três corretores de imóveis uma média dos valores das residências dos respondentes (2017), baseado nos valores conhecidos por eles de imóveis similares à venda no mercado.
Levantamento dos problemas dos bairros	Baseado nas respostas dos respondentes foi realizado um levantamento dos problemas mencionados e de outros problemas observados como existentes em cada um dos bairros e na área central da cidade.

**Fonte:** da autora (2018).

## 4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE DOS DADOS

As análises de dados objetivam descrever, interpretar e explicar os dados coletados, respondendo as questões formuladas na pesquisa (REIS; LAY, 1995).

### 4.3.1 Dados dos questionários

Os dados quantitativos do questionário (variáveis nominais e ordinais), foram analisados através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) utilizado para a tabulação e análise estatística dos dados, através de frequências das respostas e dos seguintes testes não-paramétricos:

**Quadro 16:** Testes estatísticos e suas funções

Testes estatísticos	Funções dos testes estatísticos
Tabulação cruzada (Phi)	Utilizado para revelar relações estatisticamente significativas entre duas variáveis nominais
Mann Whitney U (M-W)	Adotado para verificar diferenças entre dois grupos ou amostras independentes
Kruskal-Wallis H (K-W)	Aplicado para revelar diferenças significativas entre três ou mais grupos ou amostras independentes
Correlação Spearman	Empregado para verificar possíveis relações de causa e efeito entre duas variáveis ordinais

**Nota:** no estudo foram consideradas diferenças estatisticamente significativas aquelas em que o coeficiente de significância fosse igual ou inferior a 0,05 (sig ≤ 0,05) (LAY; REIS, 2005).

**Fonte:** da autora (2018).

Os dados obtidos por meio desses testes foram sintetizados em tabelas para melhor compreensão dos resultados. Ainda, para fins desse estudo a classificação de relevância das menções de cada razão, bem como da quantidade de respondentes que as teriam indicado são classificadas conforme o Quadro 17:

**Quadro 17:** Classificações da relevância das informações presentes na pesquisa e da quantidade de respondentes/entrevistados

Classificação da relevância das informações presentes na pesquisa	
Muito forte	mencionadas por mais de 80% dos respondentes
Forte	mencionadas por mais de 60% até 80% dos respondentes

Continua na próxima página

Média	mencionadas por mais de 40% até 60% dos respondentes
Fraca	mencionadas por mais de 20% até 40% dos respondentes
Muito fraca	mencionadas por menos de 20% dos respondentes
<b>Classificação da quantidade de respondentes/entrevistados</b>	
Notável maioria	mais de 80% dos respondentes
Maioria	Mais de 60% até 80% dos respondentes
Por volta da metade	Mais de 40% até 60% dos respondentes
Minoría	Mais de 20% até 40% dos respondentes
Notável minoria	Menos de 20% dos respondentes

Fonte: da autora (2018).

#### 4.3.2 Dados das entrevistas e das observações

A análise dos dados qualitativos das entrevistas fora realizada através de interpretações. Enquanto os dados das observações de comportamento nas praças, parques e igreja e dos percursos foram espacializados e representados graficamente em mapas, analisados qualitativamente (utilizando interpretações) e quantitativamente através de frequências.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo foi descrita a metodologia para operacionalização dos objetivos da pesquisa, sendo apresentado o objeto de estudo e os critérios para a sua escolha. Ainda, foram detalhados os métodos de coleta, as amostras e os métodos de análise dos dados. Com base nessas informações, os resultados relativos aos objetivos da pesquisa são analisados nos capítulos 5 a 7.

## **5 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DO LOCAL DE MORADIA NO NÍVEL DE CONEXÃO COM O LUGAR DOS IDOSOS**

Neste capítulo são apresentados os resultados relativos ao objetivo geral de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com o lugar por parte de diferentes idosos, de acordo com os objetivos específicos de: (1) investigar o nível de satisfação dos idosos com o bairro e com a residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas para tais níveis de satisfação e as relações com as características dos bairros; (2) investigar o desejo dos idosos em continuar morando no bairro e na residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas e as relações com as características dos bairros.

### **5.1 O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O BAIRRO E A RESIDÊNCIA E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO ONDE MORAM**

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, entrevistas e levantamentos físicos referentes ao nível de satisfação dos idosos nas três faixas etárias com o bairro e com a residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas para tais níveis de satisfação e as relações com as características físico-espaciais dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação a crimes e acidentes.

#### **5.1.1 O nível de satisfação com o bairro e a relação com as características do bairro onde moram**

Nos três bairros da pesquisa por volta da metade ou a maioria dos respondentes das três faixas etárias mora em cada um desses locais de 30 a 49 anos (57,6% - 19 de 33 da faixa 1; 56,3% - 9 de 16 da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima; 58,8% - 10 de 17 da faixa 1; 53,8% - 14 de 26 da faixa 2 do Rio Branco; 60% - 6 de 10 da faixa 1), salvo a maioria (71,4% - 4 de 7) daqueles da faixa 3 do Rio Branco e por volta da metade da faixa 3 (57,1% - 4 de 7) do São Pelegrino



que moram de 50 anos ou mais, bem como, a maioria (69,7% - 23 de 33) da faixa 2 do São Pelegrino que mora de 30 anos ou mais (Tabela 15). Independentemente do bairro, situação socioeconômica, tempo de moradia ou das características físico-espaciais de cada lugar, os idosos demonstraram um nível de satisfação elevado com o seu bairro<sup>3</sup>. Contudo, apesar da pouca variação e da menor amostra de respondentes, o nível de satisfação dos idosos da faixa 3 nos bairros Rio Branco e São Pelegrino foi um pouco mais elevado do que aquele das demais faixas etárias (Tabela 15).

**Tabela 15:** O nível de satisfação com o bairro e o tempo de moradia, por faixa etária e bairro

<b>Bairro Nossa Senhora de Fátima</b>						
Faixa etária	Tempo de moradia no Bairro	Nível de satisfação				Total
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	De 6 a 15 anos	1 (25%)	3 (75%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)
	De 16 a 29 anos	2 (28,6%)	5 (71,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (21,2%)
	De 30 a 49 anos	5 (26,3%)	13 (68,4%)	0 (0,0%)	1 (5,3%)	19 (57,6%)
	De 50 anos ou mais	0 (0,0%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>8 (24,2%)</b>	<b>24 (72,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (6,3%)
	De 16 a 29 anos	1 (25%)	3 (75%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (25%)
	De 30 a 49 anos	2 (22,2%)	6 (66,7%)	1 (11,1%)	0 (0,0%)	9 (56,3%)
	De 50 anos ou mais	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (12,5%)
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>3 (18,8%)</b>	<b>12 (75%)</b>	<b>1 (6,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>16 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	De 30 a 49 anos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>12 (24%)</b>	<b>36 (72%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro Rio Branco</b>						
Faixa etária	Tempo de moradia no Bairro	Nível de satisfação			Total	
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito		
Faixa 1 60 a 69 anos	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	2 (16,7%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	
	De 16 a 29 anos	1 (20%)	2 (16,7%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)	
	De 30 a 49 anos	2 (40%)	8 (66,7%)	0 (0,0%)	10 (58,8%)	
	De 50 anos ou mais	2 (40%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>5 (29,4%)</b>	<b>12 (70,6%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>17 (100%)</b>	
Faixa 2 70 a 79 anos	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	
	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	
	De 16 a 29 anos	0 (0,0%)	4 (23,5%)	0 (0,0%)	4 (15,4%)	
	De 30 a 49 anos	4 (50%)	9 (52,9%)	1 (100%)	14 (53,8%)	
	De 50 anos ou mais	4 (50%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	6 (23,1%)	
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>8 (30,8%)</b>	<b>17 (65,4%)</b>	<b>1 (3,8%)</b>	<b>26 (100%)</b>	
Faixa 3 80 anos ou +	De 30 a 49 anos	1 (50%)	1 (20%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)	
	De 50 anos ou mais	1 (50%)	4 (80%)	0 (0,0%)	5 (71,4%)	
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>2 (28,6%)</b>	<b>5 (71,4%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>	
<b>Total geral</b>		<b>15 (30%)</b>	<b>34 (68%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>	

Continua na próxima página

<sup>3</sup> Não existe diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney – MW) entre os níveis de satisfação com o Bairro Nossa Senhora de Fátima dos moradores na faixa etária 1 e daqueles na faixa 2, bem como, não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação, em cada uma dessas faixas, daqueles com diferentes períodos de moradia nesse bairro. Igualmente nos bairros Rio Branco e São Pelegrino não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação com o bairro dos moradores nas três faixas etárias e não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação, em cada uma dessas faixas, daqueles com diferentes períodos de moradia em cada bairro.

Bairro São Pelegrino						
Faixa etária	Tempo de moradia no Bairro	Nível de satisfação				Total
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)	2 (20%)
	De 6 a 15 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)
	De 16 a 29 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)
	De 30 a 49 anos	2 (28,6%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)
	De 50 anos ou mais	3 (42,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>7 (70%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>10 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)
	De 6 a 15 anos	4 (20%)	2 (15,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (18,2%)
	De 16 a 29 anos	3 (15%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)
	De 30 a 49 anos	7 (35%)	5 (38,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	12 (36,4%)
	De 50 anos ou mais	6 (30%)	5 (38,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	11 (33,3%)
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>20 (60,6%)</b>	<b>13 (39,4%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	Menos de 1 a 5 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
	De 6 a 15 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
	De 16 a 29 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
	50 anos ou mais	4 (57,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (57,1%)
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>34 (68%)</b>	<b>14 (28%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Nota: Os valores entre parênteses representam a porcentagem em relação ao total de respondentes em cada linha. No Bairro Nossa Senhora de Fátima nenhum respondente indicou estar muito insatisfeito com o bairro. Ainda, nenhum respondente indicou morar de 5 anos ou menos no bairro. No Bairro Rio Branco nenhum respondente indicou estar nem satisfeito, nem insatisfeito ou muito insatisfeito com o bairro. No Bairro São Pelegrino nenhum respondente indicou estar muito insatisfeito com o bairro.

Fonte: da autora (2020).

Uma das principais razões para esse nível de satisfação elevado com cada bairro é a “proximidade de comércios e serviços básicos” (baseada nas respostas abertas do questionário, tais como, a “facilidade de acesso aos comércios e serviços básicos” e “comércios e serviços básicos próximos da residência”) mencionados em entrevistas como sendo: supermercados/mercados, agências e/ou prepostos bancários e farmácias. Entretanto, essa característica físico-espacial difere entre os três bairros, conforme segue: 746 no São Pelegrino (maior rendimento), 459 no Rio Branco e 291 no Nossa Senhora de Fátima (menor rendimento) (Figuras 19 a 21).

Especificamente, enquanto no São Pelegrino existem cinco agências bancárias, no Rio Branco existem três e no Nossa Senhora de Fátima apenas um preposto bancário. Quanto aos supermercados/mercados, existem vinte e seis no Nossa Senhora de Fátima, vinte e cinco no Rio Branco e dezessete no São Pelegrino. Em relação as farmácias, há cinco no Rio Branco, quatro no São Pelegrino, e apenas uma no Nossa Senhora de Fátima (item 4.1.2.1 do Capítulo 4).

Apesar dessa razão ser mencionada com uma intensidade muito forte (88,2% - 15 de 17 da faixa 1 – Rio Branco; 81,8% - 27 de 33 da faixa 2 e 100% - 7 de 7 da faixa 3 – São Pelegrino) ou forte (72,7% - 24 de 33 da faixa 1 e 75% - 12 de 16 da faixa 2 - Nossa Senhora de Fátima; 69,2% - 18 de 26 da faixa 2 - Rio Branco; 80% - 8

de 10 da faixa 1 – São Pelegrino) pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, na faixa 3 (57,1% - 4 de 7) do Rio Branco sua relevância enquanto razão para o nível de satisfação com o bairro é média (Tabela 16). Com a menor mobilidade a pé por parte dos idosos dessa faixa etária (conforme verifica-se no Capítulo 7) justificando a redução da importância da “proximidade dos comércios e serviços básicos” de sua residência. Também, verifica-se que nem todos os idosos que mencionam essa razão em cada faixa etária e/ou bairro utilizam cada um dos comércios e serviços básicos mencionados (Tabela 16).

**Tabela 16:** Menciona a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utiliza um dos comércios e serviços mencionados, por bairro e faixa etária

Menciona a razão e utiliza os comércios e serviços básicos mencionados	Bairros								
	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Menciona a “proximidade de comércios e serviços básicos”	72,7% (24 de 33)	75% (12 de 16)	100% (1 de 1)	88,2% (15 de 17)	69,2% (18 de 26)	57,1% (4 de 7)	80% (8 de 10)	81,8% (27 de 33)	100% (7 de 7)
Utiliza uma farmácia	79,2% (19 de 24)	75% (9 de 12)	100% (1 de 1)	80% (12 de 15)	27,8% (5 de 18)	50% (2 de 4)	62,5% (5 de 8)	74,1% (20 de 27)	100% (7 de 7)
Utiliza um mercado e/ou supermercado	50% (12 de 24)	66,7% (8 de 12)	0 (0,0%)	86,7% (13 de 15)	72,2% (13 de 18)	75% (3 de 4)	87,5% (7 de 8)	88,9% (24 de 27)	71,4% (5 de 7)
Utiliza um banco	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	86,7% (13 de 15)	72,2% (13 de 18)	50% (2 de 4)	87,5% (7 de 8)	100% (27 de 27)	100% (7 de 7)

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

Outra razão mencionada de forma expressiva pelos idosos nos três bairros é a “facilidade de acesso ao transporte público”. Essa razão é mencionada com intensidade muito forte (85,7% - 6 de 7 da faixa 3 – São Pelegrino) ou forte (75,8% - 25 de 33 da faixa 1 e 75% - 12 de 27 da faixa 2 – Nossa Senhora de Fátima; 64,7% - 11 de 17 da faixa 1 – do Rio Branco; 70% - 7 de 10 da faixa 1 e 75,8% - 25 de 33 da faixa 2 – São Pelegrino) por idosos das três faixas etárias, dos três bairros, com exceção das faixas 2 (50% - 13 de 26) e 3 (42,9% - 3 de 7) do Rio Branco para os quais sua relevância é média.

Apesar da importância dessa razão como motivo para o nível de satisfação com o bairro, verifica-se que nem todos os idosos que a mencionam utilizam o ônibus (Tabela 17 e Figuras 22 a 24). Essa situação é mais evidente entre os idosos das três faixas etárias (14,3% - 1 de 7 da faixa 1; 16% - 4 de 25 da faixa 2) do São Pelegrino e aqueles das faixas 2 (38,5% - 5 de 13) e 3 (100% - 3 de 3) do Rio Branco. As

variações na distância das paradas de ônibus (entre 41 e 279m), a topografia mais íngreme do Rio Branco e a tendência de redução na mobilidade com o avançar da idade justificariam a redução da relevância dessa razão entre os idosos das faixas 2 e 3 desse bairro em relação aos demais respondentes. Já no São Pelegrino, conforme verifica-se no Capítulo 7, os idosos ou realizam percursos distantes (por volta de 700m ou mais) com veículo particular ou caminham, uma vez que o bairro oferece boas condições de caminhabilidade, notadamente, em razão de: sua topografia mais regular, menor distanciamento entre os comércios e serviços e boa qualidade da pavimentação.

**Tabela 17:** Menciona a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utiliza ônibus, por bairro e faixa etária

Menciona a razão e utiliza ônibus	Bairros								
	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Menciona a “facilidade de acesso ao transporte público”	75,8% (25 de 33)	75% (12 de 16)	100% (1 de 1)	64,7% (11 de 17)	50% (13 de 26)	42,9% (3 de 7)	70% (7 de 10)	75,8% (25 de 33)	85,7% (6 de 7)
Utiliza ônibus	64% (16 de 25)	75% (9 de 12)	100% (1 de 1)	63,6% (7 de 11)	38,5% (5 de 13)	100% (3 de 3)	14,3% (1 de 7)	16% (4 de 25)	0,0% (0 de 6)

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

Por sua vez, as razões “predomínio de residências unifamiliares”, “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos”, “baixo tráfego veicular” e “presença da unidade básica de saúde” são mencionadas de forma expressiva apenas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima como motivos para o nível de satisfação com o bairro. O “predomínio de residências unifamiliares” é mencionada por volta da metade dos respondentes das faixas 1 (57,6% - 19 de 33) e 2 (43,8% - 7 de 16) e pelo idoso da faixa 3, verificando-se que essa é uma característica físico-espacial observada na notável maioria (84,8% - 3.091 de 3.644) das edificações desse bairro de uso exclusivamente residencial unifamiliar e em quase a totalidade (95,6% - 3.483 de 3.644) destas edificações que são baixas, de 1 a 2 pavimentos (Tabelas 5 e 6 e Figuras 12 e 13 do Capítulo 4). Com quase a totalidade dos idosos da faixa 1 (93,9% - 31 de 33), a totalidade da faixa 2 (100% - 16 de 16) e o idoso da faixa 3 morando em edificações que apresentam tais características.

**Figura 19:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos”

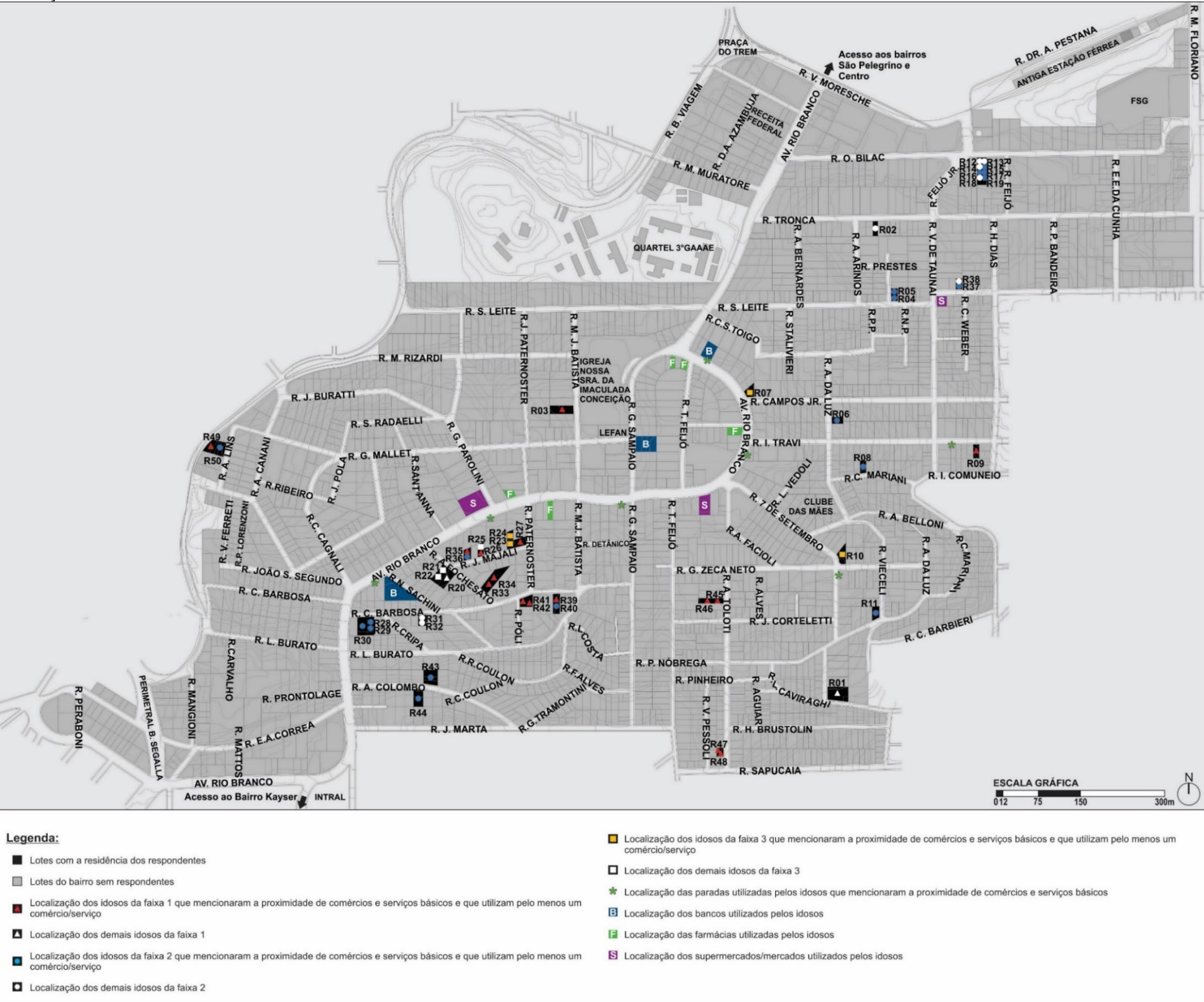


**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utilizam pelo menos um desses comércios/serviços. Ainda, de acordo com os idosos que utilizam o ônibus para ir até um comércio/serviço, seria comum os motoristas pararem o ônibus para a sua descida não apenas nas paradas de ônibus, mas também em outros pontos solicitados pelos idosos. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial.

**Fonte:** da autora (2020).



**Figura 20:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade dos comércios e serviços básicos”



**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “proximidade dos comércios e serviços básicos” e utilizam pelo menos um desses comércios/serviços. Ainda, foram marcados no mapa apenas os comércios e serviços ligados à razão que são utilizados pelos respondentes. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio e serviço.

**Fonte:** da autora (2020).

**Figura 21:** Localização das residências dos respondentes do Bairro São Pelegrino e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos”



**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utilizam pelo menos um comércio/serviço. Ainda, foram marcados no mapa apenas os comércios e serviços ligados à razão que são utilizados pelos respondentes. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma parada de ônibus.

**Fonte:** da autora (2020).



**Figura 22:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público”



**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utilizam o ônibus. O percurso e a respectiva distância percorrida da residência destes idosos até a parada de ônibus também estão destacados no mapa. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma parada de ônibus, conforme a Tabela XX.

**Fonte:** da autora (2020).



**Figura 23:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público”



**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utilizam o ônibus. O percurso e a respectiva distância percorrida da residência destes idosos até a parada de ônibus também estão destacados no mapa. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma parada de ônibus.

**Fonte:** da autora (2020).

**Figura 24:** Localização das residências dos respondentes do Bairro São Pelegrino e a identificação daqueles que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público”



**Nota:** Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utilizam o ônibus. O percurso e a respectiva distância percorrida da residência destes idosos até a parada de ônibus também estão destacados no mapa. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma parada de ônibus.

**Fonte:** da autora (2020).

A “presença de unidade básica de saúde” também possui uma relevância mediana enquanto razão para o nível de satisfação com o bairro, sendo mencionada por volta da metade de idosos das faixas 1 (54,5% - 18 de 33) e 2 (43,8% - 7 de 16) e pelo idoso da faixa 3. Com a notável maioria de respondentes da faixa 2 (85,7% - 6 de 7), a maioria daqueles da faixa 1 (61,1% - 11 de 18) e o idoso da faixa 3 mencionando utilizar seus serviços. Dentre os 291 estabelecimentos de comércio e serviço e instituições do bairro apenas 2 (de 291 – 0,7%) são unidades básicas de saúde (Tabela 06 e Figura 12 do Capítulo 4), uma localizada na parte conhecida como Fátima Alta e outra na parte conhecida como Fátima Baixa (Figura 11 do Capítulo 4). Contudo, apenas a UBS Fátima Alta é utilizada pelos respondentes.

O site do Ministério do Planejamento (2020) indica que nas UBS são ofertadas: “consultas médicas, inalações, injeções, curativos, vacinas, coleta de exames laboratoriais, tratamento odontológico, encaminhamentos para especialidades e fornecimento de medicação básica”. Entretanto, através de informações coletadas junto à Prefeitura de Caxias do Sul (2017) na UBS Fátima Alta também é oferecido um programa para a terceira idade (Grupo Conviver) não confirmado pela Prefeitura como existente na outra UBS.

Em relação ao “baixo tráfego veicular”, essa é uma característica física-espacial do Nossa Senhora de Fátima com relevância forte para os idosos da faixa 1 (63,6% - 21 de 33) e mediana para aqueles da faixa 2 (43,8% - 7 de 16) enquanto razão para o nível de satisfação com o bairro. Contudo, observa-se que a totalidade de idosos da faixa 1 (100% - 21 de 21) e da faixa 2 (100% - 7 de 7) que mencionaram essa razão residem em vias locais<sup>4</sup> (Figura 26). Nas observações realizadas (2017) nessas vias, verifica-se um tráfego baixo e intermitente, com intervalos de tempo de mais de uma hora sem a passagem de veículos por mais de 50% delas. Ainda, quase a totalidade de idosos da faixa 1 (95,2% - 20 de 21) e a totalidade de idosos da faixa 2 (100% - 7 de 7) que mencionaram o “baixo tráfego de veículos” como razão para estar satisfeito com o bairro, caminham pelas vias locais e pela sua principal via coletora, a Avenida Renato Del Mese (Capítulo 7).

---

<sup>4</sup> Segundo o Código de Trânsito Brasileiro (Lei nº 9.503/1997) as vias locais são aquelas caracterizadas “por interseções em nível não semaforizadas, destinadas apenas ao acesso local ou a áreas restritas” enquanto as vias coletoras são aquelas destinadas a “coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade de entrar ou sair das vias de trânsito rápido ou arteriais, possibilitando o trânsito dentro das regiões da cidade” (BRASIL, 1997).

Nessa via coletora, presente no trajeto de todos os idosos que caminham, foi observado um tráfego contínuo de veículos, embora a densidade de trânsito ainda seja baixa pelo espaçamento entre veículos e ausência de congestionamentos. Portanto, apesar dos idosos, independente da faixa etária, morarem e transitarem por vias do bairro com baixo tráfego veicular, uma porcentagem da faixa 1 (36,4% - 12 de 33), e principalmente da faixa 2 (56,3% - 9 de 16), que não podem ser desprezadas, não menciona essa razão como motivo para a satisfação com o bairro.

As justificativas para a ausência de menção dessa razão estariam ligadas a percepção de insegurança em relação a acidentes gerada pelo aumento da velocidade dos veículos que transitam pelas vias do bairro, segundo foi revelado por um (de 22 – 4,5%) idoso da faixa 2 entrevistado. O relato de outra idosa da faixa 2 reforça esse argumento ao mencionar: “meu marido foi atropelado por um motorista bêbado na Av. Renato Del Mese. Muitos carros passam correndo, sem cuidar as travessias de pedestre. Tinha que ter algo para reduzir a velocidade deles” (ID 19).

Por outro lado, a “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” é uma característica físico-espacial do Nossa Senhora de Fátima medianamente importante para o nível de satisfação com o bairro para os idosos da faixa 1 (54,5% - 18 de 33) e fraca para aqueles da faixa 2 (37,5% - 6 de 16), sendo mencionada igualmente pelo idoso da faixa 3. Dentre esses idosos, apenas 27,8% (5 de 18) dos idosos da faixa 1 e 33,3% (2 de 6) daqueles da faixa 2 moram em segmentos de vias, que durante a semana, possuem valores de 50dB ou menos, portanto, abaixo do nível considerado como ruído pela NBR 10152/2017<sup>5</sup> (Tabela 18 e Figura 27). Já a maioria dos idosos da faixa 1 (66,7% - 12 de 18) e da faixa 2 (66,7% - 4 de 6) que mencionaram essa razão mora em segmentos de vias com valores de até 55dB, dentro dos parâmetros considerados adequados (até 60dB) por Gehl<sup>6</sup> (2013). Ainda, a totalidade dos idosos da faixa 1 (33 de 33), da faixa 2 (16 de 16) e o único idoso da faixa 3, reside em segmentos de vias com valores de até 70dB, estando abaixo ou no limite indicado por Souza *et al.*<sup>7</sup> (2013) como o início do estresse auditivo.

---

<sup>5</sup> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10152: Níveis de ruído para conforto acústico. Rio de Janeiro, 2017.

<sup>6</sup> GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Trad. Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>7</sup> SOUZA, Léa Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís; NASCIMENTO, Luís Renato do. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica**: ouvindo a arquitetura. 5ª ed. São Carlos: EdUFSCar, 2013.



**Tabela 18:** A menção da razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e o nível de ruído durante a semana nas vias onde residem os idosos no Bairro Nossa Senhora de Fátima

Faixa etária dos idosos que mencionaram a “ausência de barulho de pessoas e/ou veículos”					
Nível de ruído (dB) na via em que o idoso mora		Faixa 1 60 a 69 anos 18 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 6 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Total 25 (100%)
Abaixo dos 50 dB					
36 a 40		2 (50%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
41 a 45		3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Acima dos 50 dB					
51 a 55		7 (77,8%)	2 (22,2%)	0 (0,0%)	9 (100%)
61 a 65		5 (83,3%)	0 (0,0%)	1 (16,7%)	6 (100%)
66 a 70		1 (33,3%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	3 (100%)

Nota: na tabela está descrita a quantidade de idosos que reside em segmentos de vias por faixa de nível de decibel e pela menção da razão ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos.

Fonte: da autora (2020).

Enquanto, durante os finais de semana, apenas um terço (33,3% - 6 de 18) dos idosos da faixa 1 e da faixa 2 (33,3% - 2 de 6) que mencionaram essa razão mora em segmentos de vias com valores de até 60dB, com a notável maioria dos idosos da faixa 1 (83,3% - 15 de 18) e o idoso da faixa 3 residindo em segmentos de vias com valores de até 70dB, havendo apenas 1 ( de 33 – 18,2%) idoso da faixa 1 e 2 (de 16 – 37,5%) idosos da faixa 2 residindo em segmentos de vias com valores acima daqueles indicados como agradáveis pela literatura (Tabela 19 e Figura 28).

**Tabela 19:** A menção da razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e o nível de ruído durante o final de semana nas vias onde residem os idosos no Bairro Nsa. Sra. de Fátima

de ruído durante o final de semana nas vias onde residem os idosos no Bairro Red. Gra. do Patrimo				
Nível de ruído (dB) na via em que o idoso mora	Faixa etária dos idosos que mencionaram a “ausência de barulho de pessoas e/ou veículos”			Total 25 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 18 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 6 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	
Acima dos 50 dB				
56 a 60	6 (75%)	2 (25%)	0 (0,0%)	8 (100%)
61 a 65	5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
66 a 70	4 (80%)	0 (0,0%)	1 (20%)	5 (100%)
76 a 80	3 (42,9%)	4 (57,1%)	0 (0,0%)	7 (100%)

Nota: na tabela está descrita a quantidade de idosos por vias com diferentes níveis de decibéis e pela menção ou não da razão ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos.

Fonte: da autora (2020).

Nesse sentido, apesar de durante o final de semana haver elevação dos valores de decibéis nos segmentos de vias do bairro que os idosos residem em razão do aumento das atividades opcionais realizadas pelos moradores, tais atividades mantêm, em geral, os segmentos abaixo dos valores considerados estressantes. A caracterização predominantemente residencial unifamiliar de baixa altura permite uma condição acústica favorável a socialização em frente às residências, conforme observado durante os finais de semana (Figura 25).

**Figura 25:** Pessoas interagindo socialmente na frente de casa



Fonte: da autora (2018)

Com base nos dados apresentados, tanto durante a semana como aos finais de semana, o local onde a maioria dos idosos da faixa 1 e da faixa 2 reside possui valores de decibéis dentro dos parâmetros indicados por Souza *et al.* (2013) de ausência de estresse auditivo (70dB). Portanto, os valores de até 70dB, podem ser considerados adequados para idosos das faixas 1 e 2, mesmo que possam não ser adequados para pessoas de outras faixas etárias em razão da redução natural auditiva que segundo autores (por ex.: CARSTENS, 1003; WEBB; WEBER, 2003) tende a iniciar aos 55 anos de idade.

Ainda, a ausência de menção dessa razão por 45,5% (15 de 33) dos idosos da faixa 1 e 62,5% (10 de 16) daqueles da faixa 2 não estaria ligada a insatisfação com os sons do bairro. Dentre as sugestões de melhoria para o Nossa Senhora de Fátima estão a redução do barulho provocado por: “usuários de bares” (24,2% - 8 de 33 da faixa 1; 6,3% - 1 de 16 da faixa 2); “sons automotivos” (12,1% - 4 de 33 da faixa 1) e “latidos de cães” (51,5% - 17 de 33 da faixa 1 e 31,2% - 5 de 16), mas apenas essa última é mencionada por um número expressivo de respondentes da faixa 1, embora esse não seja um problema resolvido com intervenções urbanas.

Com base nessas razões para o nível de satisfação com o bairro apontadas apenas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima verifica-se que o predomínio de residências unifamiliares, com poucos estabelecimentos não ligados às atividades necessárias, gera um menor movimento (e ruído) de pessoas e veículos. Características que facilitam a locomoção de pessoas com restrições físicas e cognitivas, mais evidente entre os idosos deste bairro. Assim como a menção

expressiva da razão “presença da unidade básica de saúde” do Sistema Único de Saúde, explicada pelas suas condições socioeconômicas predominantes.

Outra razão para o nível de satisfação com o bairro mencionada quase que exclusivamente pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, embora com intensidade baixa (39,4% - 13 de 33 da faixa 1; 25% - 4 de 16 da faixa 2. 1 de 1 da faixa 3), é a “presença de praças e parques no bairro e arredores”. A ausência de menções dessa razão por parte dos respondentes dos bairros mais centrais se justificaria pela redução de áreas verdes nos bairros e arredores, com os parques e praças utilizados sendo pertencentes aos seus bairros adjacentes, logo, a sua presença não seria motivo de satisfação diretamente com o bairro de moradia.

Dentre as áreas de lazer existentes no Nossa Senhora de Fátima e arredores o mais utilizado é o Parque Oásis<sup>8</sup> (69,7% da faixa 1; 43,8% da faixa 2; respondente da faixa 3), seguido pela Praça Nossa Senhora de Fátima<sup>9</sup> (15,2% da faixa 1; 37,5% da faixa 2; respondente da faixa 3). Os demais parques, praças e áreas verdes do bairro e arredores são pouco utilizados por respondentes da faixa 1. O uso do Parque Oásis é feito pela maioria dos idosos da faixa 1 (61,5% - 8 de 13) e metade daqueles da faixa 2 (50% - 2 de 4) e a Praça Nossa Senhora de Fátima por apenas 7,7% (1 de 13) dos idosos da faixa 1 e 25% (1 de 4) daqueles da faixa 2 que mencionaram a “presença de praças e parques no bairro e arredores” como razão para estar satisfeito com o bairro (Tabela 20 e Figuras 29 e 30).

**Tabela 20:** Menciona a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utiliza o Parque Oásis e a Praça Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

Faixa etária	Menciona a razão	Utiliza o Parque Oásis		Total	Utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima		
		Sim	Não		Sim	Não	Total
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 13 (39,4%)	8 (61,5%)	5 (38,5%)	13 (100%)	1 (7,7%)	12 (92,3%)	13 (100%)
	Não 20 (60,6%)	15 (75%)	5 (25%)	20 (100%)	4 (20%)	16 (80%)	20 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>23 (69,7%)</b>	<b>10 (30,3%)</b>	<b>33 (100%)</b>	<b>5 (15,2%)</b>	<b>28 (84,8%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 4 (25%)	2 (50%)	2 (50%)	4 (100%)	1 (25%)	3 (75%)	4 (100%)
	Não 12 (75%)	5 (41,7%)	7 (58,3%)	12 (100%)	5 (41,7%)	7 (58,3%)	12 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (43,8%)</b>	<b>9 (56,3%)</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>6 (37,5%)</b>	<b>10 (62,5%)</b>	<b>16 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 1 (100%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
		<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>31 (62%)</b>	<b>19 (38%)</b>	<b>50 (100%)</b>	<b>12 (24%)</b>	<b>38 (76%)</b>	<b>50 (100%)</b>

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

<sup>8</sup> O Parque Oásis está localizado a 2,7km do centro geográfico do Bairro Nossa Senhora de Fátima. Ele é pertencente ao Bairro Nossa Senhora do Rosário, adjacente ao Bairro Nossa Senhora de Fátima.

<sup>9</sup> A Praça Nossa Senhora de Fátima está localizada a 96m do centro geográfico do Bairro Nossa Senhora de Fátima, sendo pertencente ao bairro de pesquisa.

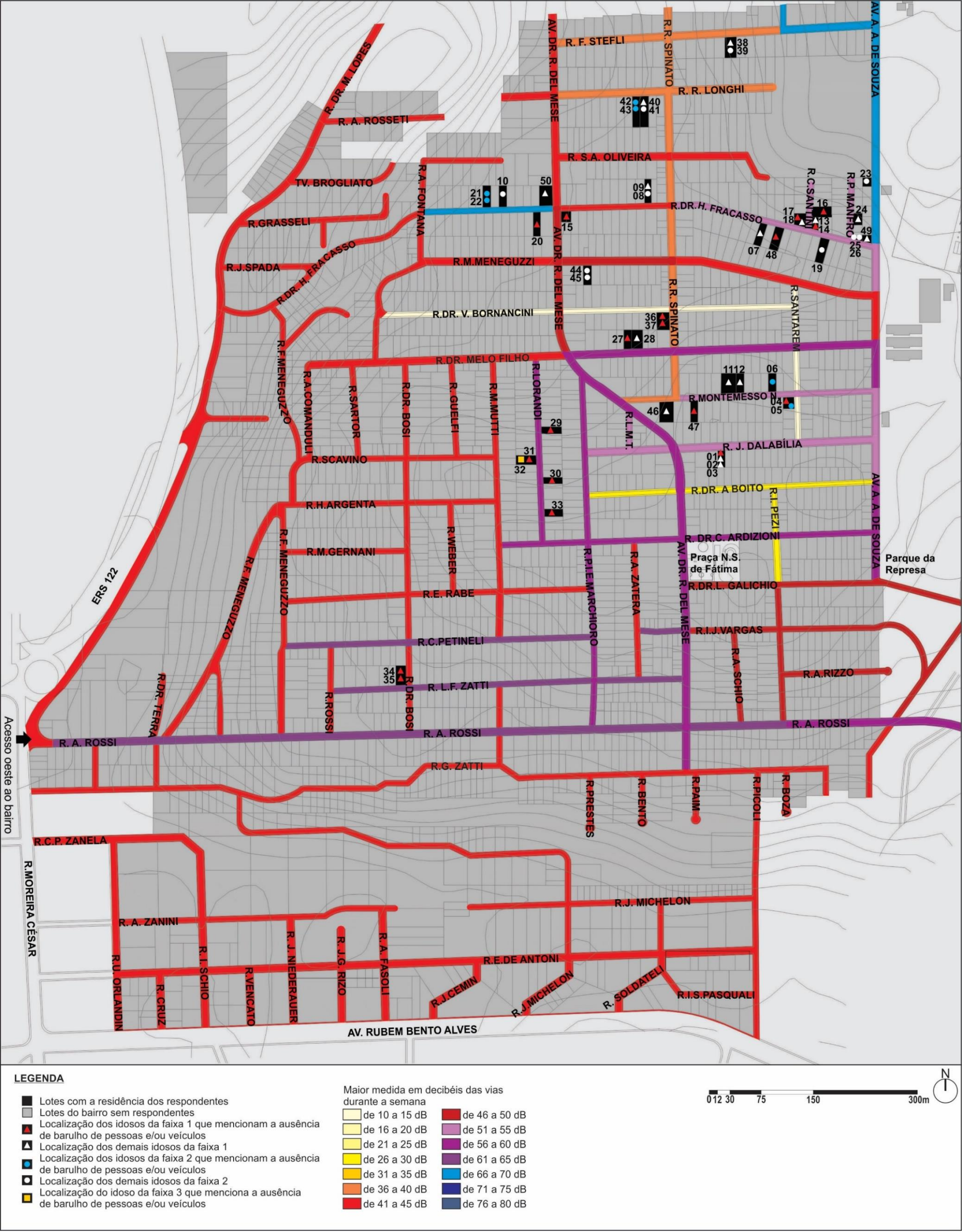


Figura 26: Identificação dos tipos de vias e dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima que mencionaram a razão “baixo tráfego de veículos”





**Figura 27:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e do nível de ruído durante a semana

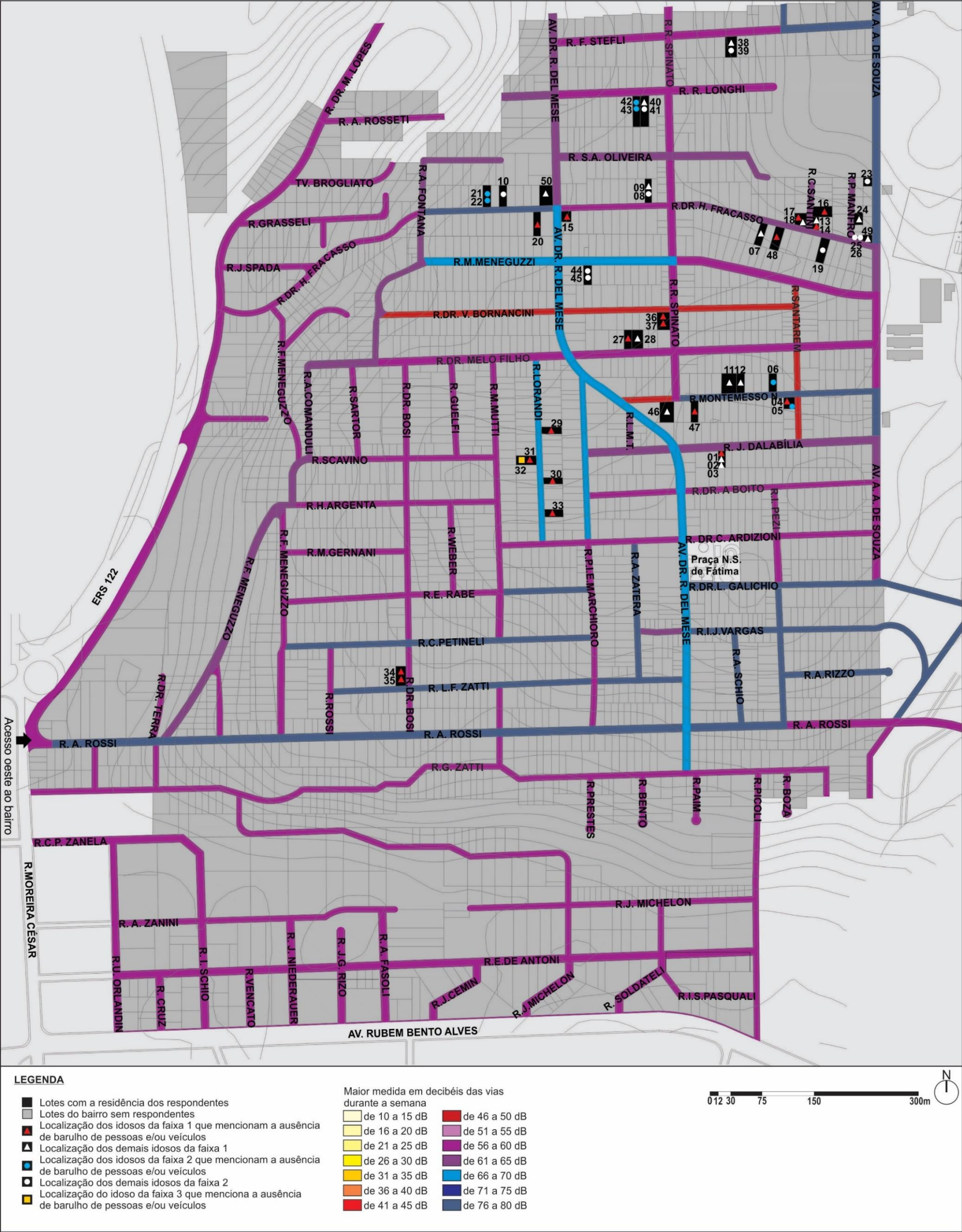


Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos”. A classificação do nível de ruído é adaptada do Manual pró acústica para classe de ruído das edificações habitacionais da Associação Brasileira de para a Qualidade acústica (2017), seguindo ainda as especificações definidas pela NBR10152:2017 - Níveis de ruído para conforto acústico. No mapa foi registrado o maior valor encontrado em cada uma das vias durante a semana. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial.

Fonte: da autora (2020).

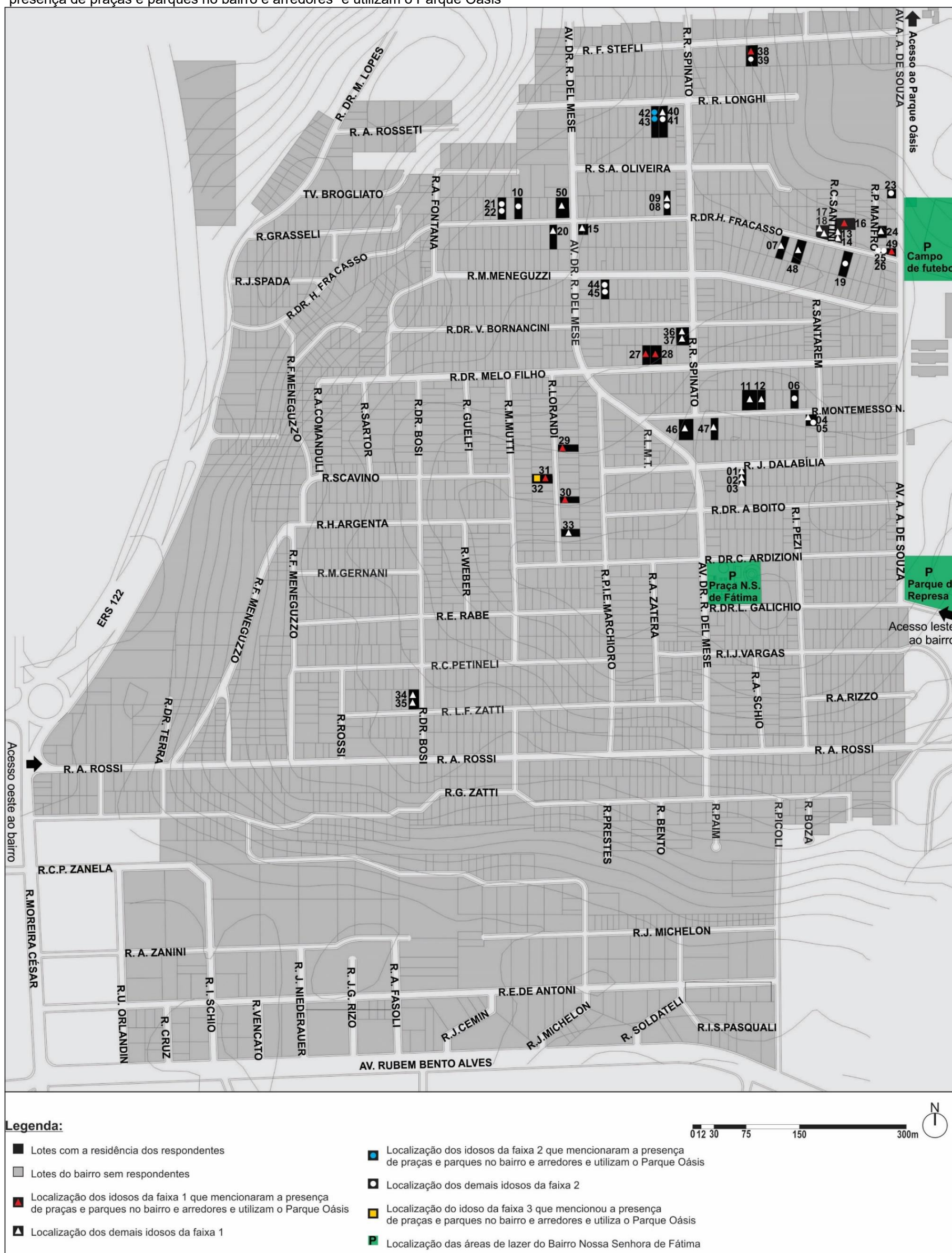


Figura 28: Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos” e do nível de ruído durante o final de semana





**Figura 29:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam o Parque Oásis



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam o Parque Oásis. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial, por não ter sido encontrada em relação a áreas de lazer.

**Fonte:** da autora (2020).



**Figura 30:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima e a identificação daqueles que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam a Praça Nossa Senhora de Fátima



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “presença de praças e parques no bairro e arredores” e utilizam a Praça Nossa Senhora de Fátima. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima (300m) encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial, por não ter sido encontrada em relação a áreas de lazer.

**Fonte:** da autora (2020).

Por outro lado, uma característica físico-espacial considerada relevante apenas entre os idosos dos bairros centrais, especificamente, o Rio Branco e São Pelegrino trata-se da “proximidade do bairro ao centro da cidade” (baseada nas respostas abertas do questionário, tais como, o “bairro ser próximo ao centro”, “proximidade do que o centro oferece” e o “bairro estar na região central da cidade”).

Embora existam variações entre as características físico-espaciais de cada uma das duas áreas distintas do Rio Branco (uma próxima ao centro da cidade, com maior concentração de estabelecimentos, outra na região oposta, com o predomínio de residências unifamiliares, item 4.1.2.1.2 do Capítulo 4) a importância da razão “proximidade do bairro do centro da cidade” fica evidenciada pelo fato de ter sido mencionada de forma muito forte ou forte pelos idosos das faixas 1 (88,2% - 15 de 17) e 2 (73,1% - 19 de 26) como motivo para a conexão com o bairro.

Contudo, para aqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) a menção dessa razão já é realizada com intensidade média. A diferença na intensidade das menções entre as faixas etárias indica que as restrições físicas e as dificuldades impostas à caminhabilidade, seja pela topografia íngreme do bairro ou problemas existentes nas calçadas (problemas que serão melhor explorados no Capítulo 7) impactam no uso do centro pelos idosos de maior idade (faixa 3), até por eles residirem na região mais distante da área central (Figura 31).

Já a proximidade ao centro da cidade e, logo, da região de maior densidade e diversidade de estabelecimentos de comércios, serviços e instituições, também é muito relevante para os idosos das três faixas etárias do São Pelegrino (Figuras 17 e 18 do Capítulo 4). Embora esse bairro também possua características físico-espaciais distintas em duas de suas áreas (uma considerada como pertencente ao centro da cidade, com maior concentração de estabelecimentos, outra na região oposta, com o predomínio de residências unifamiliares, item 4.1.2.1.3 do Capítulo 4).

A localização do bairro próximo ou no centro da cidade é mencionada por todos os 50 respondentes do São Pelegrino. Portanto, a intensidade de relevância das razões “proximidade do bairro do centro da cidade” (40% - 4 de 10 da faixa 1; 45,5% - 15 de 33; 14,3% - 1 de 7) e o “bairro ser parte do centro da cidade” (60% - 6 de 10 da faixa 1; 54,5% - 18 de 33; 85,7% - 6 de 7) estão relacionadas a quantidade de respondentes que residem na área pertencente ao centro e na área adjacente.



**Figura 31:** Localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco e a identificação daqueles que mencionaram a razão “proximidade do bairro do centro da cidade”



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram a razão “proximidade do bairro do Centro da cidade” e vão ao Centro da cidade. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio e serviço.

**Fonte:** da autora (2020).

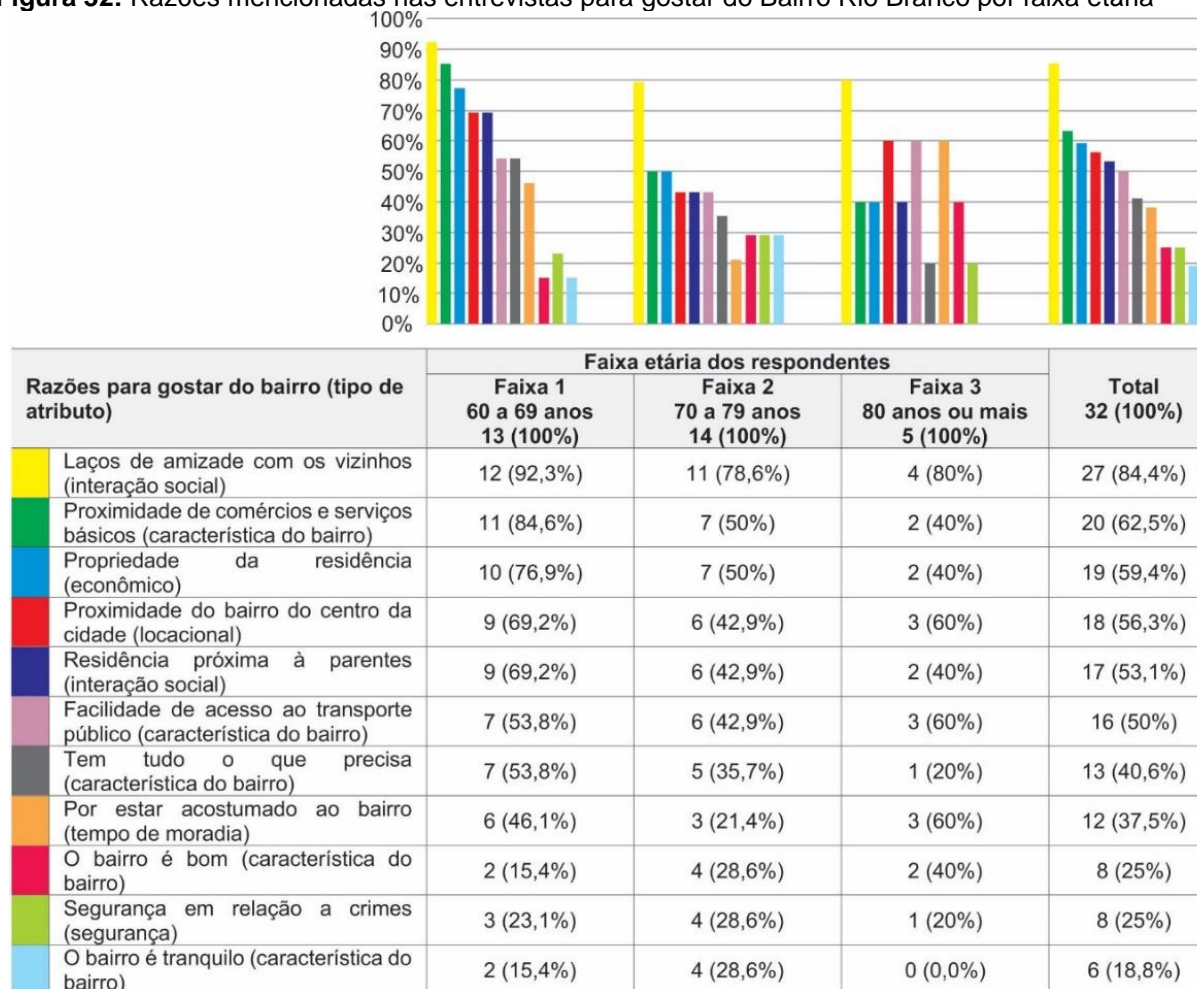
Igualmente, a relação afetiva com o local de moradia expressa pelo fato de “gostar do bairro” é relevante apenas entre os idosos do Rio Branco e São Pelegrino. Essa razão é mencionada com intensidade forte pelos idosos da faixa 1 (70,6% - 12 de 17) do Rio Branco e média por aqueles da faixa 2 (46,2% - 12 de 26) do Rio Branco e das três faixas etárias do São Pelegrino (50% - 5 de 10 da faixa 1; 57,6% - 19 de 33 da faixa 2; 42,9% - 3 de 7 da faixa 3). Apenas entre os idosos da faixa 3 (28,6% - 2 de 7) do Rio Branco a intensidade de menção dessa razão é fraca. Uma justificativa para essa redução está na menor intensidade em que esses idosos mencionam as características físico-espaciais do bairro como motivos para o seu nível de satisfação com o lugar. Características essas que foram associadas pelos idosos do Rio Branco e São Pelegrino aos motivos para gostar do bairro.

Portanto, conforme foi explicado por 32 entrevistados no Rio Branco gostar do bairro (Figura 32) está ligado às razões mencionadas pelos idosos das três faixas etárias para justificar o nível de satisfação e o desejo de continuar morando no bairro, que envolvem: atributos ligados à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” (92,3% - 12 de 13 da faixa 1; 80% - 4 de 5 da faixa 3; 78,6% - 11 de 14 da faixa 2) e a “residência próxima de parentes” (69,2% - 9 de 13 da faixa 1; 42,9% - 6 de 14 da faixa 2; 40% - 2 de 5 da faixa 3); características físico-espaciais do bairro, a “facilidade de acesso ao transporte público” (60% - 3 de 5 da faixa 3; 53,8% - 7 de 13 da faixa 1; 42,9% - 6 de 14 da faixa 2) e a “proximidade de comércios e serviços básicos” (84,6% - 11 de 13 da faixa 1; 50% - 7 de 14 da faixa 2; 40% - 2 de 5 da faixa 3); um atributo locacional, a “proximidade do bairro do centro da cidade” (69,2% - 9 de 13 da faixa 1; 60% - 3 de 5 da faixa 3; 42,9% - 6 de 14 da faixa 2); um atributo econômico, a “propriedade da residência” (76,9% - 10 de 13 da faixa 1; 50% - 7 de 14 da faixa 2; 40% - 2 de 5 da faixa 3); e a “segurança em relação a crimes” (28,6% - 4 de 14 da faixa 2; 23,1% - 3 de 13 da faixa 1; 20% - 1 de 5 da faixa 3).

Por sua vez, um dos atributos relacionados ao tempo de moradia no bairro, o fato de “estar acostumado ao local” é uma razão importante para gostar do bairro para os idosos da faixa 1 (46,1% - 6 de 13) e da faixa 3 (60% - 3 de 5), sendo um motivo pouco importante para aqueles da faixa 2 (21,4% - 3 de 14). Enquanto, o “bairro ser bom” é mencionado por 40% (2 de 5) dos idosos da faixa 3, 28,6% (4 de 14) dos idosos da faixa 2, e por apenas 15,4% (2 de 13) dos idosos da faixa 1, como uma razão para gostar do Rio Branco. Já o “bairro ser tranquilo” é uma razão para gostar

do bairro pouco importante para os idosos da faixa 2 (28,6% - 4 de 14), não sendo um motivo relevante para aqueles da faixa 1 (15,4% - 2 de 13) (Figura 32).

**Figura 32:** Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro Rio Branco por faixa etária



Nota: No texto e na tabela foram apresentadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é apresentada no anexo 01.

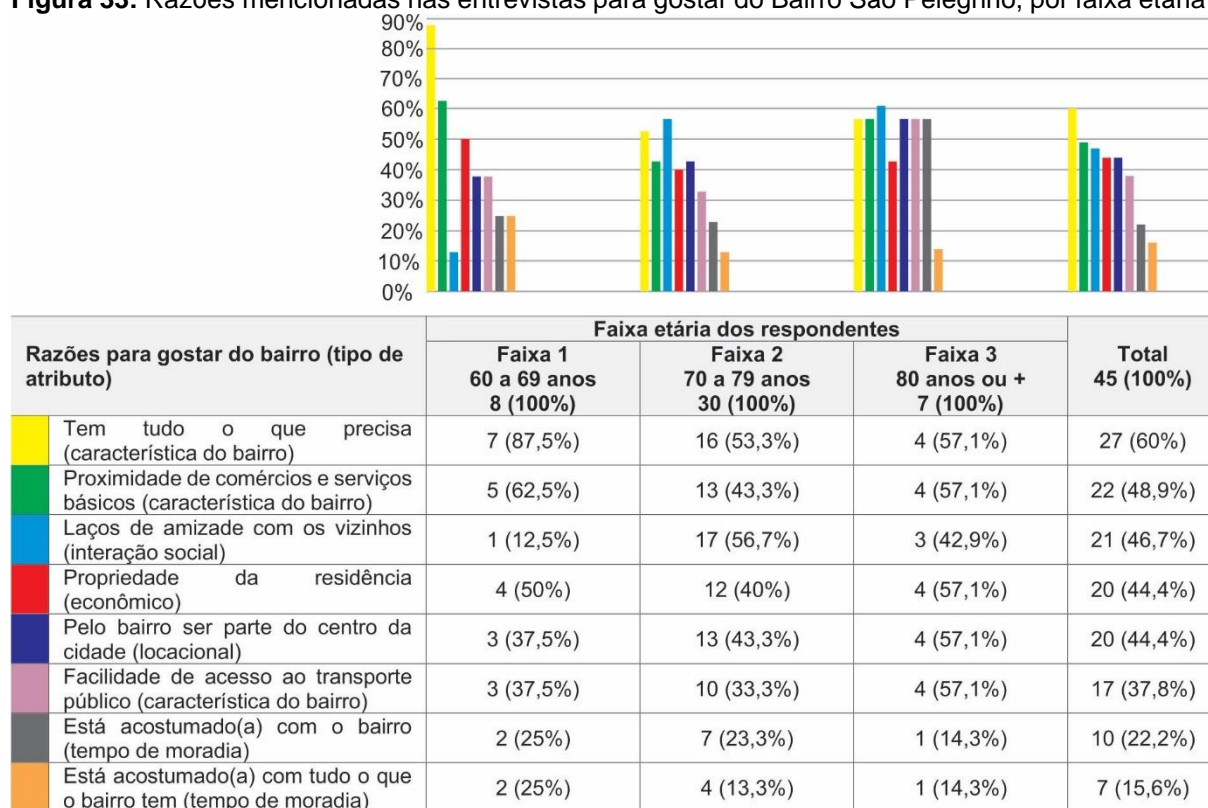
**Fonte:** da autora (2020).

Por sua vez, gostar do Bairro São Pelegrino, conforme foi explicado por 45 entrevistados (Figura 33) está ligado às razões mencionadas pelos idosos das três faixas etárias para justificar o nível de satisfação e o desejo de continuar morando no bairro, que envolvem duas características físico-espaciais do bairro: “tem tudo o que precisa” (87,5% - 7 de 8 da faixa 1; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 53,3% - 16 de 30 da faixa 2) e a “proximidade de comércios e serviços básicos” (62,5% - 5 de 8 da faixa 1; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 43,3% - 13 de 30 da faixa 2), bem como, a um atributo econômico, a “propriedade da residência” (57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 50% - 4 de 8 da faixa 1; 40% - 12 de 30 da faixa 2).



Enquanto outra característica, a “facilidade de acesso ao transporte público” (57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 37,5% - 3 de 8 da faixa 1; 33,3% - 10 de 30 da faixa 2), e, um atributo locacional, o “bairro ser parte do centro da cidade” (57,1% - 4 de 7; 43,3% - 13 de 30; 37,5% - 3 de 8) são razões mais relevantes para os idosos da faixa 3 do que para aqueles das faixas 1 e 2. Um atributo ligado à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” é mais relevante para os idosos da faixa 2 (56,7% - 17 de 30) do que para aqueles das faixas 3 (42,9% - 3 de 7) e 1 (12,5% - 1 de 8). No tocante as razões “estar acostumado ao bairro” (25% - 2 de 8 da faixa 1; 23,3% - 7 de 30 da faixa 2; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3) e “estar acostumado com tudo o que o bairro tem” (25% - 2 de 8 da faixa 1; 13,3% - 4 de 30 da faixa 2; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3) ambas são poucos relevantes como justificativas para gostar do São Pelegrino (Figura 33).

**Figura 33:** Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro São Pelegrino, por faixa etária



Nota: No texto e na tabela foram apresentadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é apresentada no anexo XX.

Fonte: da autora (2020).

Outra razão mencionada de forma expressiva apenas pelos idosos do Rio Branco e São Pelegrino para o nível de satisfação com o bairro é a “propriedade da residência”. Contudo, enquanto essa razão é apontada com intensidade forte pelos idosos do Rio Branco (71,4% - 5 de 7 da faixa 3; 64,7% - 11 de 26 da faixa 1; 61,5%

- 16 de 26 da faixa 2) é mencionada de forma mediana por aqueles do São Pelegrino (57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 42,2% - 14 de 33 da faixa 2; 40% - 4 de 10 da faixa 1), mesmo que em ambos os bairros quase a totalidade de respondentes sejam proprietários de sua residência. Logo, a manutenção dos terrenos e, em alguns casos, da residência que está na família a mais de uma geração justificaria essa maior relevância da propriedade da residência entre os idosos do Rio Branco. No caso do São Pelegrino a maioria dos idosos reside em apartamentos que não possuem essa mesma característica (Tabela 21).

**Tabela 21:** Menciona a razão “propriedade da residência” e possui residência no Bairro Rio Branco e São Pelegrino, por bairro e faixa etária

<b>Bairro Rio Branco</b>				
Faixa etária	Menciona a propriedade da residência	Possui residência própria		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 11 (64,7%)	11 (100%)	0 (0,0%)	11 (100%)
	Não 6 (35,3%)	5 (83,3%)	1 (16,7%)	6 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>16 (94,1%)</b>	<b>1 (5,9%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 16 (61,5%)	16 (100%)	0 (0,0%)	16 (100%)
	Não 10 (38,5%)	10 (100%)	0 (0,0%)	10 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>26 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>26 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 5 (71,4%)	5 (100%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Não 2 (28,6%)	2 (100%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>49 (98%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>				
Faixa etária	Menciona a propriedade da residência	Possui residência própria		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 4 (40%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Não 6 (60%)	6 (100%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>10 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 14 (42,4%)	14 (100%)	0 (0,0%)	14 (100%)
	Não 19 (57,6%)	18 (94,7%)	1 (5,3%)	19 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>32 (97%)</b>	<b>1 (3%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 4 (57,1%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Não 3 (42,9%)	3 (100%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>49 (98%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Fonte: da autora (2020).

Uma razão ligada à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” possui uma maior relevância nas três faixas etárias do Rio Branco (forte: 70,6% - 12 de 17 da faixa 1; média: 42,3% - 11 de 26 da faixa e 42,9% - 3 de 7 da faixa 3) do que entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima (média: 48,5% - 16 de 33 da faixa 1; fraca: 25% - 4 de 16 da faixa 2) e São Pelegrino (média: 57,1% - 4 de 7 da faixa 3; fraca: 20% - 2 de 10 da faixa 1 e 30,3% - 10 de 33 da faixa 2) (Tabela 22). Contudo, nas três faixas etárias, dos três bairros a notável maioria dos idosos (97% - 32 de 33 da faixa 1; 100% - 16 de 16 da faixa 2; 1 de 1 do Nossa Senhora de Fátima; 100% - 17 de 17 da faixa 1; 100% - 26 de 26 da faixa 2 e 100% - 7 de 7 da faixa 3 do Rio

Branco; 80% - 8 de 10 da faixa 1; 97% - 32 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino) mencionou possuir laços de amizade com os seus vizinhos (Tabela 22). A justificativa para a diferença na intensidade dessa razão entre o Rio Branco e os demais bairros também estaria relacionada ao tempo de moradia dos idosos nesse lugar. Especificamente no Rio Branco, observa-se que o tempo de conexão entre as famílias, que tende a acontecer de geração para geração, data da criação do bairro em 1930, o que é bem menos comum nos outros dois bairros.

**Tabela 22:** Menciona a razão “laços de amizade com os vizinhos” e possui amigos entre os vizinhos, por bairro e faixa etária

**Bairro Nossa Senhora de Fátima**

Faixa etária	Menciona a razão laços de amizade com os vizinhos	Possui amigos entre os vizinhos		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 16 (48,5%)	16 (100%)	0 (0,0%)	16 (100%)
	Não 17 (51,5%)	16 (94,1%)	1 (5,9%)	17 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>32 (97%)</b>	<b>1 (3%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 4 (25%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Não 12 (75%)	12 (100%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>16 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Não 1 (100%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>49 (98%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>

**Bairro Rio Branco**

Faixa etária	Menciona a razão laços de amizade com os vizinhos	Possui amigos entre os vizinhos		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 12 (70,6%)	12 (100%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	Não 5 (29,4%)	5 (100%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>17 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 11 (42,3%)	11 (100%)	0 (0,0%)	11 (100%)
	Não 15 (57,7%)	15 (100%)	0 (0,0%)	15 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>26 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>26 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 4 (57,1%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Não 3 (42,9%)	3 (100%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>50 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>50 (100%)</b>

**Bairro São Pelegrino**

Faixa etária	Menciona a razão laços de amizade com os vizinhos	Possui amigos entre os vizinhos		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 2 (20%)	2 (100%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Não 8 (80%)	6 (75%)	2 (25%)	8 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>8 (80%)</b>	<b>2 (20%)</b>	<b>10 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 10 (30,3%)	10 (100%)	0 (0,0%)	10 (100%)
	Não 15 (57,7%)	22 (95,7%)	1 (4,3%)	23 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>32 (97%)</b>	<b>1 (3%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 3 (42,9%)	3 (100%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Não 4 (57,1%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>47 (94%)</b>	<b>3 (6%)</b>	<b>50 (100%)</b>

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

O tempo de moradia e as relações pessoais existentes entre os residentes no Rio Branco igualmente explicam a importância da razão “proximidade da residência de parentes” apenas entre idosos desse bairro. Entretanto, essa razão possui uma forte importância entre os idosos da faixa 1 (70,6% - 12 de 17), uma relevância média

entre aqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) e fraca entre aqueles da faixa 2 (38,5% - 10 de 26). Com a totalidade (100% - 7 de 7) de idosos da faixa 3 e a notável maioria daqueles das faixas 2 (88,5% - 23 de 26) e 1 (88,2% - 15 de 17) mencionando ter parentes entre os vizinhos (Tabela 23).

**Tabela 23:** Menciona a razão “proximidade da residência de parentes” e possui parentes entre os vizinhos no Bairro Rio Branco, por faixa etária

Faixa etária	Menciona a razão proximidade da residência de parentes	Possui parentes entre os vizinhos		Total
		Sim	Não	
Faixa 1 60 a 69 anos	Sim 12 (70,6%)	12 (100%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	Não 5 (29,4%)	3 (60%)	2 (40%)	5 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>15 (88,2%)</b>	<b>2 (11,8%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Sim 10 (38,5%)	10 (100%)	0 (0,0%)	10 (100%)
	Não 16 (61,5%)	13 (81,3%)	3 (18,8%)	16 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>23 (88,5%)</b>	<b>3 (11,5%)</b>	<b>26 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais	Sim 3 (42,9%)	3 (100%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Não 4 (57,1%)	4 (100%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	<b>Total parcial</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total</b>		<b>45 (90%)</b>	<b>5 (10%)</b>	<b>50 (100%)</b>

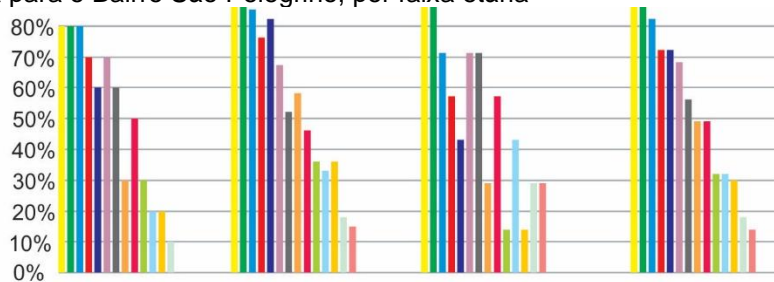
Fonte: da autora (2020).

Por outro lado, um atributo ligado à segurança em relação a crimes, a “presença de pessoas e/ou veículos” é uma razão para o nível de satisfação mencionada por uma quantidade de idosos que não pode ser desprezada do São Pelegrino, mesmo que a intensidade de relevância dessa razão não deixe de ser média ou fraca nas três faixas etárias (42,3% - 3 de 7 da faixa 3; 40% - 4 de 10 da faixa 1; 36,4% - 12 de 33 da faixa 2). Dentre as menções acerca do que precisa ser melhorado no bairro (Figura 34), verifica-se que a vigilância promovida pelo “maior efetivo policial” (90,9% - 30 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3; 80% - 8 de 10 da faixa 1) é uma sugestão extremamente relevante para os idosos das três faixas etárias, que unida à outras sugestões, tais como, a “redução do vandalismo nas edificações e mobiliários urbanos” (81,8% - 27 de 33 da faixa 2; 60% - 6 de 10 da faixa 1; 42,9% - 3 de 7 da faixa 3) e “melhoria da iluminação urbana” (36,4% - 12 de 33 da faixa 2; 30% - 3 de 10 da faixa 1; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3) evidenciam a percepção de insegurança em relação a crimes dos idosos do bairro.

Portanto, a “presença de pessoas e/ou veículos” que promovem a vigilância natural dos espaços abertos públicos seria uma característica do lugar que auxiliaria na redução desta insegurança durante a circulação dos idosos pelo bairro, principalmente daqueles das faixas 3 e 1. Entretanto, a presença de veículos também está relacionada à insegurança em relação a acidentes evidenciada nas seguintes sugestões de melhoria para o bairro: “ampliação do tempo de sinaleira para a travessia

de pedestres” (84,8% - 28 de 33 da faixa 2; 80% - 8 de 10 da faixa 1; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3); “adição de limitadores de velocidade” (75,8% - 25 de 33 da faixa 2; 70% - 7 de 10 da faixa 1; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3); e a “redução do volume de trânsito” (71,4% - 5 de 7 da faixa 3; 70% - 7 de 10 da faixa 1; 66,7% - 22 de 33 da faixa 2) (Figura 34).

**Figura 34:** Sugestões de melhoria para o Bairro São Pelegrino, por faixa etária



O que precisa ser melhorado no bairro (tipo de atributo)	Faixa etária dos respondentes			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	
Maior efetivo policial (segurança em relação a crimes)	8 (80%)	30 (90,9%)	6 (85,7%)	44 (88%)
Melhorias no calçamento das ruas (segurança em relação a acidentes)	8 (80%)	29 (87,9%)	7 (100%)	44 (88%)
Ampliação do tempo da sinaleira para a travessia de pedestres (segurança em relação a acidentes)	8 (80%)	28 (84,8%)	5 (71,4%)	41 (82%)
Adição de limitadores de velocidade (segurança em relação a acidentes)	7 (70%)	25 (75,8%)	4 (57,1%)	36 (72%)
Redução do vandalismo nas edificações e mobiliários urbanos (segurança em relação a crimes)	6 (60%)	27 (81,8%)	3 (42,9%)	36 (72%)
Redução do volume de trânsito (segurança em relação a acidentes)	7 (70%)	22 (66,7%)	5 (71,4%)	34 (68%)
Melhorias da limpeza urbana (gestão urbana)	6 (60%)	17 (51,5%)	5 (71,4%)	28 (56%)
Adoção de um modelo melhor de sinalização semafórica (segurança em relação a acidentes)	3 (30%)	19 (57,6%)	2 (28,6%)	24 (49%)
Redução do barulho provocado por veículos (gestão urbana)	5 (50%)	15 (45,5%)	4 (57,1%)	24 (49%)
Melhorias na iluminação urbana (segurança em relação a crimes)	3 (30%)	12 (36,4%)	1 (14,3%)	16 (32%)
Melhorias dos equipamentos e mobiliários urbanos (características do bairro)	2 (20%)	11 (33,3%)	3 (42,9%)	16 (32%)
Melhorias da sinalização das ruas – placas de indicação de locais (mobilidade)	2 (20%)	12 (36,4%)	1 (14,3%)	15 (30%)
Recolhimento mais frequente do lixo (gestão urbana)	1 (10%)	6 (18,2%)	2 (28,6%)	9 (18%)
Maior manutenção de moradias, equipamentos e mobiliários urbanos (gestão urbana)	0 (0,0%)	5 (15,2%)	2 (28,6%)	7 (14%)

Nota: No texto e na tabela foram apresentadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é apresentada no anexo 01.

Fonte: da autora (2020).

### 5.1.2 O nível de satisfação com a residência e a relação com as características do bairro e da residência onde moram

Por volta da metade dos idosos do Nossa Senhora de Fátima (54,5% da faixa 1; 56,3% da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3) e aqueles das faixas 1 (58,8% - 10 de 17) e 2 (57,7% - 15 de 26) do Rio Branco moram em sua residência de 30 a 49 anos. Por sua vez, a maioria (71,4% - 5 de 7) dos idosos da faixa 3 do Rio Branco moram de 50 anos ou mais. Já o tempo de moradia na residência dos idosos das três faixas etárias do São Pelegrino variam em cada faixa etária (Tabela 24). Contudo, independente do bairro, situação socioeconômica, tempo de moradia ou das características físico-espaciais de cada lugar, os idosos demonstraram um nível de satisfação elevado com a sua residência<sup>10</sup> (Tabela 24).

**Tabela 24:** O nível de satisfação com a residência e o tempo de moradia, por faixa etária e bairro  
**Bairro Nossa Senhora de Fátima**

Faixa etária	Tempo de moradia na residência	Nível de satisfação				Total
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	4 (25%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)
	De 16 a 29 anos	6 (35,3%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (27,3%)
	De 30 a 49 anos	10 (58,8%)	8 (50%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	18 (54,5%)
	De 50 anos ou mais	1 (5,9%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (6,1%)
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>17 (51,5%)</b>	<b>16 (48,2%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	1 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (6,3%)
	De 16 a 29 anos	2 (33,3%)	1 (12,5%)	1 (100%)	0 (0,0%)	4 (25%)
	De 30 a 49 anos	4 (66,7%)	4 (50%)	0 (0,0%)	1 (100%)	9 (56,3%)
	De 50 anos ou mais	0 (0,0%)	2 (25%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (12,5%)
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>6 (37,5%)</b>	<b>8 (50%)</b>	<b>1 (6,3%)</b>	<b>1 (6,3%)</b>	<b>16 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	De 30 a 49 anos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>24 (48%)</b>	<b>24 (48%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>

**Bairro Rio Branco**

Faixa etária	Tempo de moradia na residência	Nível de satisfação				Total
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	2 (22,2%)	0 (0,0%)	1 (50%)	3 (17,6%)
	De 16 a 29 anos	0 (0,0%)	3 (33,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)
	De 30 a 49 anos	5 (83,3%)	4 (44,4%)	0 (0,0%)	1 (50%)	10 (58,8%)
	De 50 anos ou mais	1 (16,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>6 (35,3%)</b>	<b>9 (52,9%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (11,8%)</b>	<b>17 (100%)</b>

Continua na próxima página

<sup>10</sup> Não existe diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney – MW) entre os níveis de satisfação com a residência no Nossa Senhora de Fátima dos moradores na faixa etária 1 e daqueles na faixa 2 e não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação, em cada uma dessas faixas, daqueles com diferentes períodos de moradia na residência. Não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação com a residência dos moradores do Rio Branco e do São Pelegrino nas faixas etárias 1, 2 e 3 e não existe diferença estatisticamente significativa (Kruskal Wallis – KW) entre os níveis de satisfação, em cada uma dessas faixas ou bairro, daqueles com diferentes períodos de moradia na residência.



Faixa 2 70 a 79 anos	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)
	De 6 a 15 anos	0 (0,0%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)
	De 16 a 29 anos	2 (18,2%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (11,5%)
	De 30 a 49 anos	5 (45,5%)	10 (66,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	15 (57,7%)
	De 50 anos ou mais	4 (36,4%)	2 (13,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (23,1%)
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>11 (42,3%)</b>	<b>15 (57,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>26 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	De 30 a 49 anos	1 (33,3%)	1 (25%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)
	De 50 anos ou mais	2 (66,7%)	3 (75%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (71,4%)
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>3 (42,9%)</b>	<b>4 (57,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>20 (40%)</b>	<b>28 (56%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>50 (100%)</b>

#### Bairro São Pelegrino

Faixa etária	Tempo de moradia na residência	Nível de satisfação				Total
		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	Menos de 1 a 5 anos	1 (12,5%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	2 (20%)
	De 6 a 15 anos	3 (37,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)
	De 16 a 29 anos	1 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)
	De 30 a 49 anos	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)
	De 50 anos ou mais	3 (37,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)
<b>Total da faixa etária 1</b>		<b>6 (35,3%)</b>	<b>8 (80%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (6,7%)	1 (16,7%)	0 (0,0%)	2 (6,1%)
	De 6 a 15 anos	2 (20%)	6 (40%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (24,2%)
	De 16 a 29 anos	3 (30%)	5 (33,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (24,2%)
	De 30 a 49 anos	3 (30%)	1 (6,7%)	5 (83,3%)	2 (100%)	11 (33,3%)
	De 50 anos ou mais	2 (20%)	2 (13,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)
<b>Total da faixa etária 2</b>		<b>11 (42,3%)</b>	<b>10 (30,3%)</b>	<b>15 (45,5%)</b>	<b>6 (18,2%)</b>	<b>2 (6,1%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	Menos de 1 a 5 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
	De 6 a 15 anos	2 (28,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)
	De 16 a 29 anos	2 (28,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)
	De 30 a 49 anos	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
	50 anos ou mais	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
<b>Total da faixa etária 3</b>		<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>25 (50%)</b>	<b>16 (32%)</b>	<b>7 (14%)</b>	<b>2 (4%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Nota: No Bairro Nossa Senhora de Fátima nenhum respondente indicou estar muito insatisfeito com a residência. Ainda, nenhum respondente indicou morar de 5 anos ou menos na sua residência. No Bairro Rio Branco nenhum respondente indicou estar muito insatisfeito com a residência. No Bairro São Pelegrino nenhum respondente indicou estar muito insatisfeito com a residência.

Fonte: da autora (2020).

Dentre as principais razões para o nível elevado de satisfação com a residência pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros está a “sensação de conforto” e a “dimensão dos ambientes internos”. A “sensação de conforto” possui uma relevância muito forte (87,9% - 29 de 33 da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima; 90% - 9 de 10 da faixas 1 e 100% - 7 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino) ou forte (68,8% - 11 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima; 76,5% - 13 de 17 da faixa 1; 73,1% - 19 de 26 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3 do Rio Branco; 72,7% - 24 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) independente do bairro ou faixa etária.

Enquanto a “dimensão dos ambientes internos” possui uma relevância muito forte (100% - 7 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino), forte (72,7% - 24 de 33 da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima; 80% - 8 e 10 da faixa 1 e 72,7% - 24 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) ou média (50% - 8 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima; 42,9% - 3 de 7 da faixa 3 do Rio Branco) para a maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, possuindo uma intensidade fraca enquanto razão para o nível

de satisfação com a residência apenas entre os idosos das faixas 1 (35,3% - 6 de 17) e 2 (34,6% - 9 de 26) do Rio Branco (Figura 36).

A importância dessas razões refere-se principalmente a possibilidade de a residência ser adaptada às condições de acessibilidade necessárias com o surgimento de restrições físicas, sem que haja a necessidade de mudança para outro local ou substituição de mobiliários e/ou demais itens que possam ter um significado para o idoso. Com a “sensação de conforto” estando ligada a ausência de barreiras físicas ou restrições a manutenção da residência e das referências pessoais do idoso em um ambiente que ele se sinta seguro em relação à acidentes.

Por outro lado, uma razão para o nível de satisfação com a residência, “pela residência receber iluminação natural” (muito forte: 90% - 9 de 10 da faixa 1 e 85,7% - 6 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino; forte: 69,7% - 23 de 33 da faixa 1 e 62,5% - 10 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima; média: 57,6% - 19 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) e duas características físico-espaciais desta, a “distribuição espacial da residência” (forte: 80% - 8 de 10 da faixa 1 e 71,4% - 5 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino e 63,6% - 21 de 33 da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima; média: 51,5% - 17 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino e 43,8% - 7 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima) e o “tamanho da residência” (muito forte: 85,7% - 6 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino; forte: 69,7% - 23 de 33 da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima e 70% - 7 de 10 da faixa 1 do São Pelegrino; média: 48,5% - 16 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino; fraca: 37,5% - 6 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima) são mencionadas de forma expressiva apenas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino (Figura 36).

Essa modificação na relevância de um bairro para o outro está no fato da maioria dos lotes das residências dos idosos do Nossa Senhora de Fátima serem compartilhados com a residência de parentes, enquanto no São Pelegrino a maioria dos idosos reside em apartamentos, portanto, as características internas da edificação receberiam maior atenção. Duas razões que corroboram essas diferenças entre o Rio Branco e os demais bairros são a “presença de jardim e/ou quintal” (média: 41,2% - 7 de 17 da faixa 1 e 57,1% - 4 de 7 da faixa 3; baixa: 34,6% - 9 de 26 da faixa 2) e a “presença de horta” (média: 41,2% - 7 de 17 da faixa 1; 42,9% - 3 de 7 da faixa 3; baixa: 34,6% - 9 de 26 da faixa 2) mencionadas apenas pelos idosos desse bairro como razão para o nível de satisfação com a residência (Figura 36).

Por sua vez, a “proximidade de comércios e serviços básicos” é a única característica físico-espacial dos bairros Rio Branco e São Pelegrino também mencionada como motivo para o nível de satisfação com a residência. Essa razão é mencionada com intensidade forte (65,4% - 17 de 26 da faixa 2 do Rio Branco; 63,6% - 21 de 33 da faixa 2 e 71,4% - 5 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino) ou média (52,9% - 9 de 17 da faixa 1 e 57,1% - 4 de 7 da faixa 3 do Rio Branco) pelos idosos das três faixas etárias, dos dois bairros, salvo sua intensidade baixa entre os idosos da faixa 1 (30% - 3 de 10) do São Pelegrino (Figura 36). Essa redução da relevância entre os idosos da faixa 1 do São Pelegrino justifica-se pela sua melhor capacidade motora, o que torna a proximidade de comércios e serviços básicos da residência menos importante do que seria para aqueles com restrições em sua mobilidade.

Igualmente a “propriedade da residência” é uma razão relevante apenas entre os idosos dos bairros Rio Branco e São Pelegrino. Contudo, enquanto apresenta uma intensidade muito forte (92,3% - 24 de 26 da faixa 2 e 100% - 7 de 7 da faixa 3) ou forte (76,5% - 13 de 17 da faixa 1) entre os idosos do Rio Branco, possui intensidade média (57,1% - 4 de 7 da faixa 3) ou baixa (20% - 2 de 10 da faixa 1 e 36,4% - 12 de 33 da faixa 2) entre aqueles do São Pelegrino (Figura 36), repetindo, portanto, a mesma diferença de intensidade observada em sua menção enquanto razão para o nível de satisfação com o bairro (Tabela 21 item 5.1.1).

Complementarmente, a razão “beleza da residência” é uma razão importante para justificar o nível de satisfação com a residência por parte dos idosos em algumas faixas etárias no Nossa Senhora de Fátima (forte: 63,6% - 21 de 33 da faixa 1; fraco: 37,5% - 6 de 16 da faixa 2), Rio Branco (fraco: 23,5% - 4 de 17 da faixa 1; 26,9% - 7 de 26 da faixa 2; 28,6% - 2 de 7 da faixa 3) e no São Pelegrino (muito fraco: 10% - 1 de 10 da faixa 1; fraco: 21,2% - 7 de 33 da faixa 2; média: 42,9% - 3 de 7 da faixa 3). A baixa relevância dessa razão para a expressiva maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros é explicada pela ausência de diferenças compositivas significativas entre os exemplares considerados bonitos daqueles não considerados nos três bairros, conforme exemplo da Figura 35.

Adicionalmente, parte dos resultados acima também podem ser explicados pela maior presença de exemplares pertencentes ou similares aqueles da época da imigração italiana no Rio Branco. Assim como, pelas características similares entre as residências unifamiliares nos três bairros, tais como: evidência do telhado;

simplicidade formal; pintura em tons suaves ou manutenção da textura natural dos materiais construtivos (por ex.: madeira ou tijolo).

**Figura 35:** Exemplo de residências mencionadas e não mencionadas como bonitas em cada bairro



a) Residência mencionada como bonita no Nossa Senhora de Fátima



b) Residência não mencionada como bonita no Nossa Senhora de Fátima



c) Residência mencionada como bonita no Rio Branco



d) Residência não mencionada como bonita no Rio Branco

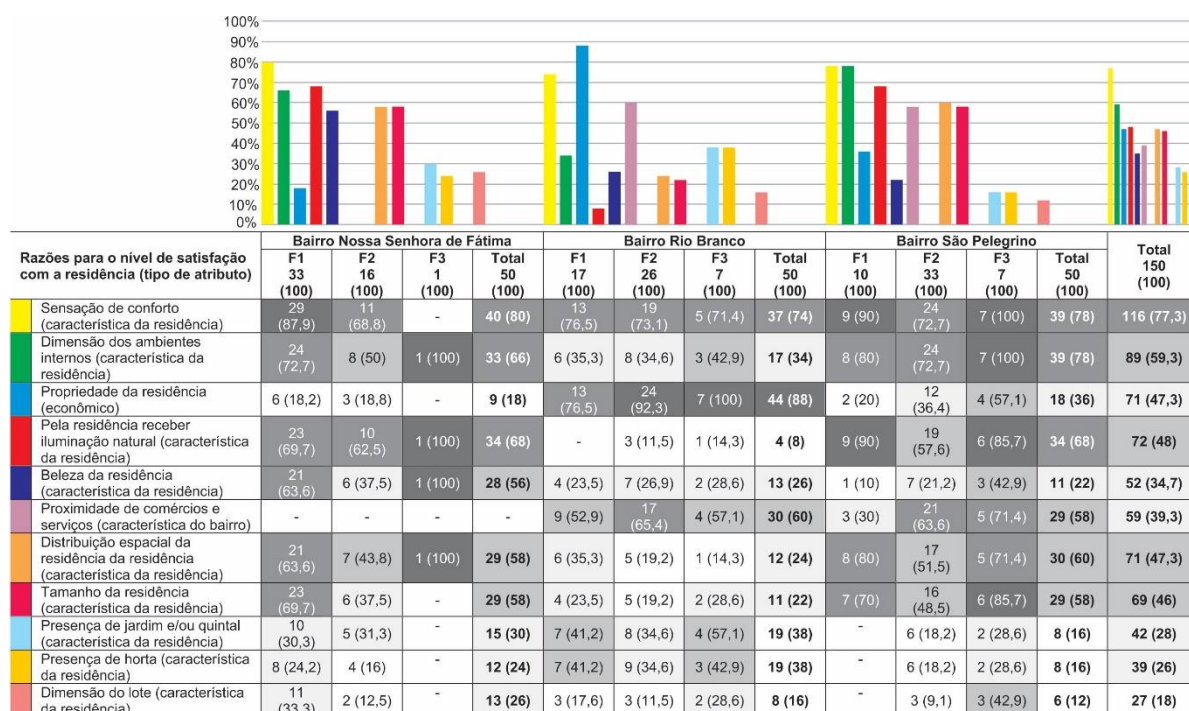


e) Residência mencionada como bonita no Rio Branco  
Fonte: da autora (2017).



f) Residência não mencionada como bonita no Rio Branco

**Figura 36:** Razões para o nível de satisfação com a residência, por bairro e faixa etária



**Nota:** os valores entre parênteses representam as porcentagens. No texto e na tabela são destacadas apenas as razões mencionadas, por pelo menos 25% dos respondentes em cada faixa etária. A escala de cinza utilizada destaca a intensidade de relevância de cada razão, conforme segue: **muito forte** (mencionada por mais 80% dos respondentes); **forte** (mencionada por mais 60% até 80% dos respondentes); **média** (mencionada por mais 40% até 60% dos respondentes); **fraca** (mencionada por mais 20% até 40% dos respondentes) e **muito baixa** (mencionada por menos de 20% dos respondentes). A quantidade de idosos que mencionou cada razão pelo tempo de moradia é demonstrada no Anexo 01.

**Fonte:** da autora (2020).

Existe correlação entre os níveis de satisfação com o bairro e com a residência dos moradores das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima (Spearman, coef. =0,418, Sig. =0,003), Rio Branco (Spearman, coef.=0,560, Sig.=0,000) e São Pelegrino (Spearman, coef.=0,515, Sig.=0,000). Entretanto, independente do tempo de moradia, faixa etária ou bairro as razões para que os idosos estejam satisfeitos com o bairro não estão relacionadas às características da residência. Por sua vez, no Rio Branco e São Pelegrino uma razão para a satisfação com a residência (proximidade de comércio e serviços básicos) é relacionada às características físico-espaciais desses bairros (Figura 36 e Tabela 25).

**Tabela 25:** O nível de satisfação com o bairro e com a residência, por bairro e faixa etária

Bairro Nossa Senhora de Fátima						
Faixas etárias	Níveis de satisfação com o bairro	Níveis de satisfação com a residência				Total
		Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	Muito satisfeito	6 (75%)	2 (25%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
	Satisfeito	11 (45,8%)	13 (54,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	24 (100%)
	Insatisfeito	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial da faixa 1</b>		<b>17 (51,5%)</b>	<b>16 (48,5%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>33 (100%)</b>

Continua na próxima página

Faixa 2 70 a 79 anos	Muito satisfeito	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Satisfeito	3 (25%)	7 (58,3%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	12 (100%)
	Nem satisfeito, nem insatisfeito	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial da faixa 2</b>		<b>6 (37,5%)</b>	<b>8 (50%)</b>	<b>1 (6,3%)</b>	<b>1 (6,3%)</b>	<b>16 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	Muito satisfeito	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial da faixa 3</b>		<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>24 (48%)</b>	<b>24 (48%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro Rio Branco</b>						
Faixas etárias	Níveis de satisfação com o bairro	Níveis de satisfação com a residência				Total
		Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	Muito satisfeito	3 (60%)	1 (20%)	0 (0,0%)	1 (20%)	5 (100%)
	Satisfeito	3 (25%)	8 (66,7%)	0 (0,0%)	1 (8,3%)	12 (100%)
<b>Total parcial da faixa 1</b>		<b>6 (35,3%)</b>	<b>9 (52,9%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (11,8%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Muito satisfeito	8 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
	Satisfeito	3 (17,6%)	14 (82,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	17 (100%)
	Insatisfeito	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial da faixa 2</b>		<b>11 (42,3%)</b>	<b>15 (57,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>26 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	Muito satisfeito	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Satisfeito	1 (20%)	4 (80%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
<b>Total parcial da faixa 3</b>		<b>3 (42,9%)</b>	<b>4 (57,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>20 (40%)</b>	<b>28 (56%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (4%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>						
Faixas etárias	Níveis de satisfação com o bairro	Níveis de satisfação com a residência				Total
		Muito satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	
Faixa 1 60 a 69 anos	Muito satisfeito	7 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
	Satisfeito	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Nem satisfeito, nem insatisfeito	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Insatisfeito	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial da faixa 1</b>		<b>8 (80%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos	Muito satisfeito	9 (45%)	8 (40%)	3 (15%)	0 (0,0%)	20 (100%)
	Satisfeito	1 (7,7%)	7 (53,8%)	3 (23,1%)	2 (15,4%)	13 (100%)
<b>Total parcial da faixa 2</b>		<b>10 30,3%)</b>	<b>15 (45,5%)</b>	<b>6 (18,2%)</b>	<b>2 (6,1%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou +	Muito satisfeito	7 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
<b>Total parcial da faixa 3</b>		<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>25 (50%)</b>	<b>16 (32%)</b>	<b>7 (14%)</b>	<b>2 (4%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Nota: os valores em parênteses referem-se às porcentagens nas linhas. Nos três bairros existem níveis de satisfação que não foram mencionados pelos respondentes em cada faixa etária (Tabelas 15 e 24).

Fonte: da autora (2020).

## 5.2 O DESEJO DOS IDOSOS EM CONTINUAR MORANDO NO BAIRRO E NA RESIDÊNCIA E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO ONDE MORAM

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, entrevistas e levantamentos físicos referentes ao desejos dos idosos nas três faixas etárias em permanecer no bairro e na residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas e as relações com as características físico-espaciais dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de



equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação à crimes e acidentes.

### 5.2.1 O desejo dos idosos em continuar morando no bairro e a relação com as características do bairro onde moram

Independentemente do bairro, situação socioeconômica, tempo de moradia ou das características físico-espaciais de cada lugar, os idosos demonstraram um desejo elevado de permanecer no bairro onde moram<sup>11</sup> (Tabela 26) havendo apenas 1 (de 33 – 3%) da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima e 1 (de 10 – 10%) idoso da faixa 1 do São Pelegrino que não desejam permanecer em seus locais de moradia.

**Tabela 26:** Tempo e o desejo de continuar morando no bairro, por bairro e faixa etária

Deseja continuar a morar no bairro?	Tempo de moradia no bairro	Faixa etária dos respondentes			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	
Sim	De 6 a 15 anos	4 (12,5%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	5 (10,2%)
	De 16 a 29 anos	7 (21,9%)	4 (25%)	0 (0,0%)	11 (22,4%)
	De 30 a 49 anos	18 (54,5%)	9 (56,3%)	1 (100%)	28 (57,1%)
	De 50 anos ou mais	3 (9,4%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	5 (10,2%)
<b>Total parcial</b>		<b>32 (65,3%)</b>	<b>16 (32,7%)</b>	<b>1 (2,0%)</b>	<b>49 (100%)</b>
Não	De 30 a 49 anos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>33 (66%)</b>	<b>16 (32%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro Rio Branco</b>					
Deseja continuar a morar no bairro?	Tempo de moradia no bairro	Faixa etária dos respondentes			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	
Sim	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
Sim	De 6 a 15 anos	2 (11,8%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	De 16 a 29 anos	3 (17,6%)	4 (15,4%)	0 (0,0%)	7 (14,0%)
	De 30 a 49 anos	10 (58,8%)	14 (53,8%)	2 (28,6%)	26 (52%)
	De 50 anos ou mais	2 (11,8%)	6 (23,1%)	5 (71,4%)	13 (26%)
<b>Total geral</b>		<b>17 (34%)</b>	<b>26 (52%)</b>	<b>7 (14%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>					
Deseja continuar a morar no bairro?	Tempo de moradia no bairro	Faixa etária dos respondentes			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	
Sim	Menos de 1 a 5 anos	1 (11,1%)	1 (3%)	1 (14,3%)	3 (6,1%)
	De 6 a 15 anos	1 (11,1%)	6 (18,2%)	1 (14,3%)	8 (16,3%)
	De 16 a 29 anos	1 (11,1%)	3 (9,1%)	1 (14,3%)	5 (10,2%)
	De 30 a 49 anos	3 (33,3%)	12 (36,4%)	0 (0,0%)	15 (30,6%)
	De 50 anos ou mais	3 (33,3%)	11 (33,3%)	4 (57,1%)	18 (36,7%)
<b>Total parcial</b>		<b>9 (18,4%)</b>	<b>33 (67,3%)</b>	<b>7 (14,3%)</b>	<b>49 (100%)</b>
Não	De 30 a 49 anos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>10 (20%)</b>	<b>33 (66%)</b>	<b>7 (14,0%)</b>	<b>50 (100%)</b>

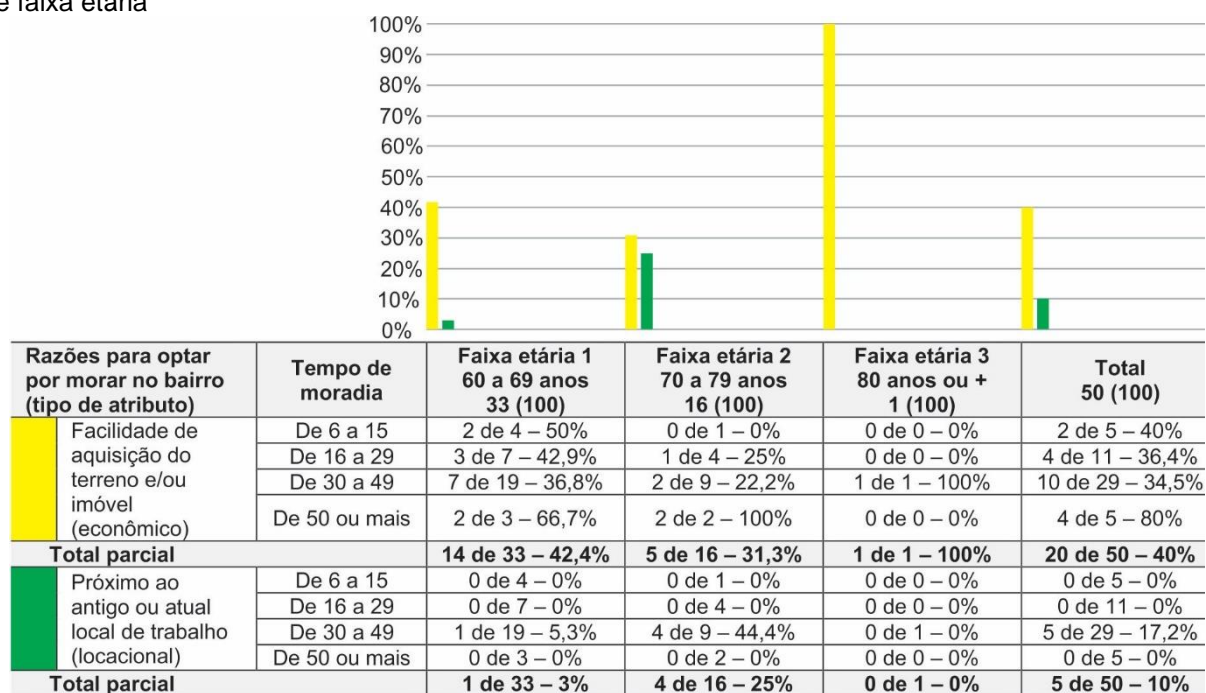
Nota: nenhum respondente indicou morar há menos de 6 anos no Nossa Senhora de Fátima.

Fonte: da autora (2020).

<sup>11</sup> Não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada – Phi) entre o desejo de continuar morando no bairro e as três faixas etárias de idosos de cada bairro.

As razões para que os idosos tenham optado por morar em cada bairro variam entre os bairros e faixas etárias. Contudo, a única razão relevante nos bairros Nossa Senhora de Fátima (42,4% - 14 de 33 da faixa 1; 31,3% - 5 de 16 da faixa 2) e Rio Branco (57,1% - 4 de 7 da faixa 3; 42,3% - 11 de 26 da faixa 2) é a “facilidade de aquisição do terreno e/ou imóvel”, salvo para os idosos da faixa 1 (1 de 17 – 5,9%) do Rio Branco (Figuras 40 e 41). No Nossa Senhora de Fátima essa razão é confirmada em 4 entrevistas com idosos da faixa 1, conforme segue: “escolhi morar aqui porque conseguimos um valor ótimo pelo local, bem mais em conta que os terrenos no centro da cidade” (ID 62).

**Figura 37:** Razões para optar por morar no Bairro Nossa Senhora de Fátima, por tempo de moradia e faixa etária



Nota: No texto e na tabela foram apresentadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é apresentada no anexo 01.

A diferença nos valores da residência dos idosos do Nossa Senhora de Fátima em relação aos outros bairros é confirmada pelo levantamento aproximado dos valores das residências dos respondentes realizado juntamente a corretores de imóveis. Com a verificação de que quanto mais próxima a residência do núcleo central da cidade, maior é o número de imóveis valorizados economicamente (Tabela 27 e Figuras 37 a 39).

Figura 38: Valor e localização das residências dos respondentes do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

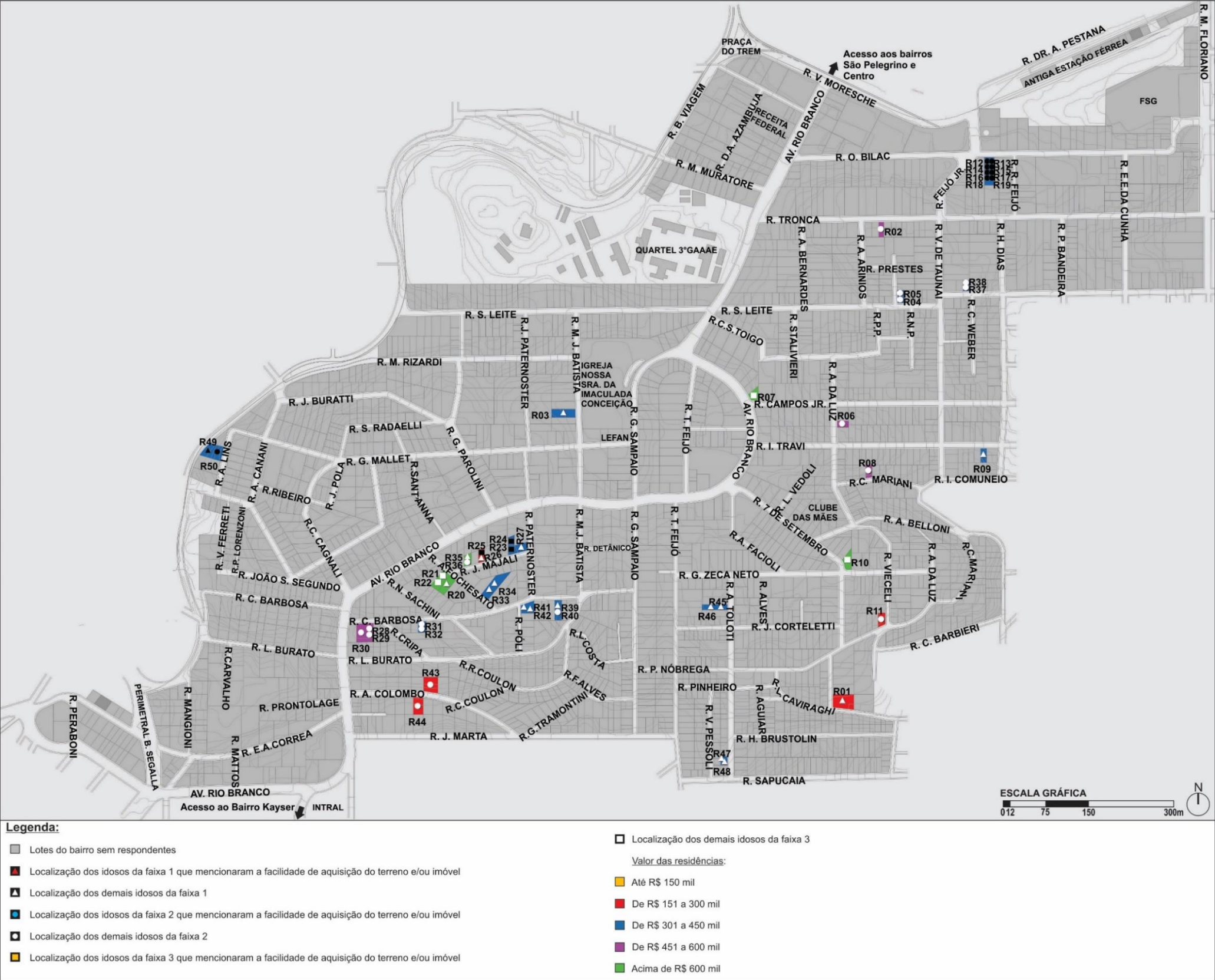


Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio/serviço.

Fonte: da autora (2020).



Figura 39: Valor e localização das residências dos respondentes do Bairro Rio Branco, por faixa etária



**Legenda:**

- Lotes do bairro sem respondentes
- ▲ Localização dos idosos da faixa 1
- Localização dos idosos da faixa 2
- Localização dos idosos da faixa 3

**Valor das residências:**

- De R\$ 151 a 300 mil
- De R\$ 301 a 450 mil
- De R\$ 451 a 600 mil
- Acima de R\$ 600 mil

179

**Tabela 27:** Valor da residência dos idosos, por bairro e faixa etária

Valor da residência dos idosos por bairro e faixa etária	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Até R\$ 150 mil	4 (12%)	8 (50%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
R\$ 151 a 300 mil	16 (48%)	8 (50%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	2 (11,5%)	1 (14,3%)	4 (40%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)
R\$ 301 a 450 mil	10 (30%)	0 (0,0%)	1 (100%)	12 (70,6%)	16 (61,5%)	2 (28,6%)	3 (30%)	4 (12,1%)	1 (14,3%)
R\$ 451 a 600 mil	3 (9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (23,1%)	0 (0,0%)	2 (20%)	13 (39,4%)	0 (0,0%)
Mais de R\$ 600 mil	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)	1 (3,8%)	4 (57,1%)	1 (10%)	13 (39,4%)	6 (85,7%)

Fonte: da autora (2020).

Adicionalmente, entre os idosos da faixa 2 do Rio Branco que mencionaram a “facilidade de aquisição do terreno e/ou imóvel” como motivo para terem optado por morar no bairro, a maioria (72,7% - 8 de 11) são militares do 3ºGAAAE e suas esposas. Esses idosos se reuniram e fizeram um negócio conjunto para a compra dos apartamentos no prédio em que residem.

Em 13 entrevistas também foi possível verificar que para as demais justificativas e até entre os demais idosos que mencionaram a referida razão acima, há uma relação com os laços de amizade entre os vizinhos. Como o Bairro Rio Branco pertence a uma região que durante a fundação da cidade serviu para a distribuição de lotes para os colonos imigrantes, vários continuam pertencendo as mesmas famílias que compraram essas terras, através de negócios entre parentes e/ou vizinhos ou por herança, conforme depoimentos que seguem:

Meus pais tinham colônia aqui neste local. Com o tempo foram vendendo os terrenos para os vizinhos que foram fazendo as casas dos filhos (ID 40).

Quando foi feita a partilha da herança do pai, fiz um negócio com os meus irmãos e comprei a parte deles neste imóvel que estou (ID 48).

Eu nasci e cresci no bairro, mas a história de quando comprei minha casa mesmo é interessante. Quando o vizinho que tinha comprado o terreno do meu sogro fez a casa, logo em seguida ele morreu. Nós compramos então a casa na mesma época que nos casamos. Depois os filhos foram casando e fazendo as suas casas aqui pela volta. Os vizinhos também são conhecidos de muito anos. Então, ter a família e amigos por perto é muito bom (ID 42).



**Figura 41:** Razões para optar por morar no Rio Branco, por tempo de moradia e faixa etária



Razões para optar por morar no bairro (tipo de atributo)	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou mais 1 (100)	Total 50 (100)
Facilidade de aquisição do terreno e/ou imóvel (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	2 de 4 – 50%	0 de 0 – 0%	2 de 7 – 28,6%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	8 de 14 – 57,1%	1 de 2 – 50%	10 de 26 – 38,5%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	1 de 6 – 16,7%	3 de 5 – 60%	4 de 13 – 30,8%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 17 – 5,9%</b>	<b>11 de 26 – 42,3%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>16 de 50 – 32%</b>
Herdou a residência ou terreno (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 3 – 33,3%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	2 de 14 – 14,3%	0 de 2 – 0%	3 de 26 – 11,5%
	De 50 ou mais	2 de 2 – 100%	3 de 6 – 50%	0 de 5 – 0%	5 de 13 – 38,5%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>6 de 26 – 23,1%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>9 de 50 – 18%</b>
Próximo ao antigo ou atual local de trabalho (locacional)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	0 de 10 – 0%	8 de 14 – 57,1%	0 de 2 – 0%	8 de 26 – 30,8%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 13 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>0 de 17 – 0%</b>	<b>8 de 26 – 30,8%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>8 de 50 – 16%</b>
Nasceu ou mora no bairro desde novo (tempo de moradia)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	1 de 14 – 7,1%	1 de 2 – 50%	3 de 26 – 11,5%
	De 50 ou mais	1 de 2 – 50%	2 de 6 – 33,3%	1 de 5 – 20%	4 de 13 – 30,8%
<b>Total parcial</b>		<b>2 de 17 – 11,8%</b>	<b>3 de 26 – 11,5%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>7 de 50 – 14%</b>
Para morar próximo ou junto à amigos ou parentes (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	1 de 4 – 25%	0 de 0 – 0%	3 de 7 – 42,9%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	2 de 14 – 14,3%	0 de 2 – 0%	3 de 26 – 11,5%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 13 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>3 de 26 – 11,5%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>6 de 50 – 12%</b>
Propriedade da residência (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	2 de 10 – 20%	2 de 14 – 14,3%	0 de 2 – 0%	4 de 26 – 15,4%
	De 50 ou mais	1 de 2 – 50%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	1 de 13 – 7,7%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>3 de 26 – 11,5%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>6 de 50 – 12%</b>
Se mudou para a residência de parentes (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 3 – 33,3%
	De 16 a 29	1 de 3 – 33,3%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 7 – 14,3%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	0 de 14 – 0%	0 de 2 – 0%	3 de 26 – 11,5%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 13 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>5 de 17 – 29,4%</b>	<b>0 de 26 – 0%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
Se mudou para a residência do cônjuge (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 3 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	0 de 14 – 0%	0 de 2 – 0%	3 de 26 – 11,5%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	1 de 6 – 16,7%	1 de 5 – 20%	2 de 13 – 15,4%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>1 de 26 – 3,8%</b>	<b>1 de 7 – 14,3%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
Facilidade de acesso ao transporte público (característica do bairro)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 3 – 33,3%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
	De 30 a 49	0 de 10 – 0%	0 de 14 – 0%	0 de 2 – 0%	0 de 26 – 0%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 13 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 17 – 5,9%</b>	<b>0 de 26 – 0%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>1 de 50 – 2%</b>

Continua da próxima página

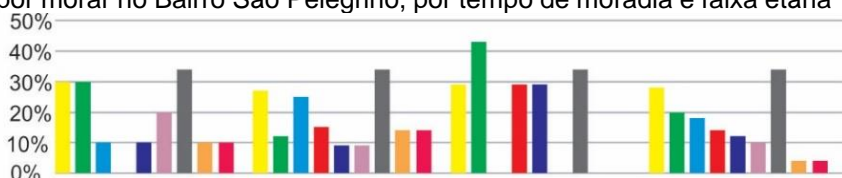
	Proximidade de comércios e serviços básicos (característica do bairro)	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
		De 6 a 15	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 3 – 33,3%
		De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 7 – 0%
		De 30 a 49	0 de 10 – 0%	0 de 14 – 0%	0 de 2 – 0%	0 de 26 – 0%
		De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 13 – 0%
Total parcial			1 de 17 – 5,9%	0 de 26 – 0%	0 de 7 – 0%	1 de 50 – 2%

Fonte: da autora (2020).

Já a maioria das razões para que os idosos, independentemente do tempo de moradia ou faixa etária, tenham optado por morar no São Pelegrino variam. Contudo, uma das razões mais mencionadas pelos idosos das faixas 3 (42,9% - 3 de 7) e 1 (30% - 3 de 10) é ter “nascido ou morar no bairro desde novos”; seguida por uma característica físico-espacial do bairro, a “proximidade de comércios e serviços básicos” (30% - 3 de 10 da faixa 1; 28,6% - 2 de 7 da faixa 3; 27,3% - 9 de 33 da faixa 2) (Figura 42).

Portanto, diferente do que acontece nos demais bairros, no São Pelegrino as razões para os idosos terem optado por morar no bairro estão ligadas a já serem moradores desde novos ou com aspectos relacionados as características físico-espaciais do bairro que facilitam a mobilidade (por ex.: topografia e calçadas regulares), autonomia (por ex.: diversidade e proximidade de comércios e serviços da residência dos respondentes) e a interação social com parentes ou amigos (por ex.: concentração de grupos e associações em um mesmo local) (Figura 42).

**Figura 42:** Razões para optar por morar no Bairro São Pelegrino, por tempo de moradia e faixa etária



Razões para optar por morar no bairro (tipo de atributo)		Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 10 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 33 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou mais 1 (100)	Total 50 (100)
	Proximidade de comércios e serviços básicos (característica do bairro)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
		De 6 a 15	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	1 de 1 – 100%	7 de 8 – 87,5%
		De 16 a 29	1 de 1 – 100%	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	4 de 5 – 80%
		De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
		De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	1 de 11 – 9,1%	0 de 4 – 0%	1 de 18 – 5,6%
Total parcial			3 de 10 – 30%	9 de 33 – 27,3%	2 de 7 – 28,6%	14 de 50 – 28%
	Nasceu ou mora no bairro desde novo (tempo de moradia)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
		De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
		De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
		De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
		De 50 ou mais	2 de 3 – 66,7%	4 de 11 – 36,4%	3 de 4 – 75%	9 de 18 – 50%
Total parcial			3 de 10 – 30%	4 de 33 – 12,1%	3 de 7 – 42,9%	10 de 50 – 20%

Continua na próxima página



Próximo ao antigo ou atual local de trabalho (locacional)	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	1 de 5 – 20%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	5 de 12 – 41,7%	0 de 0 – 0%	5 de 15 – 33,3%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	2 de 11 – 18,2%	0 de 4 – 0%	2 de 18 – 11,1%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>8 de 33 – 24,5%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>9 de 50 – 18%</b>
Para morar próximo ou junto à amigos ou parentes (interação social)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 1 – 100%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	2 de 11 – 16,7%	0 de 0 – 0%	2 de 15 – 13,3%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	3 de 11 – 27,3%	1 de 4 – 25%	4 de 18 – 22,2%
<b>Total parcial</b>		<b>0 de 10 – 0%</b>	<b>5 de 33 – 15,2%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>7 de 50 – 14%</b>
Facilidade de acesso ao transporte público (característica do bairro)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	2 de 6 – 33,3%	1 de 1 – 100%	3 de 8 – 37,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	1 de 3 – 33,3%	1 de 1 – 100%	2 de 5 – 40%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>3 de 33 – 9,1%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>6 de 50 – 12%</b>
Por decisão do cônjuge (pessoal)	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 16,7%	0 de 1 – 0%	1 de 8 – 12,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	2 de 12 – 16,7%	0 de 0 – 0%	2 de 15 – 13,3%
	De 50 ou mais	1 de 3 – 33,3%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	1 de 18 – 5,6%
<b>Total parcial</b>		<b>2 de 10 – 20%</b>	<b>3 de 33 – 9,1%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
Se mudou para a residência do cônjuge (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	2 de 12 – 16,7%	0 de 0 – 0%	3 de 15 – 20%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>2 de 33 – 6,1%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>3 de 50 – 6%</b>
Propriedade da residência (econômico)	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	1 de 1 – 100%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 8 – 12,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	1 de 12 – 8,3%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>1 de 33 – 14,3%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>2 de 50 – 4%</b>
Se mudou para a residência de parentes (econômico)	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	1 de 1 – 100%	0 de 1 – 0%	2 de 4 – 50%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 15 – 0%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>1 de 33 – 14,3%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>2 de 50 – 4%</b>

Nota: No texto e na tabela foram apresentadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é apresentada no anexo 01.

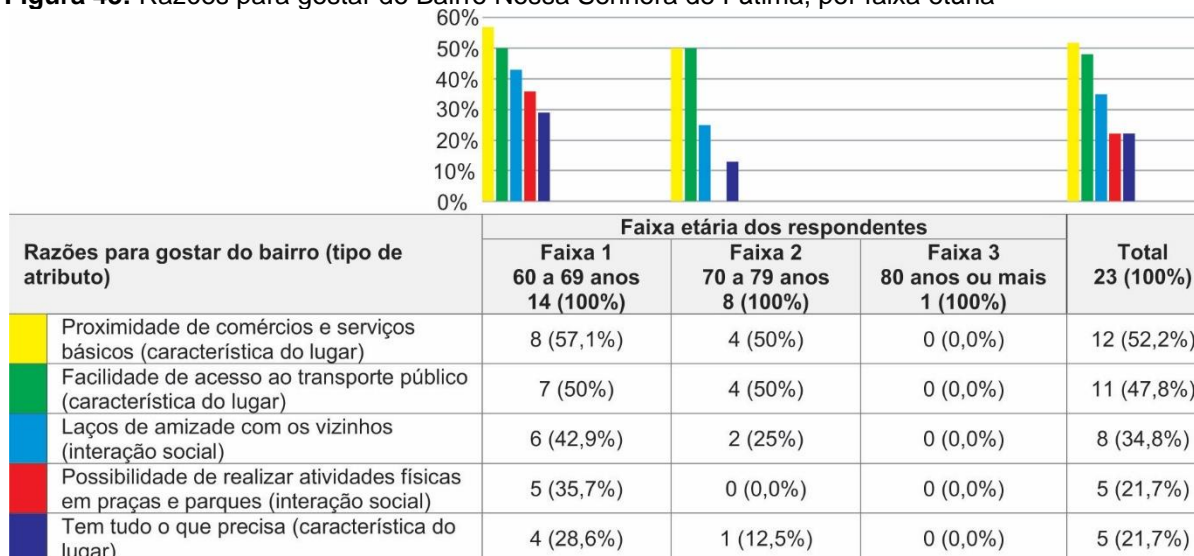
Fonte: da autora (2020).

Por sua vez, no que se refere as razões para que os idosos desejem permanecer no local onde moram, a relação afetiva evidenciada pelo fato de “gostarem do bairro” é mencionada de forma expressiva pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros. Contudo, enquanto essa justificativa é mencionada com intensidade muito forte (90,9% - 30 de 33 da faixa 2; 7 de 7 da faixa 3 do São Pelegrino) ou forte (80% - 8 de 10 da faixa 1 do São Pelegrino; 76,5% - 13 de 17 da faixa 1; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3 do Rio Branco) por idosos dos bairros Rio Branco e São Pelegrino, é apontada com intensidade média por aqueles das faixas 1 (42,4% - 14 de 33) e 2 (50% - 8 de 16) do Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 2 (53,8% - 14 de 26) do Rio Branco. Nos três bairros e faixas etárias verifica-se que as

razões para gostar do bairro estão ligadas principalmente às características físico-espaciais dos bairros. Fato que ainda explica a maior intensidade dessa razão entre os respondentes das áreas centrais já que esses bairros apresentam uma maior diversidade e quantidade de comércios, serviços e instituições.

Os motivos para que os idosos dos bairros Rio Branco e São Pelegrino gostem desses locais estão presentes no item 5.1.1 (Figuras 32 e 33). Enquanto os motivos para que os idosos gostem do Nossa Senhora de Fátima, conforme foi explicado por 23 entrevistados (Figura 43) estão muito ligados as razões mencionadas pelos idosos das faixas 1 e 2 para o desejo de continuar morando no bairro, principalmente, duas características físico-espaciais: a “proximidade de comércios e serviços básicos” (57,1% - 8 de 14 da faixa 1; 50% - 4 de 8 da faixa 2) e a “facilidade de acesso ao transporte público” (50% - 7 de 14 da faixa 1; 50% - 4 de 8 da faixa 2). Os “laços de amizade com os vizinhos” é uma razão medianamente relevante para gostar do bairro apenas para os idosos da faixa 1 (42,9% - 6 de 14), sendo mencionada por 25% (2 de 8) daqueles da faixa 2. Enquanto a “possibilidade de realizar atividades físicas em praças e parques” (35,7% - 5 de 14 da faixa 1) e o bairro “ter tudo o que precisa” (28,6% da faixa 1; 12,5% da faixa 2) são razões com baixa relevância para ambas as faixas etárias (Figura 43).

**Figura 43:** Razões para gostar do Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária



Fonte: da autora (2020).

Outra razão relevante para que os idosos das três faixas etárias, dos três bairros desejem permanecer em seus locais de moradia é a “proximidade de

comércios e serviços básicos”. Essa razão possui uma relevância média (45,5% - 15 de 33 da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima; 57,7% - 15 de 26 da faixa 2 e 42,9% - 3 de 7 da faixa 3 do Rio Branco; 50% - 5 de 10 da faixa 1 e 54,5% - 18 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) para a maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros. As exceções são sua baixa importância para os idosos da faixa 2 (37,5% - 6 de 16) do Nossa Senhora de Fátima, a intensidade forte na qual é mencionada por aqueles da faixa 1 (76,5% - 13 de 17) do Rio Branco e muito forte por aqueles da faixa 3 (85,7% - 6 de 7) do São Pelegrino (Tabela 28).

O aumento de relevância para aqueles da faixa 1 do Rio Branco está relacionado a quantidade deles que caminham até esses comércios e serviços apesar das dificuldades impostas pela irregularidade da topografia e da qualidade das calçadas no bairro. Enquanto para aqueles da faixa 3 do São Pelegrino está ligada a facilidade de acesso a pé até esses comércios e serviços apesar das restrições motoras próprias dessa faixa etária. Ainda, assim como observado entre os idosos que mencionaram essa razão como motivo para o nível de satisfação com o bairro, nem todos os idosos que a apontam utilizam cada um dos comércios e serviços mencionados como básicos nas entrevistas (Tabela 28).

**Tabela 28:** Menciona a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” e utiliza um dos comércios e serviços mencionados, por bairro e faixa etária

Menciona a razão e utiliza os comércios e serviços básicos mencionados	Bairros								
	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Menciona a “proximidade de comércios e serviços básicos”	45,5% (15 de 33)	37,5% (6 de 16)	0 (0,0%)	76,5% (13 de 17)	57,7% (15 de 26)	42,9% (3 de 7)	50% (5 de 10)	54,5% (18 de 33)	85,7% (6 de 7)
Utiliza uma farmácia	33,3% (11 de 33)	25% (4 de 16)	0 (0,0%)	58,8% (10 de 17)	23,1% (6 de 26)	14,3% (1 de 7)	20% (2 de 10)	42,4% (14 de 33)	85,7% (6 de 7)
Utiliza um mercado e/ou supermercado	36,4% (12 de 33)	37,5% (6 de 16)	0 (0,0%)	64,7% (11 de 17)	38,5% (10 de 26)	28,6% (2 de 7)	50% (5 de 10)	45,5% (15 de 33)	54,7% (4 de 7)
Utiliza um banco	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	64,7% (11 de 17)	42,3% (11 de 26)	14,3% (1 de 7)	50% (5 de 10)	54,5% (18 de 33)	85,7% (6 de 7)

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

Igualmente a “facilidade de acesso ao transporte público” é uma razão relevante para os idosos das três faixas etárias, dos três bairros como justificativa para o desejo de permanecer no bairro. Essa razão é mencionada com intensidade média

(45,5% - 15 de 33 da faixa 1 e 43,8% - 7 de 16 da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima; 53,8% - 14 de 26 da faixa 2 e 42,9% - 3 de 7 da faixa 3 do Rio Branco; 50% - 5 de 10 da faixa 1 e 51,5% - 17 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) pela maioria dos idosos, salvo a relevância muito forte entre os idosos da faixa 1 (82,4% - 14 de 17) do Rio Branco e forte para aqueles da faixa 3 (85,7% - 6 de 7) do São Pelegrino (Tabela 29).

Com a justificativa relacionada a caminhabilidade dos idosos, mencionada para a “proximidade de comércios e serviços básicos” também sendo válida para essa razão. Contudo, observa-se que uma quantidade expressiva dos idosos que mencionam essa razão não utilizam o ônibus, destacando-se principalmente a ausência de uso desse transporte pelos idosos das faixas 1 e 3 do São Pelegrino (Tabela 29).

**Tabela 29:** Menciona a razão “facilidade de acesso ao transporte público” e utiliza ônibus, por bairro e faixa etária

Menciona a razão e utiliza ônibus	Bairros								
	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Menciona a “facilidade de acesso ao transporte público”	45,5% (15 de 33)	43,8% (7 de 16)	0 (0,0%)	82,4% (14 de 17)	53,8% (14 de 26)	42,9% (3 de 7)	50% (5 de 10)	51,5% (17 de 33)	71,4% (5 de 7)
Utiliza ônibus	66,7% (10 de 15)	85,7% (6 de 7)	0 (0,0%)	57,1% (8 de 14)	35,7% (5 de 14)	100% (3 de 3)	0 (0,0%)	16,6% (3 de 17)	0 (0,0%)

**Nota:** a classificação do nível de relevância encontra-se no Quadro 17 (item 4.3.1 do Capítulo 4).

**Fonte:** da autora (2020).

Por outro lado, uma razão ligada à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” é mencionada com intensidade muito forte (100% - 7 de 7) ou forte (76,5% - 13 de 17 da faixa 1; 76,9% - 20 de 26 da faixa 2) pelos idosos do Rio Branco, enquanto é medianamente relevante para aqueles da faixa 1 (42,4% - 14 de 33) do Nossa Senhora de Fátima e para aqueles das faixas 2 (51,5% - 17 de 33) e 3 (42,9% - 3 de 7) do São Pelegrino. Conforme visto na Tabela 22 do item 5.1.1 a expressiva maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros possui laços de amizade com os seus vizinhos. Entretanto, a existência desses laços que ultrapassam gerações no Rio Branco reforçam a importância dessa razão ligada à interação social para os idosos desse bairro.

Complementarmente, apenas no Rio Branco a “proximidade da residência de parentes” é uma razão para o desejo de permanecer no bairro, mencionada com



intensidade forte pelos idosos da faixa 1 (70,6% - 12 de 17) e média por aqueles das faixas 2 (42,3% - 11 de 26) e 3 (42,9% - 3 de 7).

Enquanto outra razão, também ligada a esses vínculos afetivos com o bairro e os vizinhos, bem como, a uma rotina construída com o tempo de permanência é “estar acostumado ao bairro”. Essa razão para o desejo dos idosos em querer permanecer no Rio Branco é mencionada com intensidade média pelos idosos das faixas 1 (41,2% - 7 de 17) e 3 (42,9% - 3 de 7), e com intensidade muito fraca por aqueles da faixa 2 (19,2% - 5 de 26). A relevância dessa razão é confirmada por entrevista que segue: “você constrói uma vida com a sua família e seus amigos e se acostuma com as coisas boas que foram acontecendo ao longo do tempo, como o asfaltamento da avenida [Rio Branco], iluminação, novas praças e parques, o Shopping [São Pelegrino] e a infraestrutura que o bairro oferece” (ID 25). Embora, não se descarte que a maior relevância dessa razão entre os idosos das faixas 1 e 3 esteja relacionada a menor quantidade de idosos nessas duas amostras etárias.

Já um atributo econômico, a “propriedade da residência” é uma razão mencionada com intensidade muito forte pelos idosos da faixa 2 (80,8% - 21 de 26) e 3 (85,7% - 6 de 7) do Rio Branco e média por aqueles da faixa 1 (58,6% - 10 de 17) do Rio Branco e por aqueles das três faixas etárias (60% - 6 de 10 da faixa 1; 48,5% - 16 de 33 da faixa 2; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3) do São Pelegrino. Assim como ocorre na menção dessa razão enquanto justificativa para o nível de satisfação com o bairro, a maior importância da propriedade da residência ocorre entre os idosos do Rio Branco. Essa maior relevância se justificaria pela manutenção de terrenos e/ou residências que já pertenceriam a família desses idosos uma vez que a notável maioria dos idosos das três faixas etárias, desses dois bairros são proprietários de sua residência (Tabela 21 do item 5.1.1).

Outra razão considerada relevante para o desejo de permanecer no bairro para a expressiva maioria dos idosos do Rio Branco e São Pelegrino é a “proximidade do bairro do centro da cidade”. Ainda, no caso do São Pelegrino o “bairro pertencer ao centro da cidade”. Contudo, entre os idosos do Rio Branco a “proximidade do bairro do centro da cidade” é mencionada de forma muito forte pelos idosos das faixas 1 (88,2% - 15 de 17) e 2 (88,5% - 23 de 26) e média por aqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7). Conforme observado nessa razão enquanto motivo para o nível de satisfação com o Rio Branco, a diferença na intensidade das menções entre as faixas etárias

está relacionada ao impacto das características físico-espaciais do bairro e a capacidade motora dos idosos.

Enquanto entre os idosos do São Pelegrino, novamente essa razão é mencionada por todos os 50 respondentes do São Pelegrino. Portanto, a intensidade de relevância das razões “proximidade do bairro do centro da cidade” (40% - 4 de 10 da faixa 1; 45,5% - 15 de 33; 14,3% - 1 de 7) e o “bairro ser parte do centro da cidade” (60% - 6 de 10 da faixa 1; 54,5% - 18 de 33; 85,7% - 6 de 7) estão relacionadas a quantidade de respondentes que residem na área pertencente ao centro e na área adjacente.

### 5.2.2 O desejo dos idosos em continuar morando na residência e a relação com as características do bairro e da residência onde moram

Independente do bairro, situação socioeconômica, tempo de moradia ou das características físico-espaciais de cada lugar, os idosos demonstraram um desejo elevado de permanecer em sua residência<sup>12</sup> (Tabela 30). Com a notável maioria dos idosos do Nossa Senhora de Fátima (100% - 33 de 33 da faixa 1; 93,8% - 15 de 16 da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3), Rio Branco (88,2% - 15 de 17 da faixa 1; 96,2% - 25 de 26 da faixa 3; 100% - 7 de 7 da faixa 3) e São Pelegrino (90% - 9 de 10 da faixa 1; 93,9% - 31 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) desejando permanecer na residência onde moram (Tabela 30).

**Tabela 30:** Tempo e o desejo de continuar morando na residência, por bairro e faixa etária

Deseja continuar a morar na residência?	Tempo de moradia na residência	Faixa etária dos respondentes			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	
Sim	De 6 a 15 anos	4 (12,1%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	5 (10,2%)
	De 16 a 29 anos	9 (27,3%)	4 (25%)	0 (0,0%)	13 (26,5%)
	De 30 a 49 anos	18 (54,5%)	8 (53,3%)	1 (100%)	27 (55,1%)
	50 anos ou mais	2 (6,1%)	2 (13,3%)	0 (0,0%)	4 (8,2%)
<b>Total parcial</b>		<b>33 (67,3%)</b>	<b>15 (30,6%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>49 (100%)</b>
Não	De 30 a 49 anos	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>33 (66%)</b>	<b>16 (32%)</b>	<b>1 (2%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Continua na próxima página

<sup>12</sup> Não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre o desejo de continuar morando na residência em cada um dos bairros (Nossa Senhora de Fátima, Rio Branco e São Pelegrino) e as faixas etárias. Ainda, não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre o desejo de continuar morando na residência em cada uma das faixas etárias de cada um dos bairros, daqueles com diferentes períodos de moradia.

<b>Bairro Rio Branco</b>					
<b>Deseja continuar a morar na residência?</b>	<b>Tempo de moradia na residência</b>	<b>Faixa etária dos respondentes</b>			<b>Total</b>
		<b>Faixa 1 60 a 69 anos</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais</b>	
Sim	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (4%)	0 (0,0%)	1 (2,1%)
	De 6 a 15 anos	2 (13,3%)	1 (4%)	0 (0,0%)	3 (6,4%)
	De 16 a 29 anos	3 (20%)	3 (12%)	0 (0,0%)	6 (12,8%)
	De 30 a 49 anos	9 (60%)	14 (56%)	2 (28,6%)	25 (53,2%)
	50 anos ou mais	1 (6,7%)	6 (24%)	5 (71,4%)	12 (25,5%)
<b>Total parcial</b>		<b>15 (31,9%)</b>	<b>25 (53,2%)</b>	<b>7 (14,9%)</b>	<b>47 (100%)</b>
Não	De 6 a 15 anos	1 (50%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)
	De 30 a 49 anos	1 (50%)	1 (100%)	0 (0,0%)	2 (66,7%)
<b>Total geral</b>		<b>17 (34%)</b>	<b>26 (52%)</b>	<b>7 (14%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>					
<b>Deseja continuar a morar na residência?</b>	<b>Tempo de moradia na residência</b>	<b>Faixa etária dos respondentes</b>			<b>Total</b>
		<b>Faixa 1 60 a 69 anos</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais</b>	
Sim	Menos de 1 a 5 anos	2 (22,2%)	1 (3,2%)	1 (14,3%)	4 (8,5%)
	De 6 a 15 anos	3 (33,3%)	8 (25,8%)	2 (28,6%)	13 (27,7%)
	De 16 a 29 anos	1 (11,1%)	8 (25,8%)	2 (28,6%)	11 (23,4%)
	De 30 a 49 anos	0 (0,0%)	10 (32,3%)	1 (14,3%)	11 (23,4%)
	50 anos ou mais	3 (33,3%)	4 (12,9%)	1 (14,3%)	8 (17%)
<b>Total parcial</b>		<b>9 (19,1%)</b>	<b>31 (66%)</b>	<b>7 (14,9%)</b>	<b>47 (100%)</b>
Não	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)
	De 30 a 49 anos	1 (100%)	1 (50%)	0 (0,0%)	2 (66,7%)
<b>Total geral</b>		<b>10 (20%)</b>	<b>33 (66%)</b>	<b>7 (14%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Nota: nenhum respondente do Nossa Senhora de Fátima indicou morar há menos de 6 anos no bairro.

Fonte: da autora (2020).

Dentre as principais razões para o desejo de permanecer na residência pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros está novamente a “sensação de conforto” e a “dimensão dos ambientes internos”. A “sensação de conforto” possui relevância muito forte apenas entre os idosos da faixa 3 (100% - 7 de 7) do São Pelegrino; forte para os idosos das três faixas etárias do Rio Branco (76,5% - 13 de 17 da faixa 1; 69,2% - 18 de 26 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3); média para as faixas 1 (50% - 5 de 10) e 2 (45,5% - 15 de 33) do São Pelegrino e para aqueles da faixa 1 (54,5% - 18 de 33) do Nossa Senhora de Fátima; e baixa para aqueles da faixa 2 (37,5% - 6 de 16) do Nossa Senhora de Fátima (Figura 44).

A “dimensão dos ambientes internos” possui uma relevância muito forte para a faixa 3 (100% - 7 de 7) do São Pelegrino; média para a faixa 1 (54,5% - 18 de 33) do Nossa Senhora de Fátima, para as três faixas etárias do Rio Branco (58,8% - 10 de 17 da faixa 1; 42,3% - 11 de 26 da faixa 2; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3) e para as faixas 1 (50% - 5 de 10) e 2 (54,5% - 18 de 33) do São Pelegrino (Figura 44). Contudo, apesar da relevância dessas razões para o desejo de permanecer na residência ser menor do que para o nível de satisfação, a possibilidade de adaptação da residência com o surgimento de restrições físicas ainda justifica a menção de ambas.

Principalmente, ao se verificar a relevância mais elevada entre os idosos da faixa 3 do São Pelegrino que não apenas tenderiam a apresentar restrições físicas, como podem apresentar maiores restrições na modificação da residência em razão de morarem em apartamentos (Figura 44).

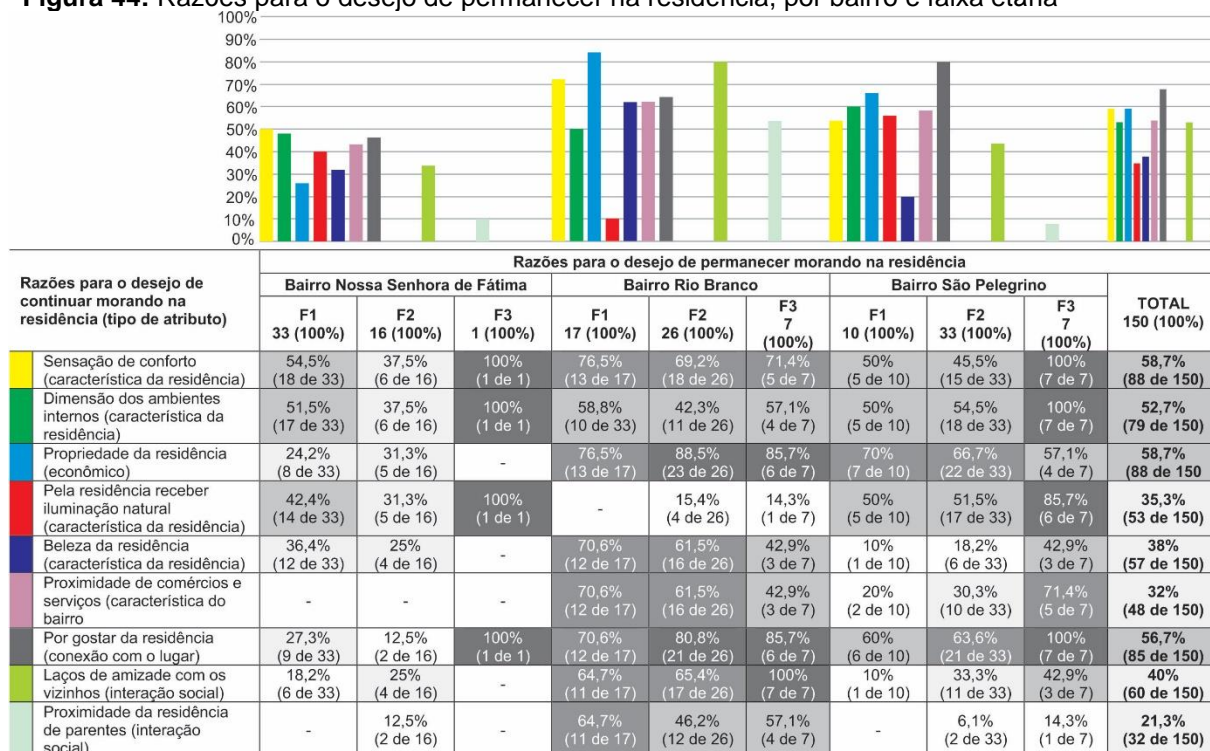
Por outro lado, a “residência receber iluminação natural”, assim como ocorre para o nível de satisfação com a residência, também é relevante para o desejo de permanecer na residência apenas entre idosos do Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino. Essa razão possui relevância muito forte para os idosos da faixa 3 (85,7% - 6 de 7) do São Pelegrino; média para aqueles da faixa 1 (42,3% - 14 de 33) do Nossa Senhora de Fátima e das faixas 1 (50% - 5 de 10) e 2 (51,5% - 17 de 33) do São Pelegrino; e baixa para aqueles da faixa 2 (31,3% - 5 de 16) do Nossa Senhora de Fátima. A relevância dessa razão para os idosos desses bairros também estariam ligadas a valorização das características internas da residência (Figura 44).

Por sua vez, a “proximidade de comércios e serviços básicos” é a única característica físico-espacial dos bairros Rio Branco e São Pelegrino também mencionada como motivo para o desejo de permanecer na residência. Contudo, essa razão é mencionada com uma intensidade forte pelos idosos da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) do São Pelegrino e por aqueles das faixas 1 (70,6% - 12 de 16) e 2 (61,5% - 16 de 26) do Rio Branco; média por aqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) do Rio Branco; e baixa por aqueles das faixas 1 (20% - 2 de 10) e 2 (30,3% - 10 de 33) do São Pelegrino (Figura 44). A redução da relevância entre os idosos das faixas 1 e 2 do São Pelegrino justifica-se pela sua melhor capacidade motora, o que torna a proximidade de comércios e serviços básicos da residência menos importante do que seria para aqueles com restrições em sua mobilidade.

Igualmente a “propriedade da residência” é uma razão para o desejo de permanecer na residência relevante apenas entre os idosos do Rio Branco e São Pelegrino. Entretanto, diferente do que ocorre enquanto razão para o nível de satisfação com a residência, seu grau de importância é muito forte (88,5% - 23 de 26 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3 do Rio Branco) ou forte (76,5% - 13 de 17 da faixa 1 do Rio Branco; 70% - 7 de 10 da faixa 1 e 66,7% - 22 de 33 da faixa 2 do São Pelegrino) entre os idosos de ambos os bairros, salvo sua intensidade média para os idosos da faixa 3 (57,1% - 4 de 7) do São Pelegrino (Figura 44).

A conexão com local onde os idosos moram expressa pelo fato de “gostar da residência” também é uma razão relevante para o desejo de permanecer nesta para os idosos do Rio Branco e São Pelegrino. Essa razão é mencionada com intensidade muito forte pelos idosos das faixas 2 (80,8% - 21 de 26) e 3 (85,7% - 6 de 7) do Rio Branco e aqueles da faixa 3 (100% - 7 de 7) do São Pelegrino; forte por aqueles da faixa 1 (70,6% - 12 de 17) do Rio Branco e da faixa 2 (63,6% - 21 de 33) do São Pelegrino e média por aqueles da faixa 1 (60% - 6 de 10) do São Pelegrino.

**Figura 44:** Razões para o desejo de permanecer na residência, por bairro e faixa etária



**Nota:** os valores entre parênteses representam as porcentagens. No texto e na tabela são destacadas apenas as razões mencionadas, por pelo menos 25% dos respondentes em cada faixa etária. A escala de cinza utilizada destaca a intensidade de relevância de cada razão, conforme segue: **muito forte** (mencionada por mais 80% dos respondentes); **forte** (mencionada por mais 60% até 80% dos respondentes); **média** (mencionada por mais 40% até 60% dos respondentes); **fraca** (mencionada por mais 20% até 40% dos respondentes) e **muito baixa** (mencionada por menos de 20% dos respondentes). A quantidade de idosos que mencionou cada razão pelo tempo de moradia é demonstrada no Anexo 01.

**Fonte:** da autora (2020).

Já duas razões ligadas à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” (muito forte: 100% - 7 de 7 da faixa 3; forte: 64,7% - 11 de 17 da faixa 1 e 65,4% - 17 de 26 da faixa 2) e a “proximidade da residência de parentes” (forte: 64,7% - 11 de 17 da faixa 1; média: 46,2% - 12 de 26 da faixa 2; 57,1% - 4 de 7 da faixa 3) são justificativas para o desejo de permanecer na residência relevantes entre as três faixas etárias apenas no Rio Branco (Figura 44). Com os “laços de amizade entre os vizinhos” sendo uma razão com relevância média ainda entre os idosos da faixa 3

(42,9% - 3 de 7) do São Pelegrino. As justificativas para essas razões serem mais relevantes entre os idosos do Rio Branco também se referem a situação vivenciada pelos moradores do bairro mencionadas anteriormente.

Complementarmente, a razão “beleza da residência” também é uma razão importante para justificar o desejo de permanecer na residência por parte dos idosos das três faixas etárias (forte: 70,6% - 12 de 17 da faixa 1 e 61,5% - 16 de 26 da faixa 2; média: 42,9% - 3 de 7 da faixa 3) do Rio Branco e para os idosos da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) do São Pelegrino (Figura 35 e 44). Com a justificativa para a maior relevância entre os idosos do Rio Branco estando relacionada aos exemplares pertencentes ou similares aqueles da arquitetura da imigração italiana.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 5

Os dados obtidos, baseados no objetivo de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com o lugar por parte de diferentes idosos, evidenciam a existência da conexão com o bairro e a residência onde os idosos moram. Essa conexão é muito alta, independente das características físico-espaciais de cada bairro, de sua situação socioeconômica ou do tempo de moradia dos idosos. Contudo, o nível de satisfação e o desejo de permanecer dos idosos no bairro e na residência é mais relevante entre os idosos da faixa 3 dos três bairros, com poucas variações nas demais faixas (Tabela 31).

**Tabela 31:** Indicadores da conexão com o lugar

Indicadores da conexão com o lugar	Bairro Nsa. Sra. de Fátima			Bairro Rio Branco			Bairro São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 10 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Satisfação com o bairro	97%	93,8%	100%	100%	96,2%	100%	80%	100%	100%
Satisfação com a residência	100%	87,5%	100%	88,2%	100%	100%	90%	75,8%	100%
Desejo de permanecer no bairro	97%	100%	100%	100%	100%	100%	90%	100%	100%
Desejo de permanecer na residência	100%	93,8%	100%	88,2%	96,2%	100%	90%	93,9%	100%

**Nota:** Faixa 1 representa os idosos de 60 a 69 anos, Faixa 2 aqueles de 70 a 79 anos e Faixa 3 aqueles de 80 anos ou mais. Os números marcados em diferentes tons de cinza representam a classificação da intensidade das justificativas como: **muito forte** (mencionadas por mais de 80% dos respondentes em cada faixa etária); **forte** (mencionada por mais de 60% até 80% dos respondentes em cada faixa etária); **média** (mencionada por mais de 40% até 60% dos respondentes em cada faixa etária); **fraca** (mencionada por mais de 20% até 40% dos respondentes em cada faixa etária) e **muito fraca** (mencionada por menos de 20% dos respondentes em cada faixa etária).

**Fonte:** da autora (2021).



Uma das principais razões para tais níveis de conexão com o bairro é a “facilidade de acesso ao transporte público”, que se justifica pela possibilidade de deslocamento para atividades necessárias ou opcionais sem o auxílio de terceiros, garantindo ao idosos independência e autonomia. Contudo, apesar da quantidade de paradas existentes nos bairros ser similar, a oferta de linhas e destinos desse serviço aumenta conforme a proximidade do bairro do centro da cidade (São Pelegrino é o mais próximo e o Nossa Senhora de Fátima é o mais distante). Ainda, observa-se que a menção da existência do serviço não está ligada diretamente ao seu uso, uma vez que, apesar da maior oferta de linhas e destinos os idosos do São Pelegrino foram aqueles que menos indicaram o uso de ônibus (Figura 45).

Outra razão mencionada de forma expressiva pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros é a “proximidade de comércios e serviços básicos”. Entretanto, mesmo que os níveis de conexão sejam similares e fortemente explicados pela referida razão, verificou-se diferenças significativas quanto ao número e diversidade desses estabelecimentos. Nesse sentido, os dados indicam que a autonomia para realizar atividades necessárias proporcionadas pela proximidade desses estabelecimentos da residência dos idosos, inclusive daqueles com problemas físico-cognitivos, é um fator essencial independentemente da idade. Contudo, o nível de exigência quanto à quantidade e diversidade de comércios e serviços é menor para aqueles com menor nível de renda (Figura 45).

Inclusive, uma razão mencionada de forma expressiva pelos idosos dos bairros de melhor rendimento (Rio Branco e São Pelegrino) é a sua localização próxima ao centro da cidade. Logo, da região de maior densidade e diversidade de estabelecimentos de comércios, serviços e instituições. A importância dessa localização fica evidenciada pela menção de forma muito forte ou forte pelos idosos das faixas 1 e 2 do Rio Branco. Contudo, para aqueles da faixa 3 desse bairro a menção já é realizada de forma média, tanto para o nível de satisfação como para o desejo de permanecer no bairro (Figura 45).

A diferença na intensidade das menções entre as faixas etárias do Rio Branco indica que as restrições físicas impactam no uso do centro pelos idosos de maior idade (faixa 3), até por eles residirem na região mais distante da área central. Enquanto no São Pelegrino a localização próxima ou no centro da cidade é muito relevante para os idosos das três faixas etárias. Portanto, essa localização ainda mais próxima (ou até

dentro) da área central facilita o acesso aos recursos oferecidos nessa região. Até em razão do bairro possuir características que facilitam a caminhabilidade dos idosos, tais como, topografia regular, boas condições da pavimentação, quantidade maior de bancos ou recuos de edificações que permitem o descanso e a concentração de comércios e serviços (Figura 45).

Adicionalmente, essa oferta de comércios e serviços básicos a uma distância passível de ser percorrida a pé é uma razão importante para os idosos do Rio Branco e do São Pelegrino estarem conectados também à residência. Neste sentido, a razão “proximidade de comércios e serviços básicos” é a única característica desses bairros expressa através dos níveis de satisfação com suas residências no Rio Branco (muito forte - faixa 2; média - faixas 1 e 3) e no São Pelegrino (muito forte ou forte - faixas 2 e 3; baixa – faixa 1). Essa razão também é mencionada como motivo para o idoso permanecer em sua residência no São Pelegrino (muito forte - faixa 3; fraco ou muito fraco - faixas 1 e 2) e no Rio Branco (muito forte - faixas 1 e 2; média – faixa 3).

Por sua vez, as razões: “predomínio de residências unifamiliares”, “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos”, “baixo tráfego veicular”, e “presença da unidade básica de saúde” são mencionadas de forma muito forte ou forte entre os idosos da faixa 1, e, forte ou média pelos idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima como motivo para o nível de satisfação com o bairro (Figura 45). A caracterização predominantemente residencial de baixa altura do bairro, com a redução de atratores que promovem o movimento (e ruído) de pessoas e veículos facilitam a caminhabilidade para os idosos com restrições físicas e cognitivas pela redução da necessidade de desviar de barreiras físicas.

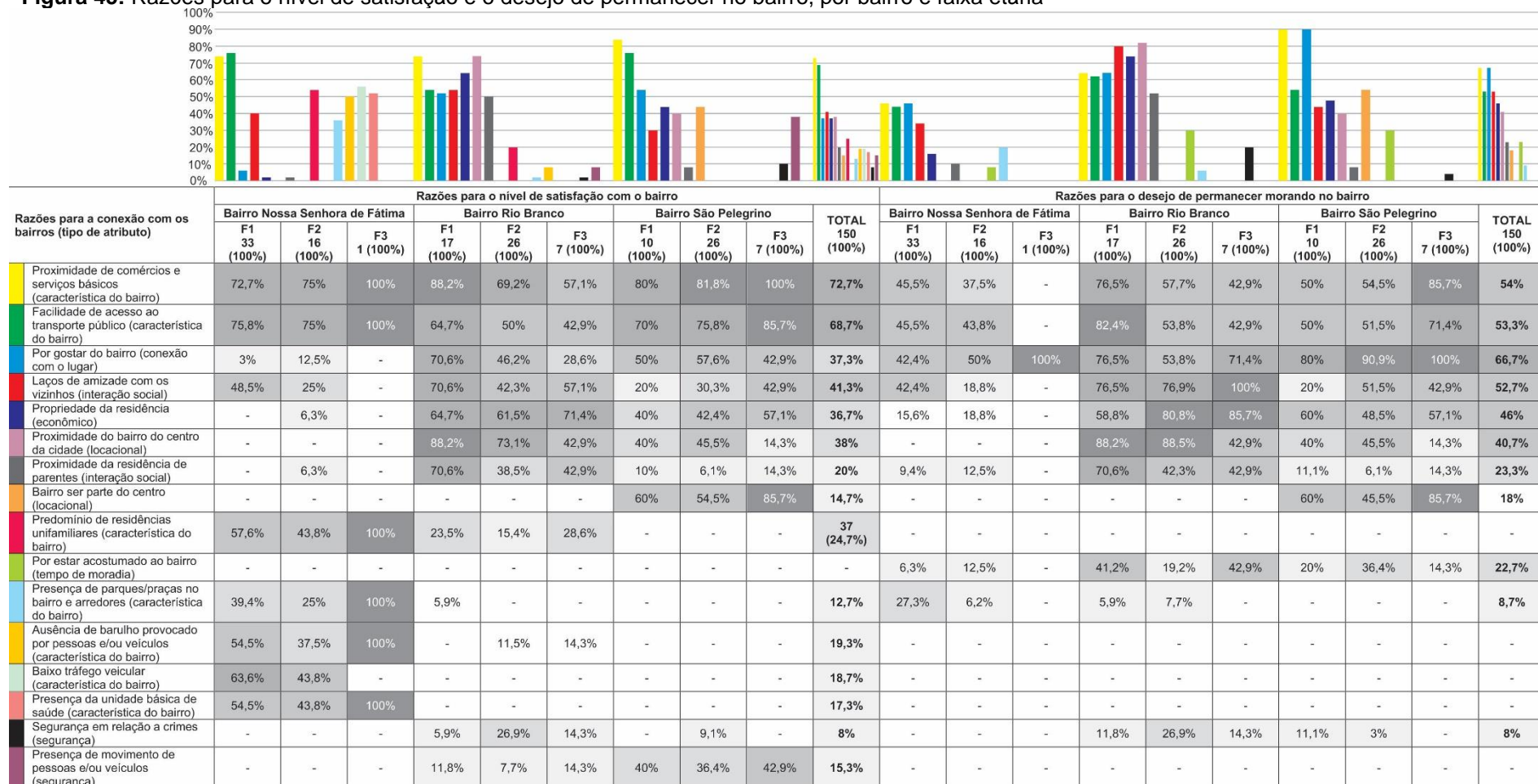
Contudo, também criam uma condição de risco à segurança, mencionada em entrevistas, gerada por motoristas que conduziram veículos acima da velocidade permitida. Essa condução equivocada de veículos causaria insegurança para a travessia de ruas, principalmente entre idosos que já tenham dificuldades de desviar ou acelerar o passo de caminhada. A redução da capacidade motora com a idade, também justifica a redução da importância de tais características físico-espaciais para os idosos da faixa 2. Complementarmente, o maior número de idosos com reduções nas capacidades físico-cognitivas e a condição socioeconômica do bairro explicam a menção expressiva da razão “presença da unidade básica de saúde” do Sistema Único de Saúde pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima (Figura 45).

Outras duas razões ligadas à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” e a “proximidade da residência de parentes” são mencionadas de forma expressiva como motivos para a conexão com o bairro pelas três faixas etárias apenas no Rio Branco (Figura 45). Este resultado pode ser explicado pelo tempo de conexão entre as famílias, que tende a acontecer de geração para geração desde a criação do bairro em 1930, o que é bem menos comum nos outros dois bairros.

Por sua vez, dentre as razões para a conexão com a residência destaca-se “sensação de conforto” e a “dimensão dos ambientes internos”. A sua importância refere-se principalmente, à possibilidade de a residência ser adaptada ao surgimento de restrições físicas, sem que haja a necessidade de mudança para outro local ou a substituição de mobiliários que podem ter significado para o idoso (Figura 46). Uma razão para a conexão com a residência (pela residência receber iluminação natural) e duas características dessa (distribuição espacial da residência e tamanho da residência), mencionadas como razões para o nível de satisfação, são mencionadas de forma expressiva entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino (Figura 46). O que é justificado pelo compartilhamento do lote da maioria das residências dos idosos do Nossa Senhora de Fátima com aquelas de parentes, enquanto no São Pelegrino a maioria dos idosos reside em apartamentos. A “presença de jardim e/ou quintal” e a “presença de horta”, mencionadas pelos idosos do Rio Branco (médio ou baixo – faixas etárias 1, 2 e 3) vão ao encontro de tais diferenças (Figura 46).

Complementarmente, a razão “beleza da residência” é uma razão importante para justificar o nível de satisfação com a residência por parte dos idosos em algumas faixas etárias no Nossa Senhora de Fátima (forte – faixa 1; fraco – faixa 2), Rio Branco (fraco – faixas 1, 2, e 3) e no São Pelegrino (fraco ou muito fraco – 1 e 2; média – faixa 3). Esta razão também explica o desejo de alguns em permanecer em sua residência no São Pelegrino (média – faixa 3; muito fraca – faixas 1 e 2) e, principalmente no Rio Branco (forte – faixas 1 e 2; média – faixa 3), o que pode ser explicado pela maior presença de exemplares pertencentes ou similares àqueles da época da imigração italiana neste bairro e pelas características similares entre as residências unifamiliares nos três bairros (Figura 46).

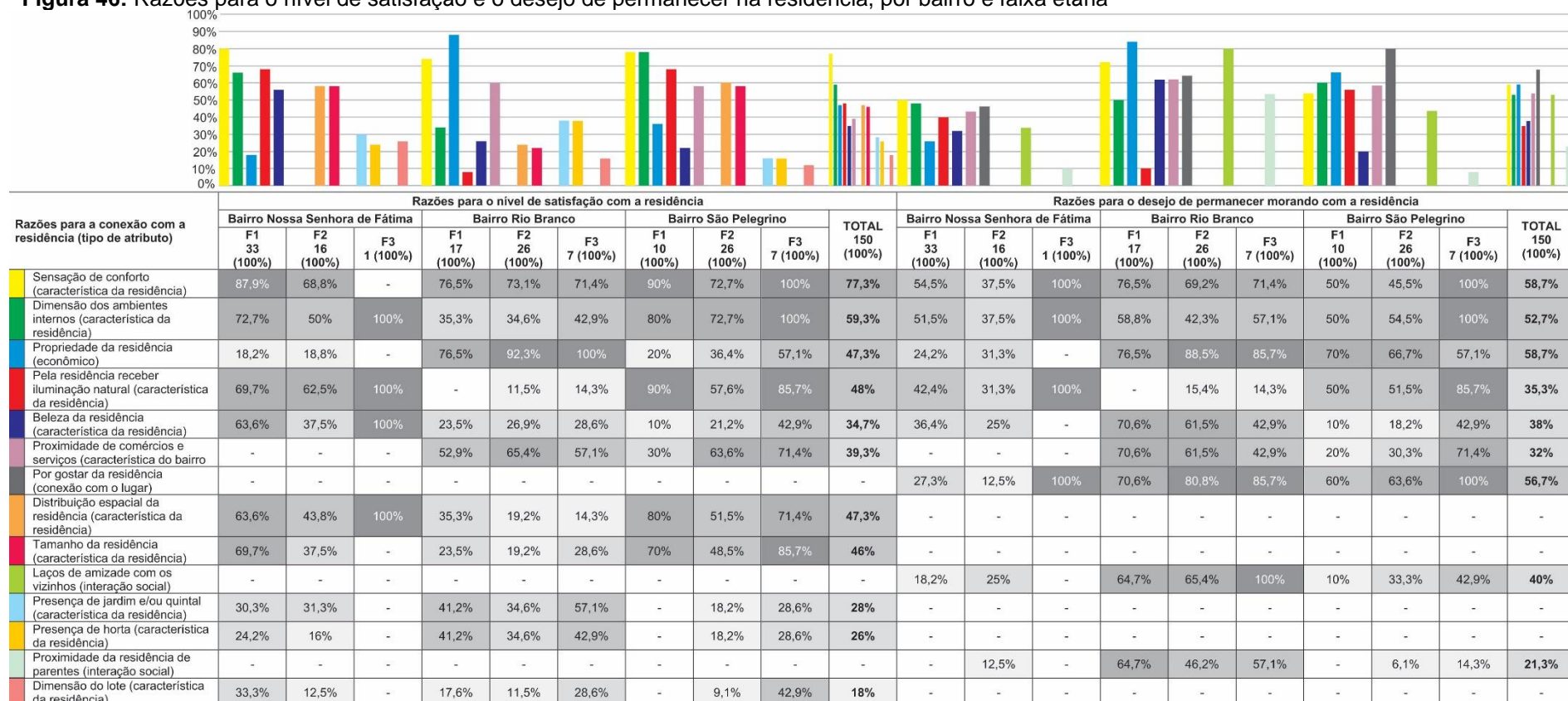
**Figura 45: Razões para o nível de satisfação e o desejo de permanecer no bairro, por bairro e faixa etária**



Nota: A tabela reúne as razões mencionadas por pelo menos 25% dos idosos em cada faixa etária para o nível de satisfação e o desejo de permanecer no bairro em cada um dos três bairros. Os números marcados em diferentes tons de cinza representam a classificação da intensidade das justificativas como: **muito forte** (mencionadas por mais de 80% dos respondentes em cada faixa etária); **forte** (mencionada por mais de 60% até 80% dos respondentes em cada faixa etária); **média** (mencionada por mais de 40% até 60% dos respondentes em cada faixa etária); **fraca** (mencionada por mais de 20% até 40% dos respondentes em cada faixa etária) e **muito fraca** (mencionada por menos de 20% dos respondentes em cada faixa etária).

**Fonte:** da autora (2020).

**Figura 46: Razões para o nível de satisfação e o desejo de permanecer na residência, por bairro e faixa etária**



Nota: A tabela reúne as razões mencionadas por pelo menos 25% dos idosos em cada faixa etária para o nível de satisfação e o desejo de permanecer no bairro em cada um dos três bairros. Os números marcados em diferentes tons de cinza representam a classificação da intensidade das justificativas como: **muito forte** (mencionadas por mais de 80% dos respondentes em cada faixa etária); **forte** (mencionada por mais de 60% até 80% dos respondentes em cada faixa etária); **média** (mencionada por mais de 40% até 60% dos respondentes em cada faixa etária); **fraca** (mencionada por mais de 20% até 40% dos respondentes em cada faixa etária) e muito fraca (mencionada por menos de 20% dos respondentes em cada faixa etária).

**Fonte:** da autora (2020).

## 6 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DE TRÊS BAIRROS NA INTERAÇÃO SOCIAL DOS IDOSOS

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes ao objetivo geral de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) identificar a percepção dos idosos quanto ao nível de interação social e a sua participação em grupos e associações; (2) identificar as atividades realizadas pelos idosos em conjunto com parentes, amigos e conhecidos durante o dia e durante a noite, a frequência e o local de realização de tais atividades e as relações com as características dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação a crimes e acidentes.

### 6.1 A PERCEPÇÃO DO NÍVEL DE INTERAÇÃO SOCIAL NO BAIRRO E A PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS E ASSOCIAÇÕES

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, entrevistas e levantamentos físicos referentes a percepção dos idosos quanto ao nível de interação social no bairro e a participação dos idosos em grupos e associações, conforme as faixas etárias, em cada um dos três bairros. Portanto, com base nos indicadores (Tabela 32) utilizados para aferir os níveis de interação social de idosos, verifica-se que tais níveis são fortes em qualquer uma das faixas etárias e em cada um dos bairros<sup>13</sup>. Entretanto, são mais elevados entre os idosos do São Pelegrino (condição socioeconômica alta), e mais fracos entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima (condição socioeconômica baixa). Ainda, os indicadores (Tabela

---

<sup>13</sup> Não foram encontradas relações estatisticamente significativas (Tabulação Cruzada, Phi) entre cada uma das afirmações que servem como indicadores do nível de interação social e as faixas etárias 1 e 2 do Nossa Senhora de Fátima. Contudo, existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi=23,847, Sig. =0,001) entre a afirmação “existe um espírito comunitário nessa área” e as três faixas etárias do Rio Branco. Ainda, existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi=13,663, Sig. =0,034) entre a afirmação “eu sinto como se essa área fosse parte de mim” e as três faixas etárias do São Pelegrino. Com a possibilidade dessas relações estatisticamente significativas serem influenciadas pela quantidade de respondentes em cada amostra.



32) demonstram serem menos intensos entre os idosos da faixa 3 do Rio Branco do que nas demais faixas etárias.

**Tabela 32:** Indicadores do nível de interação social

Indicadores do senso de comunidade	Bairro Nossa Senhora de Fátima			Bairro Rio Branco			Bairro São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	F1 17 (100%)	F2 26 (100%)	F3 7 (100%)	F1 10 (100%)	F2 33 (100%)	F3 7 (100%)
<b>Intensidade das concordâncias acerca dos indicadores positivos do nível de interação social</b>									
As pessoas dessa área preocupam-se umas com as outras	72,7% (24 de 33)	68,8% (11 de 16)	100% (1 de 1)	82,4% (14 de 17)	73,1% (19 de 26)	57,1% (4 de 7)	90% (9 de 10)	84,8% (28 de 33)	85,7% (6 de 7)
Eu sinto como se essa área fosse parte de mim	84,8% (28 de 33)	75% (12 de 16)	100% (1 de 1)	94,1% (16 de 17)	96,2% (25 de 26)	71,4% (5 de 7)	70% (7 de 10)	87,9% (29 de 33)	85,7% (6 de 7)
Existe um espírito comunitário nessa área	72,7% (24 de 33)	62,5% (10 de 16)	100% (1 de 1)	88,2% (15 de 17)	80,8% (21 de 26)	28,6% (2 de 7)	90% (9 de 10)	87,9% (29 de 33)	85,7% (6 de 7)
<b>Intensidade das discordâncias acerca dos indicadores negativos do nível de interação social</b>									
Eu não me sinto respeitada pelas pessoas dessa área	72,7% (24 de 33)	93,7% (15 de 16)	100% (1 de 1)	94,1% (16 de 17)	100% (26 de 26)	100% (7 de 7)	90% (9 de 10)	93,9% (31 de 33)	100% (7 de 7)
Eu não tenho sentimentos especiais por essa área	81,8% (27 de 33)	75% (12 de 16)	100% (1 de 1)	82,4% (14 de 17)	100% (26 de 26)	57,1% (4 de 7)	80% (8 de 10)	87,9% (29 de 33)	100% (7 de 7)
Não considero importante encontrar parentes, amigos e outras pessoas conhecidas	78,8% (26 de 33)	81,2% (13 de 16)	100% (1 de 1)	88,2% (15 de 17)	100% (26 de 26)	100% (7 de 7)	100% (10 de 10)	93,9% (31 de 33)	85,7% (6 de 7)

Nota: A Faixa 1 representa os idosos de 60 a 69 anos; a faixa 2 aqueles de 70 a 79 anos e a faixa 3 aqueles de 80 anos ou mais. Os números marcados em diferentes tons de cinza representam a classificação da intensidade das justificativas como: **muito forte** (mencionadas por mais de 80% dos respondentes em cada faixa etária); **forte** (mencionada por mais de 60% até 80% dos respondentes em cada faixa etária); **média** (mencionada por mais de 40% até 60% dos respondentes em cada faixa etária).  
Fonte: da autora (2020).

Contudo, ao se comparar os resultados dos indicadores do nível de interação social (Tabela 32) com a participação dos idosos em grupos e associações (Tabela 33), verifica-se claramente que quanto maior a participação ativa dos idosos em atividades comunitárias em grupos e associações, sejam esses voltados apenas ao público idoso ou a qualquer faixa etária, mais fortes são as concordâncias ou discordâncias com os indicadores de interação social.

Essa situação é mais evidente entre os idosos da faixa 3 do Rio Branco, os quais apresentam os menores níveis de concordância ou discordância com os indicadores de interação social, sendo também os que menos participam de grupos e associações no bairro (28,6% - 2 de 7). Essa menor participação dos idosos da faixa 3 do Rio Branco, tende a estar relacionada às restrições físicas e cognitivas mencionadas por esses idosos.

**Tabela 33:** Grupos ou associações que os idosos frequentam, por bairro e faixa etária

Bairro Nossa Senhora de Fátima				
O(a) senhor(a) está envolvido(a) em algum grupo ou associação local ou em outras áreas da cidade?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	
Dentro do Bairro Nossa Senhora de Fátima				
Grupo Conviver do bairro	3 (9,1%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	5 (10%)
Pastoral da criança	3 (9,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (6%)
Associação do bairro	0 (0,0%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	2 (4%)
Grupos religiosos e/ou voluntários	6 (18,2%)	0 (0,0%)	1 (100%)	7 (14%)
Fora do Bairro Nossa Senhora de Fátima				
Fundação de assistência social (FAS)	2 (6,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
Associação de apoio as pessoas com câncer (AAPECAN)	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)

Bairro Rio Branco				
O(a) senhor(a) está envolvido(a) em algum grupo ou associação local ou em outras áreas da cidade?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	
Dentro do Bairro Rio Branco				
Grupos religiosos e/ou voluntários	11 (66,7%)	6 (23,1%)	0 (0,0%)	17 (34%)
Clube das mães	5 (29,4%)	7 (26,9%)	2 (28,6%)	14 (28%)
Clube dos oficiais do exército	0 (0,0%)	7 (26,9%)	0 (0,0%)	7 (14%)
Legião Franciscana de Assistência aos necessitados (LEFAN)	4 (23,5%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	6 (12%)
Pastoral da criança	5 (29,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (10%)
Centro de convivência da terceira idade - Tia Oli	2 (11,8%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	4 (8%)
Grupo conviver do bairro	1 (5,9%)	1 (3,8%)	1 (14,3%)	3 (6%)
Associação do bairro	1 (5,9%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	2 (4%)
Fora do Bairro Rio Branco				
Associação de Apoio as pessoas com Câncer (AAPECAN)	3 (17,6%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	4 (8%)
Amigos da bocha do Parque Cinquentenário	0 (0,0%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	2 (4%)
Associação dos amigos do São Pelegrino	0 (0,0%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	2 (4%)

Bairro São Pelegrino				
O(a) senhor(a) está envolvido(a) em algum grupo ou associação local ou em outras áreas da cidade?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	
Dentro do Bairro São Pelegrino				
Grupo conviver do bairro	4 (40%)	12 (36,4%)	4 (57,1%)	20 (40%)
Clube das mães	4 (40%)	17 (51,5%)	6 (85,7%)	27 (54%)
Associação dos amigos do São Pelegrino	3 (30%)	8 (24,2%)	0 (0,0%)	11 (22%)
Associação recreativa São Pelegrino	4 (40%)	6 (18,2%)	0 (0,0%)	10 (20%)
Grupos religiosos e/ou voluntários	1 (10%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)	4 (8%)
Pastoral da criança	1 (10%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)	4 (8%)
Associação do bairro	2 (20%)	1 (3%)	0 (0,0%)	3 (6%)
Fora do Bairro São Pelegrino				
Amigos da Bocha do Parque Cinquentenário	3 (30%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)	6 (12%)
Associação de Apoio as pessoas com Câncer (AAPECAN)	0 (0,0%)	2 (6,1%)	0 (0,0%)	2 (4%)

Nota: apenas 1 idoso da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima participa de mais de uma associação ou grupo. As associações ou grupos frequentados pelos idosos fora do Bairro são a Fundação de Assistência Social (FAS) localizada no Bairro Nossa Senhora de Lourdes e a Associação de Apoio as pessoas com Câncer (AAPECAN) localizada no Bairro Sagrada Família. No Rio Branco 23,5% (4 de 17) dos idosos da faixa 1, 23,1% (6 de 26) dos idosos da faixa 2 e 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 participa de mais de uma associação ou grupo. As associações ou grupos fora do Bairro são: a Associação de Apoio as pessoas com Câncer (AAPECAN) localizada no Bairro Sagrada Família; os “Amigos da Bocha” do Parque Cinquentenário, localizado no Bairro Cinquentenário e a Associação dos amigos do São Pelegrino, localizado no Bairro São Pelegrino. Já no São Pelegrino 87,5% (7 de 8) dos idosos da faixa 1, 70,4% (19 de 27) dos idosos da faixa 2 e 66,7% (4 de 6) dos idosos da faixa 3 participam de mais de uma associação ou grupo. As associações fora do Bairro são: a Associação de Apoio as pessoas com Câncer (AAPECAN) localizada no Bairro Sagrada Família e os Amigos da Bocha do Parque Cinquentenário, localizado no Bairro Cinquentenário.

**Fonte:** da autora (2020).

Outros dois fatores relevantes ligados aos grupos e associações que os idosos participam são os tipos de atividades desenvolvidas e a localização desses grupos. No Nossa Senhora de Fátima, a maioria (66,7% - 4 de 6) daqueles nos quais os idosos participam são voltados à assistência social, havendo menos idosos que participam desses grupos e associações (Tabela 33 e Figuras 47, 48 e 51).

**Figura 47:** Grupos ou associações que os idosos do Bairro Nossa Senhora de Fátima frequentam

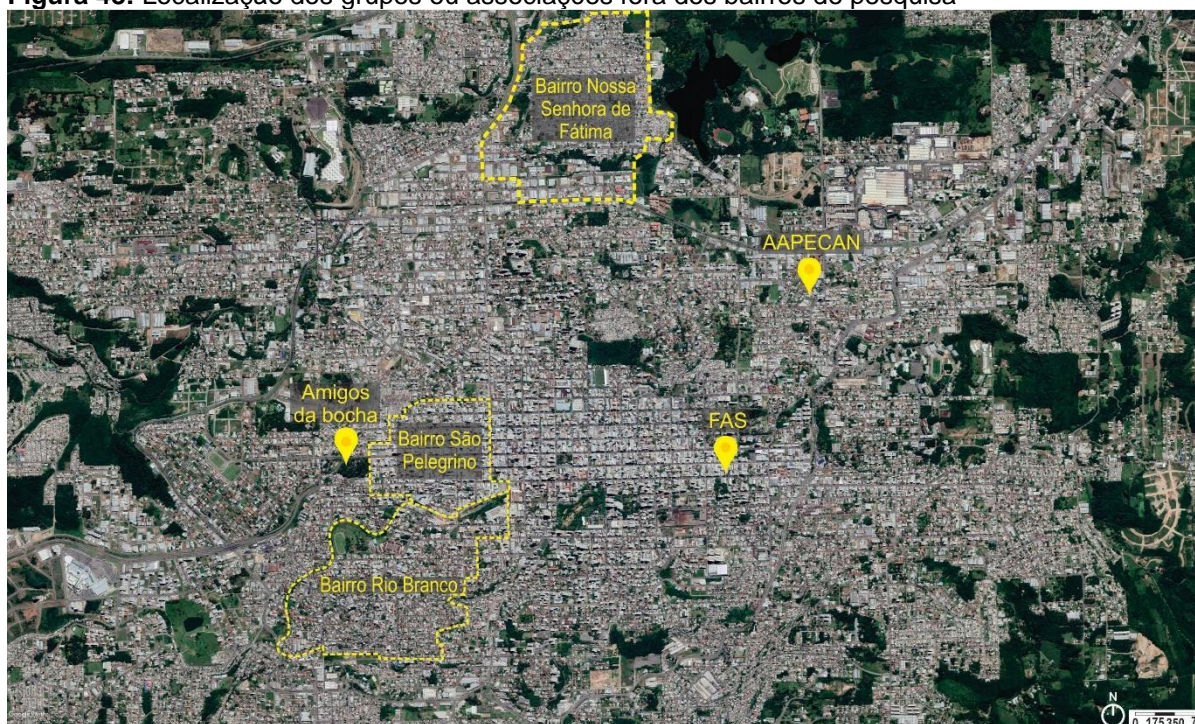


Fonte: da autora (2017).

Apesar de no bairro existirem opções de grupos e associações de lazer além daqueles voluntários, a participação dos idosos neles foi menor do que àquela dos idosos dos demais bairros. Também nesse bairro as atividades dos grupos e associações não são concentradas em um único local (Tabela 33 e Figuras 47, 48 e 51). Ainda, embora esses grupos e associações estejam em locais que os idosos poderiam acessar caminhando (por ex.: na UBS que parte deles caminha para realizar exames) as condições de infraestrutura do bairro (por ex.: má qualidade das calçadas, maior presença de irregularidade na topografia) influenciam na realização dessas atividades opcionais pelos idosos.



**Figura 48:** Localização dos grupos ou associações fora dos bairros de pesquisa



Fonte: adaptado pela autora do Google Earth (2020).

No Rio Branco, a maioria (63,6% - 7 de 11) dos grupos e associações que os idosos participam também são voltados às atividades recreativas e de interação social, contudo, a localização já não se concentra apenas na igreja do bairro, embora a expressiva maioria (81,8% - 9 de 11) também apresente vínculo com ela (Tabela 33 e Figuras 48, 49 e 52). Essa ligação com a Igreja, que serve como um ponto de encontro entre os moradores explicaria a intensidade das concordâncias e discordâncias com os indicadores de interação social, principalmente entre os idosos das faixas 1 e 2.

**Figura 49:** Grupos ou associações que os idosos do Bairro Rio Branco frequentam



Continua na próxima página





No Bairro São Pelegrino, a maioria dos grupos (66,7% - 6 de 9) são voltados a atividades de interação social e recreativas, com a totalidade deles ocorrendo no mesmo lugar, a Igreja de São Pelegrino (Tabela 34 e Figuras 48, 50 e 53). A presença de grupos e associações de dentro do bairro no mesmo local favorece a interação social entre os idosos. Ainda, a proximidade da Igreja da residência dos idosos desse bairro (dentro de um raio de 550m) permite que eles estejam próximos o suficiente para caminhar até ela.

**Figura 50:** Grupos ou associações que os idosos do Bairro São Pelegrino frequentam



**A - Igreja de São Pelegrino**



**B- Amigos da bocha do Parque Cinquentenário**

Fonte: da autora (2017) com exceção da imagem A do Google Imagens (2020).





Figura 51: Localização dos grupos e associações presentes no Bairro Nossa Senhora de Fátima e dos respondentes

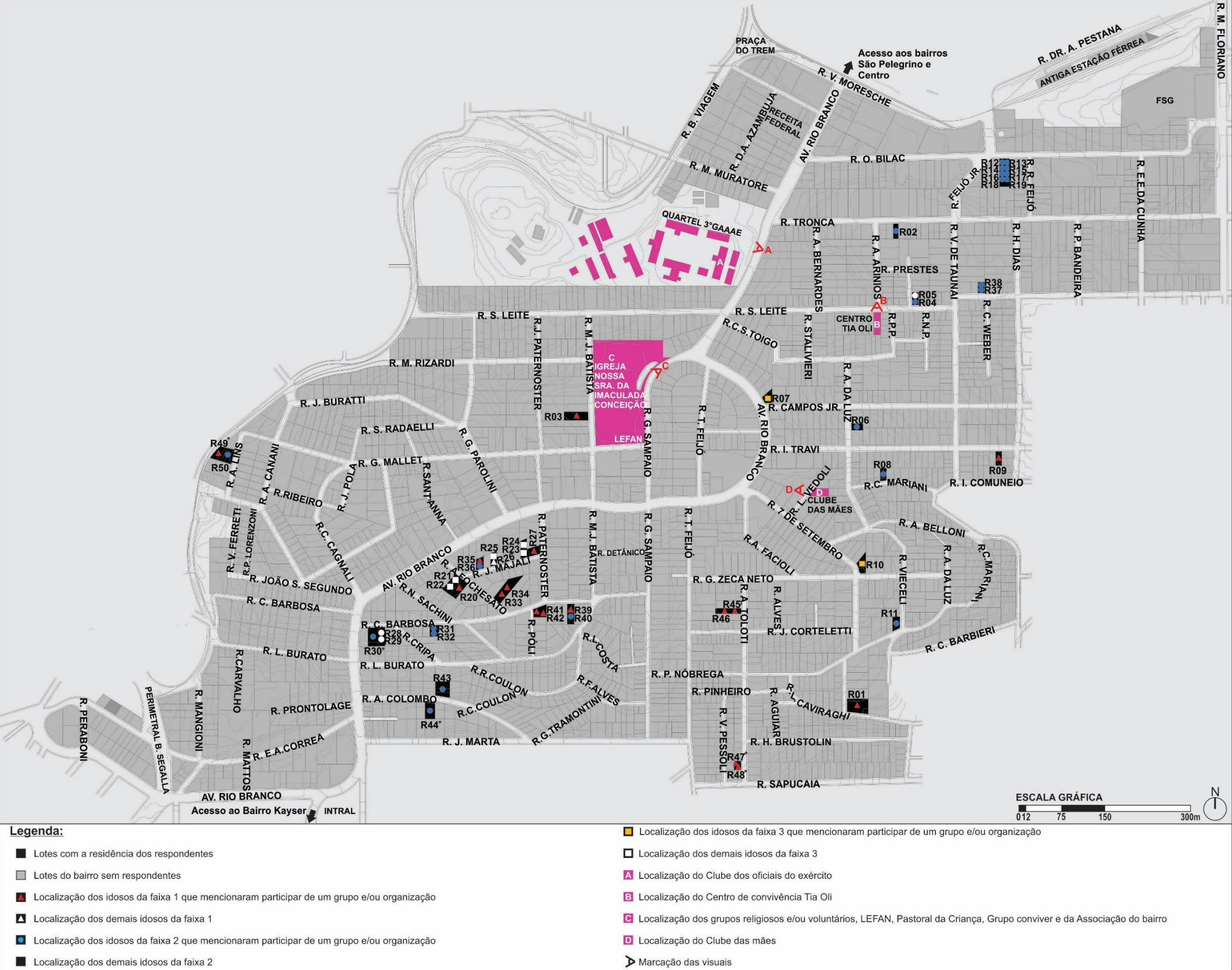


Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram participar de algum grupo ou associação dentro do bairro. Ainda, estão marcados com um asterisco os idosos que mencionaram participar de algum grupo ou associação localizado fora do bairro. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio e serviço por não ter sido encontrada uma distância relacionada a grupos ou associações.

Fonte: da autora (2020).



Figura 52: Localização dos grupos e associações presentes no Bairro Rio Branco e dos respondentes



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram participar de algum grupo ou associação dentro do bairro. Ainda, estão marcados com um asterisco os idosos que mencionaram participar de algum grupo ou associação localizado fora do bairro. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio e serviço por não ter sido encontrada uma distância relacionada a grupos ou associações.

Fonte: da autora (2020).

[illegible]

**Fonte:** da autora (2020).



Além das atividades realizadas pelos idosos nos grupos ou associações, nas três faixas etárias, dos três bairros a notável maioria dos idosos mencionaram a existência de parentes e amigos entre os vizinhos<sup>14</sup>, os quais garantem a existência de contatos sociais, e, logo, da interação social dos idosos com pessoas de sua comunidade. Assim, verifica-se que a maioria dos parentes dos idosos da faixa 2 (62,5% - 10 de 16), por volta da metade (48,3% - 14 de 29) daqueles da faixa 1 e os parentes do idoso da faixa 3 moram no Nossa Senhora de Fátima de 30 a 49 anos. No Rio Branco, a maioria (71,4% - 5 de 7) dos parentes dos idosos da faixa 3 moram de 50 anos ou mais, e, a maioria dos parentes dos idosos das faixas 1 (66,7% - 10 de 15) e 2 (60,9% - 14 de 23) residem de 30 a 49 anos (Tabela 34).

Portanto, o tempo de moradia dos parentes dos idosos das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco são similares ao tempo de moradia dos respondentes desses dois bairros. Por sua vez, no São Pelegrino um terço (33,3% - 3 de 9) dos parentes dos idosos da faixa 1 mora no bairro ao mesmo tempo que a maioria dos idosos da faixa 1; enquanto praticamente um terço (34,8% - 8 de 23) dos parentes dos idosos da faixa 2 mora no bairro de 16 a 29 anos, quando a maioria dos idosos dessa faixa moram de 30 anos ou mais no bairro. Já os parentes do idoso da faixa 3 moram em tempos de moradia distintos quando a clara maioria desses idosos mora no bairro de 30 anos ou mais (Tabela 34).

**Tabela 34:** Tempo de moradia dos parentes que moram próximos da residência dos idosos, por bairro e faixa etária

<b>Bairro Nossa Senhora de Fátima</b>					
<b>Possui parentes que moram próximos da residência</b>	<b>Desde quando os parentes moram no bairro</b>	<b>Faixa 1 60 a 69 anos</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais</b>	<b>Total</b>
Sim	De 6 a 15 anos	5 (17,2%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	7 (15,2%)
	De 16 a 29 anos	9 (31%)	4 (25%)	0 (0,0%)	13 (28,3%)
	De 30 a 49 anos	14 (48,3%)	10 (62,5%)	1 (100%)	25 (54,3%)
	De 50 anos ou mais	1 (3,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2,2%)
<b>Total parcial</b>		<b>29 (100%)</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>46 (100%)</b>
Não	-	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>4 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>33 (100%)</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>50 (100%)</b>

Continua na próxima página

<sup>14</sup> Não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre possuir parentes que moram próximos da residência dos idosos e as três faixas etárias de cada bairro, bem como, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre o tempo de moradia dos parentes que moram próximos da residência dos idosos e as três faixas etárias de cada bairro. Também, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre possuir amigos entre os vizinhos que moram próximos da residência dos idosos e as três faixas etárias de cada bairro, bem como, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre o tempo de moradia dos amigos que moram próximos da residência dos idosos e as três faixas etárias de cada bairro.

<b>Bairro Rio Branco</b>					
Possui parentes que moram próximos da residência	Desde quando os parentes moram no bairro	Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	Total
Sim	De 6 a 15 anos	1 (6,7%)	3 (13%)	0 (0,0%)	4 (8,9%)
	De 16 a 29 anos	4 (26,7%)	2 (8,7%)	0 (0,0%)	6 (13,3%)
	De 30 a 49 anos	10 (66,7%)	14 (60,9%)	2 (28,6%)	26 (57,8%)
	De 50 anos ou mais	0 (0,0%)	4 (17,4%)	5 (71,4%)	9 (20%)
<b>Total parcial</b>		<b>15 (100%)</b>	<b>23 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>45 (100%)</b>
Não	-	2 (40%)	3 (60%)	0 (0,0%)	5 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (100%)</b>	<b>3 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>17 (100%)</b>	<b>26 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>					
Possui parentes que moram próximos da residência	Desde quando os parentes moram no bairro	Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	Total
Sim	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (20%)	1 (2,7%)
	De 6 a 15 anos	2 (22,2%)	6 (26,1%)	1 (20%)	9 (24,3%)
	De 16 a 29 anos	1 (11,1%)	8 (34,8%)	1 (20%)	10 (27%)
	De 30 a 49 anos	3 (33,3%)	5 (21,7%)	0 (0,0%)	8 (21,6%)
	De 50 anos ou mais	3 (33,3%)	4 (17,4%)	2 (40%)	9 (24,3%)
<b>Total parcial</b>		<b>9 (100%)</b>	<b>23 (100%)</b>	<b>5 (100%)</b>	<b>37 (100%)</b>
Não	-	1 (100%)	10 (100%)	2 (100%)	13 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>10 (100%)</b>	<b>2 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>17 (100%)</b>	<b>10 (100%)</b>	<b>33 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>

Nota: nenhum idoso mencionou possuir parentes que moram de 5 anos ou menos no Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco.

Fonte: da autora (2020).

Em relação aos amigos que moram próximos da residência dos idosos a maioria daqueles da faixa 2 (68,8% - 11 de 16), por volta da metade daqueles da faixa 1 (59,4% - 19 de 32) e aqueles do idoso da faixa 3 (1 de 1) também moram no Nossa Senhora de Fátima de 30 a 49 anos. No Rio Branco por volta da metade dos amigos dos idosos da faixa 2 (57,7% - 15 de 26) e 47,1% (8 de 17) daqueles da faixa 1 moram no bairro de 30 a 49 anos. Por sua vez, por volta da metade dos amigos dos idosos da faixa 3 moram no Rio Branco de 50 anos ou mais (57,1% - 4 de 7), seguido por aqueles que moram de 30 a 49 anos (42,9% - 3 de 7). No São Pelegrino, a maioria dos amigos dos idosos das três faixas etárias (75% - 6 de 8 da faixa 1; 57,2% - 4 de 7 da faixa 3; 50% - 16 de 32 da faixa 2) mora no bairro de 30 anos ou mais (Tabela 35). Portanto, nas três faixas etárias, dos três bairros o tempo de moradia dos amigos dos idosos são similares ao tempo de moradia dos respondentes desses bairros.

**Tabela 35:** Tempo de moradia dos amigos que moram próximos da residência dos idosos no Bairro Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

<b>Bairro Nossa Senhora de Fátima</b>					
Possui amigos que moram próximos da residência	Desde quando os amigos moram no bairro	Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	Faixa 3 80 anos ou mais	Total
Sim	Menos de 1 a 5 anos	1 (3,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	De 6 a 15 anos	5 (15,6%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	6 (12,2%)
	De 16 a 29 anos	6 (18,8%)	4 (25%)	0 (0,0%)	10 (20,4%)
	De 30 a 49 anos	19 (59,4%)	11 (68,8%)	1 (100%)	31 (63,3%)

Continua na próxima página

	De 50 anos ou mais	1 (3,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>32 (100%)</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>49 (100%)</b>
Não	-	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>33 (100%)</b>	<b>16 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro Rio Branco</b>					
<b>Possui amigos que moram próximos da residência</b>	<b>Desde quando os amigos moram no bairro</b>	<b>Faixa 1 60 a 69 anos</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais</b>	<b>Total</b>
Sim	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	De 6 a 15 anos	2 (11,8%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	De 16 a 29 anos	4 (23,5%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	7 (14%)
	De 30 a 49 anos	8 (47,1%)	15 (57,7%)	3 (42,9%)	26 (52%)
	De 50 anos ou mais	2 (11,8%)	6 (23,1%)	4 (57,1%)	12 (24%)
<b>Total geral</b>		<b>17 (100%)</b>	<b>26 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>50 (100%)</b>
<b>Bairro São Pelegrino</b>					
<b>Possui amigos que moram próximos da residência</b>	<b>Desde quando os amigos moram no bairro</b>	<b>Faixa 1 60 a 69 anos</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais</b>	<b>Total</b>
Sim	Menos de 1 a 5 anos	0 (0,0%)	1 (3,1%)	1 (14,3%)	2 (4,3%)
	De 6 a 15 anos	1 (12,5%)	8 (25%)	1 (14,3%)	10 (21,3%)
	De 16 a 29 anos	1 (12,5%)	7 (21,9%)	1 (14,3%)	9 (19,1%)
	De 30 a 49 anos	3 (37,5%)	11 (34,4%)	1 (14,3%)	15 (31,9%)
	De 50 anos ou mais	3 (37,5%)	5 (15,6%)	3 (42,9%)	11 (23,4%)
<b>Total parcial</b>		<b>8 (100%)</b>	<b>32 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>47 (100%)</b>
Não	-	2 (100%)	1 (100%)	0 (0,0%)	3 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (100%)</b>	<b>2 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>33 (100%)</b>	<b>10 (100%)</b>	<b>33 (100%)</b>	<b>7 (100%)</b>

Fonte: da autora (2020).

A notável maioria dos idosos das três faixas etárias (Nossa Senhora de Fátima: 97% - 32 de 33 da faixa 1, 100% - 16 de 16 da faixa 2, 1 de 1 da faixa 3; Rio Branco: 100% - 17 de 17 da faixa 1; 80,8% - 21 de 26 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3; São Pelegrino: 70% - 7 de 10; 97% - 32 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3), dos três bairros conheceu seus amigos por esses serem os seus vizinhos<sup>15</sup> (Tabela 36). Ainda, tanto igrejas, como locais de trabalho e áreas para lazer dos três bairros são lugares nos quais os idosos criaram vínculos de amizade com outras pessoas. Contudo, é na igreja do Rio Branco (52,9% - 9 de 17 da faixa 1 e 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) e São Pelegrino (56,3% - 18 de 33 da faixa 2 e 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) que a quantidade de idosos que criaram laços de amizade com outras pessoas chega por volta da metade ou mais, bem como, nas áreas de lazer entre os idosos da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) do Rio Branco. Uma possível explicação está nos grupos e associações que os idosos frequentam localizados nas igrejas (Tabela 36).

<sup>15</sup> Não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre os locais onde os idosos conheceram os seus amigos que moram próximos de sua residência e as três faixas etárias em cada bairro.

**Tabela 36:** Locais onde os idosos conheceram os amigos que moram próximos da residência, por bairro e faixa etária

<b>Bairro Nossa Senhora de Fátima</b>				
Onde conheceu os amigos que moram no bairro?	<b>Faixa 1 60 a 69 anos 32 (100%)</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)</b>	<b>Total 49 (100%)</b>
Vizinhos	32 (100%)	16 (100%)	1 (100%)	49 (100%)
Áreas de lazer do bairro e arredores	8 (25%)	2 (12,5%)	0 (0,0)	10 (20,4%)
Igreja	3 (9,4%)	4 (25%)	0 (0,0)	7 (14,3%)
Trabalho	1 (3,1%)	2 (12,5%)	0 (0,0)	3 (6,1%)
<b>Bairro Rio Branco</b>				
Onde conheceu os amigos que moram no bairro?	<b>Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)</b>	<b>Total 49 (100%)</b>
Vizinhos	17 (100%)	21 (80,8%)	7 (100%)	45 (90%)
Igreja	9 (52,9%)	7 (26,9%)	5 (71,4%)	21 (42%)
Trabalho	3 (17,6%)	10 (38,5%)	0 (0,0%)	13 (26%)
Áreas de lazer do bairro e arredores	1 (5,9%)	4 (15,4%)	3 (42,9%)	8 (16%)
<b>Bairro São Pelegrino</b>				
Onde conheceu os amigos que moram no bairro?	<b>Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)</b>	<b>Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)</b>	<b>Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)</b>	<b>Total 49 (100%)</b>
Vizinhos	7 (87,5%)	32 (100%)	7 (100%)	46 (97,9%)
Igreja	2 (25%)	18 (56,3%)	5 (71,4%)	25 (53,2%)
Áreas de lazer do bairro e arredores	2 (25%)	8 (25%)	2 (28,6%)	12 (25,5%)
Trabalho	1 (12,5%)	3 (9,4%)	2 (28,6%)	6 (12,8%)

Nota: Na faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima (32 de 33 – 97%) foram considerados apenas os respondentes que mencionaram possuir amigos que no bairro. No texto são mencionados os locais apontados por pelo menos 25% dos idosos em cada faixa etária. No São Pelegrino também foram considerados apenas os respondentes das faixas 1 (8 de 10 – 80%) e 2 (32 de 33 – 97%) que mencionaram possuir amigos que no bairro.

Fonte: da autora (2020).

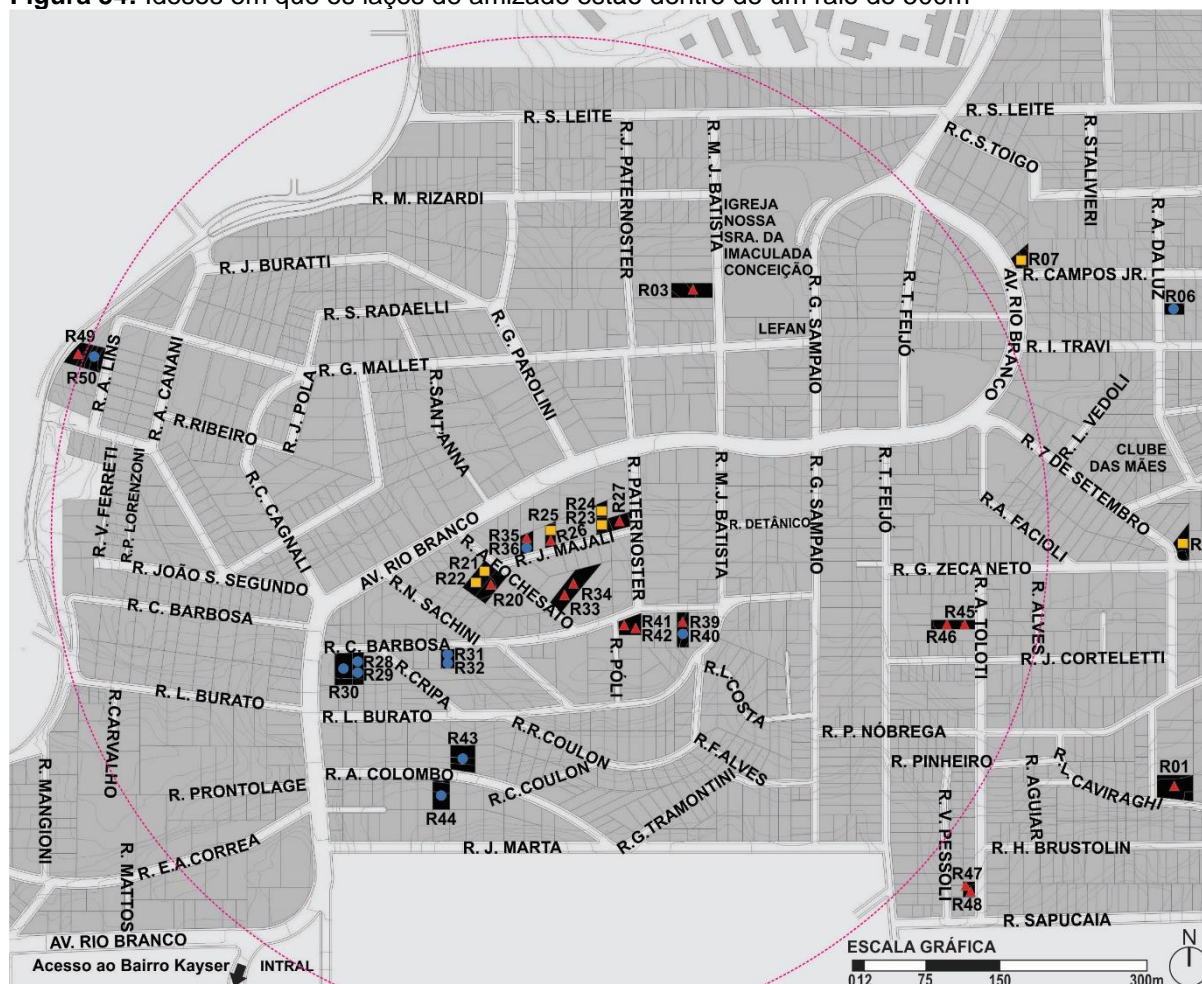
Complementarmente, todos os 50 (de 50 – 100%) idosos entrevistados no Nossa Senhora de Fátima consideravam como contatos que moravam próximos de sua residência aqueles que residiam no bairro, considerando distante aqueles que moravam em outros bairros da cidade ou até mesmo em outra cidade. Entretanto, mesmo os idosos não indicando a localização de seus contatos sociais, verificou-se que todos àqueles considerados “próximos” estavam localizados na região do bairro conhecida como Fátima Alta, com indicações de que a maioria dos parentes residem em uma das seguintes situações: no máximo a duas ruas de distância, na mesma rua ou até no mesmo lote do idoso; e com a indicação de que vários desses amigos seriam: as demais pessoas que residem na região do Fátima Alta, as pessoas que moram na mesma rua, segmento de quadra ou na residência ao lado do idoso.

No Rio Branco também não foi possível precisar em todos os casos as distâncias do que seria considerado “próximo” ou “distante” da residência do idoso, uma vez que os idosos se recusaram a indicar o endereço de seus contatos sociais. A indicação mais exata dessa proximidade está nos laços de amizade que se verifica entre 28 (de 50 – 56%) dos idosos desse bairro que moram dentro de um raio aproximado de 500m (círculo em rosa na Figura 54) uma vez que a captação de 26 (de 28 – 92,9%) desses respondentes foi possível pela indicação de um dos casais



de respondentes da pesquisa. Com a totalidade desses idosos (100% - 28 de 28) considerando morar próximos uns dos outros, com apontamentos que seus filhos também residem pela mesma região do bairro.

**Figura 54:** Idosos em que os laços de amizade estão dentro de um raio de 500m



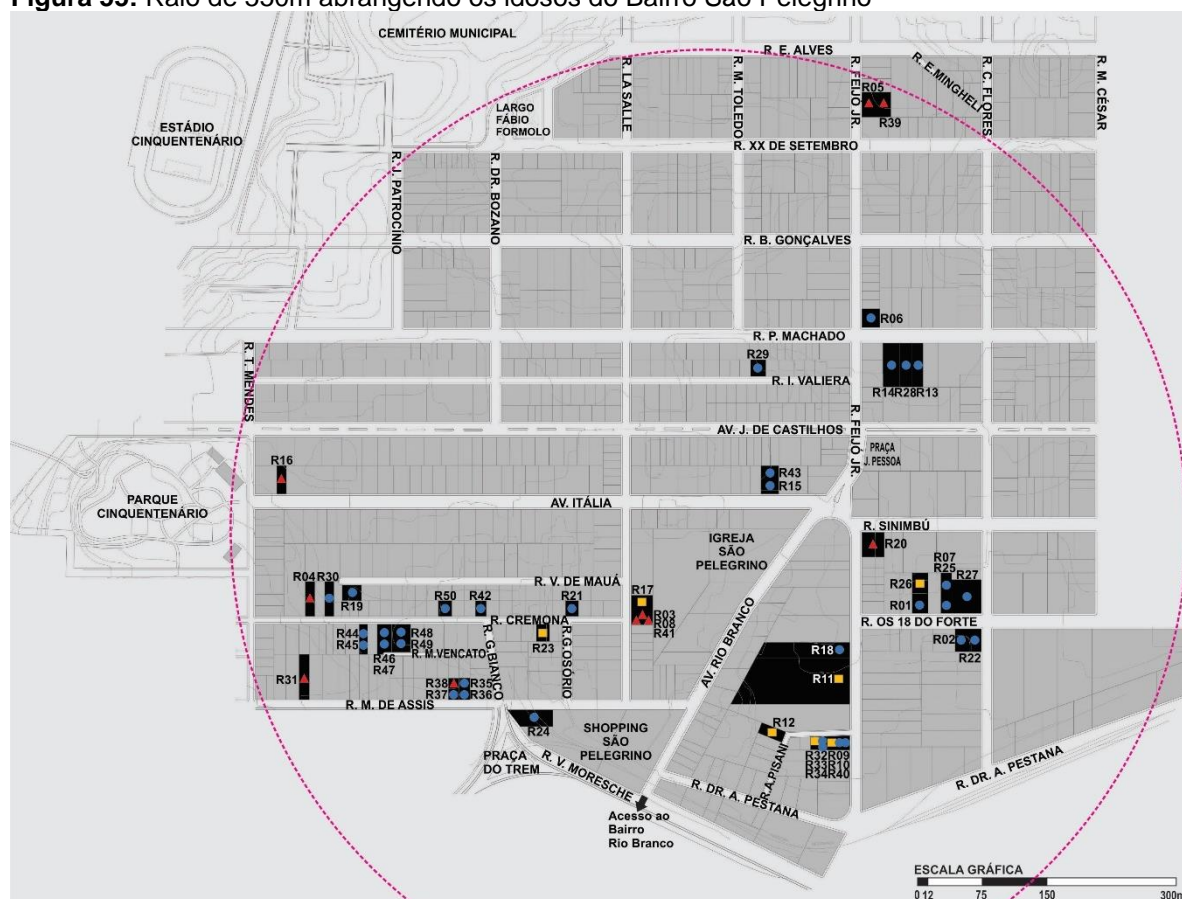
Fonte: da autora (2020).

Entre os demais 22 (de 50 – 44%) idosos observou-se que também consideravam próximos os contatos que moravam no Rio Branco, e distantes àqueles que moravam em outros bairros ou cidade. Contudo, mesmo os idosos não indicando a localização exata, principalmente de parentes, observou-se que a maioria dos contatos considerados próximos moravam no máximo a quatro ruas de distância dos idosos, na mesma rua ou em edificações vizinhas àquela do idoso.

No São Pelegrino, assim como ocorreu nos demais bairros, não foi possível precisar as distâncias do que seria considerado próximo ou distante, uma vez que os idosos também não quiseram indicar o endereço de seus contatos sociais. A indicação

mais exata dessa proximidade está na menção por um terço (30% - 15 de 50) dos respondentes da atividade “ir ao Clube das Mães” com as amigas que moram próximas, sendo que essas respondentes eram tais amigas, com a distâncias entre as suas residências sendo de até uns 500m. Inclusive, observa-se que se desenhado um círculo com raio de 550m a partir da Igreja de São Pelegrino, ponto de encontro de quase a totalidade de idosos desse bairro (94% - 47 de 50), esse círculo abrange a residência de todos os respondentes da pesquisa. Fato que confirma a menção dada por 70% (35 de 50 – 70%) dos idosos que consideravam como próximos os contatos que moravam no bairro, e como distantes aqueles que moravam em outro bairro ou em outra cidade (Figura 55).

**Figura 55:** Raio de 550m abrangendo os idosos do Bairro São Pelegrino



Fonte: da autora (2020).

A pesquisa também revelou a interatividade social de uma parcela que não pode ser desprezada de idosos das faixas 1 e 2 dos três bairros através de redes sociais (tais como Facebook, Twitter e WhatsApp), o que revela que os idosos não

apenas interagem presencialmente com as pessoas de sua comunidade, mas também se adaptaram às novas tecnologias disponíveis (Tabela 35).

**Tabela 37:** Como os idosos obtêm informações, por bairro e faixa etária

<b>Bairro Nossa Senhora de Fátima</b>				
Como o(a) senhor(a) procura obter notícias e informações?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	
Mídias eletrônicas (rádio e televisão)	30 (90,9%)	15 (93,8%)	1 (100%)	46 (92%)
Redes sociais (por exemplo: Facebook, Twitter, WhatsApp)	14 (42,4%)	4 (25%)	1 (100%)	19 (38%)
Sites da internet	12 (36,4%)	4 (25%)	1 (100%)	17 (34%)
Mídias impressas (jornais e revistas)	11 (33,3%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	14 (28%)
Conversando com amigos	0 (0,0%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Bairro Rio Branco</b>				
Como o(a) senhor(a) procura obter notícias e informações?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	
Mídias eletrônicas (rádio e televisão)	17 (100%)	25 (96,2%)	7 (100%)	49 (98%)
Redes sociais (por exemplo: Facebook, Twitter, WhatsApp)	10 (58,8%)	16 (61,5%)	0 (0,0%)	26 (52%)
Sites da internet	11 (64,7%)	15 (57,7%)	0 (0,0%)	26 (52%)
Mídias impressas (jornais e revistas)	6 (35,3%)	11 (42,3%)	0 (0,0%)	17 (34%)
<b>Bairro São Pelegrino</b>				
Como o(a) senhor(a) procura obter notícias e informações?	Faixas etárias			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	
Mídias eletrônicas (rádio e televisão)	10 (100%)	32 (97%)	6 (85,7%)	48 (96%)
Mídias impressas (jornais e revistas)	6 (60%)	22 (66,7%)	3 (42,9%)	31 (62%)
Redes sociais (por exemplo: Facebook, Twitter, WhatsApp)	5 (50%)	21 (63,6%)	1 (14,3%)	27 (54%)
Sites da internet	4 (40%)	17 (51,5%)	1 (14,3%)	22 (44%)
Mídias eletrônicas (rádio e televisão)	10 (100%)	32 (97%)	6 (85,7%)	48 (96%)

Fonte: da autora (2020).

## 6.2 AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS IDOSOS DAS TRÊS FAIXAS ETÁRIAS E AS RELAÇÕES COM AS CARACTERÍSTICAS DOS BAIRROS ONDE MORAM

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, entrevistas, observações de comportamento e levantamentos físicos referentes as atividades realizadas pelos idosos em conjunto com parentes, amigos e conhecidos durante o dia e durante a noite, a frequência e o local de realização de tais atividades e as relações com as características dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação a crimes e acidentes.

Dentre as atividades realizadas pelos idosos com os parentes, amigos ou conhecidos que não residem na moradia do idoso, verifica-se que independente da

faixa etária a principal diferença está nas atividades realizadas pelos idosos do São Pelegrino em relação àqueles dos outros dois bairros. Com essa diferença nas atividades sendo influenciada por características físico-espaciais dos bairros e a sua localização em relação ao núcleo central da cidade.

Portanto, a caracterização predominantemente residencial unifamiliar do Rio Branco e Nossa Senhora de Fátima, nos quais atratores precisam ser alcançados com algum meio de transporte (mesmo que os idosos residam nas proximidades do centro da cidade, como no caso do Rio Branco) incentivam os idosos a realizar mais atividades de interação social com os parentes, amigos e conhecidos na sua residência. Enquanto a moradia em apartamentos ou até residências na área central, onde existe uma maior concentração de edificações em altura com uso misto, diversificação de comércios e serviços incentivaram os idosos a realizar atividades com seus contatos sociais fora do ambiente residencial, ampliando a mobilidade e uso dos espaços abertos públicos pelos idosos para a socialização.

#### **6.2.1 A atividade de receber ou visitar os contatos sociais**

Nos bairros Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco, a principal (ou em alguns casos a única) atividade realizada pelos idosos das três faixas etárias com seus contatos sociais é “receber ou visitá-los” em suas residências. Enquanto no São Pelegrino, diferente dos demais bairros, receber ou visitar os contatos sociais não é a atividade mais realizada pelos idosos. A referida atividade é mais realizada, durante o dia, pelos idosos das faixas 2 e 1 do Nossa Senhora de Fátima com os parentes (100% - 16 de 16 da faixa 2; 81,8% - 27 de 33 da faixa 1) e amigos que moram próximos de sua residência (75% - 12 de 16 da faixa 2; 54,5% - 18 de 33 da faixa 1). Com a clara maioria dos idosos das faixas 1 e 2 “recebendo ou visitando” esses parentes com uma frequência de mais de quatro vezes ao mês. A maioria daqueles da faixa 1 “recebe ou visita” os amigos mais de quatro vezes ao mês aqueles da faixa 2 de uma a quatro vezes por mês (Tabela 58).

Ainda, tanto os idosos da faixa 2 como aqueles da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima “recebem ou visitam” durante a noite os parentes que moram próximos de sua residência (50% - 8 de 16 da faixa 2; 42,4% - 14 de 33 da faixa 1); os parentes que moram distantes de sua residência durante o dia (50% - 8 de 16 da faixa 2; 39,4%

- 13 de 33 da faixa 1); e os amigos que moram distantes de sua residência durante o dia (42,4% - 14 de 33; 37,5% - 6 de 16). Contudo, a frequência na qual a maioria dos idosos da faixa 2 “recebem ou visitam” durante a noite os parentes que moram próximos de sua residência diminui para menos de uma vez por mês, enquanto os idosos da faixa 1, realizam essa atividade, durante o dia e a noite, mais de quatro vezes por mês. Já “receber ou visitar” durante o dia os amigos que moram distantes é realizada por ambas as faixas com uma frequência de uma a quatro vezes por mês (Tabela 58).

A atividade de “receber ou visitar” os contatos sociais é realizada por uma quantidade pouco expressiva de idosos do Nossa Senhora de Fátima em relação: aos parentes que moram distantes de sua residência durante a noite (18,2% - 6 de 33 da faixa 1); os amigos que moram próximos de sua residência durante à noite (15,2% - 5 de 33 da faixa 1; 6,3% - 1 de 16 da faixa 2); e os conhecidos que moram distantes de sua residência durante o dia (25% - 4 de 16 da faixa 2; 9,1% - 3 de 33 da faixa 1), com a maioria desses idosos realizando essa atividade com um frequência que não ultrapassa de uma a quatro vezes por mês. O idoso da faixa 3 “recebe ou visita” durante o dia os parentes que moram próximos de sua residência e aqueles que moram distantes de sua residência com uma frequência de mais de quatro vezes por mês (Tabela 58).

No Rio Branco a clara maioria dos idosos das três faixas etárias “recebe ou visita” os parentes que moram próximos de sua residência durante o dia (88,2% - 15 de 17 da faixa 1; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3; 80,8% - 21 de 26 da faixa 2) e a noite (76,9% - 20 de 27 da faixa 2; 76,5% - 13 de 17 da faixa 1; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) com uma frequência de mais de quatro vezes por mês (Tabela 59). A notável maioria dos idosos das faixas 3 (85,7% - 6 de 7) e a maioria daqueles da faixa 1 (73,1% - 19 de 26) “recebe ou visita” os amigos que moram próximos de sua residência, com uma frequência maior entre os idosos da faixa 2 (mais de quatro vezes por mês) do que entre aqueles das faixas 1 (de uma a quatro vezes por mês) e 3 (menos de uma vez por mês) (Tabela 59).

Por outro lado, a maioria dos idosos da faixa 1 (58,8% - 10 de 17) e 30,8% (8 de 26) daqueles da faixa 1 “recebem ou visitam” à noite os amigos que moram próximos de sua residência no Rio Branco, com a maioria realizando essa atividade com uma frequência não superior a uma a quatro vezes por mês. Por volta da metade

dos idosos da faixa 1 (41,2% - 7 de 17) e 11,5% (3 de 26) daqueles da faixa 2 “recebem ou visitam” os parentes que moram distantes de sua residência. A frequência na qual os idosos da faixa 1 a realizam varia entre mais de quatro vezes por mês e menos de uma vez por mês, enquanto a maioria dos idosos da faixa 2 a realiza menos de uma vez por mês. Enquanto por volta da metade dos idosos da faixa 3 (57,1% - 4 de 7), 38,5% (10 de 26) daqueles da faixa 2 e 29,4% (5 de 17) daqueles da faixa 1 “recebem ou visitam” os parentes que moram distantes de sua residência à noite, com uma frequência de menos de uma vez por mês (Tabela 59).

Já a atividade de “receber ou visitar” os contatos sociais é realizada por uma quantidade pouco expressiva de idosos do Rio Branco em relação: aos amigos que moram distantes da residência durante o dia (7,7% - 2 de 26 da faixa 2; 5,9% - 1 de 17 da faixa 1) e durante a noite (7,7% - 2 de 26 da faixa 2); os conhecidos que moram próximos da residência durante o dia (23,5% - 4 de 17 da faixa 1; 11,5% - 3 de 26 da faixa 2) e durante a noite (11,8% - 2 de 17 da faixa 1; 7,7% - 2 de 26 da faixa 2); e os conhecidos que moram distantes da residência durante o dia (17,5% - 3 de 17 da faixa 1; respondente da faixa 3; 7,7% - 2 de 26 da faixa 2) e durante a noite (11,8% - 2 de 17 da faixa 1; 7,7% - 2 de 26 da faixa 2) (Tabela 59).

No São Pelegrino, a atividade de “receber ou visitar” é realizada por 42,4% (14 de 33) dos idosos da faixa 2; 30% (3 de 10) daqueles da faixa 1 e 28,6% (2 de 7) daqueles da faixa 3 com os parentes que moram próximos da residência à noite. Bem como, é realizada por 40% (4 de 10) dos idosos da faixa 1; 33,3% (11 de 33) daqueles da faixa 2 e 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 com os parentes que moram distantes durante o dia; e por 36,4% (12 de 33) daqueles da faixa 2, 30% (3 de 10) daqueles da faixa 1 e 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 com esses mesmos parentes à noite. Com a maioria desses idosos realizando essa atividade com seus contatos sociais não menos do que de uma a quatro vezes por mês (Tabela 60).

Essa atividade ainda é realizada no São Pelegrino por uma quantidade pouco expressiva de idosos em relação: aos amigos que moram próximos da residência durante o dia (21,2% da faixa 2; 20% da faixa 1; respondente da faixa 3) e durante à noite (20% da faixa 1; 18,2% da faixa 2) e com os amigos que moram distantes da residência durante o dia (20% da faixa 1; respondente da faixa 3) e à noite (30% da faixa 1; 12,1% da faixa 2). Com a maioria realizando essa atividade com seus contatos sociais não menos do que de uma a quatro vezes por mês (Tabela 60).



### 6.2.2 A atividade de conversar no portão

A atividade de “conversar no portão” é realizada apenas pelos idosos dos bairros Rio Branco e Nossa Senhora de Fátima. Uma justificativa para que os idosos do São Pelegrino não realizem essa atividade está na residência da maioria (56% - 28 de 50) desses idosos em apartamentos, enquanto a notável maioria dos idosos dos outros bairros reside em residências unifamiliares. Nos apartamentos existiria um espaço mais limitado para socialização do que nas residências. Ainda, as calçadas existentes em frente as edificações dos idosos que residem no São Pelegrino possuem o gabarito padrão municipal (2m) possuindo constante movimento de pedestres, e em muitos casos a ausência de recuo frontal. Enquanto nos bairros Rio Branco e Nossa Senhora de Fátima a maioria das residências possuem espaços externos (recuo frontal) além de existir menor movimento de pedestres que transitem em frente as suas residências.

Portanto, no Nossa Senhora de Fátima a atividade de “tomar chimarrão e conversar no portão da casa” é realizada durante o dia pela notável maioria dos idosos das faixas 1 (81,8% - 27 de 33) e a maioria daqueles da faixa 2 (75% - 12 de 16) com os amigos que moram próximos de sua residência. Ainda, é realizada por volta da metade dos idosos das faixas 2 (56,3% - 9 de 16) e 1 (42,4% - 14 de 33) com os conhecidos que moram próximos de sua residência. Contudo, enquanto a maioria dos idosos da faixa 1 realizam essas atividades mais de quatro vezes por mês, os idosos da faixa 2 a realizam de uma a quatro vezes por mês (Tabela 58).

No Rio Branco a atividade “conversar no portão” é realizada pela notável maioria dos idosos das faixas 1 (88,2% - 15 de 17), a maioria daqueles da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) e por volta da metade daqueles da faixa 2 (53,8% - 14 de 26) com os amigos que moram próximos de sua residência. Contudo, a frequência que a maioria dos idosos da faixa 2 (mais de quatro vezes por mês) a realizam é maior do que aquela da maioria dos idosos das faixas 1 (de uma a quatro vezes por mês) e 3 (menos de uma vez por mês) (Tabela 59).

Ainda, a referida atividade é realizada por uma quantidade pouco expressiva de idosos do Rio Branco em relação: aos amigos que moram próximos de sua residência durante a noite (15,4% - 12 de 26 da faixa 2; 5,9% - 1 de 17 da faixa 1); aos amigos que moram distantes da residência durante o dia (5,9% - 1 de 17 da faixa

1); aos conhecidos que moram próximos da residência durante o dia (23,5% - 19 de 17 da faixa 1; 19,2% - da faixa 2; respondente da faixa 3); conhecidos que moram próximos da residência durante a noite (5,9% - 1 de 17 da faixa 1; 3,8% - 1 de 26 da faixa 2) e os conhecidos que moram distantes da residência durante a noite (5,9% - 1 de 17 da faixa 1; 3,8% - 1 de 26 da faixa 2) (Tabela 59).

### **6.2.3 A atividade de ir à igreja**

A atividade de ir à Igreja é realizada apenas pelos idosos do Rio Branco e São Pelegrino, sem ser mencionada pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima. A importância dessa atividade entre os idosos desses dois bairros é justificada pelo fato de a maior parte desses idosos serem descendentes de imigrantes italianos. De acordo com Posenato (1983) esses imigrantes e seus descendentes têm como forte traço cultural a religiosidade, notadamente, a ligação com a Igreja Católica. A quantidade de idosos do Rio Branco que mencionou realizar essa atividade com cada tipo de contato social, é pouco expressiva. Contudo, as informações obtidas com as observações de comportamento (2017) e a quantidade de idosos que mencionaram “ir à igreja” revela que entre os idosos do Rio Branco existe a possibilidade de realizarem mais atividades com seus contatos sociais do que àquelas mencionadas nos questionários.

Portanto, a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3, quase a totalidade (94,1% - 16 de 17) daqueles da faixa 1 e a maioria (69,2% - 18 de 26) daqueles da faixa 2 mencionaram “ir à missa na Igreja da Imaculada Conceição”. A Igreja da Imaculada Conceição, fundada em 1949, é conhecida popularmente por “Igreja dos Capuchinhos” estando localizada na centralidade do Bairro Rio Branco. Na Igreja estão concentradas a maioria das atividades as quais os idosos participam, tais como: o Grupo Conviver; os grupos religiosos e/ou voluntários, o Lefan, a Pastoral da Criança e a Associação do bairro, sendo a única atividade ligada à Igreja que é em outro endereço o Centro de convivência Tia Oli.

Apesar de os idosos não terem mencionado realizar essa atividade com uma quantidade expressiva de seus contatos sociais, uma das razões para a Igreja ser considerada como o local mais agradável do bairro pela totalidade (100% - 7 de 7) de idosos da faixa 3, a maioria (76,5% - 13 de 17) daqueles da faixa 1 e por volta da

metade (57,7% - 15 de 26) daqueles da faixa 2 é a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (100% - 7 de 7 da faixa 3; 86,7% - 13 de 15 da faixa 2; 84,6% - 11 de 13 da faixa 1). Essa razão é extremamente relevante para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável. Enquanto outro atributo ligado à interação social, “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” é uma razão pouco importante para que os idosos das faixas 2 (33,3% - 5 de 15) e 1 (30,8% - 4 de 13) considerem o local agradável, tendo sido mencionada por apenas 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 (Figura 57).

**Figura 56:** Igreja da Imaculada Conceição



A – Frente da Igreja



B – Fundos da Igreja

**Nota:** a posição de onde a foto foi tirada está marcada nos mapas comportamentais como visuais A e B.

**Fonte:** da autora (2017).

Um atributo ligado às características do bairro, o fato de a “edificação ser próxima de comércios e serviços” (85,7% - 6 de 7 da faixa 3; 84,5% - 11 de 13 da faixa 1; 80% - 12 de 15 da faixa 2) é uma razão extremamente relevante para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável. Por sua vez, características da edificação, como ser “conservada e limpa” é uma razão extremamente relevante para que a totalidade de idosos da faixa 1 (100% - 13 de 13) considerarem o local agradável, sendo uma razão importante para os idosos da faixa 2 (73,3% - 11 de 15)

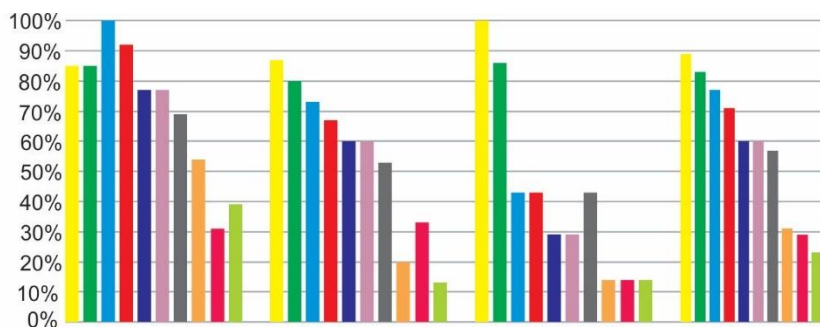
e para praticamente metade daqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7). Fato suportado pela existência de uma relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada,  $\Phi=0,497$ , sig. =0,013) entre essa razão e as faixas etárias.

No entanto, outra característica da edificação, notadamente, a “beleza da edificação” é uma razão importante para que os idosos das faixas 1 (76,9% - 10 de 13) e 2 (60% - 9 de 15) considerem o local agradável, sendo uma razão pouco importante para aqueles da faixa 3 (28,6% - 2 de 7). Embora nenhum idosos tenha explicado as razões para considerar a edificação bonita. Por outro lado, uma característica da edificação, sua “integração visual com o entorno” é uma razão extremamente relevante para que os idosos da faixa 1 (92,3% - 12 de 13) considerem a Igreja agradável, sendo uma razão importante para os idosos das faixas 2 (66,7% - 10 de 15) e 3 (42,9% - 3 de 7). Essa diferença é suportada pela existência de uma relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada,  $\Phi=0,405$ , sig. =0,057) entre essa razão para considerar o local agradável e as três faixas etárias (Figura 57).

Uma característica da edificação, a “presença de jardim” é uma razão importante para que os idosos da faixa 1 (53,8% - 7 de 13) considerem o local agradável, sendo uma razão pouco ou nada importante para os idosos da faixa 2 (20% - 3 de 15) e 3 (14,3% - 1 de 7). Já “sentir-se confortável no lugar” é uma razão muito importante para que os idosos das faixas 1 (76,9% - 10 de 13) e 2 (60% - 9 de 15) considerem o local agradável, sendo uma razão pouco importante para os idosos da faixa 3 (28,6% - 2 de 7).

Enquanto “perceber como seguro em relação a crimes” é uma razão pouco ou nada importante para que os idosos das três faixas etárias (38,5% - 5 de 13 da faixa 1; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3; 13,3% - 2 de 15) considerem o local agradável; uma razão ligada à segurança, especificamente, o “movimento existente de pessoas e/ou veículos” é uma razão muito importante para que os idosos das faixas 1 (69,2% - 9 de 13) e 2 (53,3% - 8 de 15) considerem o local agradável, sendo uma razão importante para os idosos da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) (Figura 57).

**Figura 57:** Razões para os idosos do Rio Branco considerarem a Igreja da Imaculada Conceição agradável, por faixa etária



Razões para considerar a Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição agradável (tipo de atributo)	Faixas etárias			Total 35 (100%)
	Faixa 1 13 (100%)	Faixa 2 15 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	
Possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas (interação social)	11 (84,6%)	13 (86,7%)	7 (100%)	31 (88,6%)
Proximidade de comércios e serviços (característica do bairro)	11 (84,5%)	12 (80%)	6 (85,7%)	29 (82,9%)
Local conservado e limpo (característica da edificação)	13 (100%)	11 (73,3%)	3 (42,9%)	27 (77,1%)
Considera agradável a integração visual da edificação com o entorno (característica da edificação)	12 (92,3%)	10 (66,7%)	3 (42,9%)	25 (71,4%)
Por se sentir confortável no lugar (característica da edificação)	10 (76,9%)	9 (60%)	2 (28,6%)	21 (60%)
Beleza da edificação (característica da edificação)	10 (76,9%)	9 (60%)	2 (28,6%)	21 (60%)
Movimento existente de pessoas e/ou veículos pelo lugar (segurança)	9 (69,2%)	8 (53,3%)	3 (42,9%)	20 (57,1%)
Presença de jardim (característica da edificação)	7 (53,8%)	3 (20%)	1 (14,3%)	11 (31,4%)
Gostar de observar outras pessoas realizando atividades interação social)	4 (30,8%)	5 (33,3%)	1 (14,3%)	10 (28,6%)
Por perceber o local como seguro em relação a crimes (segurança)	5 (38,5%)	2 (13,3%)	1 (14,3%)	8 (22,9%)

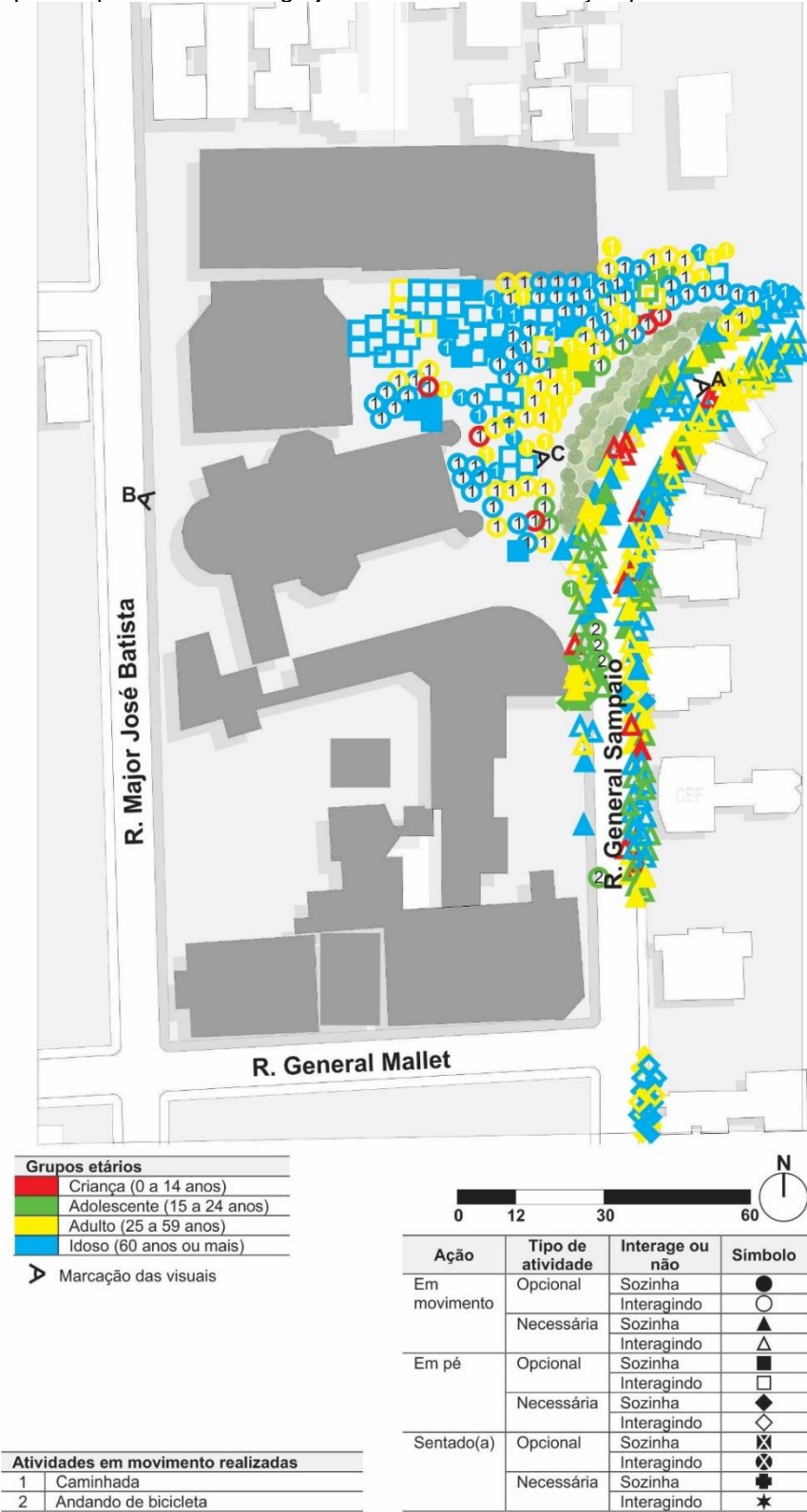
Nota: A faixa 1 representa os idosos de 60 a 69 anos, a faixa 2 representa os idosos de 70 a 79 anos e a faixa 3 os idosos de 80 anos ou mais.

Fonte: da autora (2017).

No mapa comportamental realizado na Igreja da Imaculada Conceição pela manhã (2017) observa-se que os idosos (48,5% - 241 de 497) são o grupo etário que mais utiliza esse local, seguido pelos adultos (30,6% - 152 de 497). O principal tipo de atividade realizada pelos idosos na Igreja são as atividades em movimento necessárias (24,1% - 58 de 241) seguidas pelas atividades em movimento opcionais (20,7% - 50 de 241), ambas com interação social.

Dentre os usuários gerais as atividades em movimento necessárias (34,8% - 173 de 497) também são as mais realizadas, seguidas pelas em movimento opcionais (18,3% - 91 de 497), ambas interagindo socialmente (Tabela 38; Figura 58 e 59). As atividades necessárias em movimento estão relacionadas ao fato de a Igreja estar situada na centralidade do bairro, próxima aos bancos, farmácias e outros comércios utilizados pelos idosos.

Figura 58: Mapa comportamental da Igreja da Imaculada Conceição pela manhã



**Nota:** os prismas em cinza representam as edificações pertencentes à Igreja e aos demais em branco as edificações do entorno.

**Fonte:** da autora (2017).

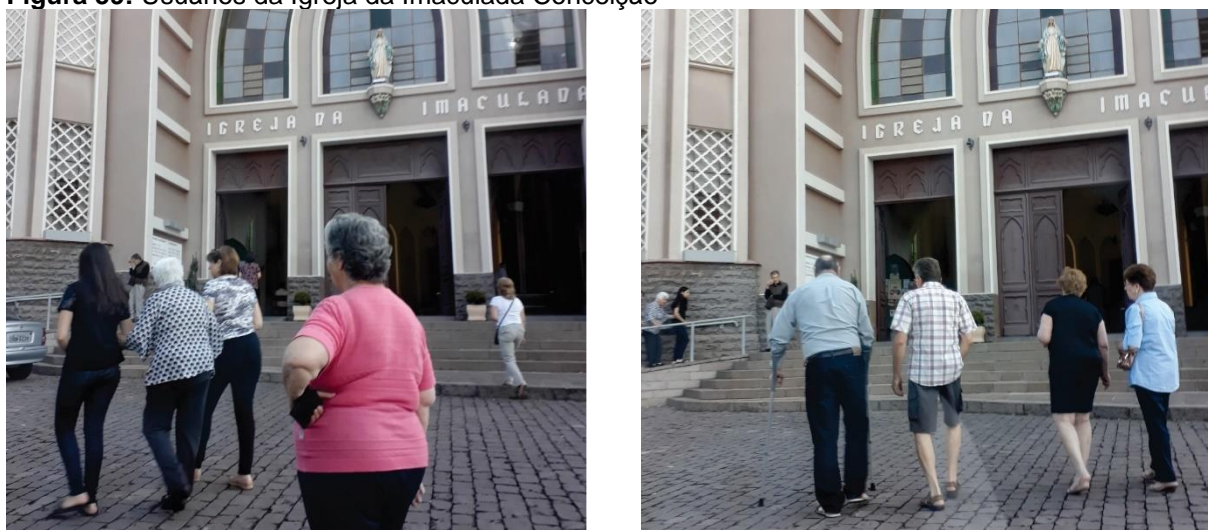


**Tabela 38:** Atividades realizadas na Igreja da Imaculada Conceição pela manhã

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 497 (100%)
			Criança 18 (100%)	Adolescente 86 (100%)	Adulto 152 (100%)	Idoso 241 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	3 (3,5%)	22 (14,5%)	16 (6,6%)	41 (8,2%)
		Interagindo	5 (27,8%)	8 (9,3%)	28 (18,4%)	50 (20,7%)	91 (18,3%)
	Necessária	Sozinha	1 (5,6%)	12 (14%)	36 (23,7%)	37 (15,4%)	86 (17,3%)
		Interagindo	12 (66,7%)	49 (57%)	54 (35,5%)	58 (24,1%)	173 (34,8%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	2 (2,3%)	2 (1,3%)	8 (3,3%)	12 (2,4%)
		Interagindo	0 (0,0%)	1 (1,2%)	5 (3,3%)	31 (12,9%)	37 (7,4%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	9 (10,5%)	5 (3,3%)	31 (12,9%)	45 (9,1%)
		Interagindo	0 (0,0%)	2 (2,3%)	0 (0,0%)	10 (4,1%)	12 (2,4%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 59:** Usuários da Igreja da Imaculada Conceição

Nota: a posição de onde a foto foi tirada está marcada nos mapas comportamentais como visual C.

Fonte: da autora (2017).

A atividade opcional em movimento que os idosos realizam é a caminhada (100% - 66 de 66), sendo essa também a atividade mais realizada pelos usuários da Igreja em geral (97% - 128 de 132) (Tabela 39; Figura 58 e 59). Nas observações realizadas (2017) verificou-se que essa caminhada se trata do momento que os usuários chegam à Igreja (geralmente meia hora antes do rito religioso), estacionando seu carro em frente e aproveitando para conversar em frente ao acesso principal com seus contatos sociais antes de entrarem para assistir à missa.

**Tabela 39:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Igreja da Imaculada Conceição pela manhã

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 132 (100%)
	Criança 5 (100%)	Adolescente 11 (100%)	Adulto 50 (100%)	Idoso 66 (100%)	
Caminhada	5 (100%)	7 (63,6%)	50 (100%)	66 (100%)	128 (97%)
Andando de bicicleta	0 (0,0%)	4 (36,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (3%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h.

Fonte: da autora (2017).

Por sua vez, no mapa comportamental realizado na Igreja da Imaculada Conceição pela tarde (2017) observa-se que os idosos (52,8% - 219 de 415) são novamente o grupo etário que mais utiliza esse espaço, seguidos pelos adultos (27,7% - 115 de 415). O tipo de atividade mais realizada pelos idosos são as necessárias em movimento (37% - 81 de 219), seguidas pelas opcionais em movimento (23,3% - 51 de 219), ambas com interação social. Essas atividades também são àquelas mais realizadas pelos usuários em geral dessa área (Tabela 40; Figura 60 e 61).

**Tabela 40:** Atividades realizadas na Igreja da Imaculada Conceição à tarde

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 415 (100%)
			Criança 13 (100%)	Adolescente 68 (100%)	Adulto 115 (100%)	Idoso 219 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (2,6%)	33 (15,1%)	36 (8,7%)
		Interagindo	4 (30,8%)	17 (22,1%)	26 (22,6%)	51 (23,3%)	96 (23,1%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	10 (14,7%)	37 (32,2%)	36 (8,7%)	83 (20%)
		Interagindo	8 (61,5%)	32 (47,1%)	41 (35,7%)	81 (37%)	162 (39%)
Em pé	Opcional	Interagindo	1 (7,7%)	8 (11,8%)	5 (4,3%)	8 (3,7%)	22 (5,3%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	3 (4,4%)	3 (2,6%)	10 (4,6%)	16 (3,9%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A única atividade opcional em movimento realizada pelos idosos é a caminhada (100% - 87 de 87), mesma atividade da maioria dos demais usuários, com exceção dos adolescentes. Essa atividade está ligada ao encontro dos contatos sociais e a ida à missa igual ocorre pela manhã (Tabela 41; Figura 60 e 61).

**Figura 60:** Usuários da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição



Nota: a posição de onde a foto foi tirada está marcada nos mapas comportamentais como visual C.

Fonte: da autora (2017).

Figura 61: Mapa comportamental da Igreja da Imaculada Conceição à tarde



**Nota:** os prismas em cinza representam as edificações pertencentes à Igreja e aos demais em branco as edificações do entorno.

**Fonte:** da autora (2017).

**Tabela 41:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Igreja da Imaculada Conceição à tarde

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 137 (100%)
	Criança 4 (100%)	Adolescente 17 (100%)	Adulto 29 (100%)	Idoso 87 (100%)	
Caminhada	3 (75%)	2 (11,8%)	29 (100%)	87 (100%)	121 (88,3%)
Andando de bicicleta	1 (25%)	15 (88,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	16 (11,7%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h.

Fonte: da autora (2017).

Por sua vez, a totalidade de idosos da faixa 3 (100% - 7 de 7), quase a totalidade daqueles da faixa 2 (97% - 32 de 33) e a expressiva maioria daqueles da faixa 1 (80% - 8 de 10) “vão à Igreja de São Pelegrino”. Nessa igreja, diferente do que foi mencionado na Igreja da Imaculada Conceição (Rio Branco), foi observado (durante a realização de outros levantamentos) que as pessoas chegavam para a missa em horário mais próximo do culto religioso, buscando socializar em seu interior. A mudança na forma de socializar pode estar ligada ao maior ruído existente na região, já que a Igreja se encontra em um nó de conflito de tráfego, junto às vias que apresentam alto fluxo de veículos de forma constante.

Dentre os idosos do São Pelegrino, a notável maioria da faixa 3 (85,7% - 6 de 7), metade dos idosos da faixa 1 (50% - 5 de 10) e 24,2% (8 de 33) daqueles da faixa 2 “vão à missa na Igreja” durante o dia com os parentes que moram próximos de sua residência. Bem como, a maioria dos idosos da faixa 3 (71,4% - 5 de 7), e por volta da metade daqueles das faixas 2 (51,5% - 17 de 33) e 1 (40% - 4 de 10) realizam essa atividade com os amigos que moram próximos de sua residência. Com a maioria desses idosos a realizando com uma frequência de mais de quatro vezes por mês (Tabela 60).

Ainda, 42,3% (3 de 7) dos idosos da faixa 3 e 33,3% (11 de 33) daqueles da faixa 2 “vão à missa na Igreja” durante o dia com os parentes que moram distantes de sua residência. Com a maioria também realizando essa atividade mais de quatro vezes por mês. Essa atividade ainda é realizada por uma quantidade pouco expressiva de idosos em relação aos amigos que moram distantes da residência (20% - 2 de 10 da faixa 1; respondente da faixa 3; 3% - 1 de 33 da faixa 2) e os conhecidos que moram próximos de sua residência (10% - 1 de 10 da faixa 1; 9,1% - 3 de 33 da faixa 2; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3) (Tabela 60). Portanto, verifica-se que “ir à Igreja” com os contatos sociais é uma atividade particularmente relevante entre os idosos da faixa 3 desse bairro. Com a maior importância entre esses idosos estando relacionada



ao fato da maioria serem viúvas, e buscarem a companhia de seus contatos para realizar essa atividade opcional.

A Igreja de São Pelegrino foi inaugurada em 2 de agosto de 1953, sendo considerada um ponto turístico da cidade por abrigar obras de arte, tais como, a réplica da *Pietà* de Michelângelo e as pinturas de Aldo Locatelli. Adicionalmente, é considerada o local mais agradável do bairro pela expressiva maioria (90% - 9 de 10 da faixa 1; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3; 81,8% - 27 de 33 da faixa 2) dos idosos das três faixas etárias. Características da Igreja, tais como, a “beleza da edificação” (100% - 6 de 6 da faixa 3; 92,6% - 25 de 27 da faixa 2; 88,9% - 8 de 9 da faixa 1) e “considerar agradável a integração visual da edificação com o entorno” (100% - 6 de 6 da faixa 3; 85,2% - 23 de 27 da faixa 2; 77,8% - 7 de 9 da faixa 1) são razões extremamente relevantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável (Figura 62 e 63).

**Figura 62:** Igreja de São Pelegrino



A) Vista da frente da Igreja  
Fonte: Google imagens (2017).



B) Vistas internas da Igreja  
Fonte: da autora (2017).

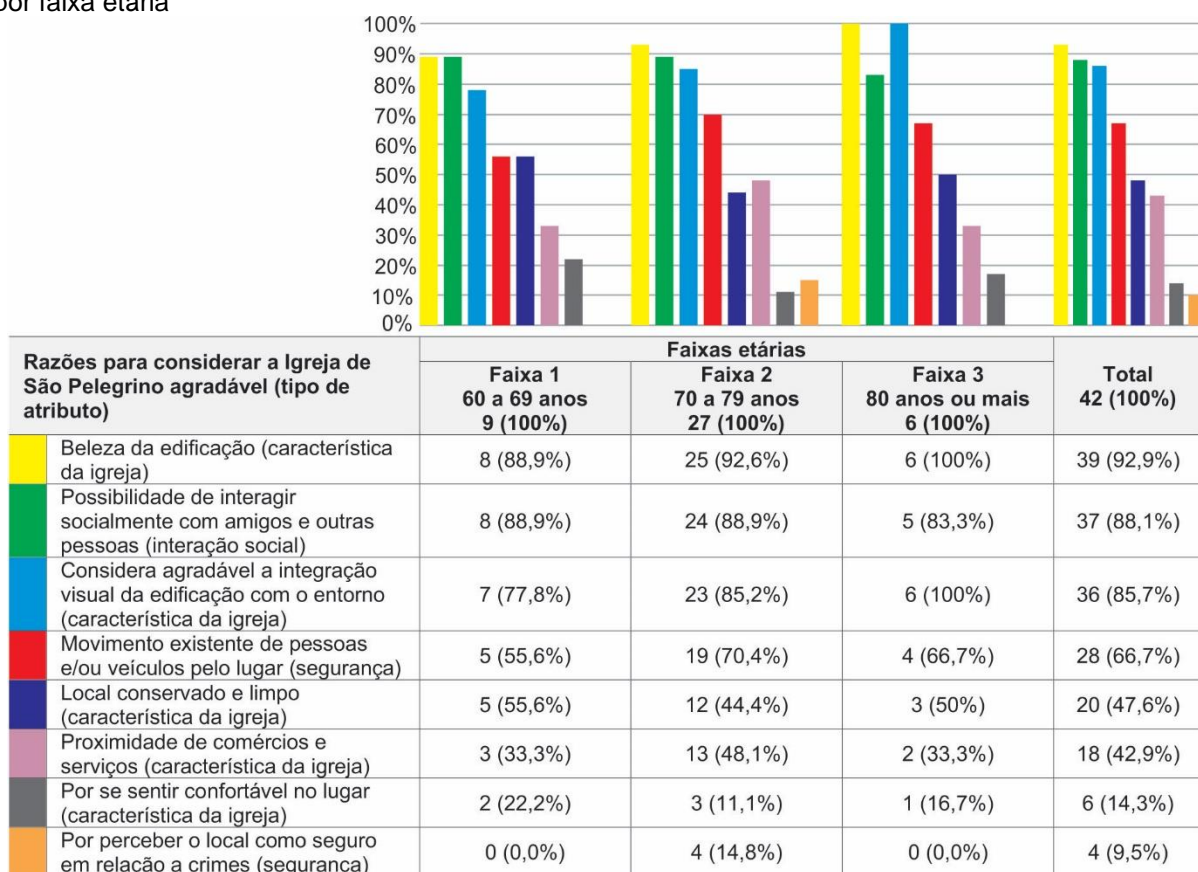


Por outro lado, uma característica da Igreja, “ser um local conservado e limpo” é uma razão importante para que os idosos das três faixas etárias (55,6% - 5 de 9 da faixa 1; 50% - 3 de 6 da faixa 3; 44,4% - 12 de 27 da faixa 2) a considerem agradável; enquanto, a “proximidade de comércio e serviços” é relevante apenas entre os idosos da faixa 2 (48,1% - 13 de 27). Já um atributo ligado diretamente à interação social, a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (88,9% - 8 de 9 da faixa 1; 88,9% - 24 de 27 da faixa 2; 83,3% - 5 de 6 da faixa 3) é uma razão

extremamente relevante para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável.

No entanto, um atributo ligado à segurança, tal como, o “movimento existente de pessoas e veículos” é uma razão muito importante para que os idosos das faixas 2 (70,4% - 19 de 27) e 3 (66,7% - 4 de 6) considerem o local agradável, sendo uma razão relevante para os idosos da faixa 1 (55,6% - 5 de 9). Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões os idosos do São Pelegrino considerarem a Igreja agradável e as três faixas etárias (Figura 62 e 63).

**Figura 63:** Razões para os idosos do São Pelegrino considerarem a Igreja de São Pelegrino agradável, por faixa etária



Nota: No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2017).

#### 6.2.4 A atividade de ir ao Shopping São Pelegrino

Outra atividade que os idosos do Rio Branco podem apresentar um comportamento diferente do mencionado no questionário é “ir ao Shopping São



Pelegrino”. Dentre esses idosos, a maioria (76,5% - 13 de 17) daqueles das faixas 1 e 2 (65,4% - 17 de 26), e, 28,6% (2 de 7) daqueles da faixa 3 vão ao Shopping, contudo, poucos mencionaram a realizar com os contatos sociais que não moram em sua residência. O Shopping São Pelegrino é considerado um local agradável por volta da metade dos idosos da faixa 1 (52,9% - 9 de 17) e 38,5% (10 de 25) daqueles da faixa 2 (Figuras 64 e 65). Esse estabelecimento, localizado no bairro de mesmo nome, foi inaugurado dia 9 de novembro de 2010, e conta com aproximadamente 105 lojas e uma praça de alimentação.

**Figura 64:** Shopping São Pelegrino



Marcação da vista

Fonte: adaptado pela autora de Google Earth Pro (2018).



Vista A

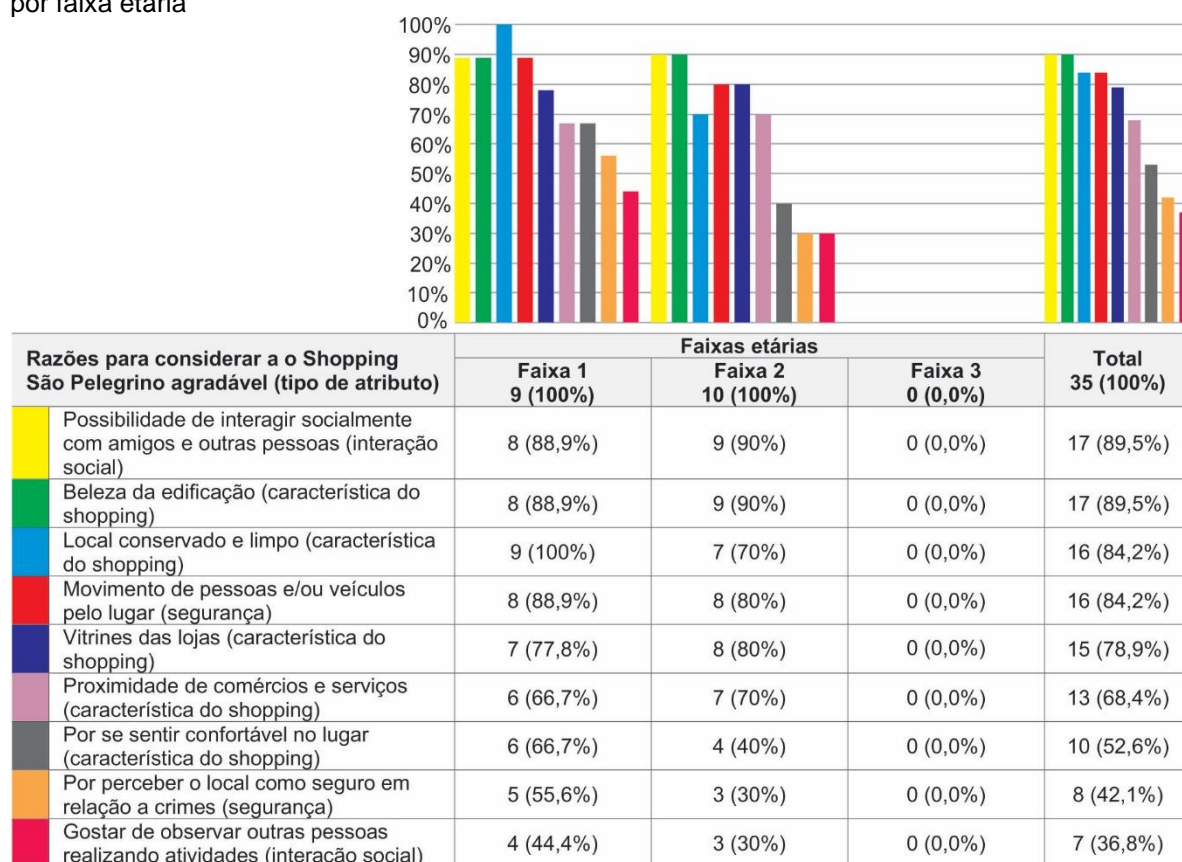
Fonte: Google Imagens (2017).

Dentre as razões para que idosos do Rio Branco considerem o Shopping São Pelegrino agradável está a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas”, justificativa extremamente importante para aqueles das faixas 2 (90% - 9 de 10) e 1 (88,9% - 8 de 9). Características do Shopping, tais como, a “beleza da edificação” (90% - 9 de 10 da faixa 2; 88,9% - 8 de 9 da faixa 1), o “local ser conservado e limpo” (100% - 9 de 9 da faixa 1; 70% - 7 de 10 da faixa 2), “vitrines das lojas” (80% - 8 de 10 da faixa 2; 77,8% - 7 de 9 da faixa 1) e a “proximidade de comércios e serviços (70% - 7 de 10 da faixa 2; 66,7% - 6 de 9 da faixa 1) são razões muito relevantes para que os idosos das faixas 1 e 2 considerem o local agradável (Figuras 64 e 65).

No entanto, um atributo ligado à interação social, “observar outras pessoas realizando atividades” é uma razão pouco importante para que os idosos das faixas 2 (30% - 3 de 10) e 1 (44,4% - 4 de 9) considerem o local agradável. Já “sentir-se confortável no local” (66,7% - 6 de 9 da faixa 1; 40% - 4 de 10 da faixa 2) e “perceber

o local como seguro” (55,6% - 5 de 9 da faixa 1; 30% - 3 de 10 da faixa 2) são razões importantes para que os idosos da faixa 1 considerem o local agradável, sendo razões pouco importantes para os idosos da faixa 2 (Figuras 64 e 65). Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para os idosos do Rio Branco considerarem o Shopping São Pelegrino agradável e as faixas etárias.

**Figura 65:** Razões para os idosos do Rio Branco considerarem o Shopping São Pelegrino agradável, por faixa etária



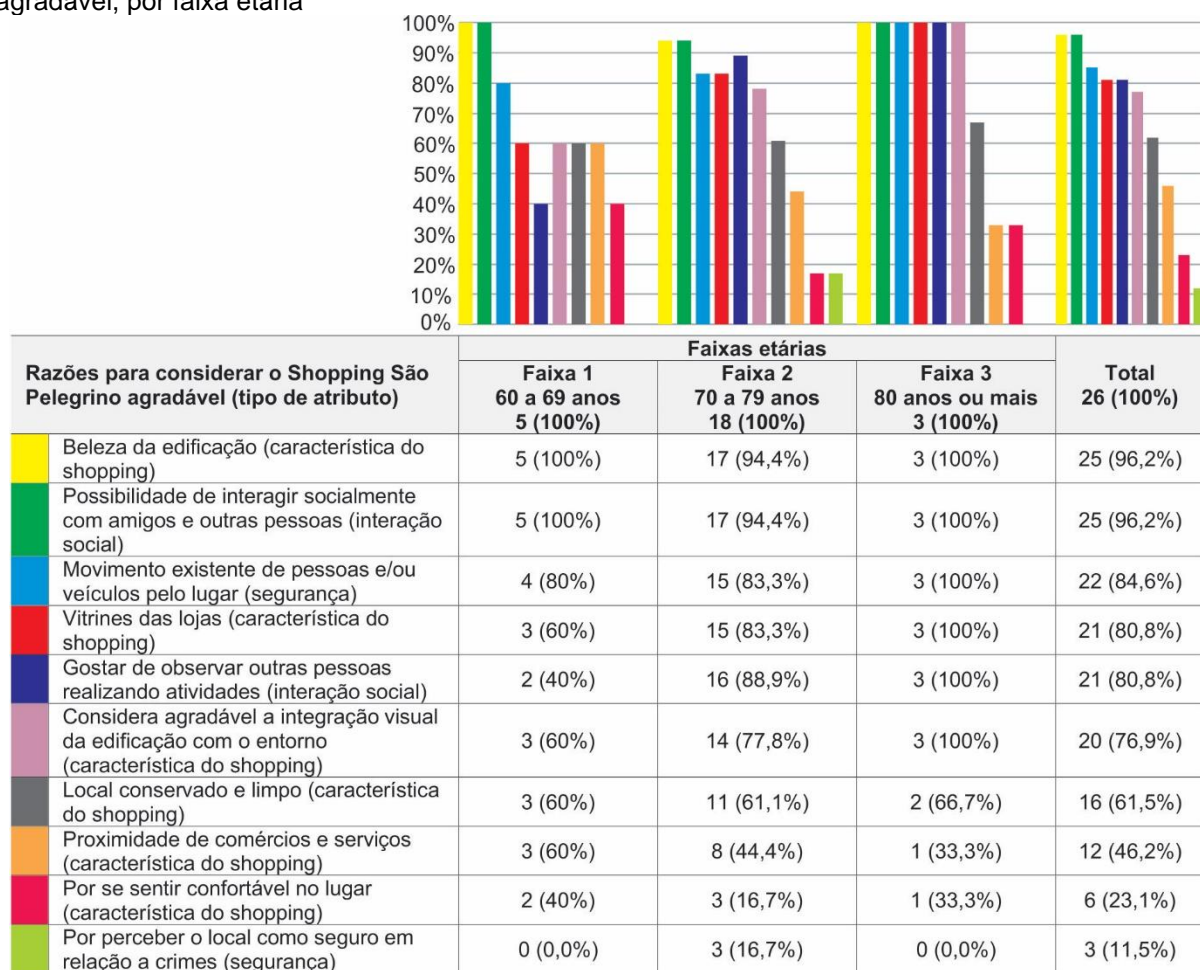
Nota: A faixa 1 representa os idosos de 60 a 69 anos, a faixa 2 representa os idosos de 70 a 79 anos e a faixa 3 os idosos de 80 anos ou mais. Nenhum idoso da faixa 3 citou o Shopping São Pelegrino como local agradável.

Fonte: da autora (2017).

Por sua vez, a notável maioria dos idosos das faixas 2 (81,8% - 27 de 33), a maioria daqueles da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) e por volta da metade daqueles da faixa 1 (60% - 6 de 10) do São Pelegrino também utilizam esse shopping. O estabelecimento é considerado o terceiro local mais agradável do bairro por quase a metade dos idosos das faixas 2 (54,5% - 18 de 33), 1 (50% - 5 de 10) e 3 (42,9% - 3 de 7). Uma característica do local, um atributo ligado à interação social e um à segurança, tais como, a “beleza da edificação” (100% - 5 de 5 da faixa 1; 100% - 3 de

3 da faixa 3; 94,4% - 17 de 18 da faixa 2), a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (100% - 5 de 5 da faixa 1; 100% - 3 de 3 da faixa 3; 94,4% - 17 de 18 da faixa 2) e o “movimento existente de pessoas e/ou veículos pelo lugar” (100% - 3 de 3 da faixa 3; 83,3% - 15 de 18; 80% - 4 de 5) são razões muito relevantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável (Figura 66).

**Figura 66:** Razões para os idosos do São Pelegrino considerarem o Shopping São Pelegrino agradável, por faixa etária



Nota: No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2017).

Enquanto, duas características do shopping e um atributo ligado à interação social, especificamente, as “vitrines das lojas” (100% - 3 de 3 da faixa 3; 83,3% - 15 de 18 da faixa 2; 60% - 3 de 5 da faixa 1), “considerar agradável a integração visual da edificação com o entorno” (100% - 3 de 3 da faixa 3; 77,8% - 14 de 18; 60% - 3 de 5 da faixa 1) e “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” (100% - 3

de 3 da faixa 3; 88,9% - 16 de 18 da faixa 2; 40% - 2 de 5 da faixa 1) são razões extremamente importantes para os idosos das faixas 3 e 2 considerarem o local agradável, sendo relevantes para aqueles da faixa 1 (Figura 66).

Uma característica do shopping, ser um “local conservado e limpo” é uma razão relevante para as três faixas etárias (66,7% - 2 de 3 da faixa 3; 61,1% - 11 de 18 da faixa 2; 60% - 3 de 5 da faixa 1) o considerarem agradável. A “proximidade de comércios e serviços” é uma razão relevante apenas para as faixas 1 (60% - 3 de 5) e 2 (44,4% - 8 de 18) considerarem o Shopping agradável, enquanto “por se sentir confortável no lugar” é relevante apenas entre os idosos da faixa 1 (40% - 2 de 5). Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para os idosos do São Pelegrino considerarem o Shopping São Pelegrino agradável e as três faixas etárias (Figuras 65 e 66).

#### **6.2.5 A atividade de ir aos parques e praças do bairro e arredores**

Por outro lado, uma atividade realizada pela maioria dos idosos das três faixas etárias, nos três bairros é “ir aos parques e praças do bairro e arredores”. Apesar dos parques e praças analisados apresentarem distintas características físicas, o padrão de atividades e os turnos que os idosos tinham preferência por frequentar esses espaços são similares. Em todas as áreas de lazer verificou-se que os idosos eram o grupo etário que mais as utilizavam durante o turno da manhã.

Nesse sentido, apesar do idoso da faixa 3, a maioria dos idosos das faixas 1 (69,7% - 23 de 33) e 43,8% (7 de 16) daqueles da 2 do Nossa Senhora de Fátima mencionarem utilizar o Parque Oásis, apenas o idoso da faixa 3, 36,4% (12 de 33) daqueles da faixa 1 e 18,8% (3 de 16) daqueles da faixa 2 realizam essa atividade com parentes que moram próximos de sua residência. Dentre esses idosos, o respondente da faixa 3, a totalidade daqueles da faixa 2 (100% - 3 de 3) e a expressiva maioria (83,3% - 10 de 12) daqueles da faixa 1 frequentam o Parque Oásis mais de quatro vezes ao mês (Tabela 58).

O Parque Oásis, situado no Bairro Nossa Senhora do Rosário, é uma lagoa de 10.475m<sup>2</sup> com margens gramadas irregulares junto das quais estão árvores de porte médio e pequeno (Figura 67). A lagoa está situada em uma rótula, circundada principalmente por residências unifamiliares, além de dois conjuntos multiresidenciais



de 5 pavimentos. Em 14 (de 37 – 37,8%) entrevistas realizadas sobre a avaliação dos parques e praças do bairro e arredores, a maioria dos idosos da faixa 1 (71,4% - 10 de 14) e 28,6% (4 de 14) daqueles da faixa 2, mencionaram as razões para preferir utilizar o Parque Oásis em relação às demais áreas de lazer do bairro e arredores, destacando-se como motivo para esse uso para os idosos das faixas 1 e faixa 2 a percepção de segurança em relação a crimes (75% - 3 de 4 da faixa 2; 70% - 7 de 10 da faixa 1) (Figuras 67 e 68).

**Figura 67:** Parque Oásis



Fonte: da autora (2017).

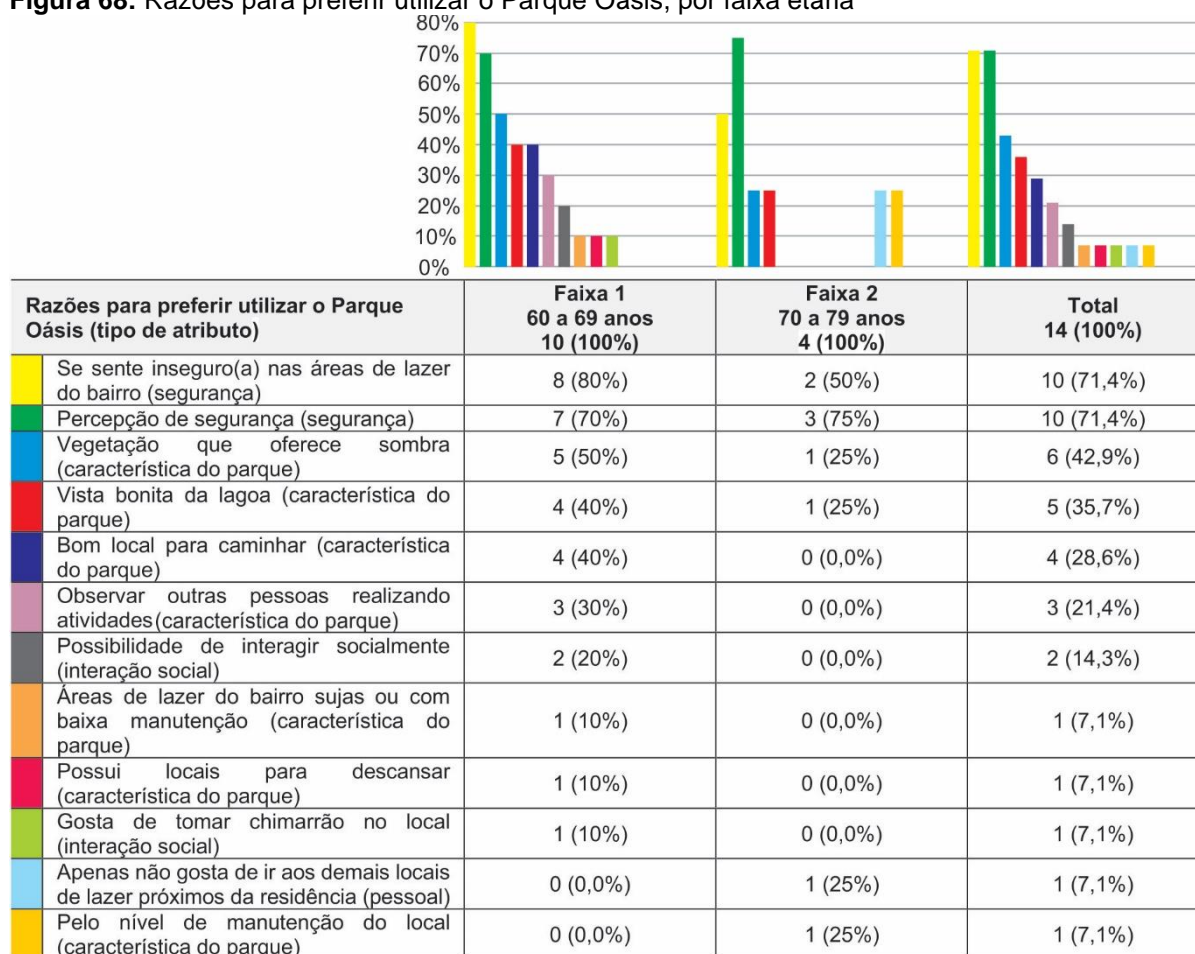
Por sua vez, duas características do Parque a “vegetação que oferece sombra” (50% - 5 de 10) e a “vista bonita da lagoa” (40% - 4 de 10) são razões importantes para que os idosos da faixa 1 prefiram utilizar esse local, embora sejam mencionadas por apenas 25% (1 de 4) dos idosos da faixa 2. Outra característica relevante do Parque para os idosos da faixa 1 (40% - 4 de 10) é “ser um bom local para caminhar”, enquanto “observar outras pessoas realizando atividades” é mencionada por 30% (3 de 10) desses idosos.

Para um (de 4 – 25%) idoso da faixa 2 a única razão para preferir utilizar o Parque Oásis é o “nível de manutenção do local”, enquanto outro (1 de 4 – 25%) apenas “não gosta de ir às demais áreas de lazer próximas de sua residência” (Figuras 66 e 67). Ainda, em 6 entrevistas realizadas com idosos que frequentam o local, os motivos para gostar de o utilizar envolvem a vista agradável da lagoa, gostar de observar outras pessoas realizando atividades, socializar com parentes e amigos, e, a sensação de segurança, conforme segue:

Venho a pé até o Parque Oásis porque os locais existentes no [Bairro Nossa Senhora de] Fátima se tornaram inseguros em função dos drogados. Eu até gostava de ir à Praça do Colégio [Praça Nossa Senhora de Fátima], no Campinho [Campo de futebol], mas agora tenho medo (entrevista com idosa da faixa 1).

Gosto de vir pela vista da lagoa e acompanhar o pessoal pescando (entrevista com idoso da faixa 2).

**Figura 68:** Razões para preferir utilizar o Parque Oásis, por faixa etária



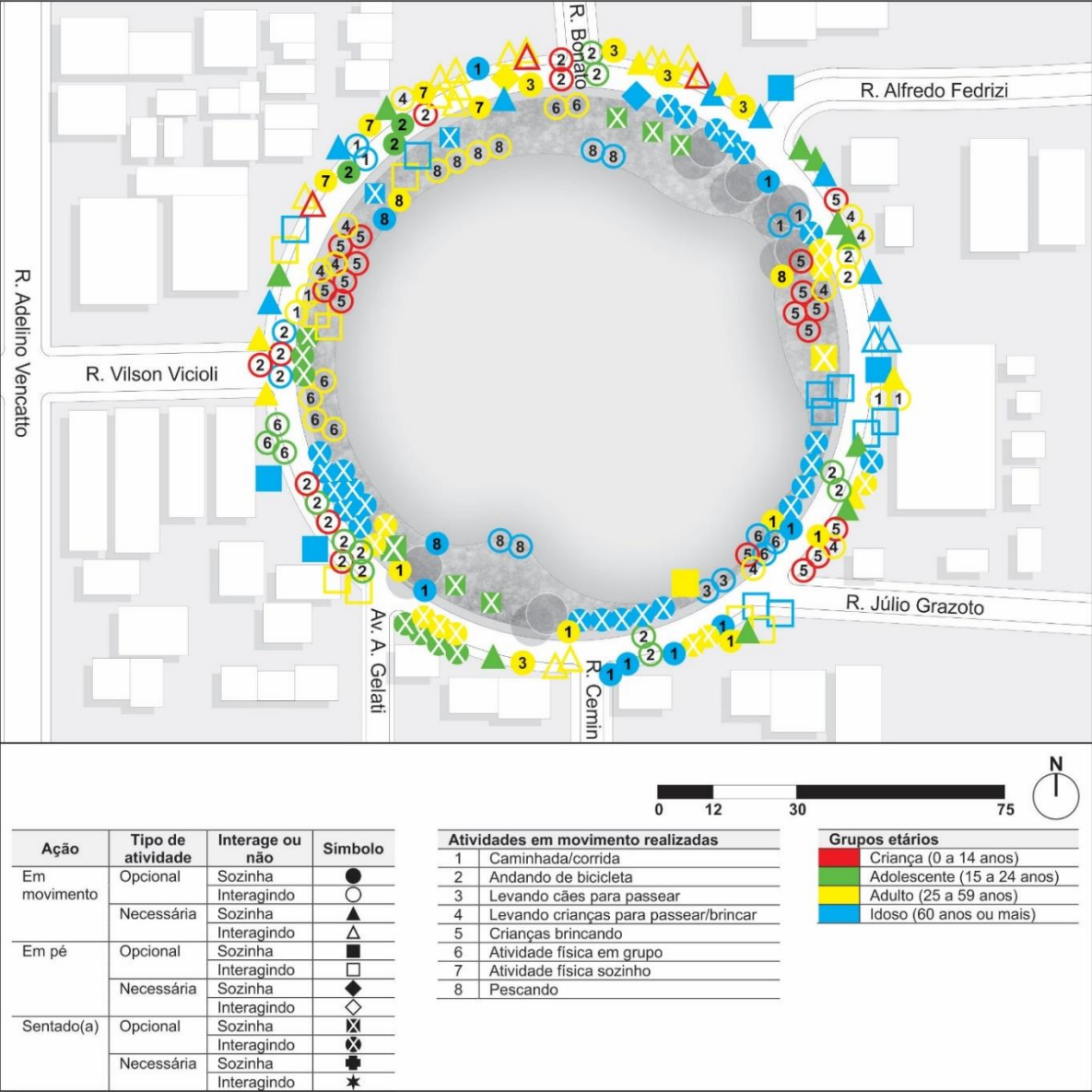
Nota: Na faixa 1 (10 de 33 – 30,3%) e na faixa 2 (4 de 16 – 25%) foram considerados apenas os idosos que mencionaram preferir utilizar o Parque Oásis. No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em cada uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2020).



No mapa comportamental realizado no Parque Oásis pela manhã (2017) (Figuras 69 e 71) observa-se que os idosos (32% - 72 de 225) são o segundo grupo etário que mais utiliza o parque, sendo precedidos pelos adultos (40,9% - 92 de 225). O principal tipo de atividade realizada pelos idosos são as atividades opcionais sentados (34,7% - 25 de 72), seguidas pelas opcionais em movimento, ambas enquanto interagem socialmente (22,2% - 16 de 72). O principal tipo de atividade realizada pelos usuários em geral são as opcionais em movimento enquanto interagem socialmente (36,9% - 83 de 225) (Tabela 42, Figuras 69 e 71).

**Figura 69:** Mapa comportamental do Parque Oásis pela manhã



Nota: o círculo cinza central é a região da lagoa e de suas bordas gramadas, enquanto os prismas brancos representam as edificações do entorno do Parque. As Ruas Vilson Vicioli e Bonato servem de acesso para quem está vindo da direção do Bairro Nossa Senhora de Fátima.

**Fonte:** da autora (2017).

**Tabela 42:** Atividades realizadas no Parque Oásis pela manhã

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 225 (100%)
			Criança 28 (100%)	Adolescente 33 (100%)	Adulto 92 (100%)	Idoso 72 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	3 (9,1%)	14 (15,2%)	8 (11,1%)	25 (11,1%)
		Interagindo	24 (85,7%)	11 (33,3%)	32 (34,8%)	16 (22,2%)	83 (36,9%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	8 (24,2%)	7 (7,6%)	8 (11,1%)	23 (10,2%)
		Interagindo	3 (10,7%)	0 (0,0%)	14 (15,2%)	0 (0,0%)	17 (7,6%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,2%)	3 (4,2%)	5 (2,2%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (7,6%)	9 (12,5%)	17 (7,6%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	1 (3%)	2 (2,2%)	1 (1,4%)	4 (1,8%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	6 (18,2%)	1 (1,1%)	2 (2,8%)	9 (4%)
		Interagindo	0 (0,0%)	4 (12,1%)	13 (14,1%)	25 (34,7%)	42 (18,7%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	17 (7,6%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	17 (7,6%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A atividade opcional em movimento que os idosos mais realizam no Parque Oásis é a caminhada ou corrida (50% - 12 de 24), seguida por pescar (16,7% - 4 de 24); levar cães para passear (12,5% - 3 de 24); atividade física em grupo (12,5% - 3 de 24); e, andar de bicicleta (8,3% - 2 de 24). A atividade mais realizada no Parque Oásis pelos usuários em geral é andar de bicicleta (23,1% - 25 de 108), sendo o público que mais realiza essa atividade os adolescentes (78,6% - 11 de 14) (Tabela 43, Figura 69 e 71).

**Tabela 43:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Oásis pela manhã

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 108 (100%)
	Criança 24 (100%)	Adolescente 14 (100%)	Adulto 46 (100%)	Idoso 24 (100%)	
Caminhada/corrida	0 (0,0%)	0 (0,0%)	11 (23,9%)	12 (50%)	23 (21,3%)
Andando de bicicleta	8 (33,3%)	11 (78,6%)	4 (8,7%)	2 (8,3%)	25 (23,1%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (10,9%)	3 (12,5%)	8 (7,4%)
Levar crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (19,6%)	0 (0,0%)	9 (8,3%)
Crianças brincando	16 (66,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	16 (14,8%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	3 (21,4%)	6 (13%)	3 (12,5%)	12 (11,1%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (6,5%)	0 (0,0%)	3 (2,8%)
Pescando	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (17,4%)	4 (16,7%)	12 (11,1%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h.

Fonte: da autora (2017).

Também se verifica que os idosos tinham preferência por permanecer na área sul do Parque, em pontos nos quais há uma melhor visibilidade das ruas pelas quais se acessa por quem vem da direção do Nossa Senhora de Fátima, ou nas regiões sombreadas pelas árvores. Por sua vez, independentemente do grupo etário, se observa que a maioria das atividades opcionais ocorrem nas bordas da calçada ou na

área gramada próxima à água, enquanto as atividades necessárias são realizadas principalmente na calçada afastada da lagoa (Tabela 43, Figura 69 e 71).

No mapa comportamental realizado no Parque Oásis pela tarde (2017) observa-se que os idosos são os menos a utilizam nesse turno (22,3% - 100 de 449), sendo precedidos principalmente pelos adultos (32,1% - 144 de 449). Contudo, independentemente do grupo etário o tipo de atividade mais realizada são as opcionais em movimento enquanto interagem socialmente (91,2% - 93 de 102 das crianças; 18,4% - 19 de 103 dos adolescentes; 46,5% - 67 de 144 dos adultos; 39% - 39 de 100 dos idosos) (Tabela 44; Figuras 70 e 71).

**Tabela 44:** Atividades realizadas no Parque Oásis à tarde

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 449 (100%)
			Criança 102 (100%)	Adolescente 103 (100%)	Adulto 144 (100%)	Idoso 100 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	2 (2%)	11 (10,7%)	14 (9,7%)	2 (2%)	29 (6,5%)
		Interagindo	93 (91,2%)	19 (18,4%)	67 (46,5%)	39 (39%)	218 (48,6%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	11 (10,7%)	5 (3,5%)	5 (5%)	21 (4,7%)
		Interagindo	0 (0,0%)	14 (13,6%)	8 (5,6%)	0 (0,0%)	22 (4,9%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	4 (3,9%)	4 (2,8%)	1 (1%)	9 (2%)
		Interagindo	4 (3,9%)	3 (2,9%)	11 (7,6%)	13 (13%)	31 (6,9%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	2 (1,9%)	0 (0,0%)	4 (%)	6 (1,3%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (1,4%)	2 (2%)	4 (0,9%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	6 (5,8%)	4 (2,8%)	5 (5%)	15 (3,3%)
		Interagindo	3 (2,9%)	33 (32%)	29 (20,1%)	29 (29%)	94 (20,9%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da tarde dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

**Fonte:** da autora (2017).

A atividade opcional em movimento mais realizada pelos idosos no turno da tarde é pescar (65,9% - 27 de 41), seguida por: caminhada e/ou corrida (24,4% - 10 de 41); levar crianças para passear e/ou brincar (7,3% - 3 de 41); e, um (de 41 – 2,4%) idoso leva o cão para passear. Enquanto a atividade em movimento mais realizada pelos usuários do Parque em geral pela tarde é crianças brincando (24,7% - 61 de 247), seguida por pescar (19% - 47 de 247) (Tabela 45, Figuras 70 e 71).

**Tabela 45:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Oásis à tarde

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral
	Criança 95 (100%)	Adolescente 30 (100%)	Adulto 81 (100%)	Idoso 41 (100%)	
Caminhada/corrida	6 (6,3%)	11 (36,7%)	16 (19,8%)	10 (24,4%)	43 (17,4%)
Andando de bicicleta	25 (26,3%)	4 (13,3%)	6 (7,4%)	0 (0,0%)	35 (14,2%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	6 (20%)	7 (8,6%)	1 (2,4%)	14 (5,7%)
Levar crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	0 (0,0%)	24 (29,6%)	3 (7,3%)	27 (10,9%)
Crianças brincando	61 (64,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	61 (24,7%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	5 (16,7%)	14 (17,3%)	0 (0,0%)	19 (7,7%)

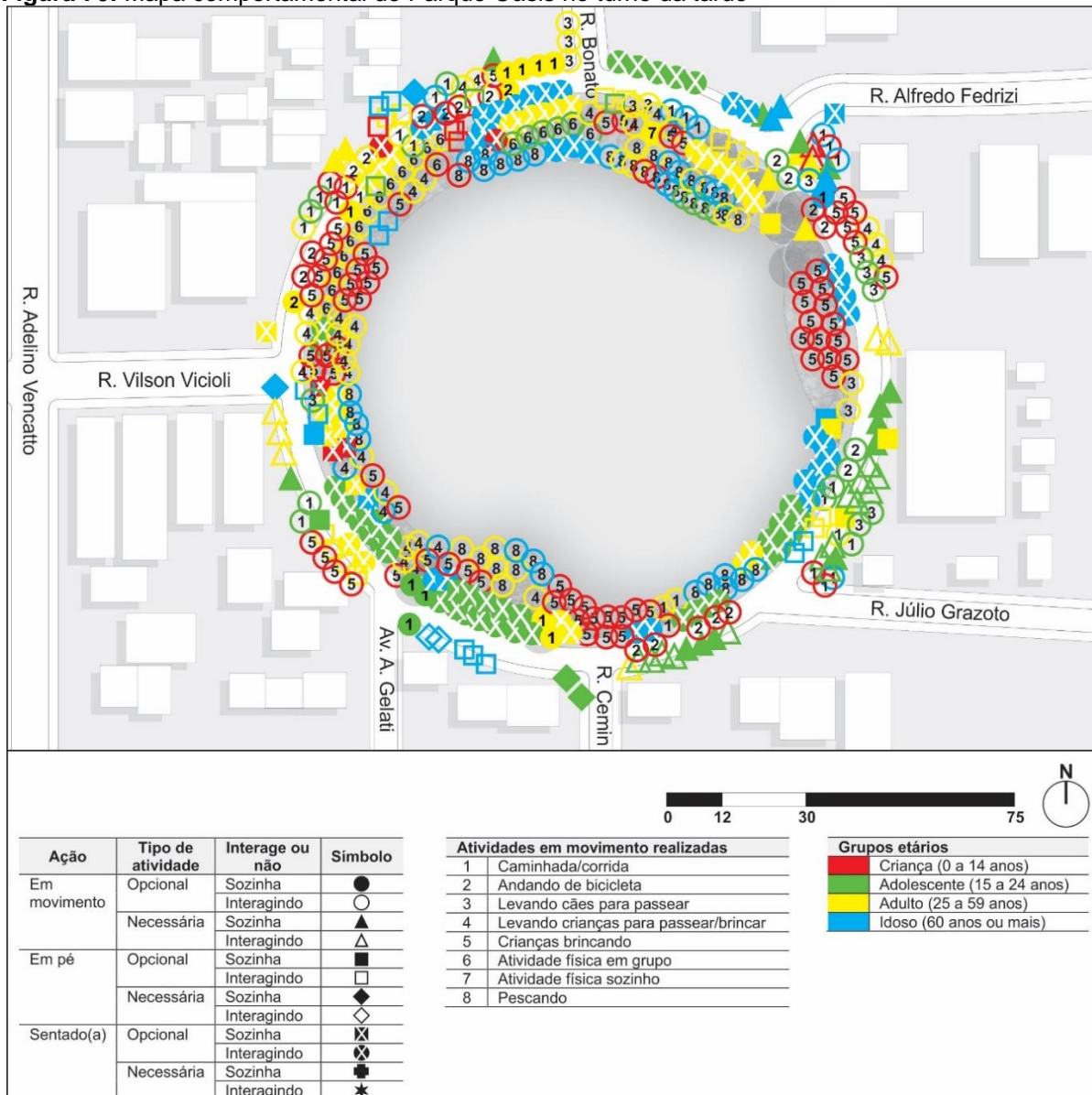
Continua na próxima página

Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1,2%)	0 (0,0%)	1 (0,4%)
Pescando	3 (3,2%)	4 (13,3%)	13 (16%)	27 (65,9%)	47 (19%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 70:** Mapa comportamental do Parque Oásis no turno da tarde



Nota: o círculo cinza central é a região da lagoa e de suas bordas gramadas, enquanto os prismas brancos representam as edificações do entorno do Parque. As Ruas Vilson Vicioli e Bonato servem de acesso para quem está vindo da direção do Bairro Nossa Senhora de Fátima.

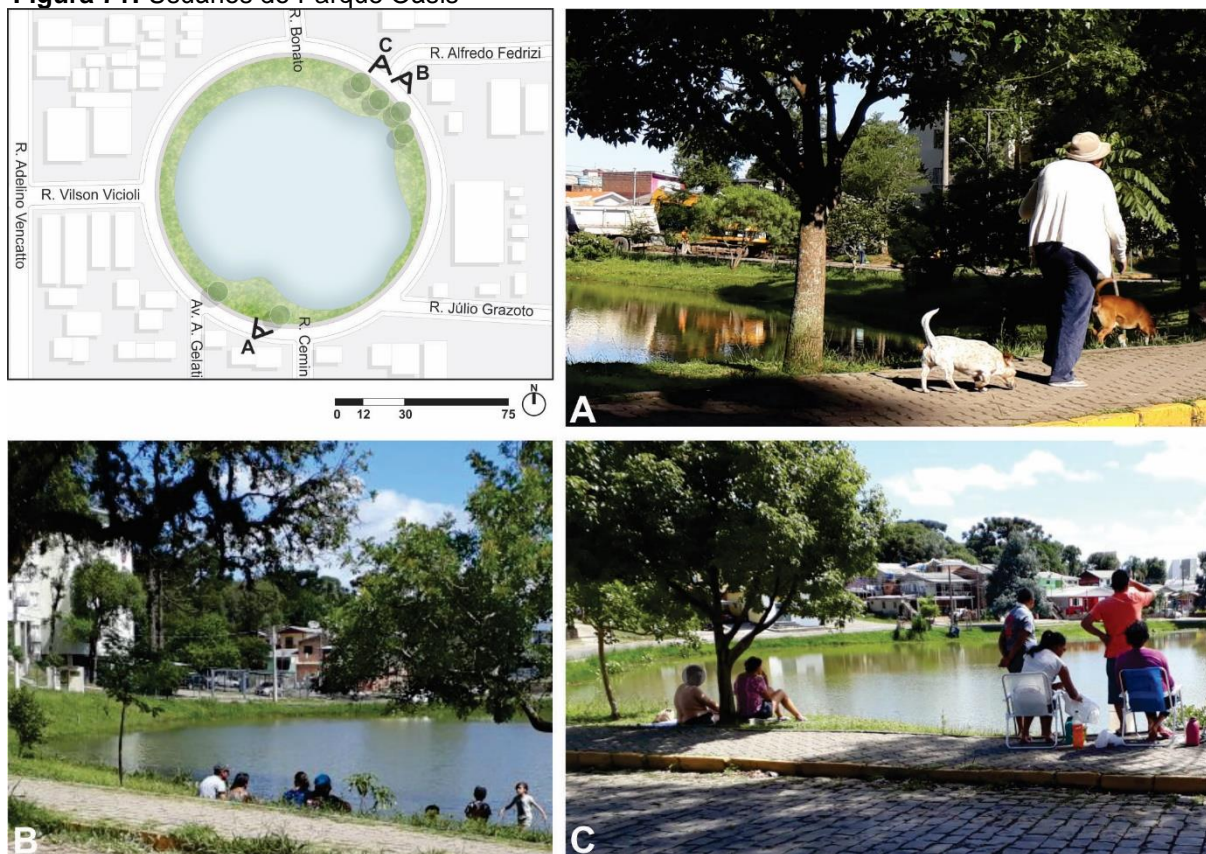
Fonte: da autora (2017).

Também se verifica que os idosos não se concentram em uma única área do Parque durante o turno da tarde, embora haja uma menor quantidade deles nos locais com menor presença de vegetação, e consequentemente maior incidência solar. Esse calor mais intenso à tarde pode ser um motivo para que os idosos tenham preferência por utilizar o Parque Oásis pela manhã. Ainda, independentemente do grupo etário,



assim como ocorre pela manhã, a maioria das atividades opcionais ocorrem nas bordas da calçada ou na área gramada próxima à água, enquanto as atividades necessárias são realizadas principalmente na calçada afastada da lagoa (Tabela 44, Figuras 70 e 71).

**Figura 71:** Usuários do Parque Oásis



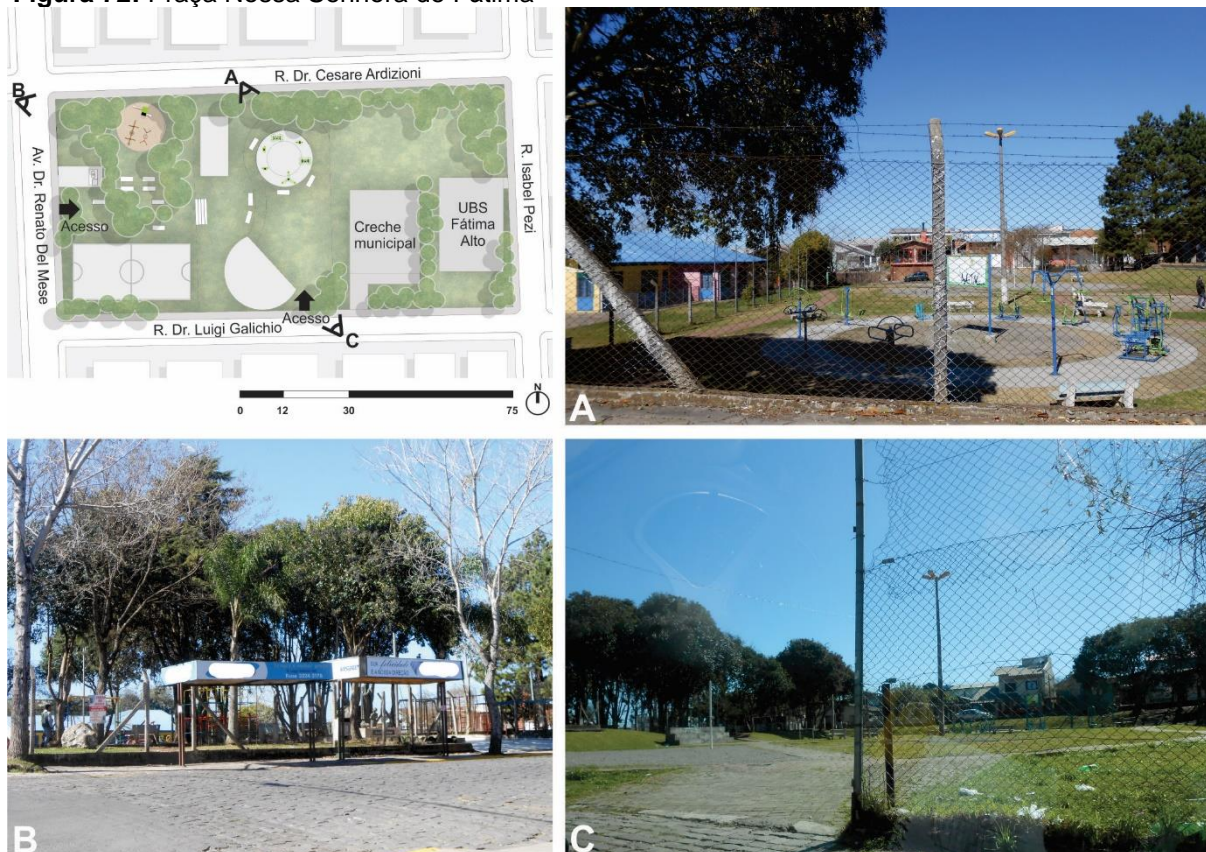
Fonte: da autora (2017).

Por sua vez, o idoso da faixa 3, 37,5% (6 de 16) daqueles da faixa 2 e 15,2% (5 de 33) da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima utilizam a Praça Nossa Senhora de Fátima. Com o idoso da faixa 3, 33,3% (2 de 6) daqueles da faixa 2 e 1 (de 5 – 20%) idoso da faixa 1 tendo mencionado realizar essa atividade com os parentes que moram próximos de sua residência (Tabela 58). Ainda, a totalidade desses idosos das faixas 2 (100% - 2 de 2), 1 (1 de 1) e 3 (1 de 1) frequentam a Praça mais de quatro vezes por mês. A Praça Nossa Senhora de Fátima é a única desse bairro, sendo também popularmente chamada de “Praça do Colégio” (Figura 72).

Essa praça, que é cercada, possui diferentes tipos de atividades. Na sua parte frontal, que se relaciona à Avenida Dr. Renato Del Mese, possui uma pracinha infantil em meio de árvores de médio porte; uma área arborizada com bancos, localizada

atrás de um capitel com a imagem de Nossa Senhora de Fátima (o capitel é a única área não cercada da Praça); e, uma quadra de futebol cimentada com árvores de grande porte ao redor (Figura 72).

**Figura 72:** Praça Nossa Senhora de Fátima



Fonte: da autora (2017).

Na área dos fundos, há um espaço com uma pequena quadra de areia ao lado de um espaço de academia ao ar livre. Ambos os locais se relacionam visualmente com a Rua Dr. Cesare Ardizioni, embora, diferentemente da área de brinquedos infantis, fiquem meio metro abaixo do seu nível topográfico. Atrás da área com bancos e da quadra de futebol há uma área gramada aberta, que apresenta trilhas para caminhada e corrida (Figura 72).

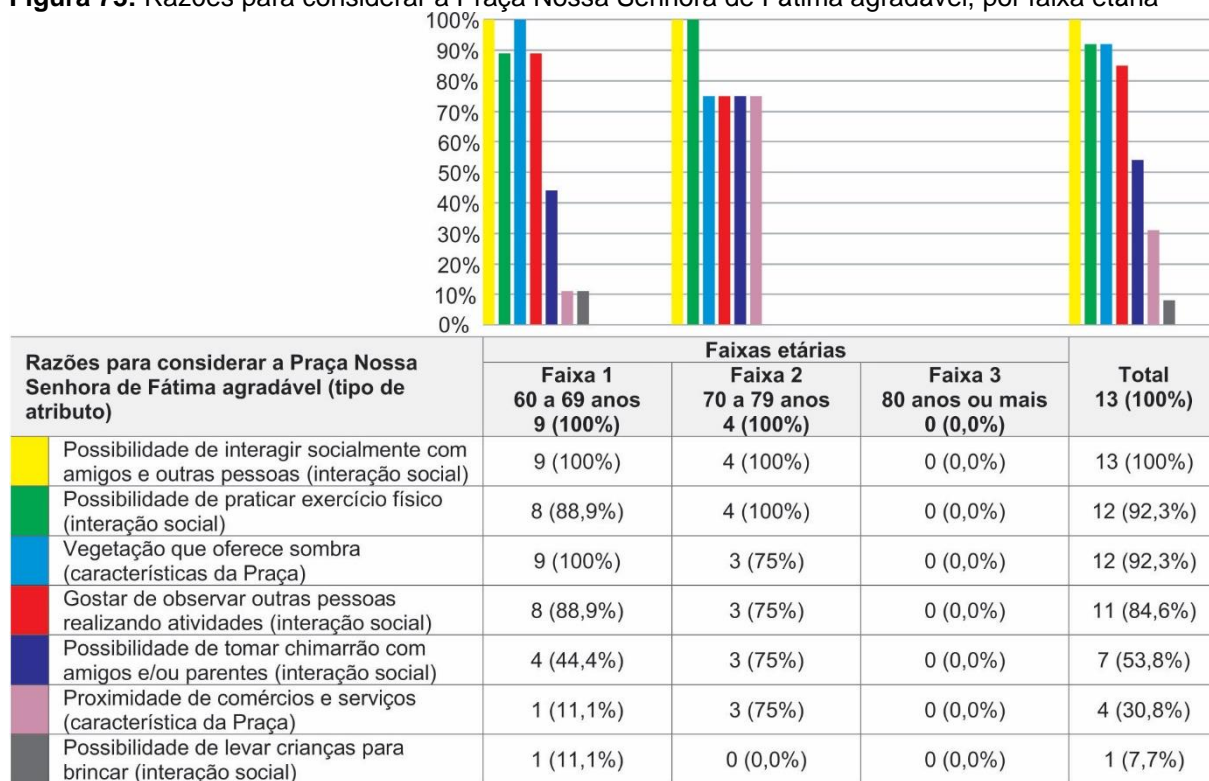
Apesar de pouco utilizada pelos idosos tanto da faixa 1 (15,2% - 5 de 33) como da faixa 2 (37,5% - 6 de 16), a Praça Nossa Senhora de Fátima é considerada um local agradável do bairro por 27,3% (9 de 33) dos idosos da faixa 1 e por 25% (4 de 16) daqueles da faixa 2. Uma característica da Praça, a “vegetação que oferece sombra” é uma razão que se destaca como motivo para ela ser considerada agradável pela totalidade desses idosos da faixa 1 (100% - 9 de 9) e pela expressiva maioria



(75% - 3 de 4) daqueles da faixa 2. Já a “proximidade de comércios e serviços junto à Praça” é uma razão importante para os idosos da faixa 2 (75% - 3 de 4), e mencionada por apenas 1 (de 9 - 11,1%) idoso da faixa 1. Fato suportado pela existência de uma relação estatisticamente significativa entre essa razão e as faixas etárias 1 e 2 (Tabulação Cruzada,  $\Phi=0,639$ , Sig. =0,021) (Figura 73).

Atributos ligados à interação social: a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (100% - 9 de 9 da faixa 1; 100% - 4 de 4 da faixa 2), a “possibilidade de praticar exercício físico” (88,9% - 8 de 9 da faixa 1; 100% - 4 de 4 da faixa 2) e “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” (88,9% - 8 de 9 da faixa 1; 75% - 3 de 4 da faixa 2) são razões muito importantes para que esses idosos das faixas 1 e 2 considerem a Praça Nossa Senhora de Fátima agradável. Outro atributo ligado à interação social, a “possibilidade de tomar chimarrão com amigos e/ou parentes”, é uma razão muito importante para os idosos da faixa 2 (75% - 3 de 4) e importante para aqueles da faixa 1 (44,4% - 4 de 9) que a consideram agradável (Figura 73).

**Figura 73:** Razões para considerar a Praça Nossa Senhora de Fátima agradável, por faixa etária



Nota: Na faixa 1 (9 de 33 – 27,3%) e na faixa 2 (4 de 16 – 25%) foram considerados apenas os idosos que mencionaram a Praça Nossa Senhora de Fátima como agradável. No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em cada uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2020).

Além dos motivos para considerar a Praça agradável, em 3 entrevistas realizadas com idosos que frequentam a Praça Nossa Senhora de Fátima, os principais motivos comentados para gostar deste local envolvem: utilizar a academia ao ar livre; conversar com amigos e conhecidos; observar o movimento de pessoas pelo lugar; e, levar crianças para brincar, conforme exemplifica: “uso pela academia e para a minha neta poder brincar” (entrevista com idoso da faixa 1).

Nas observações realizadas no turno da manhã verificou-se que os idosos são o segundo grupo etário que mais utiliza a Praça (23,6% - 51 de 216), precedidos pelos adultos (33,8% - 73 de 216). O tipo de atividade mais realizada pelos idosos são as opcionais em movimento enquanto interação socialmente (33,3% - 17 de 90), sendo essa também a mais realizada pelos usuários em geral (41,7% - 90 de 216) (Tabela 46, Figuras 74 e 76). A maioria dessas atividades opcionais em movimento acontecem nas áreas onde existe maior concentração de árvores. Por outro lado, na região aos fundos da Praça, junto à R. Dr. Luigi Galichio foram registradas principalmente atividades necessárias em movimento, o que pode ser motivado pela incidência solar.

**Tabela 46:** Atividades realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 216 (100%)
			Criança 44 (100%)	Adolescente 48 (100%)	Adulto 73 (100%)	Idoso 51 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,7%)	4 (7,8%)	6 (2,8%)
		Interagindo	39 (88,6%)	16 (33,3%)	18 (24,7%)	17 (33,3%)	90 (41,7%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	7 (14,6%)	12 (16,4%)	1 (2%)	20 (9,3%)
		Interagindo	3 (6,8%)	12 (25%)	11 (15,1%)	0 (0,0%)	26 (12%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	1 (2,1%)	1 (1,4%)	5 (9,8%)	7 (3,2%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,7%)	2 (3,9%)	4 (1,9%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	2 (4,2%)	4 (5,5%)	2 (3,9%)	8 (3,7%)
		Interagindo	2 (4,5%)	0 (0,0%)	3 (4,1%)	6 (11,8%)	11 (5,1%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	1 (2,1%)	5 (6,8%)	4 (7,8%)	10 (4,6%)
		Interagindo	0 (0,0%)	9 (18,8%)	15 (20,5%)	9 (17,6%)	33 (15,3%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)	1 (0,5%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A principal atividade opcional em movimento realizada pelos idosos são as atividades físicas em grupo (42,9% - 9 de 21) seguidas por: caminhada ou corrida (38,1% - 8 de 21); levar crianças para passear e/ou brincar (9,5% - 2 de 21) e atividades físicas sozinhos (9,5% - 2 de 21). Por sua vez, a principal atividade realizada pelos usuários em geral é crianças brincando (40,6% - 39 de 96), seguida por atividades físicas em grupo (19,8% - 19 de 96) (Tabela 47, Figuras 74 e 76).

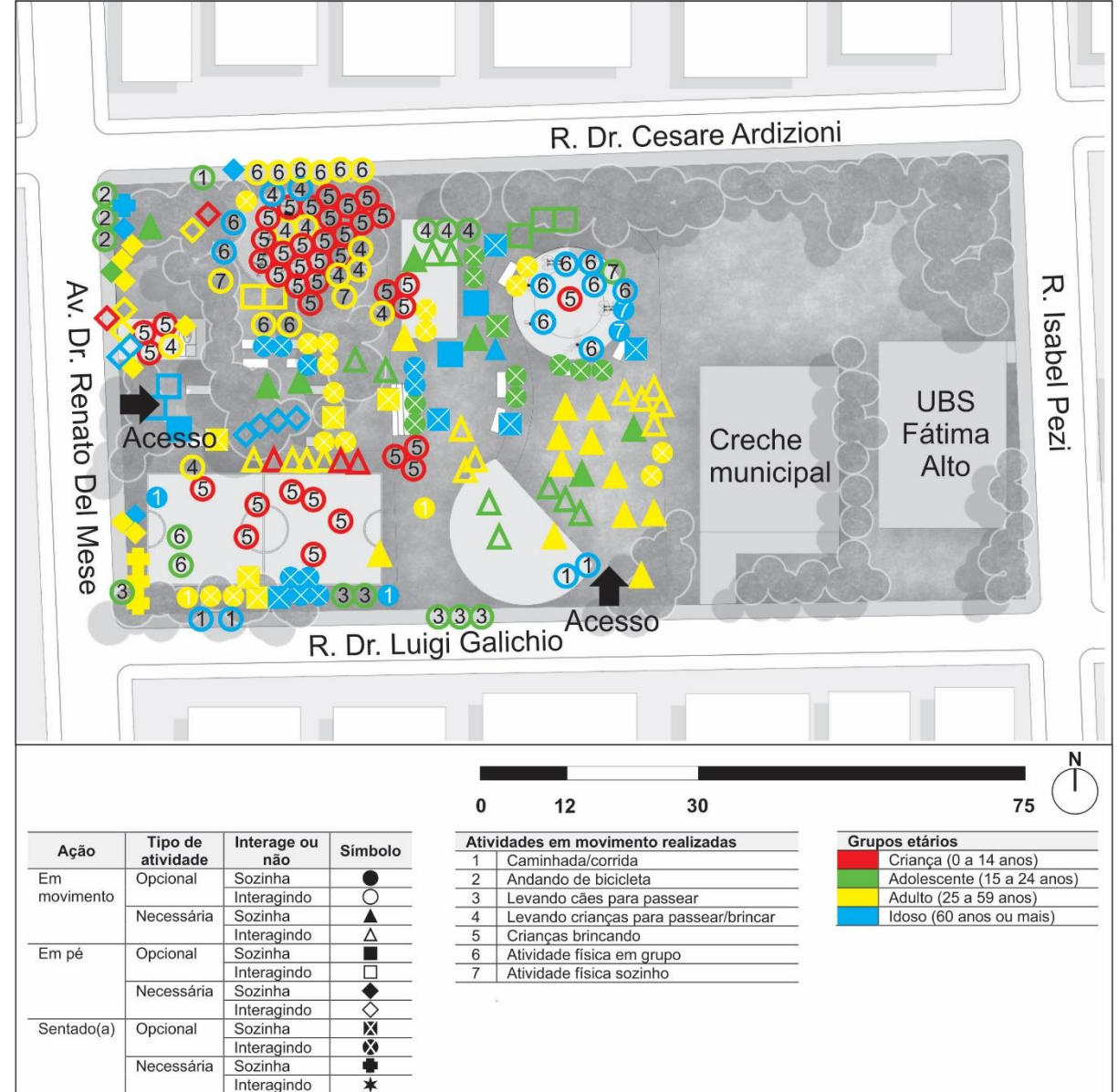
**Tabela 47:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 96 (100%)
	Criança 39 (100%)	Adolescente 16 (100%)	Adulto 20 (100%)	Idoso 21 (100%)	
Caminhada/corrida	0 (0,0%)	1 (6,3%)	2 (10%)	8 (38,1%)	11 (11,5%)
Andando de bicicleta	0 (0,0%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (3,1%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	5 (31,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (5,2%)
Levar crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	4 (25%)	8 (40%)	2 (9,5%)	14 (14,6%)
Crianças brincando	39 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	39 (40,6%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	2 (12,5%)	8 (40%)	9 (42,9%)	19 (19,8%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	1 (6,3%)	2 (10%)	2 (9,5%)	5 (5,2%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 74:** Mapa comportamental da Praça Nossa Senhora de Fátima pela manhã



Nota: os círculos aglomerados com contorno branco representam as árvores e os quadrados brancos as edificações do entorno da Praça.

Fonte: da autora (2017).

No mapa comportamental realizado na Praça à tarde (2017) se observa que o principal tipo de atividade realizada pelos idosos são as opcionais sentados (53,8% - 35 de 65), seguidas por opcional em movimento (13,8% - 9 de 65), ambas envolvendo interação social. Por outro lado, o tipo de atividade mais realizada no parque à tarde é a opcional em movimento enquanto interagem socialmente (49,6% - 177 de 357), principalmente pelas crianças (96,8% - 91 de 177), seguidas pelos adultos (36,4% - 48 de 177) (Tabela 48, Figuras 75 e 76).

**Tabela 48:** Atividades realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 357 (100%)
			Criança 94 (100%)	Adolescente 66 (100%)	Adulto 132 (100%)	Idoso 65 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
		Interagindo	91 (96,8%)	29 (43,9%)	48 (36,4%)	9 (13,8%)	177 (49,6%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	4 (6,1%)	19 (14,4%)	2 (3,1%)	25 (7%)
		Interagindo	1 (1,1%)	13 (19,7%)	10 (7,6%)	3 (4,6%)	27 (7,6%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,8%)	0 (0,0%)	1 (0,3%)
		Interagindo	0 (0,0%)	7 (10,6%)	18 (13,6%)	4 (6,2%)	29 (8,1%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	1 (1,5%)	4 (3%)	6 (9,2%)	11 (3,1%)
		Interagindo	1 (1,1%)	1 (1,5%)	6 (4,5%)	3 (4,6%)	11 (3,1%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (2,3%)	0 (0,0%)	3 (0,8%)
		Interagindo	1 (1,1%)	11 (16,7%)	19 (14,4%)	35 (53,8%)	66 (18,5%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (3%)	3 (4,6%)	7 (2%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A atividade física em grupo é a única atividade opcional em movimento realizada pelos idosos (100% - 9 de 9) durante à tarde na Praça Nossa Senhora de Fátima. Contudo, entre os usuários gerais dessa área de lazer a principal atividade é crianças brincando (51,4% - 91 de 177), seguida pelas físicas em grupo (14,7% - 26 de 177) (Tabela 49, Figuras 75 e 76).

**Tabela 49:** Tipos de atividades opcional em movimento realizadas na Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 177 (100%)
	Criança 91 (100%)	Adolescente 29 (100%)	Adulto 48 (100%)	Idoso 9 (100%)	
Crianças brincando	91 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	91 (51,4%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	17 (35,4%)	9 (100%)	26 (14,7%)
Caminhada/corrida	0 (0,0%)	6 (20,7%)	10 (20,8%)	0 (0,0%)	16 (9%)
Andando de bicicleta	0 (0,0%)	10 (34,5%)	6 (12,5%)	0 (0,0%)	16 (9%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	12 (41,4%)	2 (4,2%)	0 (0,0%)	14 (7,9%)
Levar crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	1 (3,4%)	13 (27,1%)	0 (0,0%)	14 (7,9%)

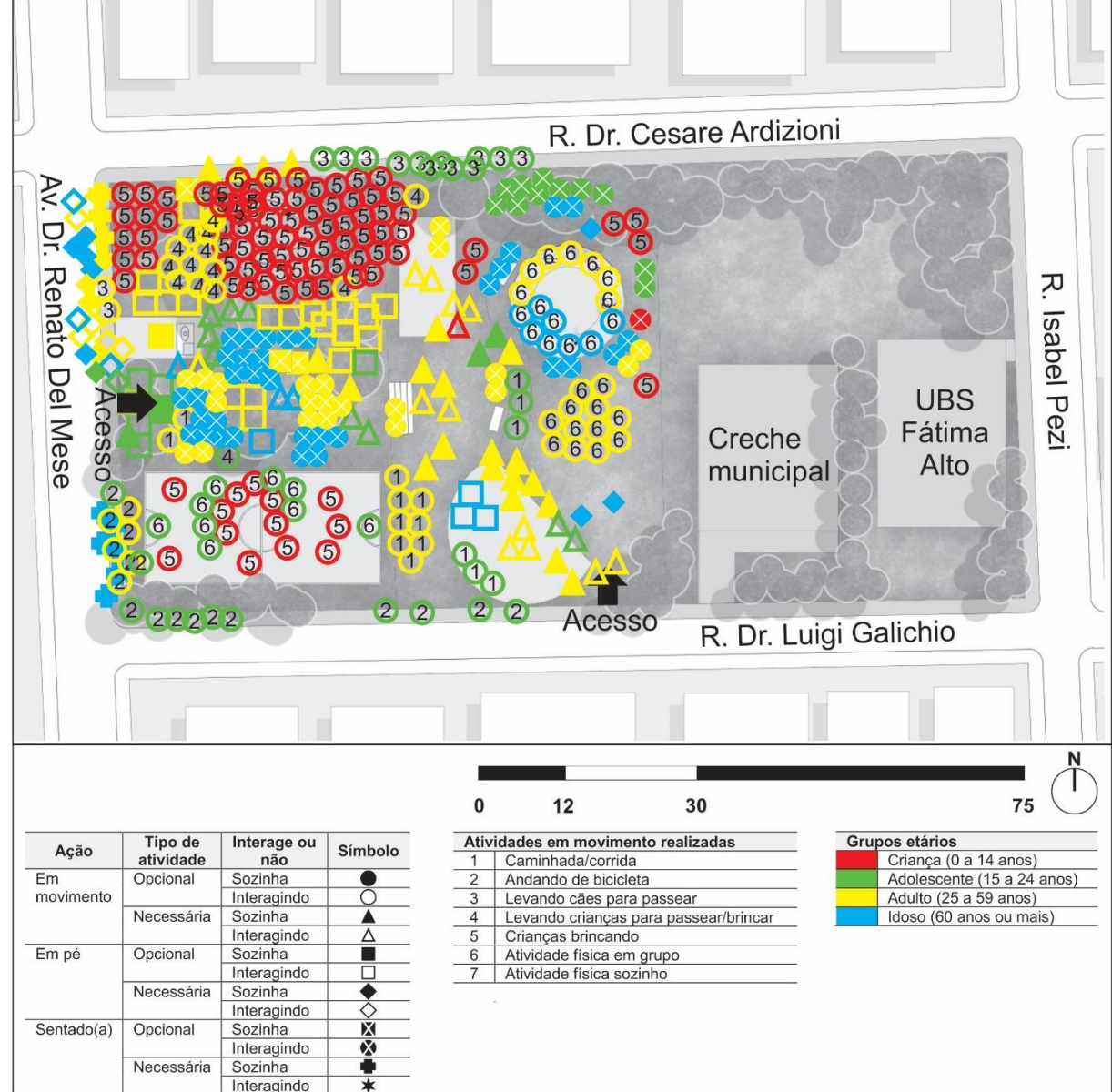
Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h.

Fonte: da autora (2017).

Ainda, é possível observar que assim como ocorre pela manhã, a maioria das atividades opcionais ocorrem na área mais arborizada da Praça, no encontro da Rua

Dr. Cesare Ardizioni com a Avenida Dr. Renato Del Mese. Entretanto, os idosos tinham preferência por permanecer sentados interagindo nos bancos acima da região arborizada na parte frontal da Praça (junto à Av. Dr. Renato Del Mese) ou realizando atividades físicas em grupo na academia ao ar livre.

**Figura 75:** Mapa comportamental da Praça Nossa Senhora de Fátima à tarde



Nota: os círculos aglomerados com contorno branco representam as árvores e os quadrados brancos as edificações do entorno da Praça.

**Fonte:** da autora (2017).

Adicionalmente, um motivo mencionado pelos idosos para que a Praça Nossa Senhora de Fátima (apesar de ser um local de lazer do bairro) seja menos utilizada que o Parque Oásis (localizado no bairro adjacente ao Fátima) é a sensação de



insegurança nas áreas de lazer do Nossa Senhora de Fátima (Figura 77) mencionada por 80% (8 de 10) dos idosos da faixa 1 e 50% (2 de 4) daqueles da faixa 2 que apontaram os motivos para que Parque Oásis fosse considerado agradável. Essa justificativa é exemplificada pelo seguinte depoimento: “a Praça Nossa Senhora de Fátima é ótima, mas tem que ficar controlando o horário para ir pois os drogados tomaram conta. Eu gostava de ficar até tarde olhando o movimento de pessoas, mas fazer o quê” (ID 127).

**Figura 76:** Usuários da Praça Nossa Senhora de Fátima



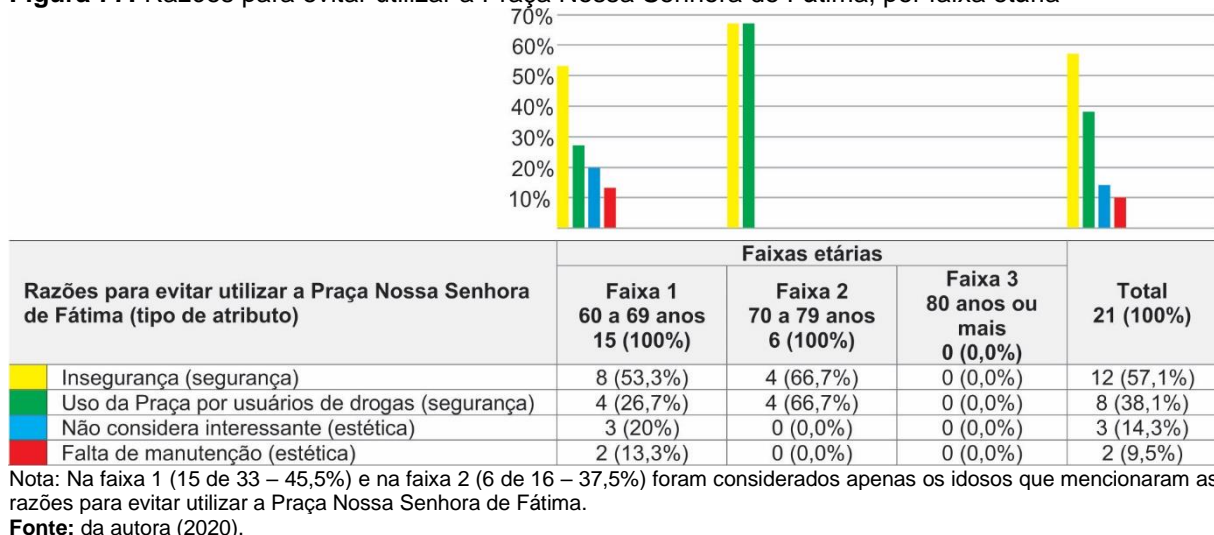
Fonte: da autora (2017).

Ao encontro desses motivos para preferir utilizar o Parque Oásis, em 21 (de 37 – 56,8%) entrevistas realizadas sobre a avaliação dos parques e praças do bairro e arredores, a maioria dos idosos da faixa 1 (71,4% - 15 de 21) e 28,6% (6 de 21) daqueles da faixa 2 mencionaram motivos para evitar utilizar a Praça Nossa Senhora de Fátima. A razão que se destaca para os idosos das faixas 1 (53,3% - 8 de 15) e 2 (66,7% - 4 de 6) é a insegurança em relação a crimes. A maioria dos idosos da faixa 2 (66,7% - 4 de 6) e 26,7% (4 de 15) daqueles da faixa 1 também mencionaram o uso da Praça por usuários de drogas. Por sua vez, 20% (3 de 15) dos idosos da faixa 1



não consideram a Praça Nossa Senhora de Fátima interessante, enquanto 13,3% (2 de 15) desses idosos mencionaram a falta de manutenção (Figura 77).

**Figura 77:** Razões para evitar utilizar a Praça Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária



Entretanto, durante a realização dos mapas comportamentais na Praça Nossa Senhora de Fátima (2017) não foi observado motivos que levassem a sensação de insegurança no local conforme apontado pelos idosos. Embora, em duas (de 21 – 9,5%) entrevistas, eles tenham mencionado de que a Praça se tornaria insegura no início da noite (a partir das 18h01) turno no qual os mapas não foram realizados.

Adicionalmente, apesar dos idosos não terem mencionado o cercamento da Praça Nossa Senhora de Fátima como uma razão para evitar utilizá-la existem evidências em estudos (por exemplo: SMITH, 1996; LING, 2015; REIS *et al.*, 2016) que o cercamento de áreas de lazer ampliaria a percepção de insegurança, bem como, a ocorrência de crimes. Portanto, o cercamento dessa Praça pode ser uma característica que amplia a percepção de insegurança e reduz o seu uso, embora fossem necessárias maiores pesquisas sobre essa questão.

Por outro lado, a Praça do Trem (Figura 78) é uma área de lazer utilizada tanto pelos idosos do Rio Branco como do São Pelegrino. A Praça, inaugurada em 12 de julho de 2015 foi criada para a preservação dos remanescentes dos trilhos da área do pátio de manobras da antiga Estação Férrea da cidade que se encontra nas proximidades da Praça. A Praça pertence oficialmente ao Medianeira, mas fica na divisa dos bairros Rio Branco e São Pelegrino, estando localizada ao lado do Shopping

São Pelegrino. Em razão dessa localização idosos de ambos os bairros acabam por considerá-la como parte de seu bairro.

**Figura 78:** Praça do Trem



A – Visual da R. Dr. Protásio Alves



B – Visual ao lado do Shopping São Pelegrino

**Nota:** a posição de onde as fotos foram tiradas está marcada nos mapas comportamentais como visuais A e B.

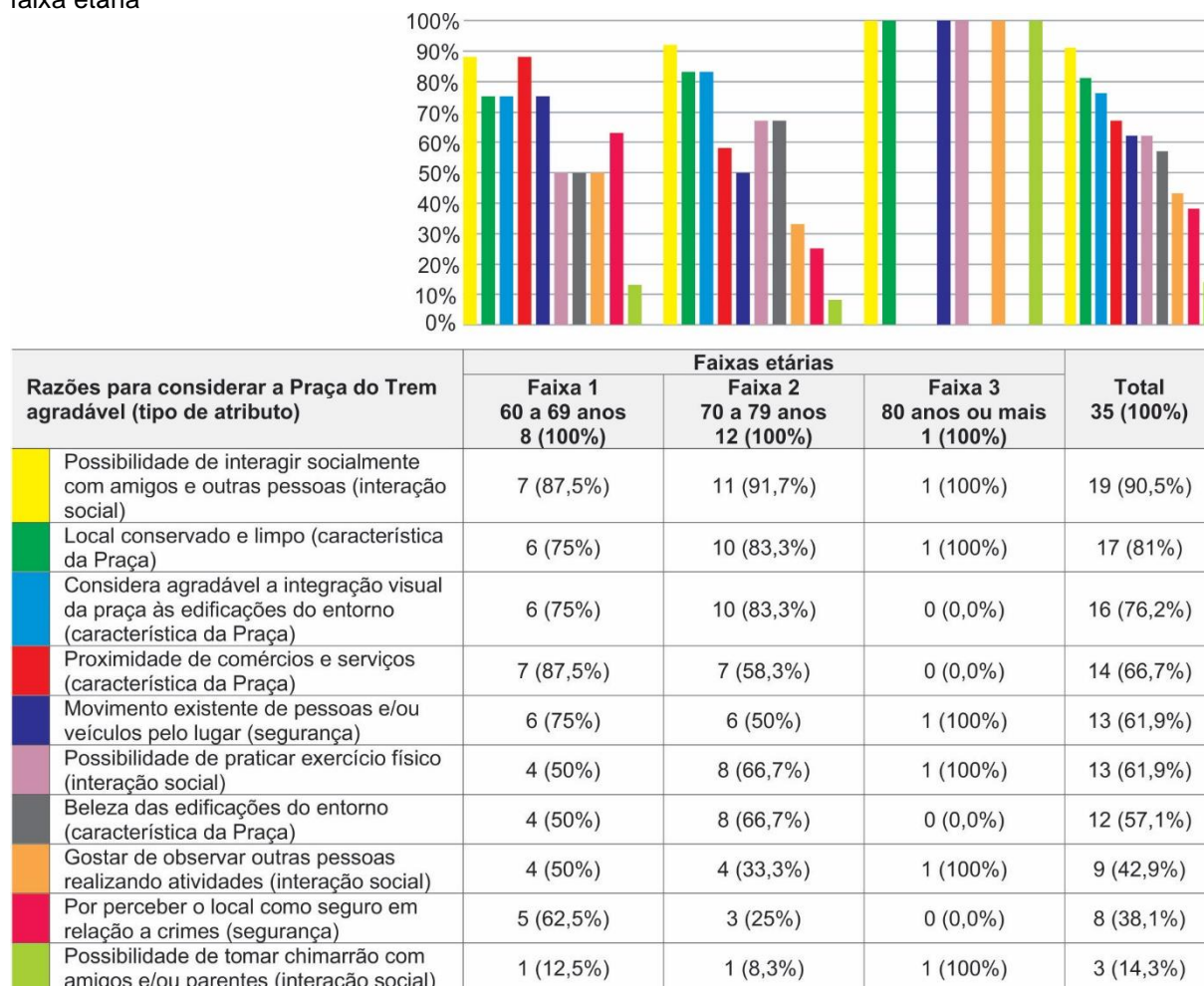
**Fonte:** da autora (2017).

Tanto que é considerada o segundo local mais agradável do Rio Branco por 47,1% (8 de 17) dos idosos da faixa 1, 46,2% (12 de 26) daqueles da faixa 2 e 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3. Ainda, no Rio Branco, a Praça é utilizada por volta da metade dos idosos das faixas 2 (53,8% - 14 de 26) e 1 (52,9% - 9 de 17), e, por 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3. Apesar dos idosos do Rio Branco não terem mencionado realizar essa atividade (Tabela 59) com uma quantidade expressiva de seus contatos sociais, entre os atributos para a Praça ser considerada agradável está a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (respondente da faixa 3; 91,7% - 11 de 12 da faixa 2; 87,5% - 7 de 8 da faixa 1). Tanto essa razão como a “possibilidade de praticar exercício físico” (respondente da faixa 3; 66,7% - 8 de 12 da faixa 2; 50% - 4 de 8 da faixa 1) são muito importantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável (Figura 79).

A razão “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” é importante para que os idosos da faixa 1 (50% - 4 de 8) e o idoso da faixa 3 considerem o local agradável, sendo pouco importante para os idosos da faixa 2 (33,3% - 4 de 12). Uma característica da Praça, o “local ser conservado e limpo” (respondente da faixa 3; 83,3% - 10 de 12 da faixa 2; 75% - 6 de 8 da faixa 1) é muito importante para que idosos das três faixas etárias considerem o local agradável. Enquanto, outra característica, considerar “agradável a integração visual da praça às edificações do

entorno” (83,3% - 10 de 12 da faixa 2; 75% - 6 de 8 da faixa 1) é importante para que os idosos das faixas 1 e 2 considerem o local agradável (Figura 79).

**Figura 79:** Razões para que os idosos do Rio Branco considerem a Praça do Trem agradável, por faixa etária



Fonte: da autora (2017).

Já características da Praça, tais como, a “beleza das edificações do entorno” (66,7% - 8 de 12 da faixa 2; 50% - 4 de 8 da faixa 1) e a “proximidade de comércios e serviços” (87,5% - 7 de 8 da faixa 1; 58,3% - 7 de 12 da faixa 2) são razões muito relevantes para que os idosos das faixas 1 e 2 considerem o local agradável. Enquanto um atributo ligado à segurança, o fato de haver “movimento de pessoas e ou veículos pelo lugar” é uma razão muito importante para que os idosos das faixas 1 (75% - 6 de 8) e 3 (100% - 1 de 1) considerem o local agradável, sendo relevante para aqueles da faixa 2 (50% - 6 de 12). No entanto, “perceber o local como seguro em relação a crimes” é uma razão muito importante para que os idosos da faixa 1 (62,5% - 5 de 8) considerem o local agradável, sendo uma razão pouco importante para os idosos da

faixa 2 (25% - 3 de 12). Ainda, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para os idosos do Rio Branco considerarem a Praça do Trem agradável e as faixas etárias.

Entre os idosos do São Pelegrino, a Praça é considerada também o segundo local mais agradável do bairro, sendo utilizada pela maioria dos idosos das faixas 3 (71,4% - 5 de 7) e 2 (69,7% - 23 de 26) e metade daqueles da faixa 1 (50% - 5 de 10). Dentre esses idosos que vão a Praça de dia, a maioria da faixa 3 (71,4% - 5 de 7), 45,5% (15 de 33) daqueles da faixa 2 e 20% (2 de 10) da faixa 1 realizam essa atividade com os amigos que moram próximos da residência. Igualmente, por volta da metade dos idosos da faixa 3 (57,1% - 4 de 7), 39,4% (13 de 33) daqueles da faixa 2 e 20% (2 de 10) da faixa 1 do São Pelegrino realizam essa atividade com os parentes que moram próximos de sua residência (Tabela 60).

Ainda, 42,9% (3 de 7) dos idosos da faixa 3 e 18,2% (6 de 33) daqueles da faixa 2 realizam a referida atividade com os parentes que moram distantes de sua residência. Enquanto essa atividade é realizada por uma quantidade pouco expressiva de idosos com: os amigos que moram distantes da residência (18,2% da faixa 2; 14,3% da faixa 3) e os conhecidos que moram próximos de sua residência (3% - 1 de 33 da faixa 2). Com a maioria desses idosos realizando essa atividade com seus contatos sociais mais de quatro vezes por mês (Tabela 60).

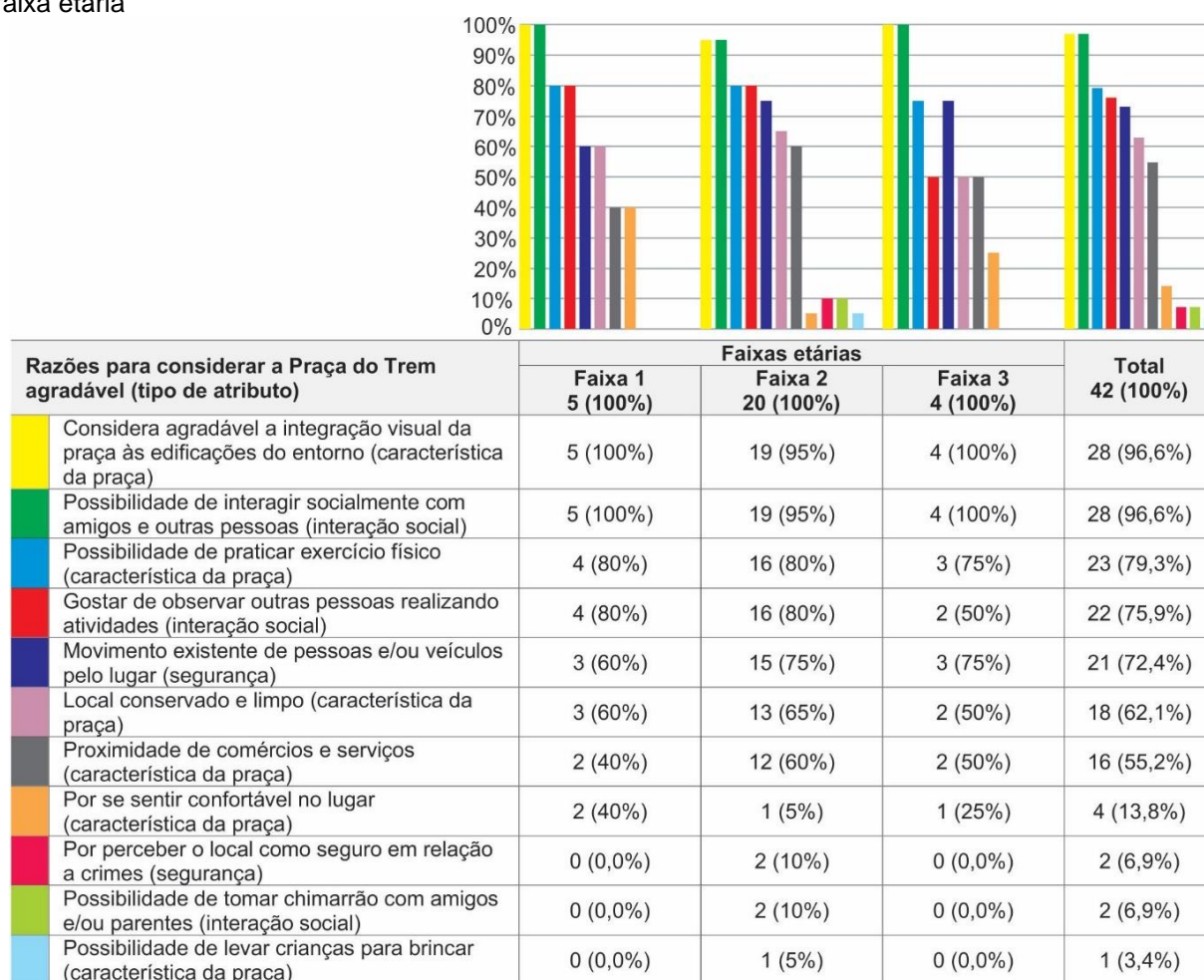
Dentre os motivos para considerar essa Praça agradável estão duas características da Praça e um atributo ligado à interação social, tais como, “considera agradável a integração visual da praça às edificações do entorno” (100% - 5 de 5 da faixa 1; 100% - 4 de 4 da faixa 3; 95% - 19 de 20 da faixa 2), a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (100% - 5 de 5 da faixa 1; 100% - 4 de 4 da faixa 3; 95% - 19 de 20 da faixa 2) e a “possibilidade de praticar exercício físico” (80% - 4 de 5 da faixa 1; 80% - 16 de 20 da faixa 2; 75% - 3 de 4 da faixa 3) (Figura 80).

Um atributo ligado à interação social, “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” (80% - 4 de 5 da faixa 1; 80% - 16 de 20 da faixa 2 e 50% - 2 de 4 da faixa 3) e outro ligado à segurança, o fato de haver “movimento de pessoas e veículos pelo lugar” (70,4% - 19 de 27 da faixa 2; 66,7% - 4 de 6 da faixa 3 e (55,6% - 5 de 9 da faixa 1) são razões relevantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o local agradável. Enquanto uma característica da Praça, a “proximidade



de comércios e serviços” é uma razão importante para os idosos da faixa 2 (48,1% - 13 de 27) considerarem o local agradável, sendo uma razão pouco importante para os idosos das faixas 1 (33,3% - 3 de 9) e 3 (33,3% - 2 de 6). Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para os idosos do São Pelegrino considerarem a Praça do Trem agradável e as três faixas etárias (Figura 80).

**Figura 80:** Razões para que os idosos do São Pelegrino considerem a Praça do Trem agradável, por faixa etária



Nota: A faixa 1 representa os idosos de 60 a 69 anos, a faixa 2 representa os idosos de 70 a 79 anos e a faixa 3 os idosos de 80 anos ou mais. No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2017).

Nas observações realizadas no turno da manhã verificou-se que os idosos (33,4% - 106 de 317) são o grupo etário que mais utiliza a Praça, seguido pelos adolescentes (31,2% - 99 de 317). O tipo de atividade mais realizada pelos idosos são as necessárias em movimento sozinhas (48,1% - 51 de 106), seguidas pelas opcionais em movimento interagindo (39,6% - 42 de 106). Por sua vez, entre os usuários em

geral da praça a atividade opcional em movimento interagindo é a mais realizada nesse local (62,8% - 199 de 317) (Tabela 50, Figuras 81 e 82).

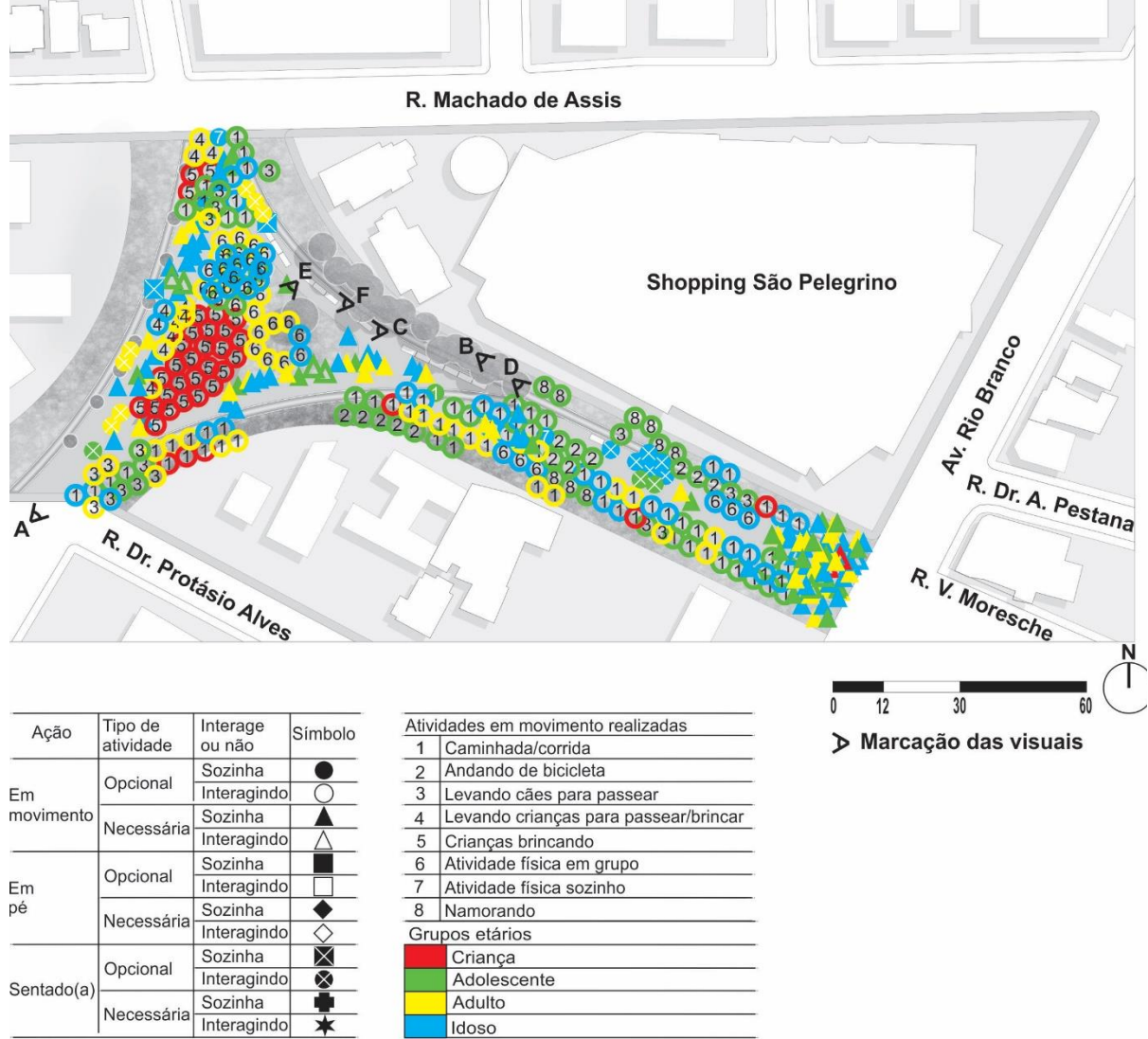
Tabela 50: Atividades realizadas na Praça do Trem pela manhã

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 317 (100%)
			Criança 38 (100%)	Adolescente 99 (100%)	Adulto 74 (100%)	Idoso 106 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	1 (1%)	0 (0,0%)	2 (1,9%)	3 (0,9%)
		Interagindo	36 (94,7%)	68 (68,7%)	53 (71,6%)	42 (39,6%)	199 (62,8%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	26 (26,3%)	14 (18,9%)	51 (48,1%)	91 (28,7%)
		Interagindo	2 (5,3%)	2 (2%)	2 (2,7%)	3 (2,8%)	9 (2,8%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (1,9%)	2 (0,6%)
		Interagindo	0 (0,0%)	2 (2%)	5 (6,8%)	6 (5,7%)	13 (4,1%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

Figura 81: Mapa comportamental da Praça do Trem pela manhã



Nota: a parte hachurada em cinza representa a Praça e os prismas em branco as edificações do entorno.

Fonte: da autora (2017).



A maioria das atividades necessárias dos idosos são derivadas do uso da Praça como passagem, cortando caminho até o Centro da cidade. Essa rota já era realizada pelos moradores da região antes da criação Praça, embora fosse considerado um “atalho” perigoso. As duas atividades opcionais em movimento mais realizada pelos idosos são a caminhada (45,5% - 20 de 44) e as atividades físicas em grupo (45,5% - 20 de 44). Nas observações (2017) verificou-se que os idosos tinham preferência por realizá-las no começo da manhã, com o sol mais fraco, deixando de utilizar a Praça por volta das 10h. Nos horários em que a incidência solar e o calor se tornam mais fortes o piso branco da Praça se torna reflexivo tornando-se cansativo aos olhos e as regiões sombreadas pelas edificações do entorno (principalmente a lateral do Shopping São Pelegrino) ou pela arborização de médio porte acabam sendo as únicas utilizadas já que as demais árvores presentes na Praça ainda não estão plenamente desenvolvidas (Tabela 51, Figuras 81 e 82).

**Tabela 51:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça do Trem pela manhã

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 202 (100%)
	Criança 36 (100%)	Adolescente 69 (100%)	Adulto 53 (100%)	Idoso 44 (100%)	
Caminhada	6 (16,7%)	32 (46,4%)	24 (45,3%)	20 (45,5%)	82 (40,6%)
Andando de bicicleta	0 (0,0%)	13 (18,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	13 (6,4%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	11 (15,9%)	6 (11,3%)	0 (0,0%)	17 (8,4%)
Levando crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (17%)	0 (0,0%)	9 (4,5%)
Crianças brincando	30 (83,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4,5%)	32 (15,8%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	5 (7,2%)	14 (26,4%)	20 (45,5%)	39 (19,3%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4,5%)	2 (1%)
Namorando	0 (0,0%)	8 (11,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (4%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 82:** Usuários da Praça do Trem



C – Visual junto aos bancos da Praça



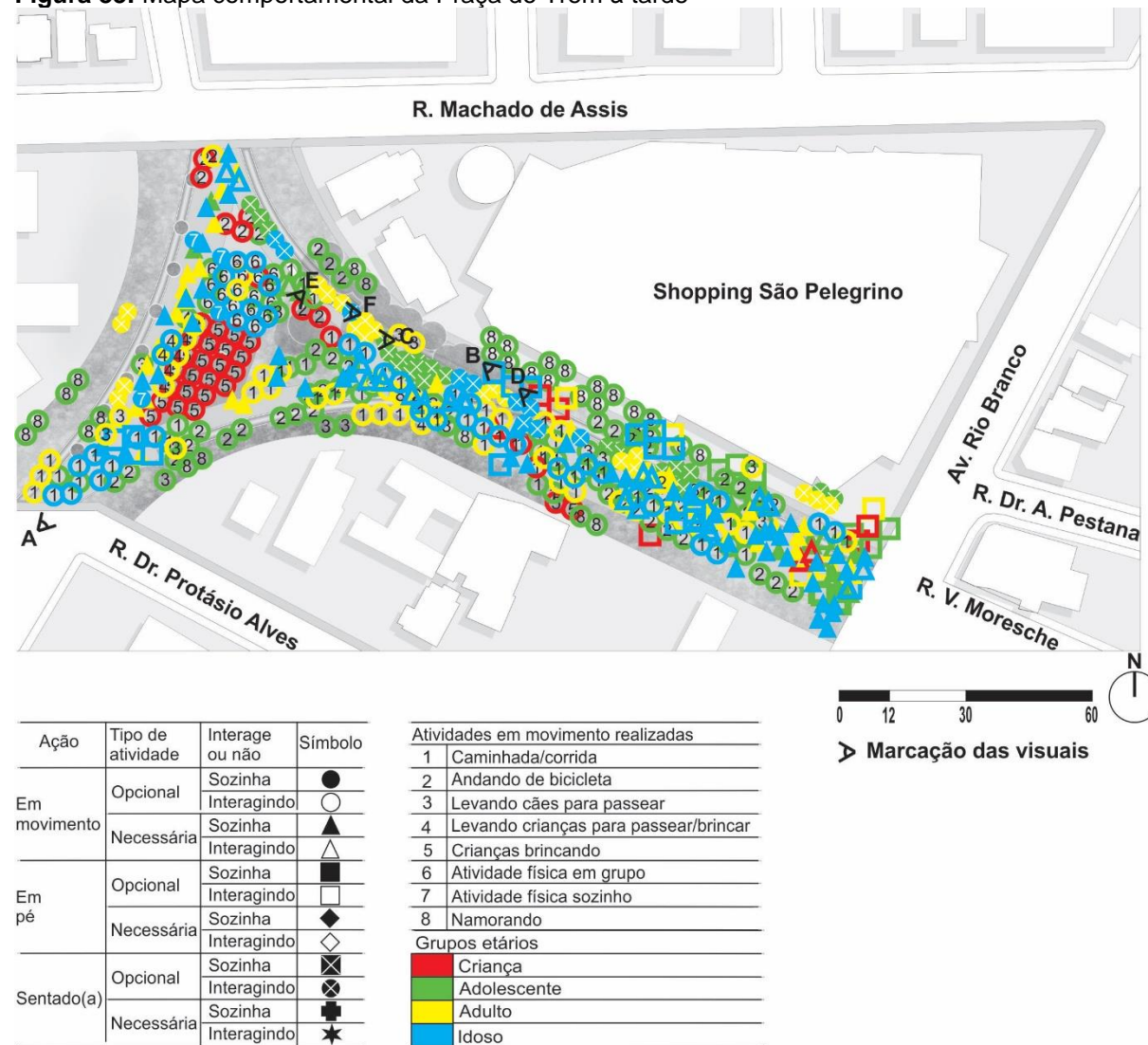
D – visual ao lado do Shopping São Pelegrino

Nota: a posição de onde as fotos foram tiradas está marcada nos mapas comportamentais como visuais A e B.

Fonte: da autora (2017).

No tocante ao mapa comportamental realizado na Praça do Trem à tarde (2017) observa-se que os idosos (30,7% - 140 de 456) são o segundo grupo etário que mais utiliza essa área, precedidos pelos adolescentes (36,8% - 168 de 456). Assim como ocorre pela manhã, o principal tipo de atividade realizada pelos idosos eram as necessárias em movimentos sozinhos (33,6% - 47 de 140), seguidas pelas opcionais em movimento interagindo (31,4% - 44 de 140). Enquanto, para os usuários em geral o principal tipo de atividade são as opcionais em movimento interagindo (53,5% - 244 de 456) (Tabela 52, Figuras 83 e 84).

**Figura 83:** Mapa comportamental da Praça do Trem à tarde



**Nota:** a parte hachurada em cinza representa a Praça e os prismas em branco as edificações do entorno.  
**Fonte:** da autora (2017).

**Tabela 52:** Atividades realizadas na Praça do Trem à tarde

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 456 (100%)
			Criança 46 (100%)	Adolescente 168 (100%)	Adulto 102 (100%)	Idoso 140 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1%)	4 (2,9%)	5 (1,1%)
		Interagindo	38 (82,6%)	112 (66,7%)	50 (49%)	44 (31,4%)	244 (53,5%)
	Necessária	Sozinha	0 (0,0%)	10 (6%)	23 (22,5%)	47 (33,6%)	80 (17,5%)
		Interagindo	3 (6,5%)	6 (3,6%)	2 (2%)	19 (13,6%)	30 (6,6%)
Em pé	Opcional	Interagindo	5 (10,9%)	16 (9,5%)	5 (4,9%)	16 (11,4%)	42 (9,2%)
	Opcional	Interagindo	0 (0,0%)	24 (14,3%)	21 (20,6%)	10 (7,1%)	55 (12,1%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A caminhada é a atividade opcional em movimento realizada pela maioria (66,7% - 32 de 48) dos idosos, sendo essa a mesma dos usuários em geral (34,5% - 86 de 249). O menor uso da área de equipamentos da academia ao ar livre se justifica pelas questões de incidência solar, uma vez que a presença de idosos durante o turno da tarde ocorre mais ao final da tarde (Tabela 53, Figuras 83 e 84).

**Tabela 53:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas na Praça do Trem à tarde

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 249 (100%)
	Criança 38 (100%)	Adolescente 112 (100%)	Adulto 51 (100%)	Idoso 48 (100%)	
Caminhada	3 (7,9%)	21 (18,8%)	30 (58,8%)	32 (66,7%)	86 (34,5%)
Andando de bicicleta	7 (18,4%)	42 (37,5%)	5 (9,8%)	0 (0,0%)	54 (21,7%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	11 (9,8%)	6 (11,8%)	0 (0,0%)	17 (6,8%)
Levando crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	1 (0,9%)	6 (11,8%)	2 (4,2%)	9 (3,6%)
Crianças brincando	27 (71,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	27 (10,8%)
Atividade física em grupo	1 (2,6%)	6 (5,4%)	2 (3,9%)	10 (20,8%)	19 (7,6%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (8,3%)	4 (1,6%)
Namorando	0 (0,0%)	31 (27,7%)	2 (3,9%)	0 (0,0%)	33 (13,3%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 84:** Praça do Trem – por outro ângulo**E –** Visual da academia ao ar livre**F –** visual dos bancos

Nota: a posição de onde as fotos foram tiradas está marcada nos mapas comportamentais como visuais A e B.

Fonte: da autora (2017).

Por sua vez, o Parque Cinquentenário é utilizado pela maioria dos idosos das faixas 3 (71,4% - 5 de 7) e 2 (69,7% - 23 de 33) e pela metade daqueles da faixa 1 (50% - 5 de 10) do São Pelegrino. Dentre esses idosos, a maioria da faixa 3 (71,4% - 5 de 7), 48,5% (16 de 33) da faixa 2 e 20% (2 de 10) daqueles da faixa 1 “vão ao Parque” com os amigos que moram próximos de sua residência. Por volta da metade (57,1% - 4 de 7) dos idosos da faixa 3, 36,4% (12 de 33) da faixa 2 e 20% (2 de 10) daqueles da faixa 1 também realizam essa atividade com os parentes que moram próximos de sua residência (Tabela 60).

Ainda, 42,9% (3 de 7) dos idosos da faixa 3 e 24,2% (8 de 33) daqueles da faixa 2 “vão ao Parque Cinquentenário” com os parentes que moram distantes de sua residência. Essa atividade é realizada com uma quantidade pouco expressiva dos contatos sociais em relação: aos amigos que moram distantes durante o dia (18,2% - 6 de 33 da faixa 2; 14,3% - 1 de 7 da faixa 3) e aos conhecidos que moram próximos de sua residência durante o dia (3% - 1 de 33 da faixa 2). Com a maioria desses idosos realizando essa atividade com seus contatos sociais mais de quatro vezes por mês (Tabela 60).

O Parque Cinquentenário, inaugurado na véspera de Natal de 1925 é um dos parques mais antigos da cidade, tratando-se de um parque cercado. Ele é localizado no Cinquentenário, e, é ligado por uma ponte e uma escadaria à outra área de lazer (Largo do Correio Rio Grandense), embora estejam separados fisicamente pelas suas topografias distintas. Contudo, essa segunda área de lazer não é utilizada pelos idosos, que se concentram apenas no Parque do Cinquentenário efetivamente. Em relação ao Parque, ele é formado por um conjunto de caminhos para caminhada e corrida, que circundam uma pequena elevação com brinquedos infantis e bancos. Ainda, nas bordas desses caminhos estão localizados: mais uma área de brinquedos infantis, duas áreas para ginástica, um banheiro público e uma cancha semifechada de bocha da Associação dos Amigos da Bocha. A única área não cercada do Parque é um posto da Brigada Militar, conforme Figura 85.

O Parque Cinquentenário é considerado um local agradável do São Pelegrino por volta da metade dos idosos das faixas 1 (50% - 5 de 10), 2 (48,5% - 16 de 33) e 3 (42,9% - 3 de 7). A principal razão para os idosos das três faixas etárias considerarem o Parque agradável é a “possibilidade interagir socialmente com amigos e outras pessoas” (100% da faixa 2 – 16 de 16; 100% - 3 de 3 da faixa 3; 80% - 4 de 5 da faixa



1). Uma característica do Parque, ser um “local conservado e limpo” é uma razão relevante para os idosos das faixas 2 (81,3% - 13 de 16), 1 (80% - 4 de 5) e 3 (66,7% - 2 de 3) considerarem o local agradável (Figura 86).

**Figura 85:** Parque Cinquentenário

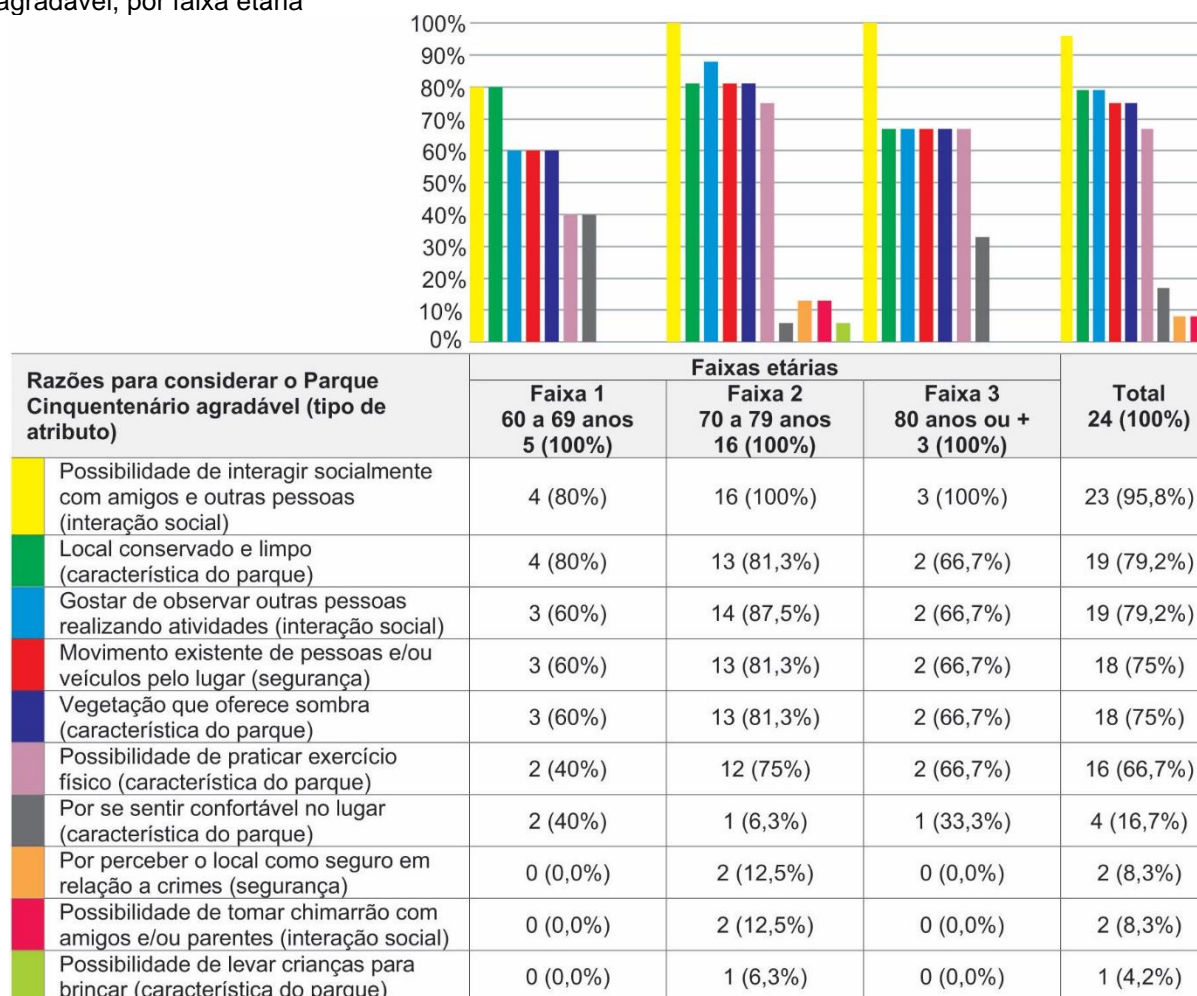


Fonte: da autora (2017).



Atributos ligados à interação social e à segurança e duas características do Parque: “gostar de observar outras pessoas realizando atividades” (87,5% - 14 de 16 da faixa 2; 66,7% - 2 de 3 da faixa 3; 60% - 3 de 5 da faixa 1), “movimento existente de pessoas e/ou veículos pelo lugar” (81,3% - 13 de 16 da faixa 2; 66,7% - 2 de 3 da faixa 3; 60% - 3 de 5 da faixa 1), “vegetação que oferece sombra” (81,3% - 13 de 16 da faixa 2; 66,7% - 2 de 3 da faixa 3; 60% - 3 de 5 da faixa 1) e a “possibilidade de praticar exercício físico” (75% - 12 de 16 da faixa 2; 66,7% - 2 de 3 da faixa 3; 40% - 2 de 5 da faixa 1) são razões importantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o Parque agradável. Enquanto “se sentir confortável no lugar” é relevante apenas para os idosos da faixa 1 (40% - 2 de 5) (Figura 86).

**Figura 86:** Razões para que os idosos do São Pelegrino considerem o Parque Cinquentenário agradável, por faixa etária



Nota: No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

Fonte: da autora (2017).

Contudo, essa percepção do Parque Cinquentenário como seguro está relacionada apenas ao uso diurno, no qual inclusive foi observada rondas da Guarda Municipal em horários aleatórios. O Parque é popularmente percebido como inseguro à noite, conforme corrobora reportagem. Assim, Angeli (2020) e relatos informais dos usuários do Parque durante observações de comportamento (2017) indicam que no Parque à noite ocorrerem assaltos, consumo e tráfico de drogas, prostituição e este serviria de abrigo para moradores de rua, com a escadaria que o liga ao Largo do Correio servindo como ponto de acúmulo de lixo.

No mapa comportamental realizado pela manhã (2017) observa-se que os idosos (29,2% - 92 de 312) são o segundo grupo etário que mais utiliza o Parque, precedidos pelos adolescentes (34% - 106 de 312). O tipo de atividade mais realizada pelos idosos no Parque Cinquentenário são as opcionais em movimento interagindo (71,7% - 66 de 92), sendo essa também a mais realizada pelos usuários em geral do Parque (74,7% - 233 de 312) (Tabela 54; Figuras 87 e 88).

**Tabela 54:** Atividades realizadas no Parque Cinquentenário pela manhã

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 312 (100%)
			Criança 37 (100%)	Adolescente 106 (100%)	Adulto 77 (100%)	Idoso 92 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	3 (2,8%)	11 (14,3%)	8 (8,7%)	22 (7,1%)
		Interagindo	37 (100%)	80 (75,5%)	50 (64,9%)	66 (71,7%)	233 (74,7%)
Em pé	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1,3%)	0 (0,0%)	1 (0,3%)
		Interagindo	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (3,3%)	3 (1%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,6%)	3 (3,3%)	5 (1,6%)
		Interagindo	0 (0,0%)	23 (21,7%)	13 (16,9%)	12 (13%)	48 (15,4%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

Fonte: da autora (2017).

A principal atividade opcional em movimento realizada pelos idosos é a caminhada (62,2% - 46 de 74), seguida pela física em grupo (31,1% - 23 de 74). Com a caminhada (65,1% - 116 de 255) sendo também a principal opcional em movimento realizada pelos usuários em geral do Parque. Nas observações ainda foi possível verificar que o idosos realizam esse exercício de caminhada, circulando diversas vezes pelos caminhos periféricos do Parque, enquanto preferem sentar-se na região entre as duas áreas infantis, ponto onde se consegue ter melhor visão do portão de acesso ao Parque, sendo possível controlar quem entra ou sai do local. Outros pontos onde se observa uma concentração maior de idosos é na academia ao ar livre e na cancha de bocha.

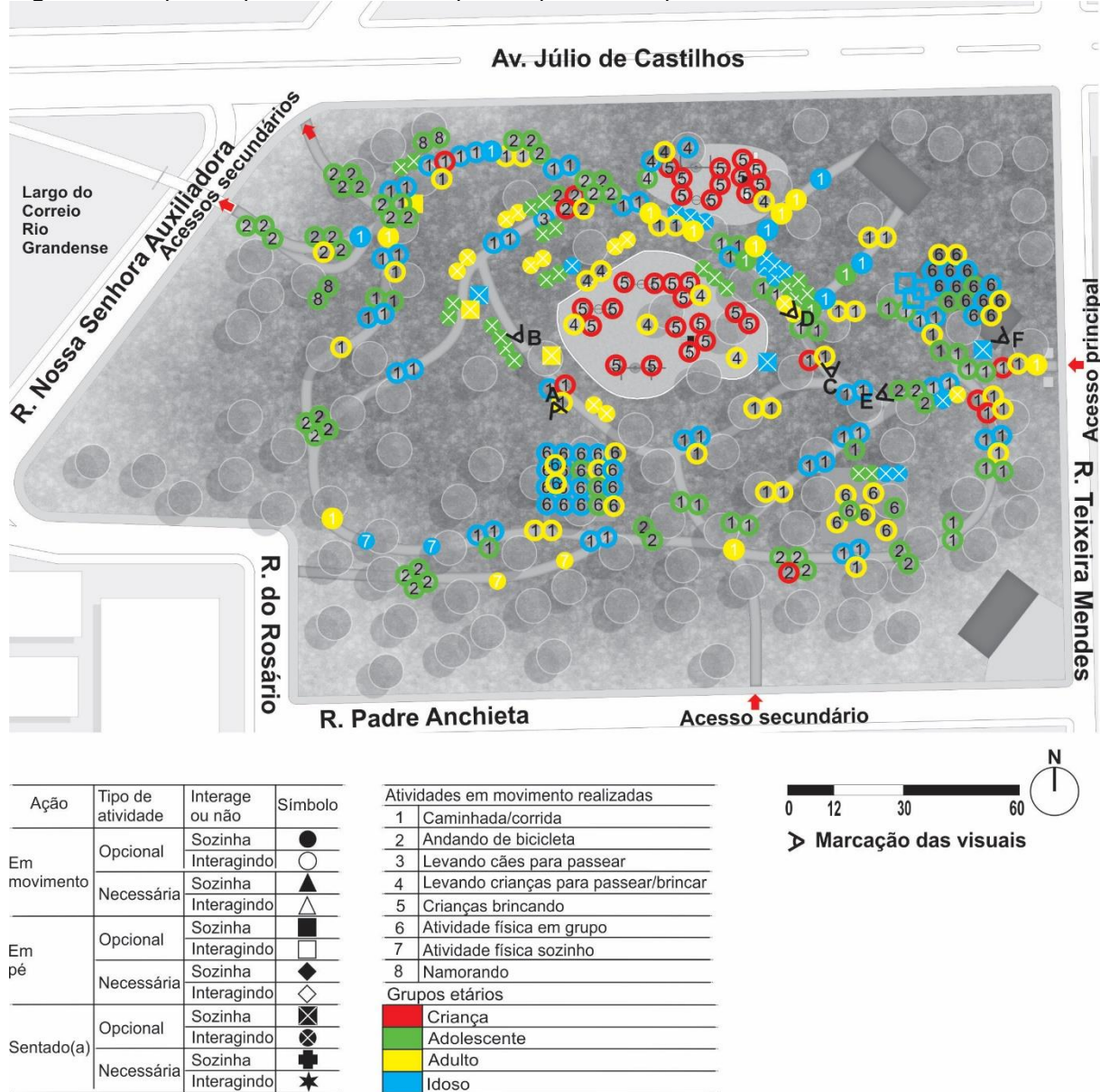
**Tabela 55:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Cinquentenário pela manhã

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 255 (100%)
	Criança 37 (100%)	Adolescente 83 (100%)	Adulto 61 (100%)	Idoso 74 (100%)	
Caminhada	6 (16,2%)	28 (33,7%)	36 (59%)	46 (62,2%)	116 (65,1%)
Andando de bicicleta	3 (8,1%)	42 (50,6%)	2 (3,3%)	0 (0,0%)	47 (18,4%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1,4%)	1 (0,4%)
Levando crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	1 (1,2%)	7 (11,5%)	2 (2,7%)	10 (3,9%)
Crianças brincando	28 (75,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	28 (11%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	8 (9,6%)	14 (23%)	23 (31,1%)	45 (17,6%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (3,3%)	2 (2,7%)	4 (1,6%)
Namorando	0 (0,0%)	4 (4,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	(1,6%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como manhã inicia às 06:01 até às 12h.

Fonte: da autora (2017).

**Figura 87:** Mapa comportamental do Parque Cinquentenário pela manhã



Nota: os círculos cinzas escuros representam as árvores existentes no Parque, os prismas cinzas escuros os equipamentos presentes no Parque enquanto os prismas em branco representam as edificações existentes no entorno.

Fonte: da autora (2017).



**Figura 88:** Usuários do Parque Cinquentenário



A – Academia ao ar livre



B – Idosos caminhando



C – Idoso caminhando

**Nota:** a posição de onde a foto foi tirada está marcada nos mapas comportamentais como visuais A, B e C.

**Fonte:** da autora (2017).

No mapa comportamental realizado à tarde (2017) observa-se que os idosos (26,9% - 132 de 490) são novamente o segundo grupo etário que mais utiliza o Parque, precedidos pelos adultos (28,8% - 141 de 490). O principal tipo de atividade dos idosos à tarde são as opcionais em movimento (57,6% - 76 de 132), seguidas pelas opcionais sentados (40,9% - 54 de 132), ambas com interação social. O tipo de atividade que se destaca entre os usuários em geral também são as opcionais interagindo em movimento (61,4% - 301 de 490) (Tabela 56; Figuras 89 e 90).

**Tabela 56:** Atividades realizadas no Parque Cinquentenário à tarde

Ação	Tipo de atividade	Interação ou não	Grupo etário				Total geral 490 (100%)
			Criança 96 (100%)	Adolescente 121 (100%)	Adulto 141 (100%)	Idoso 132 (100%)	
Em Movimento	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	16 (11,3%)	0 (0,0%)	16 (3,3%)
		Interagindo	96 (100%)	58 (47,9%)	71 (50,4%)	76 (57,6%)	301 (61,4%)
Sentado	Opcional	Sozinha	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (4,3%)	2 (1,5%)	8 (1,6%)
		Interagindo	0 (0,0%)	63 (52,1%)	48 (34%)	54 (40,9%)	165 (33,7%)

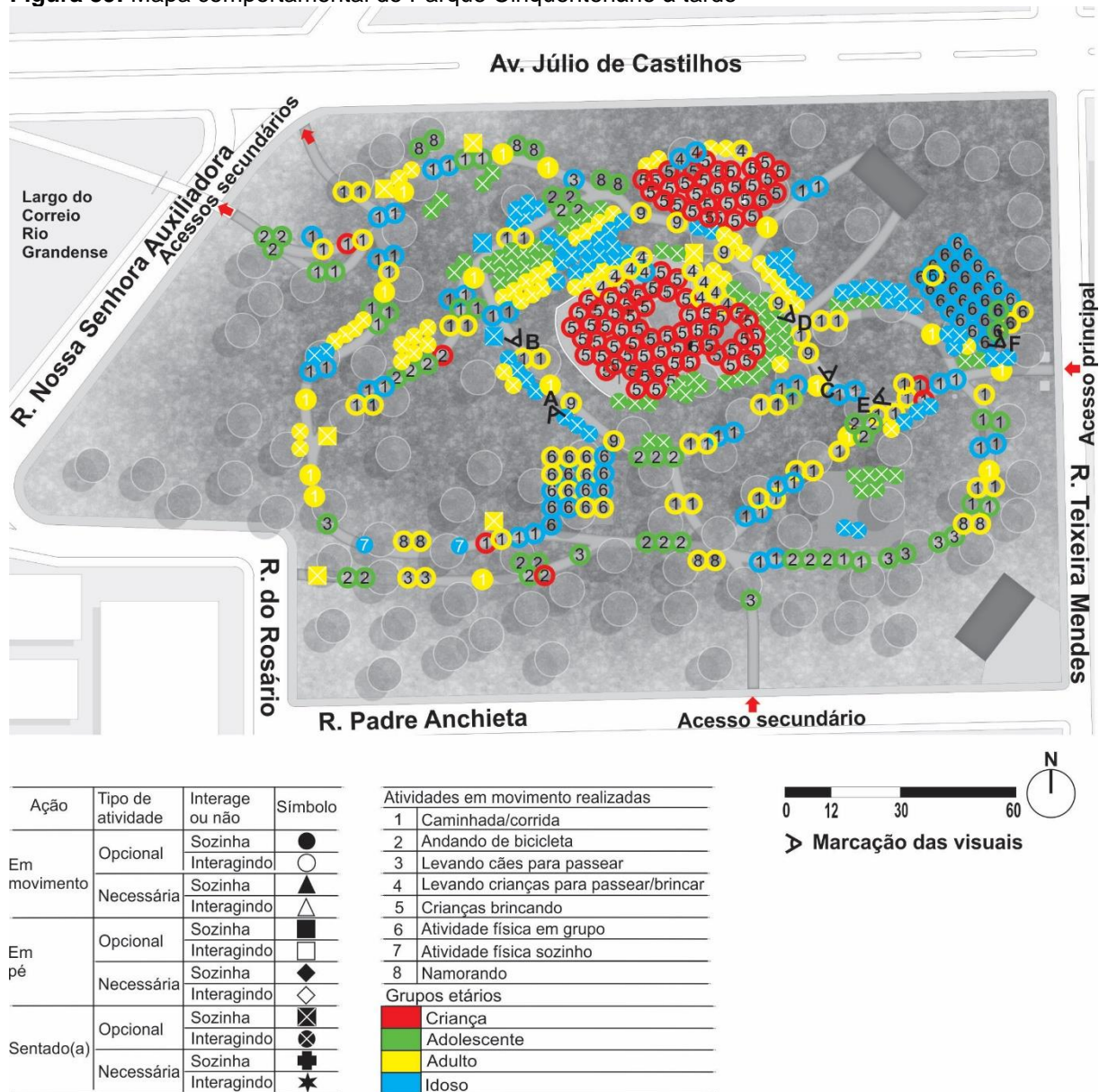
**Nota:** O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h. O mapa traz a compilação das observações realizadas durante o turno da manhã dos dias 02/12/2017 à 16/12/2017. Todos os dias apresentaram sol entre poucas nuvens, com exceção de três dias nos quais o tempo estava nublado parcialmente.

**Fonte:** da autora (2017).

As atividades opcionais em movimento realizadas pelos idosos no turno da tarde são a caminhada (46,1% - 35 de 76) e as físicas em grupo (46,1% - 35 de 76). A caminhada (33,4% - 106 de 317) também é a mais realizada pelos usuários em geral do Parque. Nas observações verificou-se que os idosos tinham preferência por se sentar nos bancos que circundam a região central do parque (mais elevada) observando o movimento das pessoas que circulam por esse local, inclusive esses bancos onde os idosos costumam sentar-se ficam situados ao longo da rota de ronda

da Guarda Municipal. Ainda, há uma concentração de idosos na academia ao livre que nesse parque é sombreada por árvores de grande porte, mantendo-se à tarde sem a incidência direta de luz solar (Tabela 57; Figuras 89 e 90).

**Figura 89:** Mapa comportamental do Parque Cinquentenário à tarde



Nota: os círculos cinza escuro representam as árvores existentes no Parque, os prismas cinzas escuros os equipamentos presentes no Parque enquanto os prismas em branco representam as edificações existentes no entorno.

Fonte: da autora (2017).

Ainda, há idosos na cancha de bocha, contudo, os únicos associados são homens. Segundo entrevistas com os 10 (de 10 – 100%) idosos que estavam presentes no momento eles realizam torneios em outras cidades ou bairros, com a bocha sendo o momento de interação entre amigos, conforme segue: “eu e a minha



mulher estamos casados há muito tempo, mas depois que me aposentei ela não gosta que eu fique incomodando em casa, então me manda para fora e eu venho aqui para jogar e dar risada com os meus amigos” (entrevista com idoso da faixa 2).

**Tabela 57:** Tipos de atividades opcionais em movimento realizadas no Parque Cinquentenário à tarde

Atividades em movimento	Grupo etário				Total geral 317 (100%)
	Criança 96 (100%)	Adolescente 58 (100%)	Adulto 87 (100%)	Idoso 76 (100%)	
Caminhada	4 (4,2%)	16 (27,6%)	51 (58,6%)	35 (46,1%)	106 (33,4%)
Andando de bicicleta	2 (2,1%)	27 (46,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	29 (9,1%)
Levando cães para passear	0 (0,0%)	7 (12,1%)	2 (2,3%)	1 (1,3%)	10 (3,2%)
Levando crianças para passear/brincar	0 (0,0%)	0 (0,0%)	10 (11,5%)	3 (3,9%)	13 (4,1%)
Crianças brincando	90 (93,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	90 (28,4%)
Atividade física em grupo	0 (0,0%)	2 (3,4%)	11 (12,6%)	35 (46,1%)	48 (15,1%)
Atividade física sozinho	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,6%)	2 (0,6%)
Namorando	0 (0,0%)	6 (10,3%)	6 (6,9%)	0 (0,0%)	12 (3,8%)
Venda de produtos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (8%)	0 (0,0%)	7 (2,2%)

Nota: O intervalo de tempo considerado como tarde inicia às 12:01 até às 18h..

Fonte: da autora (2017).

**Figura 90:** Usuários do Parque Cinquentenário



D – Ronda da Guarda Municipal



E – Usuários do Parque caminhando



F – Jogo de bocha

Nota: a posição de onde a foto foi tirada está marcada nos mapas comportamentais como visuais A, B e C.

Fonte: da autora (2017).

## 6.2.6 A atividade de ir ao centro da cidade

Por sua vez, a atividade de “ir ao centro da cidade” é mencionada apenas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima. Com a maioria desses idosos da faixa 2 (62,5% - 10 de 16), por volta da metade daqueles da faixa 1 (54,5% - 18 de 33) e o idoso da faixa 3, realizando durante o dia essa atividade com os parentes que moram próximos de sua residência.

**Tabela 58:** Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

Tipo de relação, proximidade e turno		Atividade realizada	Frequência da Faixa 1 (F1) 60 a 69 anos				Frequência da Faixa 2 (F2) 70 a 79 anos				Frequência da Faixa 3 (F3) 80 anos ou mais				Total 50 (100%)
			Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F1 33 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F2 16 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F3 1 (100%)	
Parentes	Próximos da residência (dia)	Recebe ou visita parentes	23 (85,2%)	3 (11,1%)	1 (3,7%)	27 (81,8%)	12 (75%)	3 (18,8%)	1 (6,3%)	16 (100%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	44 (88%)
		Vai ao centro da cidade	12 (66,7%)	4 (22,2%)	2 (11,1%)	18 (54,5%)	7 (70%)	3 (30%)	0 (0,0%)	10 (62,5%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	29 (58%)
		Vai ao Parque Oásis	10 (83,3%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	12 (36,4%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (18,8%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	16 (32%)
		Vai a Praça Nsa. Sra. de Fátima	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (12,5%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	4 (8%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou visita	6 (42,9%)	4 (28,6%)	4 (28,6%)	14 (42,4%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	4 (50%)	8 (50%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	22 (44%)
	Distantes da residência (dia)	Recebe ou visita	11 (84,6%)	2 (15,4%)	0 (0,0%)	13 (39,4%)	4 (50%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	8 (50%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	22 (44%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	0 (0,0%)	3 (50%)	3 (50%)	6 (18,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (12%)
Amigos	Próximos da residência (dia)	Tomar chimarrão e conversar no portão de casa	16 (59,3%)	9 (33,3%)	2 (7,4%)	27 (81,8%)	4 (33,3%)	8 (66,7%)	0 (0,0%)	12 (75%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	39 (78%)
		Recebe ou visita	9 (50%)	7 (38,9%)	2 (11,1%)	18 (54,5%)	4 (33,3%)	7 (58,8%)	1 (8,3%)	12 (75%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	31 (93,9%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou visita	1 (20%)	2 (40%)	2 (40%)	5 (15,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (12%)
	Distantes da residência (dia)	Recebe ou visita	4 (28,6%)	6 (42,9%)	4 (28,6%)	14 (42,4%)	1 (16,7%)	3 (50%)	2 (33,3%)	6 (37,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	20 (40%)
		Vai ao Parque Oásis	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	3 (30%)	2 (20%)	5 (50%)	10 (30,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (6,3%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	12 (24%)
Conhecidos	Próximos da residência (dia)	Tomar chimarrão e conversar no portão de casa	8 (57,1%)	3 (21,4%)	3 (21,4%)	14 (42,4%)	3 (33,3%)	4 (44,4%)	2 (22,2%)	9 (56,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	23 (46%)
	Distantes da residência (dia)	Recebe ou visita	0 (0,0%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (9,1%)	2 (50%)	1 (25%)	1 (25%)	4 (25%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (14%)

Fonte: da autora (2020).

**Tabela 59:** Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do Rio Branco, por faixa etária

Tipo de relação, proximidade e turno		Atividade realizada	Frequência da Faixa 1 (F1) 60 a 69 anos				Frequência da Faixa 2 (F2) 70 a 79 anos				Frequência da Faixa 3 (F3) 80 anos ou mais				Total 50 (100%)
			Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F1 17 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F2 26 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F3 7 (100%)	
Parentes	Próximos da residência (dia)	Recebe ou visita parentes	12 (80%)	2 (13,3%)	1 (6,7%)	15 (88,2%)	20 (95,2%)	1 (4,8%)	0 (0,0%)	21 (80,8%)	6 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (85,7%)	42 (84%)
		Vai a Igreja¹	1 (8,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (8%)
		Vai ao centro da cidade	2 (66,7%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)	3 (17,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (6%)
		Vai ao médico	1 (50%)	0 (0,0%)	1 (50%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
		Vai ao Shopping²	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
		Vai ao supermercado	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou visita	9 (69,2%)	3 (23,1%)	1 (7,7%)	13 (76,5%)	19 (73,1%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	20 (76,9%)	3 (60%)	0 (0,0%)	2 (40%)	5 (71,4%)	38 (76%)
	Distantes da residência (dia)	Recebe ou visita	0 (0,0%)	1 (20%)	4 (80%)	5 (29,4%)	4 (40%)	1 (10%)	5 (50%)	10 (38,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)	4 (57,1%)	19 (38%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	3 (42,9%)	1 (14,3%)	3 (42,9%)	7 (41,2%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	2 (66,7%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	10 (20%)
Amigos	Próximos da residência (dia)	Recebe ou vista	2 (22,2%)	4 (44,4%)	3 (33,3%)	9 (52,9%)	14 (73,7%)	4 (21,1%)	1 (5,3%)	19 (73,1%)	1 (16,7%)	2 (33,3%)	3 (50%)	6 (85,7%)	34 (68%)
		Conversa no portão	3 (20%)	8 (53,3%)	4 (26,7%)	15 (88,2%)	11 (78,6%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)	14 (53,8%)	1 (20%)	1 (20%)	3 (60%)	5 (71,4%)	34 (68%)
		Vai a Igreja¹	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (100%)	5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (19,2%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	9 (18%)
		Fazer exercícios na Praça do Trem	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (15,4%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	6 (12%)
		Vai ao Clube das Mães	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (10%)
		Vai ao centro da cidade	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (7,7%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	4 (8%)
		Joga cartas com amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (7,7%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	3 (6%)
		Vai ao Shopping²	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	2 (4%)
		Vai ao médico	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou vista	2 (20%)	4 (40%)	4 (40%)	10 (58,8%)	3 (37,5%)	2 (25%)	3 (37,5%)	8 (30,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	18 (36%)

Continua na próxima página

Continua na próxima página

Conhecidos	Distantes da residência (dia)	Conversa no portão	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	3 (75%)	1 (25%)	0 (0,0%)	4 (15,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (10%)
		Vai a Igreja <sup>1</sup>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)	4 (23,5%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (14%)
		Fazer exercícios na Praça do Trem	0 (0,0%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (17,6%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (8%)
		Recebe ou visita	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (6%)
		Vai ao Clube das Mães	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
		Conversa no portão	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
		Vai a Igreja <sup>1</sup>	0 (0,0%)	1 (50%)	1 (50%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
	Próximos da residência (dia)	Conversa no portão	0 (0,0%)	1 (25%)	3 (75%)	4 (23,5%)	3 (60%)	1 (20%)	1 (20%)	5 (19,2%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	10 (20%)
		Recebe ou visita	1 (25%)	1 (25%)	2 (50%)	4 (23,5%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (14%)
		Vai a Igreja	0 (0,0%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (17,6%)	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (10%)
		Fazer exercícios na Praça do Trem	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	1 (2%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou visita	1 (50%)	0 (0,0%)	1 (50%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (8%)
		Conversa no portão	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
	Distantes da residência (dia)	Vai ao Clube das Mães	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0,0%)	8 (30,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (18%)
		Vai a Igreja <sup>1</sup>	0 (0,0%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (17,6%)	3 (60%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (16%)
		Recebe ou visita	0 (0,0%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (17,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	6 (12%)
		Fazer exercícios na Praça do Trem	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	3 (6%)
		Bocha com os amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (11,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)
		Conversa no portão	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (4%)

**Nota:** no texto são mencionadas apenas as atividades realizadas por pelo menos 25% dos idosos em cada faixa etária. <sup>1</sup> Vai a Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição assistir à missa.

<sup>2</sup> fazer compras ou passear no Shopping São Pelegrino.

**Fonte:** da autora (2020).

**Tabela 60:** Frequência e atividades realizadas com os parentes, amigos e conhecidos pelos idosos do São Pelegrino, por faixa etária

Tipo de relação, proximidade e turno		Atividade realizada	Frequência da Faixa 1 (F1) 60 a 69 anos				Frequência da Faixa 2 (F2) 70 a 79 anos				Frequência da Faixa 3 (F3) 80 anos ou mais				Total 50 (100%)
			Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F1 10 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F2 33 (100%)	Mais de 4 vezes (mês)	De 1 a 4 vezes (mês)	Menos de 1 vez (mês)	Total F3 7 (100%)	
Parentes	Próximos da residência (dia)	Vai à missa na Igreja de São Pelegrino	5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (50%)	6 (75%)	1 (12,5%)	1 (12,5%)	8 (24,2%)	4 (66,7%)	0 (0,0%)	2 (33,3%)	6 (85,7%)	19 (38%)
		Vai a Praça do Trem	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (20%)	12 (92,3%)	1 (7,7%)	0 (0,0%)	13 (39,4%)	3 (75%)	0 (0,0%)	1 (25%)	4 (57,1%)	19 (38%)
		Vai ao Parque Cinquentenário	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (20%)	11 (91,7%)	1 (8,3%)	0 (0,0%)	12 (36,4%)	3 (75%)	0 (0,0%)	1 (25%)	4 (57,1%)	18 (36%)
		Vai ao Shopping São Pelegrino	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)	8 (80%)	1 (10%)	1 (10%)	10 (30,3%)	2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	4 (57,1%)	17 (34%)
		Vai ao Clube das mães	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (20%)	4 (80%)	0 (0,0%)	1 (20%)	5 (15,2%)	2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	4 (57,1%)	11 (22%)
		Vai ao cemitério	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (20%)	5 (83,3%)	1 (16,7%)	0 (0,0%)	6 (18,2%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)	10 (20%)
		Vai ao centro da cidade	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (20%)	5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (15,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (14%)
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou visita	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (30%)	6 (42,9%)	8 (57,1%)	0 (0,0%)	14 (42,4%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)	19 (38%)
		Vai ao Shopping São Pelegrino	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)	1 (33,3%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	5 (10%)
	Distantes da residência (dia)	Recebe ou visita	1 (25%)	2 (50%)	1 (25%)	4 (40%)	7 (63,6%)	4 (36,4%)	0 (0,0%)	11 (33,3%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	16 (32%)
		Vai à missa na Igreja de São Pelegrino	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (54,5%)	5 (45,5%)	0 (0,0%)	11 (33,3%)	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (42,9%)	14 (28%)
		Vai ao Parque Cinquentenário	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (50%)	4 (50%)	0 (0,0%)	8 (24,2%)	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (42,9%)	11 (22%)
		Vai a Praça do Trem	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (50%)	3 (50%)	0 (0,0%)	6 (18,2%)	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (42,9%)	9 (18%)
		Vai ao cemitério	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (16,7%)	5 (83,3%)	0 (0,0%)	6 (18,2%)	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (42,9%)	9 (18%)
		Vai ao centro da cidade	0 (0,0%)	1 (50%)	1 (50%)	2 (20%)	3 (75%)	1 (25%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (12%)
		Vai ao Shopping São Pelegrino	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	5 (10%)
		Vai ao Clube das mães	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	4 (8%)
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou visita	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	3 (30%)	1 (8,3%)	10 (83,3%)	1 (8,3%)	12 (36,4%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	16 (32%)
		Continua na próxima página													

Continua na próxima página



		Vai ao Shopping São Pelegrino	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	4 (100%)	0 (0,0%)	<b>4 (12,1%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>5 (10%)</b>
Amigos	Próximos da residência (dia)	Vai à missa na Igreja de São Pelegrino	3 (75%)	1 (25%)	0 (0,0%)	<b>4 (40%)</b>	12 (70,6%)	4 (23,5%)	1 (5,9%)	<b>17 (51,5%)</b>	3 (60%)	0 (0,0%)	2 (40%)	<b>5 (71,4%)</b>	<b>26 (52%)</b>
		Vai ao Parque Cinquentenário	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	14 (87,5%)	1 (6,2%)	1 (6,2%)	<b>16 (48,5%)</b>	4 (80%)	0 (0,0%)	1 (20%)	<b>5 (71,4%)</b>	<b>23 (46%)</b>
		Vai a Praça do Trem	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	13 (86,7%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	<b>15 (45,5%)</b>	4 (80%)	0 (0,0%)	1 (20%)	<b>5 (71,4%)</b>	<b>22 (44%)</b>
		Vai ao Shopping São Pelegrino	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	12 (85,7%)	1 (7,1%)	1 (7,1%)	<b>14 (42,4%)</b>	2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	<b>4 (57,1%)</b>	<b>21 (42%)</b>
		Vai ao cemitério	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	7 (63,6%)	3 (27,3%)	1 (9,1%)	<b>11 (33,3%)</b>	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (42,9%)</b>	<b>17 (34%)</b>
		Vai ao Clube das mães	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	5 (62,5%)	2 (25%)	1 (12,5%)	<b>8 (24,2%)</b>	2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	<b>4 (57,1%)</b>	<b>15 (30%)</b>
		Recebe ou vista	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	6 (85,7%)	1 (14,3%)	0 (0,0%)	<b>7 (21,2%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>10 (20%)</b>
		Vai ao centro da cidade	2 (66,7%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	3 (60%)	2 (40%)	0 (0,0%)	<b>5 (15,2%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>8 (16%)</b>
		Joga cartas com amigos	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>5 (15,2%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>8 (16%)</b>
		Bocha com os amigos	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>4 (12,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (12%)</b>
		Trabalho voluntário	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (6%)</b>
	Próximos da residência (noite)	Recebe ou vista	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	4 (66,7%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	<b>6 (18,2%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>8 (16%)</b>
		Vai ao Shopping São Pelegrino	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (8%)</b>
	Distantes da residência (dia)	Vai a Praça do Trem	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	5 (83,3%)	0 (0,0%)	1 (16,7%)	<b>6 (18,2%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>7 (14%)</b>
		Vai ao Parque Cinquentenário	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	5 (83,3%)	0 (0,0%)	1 (16,7%)	<b>6 (18,2%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>7 (14%)</b>
		Vai ao Shopping São Pelegrino	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>5 (10%)</b>
		Vai ao Clube das mães	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	2 (66,7%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)	<b>3 (9,1%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>5 (10%)</b>
		Joga cartas com amigos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>4 (12,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (10%)</b>
		Vai à missa na Igreja de São Pelegrino	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	<b>1 (3%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>4 (8%)</b>
		Recebe ou vista	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>3 (6%)</b>

Continua na próxima página

Conhecidos		Bocha com os amigos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>2 (6,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (6%)</b>
		Vai ao cemitério	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	<b>1 (3%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>2 (4%)</b>
		Trabalho voluntário	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>
	Distantes da residência (noite)	Recebe ou vista	<b>2 (66,7%)</b>	<b>1 (33,3%)</b>	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	3 (75%)	0 (0,0%)	1 (25%)	<b>4 (12,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (14%)</b>
		Vai ao Shopping	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (8%)</b>
	Próximos da residência (dia)	Vai ao Clube das mães	0 (0,0%)	3 (100%)	0 (0,0%)	<b>3 (30%)</b>	0 (0,0%)	<b>14 (100%)</b>	0 (0,0%)	<b>14 (42,4%)</b>	0 (0,0%)	6 (100%)	0 (0,0%)	<b>6 (85,7%)</b>	<b>23 (46%)</b>
		Joga cartas com amigos	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>4 (12,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (12%)</b>
		Bocha com os amigos	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>2 (20%)</b>	4 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>4 (12,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (12%)</b>
		Vai à missa na Igreja de São Pelegrino	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	<b>2 (66,7%)</b>	0 (0,0%)	<b>1 (33,3%)</b>	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (8%)</b>
		Trabalho voluntário	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	<b>2 (66,7%)</b>	<b>1 (33,3%)</b>	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (8%)</b>
		Vai ao Parque Cinquentenário <sup>2</sup>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (3%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>
		Vai a Praça do Trem <sup>2</sup>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (3%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>
	Distantes da residência (dia)	Vai ao Clube das Mães	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	0 (0,0%)	3 (100%)	0 (0,0%)	<b>3 (9,1%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	<b>1 (14,3%)</b>	<b>5 (10%)</b>
		Trabalho voluntário	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>
		Bocha com os amigos	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>1 (10%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>

**Nota:** no texto são mencionadas apenas as atividades realizadas por pelo menos 25% dos idosos em cada faixa etária.

**Fonte:** da autora (2020).

A maioria dos idosos das faixas 1 (66,7% - 12 de 18) e 2 (70% - 7 de 10) e o idoso da faixa 3, vão ao centro da cidade, durante o dia, com os parentes que moram próximos de sua residência com uma frequência de mais de quatro vezes ao mês. Ainda, 30% (3 de 10) dos idosos da faixa 2 realiza durante o dia essa atividade com os parentes que moram próximos de sua residência de uma a quatro vezes por mês (Tabela 58). Os percursos realizados durante essas compras no centro da cidade serão tratados no capítulo 7 acerca da mobilidade dos idosos.

### 6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 6

Os dados obtidos, baseados no objetivo de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social por parte de diferentes idosos, evidenciam a existência de níveis elevados de sociabilidade entre os idosos das três faixas etárias, dos três bairros (Tabela 32). Contudo, as concordâncias e discordâncias com os indicadores do nível de interação social e a participação ativa em grupos e/ou associações são mais elevados entre os idosos do São Pelegrino (condição socioeconômica alta) e mais fracos entre aqueles do Nossa Senhora de Fátima (condição socioeconômica baixa). Ainda, os indicadores (Tabela 32) são menos intensos entre os idosos da faixa 3 do Rio Branco, com uma menor participação em grupos e/ou associações de sua parte.

Portanto, apesar da existência de parentes e amigos entre os vizinhos dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros (com a vizinhança sendo considerada dentro de um raio máximo de 550m) que garantem que a notável maioria deles interajam socialmente em sua comunidade, essa interação social e a participação em grupos e/ou associações, é influenciada por características pessoais dos idosos e por aquelas físico-espaciais de cada bairro.

No Nossa Senhora de Fátima onde essas características (por exemplo: pior qualidade do calçamento; irregularidade topográfica; afastamento entre locais de atividades opcionais; risco de atropelamento, quedas e crimes; poucos mobiliários que permitam pausas e descanso; exposição excessiva ao sol pela ausência de vegetação urbana) são desafiadoras à mobilidade das três faixas etárias há uma redução da participação em grupos e/ou associações e das atividades opcionais que são realizadas nos espaços públicos.

As características físico-espaciais do Rio Branco (por exemplo: baixa qualidade do calçamento, irregularidade topográfica acentuada e distância entre locais de atividades opcionais) também influenciam na interação social e participação dos idosos em grupos e/ou associações. Contudo, nesse bairro as restrições à mobilidade causadas pelas características mencionadas acabam por serem mais desafiadoras aqueles com menor capacidade física (faixa 3) do que aos demais, justificando os seus menores indicadores do nível de interação social.

Ao encontro dessas informações verifica-se que nesses dois bairros, onde há além dos problemas mencionados para a caminhabilidade, um predomínio do uso residencial unifamiliar, com a maioria dos idosos habitando em edificações com tais características, as principais atividades realizadas com os contatos sociais são “receber ou visitar” e “conversar no portão”. Em ambos os bairros essas atividades são realizadas geralmente com uma frequência de mais de quatro vezes ao mês. Enquanto “receber ou visitar” é realizada pelos idosos do São Pelegrino com uma intensidade fraca, em cada faixa etária, com os parentes ou amigos que moram distantes ou próximos da residência, seja de dia ou à noite.

Portanto, diferente do que ocorre nos demais bairros, no São Pelegrino as características físico-espaciais (por exemplo: melhor qualidade do calçamento; menor declividade de ruas; maior densidade que permite a proximidade entre edificações, comércios e equipamentos; maior presença de mobiliários ou nichos de edificações que permitem pausas e descanso; maior presença de sombreamento provocado por edificações ou vegetação urbana; e a concentração de grupos e/ou associações em um único local) favorecem a realização de atividades opcionais pelos idosos com seus contatos sociais nos espaços públicos e sua participação em grupos e/ou associações, justificando seus índices mais elevados de sociabilidade. Dentre as atividades realizadas com os parentes, amigos ou conhecidos que não residem junto a esses idosos destacam-se a ida: à igreja, aos grupos e/ou associações, ao Shopping São Pelegrino e aos parques e praças. Com a frequência, independentemente da atividade ou contato social (parente ou amigo que mora próximo ou distante) sendo de mais de quatro vezes ao mês.

Entretanto, por mais que ocorra uma redução das atividades realizadas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima e do Rio Branco com os seus contatos sociais nos espaços públicos em relação àqueles do São Pelegrino, uma parcela que não

pode ser desprezada desses idosos ainda realizam algumas dessas atividades opcionais. No Rio Branco e São Pelegrino ir à igreja é uma atividade de interação social relevante para os idosos, associada diretamente a aspectos culturais dos moradores de ambos os locais. O que seria ainda confirmado pelo fato de uma das razões mencionadas nos questionários para considerar ambas as igrejas agradáveis ser a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas”.

Outra atividade mencionada apenas pelos idosos dos bairros mais centrais é “ir ao Shopping São Pelegrino”, embora uma quantidade expressiva de idosos do Nossa Senhora de Fátima mencionem “ir ao centro da cidade” (onde o shopping é localizado) com seus contatos sociais. Portanto, “ir ao shopping” tende a ser uma atividade de maior interesse aos idosos com melhor rendimento. Com as razões para o Shopping ser considerado agradável pelos idosos do Rio Branco e São Pelegrino sendo a possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas, em um espaço seguro, limpo, bem conservado e bonito.

Por outro lado, uma atividade realizada pela maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros é “ir aos parques e praças do bairro e arredores”. Apesar dos parques e praças analisados apresentarem distintas características físicas, o padrão de atividades e os turnos que os idosos tinham preferência por frequentar esses espaços são similares. Em todas as áreas de lazer verificou-se que os idosos eram o grupo etário que mais as utilizavam durante o turno da manhã.

A única exceção é o Parque Cinquentenário em que se observou uma quantidade similar de idosos tanto durante o turno da manhã como da tarde. Uma possível explicação para essa diferença nos horários de uso do parque está na maior quantidade de vegetação de médio e grande porte existente nesse local, característica que permite um maior sombreamento de toda a sua área. Inclusive, a “vegetação que oferece sombra” é uma das características mencionadas pelos idosos dos bairros Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino como relevantes para considerar o Parque Oásis, a Praça Nossa Senhora de Fátima e o Parque Cinquentenário como agradáveis. Inclusive, verificou-se que a maioria dos idosos que se encontravam sentados nessas três áreas de lazer, no mês de dezembro em torno das 10h até às 17h, estavam em áreas sombreadas pela vegetação.

Dentre as atividades realizadas nos parques e praças verifica-se que predominam as opcionais em movimento e as atividades sentadas, ambas envolvendo



interação social. Entre as atividades opcionais em movimento realizadas pelos idosos, destacam-se a caminhada ou corrida e as atividades físicas em grupo nas academias ao ar livre. Nas observações de comportamento verificou-se que os idosos não apenas utilizam essas “Academias da melhor idade” como tendem a se assegurar que não sejam utilizadas para outros fins. Essa situação foi verificada principalmente na Praça do Trem, na qual a área com brinquedos infantis foi instalada ao lado da academia ao ar livre (AMEI).

Especificamente no que se refere à Praça do Trem o seu uso pelos idosos, salvo no caso de atividades necessárias, ocorria principalmente nas primeiras horas da manhã ou no fim da tarde, enquanto nas demais não havia um horário específico. Uma possível explicação é a Praça ter uma caracterização de praça seca, com poucas áreas sombreadas pelas edificações do entorno (principalmente o Shopping São Pelegrino) ou árvores existentes. As áreas sombreadas eram disputadas pelos usuários da Praça durante o verão (período de realização das observações de comportamento) em razão do calor dificultar o uso de áreas sem sombreamento durante o intervalo das 10h até às 17h.

Ainda, em todos os parques e praças utilizados pelos idosos das diferentes faixas etárias, dos três bairros, verificou-se como características para que o local fosse considerado agradável o fato de serem locais que “permitem a socialização dos idosos com amigos ou outras pessoas”, a “conservação e limpeza dos locais” e a “percepção de segurança em relação a crimes”, essa última estando ligada nas áreas centrais principalmente ao “movimento de pessoas e/ou veículos pelo local”.

A segurança em relação a crimes é um fator determinante para que os idosos do Nossa Senhora de Fátima prefiram utilizar o Parque Oásis (no bairro adjacente) ao invés da Praça Nossa Senhora de Fátima (do bairro). Ainda, é um motivo para que o Parque Cinquentenário seja considerado inseguro, principalmente à noite. Ambos os locais são parques cercados, logo, foi observado que o cercamento das áreas de lazer provoca insegurança, conforme evidenciado pela maior preocupação com esse critério por parte dos idosos nessas áreas.

**Tabela 61:** Atividades realizadas pelos idosos com seus contatos sociais, por bairro e faixa etária

Tipo de relação, proximidade ou distâncias da residência e turno da atividade			Bairro Nossa Senhora de Fátima			Bairro Rio Branco			Bairro São Pelegrino			TOTAL 150 (100%)
			Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	
Parentes	Próximo (dia)	Recebe ou visita	81,8%	100%	100%	88,2%	80,8%	85,7%	-	-	-	57,3%
		Vai ao centro da cidade	54,5%	62,5%	100%	17,6%	-	-	20%	15,2%	-	26%
		Vai à Igreja	-	-	-	5,9%	11,5%	-	50%	24,2%	85,7%	15,3%
		Vai a Praça do Trem	-	-	-	-	-	-	20%	39,4%	57,1%	12,7%
		Vai ao Shopping	-	-	-	-	7,7%	-	30%	30,3%	57,1%	12,7%
		Vai ao Parque Cinquentenário	-	-	-	-	-	-	20%	36,4%	57,1%	12%
		Vai ao Clube das mães	-	-	-	-	-	-	20%	15,2%	57,1%	7,3%
	Próximo (noite)	Recebe ou visita	42,4%	50%	-	76,5%	76,9%	71,4%	30%	42,4%	28,6%	52,7%
	Distante (dia)	Recebe ou visita	39,4%	50%	100%	29,4%	38,5%	57,1%	40%	33,3%	14,3%	38%
		Vai a Igreja	-	-	-	-	-	-	-	33,3%	42,9%	9,3%
		Vai ao Parque Cinquentenário	-	-	-	-	-	-	-	24,2%	42,9%	7,3%
		Vai a Praça do Trem	-	-	-	-	-	-	-	18,2%	42,9%	6%
		Vai ao cemitério	-	-	-	-	-	-	-	18,2%	42,9%	6%
	Distante (noite)	Recebe ou visita	18,2%	-	-	41,2%	11,5%	-	30%	36,4%	14,3%	21,3%
Amigos	Próximo (dia)	Recebe ou visita	54,5%	75%	100%	52,9%	73,1%	85,7%	20%	21,2%	14,3%	50%
		Tomar chimarrão/ conversar no portão de casa	81,8%	75%	-	88,2%	53,8%	71,4%	-	-	-	48,7%
		Vai à Igreja	-	-	-	17,6%	19,2%	14,3%	40%	51,5%	71,4%	23,3%
		Vai a Praça do Trem	-	-	-	5,9%	15,4%	14,3%	20%	45,5%	71,4%	18,7%
		Vai ao Parque Cinquentenário	-	-	-	-	-	-	20%	48,5%	71,4%	15,3%
		Vai ao Shopping	-	-	-	5,9%	-	14,3%	30%	42,4%	57,1%	15,3%
		Vai ao Clube das mães	-	-	-	11,8%	11,5%	-	30%	24,2%	57,1%	13,3%
		Vai ao cemitério	-	-	-	-	-	-	30%	33,3%	42,9%	11,3%
	Próximo (noite)	Recebe ou visita	15,2%	6,3%	-	58,8%	30,8%	-	20%	18,2%	-	21,3%
	Distante (dia)	Recebe ou visita	42,4%	37,5%	-	5,9%	7,7%	-	20%	-	14,3%	17,3%
Conhec	Próximo (dia)	Tomar chimarrão/ conversar no portão de casa	42,4%	56,3%	-	23,5%	19,2%	14,3%	-	-	-	22%
		Vai ao Clube das mães	-	-	-	-	-	-	30%	42,4%	85,7%	15,3%

Nota: A tabela reúne as atividades mencionadas por pelo menos 40% dos idosos em cada faixa etária, em cada bairro com seus contatos sociais. Os números marcados em diferentes tons de cinza representam a classificação de acordo com o nível de importância de cada atividade realizada:  **muito forte**  (mencionadas por mais de 80% dos respondentes em cada faixa etária);  **forte**  (mencionada por mais de 60% até 80% dos respondentes em cada faixa etária);  **média**  (mencionada por mais de 40% até 60% dos respondentes em cada faixa etária);  **fraca**  (mencionada por mais de 20% até 40% dos respondentes em cada faixa etária);  **muito fraca**  (mencionada por menos de 20% dos respondentes em cada faixa etária).

**Fonte:** da autora (2020).

## **7 EFEITOS DAS CARACTERÍSTICAS DE TRÊS BAIRROS NA MOBILIDADE DOS IDOSOS**

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes ao objetivo geral de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) investigar a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação a crimes e acidentes; e (2) investigar a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas com cada meio de transporte.

### **7.1 A FREQUÊNCIA E AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS, AS ESCOLHAS DE ROTA E MEIOS DE TRANSPORTE, AS REFERÊNCIAS UTILIZADAS E A RELAÇÃO COM AS CARACTERÍSTICAS DOS BAIRROS ONDE MORAM**

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, entrevistas, mapas de percursos e levantamentos físicos referentes a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos bairros, notadamente: a densidade e diversidade de uso do solo; presença de equipamentos, mobiliários urbanos e área destinadas ao lazer e interação social; aspectos ligados à caminhabilidade e a segurança em relação a crimes e acidentes.

Assim, os dados revelam que se um bairro apresenta problemas de infraestrutura (por ex.: baixa qualidade das calçadas; topografia irregular; poucos mobiliários que permitam entre outras funções pausas para descanso; e arborização urbana que reduza à exposição ao sol) e os idosos (independente da faixa etária) além de apresentar restrições físicas/cognitivas, se sentem inseguros, seja em relação a crimes ou acidentes, menor é sua caminhabilidade.

Portanto, verificou-se apenas entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima (menor condição socioeconômica e maiores problemas de infraestrutura do bairro) o

uso do ônibus (66,7% - 22 de 33 da faixa 1; 81,3% - 13 de 16; 1 de 1) como meio de transporte mais mencionado para a realização de percursos.

Enquanto no São Pelegrino (melhor condição socioeconômica e infraestrutura do bairro) (80% - 8 de 10 da faixa 1; 93,9% - 31 de 33 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7) e Rio Branco (100% - 17 de 17 da faixa 1; 100% - 26 de 26 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) caminhar é o meio de transporte mais mencionado pelos idosos para realizar suas atividades necessárias e/ou opcionais. Contudo, enquanto no Rio Branco os idosos mencionam o ônibus (58,8% - 10 de 17 da faixa 1; 50% - 13 de 26 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) como segundo meio de transporte mais utilizado, no São Pelegrino utilizam veículos particulares, notadamente carona (60% - 6 de 10 da faixa 1; 60,6% - 10 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3)<sup>16</sup>.

**Tabela 62:** Meios de transporte utilizados pelos idosos, por bairro e faixa etária

Meios de transporte utilizados pelos idosos	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
A pé	20 (60,6%)	10 (62,5%)	1 (100%)	17 (100%)	26 (100%)	7 (100%)	8 (80%)	31 (93,9%)	5 (71,4%)
Ônibus	22 (66,7%)	13 (81,3%)	1 (100%)	10 (58,8%)	13 (50%)	5 (71,5%)	2 (20%)	10 (30,3%)	0 (0,0%)
Veículo particular (carona)	13 (39,4%)	8 (50%)	0 (0,0%)	5 (29,4%)	8 (30,8%)	5 (71,4%)	6 (60%)	20 (60,6%)	7 (100%)
Veículo particular (dirige)	17 (51,5%)	5 (31,2%)	0 (0,0%)	7 (41,2%)	13 (50%)	1 (14,3%)	4 (40%)	9 (27,3%)	0 (0,0%)

Fonte: da autora (2020).

Adicionalmente, acompanhando os resultados relativos às atividades realizadas com contatos sociais, verifica-se que os idosos do Nossa Senhora de Fátima que mencionaram poucas atividades em espaços públicos com esses contatos, realizam a maioria de suas atividades necessárias e/ou opcionais acompanhados do cônjuge ou filhos. No Rio Branco essas atividades já passam a ser realizadas também com amigos, enquanto no São Pelegrino há uma maior

<sup>16</sup> Não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre cada um dos meios de transporte utilizados pelos idosos para transitar pelo bairro ou em outras áreas da cidade e as faixas etárias em cada bairro. Igualmente, não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre quem são as pessoas que acompanham os idosos em suas rotas pelo bairro ou em outras áreas da cidade e as faixas etárias nos bairros Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino. Contudo, existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi= 52,626, Sig. = 0,000) entre quem são as pessoas que acompanham os idosos do Rio Branco em suas rotas pelo bairro ou em outras áreas da cidade e as três faixas etárias. Com esse resultado podendo ser influenciado pelo tamanho das amostras em cada faixa etária.

diversidade de contatos sociais (principalmente familiares) que acompanham os idosos em suas rotas pelo bairro ou em outras áreas da cidade.

**Tabela 63:** Quem acompanha os idosos em suas rotas pelos bairro ou em outras áreas da cidade, por bairro e faixa etária

Acompanhantes de rota	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Cônjuge	11 (33,3%)	5 (31,2%)	0 (0,0%)	8 (47,1%)	7 (26,9%)	0 (0,0%)	1 (10%)	9 (27,3%)	0 (0,0%)
Filhos	1 (3%)	5 (31,2%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	7 (100%)	3 (30%)	4 (12,1%)	3 (42,9%)
Sozinho	6 (18,2%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	3 (17,6%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	1 (10%)	1 (3%)	0 (0,0%)
Cônjuge/amigos	1 (3%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	6 (23,1%)	0 (0,0%)	3 (30%)	1 (3%)	0 (0,0%)
Cônjuge/filhos	7 (21,2%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (6,1%)	0 (0,0%)
Amigos/filhos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	1 (10%)	3 (9,1%)	2 (28,6%)
Filhos/netos	3 (9,1%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)
Cônjuge/netos	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (12,1%)	0 (0,0%)
Todas as opções	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (10%)	2 (6,1%)	2 (28,6%)
Amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)
Genitores	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)
Irmãos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Cônjuge/genitores	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Genitores/amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Genitores/irmãos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Irmãos/amigos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Netos	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Fonte: da autora (2020).

Apesar das diferenças nos meios de transporte utilizados e dos acompanhantes de rota, a estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros é o reconhecimento pelo nome das ruas (97% - 32 de 33 da faixa 1 e 93,8% - 15 de 16 da faixa 2 – Nossa Senhora de Fátima; 94,1% - 16 de 17 da faixa 1; 100% - 26 de 26 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3 – Rio Branco; 90% - 9 de 10 da faixa 1; 100% - 33 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3) (Tabela 64). Estratégia essa que é facilitada no centro da cidade pelo sistema criado nas placas urbanas, no qual o principal nome da rua é grifado em letras maiores facilitando a visualização (Figura 91).

**Tabela 64:** Estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas, por bairro e faixa etária

Estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Se orienta pelo nome das ruas	32 (97%)	15 (93,8%)	0 (0,0%)	16 (94,1%)	26 (100%)	5 (71,4%)	9 (90%)	33 (100%)	6 (85,7%)

Continua na próxima página



Segue a rota traçada pela pessoa que o acompanha	1 (3%)	1 (6,3%)	1 (100%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)	1 (10%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
--	--------	----------	----------	----------	----------	-----------	---------	----------	-----------

Fonte: da autora (2020).

**Figura 91:** Placas urbanas presentes na área central da cidade



Fonte: adaptado pela autora de Google maps (2020).

Ainda, a notável maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros procura se deslocar apenas por rotas que já conhecem (66,7% - 22 de 33 da faixa 1; 75% - 12 de 16 da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3 – Nossa Senhora de Fátima; 88,2% - 15 de 17 da faixa 1; 80,8% - 12 de 26 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3 – Rio Branco; 90% - 9 de 10 da faixa 1; 100% - 33 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3 – São Pelegrino). Entretanto, uma parcela que não pode ser desprezada mencionou utilizar rotas novas se necessário. Dentre esses idosos, verifica-se que àqueles das faixas 1 e 2 estão adaptados a novas tecnologias, conseguindo utilizar aplicativos de geolocalização (por exemplo: Waze e Google Maps) ou a *internet*, enquanto os idosos da faixa 3 (com maiores restrições físicas/cognitivas) são mais dependentes de amigos ou parentes que os acompanhem.

**Tabela 65:** Estratégia de orientação espacial por rotas novas, por bairro e faixa etária

Estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas	Nossa Senhora de Fátima			Rio Branco			São Pelegrino		
	Faixa 1 33 (100%)	Faixa 2 16 (100%)	Faixa 3 1 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 26 (100%)	Faixa 3 7 (100%)	Faixa 1 17 (100%)	Faixa 2 33 (100%)	Faixa 3 7 (100%)
Nunca transita por rotas desconhecidas	22 (66,7%)	12 (75%)	1 (100%)	15 (88,2%)	21 (80,8%)	6 (85,7%)	9 (90%)	33 (100%)	6 (85,7%)
Pede ajuda à amigos e/ou parentes para se deslocar por rotas desconhecidas	10 (30,3%)	3 (18,8%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	1 (3,8%)	1 (14,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)
Utiliza aplicativos para se deslocar por rotas desconhecidas	4 (12,1%)	1 (6,2%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Pesquisa na internet por rotas novas	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (11,8%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	1 (10%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

Fonte: da autora (2020).

### 7.1.1 A frequência de uso de uma farmácia, meios de transporte e as distâncias

Dentre as atividades necessárias realizadas pela notável maioria dos idosos das três faixas, dos três bairros está “ir a uma farmácia” (Nossa Senhora de Fátima: 81,8% - 27 de 33 da faixa 1; 75% - 12 de 16 da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3; Rio Branco: 82,4% - 14 de 17 da faixa 1; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3; São Pelegrino: 60% - 6 de 10 da faixa 1; 78,8% - 26 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3), sendo a faixa 2 (30,8% - 8 de 26) do Rio Branco a única com a minoria de idosos que realizam essa atividade.

Contudo, a caminhada predomina como meio de transporte entre os idosos das faixas 1 (64,3% - 9 de 14) e 3 (100% - 5 de 5) do Rio Branco e das faixas 2 (78,8% - 26 de 33) e 3 (57,1% - 4 de 7) do São Pelegrino. Com a frequência de uso de uma farmácia entre esses idosos não sendo superior a quinzenal. Ainda, os idosos da faixa 1 do Rio Branco caminham por distâncias entre 205m e 360m, enquanto aqueles da faixa 3 caminham entre 158m e 276m. Já os idosos da faixa 2 do São Pelegrino caminham por distâncias entre 187m e 620m, enquanto aqueles da faixa 3 caminham entre 335m e 440m (Tabela 66).

Já por volta da metade dos idosos das faixas 1 (40,7% - 11 de 27) e 2 (41,7% - 5 de 12) e o idoso da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima utilizam ônibus para ir até uma farmácia, enquanto a maioria dos idosos da faixa 2 (62,5% - 5 de 8) do Rio Branco e aqueles da faixa 1 (66,7% - 4 de 6) do São Pelegrino utilizam veículos particulares. Com a frequência de uso de uma farmácia pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima variando de quase diária a mensal, enquanto entre os idosos dos demais bairros essa frequência também não é superior a quinzenal. As distâncias percorridas de ônibus por esses idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima variam 292m a 1009m, entre aqueles da faixa 2 entre 308m e 796m, e, o idoso da faixa 3 percorre 483m. No Rio Branco os idosos da faixa 2 percorrem com veículo particular distâncias entre 585m e 900m. Enquanto os idosos da faixa 1 do São Pelegrino percorrem com veículo particular entre 711m e 1255m (Tabela 66).

Portanto, verifica-se que a caminhada é utilizada como meio de transporte pelos idosos dos bairros mais centrais, desde que a distância até a farmácia não ultrapasse aproximadamente 600m entre os idosos das faixas 1 e 2, e uns 400m entre aqueles da faixa 3. Entre os idosos que precisam geralmente percorrer distâncias

superiores a essas (mesmo aqueles com melhor capacidade motora – faixa 1) já há uma maior menção do uso de veículos particulares. Enquanto no Nossa Senhora de Fátima, independente da faixa etária, há um menção maior do uso do ônibus como meio de transporte para realizar essa atividade, mesmo que a farmácia esteja a distâncias que nos outros bairros são percorridas a pé pelos idosos. Portanto, as características físico-espaciais do Nossa Senhora de Fátima, que dificultam a caminhabilidade pelo bairro e a presença de uma única farmácia influenciam no meio de transporte utilizado pelos idosos para ir até esse estabelecimento (Tabela 66).

**Tabela 66:** Frequência de uso de uma farmácia, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a farmácia)	
Faixa 1 - utiliza a farmácia – 81,8% (27 de 33)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (50%) - 297m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 300m (4m e 256m)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (25%) -548m	1 (25%) - 418m	1 (25%) - 320m	1 (25%) - 302m (111m e 191m)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	2 (40%) - 740m e 740m	1 (20%) - 737m	2 (40%) - 687m (139m e 548m) e 796m (37m e 759m)	5 (100%)
Semanal	Até 300m	2 (100%) - 67m* e 67m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 467m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (66,7%) - 750m e 750m	1 (33,3%) - 723m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Quinzenal	Até 300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 292m (67m e 225m)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 383m	0 (0100% - 6 de 6,0%)	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 381m* (111m e 270m), 399m (255m e 144m)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 804m* (256m e 548m) e 810m (110m e 700m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 985m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 737m	1 (50%) - 759m (169m e 590m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1009m (232m e 777m)	1 (100%)
Total geral		7 (25,9%)	6 (22,2%)	3 (11,1%)	11 (40,7%)	27 (100%)
Faixa 2 – utiliza a farmácia – 75% (12 de 16)						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	2 (100%) – 413m e 413m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3) - 767m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 767m (26m e 741m) e 796m (37m e 759m)	3 (100%)
Semanal	Até 300m	0 (0,0%)	1 (100%) - 297m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	1 (50%) - 717m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 759m* (169m e 590m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 985m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)

Continua na próxima página

Mensal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 308m (50m e 258m) e 475m* (48m e 427m)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 724m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		3 (25%)	3 (25%)	1 (8,3%)	5 (41,7%)	12 (100%)
Faixa 3 – utiliza a farmácia – 100% (1 de 1)						
Semanal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 483m* (213m e 270m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a farmácia)	
Faixa 1 - utiliza uma farmácia – 82,4% (14 de 17)						
Quinzenal	Até 300m	4 (100%) - 205m, 214m, 247m e 268m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 320m, 320m* e 360m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 745m	1 (50%) - 805m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 1051m	1 (50%) – 1064m (57m, 951m e 56m)	2 (100%)
Mensal	Até 300m	2 (100%) - 205m e 280m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 838m (268m, 530m e 40m)	1 (100%)
Total geral		9 (64,3%)	1 (7,1%)	2 (14,3%)	2 (14,3%)	14 (100%)
Faixa 2 - utiliza uma farmácia –30,8% (8 de 26)						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 585m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 900m	2 (66,7%) - 637m e 900m	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 280m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 404m	1 (33,3%) - 585m*	0 (0,0%)	1 (33,4%) – 424m (108m, 248m e 68m)	3 (100%)
Total geral		2 (25%)	2 (25%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	8 (100%)
Faixa 3 - utiliza uma farmácia – 71,4% (5 de 7)						
Quinzenal	Até 300m	3 (100%) - 158m, 276m e 276m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 158m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Até 300m	1 (100%) -214m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a farmácia)	
Faixa 1 - utiliza uma farmácia – 81,8% (27 de 33)						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 320m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 711m e 860m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 965m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1255m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 530m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		2 (33,3%)	1 (16,7%)	3 (50%)	0 (0,0%)	6 (100%)

Continua na próxima página

<b>Faixa 2 - utiliza uma farmácia – 78,8% (26 de 33)</b>						
Quinzenal	Até 300m	6 (100%) - 187m, 213m, 224m, 244m, 258m e 300m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	12 (100%) - 324m, 349m, 400m, 405m, 425m, 425m, 430m, 455m, 455m, 465m, 507m e 576m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (14,3%) - 620m	2 (28,6%) - 668m e 773m	1 (57,1%) - 668m, 700m, 767m e 773m	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1255m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>19 (73,1%)</b>	<b>2 (7,7%)</b>	<b>5 (19,2%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>26 (100%)</b>
<b>Faixa 3 – utiliza uma farmácia – 100% (7 de 7)</b>						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	2 (66,7%) - 353m e 405m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 526m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 668m* e 805m	0 (0,0%)	2 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 335m* e 440m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>4 (57,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até a farmácia seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam os que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.2 A frequência de uso de um mercado/supermercado, meios de transporte e as distâncias

Outra atividade necessária realizada pela maioria dos idosos das três faixas, dos três bairros é “ir a um mercado/supermercado” (Nossa Senhora de Fátima: 57,6% - 19 de 33 da faixa 1; 75% - 12 de 16 da faixa 2; Rio Branco: 82,4% - 14 de 17 da faixa 1; 65,4% - 17 de 26 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3; São Pelegrino: 90% - 9 de 10 da faixa 1; 84,8% - 28 de 33 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3), salvo o idoso da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima que não realiza essa atividade (Tabela 67).

Entre os idosos que vão aos mercados no Nossa Senhora de Fátima, e nos mercados/supermercados no Rio Branco e São Pelegrino a caminhada é o meio de transporte mais apontado pela maioria ou por volta da metade dos idosos: das faixas 1 (42,1% - 8 de 33) e 2 (75% - 9 de 12) do Nossa Senhora de Fátima; das três faixas etárias do Rio Branco (64,3% - 9 de 14 da faixa 1; 47,1% - 8 de 17 da faixa 2; 100% - 6 de 6 da faixa 3); e das faixas 1 (66,7% - 6 de 9) e 3 (60% - 3 de 5) do São Pelegrino.



Com a frequência de uso desses mercados/supermercados entre esses idosos variando principalmente entre semanal ou quinzenal. Os idosos das faixas 1 e 2 do Nossa Senhora de Fátima caminham por distâncias entre 12m e 327m. No Rio Branco os idosos da faixa 1 caminham por distâncias entre 178m e 345m, aqueles da faixa 2 entre 35m e 448m e aqueles da faixa 3 entre 161m e 230m. Já os idosos da faixa 1 do São Pelegrino caminham distâncias entre 80m e 358m e aqueles da faixa 3 entre 230m e 284m (Tabela 67).

Já a maioria (67,8% - 19 de 28) daqueles da faixa 2 do São Pelegrino mencionam o uso de veículos particulares para ir até um dos mercados/supermercados do bairro. Com a sua frequência de uso sendo igualmente entre semanal e quinzenal. A distância percorrida com esse meio de transporte por esses idosos varia entre 404m e 1463m (Tabela 67). Essa é a mesma situação dos idosos do Nossa Senhora de Fátima para ir até o único supermercado do bairro. Assim, a maioria (73,7% - 14 de 19) dos idosos da faixa 1 se utilizam de veículos particulares, enquanto metade (50% - 6 de 12) da faixa 2 também se utiliza de veículos particulares, e a outra metade (50% - 6 de 12) do ônibus. Com a frequência de uso do supermercado também variando principalmente entre semanal e mensal. Já as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 1 até o supermercado variam entre 317m e 1247m, e entre aqueles da faixa 2 variam entre 740m e 1247m (Tabela 68).

Portanto, verifica-se que distâncias percorridas a pé pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros até esses estabelecimentos são aproximadamente de uns 300m, com o uso de veículos ocorrendo principalmente em distâncias superiores a essa percorrida a pé pelos idosos. O número expressivo desse tipo de estabelecimento existente nos bairros e suas localizações distribuídas por vários pontos são características que facilitam o acesso a pé dos idosos, desde que suas residências se mantenham a distância mencionada de 300m até um desses estabelecimentos. Contudo, o aumento na quantidade de idosos que se utilizam de meios de transporte motorizados para ir até um mercado/supermercado se justifica pelo peso das compras. Com a opção de caminhar entre os idosos do Rio Branco sendo também influenciada pelo serviço de entrega das compras em domicílio por estabelecimentos existentes nesse bairro.

**Tabela 67:** Frequência de uso de um mercado/supermercado, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o mercado/ supermercado)	
Faixa 1 - utiliza um mercado – 57,6% (19 de 33)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (20%) -55m	1 (20%) - 69m	3 (60%) - 55m, 226m e 295m	0 (0,0%)	5 (100%)
Semanal	Até 300m	3 (60%) - 58m, 58m e 207m*	2 (40%) - 91m e 189m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) -317m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	2 (33,3%) - 74m e 83m	1 (16,7%) - 217m*	3 (50%) - 70m*, 117m e 218m	0 (0,0%)	6 (100%)
Mensal	Até 300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 198m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de 1 vez por mês	Até 300m	1 (100%) - 12m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		8 (42,1%)	4 (21,1%)	6 (31,6%)	1 (5,3%)	19 (100%)
Faixa 2 - utiliza um mercado – 75% (12 de 16)						
Diária ou quase diária	Até 300m	2 (100%) - 168m e 168m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 327m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Até 300m	1 (100%) - 29m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 307m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	3 (60%) - 12m, 29m e 180m	1 (20%) - 217m*	0 (0,0%)	1 (20%) – 206m (72m e 108m e 26m)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) -327m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Até 300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 209m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		9 (75%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	12 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o mercado/ supermercado)	
Faixa 1 - utiliza um mercado/supermercado – 82,4% (14 de 17)						
Semanal	Até 300m	4 (100%) - 178m, 230m, 247m e 266m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 345m	1 (33,3%) - 430m	1 (33,4%) - 345m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 677m	2 (66,7%) - 756m e 756m	0 (0,0%)	3 (100%)
Quinzenal	Até 300m	3 (100%) - 200m, 247m* e 266m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 206m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		9 (64,3%)	2 (14,3%)	3 (21,4%)	0 (0,0%)	14 (100%)
Faixa 2 - utiliza um mercado/supermercado – 65,4% (17 de 26)						
Semanal	Até 300m	3 (100%) - 35m*, 35m* e 206m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (50%) - 343m, 343m e 448m	2 (33,3%) - 430m e 587m	1 (16,7%) - 568m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)		1 (100%) - 677m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (33,3%) - 1477m e 1477m	4 (66,7%) - 1477m, 1477, 1477m e 1477m	0 (0,0%)	6 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	2 (100%) - 434m e 434m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		8 (47,1%)	4 (23,5%)	6 (35,3%)	0 (0,0%)	17 (100%)

Continua na próxima página

Faixa 3 - utiliza um mercado/supermercado – 85,7% (6 de 7)						
Semanal	Até 300m	2 (100%) - 218m e 218m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Até 300m	2 (100%) - 161m e 161m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 218m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Até 300m	1 (100%) - 230m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		6 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o mercado/supermercado)	
Faixa 1 - utiliza um mercado/supermercado – 90% (9 de 10)						
Semanal	Até 300m	5 (100%) - 80m, 80m, 105m, 146m e 243m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 358m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 694m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1275m e 1453m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		6 (66,7%)	3 (33,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (100%)
Faixa 2 - utiliza um mercado/supermercado – 65,4% (17 de 26)						
Semanal	Até 300m	5 (100%) - 80m, 145m, 175m, 270m e 284m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (60%) - 407m, 548m e 572m	1 (20%) - 404m	1 (20%) - 521m*	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	3 (75%) - 633m, 652m e 864m,	1 (25%) - 877m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	4 (50%) - 910m, 960m, 980m e 1000m	4 (50%) - 959m, 960m, 980m e 1000m	0 (0,0%)	8 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 1230m* e 1463m	1 (33,3%) - 1463m	0 (0,0%)	3 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) -305m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 652m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1463m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		9 (32,1%)	10 (35,7%)	9 (32,1%)	0 (0,0%)	28 (100%)
Faixa 3 - utiliza um mercado/supermercado – 85,7% (6 de 7)						
Semanal	Até 300m	2 (100%) - 262m e 284m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 652m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 230m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 552m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		3 (60%)	0 (0,0%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus representam as distâncias da residência até a parada, a distância dentro do ônibus e da parada até um banco. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

**Tabela 68:** Frequência de uso do supermercado pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, meios de transporte e distâncias

Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a farmácia)	
Faixa 1 - utiliza o supermercado – 57,6% (19 de 33)						
Diária ou quase diária	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 622m	0 (0,0%)	2 (66,7%) – 635m (213m e 422m) e 826m (111m e 715m)	3 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1108m (37m e 1071m)	1 (100%)
Semanal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) -969m e 1169m	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 317m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 806m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (50%) -317m	1 (50%) - 596m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 788m* (12m e 776m)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 969m	2 (67,7%) - 749m e 804m*	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1247m*	0 (0,0%)	1 (100%) – 1373m (165m e 1208m)	2 (100%)
Menos de 1 vez por mês	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 778m	1 (50%) - 662m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1034m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	6 (31,6%)	8 (42,1%)	5 (26,3%)	19 (100%)
Faixa 2 - utiliza o supermercado – 75% (12 de 16)						
Diária ou quase diária	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1053m	1 (33,3%) - 1053m	1 (33,4%) – 1108m (37m e 1071m)	3 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 740m (15m e 725m) e 740m (15m e 725m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) 1200m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) – 902m (72m e 830m) e 902m (72m e 830m)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1247m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1159m* e 1200m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1416m (212m e 1204m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	3 (25%)	3 (25%)	6 (50%)	12 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até o supermercado seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.3 A frequência de uso de um banco, meios de transporte e as distâncias

Por sua vez, a atividade necessária de “ir a um banco” não foi mencionada pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima como realizada em seu bairro (que possui apenas um preposto bancário). Contudo, essa atividade é realizada por idosos desse bairro em outras áreas da cidade, especificamente, no centro da cidade (que

compreende uma parte dos bairros São Pelegrino e Centro). O centro da cidade é o local onde se concentram as rotas realizadas pelos idosos desse bairro em outras áreas da cidade. Em razão do centro geográfico da área conhecida como “Centro da cidade” (próximo ao Hospital Pompéia) estar localizada a aproximadamente 5km do centro geográfico do Nossa Senhora de Fátima (próximo a Igreja Nossa Senhora de Fátima), nenhum idoso vai até o Centro da cidade a pé.

Ainda, independentemente do meio de transporte utilizado, verifica-se que os idosos utilizam a mesma via (Rua Moreira César) para chegar do Nossa Senhora de Fátima ao Centro da cidade, e, a mesma via (Rua Visconde de Pelotas) para sair da região conhecida como “Centro da cidade” para voltar ao bairro (Figura 92). Ainda, conforme será visto na descrição de cada rota essa maior distância do Nossa Senhora de Fátima em relação ao centro da cidade tende a influenciar no uso e na realização de atividades, sejam opcionais ou necessárias, pelos idosos das três faixas etárias desse bairro.

**Figura 92:** Rota do Nossa Senhora de Fátima ao Centro da Cidade



Assim, a atividade de “ir a um banco” é realizada pela notável maioria dos idosos das três faixas etárias do Rio Branco (88,2% - 15 de 17 da faixa 1; 73,1% - 19 de 26 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) e São Pelegrino (90% - 9 de 10 da faixa

1; 100% - 33 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) em seus bairros e pelos idosos das três faixas do Nossa Senhora de Fátima (87,9% - 29 de 33 da faixa 1; 87,5% - 14 de 16 da faixa 2; 1 de 1 da faixa 3) no centro da cidade (Tabela 69).

Contudo, a caminhada predomina como meio de transporte entre os idosos da faixa 1 (53,3% - 8 de 15) e 3 (100% - 5 de 5) do Rio Branco, e aqueles da faixa 2 (75,8% - 25 de 33) do São Pelegrino. Com a frequência de uso desse tipo de estabelecimento não sendo superior a quinzenal. Ainda, os idosos da faixa 1 do Rio Branco caminham distâncias entre 155m e 489m, enquanto aqueles da faixa 3 entre 410 e 544m. Já os idosos da faixa 2 do São Pelegrino caminham entre 100m e 570m (Tabela 69). Dentre os idosos do Nossa Senhora de Fátima que utilizam o banco e caminham pelo menos parte do caminho, as distâncias percorridas a pé pelos idosos da faixa 1 variam entre 196m e 1054m, e entre aqueles da faixa 2 varia entre 196m e 529m (Tabela 69).

Já a maioria dos idosos da faixa 1 (65,5% - 19 de 29) do Nossa Senhora de Fátima utilizam veículos particulares para ir até o banco, enquanto por volta da metade daqueles da faixa 2 (8 de 14) e aquele da faixa 3 utilizam o ônibus. A notável maioria (89,5% - 17 de 19) dos idosos da faixa 2 do Rio Branco se utilizam de veículos particulares para ir ao banco. Por volta da metade (55,5% - 5 de 9) dos idosos da faixa 1 do São Pelegrino e a clara maioria (85,7% - 6 de 7) daqueles da faixa 3 também utilizam veículo particular. Com a frequência de uso do banco não sendo superior a quinzenal. Os idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima que utilizam veículos particulares percorres distâncias entre 6588m e 8748m, enquanto aqueles da faixa 2 percorrem entre 6825m e 8814m. No Rio Branco as distâncias percorridas por esses idosos da faixa 2 variam entre 729m e 1304m. Enquanto os idosos da faixa 1 percorrem com o veículo particular distâncias entre 498m e 680m, e aqueles da faixa 3 entre 550m e 846m (Tabela 69).

Portanto, verifica-se entre idosos do Rio Branco e São Pelegrino que a caminhada é um meio utilizado pelos idosos (até da faixa 3 do Rio Branco) para distâncias até o banco que não ultrapassem aproximadamente 600m. Com essa mesma distância aproximada sendo percorrida a pé pelos idosos da faixa 2 (que a princípio possuem maiores problema de mobilidade que aqueles da faixa 1) do Nossa Senhora de Fátima para ir a um banco no centro da cidade. Entre os idosos que precisam geralmente percorrer distâncias superiores a essas já há uma maior menção



de meios de transporte motorizados, notadamente de veículos particulares. Ainda, a equiparação das distâncias percorridas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima aquelas dos idosos dos demais bairros reforçam o argumento que as características físico-espaciais do seu bairro são uma barreira a caminhabilidade dos idosos, independente da faixa etária.

**Tabela 69:** Frequência de uso de um banco, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária  
Bairro Nossa Senhora de Fátima

Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular – dirige (até o estacionamento e a pé até o banco)	Veículo particular (carona)	Ônibus* (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um banco)	
Faixa 1 – utiliza um banco – 87,9% (29 de 33)						
Quinzenal	Mais de 6600m até 6900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 6717m (6393m e 324m)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 7042m e 7152m (6756m e 396m)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 7311m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 7800 até 8100m	0 (0,0%)	1 (100%) - 8018m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 8100 até 8400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 8223m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 8400m até 8700m	0 (0,0%)	1 (50%) - 8683m	1 (50%) - 8603m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	1 (50%) - 8867m (8377m e 490m)	1 (50%) - 8748m	0 (0,0%)	2 (100%)
Mensal	Mais de 6300 até 6600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 6588m	1 (50%) - 6489m* (82m, 5956m e 451m)	2 (100%)
	Mais de 6600m até 6900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%) - 6603m (4m, 6403m e 196m), 6617m (213m, 6208m e 196m), 6791m* (12m, 6583m e 196m) e 6884m (255m, 6275m e 354m)	4 (100%)
	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 7152m (396m e 6756m)	0 (0,0%)	1 (50%) - 7045m (111m, 6614m e 320m)	2 (100%)
	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 7286m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 7223m* (256m, 6771m e 196m) e 7279m (169m, 6581m, 529m)	3 (100%)
	Mais de 8100 até 8400m	0 (0,0%)	1 (50%) - 8123m	1 (50%) - 8123m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 8400m até 8700m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 8603m	2 (66,7%) 8500m e 8564m*	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 8748m	2 (66,7%) - 8767m (165m, 7606m e 996m) e 8814m (37m, 7723m e 1054m)	3 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	8 (27,6%)	11 (37,9%)	10 (34,5%)	29 (100%)

Continua na próxima página

Faixa 2 – utiliza um banco – 87,5% (14 de 16)						
Quinzenal	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 7042m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	1 (50%) - 7308m	1 (50%) - 7308m	0 (0,0%)	2 (100%)
Mensal	Mais de 6300 até 6600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 6825m* (48m, 6581m e 196m)	1 (100%)
	Mais de 6600m até 6900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 6731m (15m, 6520m e 196m) e 6731m (15m, 6520m e 196m)	2 (100%)
	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%) - 7228m (212m, 6820m e 196m), 7279m* (169m, 6581m e 529m), 7355m (72m, 6963m e 320m) e 7355m (72m, 6963m e 320m)	4 (100%)
	Mais de 7500 até 7800m	0 (0,0%)	1 (100%) - 7602m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 8400m até 8700m	0 (0,0%)	1 (50%) - 8658m*	1 (50%) - 8658m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 8814m (37m, 7723m e 1054m)	1 (100%)
	Total geral		0 (0,0%)	4 (28,6%)	2 (14,3%)	8 (57,1%)
Faixa 3 – utiliza um banco – 100% (1 de 1)						
Mensal	Mais de 5700 até 6000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6617m* (213m, 6208m e 196m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	4 (28,6%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Bairro Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular – dirige (até o estacionamento e a pé até o banco)	Veículo particular (carona)	Ônibus* (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um banco)	
Faixa 1 – utiliza um banco – 87,9% (29 de 33)						
Quinzenal	Até 300m	4 (100%) - 224m*, 224m, 276m e 286m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 467m e 555m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 729m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1022m, 1022m e 1025m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1383m	0 (0,0%)	1 (50%) – 1322m (57m, 951m e 314m)	2 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 286m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (50%) - 489m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 585 (48m, 537m e 0m)	2 (100%)
Total geral		8 (53,3%)	2 (13,3%)	3 (20%)	2 (13,3%)	15 (100%)
Faixa 2 - utiliza um banco – 73,1% (19 de 26)						
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 729m	1 (33,3%) - 782m*	1 (33,4%) - 727 (108m, 483m e 136m)	3 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	3 (42,9%) - 1092m, 1092m e 1092m	4 (57,1%) - 1092m, 1092m, 1092m e 1092m	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (25%) - 1288m	3 (75%) 1270m, 1304m e 1383m	0 (0,0%)	4 (100%)

Continua na próxima página

Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 489m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 782m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (100%) - 986m e 986m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1304m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (5,3%)	9 (47,4%)	8 (42,1%)	1 (5,3%)	19 (100%)
Faixa 3 – utiliza um banco – 71,4% (5 de 7)						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 410m, 544m e 544m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 410m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 465m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Bairro São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular – dirige (até o estacionamento e a pé até o banco)	Veículo particular (carona)	Ônibus* (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um banco)	
Faixa 1 – utiliza um banco – 90% (9 de 10)						
Quinzenal	Até 300m	3 (100%) – 54m, 254m e 254m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (50%) – 570m	0 (0,0%)	1 (50%) – 514m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 680m e 845m	1 (33,3%) - 624m	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) 498m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		4 (44,4%)	2 (22,2%)	3 (33,3%)	0 (0,0%)	9 (100%)
Faixa 2 - utiliza um banco – 100% (33 de 33)						
Quinzenal	Até 300m	6 (100%) - 100m, 100m, 230m, 270m, 270m e 277m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	19 (90,5%) 320m, 328m, 332m, 355m, 360m, 375m, 388m, 390m, 400m, 413m, 425m, 475m, 520m, 520m, 540m, 540m, 540m, 540m, 570m	0 (0,0%)	2 (9,5%) - 518m* e 530m	0 (0,0%)	21 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 650m	1 (50%) - 650m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (50%) - 1055m e 1090m*	2 (50%) - 965m e 1055m	0 (0,0%)	4 (100%)
Total geral		25 (75,8%)	3 (9,1%)	5 (15,2%)	0 (0,0%)	33 (100%)
Faixa 3 – utiliza um banco – 100% (7 de 7)						
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 270m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 550m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 650m*, 730m e 846m	0 (0,0%)	3 (100%)

Continua na próxima página

Mensal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 550m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 687m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (14,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (85,7%)</b>	0 (0,0%)	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** Para os idosos do Nossa Senhora de Fátima as medidas entre parênteses indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus, a distância dentro do ônibus e aquela percorrida da parada até um banco seguindo a rota do transporte público, também representam a distância até o estacionamento e do estacionamento a pé até um banco, seguindo a rota de escolha do idoso. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

#### 7.1.4 A frequência de compras no centro da cidade, meios de transporte e as distâncias

A atividade de “ir realizar compras no centro da cidade” é realizada pela expressiva maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros (Nossa Senhora de Fátima: 78,8% - 26 de 33 da faixa 1; 68,8% - 11 de 16 da faixa 2; 100% - 1 de 1 da faixa 3; Rio Branco: 100% - 17 de 17 da faixa 1; 96,2% - 25 de 26 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3; São Pelegrino: 100% - 10 de 10 da faixa 1; 90,9% - 30 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3). Contudo, em nenhuma faixa etária ou bairro a caminhada é o meio de deslocamento mais utilizado pelos idosos para realizar compras no centro (Tabela 70).

Independentemente da faixa etária a frequência de compras no centro entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima é mensal, com essa frequência sendo justificada pela distância do bairro em relação ao centro da cidade. Ainda, a parte do meio de transporte utilizado pelos idosos, 42,3% (11 de 26) dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima realiza parte de seus trajetos de compra a pé, percorrendo distâncias que variam, entre 403 e 3080m, com a maioria (63,6% - 7 de 11) desses idosos tendo capacidade de caminhar distâncias que variam entre mais de 2000 até uns 3300m. Dentre os idosos da faixa 2 que utilizam o ônibus, as distâncias percorridas a pé no centro também variam de 812 a 3660m, contudo a maioria (66,7% - 4 de 6) percorre entre 812 e 1614m. O idoso da faixa 3 que vai de ônibus para realizar compras no centro percorre uma distância total de 6427m, tendo mencionado caminhar 629m (Tabela 70).

No Rio Branco, as frequências de compras no centro da cidade já passam a ser predominantemente quinzenais ou superiores. Ainda, dentre os idosos da faixa 1 que realizam compras no centro, 35,3% (6 de 17) caminham parte do percurso por

distâncias que variam entre 595 e 1758m, com a maioria (71,4% - 5 de 7) caminhando distâncias entre 1391 e 1758m. Entre os idosos da faixa 2, 40% (10 de 25) caminham parte do percurso por distâncias que variam entre 579 e 1746m, com a maioria (80% - 8 de 10) percorrendo distâncias entre 579 e 1219m. Já entre os idosos da faixa 3, 42,9% (3 de 7) realiza parte do seu percurso a pé, percorrendo distâncias entre 595 e 1161m (Tabela 70).

No São Pelegrino, dentre os idosos que caminham, a maioria (66,7% - 2 de 3) dos idosos da faixa 1 tem uma frequência quinzenal ou menor percorrendo distâncias entre 2165 e 2191m. Um (de 2 - 50%) idoso da faixa 3 caminha diariamente percorrendo 2716m enquanto outro (1 de 2 - 50%) caminha mensalmente, percorrendo 1412m. Com a frequência de caminhada diária ocorrendo entre a maioria (61,5% - 8 de 13) dos idosos da faixa 2 que percorrem entre 1422 e 2716m.

Já no que se refere ao uso de meios de transporte motorizados, a clara maioria dos idosos da faixa 1 (80,8% - 21 de 33) do Nossa Senhora de Fátima utiliza veículo particular para realizar suas compras no centro da cidade, enquanto por volta da metade dos idosos da faixa 2 (54,5% - 6 de 11) e o idoso da faixa 3 utilizam o ônibus. No Rio Branco, por volta da metade dos idosos das faixas 1 (52,7% - 10 de 17) e 2 (54,1% - 13 de 25) utilizam veículos particulares, enquanto por volta da metade daquelas da faixa 3 (57,1% - 4 de 7) utiliza o ônibus. Já no São Pelegrino os idosos que não caminham todo o percurso, se utilizam de veículo particular nas três faixas etárias (60% - 6 de 10 da faixa 1; 56,6% - 17 de 30 da faixa 2; 66,7% - 4 de 6 da faixa 3) (Tabela 70).

As distâncias percorridas pelos idosos das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima para realizar compras no centro variam entre 6427m e 12780m. No Rio Branco, os idosos das faixas 1 e 2 percorrem com veículos particulares distâncias que variam entre 2007m e 4419m, enquanto os idosos da faixa 3 percorrem com o ônibus distâncias que variam entre 2977m e 3427m. Já no São Pelegrino os idosos das três faixa etárias percorrem com veículos particulares distâncias que variam entre 2146m e 5805m (Tabela 70).

Portanto, a distância influencia as atividades que os idosos das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima realizam no centro da cidade (distante 5km do bairro). Para esses idosos, independente da faixa etária, a frequência de uso do centro é quinzenal ou menor, enquanto para aqueles dos outros dois bairros a frequência é

maior que quinzenal. Entretanto, apesar dessa menor frequência a maioria dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima que caminham para realizar compras no centro percorrem distâncias maiores (3,3km) do que àqueles do Rio Branco (1,7km) e São Pelegrino (2,7km). Contudo, essa distância de 2,7km dos idosos do São Pelegrino refere-se as três faixas etárias, logo, os idosos desse bairro demonstraram maior capacidade para percorrer maiores distâncias para realizar compras no centro da cidade a pé do que àqueles dos demais bairros.

**Tabela 70:** Frequência de compras no centro da cidade, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus	
Faixa 1 - realiza compras no centro – 78,8% (26 de 33)						
Mensal	Mais de 6300 até 6600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6427m (213m, 5585m e 629m)	1 (100%)
	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7157m (165m, 6589m e 403m)	1 (100%)
	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7398m* (12m, 6300m e 1086m) e 7497m (37m, 6648m e 812m)	2 (100%)
	Mais de 7800 até 8100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8013m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 8100 até 8400m	0 (0,0%)	8109m (5493m e 2616m) e 8338m	8109m (5493m e 2616m) e 8338m,	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8915m, 8954m e 8961m*	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 9300 até 9600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9302m (213m, 6303m e 2888m)	1 (100%)
	Mais de 9600m até 9900m	0 (0,0%)	9742m (7701m e 2041m)	9739m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 9900 até 10200m	0 (0,0%)	10038m	10120	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 10200m até 10500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	10408m e 10408m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 10500m até 10800	0 (0,0%)	10639m (8241m e 2398m), 10655m e 10724m (7444m e 3280m)	10630m, 10655m* e 10724m (7444m e 3280m)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 12300 até 12600m	0 (0,0%)	12030m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		8 (30,8%)	13 (50%)	5 (19,2%)	26 (100%)	8 (30,8%)
Faixa 2 - realiza compras no centro – 68,8% (11 de 16)						
Mensal	Mais de 7200 até 7500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 7497m (37m, 6648m e 812m)	1 (100%)
	Continua na próxima página					
	Mais de 7800 até 8100m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 8013m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 7882m* (72m,	3 (100%)



					6652m e 1158m) e 7882m (72m, 6652m e 1158m)	
	Mais de 8400m até 8700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 8429m (212m, 6603m e 1614m)	1 (100%)
	Mais de 9000 até 9300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 9194m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 9300 até 9600m	0 (0,0%)	9495m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 9600m até 9900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 9796m (15m, 6303m e 3478m)	1 (100%)
	Mais de 9900 até 10200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 9926m (15m, 6251m, 3660m)	1 (100%)
	Mais de 11400m até 11700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 11657m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		3 (27,3%)	2 (18,2%)	6 (54,5%)	11 (100%)	3 (27,3%)
Faixa 3 - realiza compras no centro – 100% (1 de 1)						
Mensal	Mais de 6300 até 6600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6427m (213m, 5585m e 629m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus	
Faixa 1 - realiza compras no centro – 100% (17 de 17)						
Diária ou quase diária	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	2 (50%) - 2166m e 2280m	2 (50%) - 2171m e 2171m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 2505m	2 (66,7%) - 2500m e 2530m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3006m* (242m, 2169m e 595m)	1 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 4300m (57m, 2852m e 1391m), 4352m (234m, 2416m e 1758m) e 4408m (234m, 2416m e 1758m)	3 (100%)
	mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2505m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3900m até 4200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 3930m (268m, 2268m e 1394m) e 4038m (48m, 2262m e 1728m)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3510m* (249m, 2416m e 845m)	1 (100%)
Mensal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2474m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	6 (31,6%)	4 (21,1%)	7 (36,8%)	17 (100%)
Faixa 2 - realiza compras no centro – 96,2% (25 de 26)						
Diária ou quase diária	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1771m (249m, 727m e 795m)	1 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (20%) - 2007m	1 (20%) - 2166m	3 (60%) - 2142m (249m, 727m e 1166m), 2195m (249m, 727m e 1219m) e 2209m* (358m, 1256m e 595m)	5 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	3 (60%) - 2497m, 2507m, 2601m	1 (20%) - 2497m	1 (20%) - 2616m* (467m, 1570m e 579m)	5 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 2719m (249m, 727m e 1743m) e 2722m (249m, 727m e 1746m)	2 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3022m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3427m (211m, 2416m e 800m)	2 (100%)
	Mais de 3600m até 3900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 3603m (108m, 2695m e 800m) e 3881m (279m, 2416m e 1186m)	2 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 4419m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1533m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	3 (100%) - 2498m, 2596m e 2596m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3365m (76m, 2123m e 1166m)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2173m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 4411m (123m, 2695m e 1593m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	11 (45,8%)	2 (8,3%)	12 (48%)	25 (100%)
Faixa 3 - realiza compras no centro – 100% (7 de 7)						
Diária ou quase diária	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 992m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2977m (92m, 1724m e 1161m)	1 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3052m* (41m, 2416m e 595m)	1 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3427m (167m, 2416m e 844m)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 992m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3170m* (174m, 2416m e 580m)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 920m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	2 (28,6%)	1 (14,3%)	4 (57,1%)	7 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus	
Faixa 1 - realiza compras no centro – 100% (10 de 10)						
Diária ou quase diária	Mais de 1800 até 2100m	1 (100%) - 1872m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2650m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3083m	1 (50%) - 3006m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3600 até 3900	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3609m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 5700 até 6000m	0 (0,0%)	1 (100%) - 5805m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 2100 até 2400m	1 (100%) - 2191m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 2100 até 2400m	1 (100%) - 2165m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 4401m	1 (50%) - 4006m	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>3 (30%)</b>	<b>4 (40%)</b>	<b>2 (20%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>

**Faixa 2 - realiza compras no centro – 90,9% (30 de 33)**

	Mais de 1200 até 1500m	1 (100%) - 1422m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	3 (100%) - 1621m, 1621m e 1643m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	2 (100%) - 1854m e 2040m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2146m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2674m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	2 (100%) - 2716m e 2716m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3283m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 3361m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3600 até 3900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3742m	1 (50%) - 3742m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3927m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	2 (50%) - 4222m e 4255m	2 (50%) - 4222m e 4255m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 5700 até 6000m	0 (0,0%)	1 (50%) - 5802m	1 (50%) - 5802m	0 (0,0%)	2 (100%)
Diária ou quase diária	Mais de 1200 até 1500m	1 (100%) - 1305m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	2 (100%) - 1512m e 1658m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Semanal	Mais de 1200 até 1500m	2 (100%) - 1305m e 1461m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2674m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 4201m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais 5700 até 6000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 5805m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 4800 até 5100m	0 (0,0%)	1 (100%) - 4930m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>13 (43,4%)</b>	<b>7 (23,3%)</b>	<b>10 (33,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>30 (100%)</b>

**Faixa 3 - realiza compras no centro – 90,9% (30 de 33)**

	Mais de 2700 até 3000m	1 (100%) - 2716m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 4800 até 5100	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 4879m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3451m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 1200 até 1500m	1 (100%) - 1412m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3600 até 3900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 3607m*	0 (0,0%)	1 (100%)

Continua na próxima página

Menos de uma vez por mês	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2674m*	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>2 (33,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (66,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus, a distância dentro do ônibus e aquela percorrida da parada até o centro seguindo a rota do transporte público, também representam a distância até o estacionamento e do estacionamento a pé até o centro, seguindo a rota de escolha do idoso. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* representa aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

### 7.1.5 A frequência de uso de uma UBS ou da ida a um consultório médico, meios de transporte e as distâncias

A atividade necessária de ir às consultas médicas ocorre de forma diferenciada entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima e os demais bairros. Entre esses idosos de menor condição socioeconômica exames e consultas médicas são realizados pelo sistema único de saúde – SUS através da ida à UBS do bairro ou à Unidade de pronto atendimento (UPA) no centro da cidade. Enquanto os idosos do Rio Branco e do São Pelegrino geralmente buscam atendimento particular ou com convênios, consultando no centro da cidade.

Nesse sentido, a maioria dos idosos das faixas 1 (66,7% - 22 de 33) e 2 (62,5% - 10 de 16) e o idoso da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima utilizam a UBS do bairro (Tabela 71), bem como, a totalidade de idosos das faixas 1 (100% - 33 de 33) e 3 (1 de 1) e por volta da metade daqueles da faixa 2 (43,8% - 7 de 16) desse bairro utilizam a UPA no centro da cidade (Tabela 72). Já a maioria dos idosos das faixas 1 (70,6% - 12 de 17) e 3 (85,7% - 6 de 7) e por volta da metade dos idosos da faixa 2 (46,2% - 12 de 26) do Rio Branco vão a um consultório médico, bem como, a notável maioria dos idosos das faixas 1 (90% - 9 de 10) e 2 (78,8% - 26 de 33) e a totalidade (100% - 7 de 7) daqueles da faixa 3 do São Pelegrino (Tabela 71).

Contudo, diferente de outras atividades necessárias a maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros utiliza um meio de transporte motorizado para ir até a UBS/médico. Entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima apenas 31,8% (7 de 22) dos idosos da faixa 1 e 10% (1 de 10) daqueles da faixa 2 caminham. Entre os idosos do Rio Branco nenhum realiza esse percurso inteiramente a pé, e, no São Pelegrino apenas um (de 9 – 11,1%) idoso da faixa 1 e um (de 7 – 14,3%) da faixa 3 caminham. Assim, apenas por volta da metade dos idosos da faixa 2 (46,2% - 12 de 26) do São Pelegrino caminham de sua residência até um consultório médico. A frequência das consultas médicas pelos idosos dos bairros centrais não é superior a

mensal, enquanto entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima existem idosos que frequentam a UBS quase diariamente. Entre os idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima as distâncias percorridas a pé variam entre 523m e 652m, enquanto aquele da faixa 2 caminha 728m. No São Pelegrino o idoso da faixa 1 caminha 585m e aquele da faixa 3 se desloca por 853m (Tabela 71). Entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima que utilizam a UPA central, todos caminham da parada de ônibus que chega do bairro ao centro 120m (Tabela 72).

Dentre os idosos do Nossa Senhora de Fátima que vão com algum meio de transporte motorizado até a UBS, por volta da metade dos idosos da faixa 1 (54,5% - 12 de 22) utilizam veículos particulares, e metade daqueles da faixa 2 (50% - 5 de 10) e o idoso da faixa 3 utilizam ônibus. No Rio Branco por volta da metade dos idosos da faixa 1 (58,3% - 7 de 12) utilizam veículos particulares, por volta da metade daqueles da faixa 2 (58,3% - 7 de 12) o ônibus, e, metade (50% - 3 de 6) dos idosos da faixa 3 utilizam veículos particulares e a outra metade (50% - 3 de 6) o ônibus. Já no São Pelegrino a maioria ou por volta da metade dos idosos das três faixas etárias (88,9% - 8 de 9 da faixa 1; 50% - 13 de 26 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3) utiliza veículos particulares para realizar ir ao médico (Tabela 71).

A frequência de uso da UBS e dos consultórios médicos se mantém igual àquela dos idosos que caminham. As distâncias percorridas pelos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima com veículos particulares variam entre 758m e 1227m, enquanto para aqueles da faixa 2 com o ônibus entre 866m e 1049m. No Rio Branco os idosos da faixa percorrem com veículos particulares distâncias que variam entre 2524m e 3047m, os idosos da faixa 2 percorrem de ônibus entre 976m e 2652m e aqueles da faixa 3 entre 2295m e 2590m. Por sua vez, no São Pelegrino os idosos da faixa 1 percorrem com veículos particulares distâncias que variam entre 879m e 1785m, aqueles da faixa 2 entre 1050m e 1766m e aqueles da faixa 3 entre 1175m e 1613m (Tabela 71).

Portanto, a frequência de uso da UBS pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima é maior do que a frequência de consultas médicas dos idosos nos outros bairros, fator que é influenciado pela presença na unidade básica utilizada pelos idosos de atividades de interação social e esportivas, e não apenas de tratamentos de saúde. Ainda, o número expressivo apenas de idosos da faixa 2 do São Pelegrino que caminham até um consultório médico está relacionada a localização mais

centralizada da residência desses respondentes. Para os demais idosos, as distâncias acima dos 800m já começam a ser mais realizadas com meios de transporte motorizados, independente da faixa etária e bairro de residência do idoso.

**Tabela 71:** Frequência de uso da UBS ou um consultório médico, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a UBS)	
Faixa 1 - utiliza a UBS – 66,7% (22 de 33)						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 564m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (66,7%) - 628m e 652m*	0 (0,0%)	1 (33,3 - 758m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (25%) - 1148m	2 (50%) - 1126m, 1148m	1 (25%) – 1039m (37m e 1002m)	4 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1227m	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 818m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 523m, 560m e 593m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (25%) - 609m	2 (50%) - 758m e 818m	0 (0,0%)	1 (25%) – 810m* (12m e 798m)	4 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)		0 (0,0%)	1 (100%) – 1231m (165m e 1066m)	1 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 798m	1 (50%) - 784m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1089m	1 (50%) - 1126m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		7 (31,8%)	5 (22,7%)	7 (31,8%)	3 (13,6%)	22 (100%)
Faixa 2 - utiliza a UBS – 62,5% (10 de 16)						
Diária ou quase diária	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 728m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1062m	1 (33,3%) - 1062m	1 (33,4%) – 1039m (37m e 1002m)	3 (100%)
Quinzenal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1151m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) – 959m (72m e 887m) e 959m (72m e 887m)	3 (100%)
Mensal	mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 866m* (48m e 818m) e 1049m (212m e 837m)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1211m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (10%)	2 (20%)	2 (20%)	5 (50%)	10 (100%)
Faixa 3 - utiliza a UBS – 100% (1 de 1)						
Semanal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 560m* (213m e 347m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)

Continua na próxima página



Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (da residência até a parada e da parada até o médico)	
Faixa 1 – vai a um médico – 7012 de 17 (70,6%)						
Mensal	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	2 (25%) - 2524m e 2636m	2 (25%) - 2513m e 2676m	4 (50%) – 2411m* (242m e 2169m), 2536 (268m e 2268m), 2600m (184m e 2416m) e 2665m* (249m e 2416m)	8 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	1 (33,3%) 2823m	1 (33,3%) - 2757m	1 (33,4%) - 2909 (57m e 2852m)	3 (100%)
	Mais de 3000 até 3600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 3047m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	4 (33,3%)	3 (25%)	5 (41,7%)	12 (100%)
Faixa 2 – vai a um médico – 46,2% (12 de 26%)						
Mensal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (20%) – 1056m	0 (0,0%)	4 (80%) – 976 (249m e 727m), 976 (249m e 727m), 976 (249m e 727m) e 976 (249m e 727m)	5 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1614 (358m e 1256m)*	1 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2037 (467m e 1570m)*	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2652 (236m e 2416m)	1 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	2 (100%) – 2881m e 2881m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 3003m e 3047m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	4 (33,3%)	3 (25%)	5 (41,7%)	12 (100%)
Faixa 3 – vai a um médico – 85,7% (6 de 7)						
Mensal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2295m* (41m e 2254m)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	2 (40%) - 2470m e 2655m*	1 (20%) - 2597m*	2 (40%) – 2583m (167m e 2416m) e 2590m (174m e 2416m)	5 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	2 (33,3%)	1 (16,7%)	3 (50%)	6 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (da residência até a parada e da parada até o médico)	
Faixa 1 – vai a um médico – 7012 de 17 (70,6%)						
Menos de uma vez por mês	Mais de 600 até 900m	1 (50%) – 585m	0 (0,0%)	1 (50%) - 879m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1406m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1752m	2 (66,7%) - 1679m e 1785m	0 (0,0%)	3 (100%)
Total geral		1 (11,1%)	2 (22,2%)	6 (66,7%)	0 (0,0%)	9 (100%)
Faixa 2 - utiliza um médico – 26 de 33 (78,8%)						
Menos de uma vez por mês	Mais de 300 até 600m	6 (100%) - 514m, 525m, 545m, 586m, 596m e 596m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 600 até 900m	6 (100%) - 609m, 610m, 610m, 641m, 664m e 853m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (75%) 1050m, 1143m* e 1200m	1 (25%) - 1076 (32m e 613m e 431m	4 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (33,3%) - 1269m e 1271m	4 (66,7%) - 1249m, 1269m, 1271m e 1294m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (25%) - 1766m	3 (75%) - 1690m, 1752m e 1766m	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>12 (46,2%)</b>	<b>3 (11,5%)</b>	<b>10 (38,5%)</b>	<b>1 (3,8%)</b>	<b>26 (100%)</b>
<b>Faixa 3 - utiliza um médico – 7 de 7 (100%)</b>						
Menos de uma vez por mês	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 853m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1175m* e 1177m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1271m* e 1312m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1501m e 1613m	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (14,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (85,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até a UBS Fátima Alta/consultório médico seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

**Tabela 72:** Frequência de uso da UPA central pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima, meios de transporte e distâncias

Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte			Total
		Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (a pé dentro do bairro, dentro do ônibus, a pé até a UPA)	
Faixa 1 – utiliza a UPA central – 100% (33 de 33)					
Mensal	Mais de 5400 até 5700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 5678m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 5700 até 6000m	1 (20%) - 5726m	2 (40%) - 5836m e 5900m*	2 (40%) - 5919m (12m, 5795m e 120m), 5933m (213m, 5600m e 120m)	5 (100%)
	Mais de 6000 até 6300m	1 (33,3%) - 6025m	1 (33,3%) - 6078m	1 (33,3%) - 6097m (111m, 5866m e 120m)	3 (100%)
	Mais de 6300 até 6600m	2 (40%) - 6575m e 6391m	2 (40%) - 6340m, 6380m	1 (20%) - 6414m (37m, 6257m e 120m)	5 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 4800 até 5100m	1 (50%) - 4860m	1 (50%) - 4860m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 5700 até 6000m	2 (22,2%) - 5715m e 5939m	5 (55,6%) - 5715m, 5911m, 5931m, 5939m, 5982m	2 (22,2%) - 5805m* (82m, 5603m e 120m) e 5884m (255m, 5509m e 120m)	9 (100%)
	Mais de 6000 até 6300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 6107m* (12m, 5975m e 120m) e 6208m (169m, 5799m e 120m)	2 (100%)
	Mais de 6300 até 6600m	1 (16,7%) - 6594m*	3 (50%) - 6303m, 6340m, 6388m	2 (33,3%) - 6483m (165m, 6198m e 120m) e 6539m* (256m, 6163m, 120m)	6 (100%)
Total geral		8 (24,2%)	15 (45,5%)	10 (30,3%)	33 (100%)
Faixa 2 – utiliza a UPA central – 43,8% (7 de 16)					
Mensal	Mais de 5700 até 6000m	1 (100%) - 5892m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)

	Mais de 6000 até 6300m	1 (50%) - 6300m	1 (50%) - 6300m	0 (0,0%)	2 (100%)
--	------------------------	-----------------	-----------------	----------	----------

Continua na próxima página

Menos de uma vez por mês	Mais de 5700 até 6000m	0 (0,0%)	1 (100%) - 5969m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 6000 até 6300m	1 (50%) - 6250m*	1 (50%) - 6250m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 6300 até 6600m	1 (100%) - 6594m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>4 (57,1%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Faixa 3 – utiliza a UPA central – 100% (1 de 1)</b>					
Menos de uma vez por mês	Mais de 5700 até 6000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 5933m* (213m, 5600m e 120m)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus, a distância dentro do ônibus e aquela percorrida da parada até a UPA central seguindo a rota do transporte público. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.6 A frequência de uso de uma igreja, meios de transporte e as distâncias

Dentre as atividades opcionais realizadas no bairro “ir a uma igreja” é realizada por volta da metade dos idosos das faixas 1 (48,5% - 16 de 33) e 2 (50% - 8 de 16) do Nossa Senhora de Fátima e por seu idoso da faixa 3. Enquanto é uma atividade realizada pela notável maioria dos idosos das três faixas etárias do Rio Branco (94,1% - 16 de 17 da faixa 1; 92,3% - 24 de 26 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) e São Pelegrino (80% - 8 de 10 da faixa 1; 97% - 32 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) (Tabela 73). A maior relevância dessa atividade entre os idosos dos bairros centrais se dá por aspectos culturais, conforme mencionado no capítulo 6, item 6.2.3.

A caminhada predomina como meio de transporte até essa atividade entre os idosos: das faixas 1 (81,3% - 13 de 16) e 3 (1 de 1) do Nossa Senhora de Fátima, das três faixas etárias (87,5% - 14 de 16 da faixa 1; 87,5% - 21 de 24 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) do Rio Branco e as três faixas etárias (87,5% - 7 de 8 da faixa 1; 93,8% - 30 de 32 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) do São Pelegrino. A frequência que predomina entre os idosos dos bairros centrais é diária ou quase diária, enquanto há uma redução dessa frequência em relação aos idosos do Nossa Senhora de Fátima. Ainda, os idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima caminham entre 262m e 609m até a igreja. No Rio Branco os idosos das faixas 1 e 2 caminham entre 132m e 728m, enquanto aqueles da faixa 3 entre 337m e 567m. Já no São Pelegrino os idosos das faixas 1 e 2 caminha entre 132m e 728m, enquanto aqueles da faixa 3 entre 297m e 567m. Por sua vez, a maioria (75% - 6 de 8) dos idosos da faixa 2 do

Nossa Senhora de Fátima vão à igreja do bairro com veículo particular, percorrendo entre 476m e 1178m, com uma frequência quinzenal ou superior (Tabela 73).

Portanto, verifica-se que apenas entre os idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima a ida à igreja do bairro com meios de transporte motorizados predomina, o que seria justificado pelas distâncias notadamente superiores a 800m que precisam ser percorridas. A caminhada até a igreja pelos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima, também é facilitada pela localização desta na centralidade do bairro, com a rota da residência dos idosos até ela estando em um dos trechos mais regulares topograficamente, seguindo ainda a principal via coletora do bairro que é o caminho mais utilizado pela maioria dos idosos. Enquanto nos demais bairros, os idosos das faixas 1 e 2 caminham até a igreja até uma distância aproximada de 600m.

**Tabela 73:** Frequência de uso de uma igreja, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária  
**Nossa Senhora de Fátima**

Nossa Senhora de Fátima		Meios de transporte				Total
Frequência	Distâncias percorridas	A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Faixa 1 - utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 48,5% (16 de 33)						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	5 (100%) - 420m, 484m*, 491m, 515m e 523m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 975m	1 (50%) - 975m	0 (0,0%)	2 (100%)
Semanal	Mais de 300 até 600m	2 (66,7%) - 556m e 556m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 476m	0 (0,0%)	3 (100%)
Quinzenal	Até 300m	2 (100%) - 262m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 310m, 495m e 523m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 609m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		13 (81,3%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	16 (100%)
Faixa 2 - utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 50% (8 de 16)						
Diária ou quase diária	Mais de 600 até 900m	1 (33,3%) - 556m	1 (33,3%) - 884m	1 (33,4%) - 884m	0 (0,0%)	3 (100%)
Semanal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 476m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 834m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1178m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 834m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 908 (212m e 696m)	1 (100%)
Total geral		1 (12,5%)	4 (50%)	2 (25%)	1 (12,5%)	8 (100%)
Faixa 3 - utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 100% (1 de 1)						
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) -296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)

Continua na próxima página

Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Faixa 1 - utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 94,1% (16 de 17)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) - 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 305m, 567m e 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	5 (71,4%) - 685m, 685m, 703m, 703m e 728m	0 (0,0%)	2 (28,6%) - 765m e 865m	0 (0,0%)	7 (100%)
Semanal	mais de 300 até 600m	1 (100%) -417m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 361m, 545m* e 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 468m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		14 (87,5%)	0 (0,0%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	16 (100%)
Faixa 2 - utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 92,3% (24 de 26)						
Diária ou quase diária	Até 300m	4 (100%) - 132m, 134m, 262m e 297m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 300 até 600m	9 (100%) - 314m*, 325m, 357m, 397m, 419m, 481m*, 483m*, 501m e 567m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (100%)
	Mais de 600 até 900m	4 (80%) - 626m, 698m, 700m e 728m	1 (20%) - 786m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Semanal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 468m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 865m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1020m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 346m e 350m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		21 (87,5%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)	0 (0,0%)	24 (100%)
Faixa 3 - utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 100% (7 de 7)						
Semanal	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 338m e 404m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 370m*, 485m e 567m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 522m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 300 até 600m	1 (100%) -337m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		7 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Faixa 1 - utiliza a Igreja de São Pelegrino – 80% (8 de 10)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) - 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	5 (100%) - 417m, 419m, 481m, 583m e 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1020m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		7 (87,5%)	1 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)

Continua na próxima página

<b>Faixa 2 - utiliza a Igreja de São Pelegrino – 97% (32 de 33)</b>						
Diária ou quase diária	Até 300m	3 (100%) - 132m, 134m e 262m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	17 (100%) - 305m, 314m, 325m, 337m, 338m, 346m, 350m, 357m, 361m, 468m, 468m, 483m, 485m, 545m, 567m, 567m e 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	17 (100%)
	Mais de 600 até 900m	8 (100%) - 626m, 685m, 685m, 698m, 703m, 703m, 728m e 728m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 370m e 404m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 786m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>30 (93,8%)</b>	<b>1 (3,1%)</b>	<b>1 (3,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>32 (100%)</b>
<b>Faixa 3 - utiliza a Igreja de São Pelegrino – 100% (7 de 7)</b>						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 397m e 567m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 522m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 765m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Até 300m	1 (100%) - 297m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 501m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 600 até 900	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 865m*	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>5 (71,4%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até a igreja. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.7 A frequência de uso de grupos e/ou associações, meios de transporte e as distâncias

Outra atividade opcional realizada pelos idosos é “ir a grupos e/ou associações”, seja em seu bairro ou em outras áreas da cidade (Tabela 33, capítulo 6, item 6.1). Contudo, essa atividade é realizada pela minoria dos idosos das faixas 1 (39,4% - 13 de 33) e 2 (25% - 4 de 16) do Nossa Senhora de Fátima e por seu idoso da faixa 3. Enquanto no Rio Branco é realizada pela notável maioria dos idosos das faixas 1 (94,1% - 16 de 17) e 2 (84,6% - 22 de 26) e pela minoria daqueles da faixa 3 (28,6% - 2 de 7). Já no São Pelegrino é realizada pela clara maioria dos idosos das três faixas etárias (80% - 8 de 10 da faixa 1; 81,8% - 17 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3) (Tabela 74).



A caminhada predomina como meio de transporte utilizado para as rotas até grupos ou associações dos idosos da faixa 1 (42,9% - 6 de 14 da faixa 1) do Nossa Senhora de Fátima, para aquela do idoso da faixa 3 e para metade das rotas dos idosos da faixa 2 (50% - 2 de 4), bem como, entre aquelas da faixa 3 (60% - 3 de 5) do Rio Branco e entre aquelas das três faixas etárias (90,9% - 20 de 22 da faixa 1; 94,2% - 49 de 52 da faixa 2; 90% - 9 de 10 da faixa 3) do São Pelegrino. Para os idosos dos bairros centrais predomina a frequência diária ou quase diária nos grupos ou associações, enquanto há uma variação da frequência entre aqueles do Nossa Senhora de Fátima, embora não haja reduções maiores a quinzenal (Tabela 74).

Ainda, as rotas a pé dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima até os grupos ou associações variam entre 262m e 745m, enquanto aquelas dos idosos da faixa 2 variam entre 164m e 727m. No Rio Branco as rotas a pé dos idosos da faixa 3 variam entre 205m e 740m. Já as rotas dos idosos do São Pelegrino variam entre: 152m e 700m para a faixa 1, 132m e 728m para a faixa 2, e, 297m e 567m para a faixa 3 (Tabela 74).

Por sua vez, a rota de pôr volta da metade (50% - 2 de 4) dos idosos da faixa 2 até os grupos ou associações é com veículos particulares. No Rio Branco também por volta da metade das rotas dos idosos das faixas 1 (54,6% - 18 de 33) e 2 (44,4% - 12 de 27) são com veículos particulares. A frequência nos grupos ou associações não se modifica em relação àquelas apresentadas entre os idosos que caminham. A distância percorrida nas rotas dos idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima variam entre 587m e 621, enquanto aquelas dos idosos das faixas 1 e 2 do Rio Branco variam entre 398m e 7050m (Tabela 74).

Portanto, verifica-se que a caminhada é o meio de transporte mais mencionado como utilizado nas rotas dos idosos das faixas 1 e 2, independente do bairro até uma distância aproximada de 600m e entre os idosos da faixa 3 do São Pelegrino. Ainda, verifica-se que a maior menção de rotas com meios de transporte motorizados entre idosos do Rio Branco se justificam pelas distâncias percorridas para as rotas, que predominantemente ultrapassam 700m. Enquanto entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima as características do bairro, menos propensas a caminhabilidade teriam influência no meio de transporte utilizado pelos idosos.

**Tabela 74:** Frequência de uso dos grupos/associações, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o grupo)	
Faixa 1 - utiliza grupos/associações – 39,4% - 13 de 33						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 565m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 515m	1 (33,3%) – 495m (4m e 491m)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 631m (4m e 627m)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 975m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 4411m (111m e 4300m)	1 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 4256m* (256m e 4000m)	1 (100%)
Semanal	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 745m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	1 (100%) - 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	2 (100%) - 262m, 296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (50%) - 310m	0 (0,0%)	1 (50%) - 420m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 610m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		6 (42,9%)	2 (14,3%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	14 (100%)
Faixa 2 - utiliza grupos/associações – 25% (4 de 16)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) - 164m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 727m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 587m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 621m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
Faixa 3 – utiliza grupos/associações – 100% (1 de 1)						
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o grupo)	
Faixa 1 - utiliza grupos/associações – 94,1% - 16 de 17						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) -250m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (75%) - 500m, 580m e 580m	0 (0,0%)	1 (25%) - 472m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (50%) - 725m*	0 (0,0%)	1 (50%) - 744m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	3 (25%) - 1550m, 1550m e 1550m	9 (75%) - 1150m, 1150m, 1150m, 1150m, 1200m, 1200m, 1200m	0 (0,0%)	12 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1266m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1594m (57m, 1281m e 256m)	1 (100%)
		Continua na próxima página				

	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	2 (100%) - 7022m e 7050m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 9000m	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	mais de 300 até 600m	1 (100%) - 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 676m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 6300 até 6600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1140m* (249m, 450m e 450m)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	4 (100%) - 528m, 550m, 550m e 570m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (100%) - 609m e 640m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		13 (39,4%)	6 (18,2%)	12 (36,4%)	2 (6,1%)	33 (100%)
Faixa 2 - utiliza grupos/associações – 84,6% (22 de 26)						
Diária ou quase diária Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	7 (77,8%) - 348m, 378m, 563m, 563m, e 600m	1 (11,1%) - 398m*	1 (11,1%) 563m	0 (0,0%)	9 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (33,3%) - 630m	1 (33,3%) - 730m*	1 (33,4%) 730m*	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (100%) 1350m e 1496m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1550m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 3503m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 4100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Até 300m	1 (100%) - 75m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1167m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1350m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 1383m (249m, 430m e 704m) e 1383m (249m, 430m e 704m)	3 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 3376m (108m, 2645m e 623m)	2 (100%)
	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 4143m (108m, 3678m e 357m)	1 (100%)
	Mais de 7800 até 8100m	0 (0,0%)	1 (100%) - 8100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 192m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		11 (40,7%)	8 (29,6%)	4 (14,8%)	4 (14,8%)	27 (100%)
Faixa 3 – utiliza grupos/associações – 28,6% (2 de 7)						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 317m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 205m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (33,3%) - 740m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) 740m* e 740m*	0 (0,0%)	3 (100%)
Total geral		3 (60%)	0 (0,0%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o grupo)	
Faixa 1 - utiliza grupos/associações – 80% - 8 de 10						
Diária ou quase diária	Até 300 m	2 (100%) - 152m e 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 300 até 600m	16 (100%) - 417m, 417m, 417m, 419m, 419m, 472m, 480m, 481m, 481m, 481m, 481m, 583m, 583m, 583m e 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	16 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (100%) - 700m e 700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1020m e 1170m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>20 (90,9%)</b>	<b>2 (9,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>22 (100%)</b>
<b>Faixa 2 - utiliza grupos/associações – 81,8% (17 de 33)</b>						
Diária ou quase diária	Até 300m	7 (100%) - 132m, 132m, 134m, 134m, 262m*, 262m* e 275m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 300 até 600m	36 (100%) - 305m, 305m, 314m, 314m, 325m, 325m, 337m, 338m, 338m, 346m, 350m, 357m, 357m, 361m, 370m, 404m, 408m, 468m, 468m, 468m, 468m, 468m, 483m, 483m, 485m, 485m, 545m, 567m, 567m, 567m, 567m, 570m, 585m e 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	36 (100%)
	Mais de 600 até 900m	6 (66,7%) - 698m, 698m, 703m, 703m, 728m e 728m	1 (11,1%) - 786m*	2 (22,2%) - 865m, e 865m	0 (0,0%)	9 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>49 (94,2%)</b>	<b>1 (1,9%)</b>	<b>2 (3,8%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>52 (100%)</b>
<b>Faixa 3 – utiliza grupos/associações – 100% (1 de 1)</b>						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	9 (100%) - 297m*, 297m*, 397m, 397m, 501m, 501m, 522m e 567m e 567m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 765m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>9 (90%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até um grupo/associação seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade. Um (de 33 – 3%) idoso da faixa 1 vai a mais de um grupo/associação.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.8 A frequência de uso de praças e parques, meios de transporte e as distâncias

A atividade de “ir a praças” é realizada por uma minoria de idosos das faixas 1 (15,2% - 5 de 33) e 2 (37,5% - 6 de 16) do Nossa Senhora de Fátima em relação a praça com o mesmo nome do bairro. Enquanto a Praça do Trem é frequentada por volta da metade dos idosos das faixas 1 (52,9% - 9 de 17) e 2 (53,8% - 14 de 26) do Rio Branco e um (de 7 – 14,3%) da faixa 3, assim como, por metade dos idosos da

faixa 1 (50% - 5 de 10) do São Pelegrino e a maioria dos idosos das faixas 2 (69,7% - 23 de 33) e 3 (71,4% - 5 de 7) desse bairro (Tabela 75).

A caminhada é o meio de transporte utilizado por metade (50% - 3 de 6) dos idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima, por volta da metade dos idosos da faixa 2 (57,1% - 8 de 14) do Rio Branco e da faixa 2 (52,2% - 12 de 23) do São Pelegrino, bem como, a totalidade (100% - 5 de 5) daqueles da faixa 3 desse bairro. Com a frequência de uso dessas praças pelos idosos não sendo geralmente menor que quinzenal. As distâncias percorridas pelos idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima até a praça do bairro variam entre 525m e 846m. No Rio Branco as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 2 até a Praça do Trem variam entre 460m e 500m. Já no São Pelegrino, as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 2 variam entre 35m e 423m, e da faixa 3 variam entre 268m e 378m.

Por outro lado, a maioria (80% - 4 de 5) dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima utilizam veículos particulares para ir até a praça do bairro, enquanto o idoso da faixa 3 vai de ônibus. No Rio Branco, por volta da metade (44,4% - 4 de 9) da faixa 2 e o idoso da faixa 3 utilizam veículo particular e outros 44,4% (4 de 9) da faixa 2 ônibus. No São Pelegrino por volta da metade (60% - 3 de 5) da faixa 1 utiliza veículo particular. A frequência de uso das praças é a mesma daqueles que caminham até elas. Os idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima que utilizam veículos particulares percorrem distâncias entre 361m e 886m e o idoso da faixa 3 percorre 357m. Os idosos da faixa 2 percorrem distâncias entre 890m e 1850m e aquele da faixa 3 percorre 1120m. Enquanto os idosos da faixa 1 do São Pelegrino percorrem entre 238m e 697m (Tabela 75).

Portanto, verifica-se que embora os idosos das três faixas etárias dos três bairros percorram com meios de transporte motorizados distâncias maiores para ir até as praças do bairro ou arredores do que aquelas percorridas a pé, existem entre esses idosos aqueles que percorrem com esses meios a mesma distância que outros caminhando. Contudo, verifica-se que em todos os bairros a opção de caminhar até uma praça geralmente deixa de ser uma opção a partir de mais de 600m, independente da faixa etária (Tabela 75).

**Tabela 75:** Frequência de uso de uma praça, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de deslocamento				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Praça)	
Faixa 1 - utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 15,2% (5 de 33)						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 422m (111m e 311m)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 595m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 886m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 361m e 449m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 756m (72m e 684m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	2 (40%)	2 (40%)	1 (20%)	5 (100%)
Faixa 2 - utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 37,5% (6 de 16)						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 525m e 525m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 846m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1008m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1008m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		3 (50%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	6 (100%)
Faixa 3 - utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 100% (1 de 1)						
Semanal	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 357 (213m e 144m)*	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de deslocamento				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Praça)	
Faixa 1 - utiliza a Praça do Trem – 52,9% (9 de 17)						
Semanal	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	3 (75%) - 1300m, 1325m e 1450m	1 (25%) - 1515m	0 (0,0%)	4 (100%)
Quinzenal	Mais de 1500 até 1800	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1530m (184m, 1150m e 196m), 1585m (234m, 1160m e 191m) e 1590m* (249m, 1150m e 191m)	3 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	1 (50%) - 2070m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 1840m (57m, 1590m e 193m)	2 (100%)
Total geral		1 (11,1%)	3 (33,3%)	1 (11,1%)	4 (44,4%)	9 (100%)
Faixa 2 - utiliza a Praça do Trem – 53,8% (14 de 26)						
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	8 (100%) - 460m*, 500m, 500m, 500m, 500m, 500m e 500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 890m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1300m e 1470m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1561m (211m, 1150m e 200m)	1 (100%)
	Continua na próxima página					



	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1850m	1 (50%) - 1850m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		8 (57,1%)	3 (21,4%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)	14 (100%)
Faixa 3 - utiliza a Praça do Trem – 14,3% (1 de 7)						
Quinzenal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1120m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de deslocamento				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Praça)	
Faixa 1 - utiliza a Praça do Trem – 50% (5 de 10)						
Diária ou quase diária	Até 300m	2 (66,7%) - 63m e 248m	1 (33,3%) - 238m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 563m e 697m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		2 (40%)	1 (20%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Faixa 2 - utiliza a Praça do Trem – 69,7% (23 de 33)						
Diária ou quase diária	Até 300m	9 (90%) - 49m, 49m, 63m, 111m, 180m, 192m, 192m, 245m e 245m	0 (0,0%)	1 (10%) - 290m*	0 (0,0%)	10 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (66,7%) - 432m e 432m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 547m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%) - 609m, 756m, 802m, 809m e 827m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1103m* e 1184m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1218m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 35m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 853m	1 (50%) - 827m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		12 (52,2%)	1 (4,3%)	10 (43,5%)	0 (0,0%)	23 (100%)
Faixa 3 - utiliza a Praça do Trem – 71,4% (5 de 7)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) - 268m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 432m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Até 300m	1 (100%) - 163m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 756m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 378m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até uma praça seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLUM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

Por sua vez a atividade de “ir a parques” é realizada pela maioria dos idosos da faixa 1 (69,7% - 23 de 33), por volta da metade da faixa 2 (43,8% - 7 de 16) e o idoso da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima em relação ao Parque Oásis, bem como, é realizada pela metade dos idosos da faixa 1 (50% - 5 de 10) e a maioria daqueles das faixas 2 (69,7% - 23 de 33) e 3 (71,4% - 5 de 7) do São Pelegrino em relação ao

Parque Cinquentenário. Dentre os idosos do Nossa Senhora de Fátima que frequentam o Parque Oásis, nenhum caminha todo o percurso de sua residência até esse local de lazer. Enquanto por volta da metade (60% - 3 de 5) dos idosos da faixa 1 do São Pelegrino caminham de sua residência até o Parque Cinquentenário, percorrendo distâncias que variam entre 56 e 578m, com uma frequência de uso diária ou quase diária dessa área lazer (Tabela 76).

Já no Nossa Senhora de Fátima a notável maioria dos idosos da faixa 1 (91,3% - 21 de 23) e a maioria daqueles da faixa 2 (71,5% - 5 de 7) vai até o Parque Oásis com veículo particular, enquanto o idoso da faixa 3 vai de ônibus. Entre esses idosos da faixa 1 predomina a frequência semanal ou maior do Parque, enquanto entre os idosos da faixa 2 reduz para quinzenal. As distâncias percorridas por esses idosos de sua residência até o Parque Oásis variam entre 1784m e 3081m. No São Pelegrino, por volta da metade dos idosos das faixas 2 (60,8% - 14 de 23) e 3 (60% - 3 de 5) vai ao Parque Cinquentenário com veículos particulares. A frequência de uso desse parque por esses idosos varia principalmente como quinzenal ou maior. Por sua vez, as distâncias percorridas da residência até o Parque Cinquentenário variam entre 815m e 1382m (Tabela 76).

Portanto, observa-se entre os idosos do São Pelegrino que distâncias maiores a 700m deixam de ser percorridas a pé, sendo utilizado veículos particulares. Enquanto as distâncias superiores a 1700m já são percorridas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima com algum veículo particular. Ainda, o aumento da distância do Parque Oásis em relação a residência dos idosos do Nossa Senhora de Fátima parecem influenciar na frequência de uso do parque, visto que, o Parque Cinquentenário, mais próximo da residência dos idosos do São Pelegrino é utilizado com maior frequência.

**Tabela 76:** Frequência de uso de um parque, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária  
Nossa Senhora de Fátima

Nossa Senhora do Patrimônio						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o parque)	
Faixa 1 – utiliza o Parque Oásis – 69,7% (23 de 33)						
Diária ou quase diária	mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1784m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	2 (100%) – 1860m e 1860m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 2185m e 2245m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (50%) -2505m	0 (0,0%)	1 (50%) – 2402m (111m e 2291m)	2 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2798m (213m e 2585m)	1 (100%)
Semanal	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1922m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (25%) – 2266m	3 (75%) – 2107m, 2254m, 2293m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) -3081m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	2 (50%) – 2233m* e 2245m	2 (50%) – 2240m 2266m*	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2761m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	1 (100%) – 3081m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) -1898m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (50%) – 2293m	1 (50%) -2235m*	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	9 (39,1%)	12 (52,2%)	2 (8,7%)	23 (100%)
Faixa 2 – utiliza o Parque Oásis – 43,8% (7 de 16)						
Diária ou quase diária	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (50%) – 2296m	1 (50%) – 2296m	0 (0,0%)	2 (100%)
Quinzenal	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1799m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (50%) – 2233m*	0 (0,0%)	1 (50%) – 2270m (15m e 2255m)	2 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2412m (15m e 2255m)	1 (100%)
Mensal	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1799m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	3 (42,9%)	2 (28,6%)	2 (28,6%)	7 (100%)
Faixa 3 – utiliza o Parque Oásis – 100% (1 de 1)						
Semanal	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2798m* (213m e 2585m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
São Pellegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o parque)	
Faixa 1 – utiliza o Parque Cinquentenário – 50% (5 de 10)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) – 56m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (100%) – 475m e 578m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) 1172m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1527m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		3 (60%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Faixa 2 – utiliza o Parque Cinquentenário – 69,7% (23 de 33)						
Diária ou quase diária	Até 300m	2 (100%) – 273m e 273m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	4 (100%) – 319m, 408m, 515m e 571m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (40%) – 621m e 740m	1 (20%) – 815m*	2 (40%) – 871m* e 883m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) – 1093m	1 (50%) – 917m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (20%) - 1325m	4 (80%) 1251m, 1308m, 1324m e 1349m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1634m	0 (0,0%)	1 (100%)
Semanal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 953m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 562m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1315m e 1349m	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>7 (100%)</b>
<b>Faixa 3 - utiliza o Parque Cinquentenário – 71,4% (5 de 7)</b>						
Diária ou quase diária	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 559m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1324m	0 (0,0%)	1 (100%)
Quinzenal	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 480m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1251m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1382m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>2 (40%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até um parque seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.9 A frequência de uso do shopping, meios de transporte e as distâncias

A atividade de “ir ao shopping” é realizada pela maioria dos idosos das faixas 1 (76,4% - 13 de 17) e 2 (61,5% - 16 de 26) do Rio Branco e pela minoria dos idosos da faixa 3 (28,6% - 2 de 7), assim como, é realizada pela maioria daqueles das três faixas etárias (60% - 6 de 10 da faixa 1; 81,8% - 27 de 33 da faixa 2; 71,4% - 5 de 7 da faixa 3) do São Pelegrino (Tabela 77). Nenhum dos idosos do Nossa Senhora de Fátima apontam a realização dessa atividade apesar de suas rotas no centro da cidade ocorrem próximas a localização do Shopping São Pelegrino.

A caminhada até o shopping é realizada por volta da metade dos idosos da faixa 2 (41,2% - 7 de 17) do Rio Branco, que o utilizam com uma frequência quinzenal, caminhando 610m. Assim como, é realizada por um terço dos idosos da faixa 1 (33,3% - 2 de 6) do São Pelegrino e a maioria daqueles das faixas 2 (70,4% - 19 de 27) e 3 (60% - 3 de 5). A frequência de uso do shopping é predominantemente diária ou quase diária entre os idosos das faixas 1 e 2 do São Pelegrino e mensal entre aqueles da faixa 3. Ainda, as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 1 do São Pelegrino até o shopping variam entre 242m e 344m, enquanto as distâncias daqueles da faixa 2

variam entre 273m e 633m, e para aqueles da faixa 3 variam entre 232m e 296m (Tabela 77).

Já a maioria dos idosos da faixa 1 (69,3% - 9 de 13) e por volta da metade dos idosos das faixas 2 (43,8% - 7 de 17) da faixa 2 vão ao shopping com veículos particulares. Um (de 2 – 50%) idoso da faixa 3 vai de veículo particular e outro de ônibus. A frequência de uso do shopping pelos idosos das faixas 1 e 2 do Rio Branco é quinzenal, enquanto daqueles da faixa 3 é mensal. Já as distâncias percorridas com veículos particulares pelos idosos da faixa 1 variam entre 2205m e 2950m, aquelas dos idosos da faixa 2 variam entre 1160m e 2950m, enquanto daqueles da faixa 3 variam entre 1331m e 1680m (Tabela 77).

Portanto, verifica-se que as maiores distâncias percorridas a pé até o shopping pelos idosos das faixas 1 e 2 é de 600m, enquanto entre os idosos da faixa 3 do São Pelegrino essa distância é 300m. Com os idosos utilizando meios de deslocamento motorizados preferencialmente a partir dos 600m. Ainda, a frequência de uso do shopping é menor entre os idosos da faixa 3 em relação as demais faixa etárias. Uma justificativa para essa menor frequência pode ser o desgaste físico que a atividade gera, que afetaria mais os idosos dessa faixa etária em razão da redução da capacidade físico/cognitiva natural do envelhecimento.

**Tabela 77:** Frequência de uso do Shopping São Pelegrino, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária

Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o Shopping)	
Faixa 1 - utiliza o shopping – 76,4% (13 de 17)						
Quinzenal	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1458m (268m, 990m e 200)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1535m (184m, 1150m e 201m), 1595m* (249m, 1150m e 196m) e 1684m (234m, 1150m e 300m)	3 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	3 (75%) - 2205m, 2310m e 2330m	1 (25%) - 2355m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	2 (50%) - 2467m e 2506m	2 (50%) - 2530 e 2600	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2950m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	6 (46,2%)	3 (23,1%)	4 (30,8%)	13 (100%)

Continua na próxima página

Faixa 2 - utiliza o shopping – 61,5% (16 de 26)						
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	7 (100%) - 610m, 610m, 610m, 610m, 610m, 610m e 610m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1160m*	0 (0,0%)	1 (50%) - 950m (76m, 650m e 224m)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1563m (211m, 1150m e 202m)	1 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1885m*	1 (50%) - 1850m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (50%) - 2340m	0 (0,0%)	1 (50%) - 2133m (123m, 1710m e 300m)	2 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2635m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2700 até 3000	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 2840m e 2950m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		7 (41,2%)	4 (25%)	3 (18,8%)	3 (18,8%)	17 (100%)
Faixa 3 - utiliza o shopping – 28,6% (2 de 7)						
Mensal	Mais de 1200 até 1500	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1331m* (41m, 990m e 300m)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800	0 (0,0%)	1680m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	1 (50%)	0 (0,0%)	1 (50%)	2 (100%)
Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até o Shopping)	
Faixa 1 - utiliza o Shopping – 60% (6 de 10)						
Diária ou quase diária	Até 300m	1 (100%) - 242m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 344m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 694m	2 (66,7%) - 849m e 877m	0 (0,0%)	3 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1275m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		2 (33,3%)	2 (33,3%)	2 (33,3%)	0 (0,0%)	6 (100%)
Faixa 2 - utiliza o shopping – 81,8% (27 de 33)						
Diária ou quase diária	Até 300m	2 (100%) - 273m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	14 (93,3%) - 307m, 331m, 331m, 344m, 400m, 400m, 439m, 444m, 473m, 473m, 488m, 590m, 594m e 596m	0 (0,0%)	1 (6,7%) - 652m	0 (0,0%)	15 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (66,7%) - 620m e 633m	1 (33,3%) - 864m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (20%) - 1003m	4 (80%) - 993m, 1003m, 1013m* e 1023m	0 (0,0%)	5 (100%)
Quinzenal	Mais de 6000 até 6300m	1 (100%) - 614m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1044m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		19 (70,4%)	3 (11,1%)	5 (18,5%)	0 (0,0%)	27 (100%)
Faixa 3 - utiliza o shopping – 71,4% (5 de 7)						
Diária ou quase diária	Até 300m	2 (100%) - 262m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)

Continua na próxima página

Continua na próxima página



Mensal	Até 300m	1 (100%) - 232m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 552m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 652m*	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (40%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus representam as distâncias da residência até a parada, a distância dentro do ônibus e da parada até o Shopping São Pelegrino. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.10 A frequência de uso do cemitério, meios de transporte e as distâncias

Por volta da metade dos idosos das faixas 1 (52,9% - 9 de 17) e 2 (57,7% - 15 de 26) do Rio Branco e a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3 desse bairro tem como uma de suas atividades “ir ao cemitério”, bem como, por volta da metade dos idosos da faixa 1 (40% - 4 de 10) e a maioria daqueles das faixas 2 (60,6% - 20 e 33) e 3 (100% - 7 de 7) do São Pelegrino (Tabela 78). Contudo, a expressiva maioria dos idosos das três faixas etárias, dos dois bairros utiliza algum meio de transporte motorizado para ir até o cemitério.

Logo, no Rio Branco a totalidade dos idosos das faixas 1 (100% - 9 de 9) e 2 (100% - 15 de 15) e por volta da metade daqueles da faixa 3 (57,1% - 4 de 7) vão ao cemitério com veículos particulares, percorrendo distâncias que variam entre 722m e 3317m, com uma frequência quinzenal. Enquanto no São Pelegrino a totalidade de idosos das faixas 1 (100% - 4 de 4) e 3 (100% - 7 de 7) e a expressiva maioria daqueles da faixa 2 (90% - 18 de 20) se utilizam de veículos particulares para ir até o cemitério, percorrendo distâncias que variam entre 722m e 2415m, com uma frequência quinzenal entre os idosos das faixas 1 e 2 e mensal entre aqueles da faixa 3 (Tabela 78). Uma justificativa para a menor frequência dos idosos da faixa 3 para essa atividade tende estar ligada a redução da capacidade física/cognitiva.

**Tabela 78:** Frequência de uso do cemitério, meios de transporte e distâncias, por bairro e faixa etária  
Rio Branco

Rio Branco						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o cemitério)	
Faixa 1 – utiliza cemitério – 52,9% (9 de 17)						
Quinzenal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 2127m e 2350m	0 (0,0%)	2 (100%)
					Continua na próxima página	

Continua na próxima página

	Mais de 3000 até 3300m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 3181m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	1 (25%) - 3319m	3 (75%) - 3339m, 3355m e 3473m	0 (0,0%)	4 (100%)
Mensal	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3355m*	1 (50%) - 3317m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	2 (22,2%)	7 (77,8%)	0 (0,0%)	9 (100%)
Faixa 2 - utiliza cemitério – 57,7% (15 de 26)						
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 722m e 757m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1077m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (16,7%) - 2243m*	5 (83,3%) - 2116m, 2248m, 2278m, 2373m e 2388m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 2415m e 2657m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 3319m e 3466m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 3600 até 3900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) -3788m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2243m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	1 (6,7%)	14 (93,3%)	0 (0,0%)	15 (100%)
Faixa 3 - utiliza cemitério – 100% (7 de 7)						
Quinzenal	Mais de 1500 até 1800m	1 (100%) - 1634m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2350m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2468m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2768m (74m e 2405m e 289m)	1 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 836m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2356m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Menos de uma vez por mês	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 2768m* (74m e 2405m e 289m)	1 (100%)
Total geral		1 (14,3%)	0 (0,0%)	4 (57,1%)	2 (28,6%)	7 (100%)
São Pelegrino						
Frequência	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o cemitério)	
Faixa 1 – utiliza cemitério – 40% (4 de 10)						
Quinzenal	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1077m e 1169m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1497m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2388m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	1 (25%)	3 (75%)	0 (0,0%)	4 (100%)
Faixa 2 - utiliza cemitério – 60,6% (20 de 33)						
Quinzenal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 722m, 734m e 757m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 945m, 1000m e 1019m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1467m	2 (66,7%) - 1398m e 1426m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1516m	1 (50%) - 1516m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 2116m, 2248m* e 2350m	0 (0,0%)	3 (100%)
		Continua na próxima página				

	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2657m	0 (0,0%)	1 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 797m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (50%) - 1435m e 1497m	2 (50%) - 1332 (32m e 780m e 520m)	4 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	1 (100%) - 1634m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (5%)</b>	<b>2 (10%)</b>	<b>16 (80%)</b>	<b>1 (5%)</b>	<b>20 (100%)</b>
<b>Faixa 3 - utiliza cemitério – 100% (7 de 7)</b>						
Quinzenal	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 2350m e 2373m	0 (0,0%)	2 (100%)
Mensal	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 836m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1375m e 1467m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2278m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 2415m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (14,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (57,1%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus representam as distâncias da residência até a parada, a distância dentro do ônibus e da parada até o cemitério. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.1.11 Características físico-espaciais das rotas no Nossa Senhora de Fátima

Dentre as rotas realizadas pelos idosos dentro do Nossa Senhora de Fátima observa-se que, independentemente da faixa etária, destino ou meio de deslocamento, os idosos têm preferência por transitar pela principal via coletora do bairro, notadamente, a Avenida Renato Del Mese, ou nas vias locais próximas até duas quadras desta (Figuras 110 a 113), as quais concentram a maioria dos comércios e serviços presentes nesse lugar (ver Figura 12 item 4.1.2.1.1, Capítulo 4). Esses locais que concentram as rotas dos idosos permanecem dentro dos limites da subdivisão denominada como “Fátima Alta”, a qual os idosos se reconhecem pertencentes (ver Figura 11 do Capítulo 4).

Além dos destinos e rotas, também foram mencionados pelos idosos os locais do bairro que eles evitam caminhar e as razões para não transitar por eles. Dentre os locais evitados, o segmento da Rua Dr. Luigi Galichio em frente ao Parque da Represa, conhecido popularmente como “Rua da Represa” é o único local mencionado por volta da metade dos idosos das faixas 2 (56,2% - 9 de 16) e 1 (48,5% - 16 de 33) e pelo idoso da faixa 3, não havendo relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre os locais em que os idosos evitam caminhar e as faixas etárias 1 e 2 (Tabela 79).

Uma razão ligada à insegurança em relação a crimes, o “risco de roubo a pedestre” é uma razão para pôr volta da metade dos idosos da faixa 2 (56,3% - 9 de 16) e a minoria daqueles da faixa 1 (39,4% - 13 de 33) evitem transitar pela Rua da Represa. Enquanto outras razões ligadas diretamente ou indiretamente a essa tipo de insegurança, por remeterem a ausência de manutenção do ambiente construído também não podem ser desprezadas, sendo estas: a “presença do tráfico de drogas ou de usuários de drogas” (25% - 4 de 16; 24,2% - 8 de 33 da faixa 1); as “baixas condições da iluminação” (25% - 4 de 16; 18,2% - 8 de 33 da faixa 1); a “péssima manutenção das fachadas das edificações” (31,3% - 5 de 16; 18,2% - 6 de 33 da faixa 1); e o “desconforto de transitar por um local com presença de lixo no chão” (12,5% - 2 de 16; 3% - 1 de 33 da faixa 1) (Tabela 80 e Figura 93). O único idoso da faixa 3 apenas mencionou como razão o “risco de roubo a pedestre”.

**Tabela 79:** Locais evitados no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

Locais evitados pelos idosos	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Total 50 (100%)
“Rua da Represa”	16 (48,5%)	9 (56,2%)	1 (100%)	26 (52%)
Rua Avelino Antônio de Souza	4 (12,1%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	6 (12%)
Praça Nossa Senhora de Fátima	3 (9,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (6%)
Campo de futebol	1 (3%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	2 (4%)
UBS Fátima Alta	1 (3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
Rua Amadeo Rossi	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (2%)

Fonte: da autora (2020).

**Figura 93:** Rua e Parque da Represa no Nossa Senhora de Fátima



Fonte: adaptado pela autora de Google Earth (2017) e da autora (2017).

**Tabela 80:** Locais evitados no Nossa Senhora de Fátima e as razões, por faixa etária

Razão para evitar caminhar por determinados locais do bairro	Locais que são evitados pelo motivo mencionado	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Total 50 (100%)
Risco de roubo ao pedestre	Rua da Represa	13 (56,5%)	9 (39,1%)	1 (4,3%)	23 (100%)
	Praça Nossa Senhora de Fátima	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Rua Avelino Antônio de Souza	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	UBS Fátima Alta	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>17 (60,7%)</b>	<b>10 (35,7%)</b>	<b>1 (3,6%)</b>	<b>28 (100%)</b>
Perigo relacionado à presença do tráfico de drogas ou a usuários de drogas	Rua da Represa	8 (66,7%)	4 (33,3%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	Praça Nossa Senhora de Fátima	3 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Campo de futebol	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Rua Amadeo Rossi	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>11 (64,7%)</b>	<b>5 (29,4%)</b>	<b>1 (5,9%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Sensação de insegurança relacionada as baixas condições da iluminação	Rua da Represa	6 (54,5%)	4 (36,4%)	1 (9,1%)	11 (100%)
	Rua Avelino Antônio de Souza	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>7 (53,8%)</b>	<b>5 (38,5%)</b>	<b>1 (7,7%)</b>	<b>13 (100%)</b>
Sensação de insegurança relacionada a péssima manutenção das fachadas das edificações	Rua da Represa	6 (54,5%)	5 (45,5%)	0 (0,0%)	11 (100%)
	Rua Avelino Antônio de Souza	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>6 (50%)</b>	<b>6 (50%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>12 (100%)</b>
Dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas	Rua Avelino Antônio de Souza	2 (50%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Rua da Represa	1 (33,3%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	3 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>3 (42,9%)</b>	<b>4 (57,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
Sensação de insegurança relacionada aos veículos circulando acima da velocidade permitida	Rua Avelino Antônio de Souza	0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Rua da Represa	2 (50%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (33,3%)</b>	<b>4 (66,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (100%)</b>
O desconforto em transitar pelo local em razão da presença de lixo no chão	Rua da Represa	1 (33,3%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Campo de futebol	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (50%)</b>	<b>2 (50%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (100%)</b>

Fonte: da autora (2020).

Ainda, são razões para evitar caminhar pela “Rua da Represa” aquelas ligadas à percepção de insegurança em relação a acidentes, a “dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas” (12,5% - 2 de 16; 3% - 1 de 33 da faixa 1) e a existência de “veículos que transitarão acima da velocidade permitida” (12,5% - 2 de 16; 6,1% - 1 de 33 da faixa 1). Não havendo relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para evitar caminhar pela Rua da Represa e as faixas etárias 1 e 2. A insegurança em relação a acidentes se justifica entre os idosos, independente da faixa etária, uma vez que, em levantamento físico realizado em 2017, verificou-se que a velocidade de caminhada dos idosos durante a travessia de ruas era inferior àquela considerada como padrão para pessoas adultas saudáveis (1,2m/s ou 4,3km/h) (Tabela 81).

Apesar de não existirem sinalizações semaforicas no Nossa Senhora de Fátima, no caso de serem implantadas, provavelmente seu tempo de abertura de

sinal<sup>17</sup> seguiria tendo por base a velocidade de caminhada padrão (1,2m/s), logo, o tempo para travessia seria mais rápido que àquele que os idosos das três faixas etárias demonstraram serem capazes de percorrer. Ainda, em uma emergência na qual os idosos tenham que caminhar mais rápido para evitar uma situação de perigo, tal como, desviar de um carro correndo, essa redução na velocidade de caminhada, se relacionada aos problemas de mobilidade, tem influência direta na capacidade dos idosos de correr ou pelo menos caminhar rapidamente para prevenir que um acidente ocorra (Tabela 81).

**Tabela 81:** Velocidade de caminhada de idosos no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

Número do idoso	Faixa 1 60 a 69 anos 7 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 3 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 2 (100%)
01	-	-	0,45m/s
02	0,7m/s	-	-
03	-	-	0,87m/s
04		1,28 m/s	
05	0,81 m/s		
06	0,7 m/s		
07	0,64 m/s		
08	1,0 m/s		
09		0,87 m/s	
10	0,70 m/s		
11		0,77 m/s	
12	1,75 m/s		
<b>Média</b>	<b>0,9 m/s</b>	<b>1,0m/s</b>	<b>0,7m/s</b>

**Nota:** as velocidades foram recolhidas na Av. Dr. Renato del Mese que possui 12 metros de gabarito e na R. Dr. Cesare Ardizoni que possui gabarito de 9 metros.

**Fonte:** da autora (2017).

A “Rua da Represa” também é apontada juntamente ao Parque da Represa como o local mais desagradável do bairro pela maioria dos idosos das faixas 2 (68,8% - 11 de 16) e 1 (66,7% - 22 de 33). Atributos ligados à percepção de insegurança, o “risco de assalto” (100% - 22 de 22 da faixa 1; 100% - 11 de 11 da faixa 2); a “presença de tráfico de drogas e/ou drogados” (100% - 11 de 11 da faixa 2; 95,5% - 21 de 22 da faixa 1); a “presença de lixo” (90,9% - 20 de 22 da faixa 1; 90,9% - 10 de 11 da faixa 2); “mobiliários vandalizados” (90,9% - 10 de 11 da faixa 2; 72,7% - 16 de 22 da faixa 1); “edificações do entorno com fachadas desagradáveis” (72,7% - 8 de 11 da faixa 2; 68,2% - 15 de 22 da faixa 1); e, “edificações em péssimo estado de conservação” (63,6% - 7 de 11 da faixa 2; 40,9% - 9 de 22 da faixa 1) são razões

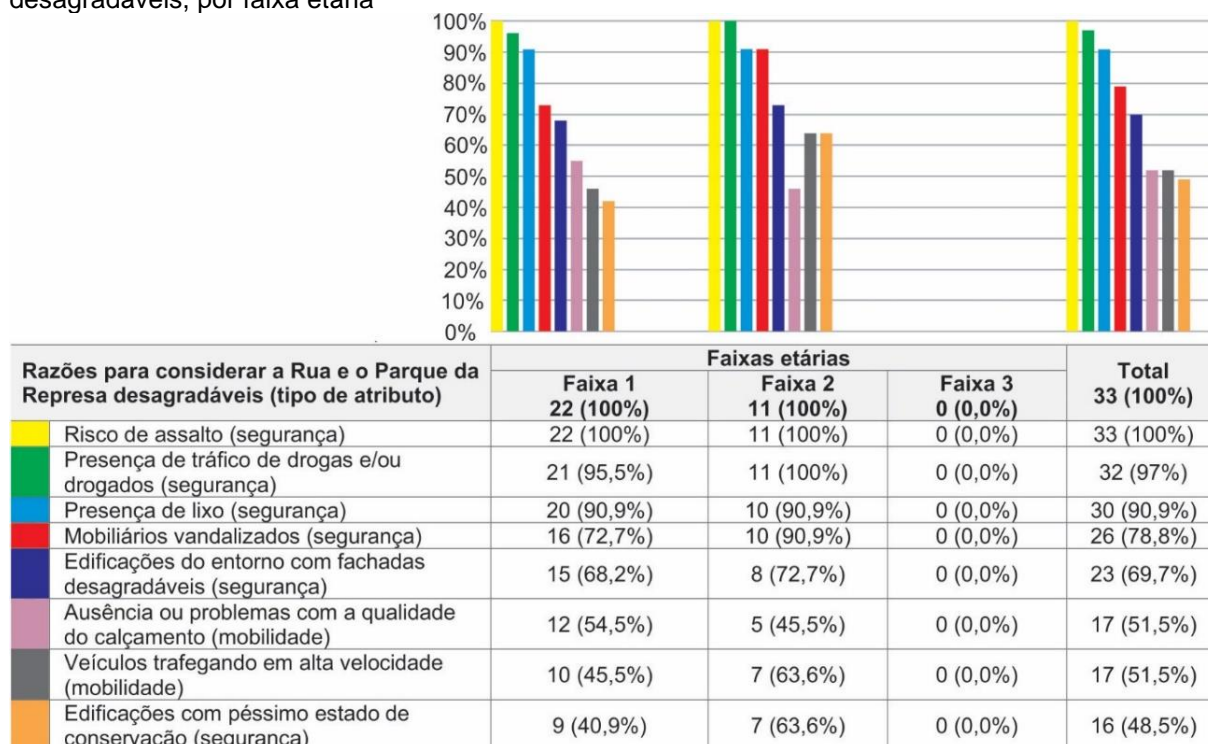
<sup>17</sup> O tempo de exposição ou de travessia é a quantidade de segundos necessária para atravessar a rua. Este tempo é determinado pela seguinte fórmula:  $T_t = L_p / V_t$ , na qual,  $T_t$  é o tempo de travessia;  $L_p$  é a largura da pista; e  $V_t$  é a velocidade do pedestre, sendo considerada a velocidade de 1,2m/s (CONTRAN, 2007).



muito relevantes ou importantes para que os idosos da faixa 1 e da faixa 2 considerem o local desagradável (Figuras 93 e 94).

Adicionalmente, atributos ligados à mobilidade, a “ausência ou problemas com a qualidade do calçamento” (54,5% - 12 de 22 da faixa 1; 45,5% - 5 de 11 da faixa 2) e os “veículos trafegando em alta velocidade” (63,6% - 7 de 11 da faixa 2; 45,5% - 10 de 22 da faixa 1) são razões importantes para que os idosos da faixa 1 e da faixa 2 considerem o local desagradável. Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para considerar a Rua e o Parque da Represa um local desagradável e as faixas etárias 1 e 2 (Figuras 93 e 94).

**Figura 94:** Razões para considerar a Rua e o Parque da Represa no Nossa Senhora de Fátima desagradáveis, por faixa etária



Nota: Na faixa 1 (22 de 33 – 66,7%) e na faixa 2 (11 de 16 – 68,8%) foram considerados apenas os idosos que mencionaram considerar a Rua e o Parque como locais desagradáveis do bairro.

Fonte: da autora (2020).

No levantamento físico realizado em 2017, constatou-se uma série de problemas que vinham ao encontro dos problemas mencionados pelos idosos, estando entre eles: brinquedos infantis do Parque quebrados, enferrujados e/ou faltando partes; edificações no entorno da Rua e do Parque constituídas, em sua maioria, por ocupações irregulares com um padrão construtivo abaixo daquele das

construções regulares existentes no bairro; parada de ônibus instalada junto ao Parque utilizada como depósito de lixo; a presença de traficantes utilizando o Parque como ponto de venda durante o final de semana; e automóveis que passavam acelerando a velocidades elevadas pela rua (Figura 93).

Por outro lado, apesar dessa parcela relevante de idosos das faixas 1, 2 e do idoso da faixa 3 evitar transitar por locais do bairro, notadamente a Rua da Represa, por razões ligadas à percepção de insegurança em relação a crimes, apenas 1 (de 33 – 3%) idoso da faixa 1 e 1 (de 16 – 6,3%) da faixa 2 mencionaram ter sido roubados. Um dos roubos teria ocorrido atrás da UBS Fátima Alta e outro na Rua Dr. Henrique Fracasso próximo a residência do respondente. Em ambos os locais se observa: baixa movimentação de pedestres e veículos; ausência de comércios e serviços que auxiliariam com a vigilância natural, embora existam residências que apresentam esquadrias com visuais para a rua que poderiam promover esse tipo de vigilância; e, baixos níveis de iluminação.

Inclusive, a dificuldade ou o medo de transitar por ruas com baixa iluminação é um problema apontado por 15,2% (5 de 33) dos idosos da faixa 1 e 12,5% (2 de 16) daqueles da faixa 2, sendo um problema que eles mencionaram existir em todo o bairro. Ainda, apesar dos postes de iluminação estarem a distâncias que respeitam os padrões estabelecidos pelas normativas brasileiras e estaduais<sup>18</sup>, em observação das ruas do bairro durante o período noturno, percebeu-se que vários segmentos de vias ficam com um nível de iluminação fraco.

Por outro lado, o “desconforto em transitar pelas vias do bairro em razão da presença de lixo”, mencionado por apenas 9,1% (3 de 33) dos idosos da faixa 1, também é um problema que segundo eles, se repetiria por todas as vias do bairro, embora um respondente indique especificamente a ocorrência na Rua da Represa. No levantamento físico foi possível observar que existem residências que não possuem lixeiras domésticas instaladas, sendo utilizado o portão para pendurar o lixo, quando este não é deixado na calçada em frente à residência. Contudo, como no bairro existem muitos cães de rua soltos, alguns desses lixos acabam sendo revirados

---

<sup>18</sup> BRASIL. ANEEL. Resolução Normativa nº414, de 9 de setembro de 2010. Estabelece as condições gerais de fornecimento de energia elétrica. Disponível em: <<https://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/bren2010414.pdf/3bd33297-26f9-4ddf-94c3-f01d76d6f14a?version=1.0>>. Acesso em: 07 set. 2007.

RIO GRANDE DO SUL. CEEE. Regulamento de instalações consumidoras. Disponível em: <<https://www.ceeel.com.br/normas-tecnicas/RICBT.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2007.

antes do serviço da Prefeitura passar para fazer o recolhimento. Apesar do lixo no chão não afetar diretamente a percepção de segurança, acaba tendo impacto através da sensação de ausência de manutenção do espaço aberto público.

Entretanto, apesar dessa existência de problemas relacionados à percepção de insegurança em relação a crimes e da própria evidência de crimes ocorridos no bairro, os idosos mencionaram um número maior de problemas relacionados à percepção de insegurança em relação a acidentes, ou, acidentes ocorridos ao realizar suas rotas pelas ruas do bairro. Dentre esses problemas, o mais mencionado pelos idosos da faixa 1 (27,3% - 9 de 33) e da faixa 2 (18,8% - 3 de 16) é a dificuldade para caminhar pelas ruas do bairro em função da baixa qualidade das calçadas, com a maioria dos idosos que o mencionaram apontando a ocorrência por todo o bairro. Embora, também exista um (de 33 – 3%) idoso da faixa 1 que destaque esse problema especificamente na Rua da Represa.

Ainda, 21,2% (7 de 33) dos idosos da faixa 1 e 18,8% (3 de 16) daqueles da faixa 2, mencionaram quase terem sido atropelados por carros transitando em alta velocidade enquanto atravessavam a Avenida Renato Del Mese e as Ruas Avelino Antônio de Souza e Dr. Henrique Fracasso. Essas três vias têm em comum o fato de serem importantes vias de fluxo de circulação viária do bairro. A Avenida Renato Del Mese é a principal via coletora, a qual concentra o tráfego interno de veículos do bairro. A Rua Avelino Antônio de Souza é a via que faz a divisa leste do Bairro Nossa Senhora de Fátima (pela sua parte topográfica elevada) com os demais bairros da região, sendo utilizada para acesso direto a esses locais sem a necessidade de travessia por dentro do Fátima (Tabela 82 e Figuras 95 e 96).

Enquanto a Rua Dr. Henrique Fracasso é uma das únicas ruas do bairro que permite a conexão direta entre a região conhecida como Fátima Baixa e aquela conhecida como Fátima Alta. Por sua vez, 15,2% (5 de 33) dos idosos da faixa 1 e 18,8% (3 de 16) daqueles da faixa 2 apontam já terem caído em vias do bairro em função da baixa qualidade das calçadas. Apesar dessas quedas terem ocorrido em diferentes locais, no levantamento físico verificou-se a precariedade das condições da maioria das calçadas do bairro. Em diversas situações observou-se a ausência de calçamento, ou a existência de pavimentações com buracos, pedras quebradas, saltadas ou irregulares. Em outras situações, a topografia íngreme gerava diferentes patamares entre a frente de um lote e outro, criando “degraus” que dificultam a

mobilidade de pessoas que tenham algum tipo de restrição física. Ainda, não foram encontradas relações estatisticamente significativas (Tabulação Cruzada, Phi) entre os problemas enfrentados ao caminhar pelo bairro e as faixas etárias 1 e 2 (Tabela 82 e Figuras 95 e 96).

**Tabela 82:** Problemas enfrentados para caminhar pelo Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

Problemas enfrentados ao caminhar pelo bairro	Locais onde os problemas ocorreram	Faixa 1 60 a 69 anos 33 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 16 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Total 50 (100%)
Dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas	Por todo o bairro	8 (72,7%)	3 (27,3%)	0 (0,0%)	11 (100%)
	Rua da Represa	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>9 (75%)</b>	<b>3 (25%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>12 (100%)</b>
Quase foi atropelado por carros transitando em alta velocidade	Avenida Dr. Renato Del Mese	4 (80%)	1 (20%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Rua Avelino Antônio de Souza	2 (50%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Rua Dr. Henrique Fracasso	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>7 (70%)</b>	<b>3 (30%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>
Caiu em função da baixa qualidade das calçadas	Acesso ao Centro Esportivo Jacintho Maria de Godoy	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Rua Antônio Montemesso Neto	1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Avenida Dr. Renato Del Mese	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Rua Dr. Henrique Fracasso	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Rua Dr. José Caetano de Melo Filho	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Rua Pierina Manfro	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>5 (62,5%)</b>	<b>3 (37,5%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>8 (100%)</b>
A dificuldade ou medo de transitar por ruas com baixa iluminação	Por todo o bairro	5 (71,4%)	2 (28,6%)	0 (0,0%)	7 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>5 (71,4%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>
O desconforto em transitar pelo local em razão da presença de lixo no chão	Por todo o bairro	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Rua da Represa	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>3 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (100%)</b>
Foi vítima de roubo a pedestre	Atrás da UBS Fátima Alta	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Rua Dr. Henrique Fracasso	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (50%)</b>	<b>1 (50%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (100%)</b>

Fonte: da autora (2020).

Também se verifica que apesar de uma parcela pouco expressiva de idosos da faixa 1 e da faixa 2 terem mencionado locais que evitariam caminhar ou problemas ao transitar a pé pelo bairro, uma parcela expressiva dos respondentes, apontaram sugestões de melhorias que vão ao encontro das razões para evitar determinados locais do bairro e as problemáticas mencionadas.



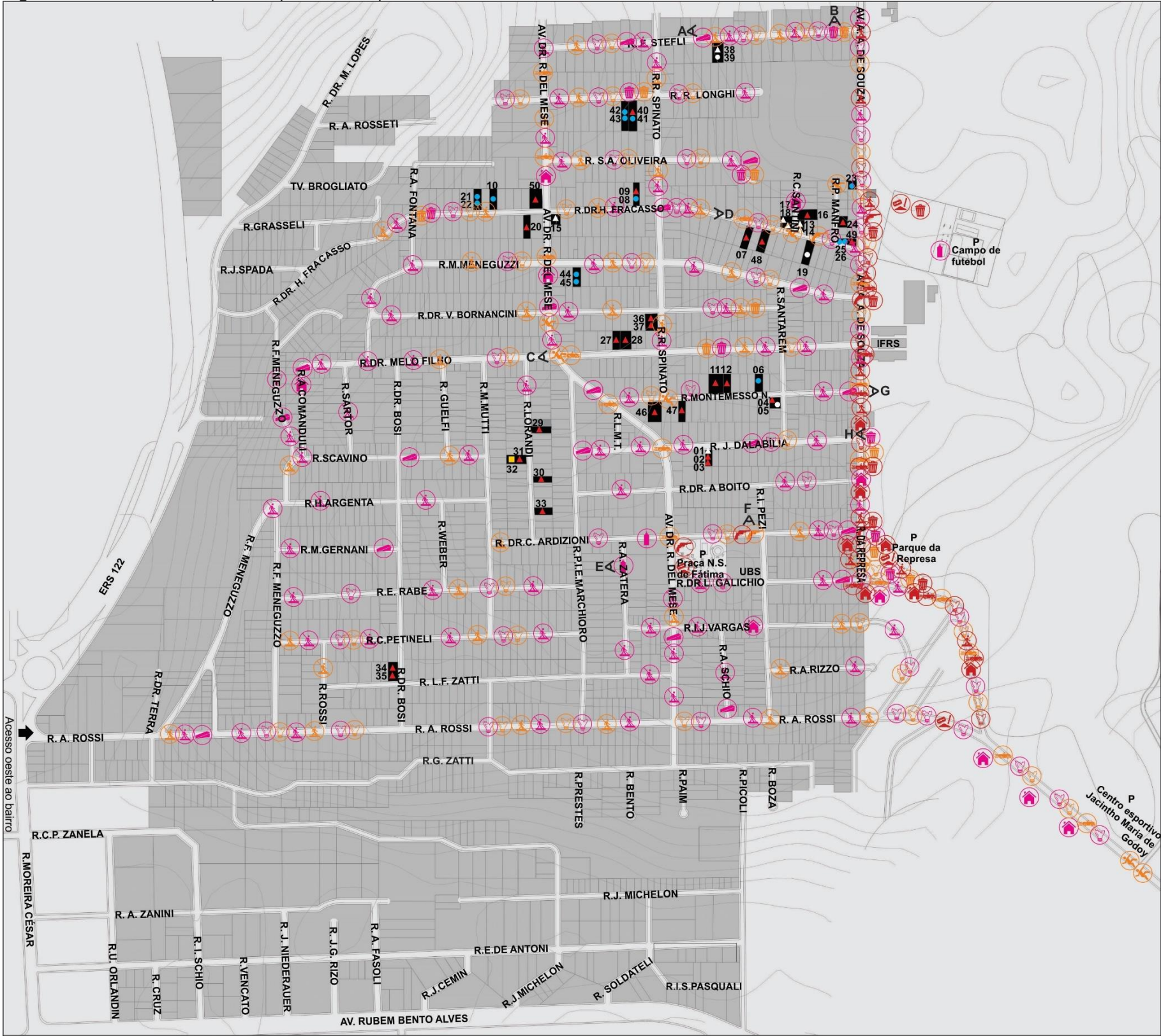
**Figura 95:** Levantamento de problemas do Nossa Senhora de Fátima



Fonte: da autora (2017).



**Figura 96:** Locais evitados pelos respondentes e problemas existentes no Nossa Senhora de Fátima

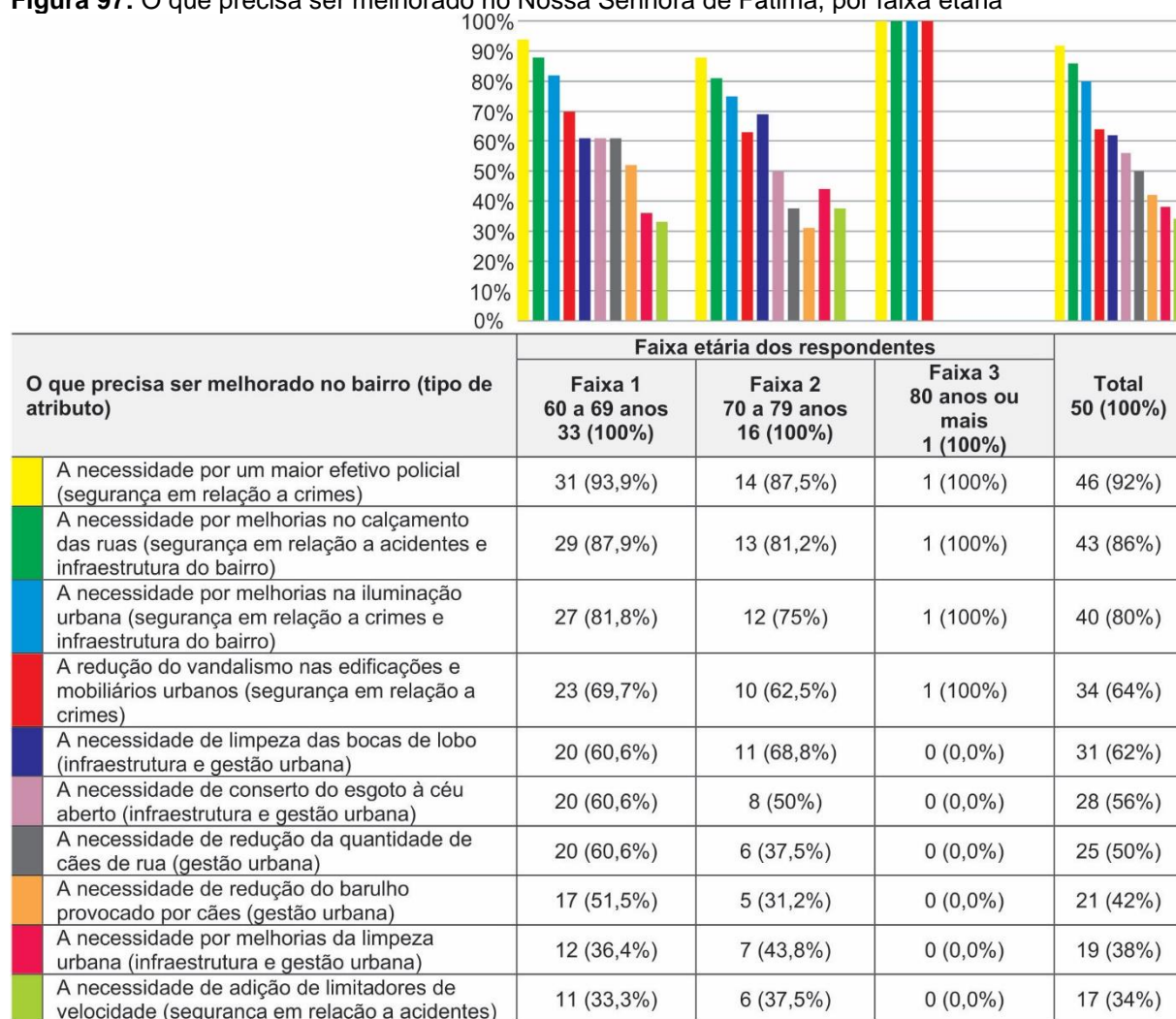


Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram caminhar pelo bairro. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio ou serviço. A marcação dos visuais acompanha a Figura 95 acima.



Logo, a necessidade de “melhorias no calçamento das ruas” (87,5% da faixa 1; 81,2% da faixa 2; 100% da faixa 3) e na “iluminação urbana” (81,2% da faixa 1; 75% da faixa 2; 100% da faixa 3) são sugestões relacionadas à infraestrutura do bairro e a percepção de segurança em relação à crimes ou acidentes que foram consideradas extremamente relevantes para os idosos das três faixas etárias. A necessidade por um “maior efetivo policial” (93,8% da faixa 1; 87,5% da faixa 2; 100% da faixa 3) e a “redução do vandalismo nas edificações e mobiliários urbanos” (68,8% da faixa 1; 62,5% da faixa 2; 100% da faixa 3) são sugestões relacionadas a percepção de segurança em relação à crimes que foram consideradas importantes para os idosos das três faixas etárias (Figura 97).

**Figura 97:** O que precisa ser melhorado no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária



Nota: No texto e na tabela são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias. A tabela completa é encontrada no Anexo XX.

Fonte: da autora (2020).

No entanto, a necessidade de “adição de limitadores de velocidade” (34,4% da faixa 1; 37,5% da faixa 2) é uma sugestão ligada à percepção de segurança em relação a acidentes que foi considerada pouco importante para os idosos das faixas 1 e 2. Enquanto, duas sugestões ligadas à infraestrutura e gestão urbana: a “limpeza das bocas de lobo” (62,5% da faixa 1; 68,8% da faixa 2) e o “conserto do esgoto à céu aberto” (62,5% da faixa 1; 50% da faixa 2) são importantes para os idosos das faixas 1 e 2 (Figura 97).

A necessidade por “melhorias da limpeza urbana” é uma sugestão ligada à infraestrutura e gestão urbana considerada importante para os idosos da faixa 2 (43,8% - 7 de 16) e pouco importante para aqueles da faixa 1 (37,5% - 12 de 32). A necessidade de “redução da quantidade de cães de rua” (59,4% da faixa 1; 37,5% da faixa 2) e do “barulho provocado por cães” (50% da faixa 1; 31,2% da faixa 2) são sugestões ligadas à gestão urbana consideradas importantes para os idosos da faixa 1 e pouco importantes para aqueles da faixa 2. Não tendo sido encontradas relações estatisticamente significativas (Tabulação Cruzada, Phi) entre as sugestões de melhoria para o Nossa Senhora de Fátima e as faixas etárias 1 e 2 (Figura 97).

#### **7.1.12 Características físico-espaciais das rotas no Rio Branco**

Por sua vez, dentre as rotas realizadas pelos idosos dentro do Rio Branco observa-se que independentemente da faixa etária, destino ou meio de deslocamento os idosos transitam pela sua principal via coletora, notadamente, a Avenida Rio Branco (que faz a ligação com o centro da cidade), as vias locais adjacentes a ela até duas quadras.

Assim como transitam pelo segmento da Rua General Sampaio onde está situada a igreja do bairro, local considerado a sua centralidade. Inclusive, nesse “núcleo central” circundado pela Rua General Sampaio e pela Avenida Rio Branco está localizada não apenas a Igreja da Nossa Senhora da Imaculada Conceição (que possui parte dos grupos e associações que os idosos participam) como parte dos comércios e serviços básicos que os idosos mencionaram utilizar, tais como, farmácias e bancos (Figuras 114 e 115).

Além dos comércios e serviços presentes nesse núcleo central, também se verifica uma concentração deles ao longo de toda a Avenida Rio Branco. O

deslocamento dos idosos pela Avenida Rio Branco não seria justificado apenas pela maior concentração de comércios, mas também pela sua topografia mais regular (embora mantenha segmentos íngremes) em relação as demais vias do bairro, que quanto mais afastadas da Avenida mais irregulares se tornam, com alguns casos apresentando declividades de difícil trafegabilidade a pé. Ainda, na Avenida existe uma menor (mas não inexistente) ocorrência de problemas com o calçamento, maior presença de mobiliários urbanos (por exemplo as paradas de ônibus, lixeiras e cabines telefônicas), bem como, é possível realizar um percurso a pé mais retilíneo já que a irregularidade da malha do bairro amplia as distâncias que precisam ser percorridas dependendo da rota escolhida.

Contudo, apesar da Avenida ser a principal rota de deslocamento dos idosos, foi considerada o local mais desagradável do bairro, tendo sido mencionada como tal pela maioria (71,4% - 5 de 7) dos idosos da faixa 3, mas por apenas uma parcela pouco importante dos idosos das faixas 1 (35,3% - 6 de 17) e 2 (30,8% - 8 de 26). Um atributo ligado à segurança em relação a acidentes, o “tráfego intenso de veículos” (100% - 8 de 8 da faixa 2; 100% - 5 de 5 da faixa 3; 83,3% - 5 de 6 da faixa 1) é uma razão extremamente relevante para que os idosos das três faixas considerem a Avenida desagradável (Figuras 98 e 99).

**Figura 98:** Avenida Rio Branco no Rio Branco



Marcação da vista

Fonte: adaptado pela autora de Google Earth Pro (2018).



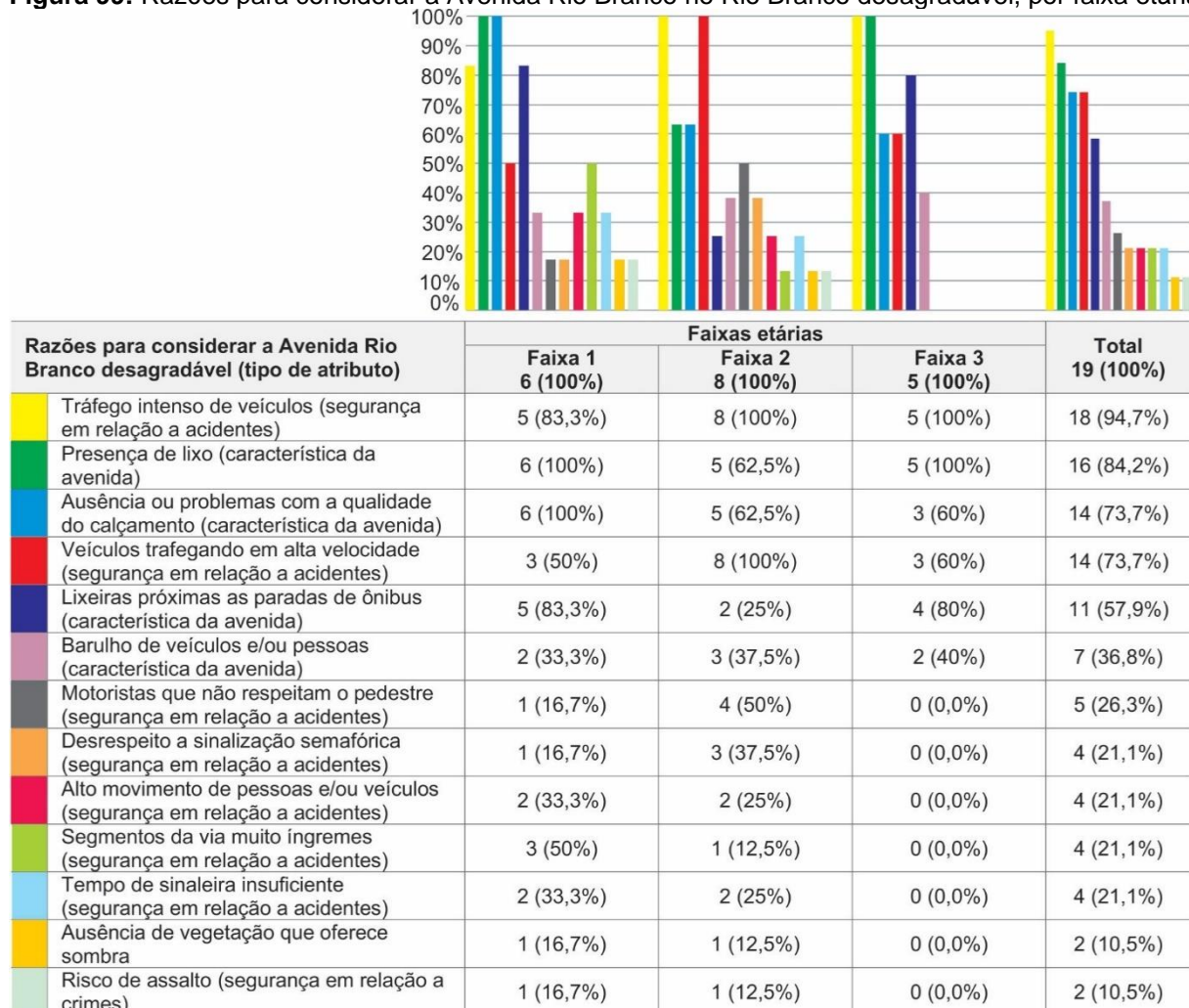
Avenida Rio Branco no encontro com a Rua Carlos Barbosa

Fonte: Google Imagens (2017).

Um atributo ligado à segurança em relação à acidentes, os “veículos trafegando em alta velocidade” é uma razão para que a totalidade da faixa 2 (100% - 8 de 8) considerem o local desagradável, sendo uma razão importante para aqueles da faixa 1 (50% - 3 de 6) e da faixa 3 (60% - 3 de 5). o fato de os “motoristas não respeitarem

o pedestre” é uma razão importante para que os idosos da faixa 2 (50% - 4 de 8) considerem a Avenida desagradável, tendo sido mencionada também por apenas 1 (de 6 – 16,7%) idoso da faixa 1 (Figuras 98 e 99).

**Figura 99:** Razões para considerar a Avenida Rio Branco no Rio Branco desagradável, por faixa etária



**Nota:** Na faixa 1 (6 de 17 – 35,3%), na faixa 2 (8 de 26 – 30,8%) e na faixa 3 (5 de 7 – 71,4%) foram considerados apenas os idosos que mencionaram considerar a Avenida Rio Branco desagradável. No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

**Fonte:** da autora (2020).

Atributos ligados à segurança em relação a acidentes: o “desrespeito a sinalização semafórica” (37,5% - 3 de 8 da faixa 2; 16,7% - 1 de 6 da faixa 1), o “alto movimento de pessoas e/ou veículos” (33,3% - 2 de 6 da faixa 1; 25% - 2 de 8 da faixa 2) e o “tempo de sinalização insuficiente” (33,3% - 2 de 6 da faixa 1; 25% - 2 de 8 da faixa 2) são razões pouco ou nada importantes para que os idosos das faixas 1 e 2 considerem a Avenida desagradável. Características físicas da Avenida: a “presença de lixo” (100% - 6 de 6 da faixa 1; 62,5% - 5 de 8 da faixa 2; 100% - 5 de 5 da faixa 3)



e a “ausência ou problemas com a qualidade do calçamento” (100% - 6 de 6 da faixa 1; 62,5% - 5 de 8 da faixa 2; 60% - 3 de 5 da faixa 3) são razões muito importantes para que os idosos das três faixas etárias considerem o local desagradável (Figuras 98 e 99).

Enquanto outra característica física, as “lixeiros próximas as paradas de ônibus” são uma razão extremamente importante para que os idosos das faixas 1 (83,3% - 5 de 6) e 3 (80% - 4 de 5) considerem a Avenida desagradável, sendo uma razão pouco importante para os idosos da faixa 2 (25% - 2 de 8). Fato suportado pela existência de uma relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada,  $\Phi = 0,569$ , Sig. = 0,046) entre essa razão para considerar a Avenida desagradável e as faixas etárias. Uma característica da Avenida, o fato de a “via conter segmentos muito íngremes” é uma razão importante para que os idosos da faixa 1 (50% - 3 de 6) considerem a Avenida desagradável, sendo uma razão mencionada também por apenas 1 (de 8 – 12,5%) idoso da faixa 2. Já o “barulho de veículos e/ou pessoas” é uma razão pouco importante para que os idosos das três faixas etárias considerem a via desagradável (Figuras 98 e 99).

A Rua General Sampaio é considerada desagradável pela minoria de idosos da faixa 1 (35,3% - 6 de 17) e 1 (de 26 – 3,8%) idoso da faixa 2. Uma característica física, a “presença de lixo” é uma razão para que a totalidade de idosos da faixa 1 (100% - 6 de 6) e da faixa 2 (100% - 1 de 1) a considerem desagradável. Já “pichações e grafites em edificações e muros” é uma razão para metade dos idosos da faixa 1 (50% - 3 de 6) e o único respondente da faixa 2 (100% - 1 de 1) a considere desagradável (Figuras 100 e 101).

**Figura 100:** Rua General Sampaio no Rio Branco



Marcação da vista

**Fonte:** adaptado pela autora de Google Earth Pro (2018).

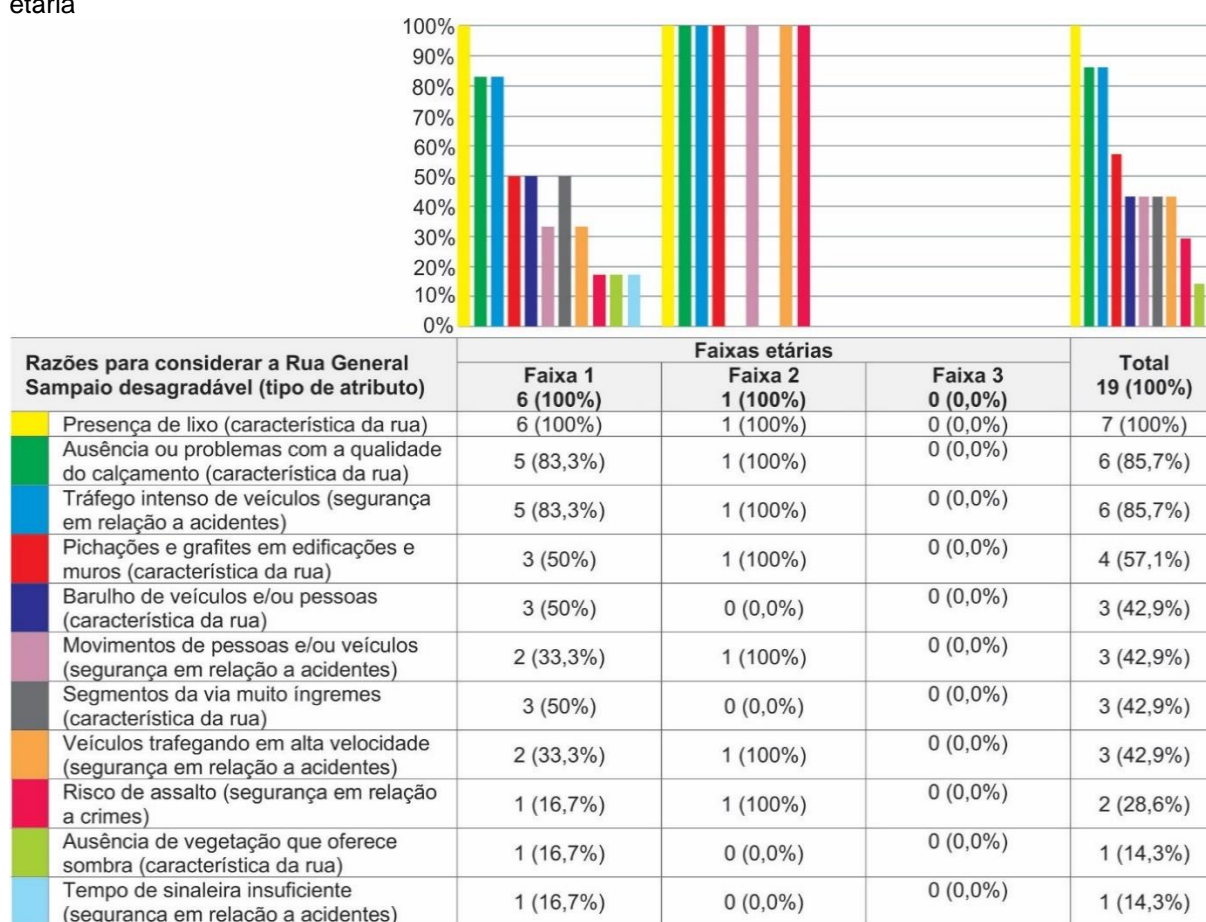


A) Rua General Sampaio próxima a Rua General Mallet

**Fonte:** Google Imagens (2017).

A “via conter segmentos muito íngremes” é uma razão importante apenas para os idosos da faixa 1 (50% - 3 de 6) a considerarem desagradável. Atributos ligados à segurança em relação a acidentes: a “ausência ou problemas com a qualidade do calçamento” (83,3% - 5 de 6 da faixa 1; 1 de 1 da faixa 2) e o “tráfego intenso de veículos” (83,3% - 5 de 6 da faixa 1; 1 de 1 da faixa 2) são razões extremamente relevantes para que os idosos da faixa 1 a considerem desagradável, sendo razões também indicadas pelo respondente da faixa 2 (Figuras 100 e 101).

**Figura 101:** Razões para considerar a Rua General Sampaio no Rio Branco desagradável, por faixa etária



**Nota:** Na faixa 1 (6 de 17 – 35,3%) e na faixa 2 (1 de 26 – 3,8%) foram considerados apenas os idosos que mencionaram considerar a Rua General desagradável. No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

**Fonte:** da autora (2020).

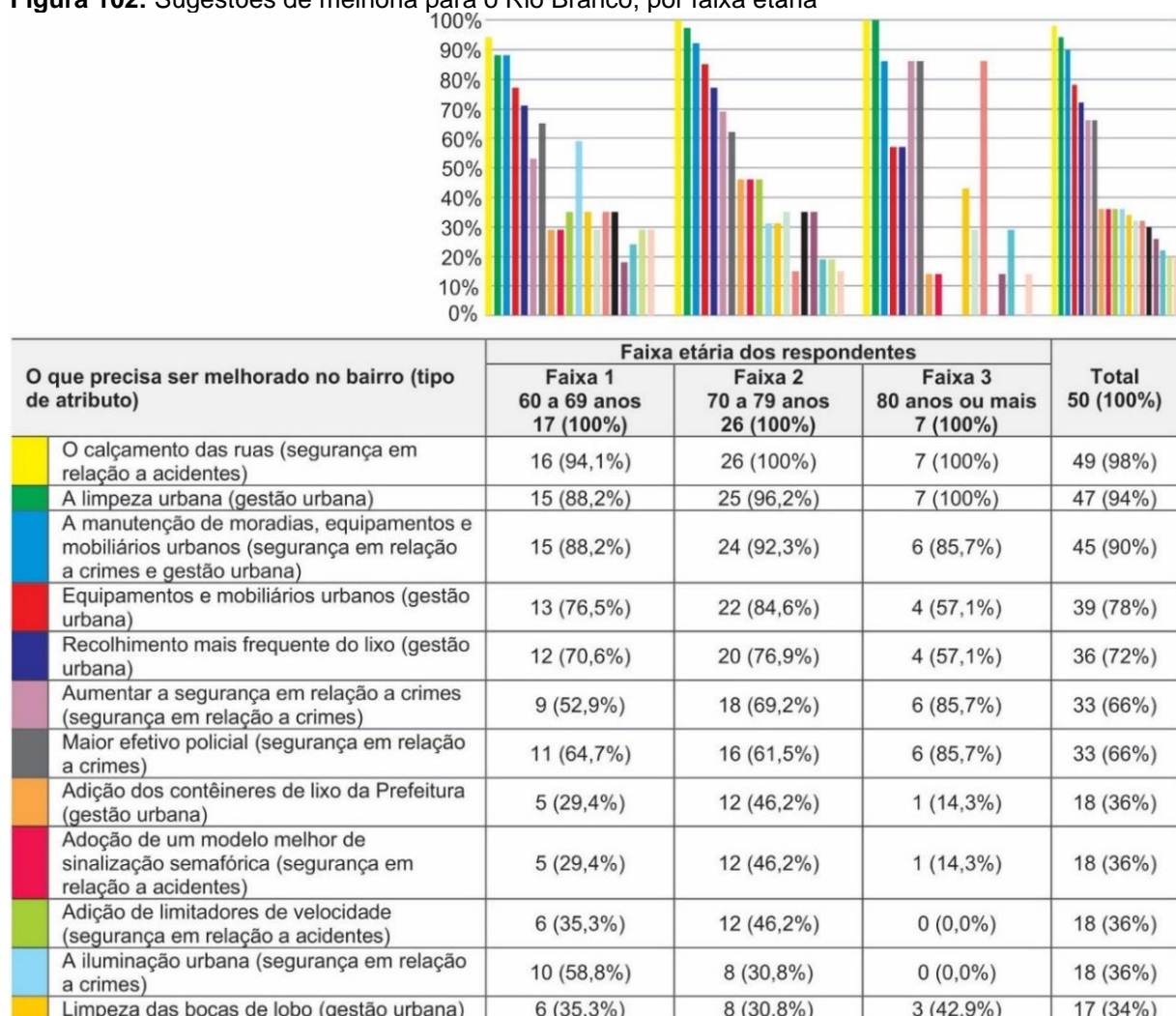
Atributos ligados à segurança em relação a acidentes: o “alto movimento de pessoas e/ou veículos” (33,3% - 2 de 6 da faixa 1; 1 de 1 da faixa 2) e os “veículos trafegando em alta velocidade” (33,3% - 2 de 6 da faixa 1; 1 de 1 da faixa 2) são razões pouco relevantes para os idosos da faixa 1 considerarem a rua desagradável, também tendo sido mencionadas pelo respondente da faixa 2. Uma característica da rua o



“barulho de veículos e/ou pessoas” é uma razão importante apenas para os idosos da faixa 1 (50% - 3 de 6) considerarem a Rua Gen. Sampaio desagradável. Contudo, não foi encontrada relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre as razões para considerar a Rua Gen. Sampaio desagradável e as faixas etária 1 e 2 (Figuras 100 e 101).

As razões para considerar as duas vias desagradáveis tem relação direta com as sugestões de melhorias para o bairro. Portanto, as sugestões de melhoria para “o calçamento das ruas” (100% da faixa 3; 100% da faixa 2; 94,1% da faixa 1); “a limpeza urbana” (100% da faixa 1; 96,2% da faixa 2; 88,2% da faixa 1); e a “manutenção de moradias, equipamentos e mobiliários urbanos” (92,3% da faixa 2; 88,2% da faixa 1; 85,7% da faixa 3) são extremamente importantes para os idosos das três faixas etárias (Figura 102).

**Figura 102:** Sugestões de melhoria para o Rio Branco, por faixa etária



Continua na próxima página

Ampliação do tempo da sinalização para a travessia de pedestres (segurança em relação a acidentes)	5 (29,4%)	9 (34,6%)	2 (28,6%)	16 (32%)
Redução do volume de trânsito (segurança em relação a acidentes)	6 (35,3%)	4 (15,4%)	6 (85,7%)	16 (32%)
Campanha para ensinar os vizinhos acerca dos horários da coleta do lixo (gestão urbana)	6 (35,3%)	9 (34,6%)	0 (0,0%)	15 (30%)
A sinalização das ruas – placas de indicação de locais (mobilidade)	3 (17,6%)	9 (34,6%)	1 (14,3%)	13 (26%)
Redução do barulho provocado por veículos (gestão urbana)	4 (23,5%)	5 (19,2%)	2 (28,6%)	11 (22%)
Criação de elementos que amenizem a declividade das ruas (mobilidade)	5 (29,4%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	10 (20%)
Melhor acesso ao transporte público (degraus altos) (gestão urbana)	5 (29,4%)	4 (15,4%)	1 (14,3%)	10 (20%)

**Nota:** No texto são destacadas apenas as razões mencionadas, pelo menos, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

**Fonte:** da autora (2020).

Por outro lado, são sugestões de melhoria muito importantes para os idosos das três faixas: modificação dos “equipamentos e mobiliários urbanos” (84,6% da faixa 2; 76,5% da faixa 1; 57,1% da faixa 3); o “recolhimento mais frequente do lixo” (76,9% da faixa 2; 70,6% da faixa 1; 57,1% da faixa 3), o “aumento da segurança em relação a crimes” (85,7% da faixa 3; 69,2% da faixa 2; 52,9% da faixa 1) e o “maior efetivo policial” (85,7% da faixa 3; 64,7% da faixa 1; 61,5% da faixa 2) (Figura 102).

As sugestões de “adição de contêineres de lixo da Prefeitura”, a “adoção de um modelo melhor de sinalização semafórica” (o existente não demonstra o tempo restante para a travessia) e a “adição de limitadores de velocidade” são razões importantes para 46,2% (12 de 26) dos idosos da faixa 2. Enquanto melhorias na “iluminação urbana” é uma sugestão relevante apenas para a maioria (58,8% - 10 de 17) dos idosos da faixa 1. A “limpeza das bocas de lobo” é uma sugestão de melhoria relevante apenas para 42,9% (3 de 7) dos idosos da faixa 3 (Figura 102).

Apesar dessas sugestões de melhoria, apenas dois idosos de cada faixa etária teriam mencionado ruas do bairro que evitariam. Entretanto, uma parcela que não pode ser desprezada de idosos das três faixas etárias apontaram problemas que teriam ocorrido ao caminhar pelo bairro (Tabela 83). Dentre esses problemas, a expressiva maioria (71,4% - 5 de 7) dos idosos 3 e a maioria daqueles das faixas 2 (65,4% - 17 de 26) e 1 (64,7% - 11 de 17) mencionaram a “dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas”, com a maioria deles apontando ser um problema do bairro em geral.

A clara maioria (80,8% - 21 de 26) dos idosos da faixa 2, 35,3% (6 de 17) daqueles da faixa 1 e 28,6% (2 de 7) daqueles da faixa 3 menciona o “medo ou

desconforto por transitar em vias com intenso movimento de pedestres e veículos”, com esse problema ocorrendo principalmente na Avenida Rio Branco (Tabela 83). Uma parcela relevante (42,9% - 3 de 7) de idosos da faixa 3 menciona também a “dificuldade para atravessar em vias com intenso movimento de pedestres ou veículos” e o “desconforto em transitar pelo local em razão da presença de lixo no chão”, com esse problema sendo mais apontado em relação a Avenida Rio Branco. Os demais problemas presentes na Tabela 83, apesar de não serem menos graves foram mencionados por uma parcela pouco expressiva de idosos em cada uma das três faixas etárias.

**Tabela 83:** Problemas enfrentados para caminhar pelo Rio Branco, por faixa etária

Problemas enfrentados ao caminhar pelo bairro	Locais	Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	Total 50 (100%)
Dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas	Bairro em geral	9 (52,9%)	11 (42,3%)	2 (28,6%)	22 (44%)
	Avenida Rio Branco	1 (5,9%)	5 (19,2%)	3 (42,9%)	9 (18%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Em frente ao Lefan	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Olavo Bilac	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>11 (64,7%)</b>	<b>17 (65,4%)</b>	<b>5 (71,4%)</b>	<b>33 (66%)</b>
Medo ou desconforto por transitar em vias com intenso movimento de pedestres ou veículos	Avenida Rio Branco	6 (35,3%)	11 (42,3%)	2 (28,6%)	19 (38%)
	Rua Olavo Bilac	0 (0,0%)	10 (38,5%)	0 (0,0%)	10 (20%)
		<b>6 (35,3%)</b>	<b>21 (80,8%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>29 (58%)</b>
Dificuldade para atravessar a rua pelo pouco tempo de sinaleira	Avenida Rio Branco	5 (29,4%)	8 (30,8%)	3 (42,9%)	16 (32%)
		<b>5 (29,4%)</b>	<b>8 (30,8%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>16 (32%)</b>
O desconforto em transitar pelo local em razão da presença de lixo no chão	Avenida Rio Branco	4 (23,5%)	4 (15,4%)	2 (28,6%)	10 (20%)
	Rua Olavo Bilac	0 (0,0%)	2 (7,7%)	1 (14,3%)	3 (6%)
	Em frente ao Lefan	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Sarmento Leite	1 (5,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>6 (35,3%)</b>	<b>6 (23,1%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>15 (30%)</b>
Quase foi atropelado por carros transitando em alta velocidade	Avenida Rio Branco	4 (23,5%)	7 (26,9%)	1 (14,3%)	12 (24%)
<b>Total parcial</b>		<b>4 (23,5%)</b>	<b>7 (26,9%)</b>	<b>1 (14,3%)</b>	<b>12 (24%)</b>
A dificuldade para caminhar por vias íngremes	Bairro em geral	1 (5,9%)	6 (23,1%)	0 (0,0%)	7 (14%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (5,9%)</b>	<b>7 (26,9%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>8 (16%)</b>
Desagradabilidade em transitar por ruas com mau cheiro	Avenida Rio Branco	0 (0,0%)	1 (3,8%)	2 (28,6%)	3 (6%)
	Bairro em geral	1 (5,9%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	2 (4%)
	Rua Olavo Bilac	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>1 (5,9%)</b>	<b>4 (15,4%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>7 (14%)</b>
Desagradabilidade em transitar por ruas com vandalismo (pichação)	Bairro em geral	2 (11,8%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	5 (10%)
	Avenida Rio Branco	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Olavo Bilac	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>2 (11,8%)</b>	<b>5 (19,2%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (14%)</b>

Continua na próxima página

Desagradabilidade em transitar por vias com excesso de barulho de veículos	Avenida Rio Branco	2 (11,8%)	4 (15,4%)	1 (14,3%)	7 (14%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (11,8%)</b>	<b>4 (15,4%)</b>	<b>1 (14,3%)</b>	<b>7 (14%)</b>
A dificuldade ou medo de transitar por ruas com baixa iluminação	Bairro em geral	1 (5,9%)	3 (11,5%)	0 (0,0%)	4 (8%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (5,9%)</b>	<b>4 (15,4%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (10%)</b>
Caiu em função da baixa qualidade das calçadas	Avenida Rio Branco	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Luís Vedovelli	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	1 (2%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (3,8%)</b>	<b>2 (28,6%)</b>	<b>3 (6%)</b>
Medo de transitar por locais com a presença de usuários de drogas/prostituição	Estação Férrea	1 (5,9%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	2 (4%)
	Praça do Trem	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>1 (5,9%)</b>	<b>2 (7,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (6%)</b>
Desagradabilidade em transitar por ruas com fezes de cachorro	Bairro em geral	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Rua Sarmento Leite	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (7,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (4%)</b>
Foi vítima de roubo a pedestre	Rua General Zeca Neto	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (14,3%)	1 (2%)
<b>Total parcial</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (14,3%)</b>	<b>1 (2%)</b>

No levantamento físico realizado no bairro (2017) foram observados vários dos problemas mencionados pelos idosos. Entre eles o movimento intenso de veículos e pedestres pela Avenida Rio Branco e Rua General Sampaio, nas quais em horários de maior movimento (8h, 12h, 14h e 18h) chegavam a apresentar congestionamento de veículos, que não conseguiam avançar além de uns 30km/h. Enquanto nos demais horários, apesar do movimento de veículos e pessoas continuar intenso, a velocidade de veículos era bem superior àquela percorrida nos horários de congestionamento. Também se verificou que embora a média da velocidade em cada faixa etária ainda esteja acima do padrão para pessoas adultas saudáveis (1,2m/s ou 4,3km/h) do CONTRAN (2007), vários idosos precisavam “andar mais rápido” para alcançar essa velocidade, bem como, parte dos registros em cada uma das faixas etárias não alcança essa velocidade padrão (Tabela 84).

**Tabela 84:** Velocidade de caminhada de idosos no Rio Branco, por faixa etária

Número do idoso	Faixa 1 60 a 69 anos 7 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 3 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 2 (100%)
01	2m/s	-	-
02	-	-	1,5m/s
03	1,5m/s	-	-
04	-	0,85m/s	-
05	0,75 m/s	-	-
06	1,71 m/s	-	-
07	-	1,18 m/s	-
08	-	2 m/s	-
09	1 m/s	-	-
10	-	1,71m/s	-
11	3m/s	-	-

Continua na próxima página

12	-	1m/s	-
13	-	1,5m/s	-
14	-	-	1m/s
15	-	1m/s	-
16	0,9m/s	-	-
<b>Média</b>	<b>1,5m/s</b>	<b>1,3m/s</b>	<b>1,3m/s</b>

**Nota:** as velocidades foram recolhidas na Av. Rio Branco que possui 20 metros de gabarito de leito carroçável e na R. General Sampaio que possui gabarito de 12 metros de leito carroçável.

**Fonte:** da autora (2017).

Ainda, observou-se principalmente no segmento da Rua General Sampaio em frente à Igreja, que apesar deste ser um local com intenso movimento de veículos, em mais de uma ocasião aconteceu o desrespeito a sinalização semafórica. Esse comportamento é particularmente grave nessa região pois não apenas a sinaleira está situada bem no centro da curvatura da rua, como essa curva tem um ângulo crescente e outro descendente em relação a essa localização, o que dificulta tanto a visão dos motoristas em relação aos pedestres atravessando, como também dificulta a visualização dos veículos chegando até o local (Figura 103).

**Figura 103:** Observações no Rio Branco



Vista A – Movimento intenso de veículos



Vista B – Curvatura da Rua General Sampaio em frente à Igreja

**Fonte:** da autora (2017)

**Nota:** as vistas têm a sua localização marcada na Figura 105.

Neste mesmo segmento, em sua parte descendente, as calçadas possuíam diferentes patamares com alturas diferentes em cada testada de lote, tendo sido observado em um deles uma diferença de altura de pelo menos meio metro (Figura 108d). Esses patamares forçam as pessoas a caminharem na rua ao invés de pela calçada, o que em uma rua com intenso movimento de veículos é um sério risco a segurança dos pedestres. Contudo, esse não é o único local que esse tipo de situação



ocorre, sendo observado em vários locais do bairro essa criação de “degraus” na calçada para acomodar os declives na topografia (Figura 104). Outro problema nas calçadas que geravam a necessidade das pessoas em caminhar pela rua é o estreitamento de calçadas, ocorrendo casos em que a largura disponível para caminhar não alcançava meio metro.

**Figura 104:** Observações no Rio Branco



Vista C – Diferentes angulações na calçada



Vista D – Diferenças de altura entre trechos da calçada



Vista E – Calçada estreita e impedida

**Fonte:** da autora (2017)

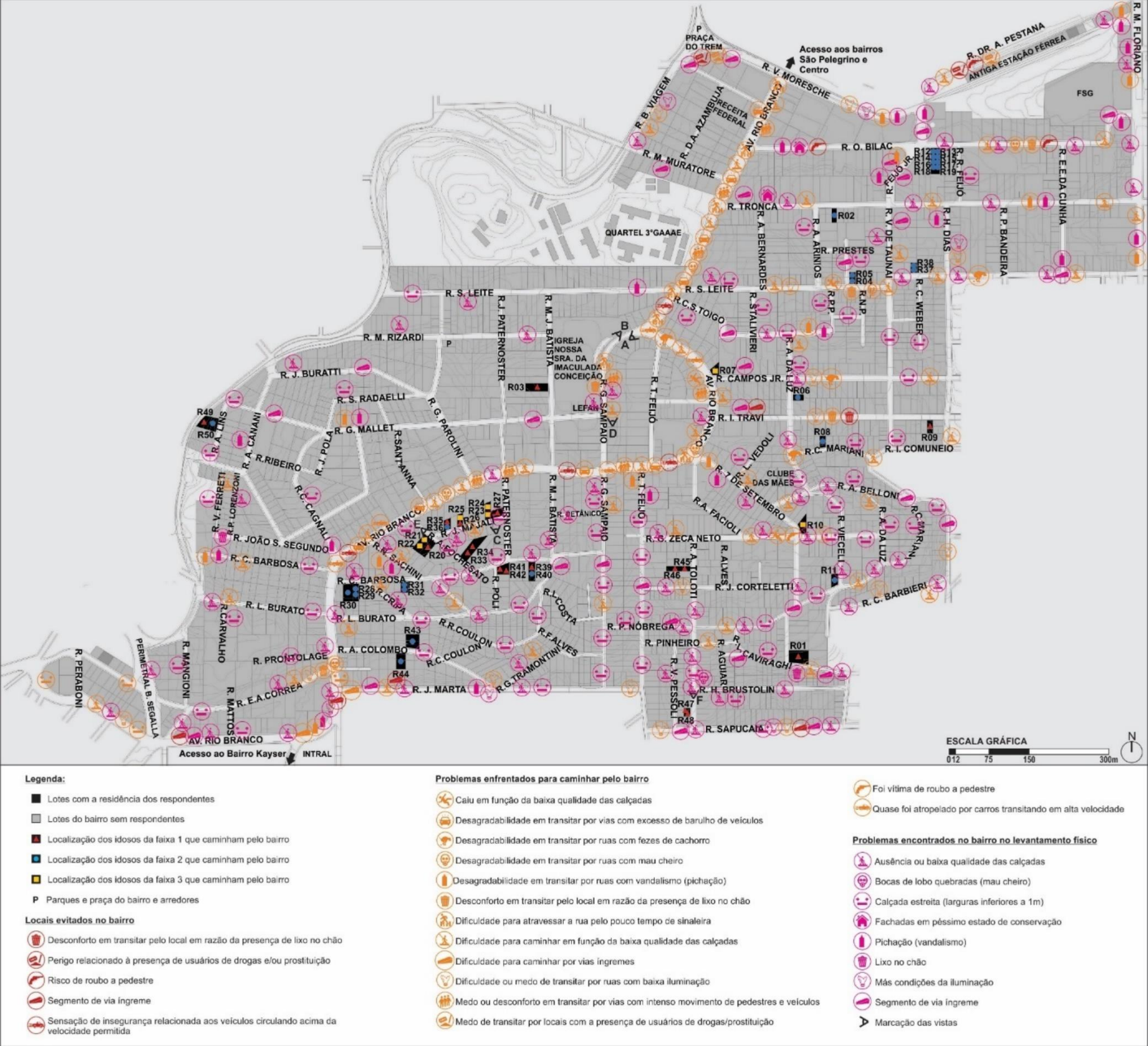
**Nota:** as vistas têm a sua localização marcada na Figura 122.



Vista D – Degraus nas calçadas e abertura na boca de lobo



Figura 105: Locais evitados pelos respondentes e problemas existentes no Rio Branco



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram caminhar pelo bairro. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio ou serviço. A marcação dos visuais acompanha as Figura 103 e 104 acima.

Fonte: da autora (2020).

Ainda, foram observadas calçadas quebradas pelo crescimento de raízes das árvores implantadas, ou trechos em que a calçada estava quebrada exatamente sobre a boca de lobo, causando o mau cheiro comentado pelos idosos, ou esse mau cheiro era proveniente dos contêineres de lixo municipais, que apesar de móveis foram vistos em várias ocasiões localizados ao lado das paradas de ônibus da Av. Rio Branco (Figura 104). Assim como ocorre no Nossa Senhora de Fátima, apesar dos postes de iluminação estarem a distâncias que respeitam os padrões estabelecidos pelas normativas brasileiras e estaduais, em observação das ruas do bairro durante o período noturno, percebeu-se que vários segmentos de vias ficam com um nível de iluminação fraco. Esse problema ocorria principalmente nas vias mais afastadas da Avenida Rio Branco. Igualmente esse problema na iluminação, unido as pichações e uma manutenção pouco frequente tornam a Estação férrea insegura à noite, uma vez que, fora as semanas durante o mês de novembro em que abriga um festival de Blues, na maioria do ano fica desocupada. Essa situação não se altera nem mesmo com a localização no seu entorno do chamado “Largo da Estação Férrea”, no qual está localizado uma faculdade e uma diversidade de bares, que fazem desse local uma das únicas regiões da cidade que atraem o movimento de pessoas e/veículos durante à noite (em Caxias do Sul existe um costume de não haver movimento nas ruas a partir das 22h, salvo em restaurantes, bares e instituições de ensino).

#### **7.1.13 Características físico-espaciais das rotas no São Pelegrino e no centro da cidade**

Independentemente da faixa etária os percursos realizados a pé pelos idosos do São Pelegrino concentram-se em duas regiões distintas. A primeira, no sentido Oeste-Leste, inicia no Parque Cinquentenário (divisa do São Pelegrino com o Cinquentenário) até a Igreja de São Pelegrino, e, no sentido Norte-Sul, inicia na Avenida Itália até a Praça do Trem (divisa com o Rio Branco). Nessa região concentra-se não apenas a moradia de 26 (dos 50 – 52%) dos respondentes da pesquisa, mas também comércios e serviços básicos utilizados pelos idosos (tais como supermercado e farmácia), o Shopping São Pelegrino, a Igreja de São Pelegrino, a Praça do Trem e o Parque Cinquentenário, ou seja, a maioria dos destinos de rota dos respondentes desse bairro (Figuras 116 e 117).

Por sua vez, a segunda e maior concentração de rotas ocorre na Avenida Júlio de Castilhos, de seu trecho a partir da Igreja de São Pelegrino até a Praça Dante Alighieri (marco zero da cidade), e em outras duas vias paralelas a ela (mesmo que em menor quantidade), nomeadamente as ruas Sinimbú e Os 18 do Forte. Contudo, nessas outras duas a concentração de percursos ocorre até a altura da Praça da Bandeira (localizada a duas quadras da Igreja de São Pelegrino). Na frente dessa Praça está localizado o Camelô municipal, que embora não tenha sido apontado pelos idosos como destino de rota é um dos únicos atrativos desses segmentos de quadra.

**Figura 106:** Observações no centro da cidade (São Pelegrino e Centro)



Vista A – Entrada do Parque Cinquentenário  
**Fonte:** da autora (2017).

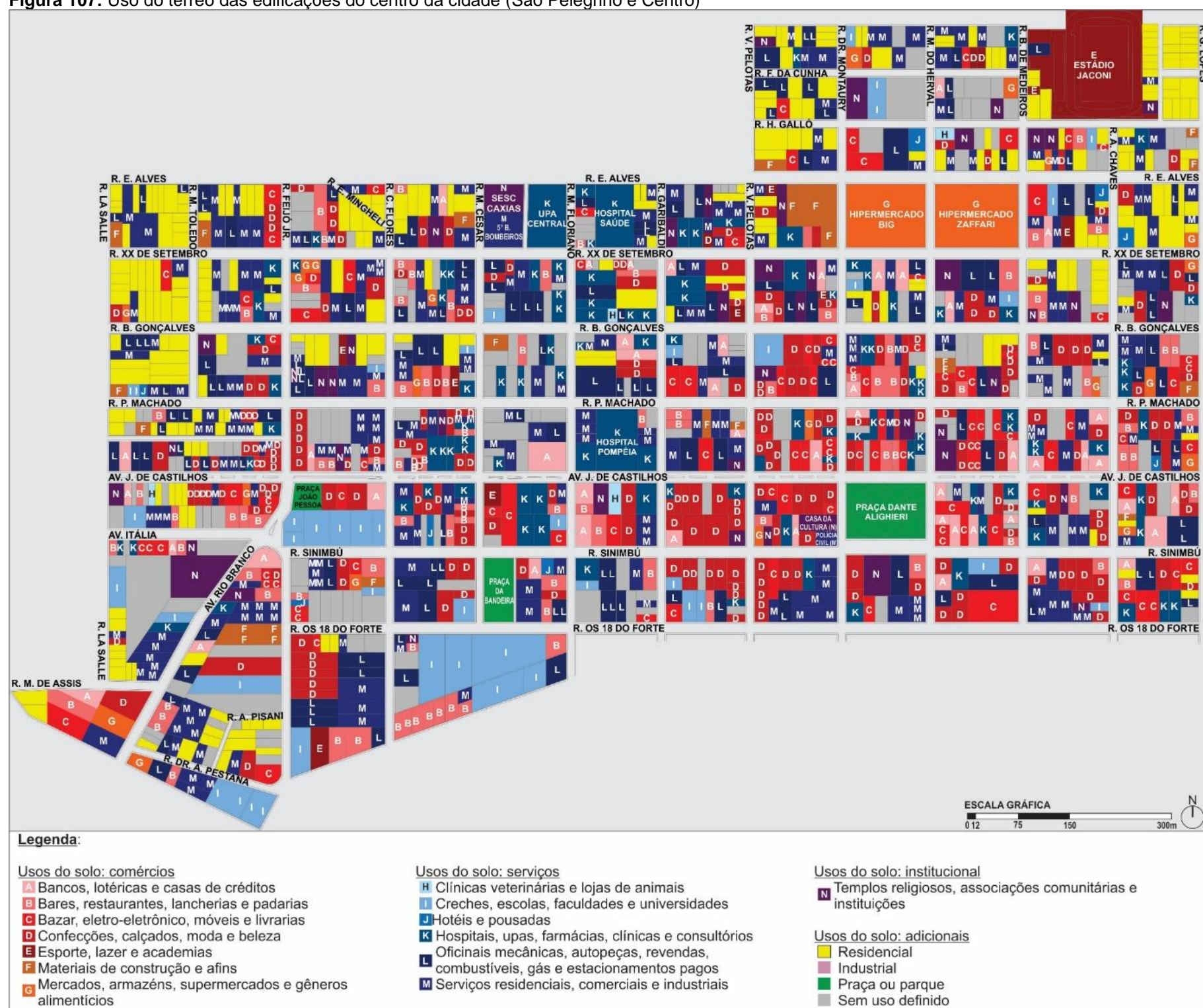


Vista B – Praça Dante Alighieri

Por sua vez, a Avenida Júlio de Castilhos possui uma quantidade maior de mobiliários (tais como: postes de iluminação para pedestres, lixeiras e cabines telefônicas), um maior número de vegetação que oferece sombra, o núcleo histórico da cidade (edificações tombadas) com várias dessas edificações de no máximo 2 andares abrigando comércios, e uma calçada com gabarito mais largo que o padrão de 2m geralmente adotado. Por todos esses segmentos da Avenida Júlio de Castilhos há uma concentração de comércios no térreo de praticamente todas as edificações. Embora essa característica seja comum em toda a região do centro da cidade (Figura 107), nesses segmentos da Avenida Júlio de Castilhos se tornam mais atrativos, pelo gabarito de calçada mais largo e o alto movimento de pedestres, fato que criou uma condição que faz com que a Avenida se assemelhe a uma via compartilhada, com os veículos não conseguindo trafegar além da velocidade de 30km/h.



Figura 107: Uso do térreo das edificações do centro da cidade (São Pelegrino e Centro)



Ainda, esses segmentos de quadra da Avenida Júlio de Castilhos apesar de apresentarem condições topográficas similares àquelas da Rua Sinimbú (paralela a ela) aparenta possuir menores declividades. Outra característica que pode levar os idosos a preferir transitar pela Avenida Júlio de Castilhos ao invés da Rua Sinimbú, apesar desta também possuir alta concentração de comércio, é que nessa rua o gabarito da calçada segue a medida padrão de 2m, apresentando um fluxo alto de pedestres e veículos e as paradas de ônibus instaladas nessa rua seguidamente se tornam obstáculos a passagem por ocuparem quase toda a largura da calçadas, se estendendo também em seu comprimento por uns 20m.

**Figura 108:** Observações pelo centro da cidade (Centro)



Vista C – Calçadas de gabarito mais largo da Av. Júlio de Castilhos

Vista D – Paradas obstruindo a calçada na Rua Sinimbú

Fonte: da autora (2017).

Outros fatores que facilitam a trafegabilidade por essas vias da região conhecida como centro da cidade estão tanto na qualidade das calçadas como em sua topografia. Portanto, apesar de ainda existir em alguns segmentos problemas nas calçadas, o seu número e gravidade é reduzido em relação àqueles observados nos demais bairros. Ainda, apesar da existência de segmentos em que a topografia é mais íngreme, as inclinações são mais suaves que aquelas encontradas no Rio Branco e Nossa Senhora de Fátima. A malha urbana regular, com quarteirões que mantêm geralmente um tamanho de segmento que não ultrapassa os 120m, permite uma facilidade de localização, bem como, destinos mais retilíneos e, portanto, menos distantes que aqueles observados principalmente no Rio Branco.



Por sua vez, os percursos realizados com meios de transporte igualmente concentram-se no entorno do quarteirão em que a Igreja de São Pelegrino está localizada, uma vez que esse quarteirão é adjacente a via (Feijó Júnior que a partir desse ponto vira a Avenida Rio Branco) que dá acesso ao Shopping e a Praça do Trem, bem como, está em frente a rótula onde termina a Avenida Itália e inicia a Rua Sinimbú. Essa região ainda concentra os percursos dos idosos uma vez que a maioria dos respondentes mora em suas quadras adjacentes, com umas dessas ruas onde eles moram terminando antes do fim do quarteirão, e, portanto, tendo acesso apenas pela Rua La Salle (segmento lateral esquerdo do quarteirão da Igreja). Os sentidos de fluxo das ruas onde esses idosos residem ampliam os percursos de veículo pelo quarteirão da Igreja e na rua que faz divisa com o Bairro Cinquentenário (onde está situada a entrada do Parque Cinquentenário).

Entretanto, diferente dos percursos realizados a pé, as rotas com veículos se ampliam para as ruas localizadas na região norte do bairro, principalmente na volta do cemitério, e seguem até a altura do Hipermercado Zaffari. Adicionalmente, diferente do que ocorre nos demais bairros, a expressiva maioria dos idosos da faixa 3 (85,7% - 6 de 7), a maioria daqueles das faixas 2 (60,6% - 20 de 33) e metade (50% - 5 de 10) daqueles da faixa 1 não consideram qualquer lugar do bairro desagradável, com uma quantidade pouco expressiva de idosos citando locais como desagradáveis.

Entretanto, o fato de os idosos não terem mencionado locais desagradáveis no bairro não exclui a existência de problemas mencionados pelos idosos ao caminhar pelas ruas do centro da cidade. O “medo ou desconforto por transitar em vias com intenso movimento de pedestres e/ou veículos” é um problema extremamente relevante para os idosos da faixa 2 (87,9% - 29 de 33), relevante para aqueles da faixa 3 (42,9% - 3 de 7) e mencionada por apenas 30% (3 de 10) dos idosos da faixa 1, com as mesmas quantidades de idosos mencionando a “dificuldade para atravessar a rua pelo pouco tem de sinaleira”.

Em levantamento físico realizado verificou-se que as médias de velocidade obtidas dos idosos das faixas 2 e 3 não alcançam a medida considerada como padrão para adultos saudáveis do CONTRAN (2007), ainda, apesar de média dos idosos da faixa 1 ser até superior ao padrão de 1,2m/s mesmo assim se observadas as medidas de cada idoso isoladamente verifica-se a existência até nesse grupo de idosos que não atingem essa velocidade média padrão para atravessar as ruas (Tabela 85).



**Tabela 85:** Velocidade de caminhada de idosos no São Pelegrino, por faixa etária

Número do idoso	Faixa 1 60 a 69 anos 5 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 7 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 2 (100%)
01		1,2m/s	
02		1 m/s	
03	1,8m/s		
04			1 m/s
05	1 m/s		
06		1,2 m/s	
07	1,5m/s		
08		1,2m/s	
09		0,9 m/s	
10		1 m/s	
11	0,9m/s		
12			0,54 m/s
13	2 m/s	1,5m/s	-
<b>Média</b>	<b>1,7m/s</b>	<b>1,1m/s</b>	<b>0,8 m/s</b>

**Nota:** as velocidades foram recolhidas na intersecção da Av. Rio Branco, Av. Itália e R. Feijó Júnior. Todas as vias possuem gabarito de 20 metros

**Fonte:** da autora (2017).

Outro fator que complica a travessia das ruas pelos idosos tanto no centro da cidade como no Rio Branco são os tamanhos de gabarito de rua que variam entre 12 e 20m, enquanto no Nossa Senhora de Fátima esses gabaritos são entre 9 a 12m. Outro problema considerado relevante para os idosos da faixa 1, embora seja mencionado por apenas 1 (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 e 12,1% (4 de 33) daqueles da faixa 2 é o desconforto pela ausência de sombra nas praças do Trem e Dante Alighieri, enquanto os demais problemas da Tabela 86 embora não deixem de ser relevantes são mencionados por uma parcela pouco expressiva de idosos em cada faixa etária.

**Tabela 86:** Problemas enfrentados para caminhar pelo São Pelegrino e pelo centro da cidade, por faixa etária

Problemas enfrentados ao caminhar pelo bairro	Locais	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou mais 7 (100%)	Total 50 (100%)
Medo ou desconforto por transitar em vias com intenso movimento de pedestres ou veículos	da R. Ernesto Alves à Os 18 de Forte e da R. Moreira César à Alfredo Chaves	1 (10%)	10 (30,3%)	1 (14,3%)	12 (24%)
	Rua Borges de Medeiros	0 (0,0%)	3 (10,3%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	Av. Júlio de Castilhos	1 (10%)	8 (27,6%)	1 (14,3%)	10 (20%)
	Rua Sinimbú	1 (10%)	8 (27,6%)	1 (14,3%)	10 (20%)
		<b>3 (30%)</b>	<b>29 (87,9%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>35 (70%)</b>
Dificuldade para atravessar a rua pelo pouco tempo de sinalização	da R. Ernesto Alves à Os 18 de Forte e da R. Moreira César à Alfredo Chaves	1 (10%)	10 (30,3%)	1 (14,3%)	12 (24%)
	Rua Borges de Medeiros	0 (0,0%)	3 (10,3%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	Av. Júlio de Castilhos	1 (10%)	8 (27,6%)	1 (14,3%)	10 (20%)
	Rua Sinimbú	1 (10%)	8 (27,6%)	1 (14,3%)	10 (20%)
		<b>3 (30%)</b>	<b>29 (87,9%)</b>	<b>3 (42,9%)</b>	<b>35 (70%)</b>

Continua na próxima página

Dificuldade para caminhar em função da baixa qualidade das calçadas	Em todo o centro	3 (30%)	13 (39,4%)	1 (14,3%)	17 (34%)
		<b>3 (30%)</b>	<b>13 (39,4%)</b>	<b>1 (14,3%)</b>	<b>17 (34%)</b>
Desconforto pela ausência de sombra	Praça do Trem	4 (40%)	3 (9,1%)	1 (14,3%)	8 (16%)
	Praça Dante Alighieri	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>4 (40%)</b>	<b>4 (12,1%)</b>	<b>1 (14,3%)</b>	<b>9 (18%)</b>
A dificuldade para caminhar por vias íngremes	Rua Borges de Medeiros	0 (0,0%)	3 (9,1%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	Parque Getúlio Vargas (dos macaquinhos)	0 (0,0%)	2 (6,1%)	0 (0,0%)	2 (4%)
<b>Total parcial</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (15,2%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (10%)</b>
Medo de transitar por locais com a presença de usuários de drogas/prostituição	Praça do Trem	1 (10%)	2 (6,1%)	0 (0,0%)	3 (6%)
	Atrás do cemitério	1 (10%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>2 (20%)</b>	<b>2 (6,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>4 (8%)</b>
Foi vítima de roubo a pedestre	Praça do Trem	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Atrás da Igreja de São Pelegrino	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)	1 (2%)
	Na Av. Júlio de Castilhos em frente ao Banrisul	1 (10%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>1 (10%)</b>	<b>2 (6,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (6%)</b>
Caiu em função da baixa qualidade das calçadas	Rua La Salle	1 (10%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>1 (10%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>
Desagradabilidade em transitar por ruas com vandalismo (pichação)	Bairro em geral	0 (0,0%)	1 (3%)	0 (0,0%)	1 (2%)
		<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (2%)</b>

Fonte: da autora (2020).

Complementarmente, verifica-se que as rotas realizadas pelos idosos das três faixas etárias, do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco pelo centro da cidade concentram-se também na Avenida Júlio de Castilhos e na Rua Sinimbú. Contudo, sua extensão normal por essas vias ocorrem principalmente, no sentido oeste-leste da proximidade da Igreja de São Pelegrino até o Praça Dante Alighieri. Já no sentido norte-sul os idosos do Nossa Senhora de Fátima transitam principalmente a partir da parada de ônibus em que descem para ir até a UPA Central (próxima a divisa do Bairro Centro com o Pio X), chegando até a Rua Sinimbú, enquanto os idosos do Rio Branco já alcançam o centro da cidade pela altura do Hospital Pompéia, que se localizada na Avenida Júlio de Castilhos, realizando rotas portanto mais próximas a divisa com o seu bairro (Figuras 112 a 115). Uma parcela pouco expressiva de idosos do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco relataram problemas enfrentados ao transitar pelas vias do centro da cidade. Contudo, os problemas mencionados pelos idosos são os mesmos relatados pelos respondentes do São Pelegrino, principalmente no que se refere a insegurança em relação à acidentes.

**Figura 109:** Locais evitados pelos respondentes do São Pelegrino e problemas existentes no São Pelegrino e centro da cidade



Nota: Cada símbolo (triângulo, círculo ou quadrado) representa um respondente. Em alguns casos há mais de um respondente por residência ou lote. No mapa estão marcados em vermelho (faixa 1), azul (faixa 2) ou amarelo (faixa 3) apenas os idosos de cada faixa etária que mencionaram caminhar pelo bairro. A escala gráfica inicia com a largura padrão dos lotes da cidade e segue relacionada a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até um comércio ou serviço. A marcação dos visuais acompanha a Figura 106 e 107 acima.

Fonte: da autora (2020).



Figura 110: Percursos realizados a pé no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

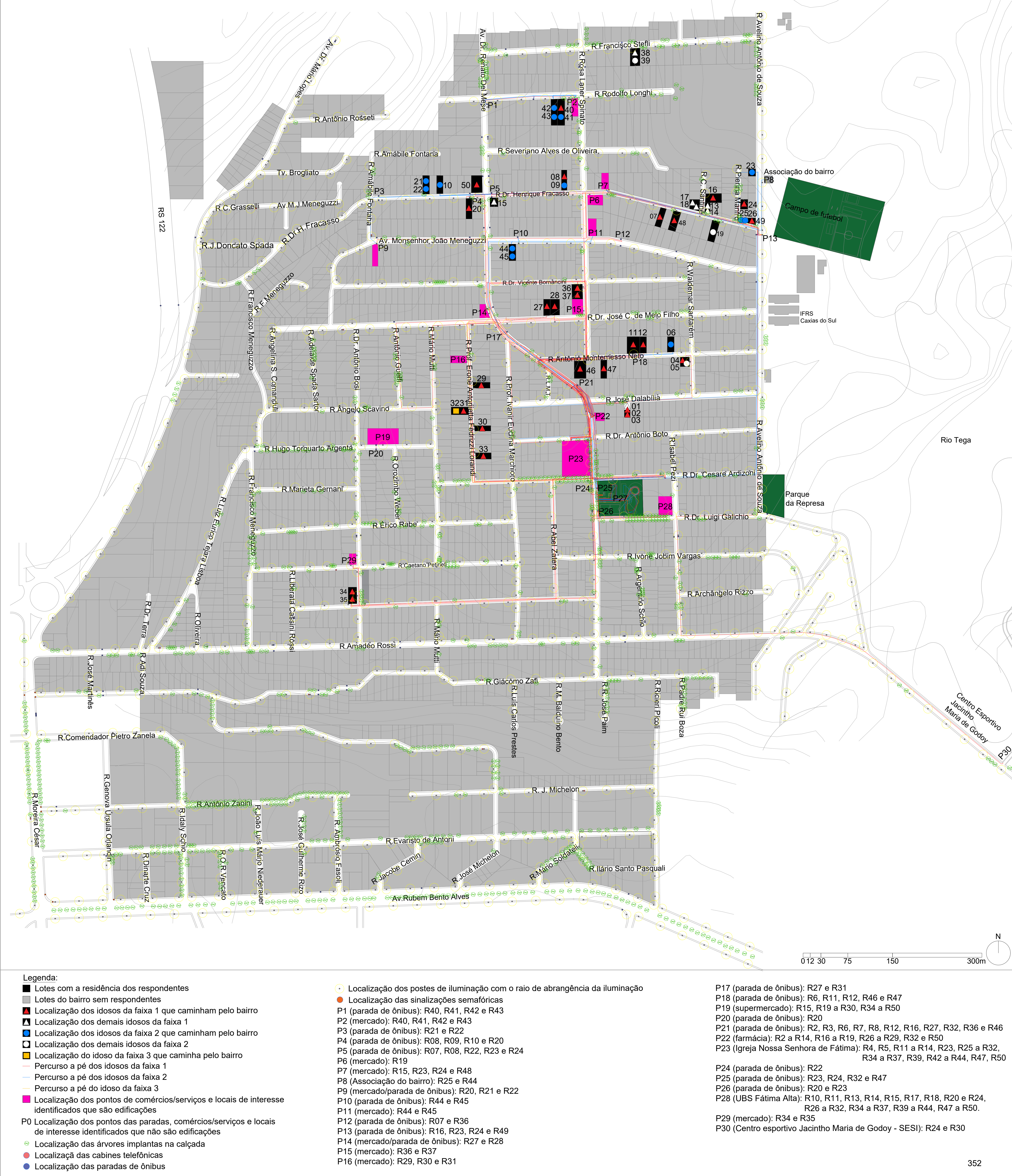




Figura 111: Percursos realizados com os meios de transporte motorizados no Nossa Senhora de Fátima, por faixa etária

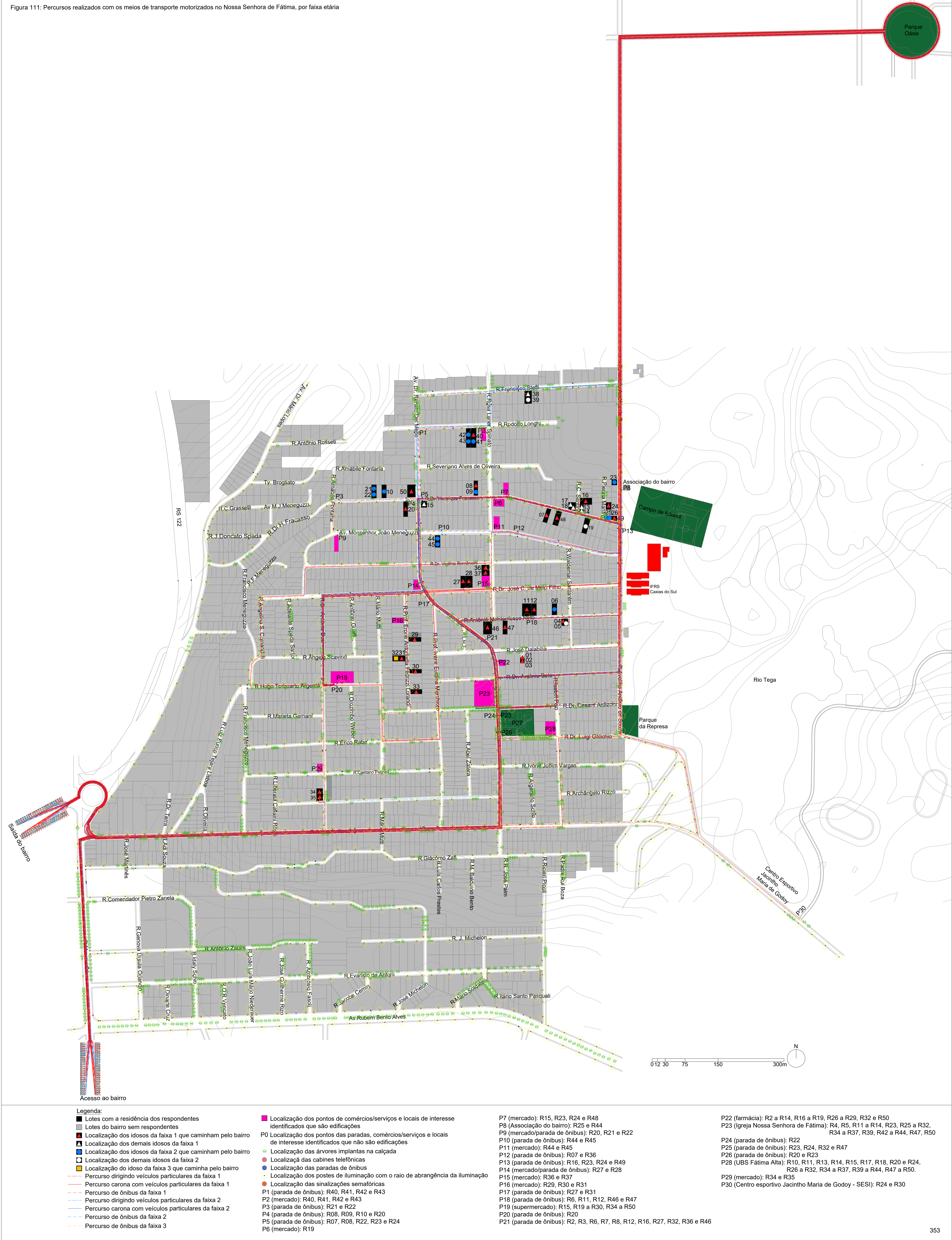
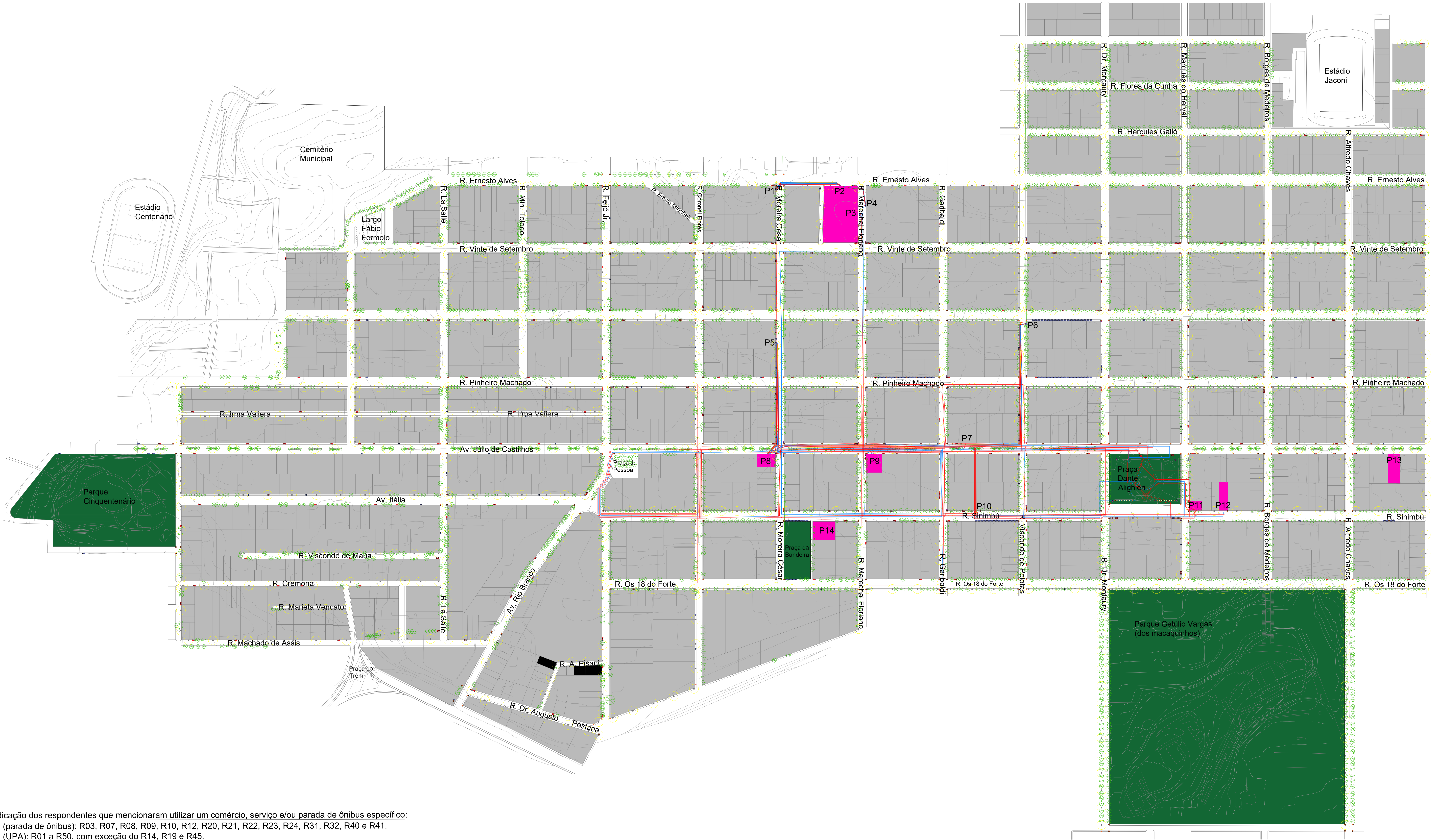




Figura 112: Percursos realizados a pé pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima no centro da cidade, por faixa etária



Indicação dos respondentes que mencionaram utilizar um comércio, serviço e/ou parada de ônibus específico:

- P1 (parada de ônibus): R03, R07, R08, R09, R10, R12, R20, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R40 e R41.  
P2 (UPA): R01 a R50, com exceção do R14, R19 e R45.  
P3 (UPA): R08, R09, R21, R22, R23, R30 e R38.  
P04 (parada de ônibus): R03, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R33, R40, R41, R44, R45, R46.  
P05 (parada de ônibus): R07, R10, R12, R20, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R40 e R41.  
P06 (parada de ônibus): R07, R08, R09, R10, R12, R20, R24, R31, R32, R40, R41, R44, R45 e R46.  
P07 (estacionamento): R36, R37 e R48.  
P08 (agência bancária): R03, R04, R05, R07, R10, R12, R20, R23, R31, R32, R38, R44, R45 e R50.  
P09 (agência bancária): R08, R09, R21, R22, R30 e R46.  
P10 (estacionamento): R34, R35 e R50.  
P11 (agência bancária): R11, R13, R14, R24, R29, R34, R35 e R48.  
P12 (agência bancária): R01, R02, R17, R18, R25, R26, R40 e R41.  
P13 (agência bancária): R27, R28, R36, R37 e R47.  
P14 (agência bancária): R33, R39, R42, R43 e R49.

Legenda:

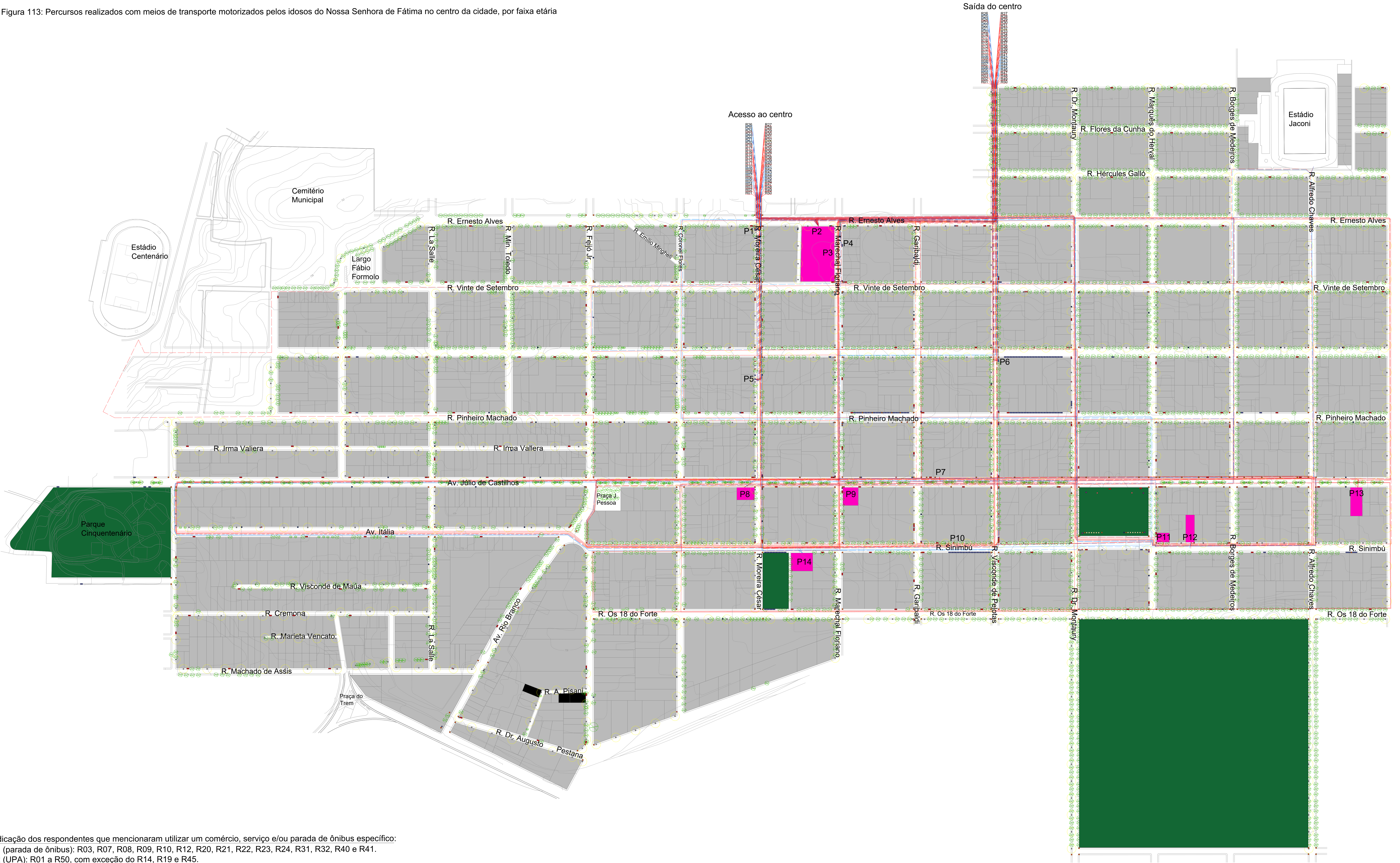
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 2
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 2
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 1
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 2
- Percurso com o ônibus do idoso da faixa 3

- Localização dos pontos de comércio/serviços e locais de interesse identificados que são edificações
- P0 Localização dos pontos das paradas, comércio/serviços e locais de interesse identificados que não são edificações
- Localização das árvores implantadas nas calçadas
- Localização dos bancos
- Localização das cabines de telefone
- Localização dos containers de lixo

- Localização das lixeiras
- Localização das paradas de ônibus
- Localização dos parquímetros
- Localização dos pontos de táxi
- Localização dos postes de iluminação
- Localização das sinalizações semafóricas
- Localização das vendas de produtos



Figura 113: Percursos realizados com meios de transporte motorizados pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima no centro da cidade, por faixa etária



Indicação dos respondentes que mencionaram utilizar um comércio, serviço e/ou parada de ônibus específico:

- P1 (parada de ônibus): R03, R07, R08, R09, R10, R12, R20, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R40 e R41.
- P2 (UPA): R01 a R50, com exceção do R14, R19 e R45.
- P3 (UPA): R08, R09, R21, R22, R23, R30 e R38.
- P04 (parada de ônibus): R03, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R33, R40, R41, R44, R45, R46.
- P05 (parada de ônibus): R07, R10, R12, R20, R21, R22, R23, R24, R31, R32, R40 e R41.
- P06 (parada de ônibus): R07, R08, R09, R10, R12, R20, R24, R31, R32, R40, R41, R44, R45 e R46.
- P07 (estacionamento): R36, R37 e R48.
- P08 (agência bancária): R03, R04, R05, R07, R10, R12, R20, R23, R31, R32, R38, R44, R45 e R50.
- P09 (agência bancária): R08, R09, R21, R22, R30 e R46.
- P10 (estacionamento): R34, R35 e R50.
- P11 (agência bancária): R11, R13, R14, R24, R29, R34, R35 e R48.
- P12 (agência bancária): R01, R02, R17, R18, R25, R26, R40 e R41.
- P13 (agência bancária): R27, R28, R36, R37 e R47.
- P14 (agência bancária): R33, R39, R42, R43 e R49.

Legenda:

- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 2
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 2
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 1
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 2
- Percurso com o ônibus do idoso da faixa 3

- Localização dos pontos de comércio/serviços e locais de interesse identificados que são edificações
- P0 Localização dos pontos das paradas, comércio/serviços e locais de interesse identificados que não são edificações
- Localização das árvores implantadas nas calçadas
- Localização dos bancos
- Localização das cabines de telefone
- Localização dos containers de lixo

- Localização das lixeiras
- Localização das paradas de ônibus
- Localização dos parquímetros
- Localização dos pontos de táxi
- Localização dos postes de iluminação
- Localização das sinalizações semafóricas
- Localização das vendas de produtos



Figura 114: Percursos realizados a pé pelos idosos do Rio Branco pelo bairro e no Centro da cidade, por faixa etária

Indicação dos respondentes que mencionaram utilizar um comércio, serviço e/ou parada de ônibus específico:

- P1 (cemitério): R20 a R23, R25, R26, R28 a R32.  
P2 (parada de ônibus): R29.  
P3 (parada de ônibus): R20, R21, R23, R24, R24 e R41.  
P4 (parada de ônibus): R20, R21, R23 e R25.  
P5 e P6 (parada de ônibus): R01, R15, R20, R21, R23, R25 e R41.  
P7 (médico): R01, R02, R03, R10, R12 a R14, R18 a R25, R31 a R36, R38, R39, R42, R44 a R47, R49 e R50.  
P8 (Parque Cinquentenário): R01, R19, R20, R31, R33, R40, R41 e R43.  
P9 (Shopping São Pelegrino): R06 a R08, R10, R12 a R20, R26 a R29, R33 a R37, R39 a R44.  
P10 (Praça do Trem): R01, R02, R10 a R20, R26, R33 a R37, R39 a R44.  
P11 (parada de ônibus): R12, R14, R15 e R18.  
P12 (parada de ônibus): R12 e R14.  
P13 (parada de ônibus): R01, R02, R08, R10, R20, R28, R36 e R41.  
P14 (3ªGAAE): R12, R13, R15 a R19.  
P15 (parada de ônibus): R38.  
P16 (Centro Tia Oli): R01 a R05.  
P17 (supermercado): R37 e R38.  
P18 (Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição): Todos os respondentes, salvo R01, R02, R04, R12, R13, R16 a R19 e R43.  
P19 (parada de ônibus): R23, R28 e R30.  
P20 (farmácia): R03, R14 e R17.  
P21 (farmácia): R34 e R47.  
P22 (banco): R01, R09, R30 a R32, R39, R40, R43, R44, R47 a R50.  
P23 (parada de ônibus): R07, R09 e R45.  
P24 (banco): R13 a R19, R21 a R25, R28, R29, R35 a R38, R45 e R46.  
P25 (parada de ônibus): R01.  
P26 (parada de ônibus): R09.  
P27 (supermercado): R07, R14 a R36, R41 a R44, R49 e R50.  
P28 (parada de ônibus): R20, R21, R23, R24, R30, R34, R36, R40 e R41.  
P29 (farmácia): R01, R20 a R28, R30, R31, R33, R35 a R39, R41, R42, R44 a R46 e R49.  
P30 (parada de ônibus): R03 e R30.  
P31 (supermercado): R39, R40, R45 a R48.  
P32 (Clube das Mães): R06 a R12, R14, R16, R42, R44, R46, R47, R49.  
P33 (parada de ônibus): R08.  
P34 (parada de ônibus): R28 e R30.  
P35 (banco): R20, R27, R33, R34, R41 e R42.  
P36 (parada de ônibus): 10.

Legenda:

- Lotes com a residência dos respondentes
- Lotes do bairro sem respondentes
- Localização dos idosos da faixa 1
- Localização dos idosos da faixa 2
- Localização dos idosos da faixa 3
- Percurso a pé dos idosos da faixa 1
- Percurso a pé dos idosos da faixa 2
- Percurso a pé dos idosos da faixa 3
- Localização dos pontos de comércio/serviços e locais de interesse
- Identificados que são edificações
- P0 Localização dos pontos das paradas, comércios/serviços e locais de interesse identificados que não são edificações
- Localização das árvores implantadas nas calçadas
- Localização dos bancos
- Localização das cabines de telefone
- Localização dos containers de lixo
- Localização das lixeiras
- Localização das paradas de ônibus
- Localização dos parquímetros
- Localização dos pontos de táxi
- Localização dos postes de iluminação
- Localização das sinalizações semafóricas
- Localização das vendas de produtos

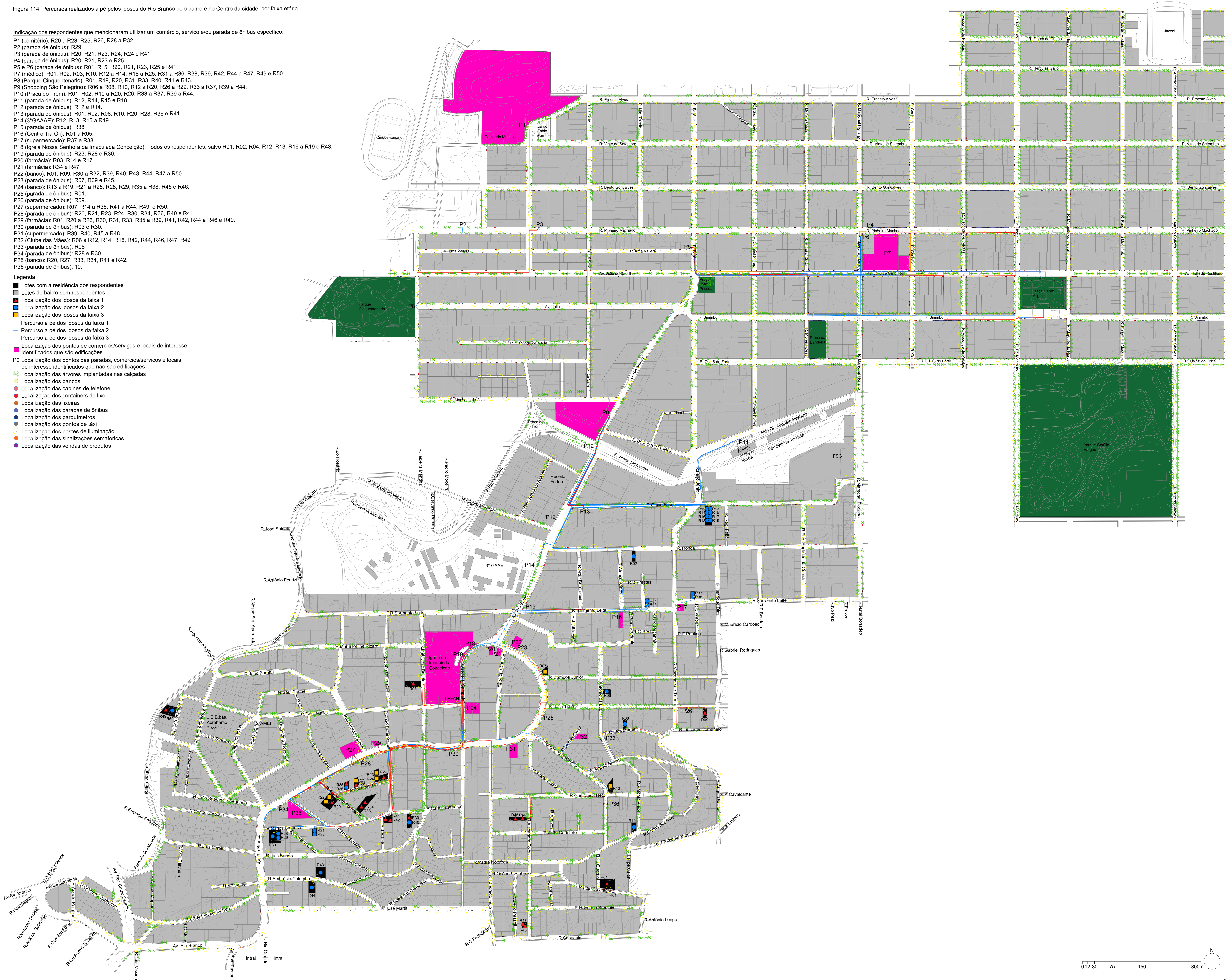




Figura 115: Percursos realizados com os meios de transporte motorizados pelos idosos do Rio Branco pelo bairro e no Centro da cidade, por faixa etária

Indicação dos respondentes que mencionaram utilizar um comércio, serviço e/ou parada de ônibus específico:

- P1 (cemitério): R20 a R23, R25, R26, R28 a R32.  
P2 (parada de ônibus): R29.  
P3 (parada de ônibus): R20, R21, R23, R24, R24 e R41.  
P4 (parada de ônibus): R20, R21, R23 e R25.  
P5 e P6 (parada de ônibus): R01, R15, R20, R21, R23, R25 e R41.  
P7 (médico): R01, R02, R03, R10, R12 a R14, R18 a R25, R31 a R36, R38, R39, R42, R44 a R47, R49 e R50.  
P8 (Parque Cinquentenário): R01, R19, R20, R31, R33, R40, R41 e R43.  
P9 (Shopping São Pelegrino): R06 a R08, R10, R12 a R20, R26 a R29, R33 a R37, R39 a R44.  
P10 (Praça do Trem): R01, R02, R10 a R20, R26, R33 a R37, R39 a R44.  
P11 (parada de ônibus): R12, R14, R15 e R18.  
P12 (parada de ônibus): R12 e R14.  
P13 (parada de ônibus): R01, R02, R08, R10, R20, R28, R36 e R41.  
P14 (3ªGAAE): R12, R13, R15 a R19.  
P15 (parada de ônibus): R38.  
P16 (Centro Tia Oli): R01 a R05.  
P17 (supermercado): R37 e R38.  
P18 (Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição): Todos os respondentes, salvo R01, R02, R04, R12, R13, R16 a R19 e R43.  
P19 (parada de ônibus): R23, R28 e R30.  
P20 (farmácia): R03, R14 e R17.  
P21 (farmácia): R34 e R47.  
P22 (banco): R01, R09, R30 a R32, R39, R40, R43, R44, R47 a R50.  
P23 (parada de ônibus): R07, R09 e R45.  
P24 (banco): R13 a R19, R21 a R25, R28, R29, R35 a R38, R45 e R46.  
P25 (parada de ônibus): R01.  
P26 (parada de ônibus): R09.  
P27 (supermercado): R07, R14 a R36, R41 a R44, R49 e R50.  
P28 (parada de ônibus): R20, R21, R23, R24, R30, R34, R36, R40 e R41.  
P29 (farmácia): R01, R20 a R26, R30, R31, R33, R35 a R39, R41, R42, R44 a R46 e R49.  
P30 (parada de ônibus): R03 e R30.  
P31 (supermercado): R39, R40, R45 a R48.  
P32 (Clube das Mães): R06 a R12, R14, R16, R42, R44, R46, R47, R49.  
P33 (parada de ônibus): R08.  
P34 (parada de ônibus): R26 e R30.  
P35 (banco): R20, R27, R33, R34, R41 e R42.  
P36 (parada de ônibus): 10.

Legenda:

- Lotes com a residência dos respondentes
- Lotes do bairro sem respondentes
- Localização dos idosos da faixa 1
- Localização dos idosos da faixa 2
- Localização dos idosos da faixa 3
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 2
- Percurso com veículo particular dirigindo dos idosos da faixa 3
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 1
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 2
- Percurso com veículo particular de carona dos idosos da faixa 3
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 1
- Percurso com o ônibus dos idosos da faixa 2
- Percurso com o ônibus do idoso da faixa 3
- Localização dos pontos de comércio/serviços e locais de interesse identificados que são edificações
- P0 Localização dos pontos das paradas, comércios/serviços e locais de interesse identificados que não são edificações
- Localização das árvores implantadas nas calçadas
- Localização dos bancos
- Localização das cabines de telefone
- Localização dos containers de lixo
- Localização das lixeiras
- Localização das paradas de ônibus
- Localização dos parquímetros
- Localização dos pontos de táxi
- Localização dos postes de iluminação
- Localização das sinalizações semafóricas
- Localização das vendas de produtos

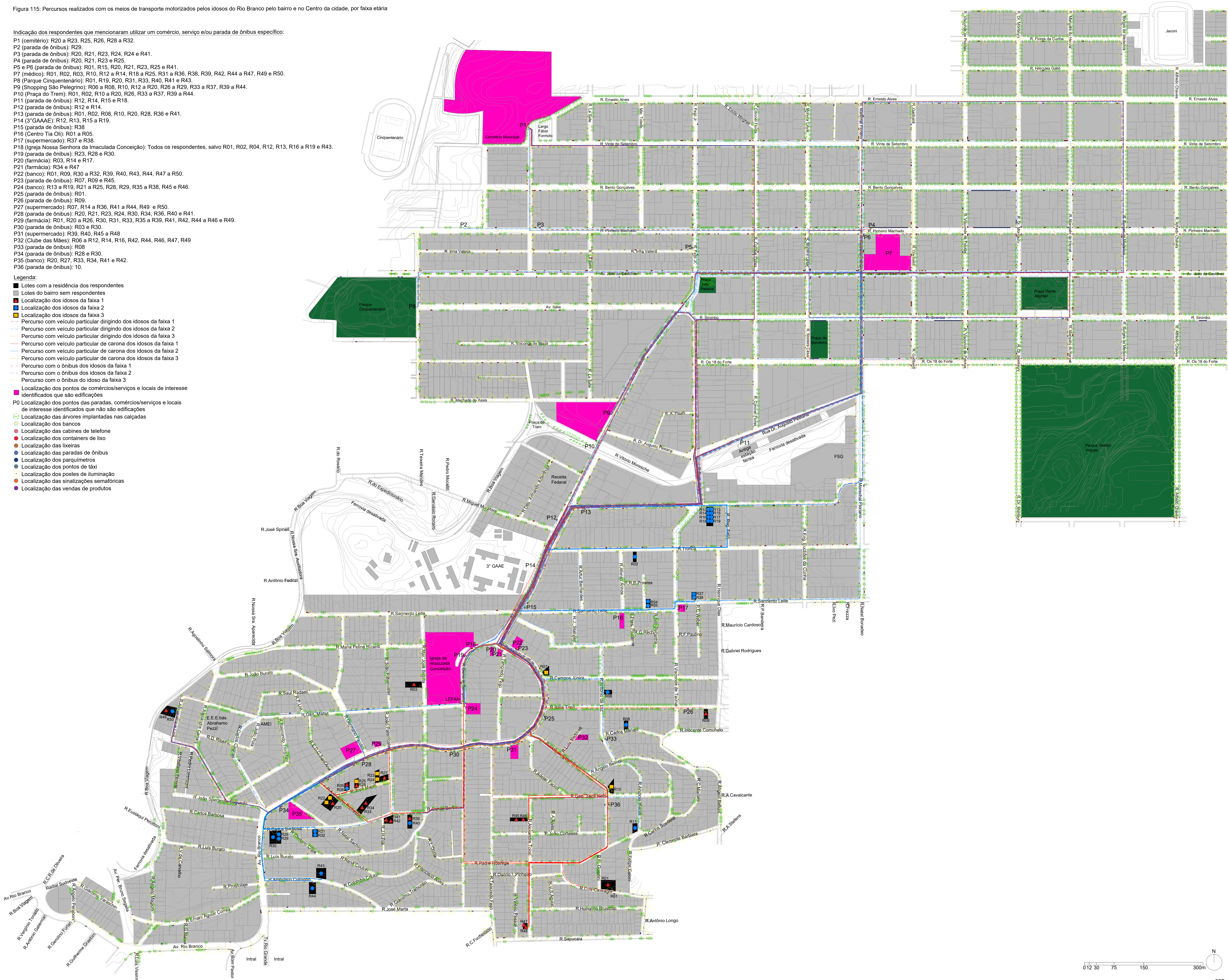




Figura 116: Percursos realizados a pé pelos idosos do São Pelegrino pelo bairro e no Centro da cidade, por faixa etária

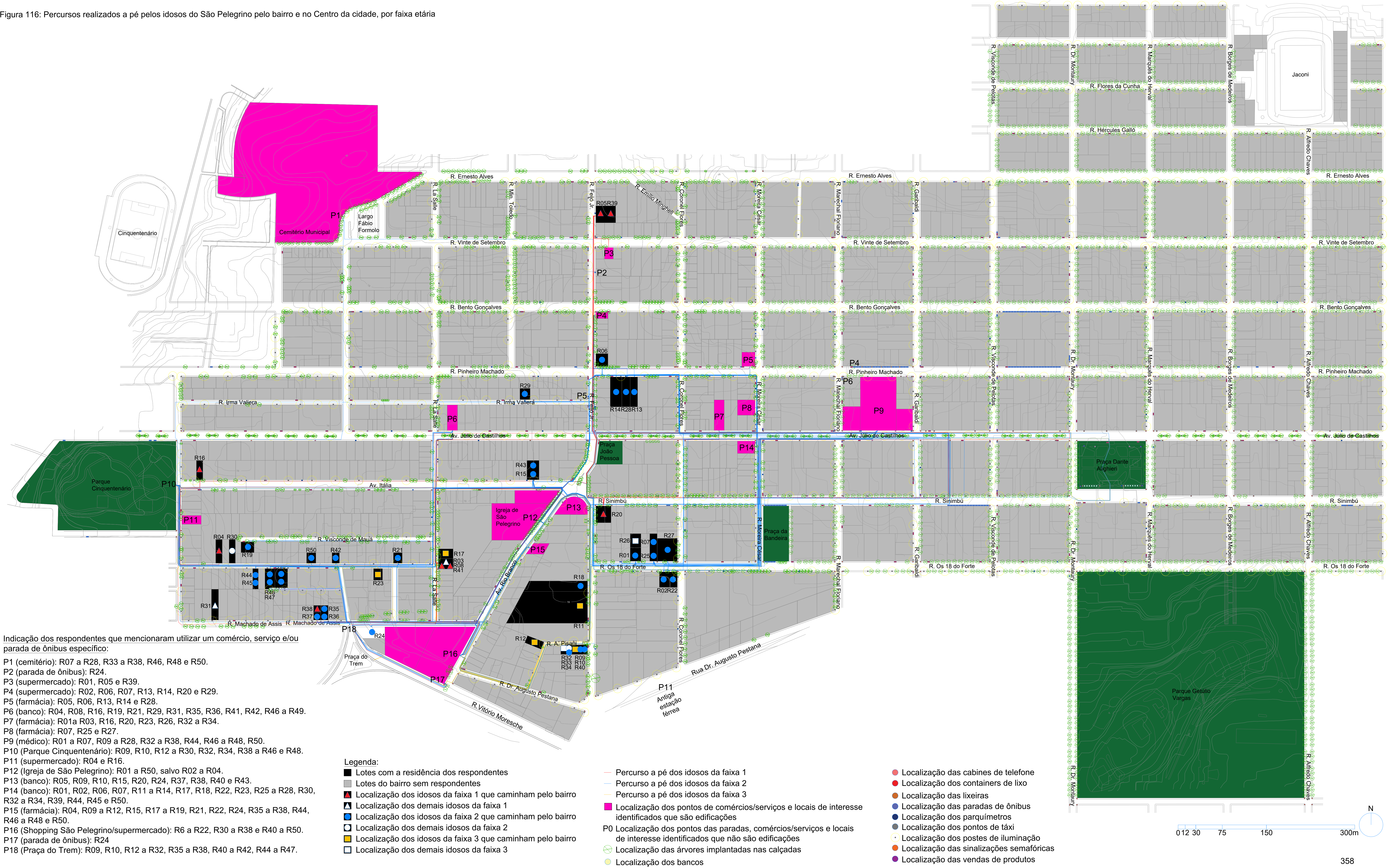
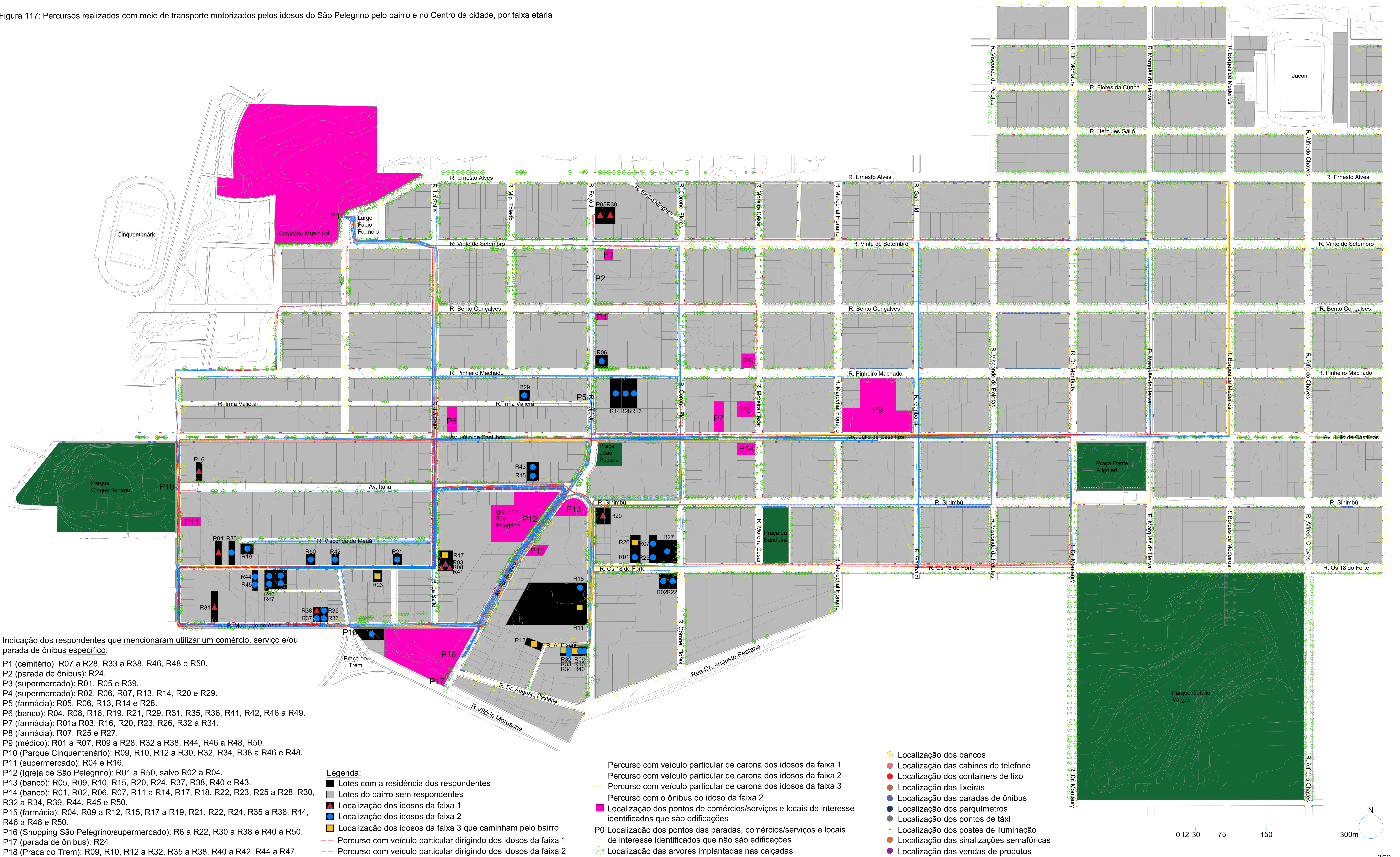




Figura 117: Percursos realizados com meio de transporte motorizados pelos idosos do São Pelegrino pelo bairro e no Centro da cidade, por faixa etária





## 7.2 A PROXIMIDADE DE TRANSPORTE PÚBLICO, COMÉRCIOS/SERVIÇOS E DEMAIS LOCAIS DE INTERESSE E AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS COM CADA MEIO DE TRANSPORTE

Nesta seção são apresentados os resultados coletados através de questionários, mapas de percursos e levantamentos físicos referentes as três faixas etárias dos três bairros, a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse com cada meio de transporte. Assim, os dados revelam que no Rio Branco (100% - 17 de 17 da faixa 1; 100% - 26 de 26 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3) e São Pelegrino (100% - 10 de 10 da faixa 1; 100% - 33 de 33 da faixa 2; 100% - 7 de 7 da faixa 3), onde existe uma maior diversidade de comércios e serviços, a totalidade de idosos das três faixas etárias considera sua residência próxima de transporte público, comércios/serviços e demais locais de seu interesse.

Igualmente, a notável maioria dos idosos das faixas 1 (90,9% - 30 de 33) e 2 (81,2% - 13 de 16) e o idoso da faixa 3 considera a sua residência próxima de transporte público, comércios/serviços e demais locais de seu interesse no Nossa Senhora de Fátima<sup>19</sup>. Dentre os idosos que não consideram essa proximidade, 18,8% (3 de 16) dos idosos da faixa 2 e 6,1% (2 de 33) daqueles da faixa 1 mencionam a ausência de agências bancárias ou lotéricas no bairro; enquanto apenas 1 (de 33 – 3%) idoso da faixa 1 menciona a ausência de proximidade de sua residência de paradas ou linhas de ônibus e de comércios e serviços básicos.

### 7.2.1 A proximidade da residência das paradas de ônibus

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3, a notável maioria dos idosos da faixa 2 (81,3% - 13 de 16) e a maioria (66,7% - 22 de 33) daqueles da faixa 1 utiliza ônibus. Dentre esses idosos, a clara maioria daqueles da faixa 1 (90,9% - 20 de 22) menciona a proximidade das paradas de ônibus de sua residência, percorrendo distâncias que variam entre 4m e 256m, contudo a metade (50% - 10 de 20) desses idosos caminha até 120m. A maioria dos idosos da faixa 2 (76,9% - 10 de 13) também

---

<sup>19</sup> Não existe relação estatisticamente significativa (Tabulação Cruzada, Phi) entre considerar a residência próxima de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as três faixas em cada um dos bairros.



menção essa proximidade percorrendo distâncias que variam entre 15m e 212m, com a clara maioria (80% - 8 de 10) caminhando até 120m. Enquanto o idoso da faixa 3 percorre 213m. Já os 2 (de 22 – 9,1%) idosos da faixa 1 que utilizam o ônibus, mas não mencionaram essa proximidade das paradas de ônibus de sua residência percorrem distâncias que variam entre 37m e 232m, enquanto os 3 (de 13 – 23,1%) idosos da faixa 2 que também não mencionam essa proximidade caminham entre 21m e 72m até a parada de ônibus (Tabela 87).

No Rio Branco a maioria dos idosos da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) e por volta da metade daqueles das faixas 1 (58,8% - 10 de 17) e 2 (50% - 13 de 26) utiliza o ônibus, com a totalidade desses idosos tendo mencionado considerar as paradas de ônibus próximas de sua residência. Dentre esses idosos, aqueles da faixa 3 percorrem de sua residência até a parada de ônibus distâncias que variam entre 41m e 174m, contudo a maioria deles caminha por mais de 120m até 240m. Os idosos da faixa 1 percorrem distâncias de sua residência até a parada de ônibus entre 48m e 268m, com metade (50% - 5 de 10) desses idosos também percorrendo mais de 120m até 240m. Já os idosos da faixa 2 percorrem distâncias entre 76m e 467m, contudo por volta da metade (53,8% - 7 de 13) caminha entre mais de 240m até 360m (Tabela 87).

No São Pelegrino a minoria dos idosos das faixas 1 (20% - 2 de 10) e 2 (30,3% - 10 de 33) utilizam o ônibus, com a totalidade desses idosos igualmente mencionando considerar as paradas de ônibus próximas de sua residência. Dentre esses idosos, aqueles da faixa 1 percorrem distâncias entre 234m e 255m. Já os idosos da faixa 2 percorrem distâncias entre 55m e 390m, contudo por volta da metade (40% - 4 de 10) percorre até 120m, seguidos por volta de um terço (30% - 3 de 10) que percorrem entre 240 e 360m (Tabela 87).

Portanto, verifica-se que nos bairros mais centrais onde as características físico-espaciais dos bairros facilitam a caminhabilidade, idosos principalmente da faixa 2 (que a princípio teriam mais restrições motoras que aqueles da faixa 1) chegam a percorrer distâncias entre mais de 360m até uns 480m para alcançar o transporte público, distância que não é percorrida por nenhum idoso do Nossa Senhora de Fátima. Contudo, a maioria dos idosos das faixas 1 e 2 do São Pelegrino e Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 2 do Rio Branco percorrem até 120m de sua residência até a parada. Enquanto as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco são de até uns 200m. Nesse sentido,

considerando que a capacidade físico-cognitiva dos idosos da faixa 3 são a princípio menores do que aquelas das demais faixas etárias, a distância de 200m pode ser considerada como próxima da residência dos idosos, sendo passível de ser percorrida inclusive por idosos com menor capacidade motora (Tabela 87).

**Tabela 87:** Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse e as distâncias percorridas da residência até a parada de ônibus, por bairro e faixa etária

<b>Nossa Senhora de Fátima</b>					
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas da residência até a parada	Faixa etárias			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	F3 80 anos ou mais	
Sim	Até 120m	10 (55,6%) - 4m, 12m*, 21m*, 67m, 72m, 82m*, 82m, 110m, 111m* e 111m	8 (44,4%) - 15m, 15m, 26m, 26m, 48m*, 50m*, 72m* e 72m	0 (0,0%)	18 (100%)
	Mais de 120 até 240m	8 (72,7%) - 122m, 122m, 139m, 139m, 165m, 169m, 213m, e 240m	2 (18,2%) - 169m* e 212m	1 (9,1%) - 213m*	11 (100%)
	Mais de 240 até 360m	2 (100%) - 255m e 256m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>20 (64,5%)</b>	<b>10 (32,3%)</b>	<b>1 (3,2%)</b>	<b>31 (100%)</b>
Não	Até 120m	1 (25%) - 37m	3 (75%) - 21m*, 37m e 72m*	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 120 até 240m	1 (100%) - 232m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>2 (40%)</b>	<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>
<b>Total geral</b>		<b>22 (61,1%)</b>	<b>13 (36,1%)</b>	<b>1 (2,8%)</b>	<b>36 (100%)</b>
<b>Rio Branco</b>					
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas da residência até a parada	Faixa etárias			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	F3 80 anos ou mais	
Sim	Até 120m	2 (28,6%) - 48m e 57m	3 (42,9%) - 76m, 104m e 108m	2 (28,6%) - 41m e 92m	7 (100%)
	Mais de 120 até 240m	5 (50%) - 184m, 211m, 234m, 234m e 237m	2 (20%) - 123m e 211m	3 (30%) - 167m, 174m e 174m	10 (100%)
	Mais de 240 até 360m	3 (30%) - 242m, 249m e 268m	7 (70%) - 249m, 249m, 249m, 249m, 279m e 368m	0 (0,0%)	10 (100%)
	Mais de 360 até 480m	0 (0,0%)	1 (100%) - 467m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>10 (35,7%)</b>	<b>13 (46,4%)</b>	<b>5 (17,9%)</b>	<b>28 (100%)</b>
<b>São Pelegrino</b>					
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas da residência até a parada	Faixa etárias			Total
		Faixa 1 60 a 69 anos	Faixa 2 70 a 79 anos	F3 80 anos ou mais	
Sim	Até 120m	0 (0,0%)	4 (100%) - 55m, 61m, 85m e 98m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 120 até 240m	1 (33,3%) - 234m	2 (66,7%) - 133m e 184m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 240 até 360m	1 (25%) - 255m	3 (75%) - 245m, 245m e 255m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 360 até 480m	0 (0,0%)	1 (100%) - 390m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>22 (61,1%)</b>	<b>13 (36,1%)</b>	<b>1 (2,8%)</b>	<b>36 (100%)</b>

**Nota:** As distâncias percorridas estão divididas de 120 em 120 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma parada de ônibus (SCHMÖCKER *et al.*, 2008). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### **7.2.2 A proximidade da residência de uma farmácia**

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3, a notável maioria dos idosos da faixa 1 (81,8% - 27 de 33) e a maioria daqueles da faixa 2 (75% - 12 de 16) utiliza a única farmácia existente no bairro. Dentre esses idosos, a notável maioria daqueles da faixa 1 (88,9% - 24 de 27) menciona a proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse de sua residência, contudo apenas 29,2% (7 de 24) caminha até a farmácia, percorrendo distâncias entre 67m e 750m, sendo que por volta da metade (42,9% - 3 de 7) desses idosos caminha por até 300m. Já os idosos da faixa 1 que mencionam essa proximidade, mas vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrem entre 292m e 985m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (75% - 9 de 12) também menciona essa proximidade, contudo igualmente apenas um terço (33,3% - 3 de 9) caminha até a farmácia, percorrendo entre 413 e 717m, com a maioria (66,7% - 2 de 3) percorrendo até uns 400m. Os idosos da faixa 2 que mencionam essa proximidade, mas vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrem entre 308m e 767m. Enquanto o idoso da faixa 3 que vai de ônibus até a farmácia percorre 483m (Tabela 88).

No Rio Branco a notável maioria dos idosos da faixa 1 (82,4% - 14 de 17), a maioria daqueles da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) e a minoria daqueles da faixa 2 (30,8% - 8 de 26) utilizam uma das farmácias existentes no bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, a maioria (64,3% - 9 de 14) caminha até a farmácia, percorrendo distâncias entre 205m e 360m, contudo a maioria (66,7% - 6 de 9) caminha até uns 300m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 838m e 1064m. Entre os idosos da faixa 2, apenas 2 (de 8 – 25%) caminham entre 280m e 404m até a farmácia, com aqueles que vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrendo distâncias entre 424m e 900m. Já entre os idosos da faixa 3 a totalidade (100% - 5 de 5) caminha até a farmácia percorrendo distâncias de até uns 300m (Tabela 88).

No São Pelegrino, a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3, a maioria daqueles da faixa 2 (78,8% - 26 de 33) e por volta da metade daqueles da faixa 1 (60% - 6 de 10) vão a uma das farmácias do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, a minoria (33,3% - 2 de 6) caminha por distâncias entre 320m e 530m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrem

entre 711 e 1255m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (73,1% - 19 de 26) caminha até a farmácia, percorrendo distâncias entre 187m e 620m, contudo a maioria (63,2% - 12 de 19) desses idosos caminha entre mais de 300 até uns 600m. Enquanto aqueles da faixa 2 que vão a farmácia com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 668m e 1255m. Já entre os idosos da faixa 3, por volta da metade (57,1% - 4 de 7) caminha até a farmácia percorrendo entre 335m e 440m. Enquanto aqueles que utilizam meios de transporte motorizados para ir até a farmácia percorrem entre 526m e 805m (Tabela 88).

Portanto, observa-se que no Nossa Senhora de Fátima onde as condições para a caminhabilidade são prejudicadas pelas características físico-espaciais do bairro os idosos das faixas 1 e 2 caminham até a farmácia distâncias aproximadas (400m) àquelas dos idosos da faixa 3 (que tendem a possuir maiores problemas motores) dos demais bairros. Enquanto nos bairros centrais, onde as características físico-espaciais já favorecem a mobilidade a maioria dos idosos das faixas 1 e 2 caminham por até 600m até a farmácia. Nesse sentido, para os idosos da faixa 3 a distância de 400m pode ser considerada como próxima de sua residência, enquanto para os idosos das faixas 1 e 2 a distância é de 600m desde que o bairro apresente condições favoráveis a caminhabilidade desses idosos.

**Tabela 88:** Proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma farmácia, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a farmácia)	
Utiliza a farmácia – 81,8% (27 de 33)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 24 de 27 (88,9%)	Até 300m	3 (60%) – 67m, 67m* e 297m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (40%) – 292m (67m e 225m) e 300m (4m e 296m)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (25%) - 383m e 548m	2 (25%) - 418m e 467m	1 (12,5%) - 320m	3 (37,5%) - 302m (111m e 191m), 381m* (111m e 270m) e 399m (255m e 144m)	8 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (20%) - 750m e 750m	2 (20%) - 723m e 740m	2 (20%) - 737m e 737m	4 (40%) - 687m (139m e 548m), 759m (169m e 590m), 804m* (256m e 548m) e 810m (110m e 700m)	10 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 985m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		7 (29,2%)	5 (20,8%)	3 (12,5%)	9 (37,5%)	24 (100%)
Faixa 1 60 a 69 anos Não	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 740m	0 (0,0%)	1 (50%) - 796m (37m e 759m)	2 (100%)
Continua na próxima página						

3 de 27 (11,1%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1009m (232 e 777m)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	1 (33,3%)	0 (0,0%)	2 (66,7%)	3 (100%)
Total geral		7 (25,9%)	6 (22,2%)	3 (11,1%)	11 (40,7%)	27 (100%)
Utiliza a farmácia – 75% (12 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 9 de 12 (75%)	Mais de 300 até 600m	2 (50%) - 413m e 413m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (50%) - 308m (50m e 258m) e 475m* (48m e 427m)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (20%) - 717m*	1 (20%) - 767m	1 (20%) - 724m*	2 (40%) - 759m* (169m e 590m) e 767m (26m e 741m)	5 (100%)
Total parcial		3 (33,3%)	1 (11,1%)	1 (11,1%)	4 (44,4%)	9 (100%)
Faixa 2 70 a 79 anos Não 3 de 12 (25%)	Até 300m	0 (0,0%)	1 (100%) – 297m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 796m (37m e 759m)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) – 985m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	2 (66,7%)	0 (0,0%)	1 (33,3%)	3 (100%)
Total geral		3 (25%)	3 (25%)	1 (8,3%)	5 (41,7%)	12 (100%)
Utiliza a farmácia – 100% (1 de 1)						
Faixa 3 80 anos ou mais 1 (100%)	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 483m* (213m e 270m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Rio Branco						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até uma farmácia)	
Utiliza uma farmácia – 82,4% (14 de 17)						
Faixa 1 60 a 69 anos 14 de 17 (82,4%)	Até 300 m	6 (100%) - 205m, 205m, 214m, 247m, 268m e 280m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (75%) - 320m, 320m* e 360m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (25%) - 838 (268m, 530m e 40m)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 745m	1 (50%) - 805m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 1051m	1 (50%) - 1064 (57m, 951m e 56m)	2 (100%)
Total geral		9 (64,3%)	1 (7,1%)	2 (14,3%)	2 (14,3%)	14 (100%)
Utiliza uma farmácia – 30,8% (8 de 26)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 9 de 12 (75%)	Até 300m	1 (100%) - 280m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (25%) - 404m	1 (25%) - 585m*	1 (25%) - 585m*	1 (25%) – 424m (108m, 248m e 68m)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 900m	2 (66,7%) - 637m e 900m	0 (0,0%)	3 (100%)
Total geral		2 (25%)	2 (25%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	8 (100%)
Utiliza uma farmácia – 71,4% (5 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Até 300m	5 (100%) - 158m*, 158m, 214m*, 276m e 276m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Total geral		5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)

Continua na próxima página

São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até uma farmácia)	
Utiliza uma farmácia – 60% (6 de 10)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 24 de 27 (88,9%)	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 320m e 530m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 711m e 860m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 965m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1255m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		2 (33,3%)	1 (16,7%)	3 (50%)	0 (0,0%)	6 (100%)
Utiliza uma farmácia – 78,8% (26 de 33)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 9 de 12 (75%)	Até 300m	6 (100%) - 187m, 213m, 224m, 244m, 258m e 300m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	12 (100%) - 324m, 349m, 400m, 405m, 425m, 425m, 430m, 455m, 455m, 465m, 505m e 576m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	12 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (14,3%) - 620m	2 (28,6%) - 668m e 773m	4 (57,1%) - 668m, 700m, 767m e 773m	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1255m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		19 (73,1%)	2 (7,7%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	26 (100%)
Utiliza uma farmácia – 100% (7 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 7 de 7 (100%)	Mais de 300 até 600m	4 (80%) - 335m*, 353m, 405m e 440m	0 (0,0%)	1 (20%) - 526m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 668m* e 805m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		4 (57,1%)	0 (0,0%)	3 (42,9%)	0 (0,0%)	7 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até a farmácia seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.2.3 A proximidade da residência de um mercado/supermercado

No Nossa Senhora de Fátima a maioria (75% - 12 de 16) dos idosos da faixa 2 e por volta da metade daqueles da faixa 1 (57,6% - 19 de 33) utiliza os mercados ou o supermercado do bairro. Dentre esses idosos, quase a totalidade (94,7% - 18 de 19) daqueles da faixa 1 a clara maioria (83,3% - 10 de 12) da faixa 2 mencionam a proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse de sua



residência. Contudo, apenas 38,9% (7 de 18) dos idosos da faixa 1 caminha até um mercado, percorrendo distâncias entre 55m e 317m, sendo que a clara maioria 85,7% (6 de 7) caminha por até 300m. Já os idosos da faixa 1 que mencionam essa proximidade e vão até os mercados com meios de transporte motorizados percorrem entre 69m e 295m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (83,3% - 10 de 12) também menciona essa proximidade, com a maioria (80% - 8 de 10) caminhando até um mercado, percorrendo entre 29m e 327m, embora a maioria (62,5% - 5 de 8) percorra até 300m (Tabela 89). Por sua vez, nenhum dos idosos do Nossa Senhora de Fátima caminha até o supermercado do bairro, com os idosos da faixa 1 percorrendo com algum meio de transporte distâncias entre 317m e 1373m e aqueles da faixa 2 percorrendo distâncias entre 740m e 1416m (Tabela 68, item 7.1.2).

No Rio Branco a notável maioria dos idosos das faixas 1 (82,4% - 14 de 17) e 3 (85,7% - 6 de 7) e a maioria daqueles da faixa 2 (65,4% - 17 de 26) utiliza um dos mercados/supermercados do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, a maioria (64,3% - 9 de 14) caminha até um mercado/supermercado, percorrendo distâncias que variam entre 178m e 345m, contudo a clara maioria (88,9% - 8 de 9) caminha até uns 300m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a um mercado/supermercado com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 345m e 756m. Entre os idosos da faixa 2, por volta da metade (47,1% - 8 de 17) caminham entre 35m e 448m até um mercado/supermercado, contudo a maioria percorre até uns 400m. Os idosos da faixa 2 que vão a um mercado/supermercado com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 430m e 1477m. Já a totalidade (100% - 6 de 6) de idosos da faixa 3 caminham até um mercado/supermercado por até uns 300m (Tabela 89).

No São Pelegrino a notável maioria dos idosos das faixas 1 (90% - 9 de 10) e 2 (84,8% - 28 de 33) e a maioria daqueles da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) utilizam um mercado/supermercado do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, a maioria (66,7% - 6 de 9) caminha até um mercado/supermercado, percorrendo distâncias que variam entre 80m e 358m, contudo a clara maioria (83,3% - 5 de 6) caminha até uns 300m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a um mercado/supermercado com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 694m e 1453m. Entre os idosos da faixa 2, apenas 32,1% (9 de 28) caminham entre 80m e 572m até um mercado/supermercado, entretanto, por volta de metade (55,6% - 5 de 9) percorre até uns 300m. Os idosos da faixa 2 que vão a um mercado/supermercado com meios de

transporte motorizados percorrem distâncias entre 404m e 1463m. Já por volta da metade (60% - 3 de 5) dos idosos da faixa 3 caminham entre 230m e 284m até um mercado/supermercado, enquanto aqueles que vão até esse estabelecimento com meios de transporte motorizado percorrem entre 552m e 652m (Tabela 89).

Portanto, observa-se que com exceção da maioria dos idosos da faixa 2 do Rio Branco que caminham 400m até um mercado/supermercado, os demais idosos percorrem até uns 300m. Considerando que os idosos da faixa 2 tendem a apresentar mais restrições à mobilidade que aqueles da faixa 1, a distância de 400m pode ser considerada como adequada de ser percorrida a pé até um mercado/supermercado para os idosos dessas duas faixas, enquanto para aqueles da faixa 3 seria a distância de 300m (Tabela 89).

**Tabela 89:** Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até um mercado/supermercado, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um mercado/ supermercado) <sup>1</sup>	
Utiliza um mercado – 57,6% (19 de 33)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 18 de 19 (88,9%)	Até 300m	6 (35,3%) - 55m, 58m, 58m, 74m, 83m, 207m*	4 (23,5%) – 69m, 91m, 189m, 217m*	6 (35,3%) – 55m, 70m*, 117m, 198m*, 218m, 226m	1 (5,9%) – 295m (111m e 184m)	17 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 317m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		7 (38,9%)	4 (22,2%)	6 (33,3%)	1 (5,6%)	18 (100%)
Faixa 1 60 a 69 anos Não 1 de 19 (5,3%)	Até 300m	1 (100%) – 12m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		8 (42,1%)	4 (21,1%)	6 (31,6%)	1 (5,3%)	19 (100%)
Utiliza um mercado – 75% (12 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 10 de 12 (75%)	Até 300m	5 (71,4%) – 29m, 29m, 168m, 168m, 180m	0 (0,0%)	1 (14,3%) – 209m*	1 (14,3%) - 206m (72m, 108m e 26m)	7 (100%)
	Mais de 300 até 600m	3 (100%) – 307, 327m*, 327m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
Total parcial		8 (80%)	0 (0,0%)	1 (10%)	1 (10%)	10 (100%)
Faixa 2 70 a 79 anos Não 3 de 12 (25%)	Até 300m	1 (50%) – 12m	1 (50%) – 217m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total parcial		1 (50%)	1 (50%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		9 (75%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	1 (8,3%)	12 (100%)

Continua na próxima página

Rio Branco						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um mercado/ supermercado) <sup>1</sup>	
Utiliza um mercado/supermercado – 82,4% (14 de 17)						
Faixa 1 60 a 69 anos 14 de 17 (82,4%)	Até 300 m	8 (100%) - 178m, 200m, 206m, 230m, 247m, 247m*, 266m e 266m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 345m	1 (33,3%) - 430m	1 (33,3%) - 345m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 677m	2 (66,7%) - 756m e 756m	0 (0,0%)	3 (100%)
Total geral		9 (64,3%)	2 (14,3%)	3 (21,4%)	0 (0,0%)	14 (100%)
Utiliza um mercado/supermercado – 65,4% (17 de 26)						
Faixa 2 70 a 79 anos 17 de 26 (65,4%)	Até 300m	3 (100%) - 35m*, 35m* e 206m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	5 (71,4%) - 343m, 343m, 434m, 434m e 448m	2 (28,6%) - 430m e 587m	1 (14,3%) - 568m	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 677m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (33,3%) - 1477m e 1477m	4 (66,7%) - 1477m, 1477m e 1477m	0 (0,0%)	6 (100%)
Total geral		8 (47,1%)	4 (23,5%)	6 (35,3%)	0 (0,0%)	17 (100%)
Utiliza um mercado/supermercado – 85,7% (6 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 6 de 7 (85,7%)	Até 300m	6 (100%) - 161m, 161m*, 218m, 218m*, 218m e 230m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
Total geral		6 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um mercado/ supermercado) <sup>1</sup>	
Utiliza um mercado/supermercado – 90% (9 de 10)						
Faixa 1 60 a 69 anos 9 de 10 (90%)	Até 300 m	5 (100%) - 80m, 80m, 105m, 146m e 243m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 358m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 694m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1275m e 1453m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		6 (66,7%)	3 (33,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (100%)
Utiliza um mercado – 84,8% (28 de 33)						
Faixa 2 70 a 79 anos 28 de 33 (84,8%)	Até 300m	5 (100%) - 80m, 145m, 175m, 270m e 284m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 300 até 600m	4 (66,7%) - 305m, 407m, 548m e 572m	1 (16,7%) - 404m	1 (16,7%) - 521m*	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	3 (60%) - 633m, 652m e 864m	2 (40%) - 652m e 877m	0 (0,0%)	5 (100%)
Continua na próxima página						

	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	4 (50%) - 910m, 960m, 980m e 1000m	4 (50%) - 959m, 960m, 980m e 1000m	0 (0,0%)	8 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (50%) - 1230m* e 1463m	2 (50%) - 1453m e 1463m	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>9 (32,1%)</b>	<b>10 (35,7%)</b>	<b>9 (32,1%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>28 (100%)</b>
<b>Utiliza um mercado/supermercado – 71,4% (5 de 7)</b>						
Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Até 300m	3 (100%) - 230m, 262m e 284m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 552m* e 652m*	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (40%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus apresentam duas situações: uma na qual são medidas as distâncias da residência do idoso até a parada, de uma parada à outra e da parada até um mercado. Outra na qual são medidas as distâncias da residência até a parada e da parada até um mercado. No segundo caso, segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

## 7.2.4 A proximidade da residência de um banco

Como no caso do Nossa Senhora de Fátima há apenas um preposto bancário no bairro não utilizado pelos idosos, a proximidade da residência de um banco será considerada apenas em relação aos bairros Rio Branco e São Pelegrino. Assim, no Rio Branco a notável maioria dos idosos da faixa 1 (88,2% - 15 de 17) e a maioria daqueles das faixas 2 (73,1% - 19 de 26) e 3 (71,4% - 5 de 7) utilizam um dos bancos existentes no bairro. Dentre esses idosos da faixa 1 por volta da metade (53,3% - 8 de 15) caminha até um banco, percorrendo distâncias entre 155m e 489m, contudo a maioria (75% - 6 de 8) caminha até uns 300m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a um banco com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 585m e 1322m. Entre os idosos da faixa 2 apenas 1 (de 19 – 5,3%) caminha até um banco percorrendo 489m, com aqueles que vão a um banco com meios de transporte motorizados percorrendo distâncias entre 727m e 1383m. Já entre os idosos da faixa 3 a totalidade (100% - 5 de 5) caminha distâncias entre 410m e 544m (Tabela 90).

No São Pelegrino, a totalidade de idosos das faixas 2 (100% - 33 de 33) e 3 (100% - 7 de 7) e quase a totalidade (90% - 9 de 10) daqueles da faixa 1 vão a um dos bancos do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, por volta da metade (44,4% - 4 de 9) dos idosos caminha por distâncias entre 54m e 570m, contudo, a maioria (75% - 3 de 4) caminha por até 300m. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a um banco com meios de transporte motorizados percorrem entre 498m e 624m. Entre os idosos

da faixa 2, a maioria (75,8% - 25 de 33) caminha até um banco, percorrendo distâncias entre 100m e 570m, com a maioria (76% - 19 de 25) percorrendo distâncias entre mais de 300m até uns 600m. Enquanto aqueles da faixa 2 que vão a um banco com meios de transporte motorizados percorrem entre 518m e 1090m. Já entre os idosos da faixa 3 apenas 1 (de 7 – 14,3%) caminha por até 270m, enquanto aqueles que utilizam meios de transporte motorizados percorrem entre 550m e 846m (Tabela 90).

Portanto, observa-se que a maioria dos idosos da faixa 3 do Rio Branco que caminham até um banco percorrem distâncias de até uns 600m, mesma distância aproximada daquela de idosos das faixas 2 do São Pelegrino. Enquanto a maioria dos demais idosos percorrem distâncias inferiores a esta. Considerando que os idosos da faixa 3 são aqueles que tendem a possuir maiores restrições de mobilidade, e que as características físico-espaciais do Rio Branco (por ex.: qualidade das pavimentações e topografia) são mais desafiadoras a mobilidade dos idosos do que aquelas do São Pelegrino, a distância de 600m pode ser considerada como adequada de ser percorrida a pé pelos idosos até um banco (Tabela 90).

**Tabela 90:** Proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até um banco, por bairro e faixa etária

Rio Branco						
Utiliza um banco	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um banco)	
Faixa 1 60 a 69 anos 15 de 17 (88,2%)	Até 300 m	6 (100%) – 155m, 224m, 224m*, 276m, 286m e 286m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (66,7%) – 467m e 489m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (33,3%) – 585 (48m, 537m e 0m)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) – 729m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) – 1022m, 1022m e 1025m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (50%) – 1383m	0 (0,0%)	1 (50%) – 1322 (57m, 951m e 314m)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>8 (53,3%)</b>	<b>2 (13,3%)</b>	<b>3 (20%)</b>	<b>2 (13,3%)</b>	<b>15 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos 19 de 26 (73,1%)	Mais de 300 até 600m	1 (100%) – 489m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	2 (50%) – 729m e 782m*	1 (25%) – 782m*	1 (25%) – 727m (108m, 483m e 136m)	4 (100%)
	Continua na próxima página					



	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	5 (55,6%) - 986m, 986m, 1092m, 1092m, e 1092m	4 (44,4%) - 1092m, 1092m, 1092m e 1092m	0 (0,0%)	9 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (40%) - 1288m e 1304m	3 (60%) - 1270m, 1304m e 1383m	0 (0,0%)	5 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (5,3%)</b>	<b>9 (47,4%)</b>	<b>8 (42,1%)</b>	<b>1 (5,3%)</b>	<b>19 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Mais de 300 até 600m	410m*, 410m, 465m*, 544m e 544m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>5 (100%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>
<b>São Pelegrino</b>						
<b>Utiliza um banco</b>	<b>Distâncias percorridas</b>	<b>Meios de transporte</b>				<b>Total</b>
		<b>A pé</b>	<b>Veículo particular (dirige)</b>	<b>Veículo particular (carona)</b>	<b>Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até um banco)</b>	
Faixa 1 60 a 69 anos 9 de 10 (90%)	Até 300 m	3 (100%) - 54m, 254m e 254m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (33,3%) - 570m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 498m e 514m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 680m e 845m	1 (33,3%) - 624m	0 (0,0%)	3 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>4 (44,4%)</b>	<b>2 (22,2%)</b>	<b>3 (33,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>9 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos 33 de 33 (100%)	Até 300m	6 (100%) - 100m, 100m, 230m, 270m, 270m e 277m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 300 até 600m	19 (90,5%) - 320m, 328m, 332m, 355m, 360m, 375m, 388m, 390m, 400m, 413m, 425m, 475m, 520m, 520m, 540m, 540m, 540m e 570m	0 (0,0%)	2 (9,5%) - 518m* e 530m	0 (0,0%)	21 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 650m	1 (50%) - 650m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (50%) - 1055m e 1090m*	2 (50%) - 965m e 1055m	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>25 (75,8%)</b>	<b>3 (9,1%)</b>	<b>5 (15,2%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>33 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais 7 de 7 (100%)	Até 300m	1 (100%) - 270m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 550m*, 550m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%) - 650m*, 687m, 730m e 846m	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (14,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (85,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

## 7.2.5 A proximidade da residência da unidade básica de saúde ou de um consultório médico

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3 e a maioria daqueles das faixas 1 (66,7% - 22 de 33) e 2 (62,5% - 10 de 16) utilizam a UBS Fátima Alta.

Dentre esses idosos, quase a totalidade (95,5% - 21 de 22) menciona a proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse de sua residência, contudo apenas 33,3% (7 de 21) caminha até a UBS, percorrendo distâncias entre 523m e 652m, sendo que por volta da metade (57,1% - 4 de 7) desses idosos caminha por até uns 700m. Já os idosos da faixa 1 que mencionam essa proximidade, mas vão a UBS com meios de transporte motorizados percorrem entre 758m e 1231m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (80% - 8 de 10) também menciona essa proximidade, contudo igualmente apenas um (de 8 – 12,5%) caminha até a UBS, percorrendo 728m. Os idosos da faixa 2 que mencionam essa proximidade, mas vão a UBS com meios de transporte motorizados percorrem entre 866m e 1151m. Enquanto o idoso da faixa 3 percorre de ônibus 560m até a UBS (Tabela 91).

No Rio Branco nenhum idoso caminha até um consultório médico, com as distâncias percorridas com algum meio de transporte variando entre 976m e 3047m (Tabela 71). Já no São Pelegrino, apesar dos consultórios médicos estarem localizados fora do bairro, se encontram a distâncias que parte dos idosos desse bairro percorrem a pé. Portanto, dentre os idosos do São Pelegrino a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3, a notável maioria daqueles da faixa 1 (90% - 9 de 10) e a maioria daqueles da faixa 2 (78,8% - 26 de 33) vai a um consultório médico. Dentre os idosos da faixa 1, apenas 1 (de 9 – 11,1%) caminha por até 585m, enquanto aqueles que vão a um consultório médico com meios de transporte motorizados percorrem entre 879m e 1785m. Entre os idosos da faixa 2, por volta da metade (46,2% - 12 de 26) caminha até um consultório médico, percorrendo distâncias entre 514m e 853m. Enquanto aqueles da faixa 2 que vão a um consultório médico com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 1050m e 1766m. Já entre os idosos da faixa 3, apenas 1 (de 7 – 14,3%) caminha 853m até um médico, enquanto aqueles que utilizam meios de transporte motorizados percorrem entre 1175m e 1613m (Tabela 91).

Portanto, observa-se que no Nossa Senhora de Fátima onde as condições para a caminhabilidade são prejudicadas pelas características físico-espaciais do bairro os idosos das faixas 1 e 2 caminham até a UBS uma distância aproximada de 700m. Enquanto os idosos das três faixas etárias do São Pelegrino que caminham até um médico percorrem distâncias aproximadas a 800m. Nesse sentido, a distância de 800m pode ser considerada adequada de ser percorrida a pé até um consultório ou

unidade básica de saúde desde que o bairro ofereça boas condições a caminhabilidade dos idosos.

**Tabela 91:** Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até a UBS Fátima Alta e consultórios médicos, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a UBS)	
Utiliza a UBS Fátima Alta – 66,7% (22 de 33)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 21 de 22 (95,5%)	Mais de 300 até 600m	3 (100%) - 523m, 560m e 593m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	4 (36,4%) - 564m, 609m, 628m e 652m*	3 (27,3%) - 758m, 798m e 818m	3 (27,3%) - 758m, 784m*, 818m	1 (9,1%) - 810m* (12m e 798m)	11 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (40%) - 1089m e 1148m	3 (60%) - 1126m, 1126m e 1148m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 1227m	1 (50%) - 1231m (165m e 1002m)	2 (100%)
Total geral		7 (33,3%)	5 (23,8%)	7 (33,3%)	2 (9,5%)	21 (100%)
Faixa 1 60 a 69 anos Não 1 de 22 (5,3%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) -1039m (37m e 1002m)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Total geral		7 (31,8%)	5 (22,7%)	7 (31,8%)	3 (13,6%)	22 (100%)
Utiliza a UBS Fátima Alta – 62,5% (10 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 10 de 12 (83,3%)	Mais de 600 até 900m	1 (50%) - 728m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 866m* (48m e 818m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (20%) - 1062m	1 (20%) - 1062m	3 (60%) - 959m (72m e 887m), 959m (72m e 887m) e 1049m (212m e 837m)	5 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1211m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (12,5%)	1 (12,5%)	2 (25%)	4 (50%)	8 (100%)
Faixa 2 70 a 79 anos Não 2 de 12 (16,7%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1151m*	0 (0,0%)	1 (50%) - 1039m (37m e 1002m)	2 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	1 (50%)	0 (0,0%)	1 (50%)	2 (100%)
Total geral		1 (10%)	2 (20%)	2 (20%)	5 (50%)	10 (100%)
Utiliza a UBS Fátima Alta – 100% (1 de 1)						
Faixa 3 80 anos ou mais Sim 1 de 1 (100%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 560m* (213m e 347m)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, deslocamento do ônibus e da parada até o consultório médico)	
Utiliza um consultório médico – 90% (9 de 10)						
Faixa 1 60 a 69 anos 9 de 10 (90%)	Mais de 300 até 600m	1 (100%) – 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 879m	0 (0,0%)	1 (100%)
Continua na próxima página						

Continua na próxima página

	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1406m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (33,3%) – 1752m	2 (66,7%) – 1679m e 1785m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (33,3%) – 1752m	2 (66,7%) – 1679m e 1785m	0 (0,0%)	3 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (11,1%)</b>	<b>2 (22,2%)</b>	<b>6 (66,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>9 (100%)</b>
<b>Utiliza um consultório médico – 78,8% (26 de 33)</b>						
Faixa 2 70 a 79 anos 26 de 33 (78,8%)	Mais de 300 até 600m	6 (100%) - 514m, 525m, 545m, 586m, 596m e 596m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 600 até 900m	6 (100%) - 609m, 610m, 610m, 641m, 664m e 853m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (75%) - 1050m, 1143m* e 1200m	1 (25%) - 1076 (32m e 431m e 613m)	4 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (33,3%) - 1269m e 1271m	4 (66,7%) - 1249m, 1269m, 1271m e 1294m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	1 (25%) - 1766m	3 (75%) - 1690m, 1752m e 1766m	0 (0,0%)	4 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>12 (46,2%)</b>	<b>3 (11,5%)</b>	<b>10 (38,5%)</b>	<b>1 (3,8%)</b>	<b>26 (100%)</b>
<b>Utiliza um consultório médico – 100% (7 de 7)</b>						
Faixa 3 80 anos ou mais 7 de 7 (100%)	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 853m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1175m* e 1177m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1271m* e 1312m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1501m e 1613m	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>1 (14,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (85,7%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>7 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus apresentam duas situações: uma na qual são medidas as distâncias da residência do idoso até a parada, de uma parada à outra e da parada até a ubi/consultório. Outra na qual são medidas as distâncias da residência até a parada e da parada até um ubi/consultório. No segundo caso, segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

## 7.2.6 A proximidade da residência de uma igreja

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3 e por volta da metade daqueles das faixas 1 (48,5% - 16 de 33) e 2 (50% - 8 de 16) utiliza uma das igrejas do bairro. Dentre esses idosos, a notável maioria daqueles da faixa 1 (93,8% - 15 de 16) menciona a proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse de sua residência, com a clara maioria (86,7% - 13 de 15) desses idosos caminhando entre 262m e 609m até a igreja. Contudo, a maioria (76,9% - 10 de 13) desses idosos percorre a pé até uns 600m. Já os idosos da faixa 1 que mencionam

essa proximidade, mas vão a uma igreja com meios de transporte motorizados percorrem entre 476m e 975m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (75% - 6 de 8) também menciona essa proximidade, contudo apenas um (de 6 – 16,7%) caminha até uma igreja, percorrendo até uns 600m. Os idosos da faixa 2 que mencionam essa proximidade, mas vão a uma igreja com meios de transporte motorizados percorrem entre 834m e 908m. Enquanto o idoso da faixa 3 que vai a pé até uma igreja percorre uns 300m (Tabela 92).

No Rio Branco a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3 e a notável maioria daqueles das faixas 1 (94,1% - 16 de 17) e 2 (92,3% - 24 de 26) vai a uma igreja do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, a notável maioria (87,5% - 14 de 16) caminha entre 152m e 728m, contudo, por volta da metade percorre até uns 600m até uma igreja. Enquanto os idosos da faixa 1 que vão a uma igreja com meios de transporte percorrem entre 765m e 865m. Entre os idosos da faixa 2 também a clara maioria (87,5% - 21 de 24) caminha entre 132m e 728m, contudo, a maioria (61,9% - 13 de 21) percorre até uns 600m. Enquanto os idosos da faixa 2 que vão a uma igreja com meios de transporte percorrem entre 786m e 1020m. Já a totalidade (100% - 7 de 7) da faixa 3 caminha uns 600m até uma igreja (Tabela 92).

No São Pelegrino, a totalidade (100% - 7 de 7) dos idosos da faixa 3, a notável maioria (97% - 32 de 33) da faixa 2 a maioria daqueles da faixa 1 (80% - 8 de 10) vai a uma igreja do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1 a clara maioria (87,5% - 7 de 8) caminha por distâncias entre 152m e 700m, contudo, a maioria (71,4% - 5 de 7) percorre a pé distâncias de até uns 600m. O único idoso dessa faixa etária que uso meios de transporte motorizados percorre 1020m. Entre os idosos da faixa 2 também a clara maioria (93,8% - 30 de 32) caminha entre 132m e 728m até uma igreja, com a maioria (63,3% - 19 de 30) percorrendo até uns 600m. Enquanto os idosos da faixa 2 que utilizam meios de transporte motorizados percorrem entre 786m e 865m até uma igreja. Igualmente entre os idosos da faixa 3 a maioria (71,4% - 5 de 7) caminha por até uns 600m até uma igreja, enquanto os idosos que utilizam meios de transporte motorizados percorrem entre 765m e 865m até uma igreja (Tabela 92).

Portanto, observa-se que independentemente do bairro ou faixa etária a maioria dos idosos vai caminhando a uma igreja por uma distância de até uns 600m. Nesse sentido, 600m pode ser considerada uma distância adequada de ser percorrida a pé



pelos idosos para ir até uma igreja independente da faixa etária ou das condições físico-espaciais do bairro (Tabela 92).

**Tabela 92:** Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma igreja, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 48,5% (16 de 33)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 21 de 22 (95,5%)	Até 300m	2 (100%) - 262m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	10 (90,9%) - 310m, 420m, 484m*, 491m, 495m, 515m, 523m, 523m, 556m, 556m	0 (0,0%)	1 (9,1%) - 476m	0 (0,0%)	11 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 609m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 975m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		13 (86,7%)	1 (6,7%)	1 (6,7%)	0 (0,0%)	15 (100%)
Faixa 1 60 a 69 anos Não 1 de 22 (5,3%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 975m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		13 (81,3%)	1 (6,3%)	1 (6,3%)	0 (0,0%)	16 (100%)
Utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 50% (8 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 10 de 12 (83,3%)	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 556m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	2 (50%) - 834m* e 884m	2 (50%) - 834m* e 884m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 908m (212m e 696m)	1 (100%)
Total geral		1 (16,7%)	2 (33,3%)	2 (33,3%)	1 (16,7%)	6 (100%)
Faixa 2 70 a 79 anos Não 2 de 12 (16,7%)	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (100%) - 476m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1178m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	2 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		1 (12,5%)	4 (50%)	2 (25%)	1 (12,5%)	8 (100%)
Utiliza a Igreja Nossa Senhora de Fátima – 100% (1 de 1)						
Faixa 3 80 anos ou mais Sim 1 de 1 (100%)	Até 300m	1 (100%) - 296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Rio Branco						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 94,1% (16 de 17)						
Faixa 1 60 a 69 anos 16 de 17 (94,1%)	Até 300m	1 (100%) - 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	8 (100%) - 305m, 361m, 417m, 468m 545m*, 567m, 583m e 585m,	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
	Mais de 600 até 900m	5 (71,4%) - 685m, 685m, 703m, 703m e 728m	0 (0,0%)	2 (28,6%) - 765m e 865m	0 (0,0%)	7 (100%)
Total geral		14 (87,5%)	0 (0,0%)	2 (12,5%)	0 (0,0%)	16 (100%)

Continua na próxima página

Continua na próxima página

Utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 92,3% (24 de 26)						
Faixa 2 70 a 79 anos 24 de 26 (92,3%)	Até 300m	4 (100%) - 132m, 134m, 262m e 297m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 300 até 600m	13 (100%) - 314m*, 325m, 346m, 350m, 357m, 397m, 419m, 468m, 481m*, 483m*, 501m, 567m e 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	13 (100%)
	Mais de 600 até 900m	4 (66,7%) - 626m, 698m, 700m e 728m	1 (16,7%) - 786m	1 (16,7%) - 865m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1020m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		21 (87,5%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)	0 (0,0%)	24 (100%)
Utiliza a Igreja da Imaculada Conceição – 100% (7 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais não 7 de 7 (100%)	Mais de 300 até 600m	7 (100%) - 337m*, 338m, 370m*, 404m, 485m, 522m* e 567m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
Total geral		7 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Igreja)	
Utiliza a Igreja de São Pelegrino – 80% (8 de 10)						
Faixa 1 60 a 69 anos 8 de 10 (80%)	Até 300 m	1 (100%) - 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	5 (100%) - 417m, 419m, 481m, 583m e 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1020m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		7 (87,5%)	1 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)
Utiliza a Igreja de São Pelegrino – 97% (32 de 33)						
Faixa 2 70 a 79 anos 32 de 33 (97%)	Até 300m	3 (100%) - 132m, 134m e 262m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	19 (100%) - 305m, 314m, 325m, 337m, 338m, 346m, 350m, 357m, 361m, 370m, 404m, 468m, 468m, 483m, 485m, 545m, 567m, 567m e 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	19 (100%)
	Mais de 600 até 900m	8 (80%) - 626m, 685m, 685m, 698m, 703m, 703m, 728m e 728m	1 (10%) - 786m*	1 (10%) - 865m	0 (0,0%)	10 (100%)
Total geral		30 (93,8%)	1 (3,1%)	1 (3,1%)	0 (0,0%)	32 (100%)
Utiliza a Igreja de São Pelegrino – 100% (7 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 7 de 7 (100%)	Mais de 300 até 600m	5 (100%) - 297m, 397m, 501m, 522m e 567m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 765m e 865m*	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		5 (71,4%)	0 (0,0%)	2 (28,6%)	0 (0,0%)	7 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus, indicam a distância percorrida a pé da residência do idoso até a parada de ônibus e aquela percorrida com o ônibus da parada até uma igreja seguindo a rota do transporte público. Segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### **7.2.7 A proximidade da residência de um grupo e/ou associação**

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3 e a minoria daqueles das faixas 1 (39,4% - 13 de 33) e 2 (25% - 4 de 16) vai a um grupo e/ou associação. Dentre esses idosos, a notável maioria (92,9% - 13 de 14) da faixa 1 menciona a proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse de sua residência, sendo que por volta da metade (46,2% - 6 de 13) dos percursos a pé até um desses grupos/associações, possui distâncias entre 262m e 745m. Já as rotas dos idosos da faixa 1 que mencionam essa proximidade, e vão a um grupo/associação com meios de transporte motorizados são entre 420m e 4411m. Entre os idosos da faixa 2 a totalidade (100% - 4 de 4) também menciona essa proximidade, com a metade (50% - 2 de 4) das rotas desses idosos a pé sendo entre 164m e 727m até um grupo/associação e a outra metade realizada com meios de transporte motorizados entre 587m e 621m. Já a rota do idoso da faixa 3 até o grupo/associação que frequenta é de 296m (Tabela 93).

No Rio Branco a notável maioria dos idosos das faixas 1 (94,1% - 16 de 17) e 2 (84,6% - 22 de 26) e a minoria daqueles da faixa 3 (28,6% - 2 de 7) frequentam grupos/associações. Dentre as rotas realizadas pelos idosos da faixa 1, apenas 39,4% (13 de 33) são realizadas a pé, com os idosos percorrendo entre 250m e 725m, contudo, a maioria (61,5% - 8 de 13) dessas rotas são de até uns 600m. Enquanto as rotas dos idosos da faixa 1 realizadas com meios de transporte motorizados possuem distâncias entre 472m e 9000m. Entre as rotas dos idosos da faixa 2, por volta da metade (40,7% - 11 de 27) são realizadas a pé por distâncias que variam entre 75m e 630m, com a clara maioria (81,8% - 9 de 11) sendo de até uns 600m. Já as rotas desses idosos da faixa 2 realizadas com meios de transporte motorizados possuem distâncias entre 398m e 8100m. A maioria (60% - 3 de 5) das rotas dos idosos da faixa 3 até grupos/associações são realizadas a pé, sendo percorridas por distâncias entre 205m e 740m, com as rotas realizadas com algum meio de transporte ocorrendo até 740m (Tabela 93).

No São Pelegrino, a notável maioria (80% - 8 de 10 da faixa 1; 81,8% - 27 de 33 da faixa 2; 85,7% - 6 de 7 da faixa 3) dos idosos das três faixas etárias participa de grupo/associação. Dentre as rotas realizadas pelos idosos da faixa 1 até os grupos/associações 90,9% (20 de 22) são percorridas a pé, com distâncias que variam

entre 152m e 700m, contudo, a maioria (80% - 16 de 20) dessa rotas são de até uns 600m. Enquanto as rotas dos idosos da faixa 1 realizadas com meios de transporte motorizados possuem distâncias entre 1020m e 1170m. Também a clara maioria (94,2% - 49 de 52) das rotas dos idosos da faixa 2 são a pé, sendo percorridas por distâncias que variam entre 132m e 728m, Contudo, a maioria delas ocorre por até uns 600m. Já as rotas desses idosos da faixa 2 realizadas com meios de transporte motorizados possuem distâncias entre 786m e 865m. A clara maioria (90% - 9 de 10) das rotas realizadas pelos idosos da faixa 3 até grupos/associações são realizadas a pé, sendo percorridas por distâncias de até 600m. O único idoso dessa faixa etária que realiza uma rota com meios de transporte motorizado percorre 765m (Tabela 93).

Portanto, observa-se que os idosos das faixas 1 e 2 do Nossa Senhora de Fátima percorrem em suas rotas a pé até grupos/associações distâncias superiores àquelas dos idosos das três faixas etárias dos demais bairros, apesar das características físico-espaciais do Nossa Senhora de Fátima serem as menos propensas a caminhabilidade dos idosos. Contudo, como uma amostra muito pequena de rotas de idosos desse bairro ocorrem a pé, a distância de 600m percorrida a pé pela maioria dos idosos das três faixas dos demais bairros parece ser a mais adequada até os grupos/associações que os idosos frequentam (Tabela 93).

**Tabela 93:** Proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até grupos/associações

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até um grupo/ associação)	
Utiliza grupos/associações – 39,4% - 13 de 33						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 13 de 14 (92,9%)	Até 300m	2 (100%) - 262m e 296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (40%) - 310m e 565m	0 (0,0%)	2 (40%) - 420m e 515m	1 (20%) - 495m (4m e 491m)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (66,7%) - 610m e 745m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 631m (4m e 627m)	3 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	1 (100%) - 3000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 4200 até 4500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) – 4256m* (256m e 4000m) 4411 (111m e 4300m)	2 (100%)
Total geral		6 (46,2%)	1 (7,7%)	2 (15,4%)	4 (30,8%)	13 (100%)
Faixa 1 60 a 69 anos Não 1 de 22 (5,3%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 975m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total parcial		0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)

Continua na próxima página

Continua na próxima página

Total geral		6 (42,9%)	2 (14,3%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	14 (100%)
Utiliza grupos/associações – 25% (4 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 10 de 12 (83,3%)	Até 300m	1 (100%) - 164m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 587m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (50%) - 727m	0 (0,0%)	1 (50%) - 621m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		2 (50%)	0 (0,0%)	2 (50%)	0 (0,0%)	4 (100%)
Utiliza grupos/associações – 100% (1 de 1)						
Faixa 3 80 anos ou mais Sim 1 de 1 (100%)	Até 300 m	1 (100%) - 296m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		1 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Rio Branco						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o grupo)	
Utiliza grupos/associações – 94,1% - 16 de 17						
Faixa 1 60 a 69 anos 16 de 17 (94,1%)	Até 300m	1 (100%) - 250m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	8 (88,9%) - 500m, 528m, 550m, 550m, 570m, 580m, 580m e 600m	0 (0,0%)	1 (11,1%) - 472m	0 (0,0%)	9 (100%)
	Mais de 600 até 900m	4 (80%) - 609m, 640m, 676m e 725m*	0 (0,0%)	1 (20%) - 744m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (90%) - 1150m, 1150m, 1150m, 1150m, 1150m, 1200m, 1200m, 1200m	1 (10%) - 1140m* (249m, 450m e 450m)	10 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1266m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	3 (75%) - 1550m, 1550m e 1550m	0 (0,0%)	1 (25%) - 1594m (57m, 1281m e 256m)	4 (100%)
	Mais de 6900 até 7200m	0 (0,0%)	2 (100%) - 7022m e 7050m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 8700 até 9000m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 9000m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		13 (39,4%)	6 (18,2%)	12 (36,4%)	2 (6,1%)	33 (100%)
Utiliza grupos/associações – 84,6% (22 de 26)						
Faixa 2 70 a 79 anos 22 de 26 (84,6%)	Até 300m	2 (100%) - 75m e 192m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	9 (81,8%) - 348m, 378m, 563m, 563m, 563m, 600m, 630m	1 (11,1%) - 398m*	1 (11,1%) - 563m	0 (0,0%)	11 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (50%) - 730m*	1 (50%) - 730m*	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1167m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	3 (60%) - 1350m, 1350m e 1496m	0 (0,0%)	2 (40%) - 1383m (249m, 430m e 704m) e 1383m (249m, 430m e 704m)	5 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1550m	0 (0,0%)	1 (100%)
		Continua na próxima página				



	Mais de 3300 até 3600m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3503m	0 (0,0%)	1 (50%) - 3376m (108m, 2645m e 623m)	2 (100%)
	Mais de 3900 até 4200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 4100m	0 (0,0%)	1 (50%) - 4143m (108m, 3678m e 357m)	2 (100%)
	Mais de 7800 até 8100m	0 (0,0%)	1 (100%) - 8100m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		11 (40,7%)	8 (29,6%)	4 (14,8%)	4 (14,8%)	27 (100%)
Utiliza grupos/associações – 28,6% (2 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 2 de 7 (28,6%)	Até 300m	1 (100%) - 205m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 317m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (33,3%) - 740m*	0 (0,0%)	2 (66,7%) - 740m* e 740m*	0 (0,0%)	3 (100%)
Total geral		3 (60%)	0 (0,0%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (100%)
São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o grupo)	
Utiliza grupos/associações – 80% - 8 de 10						
Faixa 1 60 a 69 anos 8 de 10 (80%)	Até 300 m	2 (100%) - 152m e 152m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	16 (100%) - 417m, 417m, 417m, 419m, 419m, 472m, 480m, 481m, 481m, 481m, 481m, 583m, 583m, 583m, 583m, 583m, 583m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	16 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (100%) - 700m e 700m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1020m e 1170m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		20 (90,9%)	2 (9,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	22 (100%)
Utiliza grupos/associações – 81,8% (27 de 33)						
Faixa 2 70 a 79 anos 27 de 33 (81,8%)	Até 300m	7 (100%) - 132m, 132m, 134m, 134m, 262m*, 262m*, 275m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 300 até 600m	36 (100%) - 305m, 305m, 314m, 314m, 325m, 325m, 337m, 338m, 338m, 346m, 350m, 357m, 357m, 361m, 370m, 404m, 408m, 468m, 468m, 468m, 468m, 468m, 483m, 483m, 485m, 485m, 545m, 567m, 567m, 567m, 567m, 570m, 585m, 585m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	36 (100%)
	Mais de 600 até 900m	6 (66,7%) - 698m, 698m, 703m, 703m, 728m e 728m	1 (11,1%) - 786m*	2 (22,2%) - 865m, 865m	0 (0,0%)	9 (100%)
Total geral		49 (94,2%)	1 (1,9%)	2 (3,8%)	0 (0,0%)	52 (100%)
Utiliza grupos/associações – 85,7% (6 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 6 de 7 (85,7%)	Mais de 300 até 600m	9 (100%) - 297m*, 297m*, 397m, 397m, 501m, 501m, 522m e 567m, 567m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	9 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 765m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>9 (90%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>10 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus apresentam duas situações: uma na qual são medidas as distâncias da residência do idoso até a parada, de uma parada à outra e da parada até um grupo/associação. Outra na qual são medidas as distâncias da residência até a parada e da parada até um grupo/associação. No segundo caso, segundo os idosos do Nossa Senhora de Fátima os motoristas param o ônibus onde é requisitado, mesmo que não haja uma parada de ônibus. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.2.8 A proximidade da residência de uma praça

No Nossa Senhora de Fátima o respondente da faixa 3, a minoria daqueles da faixa 2 (37,5% - 6 de 16) e a notável minoria daqueles da faixa 1 (15,2% - 5 de 33) vão a uma praça. Dentre esses idosos da faixa 1 a totalidade (100% - 5 de 5) vai a uma praça com meios de transporte motorizados percorrendo entre 361m e 886m. Entre os idosos da faixa 2 metade (50% - 3 de 6) dos idosos caminha entre 525m e 846m, com a maioria (66,7% - 2 de 3) percorrendo até uns 500m, enquanto a outra metade (50% - 3 de 6) que utiliza meios de transporte motorizados percorre entre 756m e 1008m. O idoso da faixa 3 vai a uma praça com o ônibus percorrendo uma distância de até 357m (Tabela 94).

No Rio Branco por volta da metade dos idosos das faixas 1 (52,9% - 9 de 17) e 2 (53,8% - 14 de 26) e um (de 7 – 14,3%) idoso da faixa 3 vão a uma praça. Dentre esses idosos da faixa 1, apenas 1 (de 9 – 11,1%) caminha por 2070m, enquanto aqueles que se utilizam de meios de transporte motorizados percorrem entre 1300 e 1840m. Entre os idosos da faixa 2, por volta da metade (57,1% - 8 de 14) dos idosos da faixa 2 caminha até uma praça percorrendo até uns 500m, enquanto os idosos que se utilizam de meios de transporte motorizados percorrem entre 890m e 1850m. O idoso da faixa 3 vai a uma praça de carona, percorrendo 1120m (Tabela 94).

No São Pelegrino, a maioria dos idosos da faixa 2 (69,7% - 23 de 33) e 3 (71,4% - 5 de 7) e metade daqueles da faixa 1 (50% - 5 de 10) vão a uma praça. Dentre os idosos da faixa 1, por volta da metade (40% - 2 de 5) caminha por até 300m, enquanto aqueles que vão a praça com meios de transporte motorizados percorrem entre 238m e 697m. Entre os idosos da faixa 2, por volta da metade (52,2% - 12 de 23) caminha por distâncias entre 35m e 432m, contudo, a notável maioria caminha por até uns 300m. Enquanto aqueles que vão a uma praça com meios de transporte motorizados percorrem entre 290m e 1218m. Já a totalidade (100% - 5 de 5) de idosos da faixa 3

caminha entre 163m e 756m até uma praça, embora a maioria (80% - 4 de 5) percorra até uns 400m. Portanto, observa-se que as distâncias percorridas a pé pelos idosos até uma praça variam entre os bairros e as faixas etárias, contudo, considerando que os idosos da faixa 3 seriam aqueles que mais tendem a apresentar problemas de capacidade motora, a distância de 400m percorridas por esses idosos do São Pelegrino podem ser consideradas adequadas até uma praça também para as demais faixas etárias (Tabela 94).

**Tabela 94:** Proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até uma praça, por bairro e faixa etária

Nossa Senhora de Fátima						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada e da parada até a Praça)	
Utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 15,2% (5 de 33)						
Faixa 1 60 a 69 anos Sim 5 de 5 (100%)	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	1 (25%) - 595m	2 (50%) - 361m, e 449m*	1 (25%) - 422 (111m e 311m)	4 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 886m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	2 (40%)	2 (40%)	1 (20%)	5 (100%)
Utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 37,5% (6 de 16)						
Faixa 2 70 a 79 anos Sim 10 de 12 (83,3%)	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 525m e 525m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (50%) - 846m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 756 (72m e 684m)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1008m*	1 (50%) - 1008m*	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		3 (50%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	6 (100%)
Utiliza a Praça Nossa Senhora de Fátima – 100% (1 de 1)						
Faixa 3 80 anos ou mais Sim 1 de 1 (100%)	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 357m* (213m e 144m)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	1 (100%)
Rio Branco						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até a Praça)	
Utiliza a Praça do Trem – 52,9% (9 de 17)						
Faixa 1 60 a 69 anos 9 de 17 (52,9%)	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	3 (75%) - 1300m, 1325m e 1450m	1 (25%) - 1515m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 1500 até 1800	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1530m (184m, 1150m e 196m), 1585m (234m, 1160m e 191m) e 1590m* (249m, 1150m e 191m)	3 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	1 (50%) - 2070m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (50%) - 1840m (57m, 1590m e 193m)	2 (100%)
Total geral		1 (11,1%)	3 (33,3%)	1 (11,1%)	4 (44,4%)	9 (100%)
Utiliza a Praça do Trem – 53,8% (14 de 26)						
Faixa 2 70 a 79 anos 14 de 26 (53,8%)	Mais de 300 até 600m	8 (100%) - 460m*, 500m, 500m, 500m, 500m, 500m, 500m e 500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	8 (100%)

Continua na próxima página

Continua na próxima página

	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 890m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	2 (100%) - 1300m e 1470m*	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1561m (211m, 1150m e 200m)	1 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1850m	1 (50%) - 1850m	0 (0,0%)	2 (100%)
Total geral		8 (57,1%)	3 (21,4%)	2 (14,3%)	1 (7,1%)	14 (100%)
Utiliza a Praça do Trem – 14,3% (1 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 1 de 7 (14,3%)	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) – 1120m*	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (100%)
São Pelegrino						
Menciona a proximidade	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até a Praça)	
Utiliza a Praça do Trem – 50% (5 de 10)						
Faixa 1 60 a 69 anos 5 de 10 (50%)	Até 300 m	2 (66,7%) - 63m e 248m	1 (33,3%) - 238m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 563m	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 697m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		2 (40%)	1 (20%)	2 (40%)	0 (0,0%)	5 (100%)
Utiliza a Praça do Trem – 69,7% (23 de 33)						
Faixa 2 70 a 79 anos 23 de 33 (69,7%)	Até 300m	10 (90,9%) - 35m, 49m, 49m, 63m, 111m, 180m, 192m, 192m, 245m e 245m	0 (0,0%)	1 (9,1%) - 290m*	0 (0,0%)	11 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (66,7%) - 432m e 432m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 547m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (16,7%) - 853m	5 (83,3%) - 609m, 756m, 802m, 809m e 827m	0 (0,0%)	6 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 1103m* e 1184m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1218m	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		12 (52,2%)	1 (4,3%)	10 (43,5%)	0 (0,0%)	23 (100%)
Utiliza a Praça do Trem – 71,4% (5 de 7)						
Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Até 300m	2 (100%) - 163m e 268m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 378m e 432m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 600 até 900m	1 (100%) - 756m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
Total geral		5 (100%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus apresentam duas situações: uma na qual são medidas as distâncias da residência do idoso até a parada, de uma parada à outra e da parada até uma praça. Outra na qual são medidas as distâncias da residência até a parada e da parada até uma praça. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias representam aqueles que mencionaram algum problema físico/cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).



### 7.2.9 A proximidade da residência de um parque

A maioria dos idosos das faixas 2 (69,7% - 23 de 33) e 3 (71,4% - 5 de 7) e metade daqueles da faixa 1 (50% - 5 de 10) do São Pelegrino frequentam um parque, sendo esses os únicos que realizam percursos inteiramente a pé até esse tipo de área de lazer. Dentre os idosos da faixa 1, a maioria (60% - 3 de 5) caminha entre 56m e 578m, com a maioria (66,7% - 2 de 3) percorrendo até uns 600m. Os idosos da faixa 1 que vão a um parque com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 1172m e 1527m. Entre os idosos da faixa 2 apenas 39,1% (9 de 23) caminham por distâncias entre 273m e 740m, contudo, por volta da metade (55,6% - 5 de 9) caminha por até uns 600m. Enquanto aqueles que vão a um parque com meios de transporte motorizados percorrem entre 815m e 1634m. Dentre os idosos da faixa 3 apenas 40% (2 de 5) caminham até um parque percorrendo até uns 600m, enquanto aqueles que se utilizam de meios de transporte motorizados percorrem entre 1251m e 1382m. Uma vez que 600m é a distância percorrida a pé pela maioria dos idosos das três faixas etárias do São Pelegrino, esta parece ser uma distância adequada para um parque em relação a residência dos idosos (Tabela 95).

**Tabela 95:** Proximidade de transporte público, comércio/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até o Parque Cinquentenário pelos idosos do São Pelegrino

Utiliza o Parque Cinquentenário	Distâncias percorridas	Meios de transporte				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus	
Faixa 1 60 a 69 anos 5 de 10 (50%)	Até 300m	1 (100%) - 56m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 475m e 578m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1172m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1527m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>3 (60%)</b>	<b>1 (20%)</b>	<b>1 (20%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos 23 de 33 (69,7%)	Até 300m	2 (100%) - 273m, 273m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 300 até 600m	5 (100%) - 319m, 408m, 515m, 562m e 571m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 600 até 900m	2 (40%) - 621m e 740m	1 (20%) - 815m*	2 (40%) - 871m* e 883m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (33,3%) - 1093m	2 (66,7%) - 917m e 953m	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (14,3%) - 1325m	6 (85,7%) - 1251m, 1308m, 1315m, 1324m, 1349m e 1349m	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 1500 até 1800	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1634m	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total parcial</b>		<b>9 (39,1%)</b>	<b>3 (13%)</b>	<b>11 (47,8%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>23 (100%)</b>

Continua na próxima página

Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Mais de 300 até 600m	2 (100%) - 480m e 559m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1251m, 1324m e 1382m	0 (0,0%)	3 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>2 (40%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>

**Nota:** As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.2.10 A proximidade da residência de um shopping

No Rio Branco a maioria dos idosos das faixas 1 (76,4% - 13 de 17) e 2 (61,5% - 16 de 26) e a minoria daqueles da faixa 3 (28,6% - 2 de 7) utilizam um shopping. Dentre os idosos da faixa 1 nenhum caminha até esse estabelecimento, enquanto aqueles que vão com meios de transporte motorizados percorrem entre 1458m e 2950m. Entre os idosos da faixa 2, por volta da metade (41,2% - 7 de 17) caminham por até uns 600m, enquanto aqueles que se utilizam de meios de transporte motorizados percorrem entre 950m e 2950m. Os idosos da faixa 3 que frequentam o shopping se utilizam de meios de transporte motorizados percorrendo entre 1331m e 1680m (Tabela 96).

No São Pelegrino, a notável maioria da faixa 2 (81,8% - 27 de 33), a maioria daqueles da faixa 3 (71,4% - 5 de 7) e por volta da metade daqueles da faixa 1 (60% - 6 de 10) utilizam o shopping do bairro. Dentre esses idosos da faixa 1, apenas 33,3% (2 de 6) caminha distâncias entre 242m e 344m, enquanto aqueles que se utilizam de meios de transporte motorizados percorrem entre 694m e 1275m. Entre os idosos da faixa 2, a maioria (70,4% - 19 de 27) caminha até o shopping, percorrendo distâncias entre 273m e 633m, contudo a maioria (73,7% - 14 de 19) percorre distâncias de até uns 600m. Enquanto aqueles da faixa 2 que vão ao shopping com meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 652m e 1044m. Já entre os idosos da faixa 3, por volta da metade (60% - 3 de 5) caminha por até uns 300m, enquanto aqueles que utilizam meios de transporte motorizados percorrem distâncias entre 552m e 652m (Tabela 96). Portanto, observa-se que entre os idosos das faixas 1 e 2 de ambos os bairros que caminham até o shopping, a maioria percorre até uns 600m. Enquanto a maioria dos idosos da faixa 3 do São Pelegrino caminha por até 300m, com essas distâncias podendo ser consideradas aquelas adequadas a cada faixa etária.

**Tabela 96:** Proximidade de transporte público, comércios/serviços e locais de interesse, meios de transporte e distâncias até o Shopping São Pelegrino, por bairro e faixa etária

<b>Rio Branco</b>						
Utiliza um shopping	Distâncias percorridas	Meios de deslocamento				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o shopping)	
Faixa 1 60 a 69 anos 13 de 17 (76,4%)	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1458m (268m, 990m e 200)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%) - 1535m (184m, 1150m e 201m), 1595m* (249m, 1150m e 196m) e 1684m (234m, 1150m e 300m)	3 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	3 (75%) - 2205m, 2310m e 2330m	1 (25%) - 2355m	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	2 (50%) - 2467m e 2506m	2 (50%) - 2530 e 2600	0 (0,0%)	4 (100%)
	Mais de 2700 até 3000m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2950m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (46,2%)</b>	<b>3 (23,1%)</b>	<b>4 (30,8%)</b>	<b>13 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos 16 de 26 (61,5%)	Mais de 600 até 900m	7 (100%) - 610m, 610m, 610m, 610m, 610m e 610m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	7 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1160m*	0 (0,0%)	1 (50%) - 950m (76m, 650m e 224m)	2 (100%)
	Mais de 1500 até 1800m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 1563m (211m, 1150m e 202m)	1 (100%)
	Mais de 1800 até 2100m	0 (0,0%)	1 (50%) - 1885m*	1 (50%) - 1850m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 2100 até 2400m	0 (0,0%)	1 (50%) - 2340m	0 (0,0%)	1 (50%) - 2133m (123m, 1710m e 300m)	2 (100%)
	Mais de 2400 até 2700m	0 (0,0%)	1 (100%) - 2635m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 2700 até 3000	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 2840m e 2950m	0 (0,0%)	2 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>7 (41,2%)</b>	<b>4 (25%)</b>	<b>3 (18,8%)</b>	<b>3 (18,8%)</b>	<b>17 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais 2 de 7 (28,6%)	Mais de 1200 até 1500	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1331m* (41m, 990m e 300m)	1 (100%)
	Mais de 1500 até 1800	0 (0,0%)	1680m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (50%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>1 (50%)</b>	<b>2 (100%)</b>
<b>São Pelegrino</b>						
Utiliza um shopping	Distâncias percorridas	Meios de deslocamento				Total
		A pé	Veículo particular (dirige)	Veículo particular (carona)	Ônibus (até a parada, da parada até a próxima parada, da parada até o shopping)	
Faixa 1 60 a 69 anos 6 de 10 (60%)	Até 300 m	1 (100%) - 242m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 300 até 600m	1 (100%) - 344m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	1 (100%) - 694m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%) - 849m e 877m	0 (0,0%)	2 (100%)
	Mais de 1200 até 1500m	0 (0,0%)	1 (100%) - 1275m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>2 (33,3%)</b>	<b>2 (33,3%)</b>	<b>2 (33,3%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>6 (100%)</b>
Faixa 2 70 a 79 anos 27 de 33 (81,8%)	Até 300m	2 (100%) - 273m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (100%)
	Continua na próxima página					

	Mais de 300 até 600m	14 (100%) - 307m, 331m, 331m, 344m, 400m, 400m, 439m, 444m, 473m, 473m, 488m, 590m, 594m e 596m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	14 (100%)
	Mais de 600 até 900m	3 (60%) - 614m, 620m e 633m	1 (20%) - 864m	1 (20%) - 652m	0 (0,0%)	5 (100%)
	Mais de 900 até 1200m	0 (0,0%)	2 (33,3%) - 1003m e 1044m*	4 (66,7%) - 993m, 1003m, 1003m* e 1023m	0 (0,0%)	6 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>19 (70,4%)</b>	<b>3 (11,1%)</b>	<b>5 (18,5%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>27 (100%)</b>
Faixa 3 80 anos ou mais 5 de 7 (71,4%)	Até 300m	3 (100%) - 232m, 262m e 296m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (100%)
	Mais de 300 até 600m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 552m*	0 (0,0%)	1 (100%)
	Mais de 600 até 900m	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (100%) - 652m*	0 (0,0%)	1 (100%)
<b>Total geral</b>		<b>3 (60%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>2 (40%)</b>	<b>0 (0,0%)</b>	<b>5 (100%)</b>

**Nota:** As medidas entre parênteses, no caso do transporte com o ônibus representam as distâncias da residência até a parada, a distância dentro do ônibus e da parada até o Shopping São Pelegrino. As distâncias percorridas estão divididas de 300 em 300 metros em razão dessa ser a menor distância máxima encontrada na revisão de literatura como passível de ser percorrida pelos idosos até uma atividade comercial (ROSENBLOOM, 2001). Ainda, o asterisco\* junto as distâncias de alguns respondentes representam aqueles que mencionaram alguns problemas físico ou cognitivo que restringe sua mobilidade.

**Fonte:** da autora (2020).

### 7.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 7

Os dados obtidos, baseados no objetivo de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade por parte de diferentes idosos, evidenciam que a caminhabilidade dos idosos é fortemente influenciada pelas características físico-espaciais do seu bairro e pelas restrições físico/cognitivas dos próprios idosos. Logo, verificou-se uma redução dos percursos a pé e uma maior percepção de insegurança (quanto à acidentes e crimes) entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima onde as condições socioeconômicas refletem maiores problemas na infraestrutura e demais características físico-espaciais do bairro (por ex.: baixa qualidade das calçadas, topografia irregular, poucos mobiliários urbanos que entre outras funções permitem a pausa para descanso da caminhada; pouca vegetação urbana que reduz a exposição solar excessiva e reduz as “ilhas de calor; velocidade acima da permitida de veículos; e número reduzido de comércios e serviços espalhados por diferentes regiões do bairro), bem como, um maior número de restrições físicas/cognitivas entre os idosos (independente da faixa etária). Ainda, acompanhando os resultados relativos à interação social, os idosos desse bairro realizam a maioria de suas atividades acompanhados apenas pelo cônjuge e/ou filhos.

No Rio Branco, onde as condições socioeconômicas são mais similares às daquelas do São Pelegrino, mas as características físico-espaciais já apresentam



problemas (por ex.: malha urbana irregular em função da topografia com declives elevados e aumento das rotas; calçadas estreitas, com trechos irregulares, impedidos e com diferenças elevadas entre patamares; redução da diversidade e número de mobiliários urbanos; redução da diversidade e proximidade de comércio, serviços e instituições de interesse em relação ao São Pelegrino) caminhar ainda é o meio de transporte mais mencionado pelos idosos para suas atividades necessárias e/ou opcionais mais já há um uso de meios de transporte motorizados maior do que entre os idosos do São Pelegrino. Com uma redução principalmente entre os idosos com maiores restrições motoras (faixa 3). Ainda, o segundo meio de transporte mais utilizado é o ônibus, demonstrando que os idosos desse bairro podem preferir uma autonomia maior em relação a seus contatos sociais, apesar de realizarem a maioria de suas atividades acompanhados de familiares ou amigos.

No São Pelegrino, onde a melhor condição socioeconômica é refletida na infraestrutura do bairro e demais características físico-espaciais (por exemplo: boas condições das calçadas em geral, topografia regular, diversidade de mobiliários urbanos que atendem a diferentes funções, presença de arborização urbana; diversidade e proximidade entre comércio, serviços, instituições e locais de interesse dos idosos; e malha regular que reduz os trajetos além de facilitar a navegabilidade) observou-se um número maior de rotas que são realizadas a pé pelos idosos, inclusive entre aqueles da faixa 3 (tendem a apresentar maiores restrições motoras). Com o segundo meio de deslocamento mais utilizado sendo o veículo particular, principalmente a carona. Assim, apesar de ser o bairro com maior disponibilidade de paradas e linhas de ônibus é aquele em que o serviço é menos utilizado pelos idosos, que preferem se utilizar de caronas de seus contatos sociais. Inclusive, acompanhando os resultados relativos às atividades realizadas pelos idosos com seus contatos sociais, os idosos do São Pelegrino são aqueles com maior diversidade de acompanhantes de rota.

Entretanto, apesar dessas divergências nos meios de transporte utilizados e nas companhias de rota observa-se que não há diferenças quanto às estratégias de orientação espacial dos idosos, que reconhecem suas rotas pelo nome das ruas, evitando transitar por rotas desconhecidas. Entretanto, uma parcela de idosos que não pode ser ignorada mencionar utilizar rotas novas se necessário, com aqueles das faixas 1 e 2 se demonstrando adaptados a novas tecnologias (aplicativos de

geolocalização e uso da internet). Com apenas os idosos da faixa 3 (com maiores restrições físico/cognitivas) sendo mais dependentes de contatos sociais.

Especificamente, quanto a frequência de uso, meios de transporte e distâncias até as atividades necessárias ressalta-se a relevância de características físico-espaciais no bairro que favoreçam a caminhabilidade para que esse seja o meio de transporte utilizado pelos idosos. Logo, no São Pelegrino onde observa-se tais condições, os idosos tendem a utilizar meios de transporte para as atividades necessárias quando suas rotas ultrapassam 600m. Ainda, a frequência dessas atividades pelos idosos das faixas 1 e 2 nesse bairro não tende a ser influenciada por distâncias, meios de deslocamento escolhidos ou restrições físicas. Contudo, entre aqueles da faixa 3 tende a existir uma redução na frequência do uso do supermercado e uma preferência pelo uso de meios de transporte entre os idosos que mencionam restrições físicas/cognitivas.

Caso similar ao que é observado no Rio Branco, no qual as distâncias influenciam no meio de deslocamento utilizado pelos idosos das três faixas etárias, mas não na frequência de uso de comércios e serviços básicos. Contudo, entre os idosos da faixa 3, há uma redução na frequência de uso dos comércios e serviços básicos, embora a rota até o banco e a farmácia continuem sendo realizadas a pé. Por sua vez, no Nossa Senhora de Fátima onde as condições físico-espaciais do bairro dificultam a caminhabilidade, e, os idosos independente da faixa, mencionam mais restrições físicas/cognitivas do que àqueles dos outros bairros, há uma preferência pelo uso de meios de transporte, salvo para o uso de mercados. Com a frequência de uso desses estabelecimentos sendo menor entre àqueles que mencionam tais problemas físicos/cognitivos e utilizam meios de deslocamento (principalmente se este for o ônibus).

Em relação a proximidade do transporte público e dos comércios e serviços considerados básicos, verifica-se que a maioria dos idosos das faixas 1 e 2 do São Pelegrino e Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 2 do Rio Branco percorrem até 120m de sua residência até a parada. Enquanto as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco são de até uns 200m. Nesse sentido, considerando que a capacidade físico-cognitiva dos idosos da faixa 3 são a princípio menores do que aquelas das demais faixas etárias, a distância de até uns 200m das paradas de ônibus em relação a residência dos idosos pode ser

considerada acessível aos idosos, inclusive aqueles com menor capacidade motora. Por sua vez, o acesso a farmácia é facilitado para os idosos do Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 3 dos demais bairros a uma distância de 400m, enquanto para os idosos das faixas 1 e 2 seria até uns 600m. A distância de até uns 600m também seria considerada adequada até um banco. Enquanto para mercados/supermercados, em razão do peso das compras, as distâncias mais adequadas seriam de até uns 400m para os idosos das faixas 1 e 2 e de 300m para aqueles da faixa 3 (menor capacidade motora).

No caso de outra atividade necessária, especificamente, as consultas médicas as distâncias, meios de deslocamento e restrições físicas/cognitivas não tendem a influenciar na frequência dessa atividade para os idosos do Rio Branco e São Pelegrino. Contudo, entre aqueles do Nossa Senhora de Fátima as restrições físicas/cognitivas reduziram o uso de uma das UBS do bairro. Ainda, as distâncias tendem a influenciar nos meios utilizados para ir até uma das UBS, bem como, a frequência de consultas na UPA do centro da cidade. Inclusive, todas as atividades no centro da cidade dos idosos do Nossa Senhora de Fátima possuem uma frequência no máximo quinzenal. Por sua vez, entre os idosos dos bairros São Pelegrino e Rio Branco a frequência para essa atividade não tende a ser alterada pela idade, distância ou meio de deslocamento utilizado. Quanto à proximidade dos estabelecimentos de saúde da residência dos idosos, verificou-se que se o bairro oferece boas condições de caminhabilidade estes podem estar localizados até a uns 800m de distância.

No que se refere a duas atividades opcionais, especificamente, “ir à igreja” e “ir aos grupos e associações” verifica-se um aumento da frequência dessas atividades entre os idosos do Rio Branco e São Pelegrino, acompanhando os resultados encontrados nos objetivos relacionados à interação social. O fato dessas atividades ocorrerem principalmente na Igreja, revela a interferência do traço cultural (imigração italiana) na realização dessas atividades pelos idosos desses bairros. Contudo, para ambas as atividades a frequência de realização pelos idosos do São Pelegrino é ainda um pouco maior (diária), bem como, verifica-se que a maioria dos idosos das três faixas etárias caminha até elas.

Portanto, as características físico-espaciais do bairro (tais como, a qualidade das pavimentações, topografia, densidade mais elevada que promove a concentração de atividades à menores distâncias) tendem a influenciar na frequência e no meio de

deslocamento para realizá-las. Complementarmente, verifica-se que apesar da frequência de uso não ter sido influenciada pelas distâncias percorridas pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, ou pelo meio de deslocamento, as restrições físicas/cognitivas, principalmente entre àqueles da faixa 3, reduziu a frequência de realização dessas atividades. Também a distância teve influência na escolha dos meios de transporte utilizados pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros. Contudo, a proximidade dessas atividades da residência dos idosos pode ser considerada a uma distância de 600m, independente do bairro ou faixa etária.

A redução da frequência de uso de parques e praças também tende a ter relação com restrições físicas/cognitivas, sejam essas mencionadas pelos idosos ou naturais relacionadas à idade (mesmo que não mencionadas). Ainda, para essa atividade opcional a distância também não parece exercer influência em sua frequência de realização pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, embora pareça influenciar nos meios de transporte escolhidos. Ainda, diferente das atividades de “ir à igreja” e “aos grupos e associações”, a atividade de “ir a parques e praças” é mais realizada pelos idosos com algum meio de transporte motorizado do que a pé, embora caminhar ainda seja o meio de deslocamento mais mencionado entre os idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima para ir até a Praça Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 1 do São Pelegrino para ir até o Parque Cinquentenário. Ainda, verifica-se que o acesso a praças da residência tende a ocorrer a uma distância de até uns 400m, enquanto para os parques seria de até uns 600m.

Por sua vez, a distância tende a influenciar as atividades que os idosos das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima realizam no centro da cidade (distante 5km do bairro). Para esses idosos, independente da faixa etária, a frequência de uso do centro é quinzenal ou menor, enquanto para àqueles dos outros dois bairros a frequência é maior que quinzenal. Entretanto, apesar dessa menor frequência a maioria dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima que caminham para realizar compras no centro percorrem distâncias maiores (3,3km) do que àqueles do Rio Branco (1,7km) e São Pelegrino (2,7km). Contudo, essa distância de 2,7km dos idosos do São Pelegrino refere-se as três faixas etárias, logo, os idosos desse bairro demonstraram maior capacidade para percorrer maiores distâncias para realizar compras no centro da cidade a pé do que àqueles dos demais bairros.



Complementarmente, as atividades opcionais de “ir ao Shopping São Pelegrino” e “ao cemitério” são realizadas apenas pelos idosos dos bairros Rio Branco e São Pelegrino, com a expressiva maioria desses idosos as realizando com algum meio de transporte. Entretanto, o acesso facilitado ao shopping pode considerado a uma distância de até uns 600m para os idosos das faixas 1 e 2, enquanto seria de até uns 300m para aqueles da faixa 3. Ainda, para ambas as atividades a frequência também não tende a ser influenciada pelas distâncias percorridas. Contudo, a distância tende a influenciar o meio de deslocamento utilizado e a frequência seria influenciada pelas restrições físicas/cognitivas, notadamente, entre idosos da faixa 3.

Complementarmente, quanto as características físico-espaciais das rotas realizadas pelos idosos, verifica-se que independente da faixa etária ou do bairro, há uma preferência de deslocamento pelas vias coletoras e/ou de maior concentração de comércios e serviços, mesmo que exista maior movimento de pedestres em função desses estabelecimentos. Ainda, nessas vias o percurso costuma ser mais retilíneo, facilitando não apenas a legibilidade da rota, como também reduzindo as distâncias para deslocamento. Essas duas características também são mais evidentes no São Pelegrino e no centro da cidade, locais que apresentam uma malha urbana mais regular e que a condição mais plana da topografia facilita a mobilidade.

Inclusive, nas rotas realizadas pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros no centro da cidade verificou-se a preferência pelo uso de duas ruas com tais características (Sinumbú e Júlio de Castilhos). Notadamente pelo uso da Avenida Júlio de Castilhos que além da maior concentração de comércios e serviços nos térreos das edificações possui: maior largura de calçada, presença de mobiliários urbanos diversificados (por ex.: postes de iluminação para pedestres, bancos, lixeiras), nichos de edificações que permitem pausas para caminhada, arborização caducifólia e a redução da velocidade dos veículos que transitam por essa rua.

Essa menor velocidade de veículos é um aspecto que garante a segurança em relação a acidentes para os idosos, visto que nas três faixas etárias, dos três bairros verificou-se velocidades de caminhada com valores inferiores àquele (1,2m/s) utilizado pelo CONTRAN (2007) para calcular o tempo das sinalizações semaforicas. Ainda, tanto no Rio Branco como no Nossa Senhora de Fátima a velocidade que carros transitam por ruas é um problema relacionado a insegurança dos idosos para transitar pelas ruas do bairro. Outro problema comum mencionado pelos idosos é a

qualidade das pavimentações urbanas. No Nossa Senhora de Fátima esse problema está relacionado principalmente à irregularidade dos pisos, buracos e a ausência de calçadas. No Rio Branco está ligada a maior irregularidade da topografia do bairro, muitas vezes resolvida com patamares criados de uma testada de lote a outro, mas em alturas que impedem o tráfego normal pela calçada ou relacionada ao gabarito estreito e impedido de calçadas. Esses dois problemas fazem com que idosos optem por caminhar no leito carroçável junto aos veículos, comprometendo sua segurança. Enquanto no São Pelegrino também há pisos irregulares, mas em melhores condições do que àqueles dos demais bairros.

Já no que se refere a segurança em relação a crimes, apesar de nos três bairros ter sido mencionada a necessidade por um maior efetivo policial, esse problema tende a ser maior no Nossa Senhora de Fátima. Nesse bairro, o menor movimento de pedestres, motivado pelo seu caráter predominante residencial unifamiliar, reduz a vigilância natural. Ainda, foram encontradas: piores condições de manutenção e limpeza de fachadas e vias urbanas (com a presença de acúmulo de lixo), baixos níveis de iluminação e a presença do tráfico de drogas.

## 8 CONCLUSÃO

Esse capítulo retoma o problema de pesquisa, objetivos e métodos, apresenta as principais conclusões, relacionando-as com aquelas de outros estudos relevantes, menciona as suas implicações para o conhecimento existente sobre o tema, identifica as limitações do estudo e sugere futuras investigações sobre o tema.

### 8.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E MÉTODOS

Os avanços na ciência e na tecnologia permitiram a longevidade humana e um precedente que levou a uma transição demográfica, na qual, números revelam o envelhecimento mundial (ALMEIDA *et al.*, 2000; D'ALENCAR; VEIGA, 2006; IBGE, 2015; ROWLAND, 2009). As projeções de dados brasileiros elevam a expectativa de vida dos atuais 76 anos para 79 anos em 2030, com os idosos devendo representar 1/3 da população brasileira em 2060 (IBGE, 2017). Dados da ONU (2017) revelam que na América Latina, Caribe e América do Norte os percentuais de idosos que moram na área urbana chega a 81%, com essa porcentagem sendo maior do que aquela dos demais grupos etários. Essa representatividade e longevidade dos idosos vem acompanhada de desafios à gestão pública, que deve garantir o pleno desenvolvimento das funções sociais a todos os cidadãos (BRASIL, 1988).

A garantia desses direitos está associada às características físico-espaciais dos espaços abertos públicos que devem ser responsivos às demandas e necessidades dos idosos. Contudo, destacam-se ainda dispositivos legais e normativos na realidade nacional, focados em aspectos ligados à acessibilidade universal dos idosos. Nesses dispositivos e normas o idoso é tido como pessoa de “mobilidade reduzida”, para os quais as condições de uso do ambiente construído são padronizadas àquelas das pessoas com algum tipo de deficiência.

Embora existam idosos que apresentem deficiências ou restrições, tais condições não representam a totalidade de pessoas consideradas idosas, nem os idosos possuem os mesmos tipos de limitações ou demandas (CUNHA; COSTA, 2011; DOLINAR, 2008; MIRANDOLA; BÓS, 2015). O envelhecimento é um processo gradual, no qual, as mudanças físicas, cognitivas e sociais alteram aos poucos a forma em que acontece a interação dos idosos com o ambiente construído (CARSTENS,

1993; DOLINAR, 2008; OMS, 2016; WERNGREN-ELGSTRÖM *et al.*, 2009). Portanto, mesmo entre os idosos que apresentam limitações e incapacidades, as demandas e necessidades relacionadas à interação com o ambiente construído se alteram, mas não impedem o seu uso. Nesse sentido, verifica-se que o problema está na ausência de espaços planejados para atender a essas necessidades e demandas dos idosos (OMS, 2002). Guias e políticas públicas, tais como, o Guia Global das Cidades Amigáveis aos Idosos da OMS (2007) ou o “*AdvantAge Initiative*” (tradução livre: Iniciativa voltada à idade avançada) do governo canadense (MENEZES *et al.*, 2011) apresentam objetivos e até atributos que devem ser analisados para que uma cidade consiga atingir o objetivo de ser amigável aos idosos. Contudo, apesar de um consenso acerca dos objetivos necessários para que uma cidade seja amigável aos idosos, ainda é preciso compreender como os espaços urbanos atingem tais objetivos.

Estudos (por ex.: ROLLERO; DE PICCOLI, 2010) ressaltam a importância da conexão com o lugar para o planejamento e encorajamento do uso do ambiente construído pelos idosos. Contudo, a conexão dos idosos com o lugar envolve uma relação complexa entre indivíduo e o ambiente social, natural e construído (FÖBKER; GROTZ, 2006; RIOUX; WERNER, 2011; YAN *et al.*, 2014) e ainda existem lacunas e contradições quanto à importância do tempo de moradia (por ex.: LEWICKA, 2011) e de quais seriam as características físico-espaciais dos bairros (por ex.: CANTARERO *et al.*, 2007; LORD *et al.*, 2011; PRIETO-FLORES, 2011) e da residência (por ex.: (MARSDEN, 1999; NASAR, 1989) que estariam ligadas à conexão de diferentes grupos etários de idosos com o lugar.

A importância da interação social na terceira idade também está ligada ao envelhecimento ativo e a manutenção da participação do idoso em sua comunidade, apesar desse apresentar restrições físicas ou cognitivas (RAMOS, 2003). Contudo, ainda existem poucos estudos que exploram os níveis de interação social de idosos e sua participação em grupos e associações (por ex.: WOOLRYCH *et al.*, 2019). Bem como, ainda é necessário mais estudos que procurem investigar mais detalhadamente com quais pessoas, frequências, locais e tipos de atividades que os idosos realizam. Uma vez que nos estudos encontradas existe um enfoque maior para atividades em parques e praças (por ex.: PARRA *et al.*, 2010; SUGIYAMA *et al.*, 2009) ou ainda são pouco explorados dentro da realidade nacional.



Complementarmente, a mobilidade é outro aspecto importante de ser aprofundado já que se trata da capacidade física de deslocamento dos indivíduos por diferentes locais, independentemente do meio de condução utilizado (SHOVAL *et al.*, 2011; SILVA *et al.*, 2006; ZEITLER *et al.*, 2012). Embora existam evidências de que as distâncias, frequências, meios de deslocamento e rotas que os idosos realizam pelo seu bairro ou em outras áreas da cidade sejam influenciadas pelas suas características pessoais, pelas características físico-espaciais do ambiente, pelos tipos de atividades realizadas, disponibilidade e frequência dos meios de deslocamento e custos de cada transporte (MERCADO; PÁEZ, 2009; MORENCY *et al.*, 2011; SCHMOCKER *et al.*, 2008; ZEITLER *et al.*, 2012), ainda existem contradições acerca dessas informações. Por exemplo, existem divergências quanto às distâncias que idosos teriam a capacidade e/ou preferência por percorrer, sendo mencionadas variações de 0,3km a 5km (BURTON *et al.*, 2011; DANTAS, 2005; ROSENBLOOM, 2001; SALVADOR, 2008; SCHMOCKER *et al.*, 2008).

Contradições ou lacunas relacionadas à distinção dos idosos em diferentes grupos etários também foram encontradas em relação às estratégias de orientação espacial dos idosos (por ex.: MARQUEZ *et al.*, 2015). Adicionalmente, não foram encontradas informações sobre quais distâncias seriam percebidas como próximas, embora estudos mencionem a facilidade de acesso a equipamentos públicos e locais de lazer como fortemente responsáveis pelo uso do espaço urbano pelos idosos (AIELLO *et al.*, 2010; BROWN *et al.*, 2004; MEHTA *apud* BRUNELLI, 2015). Com base nessas contradições e lacunas existentes na literatura sobre o tema, os seguintes objetivos foram especificados:

- **Objetivo geral 1:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com tais lugares por parte de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) investigar o nível de satisfação dos idosos com o bairro e com a residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas para tais níveis de satisfação e as relações com as características dos bairros; (2) investigar o desejo dos idosos em continuar morando no bairro e na residência, conforme o tempo de moradia, as justificativas e as relações com as características dos bairros.
- **Objetivo geral 2:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na interação social de diferentes idosos, de acordo com os seguintes

objetivos específicos: (1) identificar a percepção dos idosos quanto ao nível de interação social e a sua participação em grupos e associações; (2) identificar as atividades realizadas pelos idosos em conjunto com parentes, amigos e conhecidos durante o dia e durante a noite, a frequência e o local de realização de tais atividades e as relações com as características dos bairros.

- **Objetivo geral 3:** investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade de diferentes idosos, de acordo com os seguintes objetivos específicos: (1) investigar a frequência e as distâncias percorridas, as escolhas de rota e meios de transporte, as referências utilizadas e a relação com as características dos bairros; e, (2) investigar a proximidade de transporte público, comércios/serviços e demais locais de interesse e as distâncias percorridas com cada meio de transporte.

Buscando atender aos objetivos propostos, foi selecionada a cidade média de Caxias do Sul/RS como objeto de estudo por se tratar de uma das cidades Rio-grandenses com maior quantidade de pessoas idosas (DATASUS, 2017), além de representar um papel significativo na Região Metropolitana da Serra Gaúcha onde se insere (GREGOLETTO, 2019; PMCS, 2015b). Os dados obtidos da pesquisa foram coletados através de múltiplos métodos utilizados na área de estudos Ambiente e Comportamento, os quais incluem levantamento de arquivos, levantamento físico questionários aplicados a 150 respondentes, 150 entrevistas, mapas de percurso, filmagens e observações de comportamento. Os dados quantitativos provenientes dos questionários foram analisados através de frequência e testes estatísticos não-paramétricos (tabulação cruzada - Phi, Kruskal-Wallis, Mann-Whitney e correlação de Spearman). Os dados de natureza qualitativa foram analisados através de seus significados e frequências. Os dados obtidos nas observações de comportamento e mapas de percursos foram especializados nos programas Autocad e Corel Draw, com os quantitativos das informações tendo sido contabilizados manualmente.

## 8.2 PRINCIPAIS CONCLUSÕES CONFORME OS OBJETIVOS

Com base nas análises nos três capítulos dos resultados são apresentadas as conclusões conforme os objetivos da pesquisa, nomeadamente: investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia no nível de conexão com o lugar, interação social e mobilidade por parte de diferentes idosos.

### **8.2.1 Níveis de conexão com o lugar de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas**

Os dados da pesquisa evidenciam que a existência da conexão com o lugar é muito alta, nas três faixas dos três bairros, demonstrando o nível de satisfação e o desejo de permanecer dos idosos no bairro e na residência. Esse nível elevado da conexão com o lugar, independente do bairro ou faixa etária, reforça estudos (por ex.: BROWN *et al.*, 2003; GUSTAFSON, 2001; YOKOHAMA, 2015) que não relacionam o tempo de moradia à conexão com o lugar. Entretanto, esses resultados são contrários ao argumento de que os níveis de conexão com lugar seriam mais fortes para os idosos de melhor condição socioeconômica (CHEN; CHEN, 2012; WANG; LEE, 2010; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

Dentre as características físico-espaciais que justificam a conexão dos idosos com o bairro destacam-se a “facilidade de acesso ao transporte público” e a “proximidade de comércios e serviços básicos”. A relevância dessas duas características, independente do bairro ou faixa etária, vão ao encontro de estudos que apontam a autonomia para realizar atividades cotidianas como um aspecto fundamental aos idosos. A manutenção da independência e autonomia segue a concepção de “envelhecimento ativo”, o qual, trata da continuidade de uso dos espaços públicos pelos idosos, ao mesmo tempo em que desempenham um papel social ativo em sua comunidade, em um ambiente que oferece suporte a essas condições (por ex.: BURTON *et al.* 2011; OMS, 2002; WOOLRYCH *et al.*, 2020; VAN DEN BERG *et al.*, 2015).

Entretanto, embora os níveis de conexão com o bairro sejam similares e fortemente explicados por essas razões verifica-se que o número desses estabelecimentos e da disponibilidade da infraestrutura do transporte público variam entre os três bairros. Na região central da cidade (onde localizam-se os bairros Rio Branco e São Pelegrino) há uma maior quantidade e diversidade de comércios, serviços, instituições e demais locais de interesse dos idosos, bem como, uma maior oferta de linhas e itinerários do transporte público, resultando em mais opções de atividades, tanto necessárias como opcionais nos espaços públicos, que foram realizadas por esses idosos das áreas centrais com uma diversidade maior de contatos sociais e preferencialmente a pé.

Inclusive, a importância da localização “próxima” ou sendo “parte do centro da cidade” fica evidenciada pela menção de forma muito forte ou forte pelos idosos das faixas 1 e 2 do Rio Branco e pelas três faixas etárias do São Pelegrino, sendo também uma razão mencionada por esses idosos para a conexão com a residência. Contudo, para aqueles da faixa 3 do Rio Branco a menção dessa razão já é realizada de forma média, tanto para o nível de satisfação como para o desejo de permanecer no bairro.

A diferença na intensidade das menções entre as faixas etárias do Rio Branco indica que as restrições físicas impactam no uso do centro pelos idosos de maior idade (faixa 3), até por eles residirem na região mais distante da área central. Enquanto no São Pelegrino a localização ainda mais próxima (ou até dentro) da área central facilita o acesso aos recursos oferecidos nessa região, até em razão do bairro possuir características que facilitam a caminhabilidade dos idosos, independente da faixa etária (por exemplo: boas condições das calçadas em geral, topografia regular, diversidade de mobiliários urbanos que atendem a diferentes funções, presença de arborização urbana; diversidade e proximidade entre comércios, serviços, instituições e locais de interesse dos idosos; e malha regular que reduz os trajetos além de facilitar a navegabilidade).

O que reforça argumentos favoráveis a moradia no centro que indicam que a maior densidade, com diversidade de uso do solo e altura das edificações está relacionada ao aumento da intensidade de atividades a distâncias passíveis de serem percorridas a pé, gerando satisfação com o bairro e o desejo de permanecer no lugar (por ex.: AIELLO *et al.*, 2010; BROWN *et al.*, 2004; LEE *et al.*, 2013; LIMA, 2011). Nesse sentido, de acordo com Gifford (2007) a localização da moradia em um contexto que ofereça acesso facilitado aos recursos oferecidos geralmente no centro das cidades é mais relevante para a conexão com o lugar do que necessariamente esta moradia ser em edificações altas ou baixas.

Por outro lado, as razões: “predomínio de residências unifamiliares”, “ausência de barulho provocado por pessoas e/ou veículos”, “baixo tráfego veicular”, e “presença da unidade básica de saúde” são mencionadas de forma muito forte ou forte entre os idosos da faixa 1, e, forte ou média pelos idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima como motivo para o nível de satisfação com o bairro. O fato de, neste bairro, predominarem residências unifamiliares, com poucos estabelecimentos não ligados às atividades necessárias, gera um menor movimento (e ruído) de pessoas e veículos,



facilitando a locomoção de pessoas com restrições físicas e cognitivas, mais evidente entre os idosos deste bairro (notadamente entre aqueles da faixa 2 e o idoso da faixa 3). Contudo, tais características também criaram uma condição de risco à segurança, uma vez que motoristas dirigem acima da velocidade permitida. Como consequência idosos desse bairro apresentaram insegurança para realizar a travessia de ruas, especificamente aqueles com dificuldade de desviar ou acelerar o passo de caminhada em função das restrições motoras. Complementarmente, a menção expressiva da razão “presença da unidade básica de saúde” do Sistema Único de Saúde apenas pelos idosos no Nossa Senhora de Fátima, é explicada pelas suas condições socioeconômicas predominantes.

Esses resultados confirmam que indivíduos de menor rendimento tendem a sofrer com piores condições de moradia e saúde, gerando um aumento do seu estresse psicológico (DUJARDIN *et al.*, 2014; KAHANA *et al.*, 2003; RAMOS, 2003; SARKAR *et al.*, 2013). Contudo, a pesquisa revelou, diferente do que foi mencionado nesses estudos, que os níveis de conexão com o lugar não foram reduzidos por essas condições, o que se modificou foram as características físico-espaciais que passaram a ser consideradas satisfatórias para esses idosos.

A modificação das características físico-espaciais que seriam consideradas satisfatórias aos idosos reforçam estudos que apontam que a conexão com o lugar, pode nem sempre ser positiva caso o idoso opte em permanecer em um local que compromete a realização de atividades necessárias e/ou opcionais (DAVEY, 2007; LORD; DESPRÉS; RAMADIER, 2011; ZEITLER *et al.*, 2012). Caso que já se observa no Nossa Senhora de Fátima, onde os idosos realizam menos atividades nos espaços públicos do que os idosos dos demais bairros, são mais dependentes de meios de transporte motorizados, interagem socialmente com uma diversidade menor de contatos sociais e realizam atividades principalmente próximas ou na sua residência.

Esses resultados também vão ao encontro de um estudo realizado na Índia, Brasil e Reino Unido que aponta que características físico-espaciais pouco amigáveis aos idosos criam uma barreira para que este continue a se sentir como um integrante de sua comunidade, por mais que não perca a conexão emocional com o lugar (WOOLRYCH *et al.* 2020). Portanto, por mais que “envelhecer no lugar” (OMS, 2002) possa ser um aspecto relevante para a manutenção da identidade do idoso, a

continuidade do local de moradia é positiva apenas quando não impede o “envelhecimento ativo”.

Por sua vez, duas razões ligadas à interação social, os “laços de amizade com os vizinhos” e a “proximidade da residência de parentes” são mencionadas de forma expressiva como motivos para a conexão com o bairro pelas três faixas etárias apenas no Rio Branco. Este resultado pode ser explicado pelo tempo de conexão entre as famílias, que tende a acontecer de geração para geração desde a criação do bairro em 1930, o que é bem menos comum nos outros dois bairros.

Adicionalmente, a percepção de segurança em relação a crimes, considerada uma variável que afetaria a conexão dos moradores com o lugar (por ex.: ABDULLAH *et al.*, 2013; BROWN *et al.*, 2003; LEWICKA, 2010; WOOLRYCH *et al.* 2020), uma vez que, idosos com insegurança teriam desconforto em utilizar espaços públicos, reduzindo a sua sensação de “fazer parte da comunidade” (WOOLRYCH *et al.* 2020) não foi confirmada no estudo como relevante como motivo nem para a satisfação com o bairro ou o desejo de permanecer nele. Assim como, a insatisfação com a moradia no caso da existência de ruídos (por ex.: COELHO, 2010; DREUX, 2004; LIMA, 2011) com os valores de até 70dB, que são acima do parâmetro ideal de normativas brasileiras, tendo se demonstrado adequados para os idosos das faixas 1 e 2 do Nossa Senhora de Fátima.

Já dentre as razões para a conexão com a residência destaca-se a relevância da “sensação de conforto” e a “dimensão dos ambientes internos”. A importância da dimensão dos ambientes internos refere-se principalmente, à possibilidade de o leiaute da residência ser adaptado às condições de acessibilidade necessárias com o surgimento de restrições físicas e a percepção de segurança psicológica dentro da moradia (RODRIGUES, IMAI, 2019). Ainda, a ausência de necessidade de mudança para outro local ou a substituição de mobiliários que podem ter significado para o idoso, confirmando que a manutenção da propriedade da residência e possibilidade de adaptação para autonomia são características relevantes para a conexão com esse local (por ex.: LEWICKA, 2010; LORD *et al.*, 2011; RIOUX, 2005).

Três razões para o nível de satisfação com a residência: “pela residência receber iluminação natural”, “distribuição espacial da residência” e o “tamanho da residência” são mencionadas de forma expressiva apenas entre os idosos dos bairros Nossa Senhora de Fátima e São Pelegrino. O fato da maioria dos lotes das residências

dos idosos do Nossa Senhora de Fátima serem compartilhados com a residência de parentes, enquanto no São Pelegrino a maioria dos idosos reside em apartamentos, fazem com que as características internas da edificação recebam maior atenção do que sua área externa. O que tende a estar relacionado a características apontadas por Lewicka (2010) para a qual a privacidade e a possibilidade de manutenção do “conforto” da residência são características importantes para a manutenção da conexão com o lugar.

Complementarmente, a razão “beleza da residência” é uma razão importante para justificar o nível de satisfação com a residência por parte dos idosos em algumas faixas etárias no Nossa Senhora de Fátima (forte – faixa 1; fraco – faixa 2), Rio Branco (fraco – faixas 1, 2, e 3) e no São Pelegrino (fraco ou muito fraco – 1 e 2; média – faixa 3). Esta razão também explica o desejo de alguns em permanecer em sua residência no São Pelegrino (média – faixa 3; muito fraco – faixas 1 e 2) e, principalmente no Rio Branco (forte – faixas 1 e 2; média – faixa 3), o que pode ser explicado pela maior presença de exemplares pertencentes ou similares àqueles da época da imigração italiana neste bairro. Adicionalmente, parte dos resultados acima também podem ser explicados pelas características similares entre as residências unifamiliares nos três bairros, tais como: evidência do telhado; simplicidade formal; pintura em tons suaves ou manutenção da textura natural dos materiais construtivos (por ex., madeira ou tijolo). Essas características confirmam estudos americanos (por ex.: MARSDEN, 1999; NASAR, 1989) nos quais essas características também foram apontadas como aquelas consideradas satisfatórias entre os idosos.

### **8.2.2 A interação social de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas**

Com base nos indicadores<sup>20</sup> utilizados para aferir o nível de sociabilidade nos bairros, verifica-se a existência de níveis elevados de sociabilidade entre os idosos das três faixas etárias, dos três bairros. Contudo, as concordâncias e discordâncias com os indicadores do nível de interação social e a participação ativa em grupos e/ou

---

<sup>20</sup> Os indicadores são: “as pessoas dessa área preocupam-se umas com as outras”; “eu sinto como se essa área fosse parte de mim”; “existe um espírito comunitário nessa área”; “eu não me sinto respeitada pelas pessoas dessa área”; “eu não tenho sentimentos especiais por essa área”; e “não considero importante encontrar parentes, amigos e outras pessoas conhecidas”.

associações são mais elevados entre os idosos do São Pelegrino (condição socioeconômica alta) e mais fracos entre aqueles do Nossa Senhora de Fátima (condição socioeconômica baixa). Ainda, os indicadores são menos intensos entre os idosos da faixa 3 do Rio Branco, com uma menor participação em grupos e/ou associações de sua parte. Esses dados reforçam indicações de que idosos com melhores níveis socioeconômicos, por sofrerem menos privações, tenderiam a interagir mais socialmente e participar ativamente de sua comunidade (CHEN; CHEN, 2012; WANG; LEE, 2010; VAN DEN BERG; ARENTZE; TIMMERMANS, 2011).

Portanto, apesar da existência de parentes e amigos entre os vizinhos dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros (com a vizinhança sendo considerada dentro de um raio máximo de 550m) que garantem que a notável maioria deles interajam socialmente em sua comunidade, essa interação social e a participação em grupos e/ou associações, é influenciada por características pessoais dos idosos e por aquelas físico-espaciais de cada bairro e dos próprios grupos/associações. Resultado que confirma que características socioeconômicas mudam não apenas as ofertas como motivações para a participação em grupos (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Logo, no Nossa Senhora de Fátima onde características físico-espaciais (por exemplo: pior qualidade do calçamento; irregularidade topográfica; afastamento entre locais de atividades opcionais; risco de atropelamento, quedas e crimes; poucos mobiliários urbanos; exposição excessiva ao sol pela ausência de vegetação urbana) são desafiadoras à mobilidade das três faixas etárias há uma redução da participação em grupos e/ou associações e das atividades opcionais que são realizadas nos espaços públicos. Nesse bairro, apesar de existirem opções de grupos e associações de lazer além daqueles voluntários, a participação dos idosos neles foi menor do que àquela dos idosos dos demais bairros. Também nesse bairro as atividades dos grupos e associações não são concentradas em um único local. Portanto, o argumento de que haveria laços de amizade maiores entre grupos de menor renda, pela criação de uma rede de suporte entre vizinhos para combater dificuldades em contextos com menor qualidade do espaço urbano não se confirmou no estudo (FADDA *et al.*, 2010; ROLLERO; DE PICCOLI, 2010).

No Rio Branco, a maioria dos grupos e associações que os idosos participam são voltados a atividades recreativas e de interação social, contudo, a localização também não se concentra em um único local, embora a expressiva maioria mantenha



vínculo com a Igreja Católica do bairro, que serve como um ponto de encontro entre os moradores do bairro. Ainda, as características físico-espaciais do Rio Branco (por exemplo: baixa qualidade do calçamento, irregularidade topográfica acentuada e distância entre locais de atividades opcionais) acabam por influenciar na interação social e participação dos idosos em grupos e/ou associações. Nesse bairro as restrições à mobilidade causadas pelas características mencionadas acabam por serem mais desafiadoras entre aqueles com menor capacidade física (faixa 3) do que aos demais, justificando os seus menores indicadores do nível de interação social. Esses dados vão ao encontro de um estudo britânico, para o qual problemas de mobilidade seriam responsáveis pela redução da presença de idosos em grupos e associações comunitários (WOOLRYCH *et al.*, 2019).

Ao encontro dessas informações verifica-se que nesses dois bairros, onde há além dos problemas mencionados para a caminhabilidade, um predomínio do uso residencial unifamiliar, com a maioria dos idosos habitando em edificações com tais características, as principais atividades realizadas com os contatos sociais são “receber ou visitar” e “conversar no portão”. Em ambos os bairros essas atividades são realizadas geralmente com uma frequência de mais de quatro vezes ao mês. Enquanto “receber ou visitar” é realizada pelos idosos do São Pelegrino com uma intensidade fraca, em cada faixa etária, com os parentes ou amigos que moram distantes ou próximos da residência, seja de dia ou à noite.

Portanto, diferente do que ocorre nos demais bairros, no São Pelegrino as características físico-espaciais (por exemplo: melhor qualidade do calçamento; menor declividade de ruas; maior densidade que permite a proximidade entre edificações, comércios e equipamentos; maior presença de mobiliários ou nichos de edificações que permitem pausas e descanso; maior presença de sombreamento provocado por edificações ou vegetação urbana; e a concentração de grupos e/ou associações em um único local) favorecem a realização de atividades pelos idosos com seus contatos sociais nos espaços públicos e sua participação em grupos e/ou associações, justificando seus índices mais elevados de sociabilidade.

Dentre as atividades realizadas pelos idosos do São Pelegrino com os parentes, amigos ou conhecidos que não residem junto a esses idosos destacam-se a ida: à igreja, aos grupos e/ou associações, ao Shopping São Pelegrino e aos parques e praças. Com a frequência, independentemente da atividade ou contato

social (parente ou amigo que mora próximo ou distante) sendo de mais de quatro vezes ao mês, ressaltando a importância mencionada em estudos (por ex.: FRANCIS *et al.*, 2012; VAN DEN BERG; KEMPERMAN; TIMMERMANS, 2014) das atividades que ocorrem nos chamados de “terceiros locais”.

Nesse sentido, os dados indicam que a moradia em apartamentos ou até residências na área central incentivaram os idosos a realizar atividades com seus contatos sociais fora do ambiente residencial, ampliando a mobilidade e uso dos espaços públicos pelos idosos. O que confirma um estudo em subúrbios canadenses, para o qual a preferência por realizar atividades fora da moradia é motivada pela redução no número de tarefas que seriam realizadas na casa para receber as visitas (LORD *et al.*, 2011). Enquanto residências unifamiliares em áreas que os principais atratores da cidade precisam ser alcançados com algum meio de transporte incentivam os idosos a realizar mais atividades de interação social com os contatos sociais na sua residência. Em um estudo francês (RIOUX, 2005) essa condição estava ligada principalmente a redução da mobilidade, notadamente dos idosos da segunda e terceira faixa etária, justificando o fato da maioria das atividades dos idosos do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco com contatos sociais ocorrerem no bairro.

Entretanto, por mais que ocorra uma redução das atividades realizadas pelos idosos do Nossa Senhora de Fátima e do Rio Branco com os seus contatos sociais nos espaços públicos em relação àqueles do São Pelegrino, uma parcela que não pode ser desprezada desses idosos ainda realizam algumas dessas atividades opcionais. No Rio Branco e São Pelegrino ir à igreja é uma atividade de interação social relevante para os idosos, associada diretamente a aspectos culturais dos moradores de ambos os locais. O que seria ainda confirmado pelo fato de uma das razões mencionadas nos questionários para considerar ambas as igrejas agradáveis ser a “possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas”.

Outra atividade mencionada apenas pelos idosos dos bairros mais centrais é “ir ao Shopping São Pelegrino”, embora uma quantidade expressiva de idosos do Nossa Senhora de Fátima mencionem “ir ao centro da cidade” (onde o shopping é localizado) com seus contatos sociais. Portanto, “ir ao shopping” tende a ser uma atividade de maior interesse aos idosos com melhor rendimento. Com as razões para o Shopping ser considerado agradável pelos idosos do Rio Branco e São Pelegrino

sendo a possibilidade de interagir socialmente com amigos e outras pessoas, em um espaço seguro, limpo, bem conservado e bonito.

Por outro lado, uma atividade realizada pela maioria dos idosos das três faixas etárias, dos três bairros é “ir aos parques e praças do bairro e arredores”. Confirmando a importância desses locais para os idosos, uma vez que estimulam o senso de comunidade e a prática de atividades físicas (GONG *et al.*, 2014; KENT; THOMPSON, 2014; PARRA *et al.*, 2010; SUGIYAMA *et al.*, 2009). Apesar dos parques e praças analisados apresentarem distintas características físicas, o padrão de atividades e os turnos que os idosos tinham preferência por frequentar esses espaços são similares.

Em todas as áreas de lazer verificou-se que os idosos eram o grupo etário que mais as utilizavam durante o turno da manhã, sendo também realizadas atividades a tarde em locais onde as vegetações permitam sombreamento. Característica essa que unida às massas de água foram indicadas em diversos estudos como atributos considerados satisfatórios entre os idosos (CAUWENBERG *et al.*, 2014; KOOHSARI *et al.*, 2013; MARCUS; FRANCIS, 1998b).

Dentre as atividades realizadas nos parques e praças verifica-se que predominam as opcionais em movimento e as atividades sentadas, ambas envolvendo interação social. Entre as atividades opcionais em movimento realizadas pelos idosos, destacam-se a caminhada ou corrida e as atividades físicas em grupo nas academias ao ar livre. Ainda, nos parques e praças utilizados pelos idosos das diferentes faixas etárias, nos três bairros, verificou-se como características para que o local fosse considerado agradável: “permitir a socialização com amigos ou outras pessoas”, a “conservação e limpeza dos locais” e a “percepção de segurança em relação a crimes”, essa última estando ligada nas áreas centrais principalmente ao “movimento de pessoas e/ou veículos pelo local”, corroborando características presentes em outros estudos relacionados ao uso de parque por idosos (CAUWENBERG *et al.*, 2014; GONG *et al.*, 2014; KOOHSARI *et al.*, 2013; MARCUS; FRANCIS, 1998b).

A segurança em relação a crimes é um fator determinante para que os idosos utilizem as áreas de lazer, estando entre as características que promovem essa percepção de segurança àquelas apontadas em outros estudos, tais como: iluminação noturna e a manutenção e limpeza dos espaços abertos públicos. Aliadas a estas características, a vigilância formal (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FOSTER *et al.*, 2011; JACOBS, 1961; WANG; LEE, 2010).

Adicionalmente, a percepção de segurança estava relacionada ao fato dos idosos do Nossa Senhora de Fátima preferirem utilizar o Parque Oásis (no bairro adjacente) ao invés da Praça Nossa Senhora de Fátima (do bairro) que está localizada mais próxima dos respondentes. Bem como, é um motivo relatado em conversas informais com os idosos para que o Parque Cinquentenário seja considerado inseguro, principalmente à noite. Também foi observado que o cercamento dessas áreas de lazer provoca uma percepção de insegurança, conforme evidenciado pela maior preocupação por parte dos idosos nessas áreas. Este fato é corroborado pelos resultados de estudos realizados em Nova York, São Paulo e Porto Alegre (por ex.: LING, 2015; REIS *et al.*, 2016; SMITH, 1996) que mostram que o cercamento de parques e praças levou as pessoas a se sentirem mais inseguras. Nesse sentido, outro estudo realizado em São Paulo revela o cercamento como responsável pela ocorrência de roubos a pedestre nas bordas de um parque (LING, 2015).

### **8.2.3 A mobilidade de idosos em três faixas etárias em três bairros com distintas características físico-espaciais e socioeconômicas**

Os dados obtidos, baseados no objetivo de investigar o efeito das características físico-espaciais do local de moradia na mobilidade por parte de diferentes idosos, evidenciam que a caminhabilidade dos idosos é fortemente influenciada pelas características físico-espaciais do seu bairro e pelas restrições físico/cognitivas dos próprios idosos. Logo, quando as capacidades funcionais permitem e os espaços urbanos oferecem condições apropriadas, a caminhada é tanto um meio de deslocamento como um tipo de atividade de lazer ou física (por ex.: BARRETO, 2012; FERREIRA, 2012; OXLEY; CORBEN; O'HARE, 2004).

Portanto, verificou-se uma redução dos percursos a pé e uma maior percepção de insegurança (quanto à acidentes e crimes) entre os idosos do Nossa Senhora de Fátima onde as condições socioeconômicas refletem maiores problemas na infraestrutura e nas demais características físico-espaciais do bairro (por ex.: baixa qualidade das calçadas, topografia irregular, poucos mobiliários urbanos que entre outras funções permitem a pausa para descanso da caminhada; pouca vegetação urbana que reduz a exposição solar excessiva e reduz as “ilhas de calor; velocidade acima da permitida de veículos; e número reduzido de comércio e serviços

espalhados por diferentes regiões do bairro), bem como, um maior número de restrições físicas/cognitivas entre os idosos (independente da faixa etária). Esses resultados confirmam estudos que revelam as restrições físicas/cognitivas como um fator determinante para a redução da capacidade de idosos em se manterem fisicamente ativos (MERCADO; PÁEZ, 2009; SCHMOCKER *et al.*, 2008; SU *et al.*, 2009). O que ainda é confirmado pela redução de atividades e tipos de acompanhantes de rotas pelos espaços públicos entre esses idosos. Bem como, reforçam resultados de um estudo carioca, no qual os idosos procuravam utilizar o ônibus como meio de transporte em razão de sua condição física e pela maior percepção de segurança em relação a crimes (SANT'ANNA, 2006).

No Rio Branco, onde as condições socioeconômicas são mais similares às daquelas do São Pelegrino, mas as características físico-espaciais já apresentam problemas (por ex.: malha urbana irregular em função da topografia com declives elevados e aumento das rotas; calçadas estreitas, com trechos irregulares, impedidos e com diferenças elevadas entre patamares; redução da diversidade e número de mobiliários urbanos; redução da diversidade e proximidade de comércios, serviços e instituições de interesse em relação ao São Pelegrino) caminhar ainda é o meio de transporte mais mencionado pelos idosos para suas atividades necessárias e/ou opcionais, mas já há um uso de meios de transporte motorizados maior do que entre os idosos do São Pelegrino. Com uma redução principalmente entre os idosos com maiores restrições motoras (faixa 3). Ainda, o segundo meio de transporte mais utilizado é o ônibus, demonstrando que os idosos desse bairro tendem a preferir uma autonomia maior em relação a seus contatos sociais, apesar de realizarem a maioria de suas atividades acompanhados de familiares ou amigos.

No São Pelegrino, onde a melhor condição socioeconômica é refletida na infraestrutura do bairro e nas demais características físico-espaciais (por exemplo: boas condições das calçadas em geral, topografia regular, diversidade de mobiliários urbanos que atendem a diferentes funções, presença de arborização urbana; diversidade e proximidade entre comércios, serviços, instituições e locais de interesse dos idosos; e malha regular que reduz os trajetos além de facilitar a navegabilidade) observou-se um número maior de rotas que são realizadas a pé pelos idosos, inclusive entre aqueles da faixa 3 (tendem a apresentar maiores restrições motoras). Essas informações confirmam estudos que consideram espaços que oferecem diversidade



de usos a pouca distância de caminhada, situação promovida por uma maior densidade habitacional como mais atrativos (LEE *et al.*, 2013; LIMA, 2011). O que ainda facilita o acesso a recursos daquelas pessoas com problemas de mobilidade (CVITKOVICH; WISTER, 2001; KIM, 2011; OMS, 2007).

Ainda, o segundo meio de deslocamento mais utilizado pelos idosos do São Pelegrino é o veículo particular. Apesar de esse ser o bairro com maior disponibilidade de paradas e linhas de ônibus é aquele em que o serviço é menos utilizado pelos idosos. O maior uso de veículos particulares pelos idosos do São Pelegrino confirma estudos que apontam a preferência do uso de veículo particular entre idosos de maior rendimento (DAVEY, 2007; FERREIRA, 2012; SCHMOCKER *et al.*, 2008), e a inexistência de criação do hábito de utilizar o ônibus se esse meio não era utilizado anterior às limitações físicas, com os idosos preferindo caronas (LORD *et al.*, 2011).

Entretanto, apesar dessas diferenças nos meios de transporte utilizados e dos acompanhantes de rota, a estratégia de orientação espacial por rotas conhecidas dos idosos das três faixas etárias, nos três bairros é o reconhecimento pelo nome das ruas. Estratégia facilitada no centro da cidade pelo sistema criado nas placas urbanas, em que o principal nome da rua é grifado em letras maiores facilitando a visualização. Esse dado não confirma resultados de um estudo americano, para o qual a principal referência de orientação dos idosos eram marcos universais (por exemplo: monumentos históricos) ou marcos específicos do bairro (conhecidos apenas por residentes do local) (MARQUEZ *et al.* 2015). Ainda, os dados revelam, diferente do que havia mencionado nesse estudo, que idosos das faixas 1 e 2 estão adaptados a novas tecnologias, utilizando aplicativos de geolocalização ou a *internet*, logo, apenas os idosos da faixa 3 seriam dependentes de amigos ou parentes que os acompanhem.

Especificamente, quanto a frequência de uso, meios de transporte e distâncias até as atividades necessárias ressalta-se a relevância de características físico-espaciais no bairro que favoreçam a caminhabilidade para que esse seja o meio de transporte utilizado pelos idosos. Logo, no São Pelegrino onde observa-se tais condições, os idosos tendem a utilizar veículos particulares para as atividades necessárias quando suas rotas ultrapassam 600m. Ainda, a frequência dessas atividades pelos idosos das faixas 1 e 2 nesse bairro não tende a ser influenciada por distâncias, meios de deslocamento escolhidos ou restrições físicas. Contudo, entre aqueles da faixa 3 tende a existir uma redução na frequência do uso do supermercado

e uma preferência pelo uso de meios de transporte motorizados entre os idosos que mencionam restrições físicas/cognitivas.

Caso similar ao que é observado no Rio Branco, no qual as distâncias influenciam no meio de transporte utilizado pelos idosos das três faixas etárias, mas não na frequência de uso de comércios e serviços básicos. Contudo, entre os idosos da faixa 3, há uma redução na frequência de uso dos comércios e serviços básicos, embora a rota até o banco e a farmácia continuem sendo realizadas a pé. Por sua vez, no Nossa Senhora de Fátima onde as condições físico-espaciais do bairro dificultam a caminhabilidade, e, os idosos independente da faixa, mencionam mais restrições físicas/cognitivas do que àqueles dos outros bairros, há uma preferência pelo uso de meios de transporte motorizados, salvo para o uso de mercados. Com a frequência de uso desses estabelecimentos sendo menor entre àqueles que mencionam tais problemas físicos/cognitivos e utilizam principalmente o ônibus.

Em relação a proximidade do transporte público e dos comércios e serviços considerados básicos, verifica-se que a maioria dos idosos das faixas 1 e 2 do São Pelegrino e Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 2 do Rio Branco percorrem até 120m de sua residência até a parada. Enquanto as distâncias percorridas pelos idosos da faixa 3 do Nossa Senhora de Fátima e Rio Branco são de até uns 200m. Nesse sentido, considerando que a capacidade físico-cognitiva dos idosos da faixa 3 são a princípio menores do que aquelas das demais faixas etárias, a distância de até uns 200m das paradas de ônibus em relação a residência dos idosos pode ser considerada acessível, inclusive àqueles com menor capacidade motora. Esse limite de 200m é maior que a menor distância passível de ser percorrida apontada por um estudo londrino (SCHMOCKER *et al.*, 2008). Contudo, confirma um estudo que revela a possibilidade de frequência de uso do ônibus como meio de deslocamento no caso de as paradas estarem localizadas a 0,2 km do ponto de origem de deslocamento dos idosos (HESS, 2012).

Por sua vez, o acesso a farmácia é facilitado para os idosos do Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 3 dos demais bairros a uma distância de 400m, enquanto para os idosos das faixas 1 e 2 seria até uns 600m. A distância de até uns 600m também seria considerada adequada até um banco. Enquanto para mercados/supermercados, em razão do peso das compras, as distâncias mais adequadas seriam de até uns 400m para os idosos das faixas 1 e 2 e de 300m para aqueles da

faixa 3 (menor capacidade motora). Esses dados são similares a menor distância considerada passível de ser percorrida a pé (300m) por um estudo que verificou a mobilidade de idosos em diversos países (ROSENBLOOM, 2001), contudo, essa distância é confirmada apenas entre os idosos que apresentam restrições físicas/cognitivas. Enquanto os valores considerados adequados até os comércios e serviços básicos, até entre os idosos de melhor condição física, são inferiores àqueles indicados como adequados por Campos Filho (2003) como limites até esse tipo de estabelecimento (800m).

No caso de outra atividade necessária, especificamente, as consultas médicas as distâncias, meios de deslocamento e restrições físicas/cognitivas não tendem a influenciar na frequência dessa atividade para os idosos do Rio Branco e São Pelegrino. Contudo, entre aqueles do Nossa Senhora de Fátima as restrições físicas/cognitivas reduziram o uso de uma das UBS do bairro. Ainda, as distâncias tendem a influenciar nos meios utilizados para ir até uma das UBS, bem como, a frequência de consultas na UPA do centro da cidade. Inclusive, todas as atividades no centro da cidade dos idosos do Nossa Senhora de Fátima possuem uma frequência no máximo quinzenal. Por sua vez, entre os idosos dos bairros São Pelegrino e Rio Branco a frequência para essa atividade não tende a ser alterada pela idade, distância ou meio de transporte utilizado. Quanto à proximidade dos estabelecimentos de saúde, verificou-se que se o bairro oferece boas condições de caminhabilidade estes podem estar localizados até a uns 800m de distância, acompanhando a distâncias indicada por Campos Filho (2003) para atividades necessárias.

No que se refere a duas atividades opcionais, especificamente, “ir à igreja” e “ir aos grupos e associações” verifica-se um aumento da frequência dessas atividades entre os idosos do Rio Branco e São Pelegrino, acompanhando os resultados encontrados nos objetivos relacionados à interação social. O fato dessas atividades ocorrerem principalmente na Igreja, revela a interferência do traço cultural (imigração italiana) na realização dessas atividades pelos idosos desses bairros. Contudo, para ambas as atividades a frequência de realização pelos idosos do São Pelegrino é ainda um pouco maior (diária), bem como, verifica-se que a maioria dos idosos das três faixas etárias caminha até elas.

Portanto, as características físico-espaciais do bairro tendem a influenciar na frequência e no meio de deslocamento para realizá-las. Complementarmente, verifica-

se que apesar da frequência de uso não ter sido influenciada pelas distâncias percorridas pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, ou pelo meio de transporte, as restrições físicas/cognitivas, principalmente entre àqueles da faixa 3, reduziu a frequência de realização dessas atividades. Também a distância teve influência na escolha dos meios de transporte utilizados pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros. Contudo, a proximidade dessas atividades da residência dos idosos pode ser considerada a uma distância de 600m, independente do bairro ou faixa etária.

A redução da frequência de uso de parques e praças também tem relação com restrições físicas/cognitivas, sejam essas mencionadas pelos idosos ou naturais relacionadas à idade (mesmo que não mencionadas). Ainda, para essa atividade opcional a distância também não exerce influência em sua frequência de realização pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros, embora influencie nos meios de transporte escolhidos. Ainda, diferente das atividades de “ir à igreja” e “aos grupos e associações”, a atividade de “ir a parques e praças” é mais realizada pelos idosos com algum meio de transporte motorizado do que a pé, embora caminhar ainda seja o meio de deslocamento mais mencionado entre os idosos da faixa 2 do Nossa Senhora de Fátima para ir até a Praça Nossa Senhora de Fátima e aqueles da faixa 1 do São Pelegrino para ir até o Parque Cinquentenário. Ainda, verifica-se que o acesso a praças da residência tende a ocorrer a uma distância de até uns 400m, enquanto para os parques seria de até uns 600m.

Por sua vez, a distância tende a influenciar as atividades que os idosos das três faixas etárias do Nossa Senhora de Fátima realizam no centro da cidade (distante 5km do bairro). Para esses idosos, independente da faixa etária, a frequência de uso do centro é quinzenal ou menor, enquanto para àqueles dos outros dois bairros a frequência é maior que quinzenal. Entretanto, apesar dessa menor frequência a maioria dos idosos da faixa 1 do Nossa Senhora de Fátima que caminham para realizar compras no centro percorrem distâncias maiores (3,3km) do que àqueles do Rio Branco (1,7km) e São Pelegrino (2,7km). Contudo, essa distância de 2,7km dos idosos do São Pelegrino refere-se as três faixas etárias, logo, os idosos desse bairro demonstraram maior capacidade para percorrer maiores distâncias para realizar compras no centro da cidade a pé do que àqueles dos demais bairros. Essas distâncias percorridas pelos idosos da pesquisa não confirmam um estudo londrino,

no qual a caminhada deixa de ser uma opção viável para idosos saudáveis a partir dos 5 km e a partir de 1 km para aqueles com problemas de mobilidade (SCHMOCKER *et al.*, 2008).

Complementarmente, as atividades opcionais de “ir ao Shopping São Pelegrino” e “ao cemitério” são realizadas apenas pelos idosos dos bairros Rio Branco e São Pelegrino, com a expressiva maioria desses idosos as realizando com algum meio de transporte. Entretanto, o acesso facilitado ao shopping pode considerado a uma distância de até uns 600m para os idosos das faixas 1 e 2, enquanto seria de até uns 300m para aqueles da faixa 3. Ainda, para ambas as atividades a frequência também não tende a ser influenciada pelas distâncias percorridas. Contudo, a distância tende a influenciar o meio de deslocamento utilizado e a frequência seria influenciada pelas restrições físicas/cognitivas, notadamente, entre idosos da faixa 3.

Quanto as características físico-espaciais das rotas realizadas pelos idosos, verifica-se que independente da faixa etária ou do bairro, há uma maior incidência de rotas pelas vias coletoras e/ou de maior concentração de comércio e serviços, mesmo que exista maior movimento de pedestres em função desses estabelecimentos. Ainda, nessas vias o percurso costuma ser mais retilíneo, característica mais evidente no São Pelegrino e no centro da cidade, logo, a facilidade de compreensão da malha urbana e as maiores conexões entre vias, criaram melhores condições de legibilidade e navegabilidade (HILLIER, 2007; KENT; THOMPSON, 2014; LONG; BARAN, 2012; MARQUEZ *et al.*, 2015). Ainda, sendo acrescida como característica considerada agradável uma topografia mais plana que aumenta a probabilidade de idosos caminharem para atividades de lazer (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014), bem como, favorecem a mobilidade dos idosos por não apresentarem desafios a sua capacidade funcional (NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014; PEDROSO, 2007; VIANA, 2010; ZEITLER *et al.*, 2012).

Inclusive, nas rotas realizadas pelos idosos das três faixas etárias, dos três bairros no centro da cidade verificou-se o uso de duas ruas com tais características (Sinumbú e Júlio de Castilhos). Notadamente pelo uso da Avenida Júlio de Castilhos que além da maior concentração de comércio e serviços nos térreos das edificações possui: maior largura de calçada, presença de mobiliários urbanos diversificados (por ex.: postes de iluminação para pedestres, bancos, lixeiras), nichos de edificações que



permitem pausas para caminhada, arborização caducifolia e a redução da velocidade dos veículos que transitam por essa rua.

Essa menor velocidade de veículos é um aspecto que garante a segurança em relação a acidentes para os idosos, visto que nas três faixas etárias, dos três bairros verificou-se velocidades de caminhada com valores inferiores àquele (1,2m/s) utilizado pelo CONTRAN (2007) para calcular o tempo das sinalizações semaforicas. Resultado condizente com estudos que também apontaram para uma velocidade de caminhada dos idosos inferior a este número, significando maiores riscos para a travessia de ruas (ADA, 1994; AVINERI; SHINAR; SUSILO, 2012; DOMMES; CAVALLO, 2011; LANGLOIS *et al.*, 1997). Ainda, tanto no Rio Branco como no Nossa Senhora de Fátima a velocidade que carros transitam por ruas é um problema relacionado a insegurança dos idosos para transitar pelas ruas do bairro.

Outro problema comum mencionado pelos idosos é a qualidade das pavimentações urbanas. Os problemas encontrados nos bairros confirmam estudos que indicam como principais problemas das calçadas urbanas: rampas mal alinhadas ou inexistentes; calçadas com problemas de drenagem, irregulares, esburacadas ou escorregadias; calçadas reflexivas (que são visualmente confusas); calçadas com desníveis sucessivos; e rampas de automóveis que avançam na calçada (BARROS *et al.* 2013; BINS ELY; DORNELLES, 2006; OMS, 2007 NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014).

No Nossa Senhora de Fátima esse problema está relacionado principalmente à irregularidade dos pisos, buracos e a ausência de calçadas. No Rio Branco está ligada a maior irregularidade da topografia do bairro, muitas vezes resolvida com patamares criados de uma testada de lote a outro, mas em alturas que impedem o tráfegabilidade normal pela calçada ou relacionada ao gabarito estreito e impedido de calçadas. Esses dois problemas fazem com que idosos optem por caminhar no leito carroçável junto aos veículos, o que seria indicado por estudos como responsável pelo aumento do risco de atropelamento (TORONTO PUBLIC HEALTH, 2014). Enquanto no São Pelegrino também há pisos irregulares, mas em melhores condições do que àqueles dos demais bairros.

Já no que se refere a segurança em relação a crimes, apesar de nos três bairros ter sido mencionada a necessidade por um maior efetivo policial, esse problema tende a ser maior no Nossa Senhora de Fátima. O maior efetivo policial é um aspecto

relevante para a segurança dos idosos, também indicado por um estudo português (VIANA, 2010). Contudo, contrário a esse estudo a presença de outras pessoas, também estava relacionada a percepção de segurança. A vigilância natural em estudos é relacionada a inibição de crimes ao: aumentar o controle sobre a rua, ampliar as chances de intervenção em caso de ameaça a um indivíduo e desencorajar a ação de criminosos (BASSO; LAY, 2002; JACOBS, 1961; NEWMAN, 1996).

Inclusive, uma das características do Nossa Senhora de Fátima é o menor movimento de pedestres, motivado pelo seu caráter predominante residencial unifamiliar, o que reduz essa vigilância natural. Ainda, foram encontradas: piores condições de manutenção e limpeza de fachadas e vias urbanas (com a presença de acúmulo de lixo), baixos níveis de iluminação e a presença do tráfico de drogas. Características que também são associadas em outros estudos a percepção de insegurança em relação a crimes (CAUWENBERG *et al.*, 2014; FOSTER; GILES-CORTI; KNUIMAN, 2011; NATHAN; WOOD; GILES-CORTI, 2014).

### 8.3 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Dentre as limitações da pesquisa destaca-se a falta de arquivos públicos com o levantamento de dados públicos da cidade, tais como zoneamento de alturas e uso das edificações que foram espacializados conforme levantamentos realizados pela própria pesquisadora. Outra importante limitação foi a disponibilidade de respondentes, visto que em determinados grupos onde se poderia ter tido acesso a um número maior de idosos houve impedimentos, bem como, uma menor quantidade de idosos da terceira faixa etária foram encontrados. Entre os desdobramentos possíveis a essa pesquisa recomenda-se a possibilidade de seus objetivos possam ser novamente realizados contemplando uma amostra maior de respondentes, notadamente aqueles da faixa 3, bem como, comparativos possíveis entre os idosos e demais faixas etárias.

## 9 REFERÊNCIAS

- ABDULLAH, Aldrin; MARZBALI, Massoomah; WOOLLEY, Helen; BAHAUDDIN, Azizi; MALIKI, Nor Zarifah. Testing for individual factors of crime using a multiple indicator-multiple cause model. **European Journal on Crime Policy and Research**, vol.20, p.1-22, 2014. DOI: 0.1007/s10610-013-9208-4.
- AIELLO, Antonio; ARDONE, Rita Grazia; SCOPELLITI, Massimiliano. Neighborhood planning improvement: physical attributes, cognitive and affective evaluation and activities in two neighborhoods in Rome. **Evaluation Program and Planning**, vol. 33, p.264-275, 2010.
- ALMEIDA, Diva Teixeira de; LEITÃO, Glória da Conceição Mesquita; SILVA, Lúcia de Fátima da. Qualidade de vida e percepção do envelhecimento sob a ótica do idoso. **Revista do Centro de Ciências da Saúde/RECCS**, nº 12, p.27-33, 2000.
- ALVINO, Fábio Soares. **Concepções do idoso em um país que envelhece: reflexões sobre protagonismo, cidadania e direitos humanos no envelhecimento**. 2015. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania), Faculdade de Direitos Humanos e Cidadania, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- AMARO, Luiz Eduardo da Silva; JOHANN, Jorge Renato; MEIRA, Paulo Ricardo dos Santos. O estilo de vida do idoso urbano: o caso de Porto Alegre – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, p.115-126, 2007.
- AMARO, Luiz Eduardo da Silva; MEIRA, Paulo Ricardo dos Santos. O comportamento do consumidor idoso em centros urbanos: o caso de Porto Alegre. In: Encontro nacional da ANPAD, 30, Salvador, 2006. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006, p.1-15.
- AMERICAN WITH DISABILITIES – ADA. **Standards for accessible design**. Washington D.C: Department of justice, 1994.
- AMERICAN WITH DISABILITIES – ADA. **Standards for accessible design**. Washington D.C: Department of justice, 2010.
- ANGELI, Daniel. **Insegurança é o principal problema do Parque Cinquentenário, em Caxias**. In: Jornal Pioneiro de 08 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2020/01/inseguranca-e-o-principal-problema-do-parque-cinquentenario-em-caxias-12059817.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 10152. Níveis de ruído para conforto acústico**. Rio de Janeiro: ABNT, 1987.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 9050. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. ISBN: 9788507057062.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO CIMENTO PORTLAND – ABCP. **Sistemas Integrados de Calçadas**. ABCP: São Paulo, 2005.
- AVINERI, Erel; SHINAR, David; SUSILO, Yusak O. Pedestrians' Behavior in cross walks: the effects of fear of falling and age. **Accident Analysis and Prevention**, vol. 44, p. 30-34, 2012. DOI: 10.1016/j.aap.2010.11.028.
- AZIZ, H.M. Abdul; UKKUSURI, Satish V.; HASAN, Samiul. Exploring the determinants of pedestrian-vehicle crash severity in New York City. **Accident Analysis and**

**Prevention**, vol. 50, p.1298-1309, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2012.09.034>.

BALFOUR, Jennifer L.; KAPLAN, George A. Neighborhood environment and loss of physical function in older adults: evidence from the Alameda County Study. **American Journal of Epidemiology**, vol. 155, n° 6, p. 507-515, 2002.

BARBOSA, Rosana Rodrigues. **Análise da dependência espacial da mobilidade urbana do idoso: aplicação aos dados da pesquisa domiciliar de 2007 da região metropolitana de São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental), Faculdade de Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BARRETO, Kátia Magdala Lima. **Envelhecimento, mobilidade urbana e saúde: um estudo da população idosa**. 2012. Tese (Tese em Saúde Pública), Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

BARROS, Rodrigo Nascimento; SILVA, Jessica Sampaio; CARVALHO, Macus Vinicius Seraphico de Assis; PINHEIRO, Ana Maria Seráfico. Determinação do nível de serviço de calçadas utilizando o método de Sarkar. In: Congresso brasileiro de transporte e trânsito, 19, Brasília, 2013. **Anais...** Brasília: ANTP, out. 2013, p. 1-9.

BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BASSO, Jussara Maria; LAY, Maria Cristina Dias. Fatores que afetam o desempenho e apropriação de ruas e espaços abertos públicos de lazer. In: Encontro nacional de tecnologia do ambiente construído, IX, Foz do Iguaçu, 2002. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANTAC, 2002, p.1069-1078.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 17, n°3, p.647-657, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13088>.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares; NERI, Anita Liberalesso. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. **Psicologia em pesquisa**, vol. 1, n°2, p.03-10, 2007.

BECKER, Débora. **Condomínios horizontais fechados: avaliação de desempenho interno e impacto físico espacial no espaço urbano**. 2005. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade; GRAEFF, Bibiana; DOMINGUES, Marisa Aciolly. O impacto da urbanidade no envelhecimento humano: o que podemos aprender com a estratégia Cidade Amiga do Idoso? **Revista Temática Kairós Gerontologia**, vol. 15, n° 6, p.117-136, 2012. ISSN 1516-2567.

BIANCHI, Silva Alves. **Qualidade do lugar nas instituições de longa permanência para idosos – contribuições projetuais para edificações na cidade do Rio de Janeiro**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BINS ELY, Vera Helena Moro; DORNELLES, Vanessa Goulart. Acessibilidade espacial do idoso no espaço urbano. In: Congresso Brasileiro de Ergonomia, 14, Curitiba, 2006. **Anais...** Curitiba: Abergó, nov. 2006, p.1-8.

BOECK, David; MOXLEY, David; WACHTER, Hans-Peter. The healthful and helpful house in positive aging: possibilities for the development of a local prototype and conceptual model. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 44, Providence, 2013. **Anais...** Providence: EDRA, mai.-jun. 2013, p. 35-40.

BÓS, Antônio Miguel Gonçalves; BÓS, Ângelo José Gonçalves. A participação dos idosos gaúchos no mercado de trabalho e a força da relação renda/saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, vol. 1, nº1, p.48-56, 2004.

BRASIL, Lei nº 8.842, de 4 de Janeiro de 1994. Política Nacional do Idoso. **Diário Oficial da União**. Seção 1. De 5 de Janeiro de 1994, página 77. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm)>.

BRASIL, Lei 9503, de 23 de Setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. **Diário Oficial da União**. Seção 1. De 24 de Setembro de 1997, página 21201. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9503.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503.htm)>.

BRASIL, Lei 10257, de 10 de Julho de 2001. Institui o Estatuto da Cidade. **Diário Oficial da União**. Seção 1. De 11 de Julho de 2001. Disponível em: < [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm)>.

BRASIL, Lei 10.741, de 1º de Outubro de 2003. Estatuto do Idoso. **Diário Oficial da União**. Seção 1. De 3 de Outubro de 2003, página 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm)>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 52/2006 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

BRETANHA, Andréia Simone Ferreira. **Prevalência de depressão em idosos e fatores associados**. 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BROMBERG, Shani; ORON-GILAD, Tal; RONEN, Adi; BOROWSKY, Avinoam; PARMET, Yisrael. The perception of pedestrians from the perspective of elderly experienced and experienced drivers. **Accident Analysis and Prevention**, vol. 44, p.48-55, 2012. DOI: 10.1016/j.aap.2010.12.028.

BROWN, Barbara; PERKINS, Douglas D.; BROWN, Graham. Place attachment in a revitalizing neighborhood: individual and block levels of analysis. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 23, p.259-271, 2003.

BROWN, Graham; BROWN, Barbara B.; PERKINS, Douglas D. New housing as neighborhood revitalization. Place Attachment and confidence among residents. **Environment and Behavior**, vol. 35, nº6, p.749-775, 2004.

BRUNELLI, Luca. Older people's well-being affordances at the Local High Street: a study of local town centres in Edinburgh. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 46, Los Angeles, 2015. **Anais...** Los Angeles: EDRA, mai. 2015, p. 26-34.



BUGLIARELLO, George; ALEXANDRE, Ariel; BARNES, John; WAKSTEIN, Charles. **The impact of noise pollution. A socio-technological introduction**. New York: Pergamon Press, 1976. ISBN: 008018166X.

BURTON, Elizabeth J.; MITCHELL, Lynne; STRIDE, Chris B. Good places for ageing in place: development of objective built environment measures for investigating links with older's people's wellbeing. **BMC Public Health**, vol. 11, n° 839, p.1-13, 2011. DOI: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/11/839>.

BUTCHER, Elizabeth; BREHENY, Mary. Dependence on place: a source of autonomy in later life for older Māori. **Journal of Aging Studies**, vol. 37, p.48-58, 2016.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Texto para discussão n° 858 – IPEA, 2002.

CANTARERO, Rodrigo; POTTER, James J.; LEACH, Christina K. Perceptions of quality of life, sense of community, and life satisfaction among elderly residents in Schuyler and Crete, Nebraska. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 38, Sacramento, 2007. **Anais...** Sacramento: EDRA, mai.-jun. 2007, p. 35-40.

CARSTENS, Diane Y. **Site planning and design for the elderly. Issues, guidelines and alternatives**. New York: John Wiley & Sons, 1993. ISBN: 0471285374.

CARSTENS, Diane Y. **Outdoor spaces in housing for the elderly**. In: MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn (Org.). People places. Design guidelines for urban open space. 2nd edition. New York: John Wiley & Sons, 1998, p.209-258. ISBN: 0471288330.

CASPI, Eilon. Wayfinding difficulties among elders with dementia in na assisted living residence. **Dementia**, vol. 13, n°4, p.429-450, 2014. DOI: 10.1177/1471301214535134.

CAUWENBERG, Jelle Van; CLARYS, Peter; BOURDEAUDHUIJ, Ilse de; HOLLE, Veerle Van; VERTÉ, Dominique; WITTE, Nico de; DONDER, Liesbeth de; BUFFEL, Tine; DURY, Sarah; DEFORCHE, Benedicte. Physical environmental factors related to walking and cycling in older adults: the Belgian aging studies. **BMC Public Health**, vol. 12, n°142, p. 1-13, 2012.

CAUWENBERG, Jelle Van; HOLLE, Veerle Van; BOURDEAUDHUJI, Ilse De; CLARYS, Peter; NASAR, Jack; SALMON, Jo; MAES, Lea; GOUBERT, Liesbet; WEGHE, Nico Van de; DEFORCHE, Benedicte. Physical environmental factors that invite older adults to walk for transportation. *Journal of Environmental Psychology*, vol. 38, p.94-103, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.12.012>.

CESAR, Ana Cristina Satiro de Souza. **Velhices urbanas, seguras, sustentáveis e saudáveis**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHEN, Yen-Jong; CHEN, Ching-Yi. Living arrangement preferences of elderly people in Taiwan as affected by family resources and social participation. **Journal of Family History**, vol. 37, n° 4, p.381-394, 2012.

CLARKE, Philippa; NIEUWENHUIJSEN, Els R. Environments for healthy ageing: a critical review. **Maturitas**, vol. 64, p.14-19, 2009. DOI: 10.1016/j.maturitas.2009.07.011.

CLARKE, Philippa; CURRAN, Eileen; DONALDSON, Meghan G.; PITMAN, Beverley; SCOTT, Vicky; McKAY, Heather A.; ASHE, Maureen. Concept mapping applied to the intersection between older adults' outdoor walking and the built and social environments. **Preventive medicine**, vol. 57, p.785-798, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed.2013.08.023>.

COE, Shannon. **The pros and cons of truncated domes, should one disability trum another?** In: Ability tools blog, 28 de Março de 2012. Disponível em: <http://atnetworkblog.blogspot.com.br/2012/03/pros-and-cons-of-truncated-domes-should.html>. Acesso em: 07 de abril de 2015.

COELHO, Tiago Filipe Mota. **Porto: cidade amiga das pessoas idosas: um estudo centrado na perspectiva de idosos das Freguesias de S. Nicolau e Sé**. 2010. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2010.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO DE SÃO PAULO - CET/SP. O risco do idoso pedestre nas vias urbanas. **Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo**, Nota Técnica nº 219 - CET/SP, 2011.

CONTE, Eduardo Pinheiro. **As calçadas públicas urbanas e a responsabilidade quanto à sua construção e conservação**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Direito), Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE TRÂNSITO – CONTRAN. **Manual Brasileiro de sinalização de trânsito. Volume V. Sinalização Semafórica**. Brasília: Contran, 2007.

CORREIA, José Macário. **Parecer do Comité das Regiões – Diretiva Ruído Ambiente: o caminho a seguir**. In: Jornal Oficial da União Europeia, 18 de Abril de 2012. Disponível em: [http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv%3AOJ.C\\_.2012.113.01.0040.01.PORI](http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv%3AOJ.C_.2012.113.01.0040.01.PORI). Acesso em: 19 de setembro de 2016.

COSTA, Ana Elísia da. A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

COSTA, Gilberto José Correa da Costa. **Iluminação econômica: cálculo e avaliação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. ISBN: 9788574305981.

COULIBALY, Ieda Guedes Simões. **Calçadas manauaras e idosos: desafios urbanísticos na capital do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Faculdade de Medicina, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco Aurélio de Figueiredo. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 14, nº 4, p.1111-1118, 2009.

CUNHA, Marcella Viana Portela de Oliveira; COSTA, Angelina Dias Leão. Diretrizes projetuais para a acessibilidade física do idoso ao espaço público urbano: a Praça São

Gonçalo, João Pessoa- PB. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto Construído, 2, Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: SBQP, nov. 2011, p. 380-389.

CVITKOVICH, Yuri; WISTER, Andrew. The importance of transportation and prioritization of environmental needs to sustain well-being among older adults. **Environment and Behavior**, vol. 33, nº6, p.809-829, 2001. DOI: 10.1177/00139160121973250.

CVITKOVICH, Yuri; WISTER, Andrew. **A comparison of four Person-Environment Fit Models applied to older adults**. In: PASTALAN, Leon A.; SCHWARZ, Benyamin. Housing choices and well-being of older adults. New York: The Haworth Press, 2001b, p. 1-26.

D'ALENCAR, Raimunda Silva; VEIGA, Ronaldo de Souza. O(s) idoso(s) em movimento e sua participação no turismo de Porto Seguro – BA. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento**, p.77-84, 2006.

DANTAS, Eduardo Henrique. **Avaliação da percepção da qualidade dos modos de transporte urbano, do ponto de vista do usuário idoso de Copacabana**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia), Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DATASUS. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>>. Acesso em 5 de novembro de 2014.

DAVEY, Judith A. Older people and transport: coping without a car. **Ageing and Society**, vol. 27, nº 01, p.49-65, 2007. DOI: 10.1017/S0144686X06005332.

DEPARTMENT OF THE ENVIRONMENT, TRANSPORT AND THE REGIONS. **Guidance on the use of tactile paving surfaces**. London: Department of the Environment, Transport and the Regions, 1998.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES – DNIT. **Número de condutores envolvidos por sexo e idade do condutor, ano de 2011**. Disponível em: <<http://www.dnit.gov.br/rodovias/operacoes-rodoviaras/estatisticas-de-acidentes>>. Acesso em: 14 de março de 2016.

DEVLIN, Ann Sloan; ARNEILL, Allison B. Health care environments and patient outcomes: a review of the literature. **Environment and Behavior**, vol. 35, nº5, p.665-694, 2003. DOI: 10.1177/0013916503255102.

DIAS, Ewerton Naves; SILVA, José Vitor da; VITORINO, Luciano M. **Capacidade funcional: uma necessidade emergente entre idosos**. In: SILVA, José Vitor da. (Org.). Saúde do idoso e a Enfermagem: processo de envelhecimento sob múltiplos aspectos. 1 ed. São Paulo: Iátria, 2009. p. 34-45. ISBN: 9788576140597.

DOLINAR, Teresa. Biology of aging. In: LOUE, Sana; SAJATOVIC, Martha (Org). **Encyclopedia of aging and public health**. New York: Springer, 2008. p.1-10. ISBN13: 9780387337531.

DOMMES, Aurélie; CAVALLLO, Viola. The role of perceptual, cognitive, and motor abilities in street-crossing decisions of young and older pedestrians. **Ophthalmic & Physiological optics**, vol. 31, p.292-301, 2011. DOI: 10.1111/j.1475-1313.2011.00835.x.

DOMMES, Aurélie; CAVALLO, Viola; OXLEY, Jennifer. Functional declines as predictors of risky street-crossing decisions in older pedestrians. **Accident Analysis and Prevention**, vol. 59, p.135-143, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2013.05.017>.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DREUX, Virginia Paiva. **Uma avaliação da legislação urbanística na provisão de equipamentos urbanos, serviços e áreas de lazer em conjuntos habitacionais**. 2004. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DUJARDIN, Claire; LORANT, Vincent; THOMAS, Isabelle. Self-assessed health of elderly people in Brussels: does the built environment matter? **Health & Place**, vol. 27, p.59-67, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2014.01.003>.

EICHER, Caitlin; KAWACHI, Ichiro. Social capital and community design. In: DANNENBERG, Andrew; FRUMKIN, Howard; JACKSON, Richard J. (org). Making healthy places. Designing and building for health, well-being and sustainability. Washington: Island Press, 2011, p.117-128.

FADDA, Giulietta; CORTÉS, Alejandra; OLIVI, Alessandra; TOVAR, Marcela. The perception of the values of urban space by senior citizens of Valparaíso. **Journal of Aging Studies**, vol. 24, p.344-357, 2010. DOI: 10.1016/j.jaging.2010.07.001.

FARR, Douglas. **Urbanismo sustentável**. Desenho urbano com a natureza. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FERMINO, Rogério César; REIS, Rodrigo Siqueira; HALLAL, Pedro Curi; FARIAS JÚNIOR, José Cazuzza de. Perceived environment and public open space use: a study with adults from Curitiba, Brazil. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, vol. 10, nº 35, p.1-10, 2013. DOI: 10.1186/1479-5868-10-35.

FERREIRA, Noemia Gomes. **Análise dos padrões de viagens do idoso em relação ao transporte público**. 2012. Dissertação (Mestrado em Transportes), Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FÖBKER, Stefanie; GROTZ, Reinhold. Everyday mobility of elderly people in different urban settings: the example of the city of Bonn, Germany. **Urban studies**, vol. 43, nº 1, p.99-118, 2006. DOI: 10.1080=00420980500409292.

FONSECA, Talita da Conceição de Oliveira. **Barreiras físicas e biológicas: influência da qualidade do espaço urbano no risco de quedas de idosos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

FOSTER, Sarah; GILES-CORTI, Billie; KNUIMAN, Matthew. Creating safe walkable streetscapes: does house design upkeep discourage incivilities in suburban neighbourhoods? **Journal of Environmental Psychology**, vol. 31, p.79-88, 2011. DOI: 10.1016/j.jenvp.2010.03.005.

FRANCIS, Jacinta; GILES-CORTI, Billie; WOOD, Lisa; KNUIMAN, Matthew. Creating sense of community: the role of public space. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 32, p.401-409, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2012.07.002>.

FREIRE JÚNIOR, Renato Campos; ARÊAS, Guilherme Peixoto Tinoco; ARÊAS, Fernanda Zanela da Silva; BARBOSA, Luis Guilherme. Estudo da acessibilidade de idosos ao centro da cidade de Caratinga, MG. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, vol. 16, n° 3, p.541-558, 2013.

FREITAS, Mariana Gonçalves de; BONOLO, Palmira de Fátima; MORAES, Edgar Nunes; MACHADO, Carla Jorge. Idosos atendidos em serviços de urgência no Brasil: um estudo para vítimas de quedas e acidentes de trânsito. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 20, n° 3, p.701-712, 2015. DOI: 10.1590/1413-81232015203.19582014.

GAMBIM, Paula Silva. **A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GATTI, Simone. **Espaços públicos, diagnóstico e metodologia de projeto**. São Paulo: ABCP, 2013.

GAZETA MERCANTIL. **Deu na Mídia: o poder de consumo da terceira idade**. In: Federação nacional dos auditores fiscais da receita federal do Brasil (FENAFISP), 26 de Maio de 2006. Disponível em: < [http://www.fenafisp.org/app/modules/news/article.php?story\\_id=1460](http://www.fenafisp.org/app/modules/news/article.php?story_id=1460)>. Acesso em: 09 de janeiro de 2017.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Trad. Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **How to study public life**. Washington: Island Press, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GILLEARD, Chris; HYDE, Martin; HIGGS, Paul. The impact of age, place, aging in place, and attachment to place on the well-being of the over 50s in England. **Research on Aging**, vol. 29, n° 6, p.590-605, 2007.

GIRALT, Rômulo Plentz; REIS, Antônio Tarcísio da Luz; GOMES, Frederica Stanke Gonçalves; HASS, Gladis; LAY, Maria Cristina Dias. Orientação espacial em centro urbano. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2°, Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: SBQP, 2011, p. 457- 465.

GOLDSTEIN, Joshua R. **How populations age**. In: UHLENBERG, Peter (org.). International handbook of population aging. Hamilton Hall: Springer, 2009, p.7-19.

GOLLEDGE, R.; STIMSON, R. **Spatial behavior: a geographic perspective**. New York: Guilford, 1997.

GOLLEDGE, R. G. **Wayfinding behavior: cognitive mapping and other spatial processes**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

GOMES, Frederica Stanke Gonçalves. **Diversidade de grupos, características físico-espaciais e apropriação do espaço urbano em cidades de crescimento recente**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional),



Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GOMES, Márcio; MENEZES, César. **Idosos enfrentam o desafio de se manter no mercado de trabalho**. In: Jornal Nacional de 04 de Janeiro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/idosos-enfrentam-o-desafio-de-se-mant-er-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2017.

GONG, Yi; GALLACHER, John; PALMER, Stephen; FONE, David. Neighbourhood green space, physical function and participation in physical activities among elderly men: the Caerphilly prospective study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, vol. 11, n° 40, p.1-11, 2014. DOI: 10.1186/1479-5868-11-40.

GREGOLETTO, Débora. **Edifícios altos na cidade média de Caxias do Sul: efeitos na estética urbana, nos usos de espaços abertos e na satisfação residencial**. 2019. Tese (Tese em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GUSTAFSON, Per. Roots and routes. Exploring the relationship between place attachment and mobility. **Environment and Behavior**, vol. 33, n° 5, p.667-686, 2001.

HANDLER, Sophie. **An alternative age-friendly handbook**. Manchester: The University of Manchester Library, 2014.

HANIBUCHI, Tomoya; KAWACHI, Ichiro; NAKAYA, Tomoki; HIRAI, Hiroshi; KONDO, Katsunori. Neighborhood built environment and physical activity of Japanese older adults: results from the Aichi Gerontological Evaluation Study (AGES). **BMC Public Health**, vol. 11, n°657, p.1-12, 2011. DOI: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/11/657>.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HESS, Daniel Baldwin. Walking to the bus: perceived versus actual walking distance to bus stops for older adults. **Transportation**, vol. 39, p.247-266, 2012.

HIDALGO, M. Carmen; HERNÁNDEZ, Bernardo. Place attachment: conceptual and empirical questions. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 21, p.273-281, 2001. DOI: doi:10.1006/jevp.2001.0221.

KHILLIER, Bill. **Space is the machine. A configurational theory of architecture**. London: Space Syntax, University of Cambridge, 2007.

HILLIER, Susan; BARROW, Georgia M. **Aging, the individual and society**. 9° ed. Belmont: Wadsworth, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/>>

[territorio/tabunitsub.asp?codunit=4450&nsup=102&z=t&o=4&i=P](http://territorio.tabunitsub.asp?codunit=4450&nsup=102&z=t&o=4&i=P)>. Acesso em: 03 de Janeiro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 11 de Janeiro de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL (INSS). **Aposentadoria por idade**. In: INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL – SITE OFICIAL, 05 de Novembro de 2017. Disponível em: <<https://www.inss.gov.br/beneficios/aposentadoria-por-idade/>>. Acesso em: 19 de Fevereiro de 2018.

ISAACS, Raymond. The urban picturesque: an aesthetic experience of urban pedestrian places. **Journal of Urban Design**, vol. 5, nº 2, p.145-180, 2000.

JACOBS, Jane. **The death and life of great american cities**. New York: Vintage books, 1961.

KAHANA, Kelly Onaga; DIOGO, Maria José D'Elboux. Quedas em idosos: principais causas e consequências. **Saúde Coletiva**, vol. 4, nº 17, p.148-153, 2007.

JONG, Kim de; ALBIN, Maria; SKÄRBÄCK, Erik; GRAHN, Patrick; BJÖRK, Jonas. Perceived green qualities were associated with neighborhood satisfaction, physical activity, and general health: results from a cross-sectional study in suburban and rural Scania, southern Sweden. **Health & Place**, vol. 18, p.1374-1380, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2012.07.001>.

JOSEPH, Anjali; ZIMRING, Craig. Where active older adults walk: understanding the factors related to path choice for walking among active retirement community residents. **Environment and Behavior**, vol. 39, nº1, p.75-105, 2007. DOI: 10.1177/0013916506295572.

KAHANA, Eva; LOVEGREEN, Loren; KAHANA, Boaz; KAHANA, Michael. Person, Environment, and Person-Environment fit as influences on residential satisfaction of elders. **Environment and Behavior**, vol. 35, nº3, p. 434-453, 2003. DOI: 10.1177/0013916503251447.

KARSSSENBERG, Hans; LAVEN, Jeroen; GLASER, Meredith; HOFF, Mattijs van. **A cidade ao nível dos olhos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

KENT, Jennifer L.; THOMPSON, Susan. The three domains of urban planning for health and well-being. **Journal of Planning Literature**, vol. 29, nº 3, p.239-256, 2014. DOI: 10.1177/0885412214520712.

KERR, Jacqueline; ROSENBERG, Dori; FRANK, Lawrence. The role of the built environment in healthy aging: community design, physical activity, and health among older adults. **Journal of Planning Literature**, vol. 27, nº1, p.43-60, 2012. DOI: 10.1177/0885412211415283.

KHALIL, Husam; ZIMRING, Craig. Does street layout predict social interaction? In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 28, Montreal, 1997. **Anais...** Vancouver: EDRA, 1997, p. 1-13.

KIM, Sunguop. Assessing mobility in an aging society: personal and built environment factors associated with older people's subjective transportation deficiency in the US. **Transportation Research Part F**, vol. 14, p. 422-429, 2011. DOI: 10.1016/j.trf.2011.04.011.

KOBOLDT, Marcos. **Idosos devem ser a maioria da população gaúcha até 2050, aponta FEE**. In: Correio do Povo, 8 de Novembro de 2012. Disponível em: <[http://www.correiodo\\_povo.com.br/Noticias/?Noticia=475081](http://www.correiodo_povo.com.br/Noticias/?Noticia=475081)>. Acesso em: 12 de Abril de 2016.

KOOHSARI, Mohammad Javad; KARAKIEWICZ, Justyna Anna; KACZYNSKI, Andrew T. Public open space and walking: the role of proximity, perceptual qualities of the surrounding built environment, and street configuration. **Environment and Behavior**, vol. 45, n°6, p.706-736, 2013. DOI: 10.1177/0013916512440876.

KOPTTIKE, Alberto; BASSANI, Fernanda. **Mapa da segurança pública e direitos humanos de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Bestiário, 2014.

KOSONISCS, Rafael. **O grafite em São Paulo: o legado artístico da cidade**. In: Explora Sampa, 31 de Março de 2015. Disponível em: <<http://explorasampa.com/grafite-em-sao-paulo-o-legado-artistico-da-cidade/>>. Acesso em: 09 de Julho de 2016.

KRAUSE, Neal. Neighborhood conditions and helping Behavior in late life. **Journal of Enviromental Psychology**, vol 31, p.62-69, 2011.

LANG, Jon. **Creating architectural theory: the role of the behavioral sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LANGLOIS, Jean A.; KEYL, Penelope M.; GURALNIK, Jack M.; FOLEY, Daniel J.; MAROTTOLI, Richard A.; WALLACE, Robert B. Characteristics of older pedestrians OMS have difficulty crossing the street. **American Journal of Public Health**, vol. 87, n°3, p. 393-397, 1997.

LAWS, Glenda. The Land of Old Age: society's changing attitudes toward urban built environments for elderly people. **Annals of the association of American Geographers**, vol. 83, n° 4, p.672-693, 1993.

LAY, Maria Cristina Dias; LIMA, Márcia. Effects of integration of housing schemes on social interaction and resident well-being. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 44, Providence, 2013. **Anais...** Providence: EDRA, mai.-jun. 2013, p. 87-95.

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio da Luz; DREUX, Virginia; BECKER, Débora; AMBROSINI, Vitor. Spatial configuration, spatial Behavior and spatial cognition: syntactic and perceptual analysys of the market station area in Porto Alegre. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 36, Vancouver, 2005. **Anais...** Vancouver: EDRA, abr. 2005, p. 129-136.

LEE, Jae Seung; ZEGRAS, P. Christopher; BEN-JOSEPH, Eran. Safely active mobility for urban baby boomers: the role of neighborhood design. **Accident Analysis and Prevention**, vol. 61, p.153-166, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2013.05.008>.

LEE, Seunghae; KLINE, Rhonda. Wayfinding study in virtual environments: the elderly vs. the younger-aged groups. **International Journal of Architectural Research**, vol. 5, n° 2, p.63-76, 2011.

LEITE, Breno Damázio. A importância da iluminação em residências de pessoas idosas. **Revista Especialize On-line IPOG**, vol.01, p.1-17, 2014. ISSN: 2179-5568.

LEWICKA, Maria. What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 30, p. 35-51, 2010. DOI: 10.1016/j.jenvp.2009.05.004.

LEWICKA, Maria. Place attachment. How far we come in the last 40 years? **Journal of Environmental Psychology**, vol. 31, p. 207-230, 2011. DOI: doi:10.1016/j.jenvp.2010.10.001.

LIMA, Márcia Azevedo de. **A influência da dimensão, configuração e localização de conjuntos habitacionais na interação social**. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LONG, Yixiang; BARAN, Perver K. Does intelligibility affect place legibility? Understanding the relationship between objective and subjective evaluations of the urban environment. **Environment and Behavior**, vol. 44, n°5, p.616-640, 2010. DOI: 10.1177/ 0013916511402059.

LOPES, Ludmila Mara Banks Ferreira; TARALLI, Cibele Haddad. Jogos de mesa para idosos – análise e considerações sobre o dominó. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 9, São Paulo, 2010. **Anais...** São Paulo: P&D, out. 2010, p.1-14.

LORD, Sébastien; DESPRÉS, Carole; RAMADIER, Thierry. When mobility makes sense: a qualitative study of the daily mobility of the elderly. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 31, p.52-61. DOI:10.1016/j.jenvp.2010.02.007.

LYNCH, Kevin. **Planificación del sitio**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2° ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul, 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001. ISBN: 8586610313.

MANZO, Lynne. Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 23, p.47-61, 2003.

MANZO, Lynne; SEAMON, David; LEWICKA, Maria; HESTER, Randolph. Place attachment in the face of change. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 45, New Orleans, 2014. **Anais...** New Orleans: EDRA, mai.-jun. 2013, p. 294.

MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn; RUSSEL, Rob. **Urban Plazas**. In: MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn (Org.). People places. Design guidelines for urban open space. 2nd edition. New York: John Wiley & Sons, 1998, p.13-84. ISBN: 0471288330.

MARCUS, Clare Cooper; WATSKY, Clare Miller; INSLEY, Elliot; FRANCIS, Carolyn. **Neighborhood parks**. In: MARCUS, Clare Cooper; FRANCIS, Carolyn (Org.). People places. Design guidelines for urban open space. 2nd edition. New York: John Wiley & Sons, 1998b, p.13-84. ISBN: 0471288330.

MARSDEN, John P. Older persons' and family members' perceptions of homeyness in assisted living. **Environment and Behavior**, vol. 31, n° 3, p.84-106, 1999. DOI: 0.1177/ 00139169921972010.

MARQUEZ, David X.; HUNTER, Rebecca H.; GRIFFITH, Michelle H.; BRYANT, Lucinda L.; JANICEK, Sarah J.; ATHERLY Adam J. Older adult strategies for community wayfinding. **Journal of Applied Gerontology**, p.1-21, 2015. DOI: 10.1177/0733464815581481.

McCOY, H. Virginia; WOOLDREGE, John; CULLEN, Francis T.; DUBECK, Paula J.; BROWNING, Sandra L. Lifestyles of the old and not so fearful: life situation and older person's fear of crime. **Journal of Criminal Justice**, vol. 24, nº 3, p.191-205, 1996.

MENEC, Verena H.; MEANS, Robin; KEATING, Norah; PARKHURST, Graham; EALES, Jacquie. Conceptualizing age-friendly communities. **Canadian Journal on Aging**, vol. 30, nº03, p.479-493, 2011. DOI: 10.1017/S0714980811000237.

MERCADO, Ruben; PÁEZ, Antonio. Determinants of distance traveled with a focus on the elderly: a multilevel analysis in the Hamilton CMA, Canada. **Journal of Transport Geography**, vol. 17, p. 65-76, 2009. DOI:10.1016/j.jtrangeo.2008.04.012.

METZ, D.H. Mobility of older people and their quality of life. **Transport Policy**, vol. 7, p.149-152, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes – VIVA 2009, 2010 e 2011**. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2013.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Política nacional de mobilidade urbana sustentável. **Princípios e diretrizes aprovadas no conselho das cidades em setembro de 2004**. Brasília: Ministério das cidades, 2004.

MIRANDOLA, Andrea Ribeiro; BÓS, Ângelo José Gonçalves. Relação entre capacidades funcional e capacidade de tomada de decisão em idosos. **Pan American Journal of Aging Research**, vol. 3, nº 2, p.53-59, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2357-9641.2015.2.22532>.

MIRANDOLA, Andrea Ribeiro; LEWANDOWSKI, Andressa; SCHIRMER, Claudine Lamanna. **Sobre o “guia global: cidade amiga do idoso”**. In: BÓS, Ângelo José Gonçalves; MIRANDOLA, Andrea Ribeiro; LEWANDOWSKI, Andressa; SCHIRMER, Claudine Lamanna (Org.). Perfil dos idosos do Rio Grande do Sul. 1 ed. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2015. p. 33-40. ISBN: 78-85-60517-09-1.

MOJTAHEDI, Amin. Placing social capital in the campus: case study of the University of Wisconsin-Milwaukee. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 44, Providence, 2013. **Anais...** Providence: EDRA, mai.-jun. 2013, p. 113-121.

MONTEIRO, Cláudia Aline Soares; CRUZ, Magna Rosane; CARVALHO, Elieze Bulhões de. **Envelhecimento em trânsito**. In: FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza (Org.). Maturidade e velhice. Pesquisas e intervenções psicológicas. Volume II. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006, p.339 – 356.

MONTELLI, Clarissa C. Calderipe; REIS, Antônio Tarcísio da Luz. O efeito da estética no uso das praças: o caso de Pelotas/RS. In: Encontro nacional de tecnologia do ambiente construído, XII, Fortaleza, 2008. **Anais...** Fortaleza: ENTAC, out. 2008, p.1-10.

MOORER, Peter; SUURMEIJER, Theo P.B.M. The effects of neighborhoods on size of social network of the elderly and loneliness: a multilevel approach. **Urban Studies**, vol. 38, nº 1, p.105-118, 2001.



MORENCY, Catherine. PAEZ, Antonio; ROORDA, Matthew; MERCADO, Ruben; FARBER, Steven. Distance traveled in three Canadian cities: spatial analysis from the perspective of vulnerable population segments. **Journal of Transport Geography**, vol. 19, p.39-50, 2011.

NASAR, Jack. Symbolic meanings of house styles. **Environment and Behavior**, vol. 21, nº 3, p.235-257, 1989.

NASAR, Jack. Urban design aesthetics. The evaluative qualities of building exteriors. **Environment and Behavior**, vol. 26, nº 3, p.377-401, 1994.

NASVADI, Glenyth E.; WISTER, Andrew V. Informal social support and use of a specialized transportation system by chronically ill older adults. **Environment and Behavior**, vol. 38, nº2, p.209-225, 2009. DOI: 10.1177/0013916505277605.

NATHAN, Andrea; WOOD, Lisa; GILES-CORTI, Billie. Perceptions of the built environment and associations with walking among retirement village residents. **Environment and Behavior**, vol. 46, nº01, p.46-69, 2014. DOI: 10.1177/0013916512450173.

NAVARRO, Joel Hirtz do Nascimento; ANDRADE, Francini Porcher; PAIVA, Tiago Sousa; SILVA, Diovana Ourique da; GESSINGER, Cristiane Fernanda; BÓS, Ângelo José Gonçalves. Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, nº2, p.461-470, 2015. DOI: 10.1590/1413-81232015202.03712014.

NEWBOLD, K. Bruce; SCOTT, Darren M.; SPINNEY, Jamie E.L.; KANAROGLOU, Pavlos; PÁEZ, Antonio. Travel Behavior within Canada's older population: a cohort analysis. **Journal of Transport Geography**, vol. 13, p.340-351, 2005.

NIELSEN, Roberto. **Caxias do Sul figura como uma das cidades brasileiras mais violentas**. In: Jornal Pioneiro, 25 de Março de 2013. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/policia/noticia/2013/03/caxias-do-sul-figura-entre-as-cidades-brasileiras-mais-violentas-4084674.html>>. Acesso em: 07 de Maio de 2016.

NEWMAN, Oscar. **Creating defensible space**. Washington, D.C.: U.S. Department of housing and urban development office of policy development and research, 1996.

NOVAES, Rômulo D.; MIRANDA, Aline S.; DOURADO, Victor Z. Velocidade usual da marcha em brasileiros de meia idade e idosos. **Revista brasileira de fisioterapia**, vol. 15, nº 2, p.117-122, 2011. ISSN: 14133555.

O'CONNOR, Zena. Retiring gracefully? The interface between older people and retirement village environments. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 38, Sacramento, 2007. **Anais...** Sacramento: EDRA, mai.-jun.2007, p. 41-45.

OLIVEIRA, Fernanda Neves. **O idoso na propaganda**. 2008. Monografia (Curso de Comunicação Social), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **A ONU e as pessoas idosas**. In: Organização das Nações Unidas, 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>>. Acesso em: 14 de março de 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Active ageing: a policy framework**. Geneva: World Health Organization, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde – CIF**. Lisboa: OMS, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global age-friendly cities: a guide**. Geneva: World Health Organization, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS global report on falls prevention in older age**. Geneva: World Health Organization, 2007b.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Ageing and Health**. In: World Health Organization, Fevereiro, 2016. Disponível em: [www.OMS.int/healthinfo/survey/ageingdefol der/en](http://www.OMS.int/healthinfo/survey/ageingdefol der/en). Acesso em: 14 de março de 2016.

OVSTEDAL, Liv Rakel; LID, Inger Marie; LINDLAND, Terje. How to evaluate the effectiveness of a tactile surface indicator system? **International Congress Series**, vol. 1282, p.1051-1055, 2005. DOI: 10.1016/j.ics.2005.04.005.

OXLEY, Jennifer; CORBEN, Bruce; Fildes, Brian; O'HARE, Mary. **Older vulnerable road users – measures to reduce crash and injury risk**. Victoria: Monash University Accident Research Centre, 2004.

PÁEZ, Antonio; SCOTT, Darren; POTOGLLOU, Dimitris; KANAROGLOU, Pavlos; NEWBOLD, K. Bruce. Elderly mobility: demographic and spatial analysis of trip making in the Hamilton CMA, Canada. **Urban Studies**, vol. 44, n°1, p.123-146, 2007.

PARRA, Diana C.; GOMEZ, Luis F.; FLEISCHER, Nancy L.; PINZON, Jose David. Built environment characteristics and perceived active park use among older adults: results from a multilevel study in Bogotá. **Health & Place**, vol. 16, p.1174-1181, 2010. DOI: 10.1016/j.healthplace.2010.07.008

PASSINI, R. **Wayfinding in architecture**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1992.

PASSOS, A.L.O; ROCHA, S.S.; HADLICH, G.M. Evolução do uso do solo e agronegócio na região oeste do Estado da Bahia. **Caderno de Geociências**, n° 7, p. 31-39, 2010.

PEDROSO, Emmanuel Sá Resende. **A memória do idoso e a identidade da cidade como referências na análise da apropriação formal/espacial do espaço urbano**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PENDOLA, Rocco; GEN, Sheldon. Does “main street” promote sense of community? A comparison of San Francisco neighborhoods. **Environment and Behavior**, vol. 40, n°4, p.545-574, 2008.

PEREIRA, Gisele Silva; PORTELLA, Adriana Araújo Portella; SOPENA, Sirlene de Mello; CHIARELLI, Lígia Maria Ávila; CORREA, Celina Maria Britto Correa; COSTA, Tanara Gomes da Costa; LIBARDONI, Thaís Debli; MEDVEDOSKI, Nirce Saffer; WOOLRYCH, Ryan; SIXSMITH, Judith. Projetando lugares com idosos. Uma análise da produção acadêmica nacional. **Pixo**, vol. 2, n° 4, p.99-199, 2018.

PFÜTZENREUTER, Andréa Holz. **Viver a cidade, envelhecer na cidade. Os espaços públicos como interface para o envelhecimento pessoal**. 2014. Tese

(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

PFÜTZENREUTER, Andréa Holz. Rótulos ou diretrizes à mobilidade e ao envelhecimento ativo. In: Congresso Internacional Espaços Públicos, 1º, Porto Alegre, 2015. **Anais...** Porto Alegre: ESPAÇOS PÚBLICOS, 2015.

PHILLIPS, David R.; CHENG, Kevin H.; YEH, Anthony G.O.; SIU, Oi-Ling. Person-Environment (P-E) Fit Models and psychological well-being among older persons in Hong Kong. **Environment and Behavior**, vol. 42, nº 2, p.221-242, 2010. DOI: 10.1177/0013916509333426.

PIRES, Diana Lopes; PORTELLA, Adriana; SCHNEIDER, Carolina Gouvêa; MADEIRA, Luiza; MEDVEDOSKI, Nirce Saffer; HILLAL, Stéphanie Souza. Percepção do usuário idoso sobre o transporte público. Estudo de caso da cidade de Pelotas/RS. **Revista Píxo**, vol. 4, nº13, 2020.

PRADO, Tânia Maria Bigossi do; ARAGÃO, Vanderlea Bigossi. A imagem do idoso na publicidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXII, Curitiba, 2009. **Anais...** Curitiba: INTERCOM, 2009.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Lei complementar nº 290**, de 24 de Setembro de 2008, atualizada em Fevereiro de 2008. Plano Diretor do Município de Caxias do Sul. Disponível em: <[https://www.caxias.rs.gov.br/\\_uploads/.../plano\\_diretor\\_lei.pdf](https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/.../plano_diretor_lei.pdf)>.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Lei complementar nº 375**, de 22 de Dezembro de 2010. Código de Obras. Disponível em: <[https://www.caxias.rs.gov.br/\\_uploads/legislacao/lei\\_375.pdf](https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/legislacao/lei_375.pdf)>.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Guia do Idoso**. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul, 2015.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Perfil Socioeconômico. Caxias do Sul. Rio Grande do Sul - Brasil**. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul, 2015b.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Geo Caxias**. Disponível em: < <http://geopublico.caxias.rs.gov.br:8814/geocaxias/login>>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2016.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL (PMCS). **Conselho municipal do idoso**. In: Site da prefeitura de Caxias do Sul, s/d. Disponível em: < [https://www.caxias.rs.gov.br/conselho\\_idoso/texto.php?codigo=821](https://www.caxias.rs.gov.br/conselho_idoso/texto.php?codigo=821)>. Acesso em: 11 de Abril de 2016b.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Plano de Mobilidade de São Paulo**. São Paulo: 2015.

PRIETO-FLORES, Maria-Eugenia; FERNANDEZ-MAYORALAS, Gloria; FORJAZ, Maria João; ROJO-PEREZ, Fermina; MARTINEZ-MARTIN, Pablo. Residential satisfaction, sense of belonging and loneliness among older adults living in the community and in care facilities. **Health & Place**, vol.17, p.1183-1190, 2011. DOI: 10.1016/j.healthplace.2011.08.012.

Place-Making with Older Adults: Towards Age-Friendly Communities (PLACEAGE) Project. **Age friendly communities**. United Kingdom: PlaceAge, 2016:2019.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 19, nº 3, p.793-798, 2003.

RAMOS, Paulo Roberto Barbosa. **A velhice no século XXI**. In: STEPANSKY, Daizy Valmorbida; COSTA FILHO, Waldir Macieira da; MULLER, Neusa Pivatto (Orgs.). Estatuto do Idoso. Dignidade humana como foco. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013, p.12-29 . ISBN 978-85-60877-33-1.

RAPOPORT, Amos. **House form and culture**. London: Prentice-hall international, 1969.

RAYMOND, Christopher M.; BROWN, Gregory; WEBER, Delene. The measurement of place attachment: personal, community and environmental connections. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 30, p.422-434, 2010. DOI: 10.1016/j.jenvp.2010.08.002.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz. **Mass housing design, user participation and satisfaction**. 1992. Tese (Doutorado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura, Oxford, 1992.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz. Original and converted social housing: spatial configuration and residents' attitudes. International Space Syntax Symposium, 4, Londres, 2003. **Anais...** Londres, 2003.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. In: Encontro Nacional – Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, III, Gramado, 1995. **Anais...** Gramado: ANTAC, 1995.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. Habitação de interesse social: uma análise estética. **Ambiente Construído**, vol. 3, nº 4, p.7-19, 2003. ISSN 1415-8876.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, vol. 6, nº 3, p.21-34, 2006. ISSN: 1415-8876.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; MARQUETTO, Camila; LAY, Maria Cristina Dias. Acessibilidade, orientação espacial e ocupação dos espaços abertos em conjuntos habitacionais. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, XI, Florianópolis, 2006b. **Anais...** Florianópolis: ENTAC, ago. 2006, p.1269-1278

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; BIAVATTI, Camila Damiani; PEREIRA, Maria Lourdes. Estética urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual, valor histórico e familiaridade. **Ambiente construído**, vol. 11, nº 4, p. 185-204, 2011. ISSN 1678-8621.

RIOUX, L.; WERNER, C. Residential satisfaction among aging people living in place. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 31, p.158-169, 2011. DOI: 10.1016/j.jenvp.2010.12.001.

RODRIGUES, Iara Guimarães; FRAGA, Gustavo Pereira; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Quedas em idosos: fatores associados em estudo de base populacional.

Revista Brasileira de Epidemiologia, p.705-718, 2014. DOI: 10.1590/1809-4503201400030011.

RODRIGUES, Rodrigo; IMAI, César. Identificação de demandas de projeto em apartamento para usuários idosos por meio de modelos físicos. **Revista Projetar**, vol. 4, n° 1, 2019.

ROLLER, Chiara; DE PICCOLI, Norma. Place attachment, identification and environment perception: an empirical study. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 30, p. 198-205, 2010. DOI: 10.1016/j.jenvp.2009.12.003.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. ISBN: 8523006524.

ROSENBLOOM, Sandra. Sustainability and automobility among the elderly: an international assessment. **Transportation**, vol. 38, p.375-408, 2001.

ROWLAND, Donald T. **Global population aging: history and prospects**. In: UHLENBERG, Peter (org.). International handbook of population aging. Hamilton Hall: Springer, 2009, p.37-68.

ROWLES, Graham D. Place and personal identity in old age: observations from appalachia. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 3, p.299-313, 1983.

SAELEN, Brian; SALLIS, James F.; FRANK, Lawrence D. Environmental correlates of walking and cycling: findings from the transportation, urban design, and planning literatures. **Annals of Behavioral Medicine**, vol. 25, n°2, 2003.

SALVADOR, Emanuel Pérciles. **Atividade física e sua associação com o ambiente em idosos residentes no distrito de Ermelino Matarazzo da Zona Leste do município de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANT'ANNA, Rogéria Motta de. **Mobilidade e segurança no trânsito da população idosa: um estudo descritivo sobre a percepção de pedestres idosos e de especialistas em engenharia de tráfego**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Transportes), Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SARKAR, Chinmoy; GALLACHER, John; WEBSTER, Chris. Urban built environment configuration and psychological distress in older men: results from Caerphilly study. **BMC Public Health**, vol. 13, n° 695, p.1-11, 2013. DOI: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/13/695>.

SATARIANO, William. **Epidemiology of aging. An Ecological approach**. Sudbury: Jones and Bartlett Publishers, 2006. ISBN-13: 978-0763726553.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining place attachment: a tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 30, p. 1-10, 2010. DOI: 10.1016/j.jenvp.2009.09.006.

SCHLINWEIN, Jaqueline Renata. Segregação urbana e ambiental: uma análise da cidade de Caxias do Sul/RS. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 40, p. 181-198, 2013.



SCHMOCKER, Jan-Dirk; QUDDUS, Mohammed A.; NOLAND, Robert B.; BELL, Michael G.H. Estimating trip generation of the elderly and disabled: an analysis of London data, vol. 1924, p.9-18, 2005.

SCHMOCKER, Jan-Dirk; QUDDUS, Mohammed A.; NOLAND, Robert B.; BELL, Michael G.H. Mode choice of older and disabled people: a case study of shopping trips in London. **Journal of Transport Geography**, vol. 16, p.257-267, 2008.

SHOVAL, Noam; WAHL, Hans-Werner; AUSLANDER, Gail; ISAACSON, Michal; OSWALD, Frank; ENDRY, Tamar; LANDAU, Ruth; HEINIK, Jeremia. Use of the global positioning system to measure the out-of-home mobility of older adults with differing cognitive functioning. **Ageing and Society**, vol. 31, n° 05, p. 849-869, 2011. DOI: 10.1017/S0144686X10001455.

SILVA, Maria Josefina da; LOPES, Marcos Venícios de Oliveira; ARAÚJO, Maria Fátima Maciel; MORAES, Gerídice Lorna Andrade. Avaliação do grau de dependência nas atividades de vida diária em idosos da cidade de Fortaleza – Ceará. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol, 19, n°2, p.201-206, 2006.

SILVA, Afonso Carlos. **Processo natural do envelhecimento**. In: SILVA, José Vitor da. (Org.). Saúde do idoso e a Enfermagem: processo de envelhecimento sob múltiplos aspectos. 1 ed. São Paulo: Iátria, 2009. p. 23-33. ISBN: 9788576140597.

SILVA, Aline Martins da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009b.

SOUZA, Léa Cristina Lucas de; ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís; NASCIMENTO, Luís Renato do. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica**: ouvindo a arquitetura. 5ª ed. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

SPINNEY, Jamie E.L.; SCOTT, Darren M.; NEWBOLD, Bruce. Transport mobility benefits and quality of life: a time-use perspective of elderly Canadians. **Transport Policy**, vol. 16, p.1-11, 2009.

STAHL, Agneta; NEWMAN, Emma; DAHLIN-IVANOFF, Synneve; ALMÉN, Mai; IWARSSON, Sussane. Detection of warning surfaces in pedestrian environments: the importance for blind people of kerbs, depth, and structure of tactile surfaces. **Disability and Rehabilitation**, vol, 32, n°6, p.469-482, 2010. DOI: 10.3109/09638280903171543.

STAMPS, Arthur E. **Psychology and the aesthetics of the built environment**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2000.

SU, Fengming; SCHMOCKER, Jan-Dirk; BELL, Michael G.H. Mode choice of older people before and after shopping. **Journal of Transport and Land Use**, vol. 2, n°1, p.29-46, 2009.

SUGIHARA, Shiho; EVANS, Gary W. Place attachment and social support at continuing care retirement communities. **Environment and Behavior**, vol. 32, n°3, p.400-409, 2000.

SUGIYAMA, Takemi; THOMPSON, Catharine Ward; ALVES, Susana. Associations between neighborhood open space attributes and quality of life for older people in

Britain. **Environment and Behavior**, vol. 41, nº1, p.3-21, 2009. DOI: 10.1177/00139165 07311688.

SULLIVAN, William C.; CHANG, Chun-Yen. **Mental health and the built environment**. In: DANNENBERG, Andrew; FRUMKIN, Howard; JACKSON, Richard J. (org). Making healthy places. Designing and building for health, well-being and sustainability. Washington: Island Press, 2011, p.106-116.

TALEN, Emily. Sense of community and neighborhood form: an assessment of the social doctrine of new urbanism. **Urban Studies**, vol. 36, nº 8, p.1361-1379, 1999.

TAVARES, Ademario Santos. **Acessibilidade em instituições para idosos – a ergonomia do ambiente construído sob a luz do método do espectro da acessibilidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Design), Faculdade de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2014.

TAYLOR, Ralph B. **Human territorial functioning: an empirical, evolutionary perspective on individual and small group territorial cognitions, Behaviors and consequences**. New York: Cambridge University, 1988.

THIES, S.B.; KENNEY, L.P.J.; HOWARD, D.; NESTER, C.; ORMEROD, M.; NEWTON, R.; BAKER, R.; FARUK, M.; MACLENNAN, H. Biomechanics for inclusive urban design: effects of tactile paving on older adults' gait when crossing the street. **Journal of Biomechanics**, vol. 44, p.1599-1604, 2011. DOI: 10.1016/j.jbiomech.2010.12.016.

THOMPSON, Catharine Ward; SUGIYAMA, Takemi; ASPINALL, Peter; ALVES, Susana. What attributes do older people prefer in accessing their local open space? Mapping the role of the environment by the use of choice-based conjoint analysis. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 38, Sacramento, 2007. **Anais...** Sacramento: EDRA, mai.-jun. 2007, p. 217.

TORONTO PUBLIC HEALTH. **Healthy streets. Evidence review**. Toronto: Healthy Public Policy Directorate, 2014.

TWIGGER-ROSS, Clare; UZZEL, David. Place and identity processes. **Journal of Environmental Psychology**, vol. 16, p.205-220, 1996.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, p. 76-78, 2005.

VAN DEN BERG, Pauline; ARENTZE, Theo; TIMMERMAN, Harry. Estimating social travel demand of senior citizens in the Netherlands. **Journal of Transport Geography**, vol. 19, 2011, p. 323-331. DOI: 10.1016/j.jtrangeo.2010.03.018.

VAN DEN BERG, Pauline; KEMPERMAN, Astrid; DE KLEIJN, Boy; BORGERS, Aloys. Ageing and loneliness: the role of mobility and the built environment. **Travel behavior and society**, 2015.

VAN DEN BERG, Pauline; KEMPERMAN, Astrid; TIMMERMAN, Harry. Social interaction location choice: a latent class modeling approach. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 104, nº 5, p.959-972, 2014.

VIANA, João Fidalgo da Silva. **Porto, cidade amiga das pessoas idosas: um estudo centrado na perspectiva de idosos das Freguesias de Miragaia e Vitória**. 2010.

Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2010.

VIEIRA, Edgar R.; LIM, Hyun-Hwa; BRUNT, Denis; HALLAL, Camilla Z.; KINSEY, Laura; ERRINGTON, Lisa; GONÇALVES, Mauro. Temporo-spatial gait parameters during street crossing conditions: a comparison between younger and older adults. **Gait & Posture**, vol. 41, p.510-515, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.gaitpost.2014.12.001>.

VOORDT, Theo J. M. van der; WEGEN, Herman B.R. van. The delft checklist on safe neighborhoods. **Journal of Architectural and Planning Research**, vol. 10, n°4, 1993, p.341-356. ISSN: 07380895.

WAHL, Hans-Werner. **Introduction: the person-environment perspective in ageing research**. In: WAHL, Hans-Werner; BRENNER, Hermann; MOLLENKOPF, Heidrun; ROTHENBACHER, Dietrich; ROTT, Christoph (Org.). The many faces of health, competence and well-being in old age: Integrating epidemiological, psychological and social perspectives. Holanda: Springer, 2006. p. 3-6. ISBN-10 1-4020-4137-3.

WAHL, Hans-Werner; OSWALD, Frank. **Environmental perspectives on ageing**. In: DANNEFER, Dale; PHILLIPSON, Chris (Org.). The Sage Handbook of Social Gerontology. London: Sage, 2010, p.11-124. ISBN: 9781446270479.

WANG, Y.; CHAU, C.K.; NG, W.Y.; LEUNG, T.M. A review on the effects of physical environment attributes on enhancing walking and cycling activity levels within residential neighborhoods. **Cities**, vol. 50, p.1-15, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cities.2015.08.004>.

WANG, Zhe; LEE, Chanam. Site and neighborhood environments for walking among older adults. **Health & Place**, vol. 16, p.1268-1279, 2010. DOI: 10.1016/j.healthplace.2010.08.015.

WEBB, Jennifer D.; WEBER, Margaret J. Influence os sensory abilities on the interpersonal distance of the elderly. **Environment and Behavior**, vol. 35, n°5, p.695-711, 2003. DOI: 10.1177/0013916503251473.

WERNGREN-ELGSTRÖM, Monica; CARLSSON, Gunilla; IWARSSON, Susanne. A 10-year follow-up study on subjective well-being and relationships to person-environment (P-E) fit and activity of daily living (ADL) dependence of older Swedish adults. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, vol. 49, p.16-22, 2009. DOI: 10.1016/j.archger.2008.08.001.

WILLIAMSON, Kelly. Mobile community center: a solution for FEMA trailer parks in the southern gulcoast region. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 38, Sacramento, 2007. **Anais...** Sacramento: EDRA, mai.-jun.2007, p. 23-33.

WOOLRYCH, Ryan; DUVURRRU, Jamuna; PORTELLA, Adriana; SIXSMITH, Judith; MENEZES, Deborah; FISHER, JENNY; LAWTHON, Rebecca; REDDY, Srikanth; DATTA, Anapama; CHAKRAVARTY, Indrani; KHAN, Abdul Majeed; MURRAY, Michael; MAKITA, Meiko; ZUBAIR, Maria; PEREIRA, Gisele. Ageing in urban neighborhoods: exploring place insidenesss amongst older adults in Indiz, Brasil and the United Kingdom. **Psychology and developing societies**, vol. 32, n°2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0971333620937106>.

WOOLRYCH, Ryan; SIXSMITH, Judith; FISHER, Jenny; MAKITA, Meiko. Constructing and negotiating social participation in older adults living in urban environments in the United Kingdom. **Aging and society**, vol. 41, 2019.

YAN, Bingqiu; GAO, Xiaolu; LYON, Michael. Modeling satisfaction amongst the elderly in different Chinese urban neighborhoods. **Social Science & Medicine**, vol. 118, p.127-134, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.08.004>.

YOKOYAMA, Yurika. Attachment to contemporary planned environments: emotion, meaning, objects and processes. In: Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 46, Los Angeles, 2015. **Anais...** Los Angeles: EDRA, mai.2015, p. 212.

ZEITLER, Elisabeth; BUYS, Laurie; AIRD, Rosemary; MILLER, Evonne. Mobility and active ageing in suburban environments: findings from in-depth interviews and person-based GPS tracking. **Current Gerontology and Geriatrics Research**, vol. 2012, p.1-11, 2012. DOI: 10.1155/2012/257186.

## ANEXO 1 - TABELAS COMPLEMENTARES

Neste anexo serão apresentadas as tabelas que nos capítulos 5 e 6 foram demonstradas resumidas em razão de algumas das respostas não terem sido mencionadas, por 25% dos respondentes em uma das faixas etárias.

**Tabela A1:** Razões para o nível de satisfação com a residência no Bairro Nossa Senhora de Fátima, por tempo de moradia e faixa etária

Razões para o nível de satisfação com a residência	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou + 1 (100)	Total 50 (100)
Sensação de conforto	De 6 a 15	3 de 4 – 75%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	3 de 5 – 60%
	De 16 a 29	8 de 9 – 88,9%	3 de 4 – 75%	0 de 0 – 0%	11 de 13 – 84,6%
	De 30 a 49	17 de 18 – 94,4%	8 de 9 – 88,9%	0 de 1 – 0%	25 de 28 – 89,2%
	De 50 ou mais	1 de 2 – 50%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
<b>Total parcial</b>		<b>29 de 33 – 87,9%</b>	<b>11 de 16 – 68,8%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>40 de 50 – 80%</b>
Pela residência receber iluminação solar	De 6 a 15	3 de 4 – 75%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	3 de 5 – 60%
	De 16 a 29	7 de 9 – 77,8%	2 de 4 – 50%	0 de 0 – 0%	9 de 13 – 69,2%
	De 30 a 49	11 de 18 – 61,1%	6 de 9 – 66,7%	1 de 1 – 100%	18 de 28 – 64,5%
	De 50 ou mais	2 de 2 – 100%	2 de 2 – 100%	0 de 0 – 0%	4 de 4 – 100%
<b>Total parcial</b>		<b>23 de 33 – 69,7%</b>	<b>10 de 16 – 62,5%</b>	<b>1 de 1 – 100%</b>	<b>34 de 50 – 68%</b>
Dimensão dos ambientes internos	De 6 a 15	4 de 4 – 100%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 5 – 100%
	De 16 a 29	6 de 9 – 66,7%	2 de 4 – 50%	0 de 0 – 0%	8 de 13 – 61,5%
	De 30 a 49	12 de 18 – 66,7%	5 de 9 – 55,6%	1 de 1 – 100%	18 de 28 – 64,3%
	De 50 ou mais	2 de 2 – 100%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 4 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>24 de 33 – 72,7%</b>	<b>8 de 16 – 50%</b>	<b>1 de 1 – 100%</b>	<b>33 de 50 – 66%</b>
Dimensão total da residência	De 6 a 15	3 de 4 – 75%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	4 de 5 – 80%
	De 16 a 29	7 de 9 – 77,8%	1 de 4 – 25%	0 de 0 – 0%	8 de 13 – 61,5%
	De 30 a 49	11 de 18 – 61,1%	4 de 9 – 44,4%	0 de 1 – 0%	15 de 28 – 53,5%
	De 50 ou mais	2 de 2 – 100%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 4 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>23 de 33 – 69,7%</b>	<b>6 de 16 – 37,5%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>29 de 50 – 58%</b>
Distribuição espacial da residência	De 6 a 15	3 de 4 – 75%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	3 de 5 – 60%
	De 16 a 29	7 de 9 – 77,8%	1 de 4 – 25%	0 de 0 – 0%	8 de 13 – 61,5%
	De 30 a 49	10 de 18 – 55,6%	4 de 9 – 44,4%	1 de 1 – 100%	15 de 28 – 53,5%
	De 50 ou mais	1 de 2 – 50%	2 de 2 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>21 de 33 – 63,6%</b>	<b>7 de 16 – 43,8%</b>	<b>1 de 1 – 100%</b>	<b>29 de 50 – 58%</b>
Beleza da residência	De 6 a 15	3 de 4 – 75%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	3 de 5 – 60%
	De 16 a 29	8 de 9 – 88,9%	3 de 4 – 75%	0 de 0 – 0%	11 de 13 – 84,6%
	De 30 a 49	10 de 18 – 55,6%	3 de 9 – 33,3%	1 de 1 – 100%	14 de 28 – 50%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>21 de 33 – 63,6%</b>	<b>6 de 16 – 37,5%</b>	<b>1 de 1 – 100%</b>	<b>28 de 50 – 56%</b>
Presença de jardim e/ou quintal	De 6 a 15	0 de 4 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 16 a 29	3 de 9 – 33,3%	1 de 4 – 25%	0 de 0 – 0%	4 de 13 – 30,7%
	De 30 a 49	7 de 18 – 38,9%	4 de 9 – 44,4%	0 de 1 – 0%	11 de 28 – 39,2%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>10 de 33 – 30,3%</b>	<b>5 de 16 – 31,3%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>15 de 50 – 30%</b>
Dimensão do lote	De 6 a 15	1 de 4 – 25%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 5 – 20%
	De 16 a 29	3 de 9 – 33,3%	0 de 4 – 0%	0 de 0 – 0%	3 de 13 – 23%
	De 30 a 49	5 de 18 – 27,8%	2 de 9 – 22,2%	0 de 1 – 0%	7 de 28 – 25%
	De 50 ou mais	2 de 2 – 100%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 4 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>11 de 33 – 33,3%</b>	<b>2 de 16 – 12,5%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>13 de 50 – 26%</b>
Presença de horta	De 6 a 15	0 de 4 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 16 a 29	1 de 9 – 11,1%	2 de 4 – 50%	0 de 0 – 0%	3 de 13 – 23%
	De 30 a 49	7 de 18 – 38,9%	2 de 9 – 22,2%	0 de 1 – 0%	9 de 28 – 32,1%
	De 50 ou mais	0 de 2 – 0%	0 de 2 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>8 de 33 – 24,2%</b>	<b>4 de 16 – 25%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>12 de 50 – 24%</b>
Propriedade da residência	De 16 a 29	2 de 9 – 22,2%	1 de 4 – 33,3%	0 de 0 – 0%	3 de 13 – 23%
	De 30 a 49	4 de 18 – 22,2%	2 de 9 – 22,2%	0 de 1 – 0%	6 de 28 – 23%
<b>Total parcial</b>		<b>6 de 27 – 22,2%</b>	<b>3 de 13 – 23%</b>	<b>0 de 1 – 0%</b>	<b>9 de 41 – 22,2%</b>

Continua na próxima página



A residência passa uma sensação de segurança	De 30 a 49	1 de 18 – 100%	0 de 9 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 28 – 4%
<b>Total parcial</b>		1 de 18 – 6%	0 de 9 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 28 – 4%
Residência com problemas de manutenção	De 16 a 29	0 de 9 – 0%	1 de 4 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 13 – 8%
	De 30 a 49	0 de 18 – 0%	1 de 9 – 100%	0 de 1 – 0%	1 de 28 – 4%
<b>Total parcial</b>		0 de 27 – 0%	2 de 13 – 15%	0 de 1 – 0%	2 de 41 – 5%

**Tabela A2:** Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro Rio Branco por faixa etária

Razões para gostar do bairro	Faixa etária dos respondentes			Total 32 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 13 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 14 (100%)	Faixa 3 80 anos ou + 5 (100%)	
Laços de amizade com os vizinhos	12 (92,3%)	11 (78,6%)	4 (80%)	27 (84,4%)
Proximidade de comércio e serviços básicos	11 (84,6%)	7 (50%)	2 (40%)	20 (62,5%)
Propriedade da residência	10 (76,9%)	7 (50%)	2 (40%)	19 (59,4%)
Proximidade do bairro do centro da cidade	9 (69,2%)	6 (42,9%)	3 (60%)	18 (56,3%)
Residência próxima à parentes	9 (69,2%)	6 (42,9%)	2 (40%)	17 (53,1%)
Facilidade de acesso ao transporte público	7 (53,8%)	6 (42,9%)	3 (60%)	16 (50%)
Tem tudo o que precisa	7 (53,8%)	5 (35,7%)	1 (20%)	13 (40,6%)
Por estar acostumado(a) com o bairro	6 (46,1%)	3 (21,4%)	3 (60%)	12 (37,5%)
O bairro é bom	2 (15,4%)	4 (28,6%)	2 (40%)	8 (25%)
Segurança em relação a crimes	3 (23,1%)	4 (28,6%)	1 (20%)	8 (25%)
O bairro é tranquilo	2 (15,4%)	4 (28,6%)	0 (0,0%)	6 (18,8%)
Mora no bairro desde criança	0 (0,0%)	3 (21,4%)	0 (0,0%)	3 (9,4%)
O bairro é bem localizado	1 (7,7%)	2 (14,3%)	0 (0,0%)	3 (9,4%)
Encontrar amigos na Praça do Trem	0 (0,0%)	2 (14,3%)	0 (0,0%)	2 (6,3%)
Faz todas as suas atividades no bairro	0 (0,0%)	1 (7,1%)	1 (20%)	2 (6,3%)
Frequenta a Igreja	1 (7,7%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	2 (6,3%)
O bairro é bonito	0 (0,0%)	2 (14,3%)	0 (0,0%)	2 (6,3%)
Possui memórias alegres no bairro	0 (0,0%)	2 (14,3%)	0 (0,0%)	2 (6,3%)
Se vive bem no bairro	1 (7,7%)	0 (0,0%)	1 (20%)	2 (6,3%)
Boa convivência com os vizinhos	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (20%)	1 (3,1%)
Diversidade de linhas de ônibus	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Encontra os amigos na Igreja	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (20%)	1 (3,1%)
Encontrar amigos no shopping	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
O bairro é caminho para outros bairros	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
O bairro é próximo ao Parque Cinquentenário	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
O bairro tem vida própria	1 (7,7%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Parentes visitam a residência do idoso	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (20%)	1 (3,1%)
Participa de campeonatos de bocha	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Passeia com a família no shopping	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Moradores do bairro são boas pessoas	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Não possui condições financeiras de se mudar	0 (0,0%)	1 (7,1%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)
Sede do exército passa a sensação de segurança	1 (7,7%)	2 (14,3%)	0 (0,0%)	1 (3,1%)

**Tabela A3:** Razões para o nível de satisfação com a residência no Bairro Rio Branco, por tempo de moradia e faixa etária

Razões para o nível de satisfação com a residência	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou + 1 (100)	Total 50 (100)
Propriedade da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	14 de 15 – 93,3%	2 de 2 – 100%	24 de 27 – 88,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	6 de 6 – 100%	5 de 5 – 100%	0 de 12 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>24 de 26 – 92,3%</b>	<b>7 de 7 – 100%</b>	<b>44 de 50 – 88%</b>
Sensação de conforto	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 6 – 50%
	De 30 a 49	9 de 10 – 90%	11 de 15 – 73,3%	1 de 2 – 50%	21 de 27 – 77,8%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	4 de 6 – 66,7%	4 de 5 – 80%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>19 de 26 – 73,1%</b>	<b>5 de 7 – 71,4%</b>	<b>37 de 50 – 74%</b>
Proximidade de comércio e serviços básicos	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%

Continua na próxima página

	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	2 de 3 – 66,7%	0 de 0 – 0%	4 de 6 – 66,7%
	De 30 a 49	5 de 10 – 50%	9 de 15 – 60%	2 de 2 – 100%	16 de 27–59,3%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	5 de 6 – 83,3%	2 de 5 – 40%	7 de 12 – 58,3%
<b>Total parcial</b>		<b>9 de 17 – 52,9%</b>	<b>17 de 26 – 65,4%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>30 de 50 – 60%</b>
Presença de horta	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	3 de 6 – 50%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	6 de 27–22,2%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	3 de 5 – 60%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>7 de 17 – 41,2%</b>	<b>9 de 26 – 34,6%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>19 de 50 – 38%</b>
Presença de jardim/quintal	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 6 – 33,3%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	3 de 15 – 20%	0 de 2 – 0%	7 de 27–25,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	4 de 6 – 66,7%	4 de 5 – 80%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>7 de 17 – 41,2%</b>	<b>8 de 26 – 34,6%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>19 de 50 – 38%</b>
Dimensão dos ambientes internos	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	1 de 3 – 33,3%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	4 de 6 – 66,7%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	1 de 15 – 6,7%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	3 de 6 – 50%	3 de 5 – 60%	6 de 12 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>6 de 17 – 35,3%</b>	<b>8 de 26 – 34,6%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>17 de 50 – 34%</b>
Beleza da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	1 de 6 – 16,7%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	4 de 15 – 26,7%	0 de 2 – 0%	8 de 27 – 29,6%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 16,7%	2 de 5 – 40%	3 de 12 – 25%
<b>Total parcial</b>		<b>4 de 17 – 23,5%</b>	<b>7 de 26 – 26,9%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>13 de 50 – 26%</b>
Distribuição espacial da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 20%
	De 16 a 29	1 de 3 – 33,3%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	2 de 6 – 33,3%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	2 de 6 – 33,3%	1 de 5 – 20%	4 de 12 – 33,3%
<b>Total parcial</b>		<b>6 de 17 – 35,3%</b>	<b>5 de 26 – 19,2%</b>	<b>1 de 7 – 14,3%</b>	<b>12 de 50 – 24%</b>
Dimensão da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	3 de 6 – 50%	2 de 5 – 40%	6 de 12 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>4 de 17 – 23,5%</b>	<b>5 de 26 – 19,2%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>11 de 50 – 22%</b>
Dimensão do lote	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	2 de 10 – 20%	1 de 15 – 6,7%	0 de 2 – 0%	3 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	2 de 6 – 33,3%	2 de 5 – 40%	5 de 12 – 41,7%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>3 de 26 – 11,5%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>8 de 50 – 16%</b>
Residência antiga	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 67%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	2 de 10 – 20%	0 de 15 – 0%	1 de 2 – 50%	3 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	2 de 6 – 33,3%	0 de 5 – 0%	5 de 12 – 41,7%
<b>Total parcial</b>		<b>4 de 17 – 24%</b>	<b>3 de 26 – 12%</b>	<b>1 de 7 – 14%</b>	<b>8 de 50 – 16%</b>
Pela residência ser segura em relação a crimes	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	3 de 15 – 20%	1 de 2 – 50%	5 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	0 de 12 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 17 – 6%</b>	<b>3 de 26 – 12%</b>	<b>1 de 7 – 14%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
Residência com problemas de manutenção	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 4 – 50%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	1 de 15 – 20%	0 de 2 – 50%	2 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	1 de 12 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 18%</b>	<b>2 de 26 – 8%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
A residência receber iluminação solar	Menos de 1 a 5	0 de 0 - 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	1 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 6 – 17%
	De 30 a 49	0 de 10 – 10%	1 de 15 – 20%	1 de 2 – 50%	2 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	1 de 12 – 8%

Continua na próxima página

<b>Total parcial</b>		0 de 17 – 0%	4 de 26 – 16%	1 de 14 – 0%	5 de 50 – 10%
Residência não adaptada a pessoas idosas	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	1 de 10 – 10%	1 de 15 – 20%	0 de 2 – 50%	2 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 0%	0 de 5 – 0%	1 de 12 – 8%
<b>Total parcial</b>		2 de 17 – 12%	2 de 26 – 8%	0 de 14 – 0%	4 de 50 – 8%

**Tabela A4:** Razões mencionadas nas entrevistas para gostar do Bairro São Pelegrino, por faixa etária

Razões para gostar do bairro	Faixa etária dos respondentes			Total 45 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 8 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 30 (100%)	Faixa 3 80 anos ou + 7 (100%)	
Tem tudo o que precisa	7 (87,5%)	16 (53,3%)	4 (57,1%)	27 (60%)
Proximidade de comércios e serviços básicos	5 (62,5%)	13 (43,3%)	4 (57,1%)	22 (48,9%)
Laços de amizade com os vizinhos	1 (12,5%)	17 (56,7%)	3 (42,9%)	21 (46,7%)
Propriedade da residência	4 (50%)	12 (40%)	4 (57,1%)	20 (44,4%)
Pelo bairro ser parte do centro da cidade	3 (37,5%)	13 (43,3%)	4 (57,1%)	20 (44,4%)
Facilidade de acesso ao transporte público	3 (37,5%)	10 (33,3%)	4 (57,1%)	17 (37,8%)
Por estar acostumado ao bairro	2 (25%)	7 (23,3%)	1 (14,3%)	10 (22,2%)
Por estar acostumado com tudo que o bairro tem	2 (25%)	4 (13,3%)	1 (14,3%)	7 (15,6%)
Não quer se mudar	0 (0,0%)	3 (10%)	0 (0,0%)	3 (6,7%)
Residência próxima a parentes	1 (12,5%)	1 (3,3%)	0 (0,0%)	1 (2,2%)
Não precisa caminhar muito	0 (0,0%)	1 (3,3%)	0 (0,0%)	1 (2,2%)
Possui memórias alegres no bairro	0 (0,0%)	1 (3,3%)	0 (0,0%)	1 (2,2%)
Segurança em relação a crimes	1 (12,5%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2,2%)

**Tabela A5:** Sugestões de melhoria para o Bairro São Pelegrino, por faixa etária

O que precisa ser melhorado no bairro	Faixa etária dos respondentes			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 10 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 33 (100%)	Faixa 3 80 anos ou + 7 (100%)	
A necessidade por um maior efetivo policial	8 (80%)	30 (90,9%)	6 (85,7%)	44 (88%)
A necessidade por melhorias no calçamento das ruas	8 (80%)	29 (87,9%)	7 (100%)	44 (88%)
A necessidade de ampliar o tempo da sinaleira para a travessia de pedestres	8 (80%)	28 (84,8%)	5 (71,4%)	41 (82%)
A necessidade de adição de limitadores de velocidade	7 (70%)	25 (75,8%)	4 (57,1%)	36 (72%)
O vandalismo nas edificações e mobiliários urbanos	6 (60%)	27 (81,8%)	3 (42,9%)	36 (72%)
A necessidade por reduzir o volume de trânsito	7 (70%)	22 (66,7%)	5 (71,4%)	34 (68%)
A necessidade por melhorias da limpeza urbana	6 (60%)	17 (51,5%)	5 (71,4%)	28 (56%)
A necessidade por adotar um modelo melhor de sinalização semafórica	3 (30%)	19 (57,6%)	2 (28,6%)	24 (49%)
A necessidade de redução do barulho provocado por veículos	5 (50%)	15 (45,5%)	4 (57,1%)	24 (49%)
A necessidade por melhorias na iluminação urbana	3 (30%)	12 (36,4%)	1 (14,3%)	17 (34%)
A necessidade por melhorias dos equipamentos e mobiliários urbanos	2 (20%)	11 (33,3%)	3 (42,9%)	17 (34%)
A necessidade por melhorias da sinalização das ruas – placas de indicação de locais	2 (20%)	12 (36,4%)	1 (14,3%)	16 (32%)
A necessidade por um recolhimento mais frequente do lixo	1 (10%)	6 (18,2%)	2 (28,6%)	10 (20%)

**Tabela A6:** Razões para o nível de satisfação com a residência no Bairro São Pelegrino, por tempo de moradia e faixa etária

Razões para o nível de satisfação com a residência	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou + 1 (100)	Total 50 (100)
Propriedade da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	14 de 15 – 93,3%	2 de 2 – 100%	24 de 27 – 88,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	6 de 6 – 100%	5 de 5 – 100%	12 de 12 – 100%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>24 de 26 – 92,3%</b>	<b>7 de 7 – 100%</b>	<b>44 de 50 – 88%</b>

Continua na próxima página

Sensação de conforto	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 6 – 50%
	De 30 a 49	9 de 10 – 90%	11 de 15 – 73,3%	1 de 2 – 50%	21 de 27 – 77,8%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	4 de 6 – 66,7%	4 de 5 – 100%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>19 de 26 – 92,3%</b>	<b>5 de 7 – 71,4%</b>	<b>37 de 50 – 74%</b>
Proximidade de comércios e serviços básicos	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	2 de 3 – 66,7%	0 de 0 – 0%	4 de 6 – 66,7%
	De 30 a 49	5 de 10 – 50%	9 de 15 – 60%	2 de 2 – 100%	16 de 27 – 59,3%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	5 de 6 – 83,3%	2 de 5 – 40%	7 de 12 – 58,3%
<b>Total parcial</b>		<b>9 de 17 – 52,9%</b>	<b>17 de 26 – 65,4%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>30 de 50 – 60%</b>
Presença de horta	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	3 de 6 – 50%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	6 de 27 – 22,2%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	3 de 5 – 60%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>7 de 17 – 41,2%</b>	<b>9 de 26 – 34,6%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>19 de 50 – 38%</b>
Presença de jardim/quintal	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	2 de 6 – 33,3%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	3 de 15 – 20%	0 de 2 – 0%	7 de 27 – 25,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	4 de 6 – 66,7%	4 de 5 – 80%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>7 de 17 – 41,2%</b>	<b>8 de 26 – 34,6%</b>	<b>4 de 7 – 57%</b>	<b>19 de 50 – 38%</b>
Dimensões dos ambientes internos	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	1 de 3 – 33,3%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	4 de 6 – 66,7%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	1 de 15 – 6,7%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	3 de 6 – 50%	3 de 5 – 60%	6 de 12 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>6 de 17 – 35,3%</b>	<b>8 de 26 – 34,6%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>17 de 50 – 34%</b>
Beleza da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	1 de 6 – 16,7%
	De 30 a 49	4 de 10 – 40%	4 de 15 – 26,7%	0 de 2 – 0%	8 de 27 – 29,6%
	De 50 ou mais	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 16,7%	2 de 5 – 40%	3 de 12 – 25%
<b>Total parcial</b>		<b>4 de 17 – 23,5%</b>	<b>7 de 26 – 26,9%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>13 de 50 – 26%</b>
Distribuição espacial da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	1 de 3 – 33,3%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	2 de 6 – 33,3%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	2 de 6 – 33,3%	1 de 5 – 20%	4 de 12 – 33,3%
<b>Total parcial</b>		<b>6 de 17 – 35,3%</b>	<b>5 de 26 – 19,2%</b>	<b>1 de 7 – 14,3%</b>	<b>12 de 50 – 24%</b>
Dimensão da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	3 de 10 – 30%	2 de 15 – 13,3%	0 de 2 – 0%	5 de 27 – 18,5%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	3 de 6 – 50%	2 de 5 – 40%	6 de 12 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>4 de 17 – 23,5%</b>	<b>5 de 26 – 19,2%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>11 de 50 – 22%</b>
Dimensão do lote	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	0 de 3 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 6 – 0%
	De 30 a 49	2 de 10 – 20%	1 de 15 – 6,7%	0 de 2 – 0%	3 de 27 – 11,1%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	2 de 6 – 33,3%	2 de 5 – 40%	5 de 12 – 41,7%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 17 – 17,6%</b>	<b>3 de 26 – 11,5%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>8 de 50 – 16%</b>
Pela residência receber iluminação natural	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	14 de 15 – 93,3%	2 de 2 – 100%	24 de 27 – 88,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	6 de 6 – 100%	5 de 5 – 100%	12 de 12 – 100%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>19 de 26 – 92,3%</b>	<b>5 de 7 – 71,4%</b>	<b>37 de 50 – 74%</b>
Residência antiga	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	14 de 15 – 93,3%	2 de 2 – 100%	24 de 27 – 88,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	6 de 6 – 100%	5 de 5 – 100%	12 de 12 – 100%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>19 de 26 – 92,3%</b>	<b>5 de 7 – 71,4%</b>	<b>37 de 50 – 74%</b>
Residência segura em relação a crimes	Menos de 1 a 5	2 de 2 – 100%	1 de 2 – 50%	1 de 1 – 100%	4 de 5 – 80%
	De 6 a 15	3 de 3 – 100%	5 de 8 – 62,5%	2 de 2 – 100%	10 de 13 – 76,9%
	De 16 a 29	1 de 1 – 100%	5 de 8 – 62,5%	1 de 2 – 50%	7 de 11 – 63,6%

Continua na próxima página

	De 30 a 49	0 de 1 - 0%	6 de 11 – 54,5%	1 de 1 – 100%	7 de 13 – 53,8%
	De 50 ou mais	3 de 3 -100%	2 de 4 - 50%	1 de 1 – 100%	6 de 8 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>9 de 10 - 90%</b>	<b>19 de 33 – 57,6%</b>	<b>6 de 7 –85,7%</b>	<b>34 de 50 - 68%</b>
Não possui condições de continuar morando sozinho	Menos de 1 a 5	2 de 2 - 100%	1 de 2 - 50%	1 de 1 – 100%	4 de 5 – 80%
	De 6 a 15	3 de 3 -100%	5 de 8 – 62,5%	2 de 2 – 100%	10 de 13 – 76,9%
	De 16 a 29	1 de 1 - 100%	5 de 8 – 62,5%	1 de 2 - 50%	7 de 11 – 63,6%
	De 30 a 49	0 de 1 - 0%	6 de 11 – 54,5%	1 de 1 – 100%	7 de 13 – 53,8%
	De 50 ou mais	3 de 3 -100%	2 de 4 - 50%	1 de 1 – 100%	6 de 8 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>9 de 10 - 90%</b>	<b>19 de 33 – 57,6%</b>	<b>6 de 7 –85,7%</b>	<b>34 de 50 - 68%</b>
Residência não adaptada a pessoa idosas	Menos de 1 a 5	2 de 2 - 100%	1 de 2 - 50%	1 de 1 – 100%	4 de 5 – 80%
	De 6 a 15	3 de 3 -100%	5 de 8 – 62,5%	2 de 2 – 100%	10 de 13 – 76,9%
	De 16 a 29	1 de 1 - 100%	5 de 8 – 62,5%	1 de 2 - 50%	7 de 11 – 63,6%
	De 30 a 49	0 de 1 - 0%	6 de 11 – 54,5%	1 de 1 – 100%	7 de 13 – 53,8%
	De 50 ou mais	3 de 3 -100%	2 de 4 - 50%	1 de 1 – 100%	6 de 8 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>9 de 10 - 90%</b>	<b>19 de 33 – 57,6%</b>	<b>6 de 7 –85,7%</b>	<b>34 de 50 - 68%</b>

**Tabela A7: Sugestões de melhoria para o Bairro Rio Branco, por faixa etária**

O que precisa ser melhorado no bairro	Faixa etária dos respondentes			Total 50 (100%)
	Faixa 1 60 a 69 anos 17 (100%)	Faixa 2 70 a 79 anos 26 (100%)	Faixa 3 80 anos ou + 7 (100%)	
A necessidade por melhorias no calçamento das ruas	16 (94,1%)	26 (100%)	7 (100%)	49 (98%)
A necessidade por melhorias da limpeza urbana	15 (88,2%)	25 (96,2%)	7 (100%)	47 (94%)
A necessidade de uma maior manutenção de moradias, equipamentos e mobiliários urbanos	15 (88,2%)	24 (92,3%)	6 (85,7%)	45 (90%)
A necessidade por melhorias dos equipamentos e mobiliários urbanos	13 (76,5%)	22 (84,6%)	4 (57,1%)	39 (78%)
A necessidade por um recolhimento mais frequente do lixo	12 (70,6%)	20 (76,9%)	4 (57,1%)	36 (72%)
A necessidade por um maior efetivo policial	11 (64,7%)	16 (61,5%)	6 (85,7%)	33 (66%)
A necessidade de acrescentar os contêineres de lixo da Prefeitura	5 (29,4%)	12 (46,2%)	1 (14,3%)	18 (36%)
A necessidade por adotar um modelo melhor de sinalização semafórica	5 (29,4%)	12 (46,2%)	1 (14,3%)	18 (36%)
A necessidade de adição de limitadores de velocidade	6 (35,3%)	12 (46,2%)	0 (0,0%)	18 (36%)
A necessidade por melhorias na iluminação urbana	10 (58,8%)	8 (30,8%)	0 (0,0%)	18 (36%)
A necessidade de limpeza das bocas de lobo	6 (35,3%)	8 (30,8%)	3 (42,9%)	17 (34%)
A necessidade de ampliar o tempo da sinalização para a travessia de pedestres	5 (29,4%)	9 (34,6%)	2 (28,6%)	16 (32%)
A necessidade por reduzir o volume de trânsito	6 (35,3%)	4 (15,4%)	6 (85,7%)	16 (32%)
A necessidade por campanha para ensinar os vizinhos acerca dos horários da coleta do lixo	6 (35,3%)	9 (34,6%)	0 (0,0%)	15 (30%)
A necessidade por melhorias da sinalização das ruas – placas de indicação de locais	3 (17,6%)	9 (34,6%)	1 (14,3%)	13 (26%)
A necessidade de redução do barulho provocado por veículos	4 (23,5%)	5 (19,2%)	2 (28,6%)	11 (22%)
A necessidade pela criação de elementos que amenizem a declividade das ruas	5 (29,4%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	10 (20%)
A necessidade por um melhor acesso ao transporte público (degraus altos)	5 (29,4%)	4 (15,4%)	1 (14,3%)	10 (20%)
A necessidade por campanha para ensinar as pessoas a recolher as fezes de seu cachorro	3 (17,6%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	8 (16%)
O vandalismo nas edificações e mobiliários urbanos	3 (17,6%)	5 (19,2%)	0 (0,0%)	8 (16%)
A necessidade de conserto do esgoto à céu aberto	4 (23,5%)	2 (7,7%)	1 (14,3%)	7 (14%)
A necessidade por mais parques e praças	1 (5,9%)	3 (11,5%)	1 (14,3%)	5 (10%)
A necessidade por campanhas de conscientização de motoristas	0 (0,0%)	4 (15,4%)	1 (14,3%)	5 (10%)
A necessidade de atendimento para os moradores de rua	2 (11,8%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	4 (8%)
A necessidade por um maior número de paradas e/ou linhas de ônibus	1 (5,9%)	2 (7,7%)	0 (0,0%)	3 (6%)
A necessidade de restringir a construção de edificações em altura	1 (5,9%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	2 (4%)
A necessidade de redução do barulho provocado por cães	0 (0,0%)	1 (3,8%)	0 (0,0%)	1 (2%)



**Tabela A08:** Razões para o desejo de permanecer na residência no Bairro São Pelegrino, por tempo de moradia e faixa etária

Razões para o desejo de permanecer na residência	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou + 1 (100)	Total 50 (100)
Propriedade da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	13 de 15 – 86,7%	1 de 2 – 50%	22 de 27 – 81,5%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	6 de 6 – 100%	5 de 5 – 100%	12 de 12 – 100%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>23 de 26 – 88,5%</b>	<b>6 de 7 – 85,7%</b>	<b>42 de 50 – 84%</b>
Gostar da residência	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	6 de 6 – 100%
	De 30 a 49	8 de 10 – 80%	12 de 15 – 80%	1 de 2 – 50%	21 de 27 – 77,8%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	5 de 5 – 100%	11 de 12 – 91,7%
<b>Total parcial</b>		<b>12 de 17 – 70,6%</b>	<b>21 de 26 – 80,8%</b>	<b>6 de 7 – 85,7%</b>	<b>39 de 50 – 78%</b>
Sensação de conforto	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	6 de 6 – 100%
	De 30 a 49	9 de 10 – 90%	10 de 15 – 66,7%	1 de 2 – 50%	20 de 27 – 74,1%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	4 de 6 – 66,7%	4 de 5 – 80%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>13 de 17 – 76,5%</b>	<b>18 de 26 – 69,2%</b>	<b>5 de 7 – 71,4%</b>	<b>36 de 50 – 72%</b>
Laços de amizade com os vizinhos	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	2 de 3 – 66,7%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	5 de 10 – 50%	11 de 15 – 73,3%	2 de 2 – 100%	18 de 27 – 66,7%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	3 de 6 – 50%	5 de 5 – 100%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>11 de 17 – 64,7%</b>	<b>17 de 26 – 65,4%</b>	<b>7 de 7 – 100%</b>	<b>35 de 50 – 70%</b>
Proximidade de comércios e serviços básicos	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	3 de 4 – 75%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	6 de 6 – 100%
	De 30 a 49	6 de 10 – 60%	7 de 15 – 46,7%	1 de 2 – 50%	14 de 27 – 51,9%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	2 de 5 – 40%	8 de 12 – 66,7%
<b>Total parcial</b>		<b>12 de 17 – 70,6%</b>	<b>16 de 26 – 61,5%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>31 de 50 – 62%</b>
Residência próxima de parentes	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 1 – 0%
	De 6 a 15	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 16 a 29	3 de 3 – 100%	1 de 3 – 33,3%	0 de 0 – 0%	4 de 6 – 66,7%
	De 30 a 49	6 de 10 – 60%	6 de 15 – 40%	1 de 2 – 50%	13 de 27 – 48,1%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	3 de 5 – 60%	9 de 12 – 75%
<b>Total parcial</b>		<b>11 de 17 – 64,7%</b>	<b>12 de 26 – 46,2%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>27 de 50 – 54%</b>
Dimensões dos ambientes internos	Menos de 1 a 5	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 0 – 0%	1 de 1 – 100%
	De 6 a 15	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 16 a 29	2 de 3 – 66,7%	3 de 3 – 100%	0 de 0 – 0%	5 de 6 – 83,3%
	De 30 a 49	7 de 10 – 70%	4 de 15 – 26,7%	0 de 2 – 0%	11 de 27 – 40,7%
	De 50 ou mais	1 de 1 – 100%	3 de 6 – 50%	4 de 5 – 80%	8 de 12 – 66,7%
<b>Total parcial</b>		<b>10 de 17 – 58,8%</b>	<b>11 de 26 – 69,2%</b>	<b>4 de 7 – 57,1%</b>	<b>25 de 50 – 50%</b>

**Tabela A09:** Razões para o nível de satisfação com a residência no Bairro São Pelegrino, por tempo de moradia e faixa etária

Razões para o nível de satisfação com a residência	Tempo de moradia	Faixa etária 1 60 a 69 anos 33 (100)	Faixa etária 2 70 a 79 anos 16 (100)	Faixa etária 3 80 anos ou + 1 (100)	Total 50 (100)
Proximidade de comércios e serviços básicos	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	1 de 1 – 100%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	1 de 1 – 100%	5 de 6 – 83,3%	1 de 1 – 100%	7 de 8 – 87,5%
	De 16 a 29	1 de 1 – 100%	2 de 3 – 66,7%	1 de 1 – 100%	4 de 5 – 80%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	1 de 11 – 9,1%	0 de 4 – 0%	1 de 18 – 5,6%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 10 – 30%</b>	<b>9 de 33 – 27,3%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>14 de 50 – 28%</b>
Nasceu ou mora no bairro desde novo	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 100%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 83,3%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 66,7%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	2 de 3 – 66,7%	4 de 11 – 9,1%	3 de 4 – 75%	9 de 18 – 50%
<b>Total parcial</b>		<b>3 de 10 – 30%</b>	<b>4 de 33 – 12,1%</b>	<b>3 de 7 – 42,9%</b>	<b>10 de 50 – 20%</b>
Próximo ao antigo ou atual local de trabalho	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%

Continua na próxima página

	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	1 de 3 – 33,3%	0 de 1 – 0%	1 de 5 – 20%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	5 de 12 – 41,7%	0 de 0 – 0%	5 de 15 – 33,3%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	2 de 11 – 18,2%	0 de 4 – 0%	2 de 18 – 11,1%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>8 de 33 – 24,5%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>9 de 50 – 18%</b>
Para morar próximo ou junto à amigos e parentes	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 1 – 100%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	2 de 12 – 16,7%	0 de 0 – 0%	2 de 15 – 13,3%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	3 de 11 – 27,3%	1 de 4 – 25%	4 de 18 – 22,2%
<b>Total parcial</b>		<b>0 de 10 – 0%</b>	<b>5 de 33 – 15,2%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>7 de 50 – 14%</b>
Facilidade de acesso ao transporte público	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 100%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	2 de 6 – 33,3%	1 de 1 – 0%	3 de 8 – 37,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	1 de 3 – 33,3%	1 de 1 – 0%	2 de 5 – 40%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 25%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>3 de 33 – 9,1%</b>	<b>2 de 7 – 28,6%</b>	<b>6 de 50 – 12%</b>
Por decisão do cônjuge	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 4 – 25%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	1 de 6 – 16,70%	0 de 1 – 0%	1 de 8 – 12,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	2 de 12 – 16,7%	0 de 0 – 0%	2 de 15 – 13,3%
	De 50 ou mais	1 de 3 – 33,3%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	1 de 18 – 5,6%
<b>Total parcial</b>		<b>2 de 10 – 20%</b>	<b>3 de 33 – 9,1%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>5 de 50 – 10%</b>
Se mudou para a residência no cônjuge	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	1 de 3 – 33,3%	2 de 12 – 16,7%	0 de 0 – 0%	3 de 15 – 30%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>2 de 33 – 6,1%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>3 de 50 – 6%</b>
Propriedade da residência	Menos de 1 a 5	0 de 2 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 4 – 0%
	De 6 a 15	1 de 1 – 100%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	1 de 8 – 12,5%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	1 de 12 – 8,3%	0 de 0 – 0%	1 de 15 – 6,7%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>1 de 33 – 14,3%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>2 de 50 – 4%</b>
Se mudou para a residência de parentes	Menos de 1 a 5	1 de 2 – 50%	1 de 1 – 100%	0 de 1 – 0%	2 de 4 – 50%
	De 6 a 15	0 de 1 – 0%	0 de 6 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 8 – 0%
	De 16 a 29	0 de 1 – 0%	0 de 3 – 0%	0 de 1 – 0%	0 de 5 – 0%
	De 30 a 49	0 de 3 – 0%	0 de 12 – 0%	0 de 0 – 0%	0 de 15 – 0%
	De 50 ou mais	0 de 3 – 0%	0 de 11 – 0%	0 de 4 – 0%	0 de 18 – 0%
<b>Total parcial</b>		<b>1 de 10 – 10%</b>	<b>1 de 33 – 14,3%</b>	<b>0 de 7 – 0%</b>	<b>2 de 50 – 4%</b>

## ANEXO II

### Carta de apresentação do trabalho e permissão para o uso de dados

Prezado respondente,

Você está convidado a participar desta pesquisa, que é parte da minha Tese de Doutorado, que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), acerca da relação entre os diferentes aspectos dos indivíduos e do ambiente construído que podem influenciar, de forma positiva ou negativa, na adequação de três bairros da cidade de Caxias do Sul/RS, com realidades socioeconômicas distintas, na conexão com o lugar, interação social e mobilidade dos idosos. A sua participação deve envolver um tempo de 15 minutos de duração, sendo uma participação voluntária e sigilosa. Caso aceite, mas resolva desistir durante o desenvolvimento do questionário não há qualquer problema. A pesquisadora se compromete a esclarecer as dúvidas que possam surgir durante o desenvolvimento do questionário.

Você aceita participar? ( ☐ ) Sim ( ☐ ) Não

Agradeço desde já.

Nome do respondente:

---

Amanda Schüller Bertoni  
(nome completo da entrevistadora)

---

Assinatura do(a) respondente

---

Assinatura da entrevistadora  
Contatos para eventuais dúvidas:  
Amanda Schüller Bertoni – Doutoranda PROPUR/UFRGS:  
Telefones: (54) 996271456 | e-mail: mandasbertoni@hotmail.com

**QUESTIONÁRIO** – Conexão com o lugar, mobilidade, participação e interação social de idosos: uma análise em relação ao espaço urbano de Caxias do Sul.

1) Tempo de aplicação do questionário

2) Local de aplicação do questionário:

3) Endereço do respondente:

4) Bairro de moradia do respondente:

**PARTE A: QUESTÕES RELACIONADAS AO BAIRRO E A MORADIA.**

**01) Por que o(a) senhor(a) optou por morar neste bairro?**

**02. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora neste bairro?**

02 A : 16 anos ou mais. Quantos?

**03. Como o(a) senhor(a) se sente em relação ao seu bairro?**

- ☐ Muito satisfeito(a).
- ☐ Satisfeito(a).
- ☐ Nem satisfeito(a), nem insatisfeito(a).
- ☐ Insatisfeito(a).
- ☐ Muito insatisfeito(a).

03A: Por favor, mencione as razões para a sua resposta.

**04. O(a) senhor(a) quer continuar morando neste bairro?**

- ☐ Sim, por quê?
- ☐ Não, por quê?

04A por quê?

**05. O(a) senhor(a) poderia dizer onde localizam-se os lugares mais agradáveis do seu bairro?**

**06. Por favor, explique por que eles são agradáveis:**

**07. O(a) senhor(a) poderia dizer onde localizam-se os lugares mais desagradáveis do seu bairro?**

**08. Por favor, explique por que eles são desagradáveis:**

**09. O que o(a) senhor(a) acredita que precisaria ser melhorado no seu bairro**

**10. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora nesta residência?**

**11. Como o(a) senhor(a) se sente em relação à sua moradia?**

- ☐ Muito satisfeito(a)
- ☐ Satisfeito(a)
- ☐ Nem satisfeito(a), nem insatisfeito(a)
- ☐ Insatisfeito(a)
- ☐ Muito insatisfeito(a)

Por favor, indique as razões para a sua resposta:

**12. O(a) senhor(a) quer continuar morando em sua residência atual?**

- ☐ Sim, por quê?
- ☐ Não, por quê?

## PARTE B: QUESTÕES RELACIONADAS ÀS RELAÇÕES SOCIAIS NO BAIRRO

**13. O(a) senhor (a) possui parentes que vivem nas áreas próximas a sua moradia?**

- ( ) Sim. Desde quando?  
( ) Não.

**14. O(a) senhor(a) possui amigos que vivem nas áreas próximas a sua moradia?**

- ( ) Sim. Desde quando? Onde o(a) senhor(a) os conheceu?  
( ) Não.

**15. Mencione as atividades (inclui conversas) que realiza com parentes, amigos e outras pessoa conhecidas. Por favor, indique no mapa onde elas ocorrem.**

	Durante o dia		Durante a noite	
	Que vivem nas áreas próximas a moradia	Que vivem em locais mais distantes	Que vivem nas áreas próximas a moradia	Que vivem em locais mais distantes
Atividades com parentes				
Atividades com amigos				
Atividades com outras pessoas conhecidas				

**16. Qual a frequência com que o(a) senhor(a) conversa ou realiza alguma atividade com os parentes, amigos e outras pessoas conhecidas que vivem nas áreas próximas a sua moradia?** (Desconsidere as pessoas que vivem em sua casa).

	Durante o dia			Durante a noite		
	Mais de 4 vezes por mês	De 1 a 4 vezes por mês	Menos de uma vez ao mês	Mais de 4 vezes por mês	De 1 a 4 vezes por mês	Menos de uma vez ao mês
Parentes						
Amigos						
Outras pessoas conhecidas						

**17. Qual a frequência com que o(a) senhor(a) conversa ou realiza alguma atividade com os parentes, amigos e outras pessoas conhecidas que moram em locais mais distantes?**

	Durante o dia			Durante a noite		
	Mais de 4 vezes por mês	De 1 a 4 vezes por mês	Menos de uma vez ao mês	Mais de 4 vezes por mês	De 1 a 4 vezes por mês	Menos de uma vez ao mês
Parentes						
Amigos						
Outras pessoas conhecidas						

**18. O(a) senhor(a) está envolvido(a) em algum grupo ou organização local ou em outras áreas da cidade (por exemplo, escolas/faculdades, instituições de caridade, grupos voluntários/comunitários, grupos religiosos, grupo de residentes, outros grupos/organizações locais)? Por favor, indique no mapa onde os encontros se realizam?**

## PARTE C: QUESTÕES RELACIONADAS À MOBILIDADE

**19. O(a) senhor(a) considera que sua moradia é próxima de serviços, equipamentos, transporte público e outros locais importantes de seu interesse?**

- ( ) Sim.  
( ) Não. Por favor, comente:

**20. Com que frequência o(a) senhor(a) costuma caminhar em seu bairro ou em outras áreas da cidade?**

- ( ) Menos de 1 vez por mês  
( ) Mensalmente  
( ) Quinzenalmente



- ( ) Semanalmente  
( ) Diariamente ou quase diariamente

**21. Indique no mapa os trajetos que costuma realizar a pé e os destinos.**

**22. Caso o(a) senhor(a) já tenha passado por algum(ns) problema(s) ao percorrer este(s) trajeto(s), indique no mapa o(s) tipo(s) de problema(s) e onde ele(s) ocorreu(ram).**

**23. Existe(m) local(is) em seu bairro que o(a) senhor(a) evita caminhar por alguma razão?**

- ( ) Sim, por favor explique as razões e marque no mapa.  
( ) Não.

#### **Razões**

**24. Com que frequência o(a) senhor(a) costuma se deslocar para outras áreas da cidade:**

- ( ) Menos de 1 vez por mês  
( ) Mensalmente  
( ) Quinzenalmente  
( ) Semanalmente  
( ) Diariamente ou quase diariamente

**25. Indique as razões principais para estes deslocamentos, os meios de transporte utilizados normalmente e os destinos (marcar no mapa o percurso):**

**26. Para se deslocar no seu bairro ou para outras áreas da cidade, a pé ou através de algum meio de transporte, o(a) senhor(a) costuma estar:**

- ( ) Sozinho.  
( ) Acompanhado. Por quem?  
( ) Às vezes sozinho, às vezes acompanhado. Por quem?

**27. Com relação às seguintes afirmações, o(a) senhor(a)?**

Afirmações	Concorda plenamente	Concorda	Não sei	Discorda	Discorda plenamente
As pessoas desta área preocupam-se umas com as outras.					
Eu não me sinto respeitado(a) pelas pessoas desta área.					
Eu sinto como se essa área fosse parte de mim.					
Eu não tenho sentimentos especiais por esta área.					
Existe um espírito comunitário nessa área.					
Não considero importante poder me encontrar com parentes, amigos e outras pessoas conhecidas.					

#### **QUESTÕES RELACIONADAS À CAPACIDADE FUNCIONAL E QUALIDADE DE VIDA**

**28. Como o(a) senhor(a) procura obter notícias e informações?**

- ( ) Mídias eletrônicas (como rádio e televisão)  
( ) Mídias impressas (como jornais e revistas)  
( ) Sites da internet  
( ) Redes sociais (por exemplo, Facebook, Twitter, WhatsApp)  
( ) Outros, por favor mencione.

**29. O(a) senhor(a) considera sua qualidade de vida:**

- ( ) Muito boa.  
( ) Boa.  
( ) Nem boa, nem ruim.  
( ) Ruim.  
( ) Muito ruim.

**Por favor, explique o porquê.**

**30. Como o(a) senhor avalia a sua saúde?**

- ☐ Muito boa.
- ☐ Boa.
- ☐ Nem boa, nem ruim.
- ☐ Ruim.
- ☐ Muito ruim.

**31. O(a) senhor(a) possui alguma doença prolongada, deficiência ou enfermidade?**

- ☐ Sim. Por favor, mencione:
- ☐ Não.

**32. Essa(s) doença(s), deficiência(s) ou enfermidade(s) limita(m) suas atividades de alguma maneira?**

- ☐ Sim. Por favor, comente como:
- ☐ Não.

**33. O(a) senhor(a) utiliza cadeira de rodas, bengala ou andarilho para se movimentar?**

- ☐ Sim. Qual deles?
- ☐ Não.

**34. No seu dia-a-dia, o(a) senhor(a) precisa dos cuidados de alguém?**

- ☐ Sim. Para o que?
- ☐ Não.

**35. Em caso positivo, quem o ajuda?**

- ☐ Esposo(a).
- ☐ Filho(s)/Filha(s).
- ☐ Neto(s)/Neta(s).
- ☐ Cunhado(s)/cunhada(s).
- ☐ Enfermeiro(a)/Cuidador(a).
- ☐ Empregada doméstica/secretária.
- ☐ Outro. Por favor, cite:

**PARTE E: DADOS PESSOAIS**

**36. Gênero:**

- ☐ Masculino.
- ☐ Feminino.

**37. Faixa etária:**

- ☐ De 60 até 69 anos de idade.
- ☐ De 70 até 79 anos de idade.
- ☐ 80 anos de idade ou mais.

**38. Estado civil:**

- ☐ Solteiro(a).
- ☐ Casado(a).
- ☐ Divorciado(a).
- ☐ Viúvo(a).

**39. Escolaridade:**

- ☐ Ensino Fundamental incompleto.
- ☐ Ensino Fundamental completo.
- ☐ Ensino Médio incompleto.
- ☐ Ensino Médio completo.
- ☐ Ensino Superior incompleto.
- ☐ Ensino Superior completo.
- ☐ Pós graduação.
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

**40. Renda:**

- ☐ Até 1 salário mínimo.
- ☐ Acima de 1 até 3 salários.
- ☐ Acima de 3 até 6 salários.
- ☐ Acima de 6 até 9 salários.
- ☐ Acima de 9 salários mínimos.

**41. O seu rendimento é baseado:**

- ☐ na aposentadoria e/ou pensão.
- ☐ no trabalho atual.
- ☐ em outros tipos de rendimentos. Quais?

**42. O(a) senhor(a) mora com:**

- ☐ Esposo/Esposa.
- ☐ Filho(s)/Filha(s).
- ☐ Irmão(s)/Irmã(s).
- ☐ Neto(s)/Neta(s).
- ☐ Cunhado(s)/cunhada(s).
- ☐ Outro, por favor, cite:

**43. Tipo de moradia:**

- ☐ Casa própria.
- ☐ Casa alugada.
- ☐ Apartamento próprio. Especifique o pavimento:
- ☐ Apartamento alugado. Especifique o pavimento:

**Muito obrigado(a) pela sua paciência em responder esse questionário e pela sua contribuição para esta pesquisa.**